

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

SILVANA MATUCHESKI

DIFERENCIAÇÃO E PADRONIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O  
SETOR LITORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Rio Claro - SP

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

SILVANA MATUCHESKI

**DIFERENCIAÇÃO E PADRONIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O  
SETOR LITORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Rio Claro - SP

2016

378 Matucheski, Silvana  
M445d Diferenciação e padronização : um estudo sobre o Setor  
Litoral da Universidade Federal do Paraná / Silvana  
Matucheski. - Rio Claro, 2016  
458 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

1. Ensino superior. 2. Proposta diferenciada de ensino  
superior. 3. Narrativas. 4. História da educação. 5. Formação  
de professores. 6. Projeto político pedagógico. I. Título.

SILVANA MATUCHESKI

DIFERENCIAÇÃO E PADRONIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O  
SETOR LITORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica  
Unesp - Rio Claro / Bauru - orientador

Profa. Dra. Heloisa da Silva  
Unesp - Rio Claro

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza  
UFMS

Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim  
Unesp - Bauru

Profa. Dra. Maria Laura Magalhães Gomes  
UFMG

Resultado: Aprovada

Rio Claro, 8 de dezembro de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Considero que esses últimos anos foram intensos: vivenciei períodos de alegria e de encantamento, mas também tive momentos de tristeza e de luto. Apesar disso, era preciso manter o foco na pesquisa. Muitas vezes, principalmente nos momentos de insegurança, foi necessário compartilhar dúvidas com colegas... Assim, muitas pessoas contribuíram, de algum modo, para que esta pesquisa fosse concluída. Agora é tempo de registrar alguns agradecimentos...

Minha mãe, Elsi, esteve sempre presente. Para amenizar a saudade, gastamos muitas horas das nossas vidas conversando pelo telefone. Muitas vezes, ela me ouviu chorar... Algumas vezes, ela ouviu boas notícias... A minha mãe nunca deixou de me apoiar. Ela entendeu minha ausência, compreendeu meus erros e respeitou as minhas escolhas. Minha mãe me ajudou a suportar - e superar - muitas coisas que aconteceram nos últimos anos...

O professor Antonio Vicente Marafioti Garnica aceitou orientar a minha pesquisa de doutorado e acompanhou minhas atividades acadêmicas nos últimos anos. Desde o início, ele confiou em meu trabalho e deixou que eu seguisse pelos caminhos que escolhi. Em alguns dos meus momentos de dúvida – e de quase desespero –, ele me ofereceu palavras de apoio e apontou algumas direções. Isso contribuiu para que eu encontrasse possibilidades para continuar a pesquisa...

O professor Carlos Roberto Vianna também foi muito presente nos últimos anos. Desde o meu mestrado ele está sempre disposto a me ouvir. Suas sugestões de leitura e suas críticas têm sido importantes para a minha formação. Durante os meus momentos de dor, eu lembrava de uma das suas orientações: “Trabalhe! Isso ajuda a superar momentos difíceis.”. Os seus conselhos – acadêmicos ou não – têm me ajudado a seguir o meu caminho...

A professora Heloisa da Silva esteve presente em momentos importantes da minha formação... Estivemos juntas em muitas reuniões do Ghoem... Fiz um estágio de docência em uma disciplina oferecida por ela... E Heloisa ainda me deu a oportunidade de atuar, como professora colaboradora, no Pibid de Matemática da Unesp de Rio Claro. Nessas atividades, tivemos boas discussões sobre formação de professores. Além disso, sua leitura cuidadosa e suas sugestões foram importantes para a continuidade desta pesquisa.

A professora Maria Ednéia Martins Salandim sempre esteve disposta a conversar comigo, presencialmente ou virtualmente, sobre esta pesquisa - e sobre pesquisa de modo geral. Durante o período em que cursei uma disciplina em Bauru, tivemos boas discussões sobre a minha pesquisa. Sua leitura crítica e suas sugestões foram fundamentais no processo de escrita desta tese e também para a minha formação.

A professora Maria Laura Magalhães Gomes também sempre se mostrou disposta a conversar sobre esta pesquisa. Sua leitura cuidadosa, suas críticas e sugestões contribuíram para a minha formação e para a escrita dos meus textos. Além disso, sempre foi muito bom ouvi-la em diferentes espaços de formação - ou seja: em bancas de alguns colegas, em eventos de Educação Matemática e em reuniões do Ghoem.

A professora Luzia Aparecida de Souza aceitou, gentilmente, participar de minha banca de defesa sem ter participado da banca do exame de qualificação. Sua leitura da tese disparou algumas inquietações, que, certamente, contribuirão para a elaboração dos meus próximos textos. Foram poucas as vezes que nos encontramos nesse período de doutorado, mas tenho boas lembranças desses momentos - que foram importantes para a minha formação.

Os professores Roger Miarka e Sônia Maria Clareto aceitaram participar da banca como suplentes. Lembro de Roger e Soninha conversando com os estudantes do PPGE em uma atividade inaugural - contando sobre atividades realizadas em uma disciplina da pós-graduação. Aquela *conversa* permitiu que eu olhasse para esses professores como possíveis interlocutores desta pesquisa.

A professora Tais Moura Tavares me apresentou à UFPR Litoral em dois mil e dez. Acredito que naquela aula foi plantada a semente do projeto desta pesquisa... Apesar da distância, sempre senti a professora Tais muito próxima. Quando precisei, escrevi, desabafei... Como resposta, recebi palavras carinhosas e apoio... Acredito que uma palavra define a Tais: mãe!... A professora Tais me cativou e me lembrou que é preciso suportar algumas lagartas pelo caminho...

O professor Emerson Rolkouski me incentivou a estudar em Rio Claro... Ainda lembro de suas palavras: "Sil, vai pra Rio Claro! O que você tem a perder? Você não tem nada que te prenda!"... E o *incentivo* me fez ver – claramente – que eu *não tinha nada*. Agora eu tenho vivências que só o doutorado poderia disparar...

A comunidade UFPR Litoral me recebeu com muito respeito todas as vezes em que estive no Setor Litoral da UFPR... Estudantes, funcionários e professores sempre estiveram dispostos a conversar e a esclarecer minhas dúvidas. Os colaboradores desta pesquisa – Ana Maria Franco, Douglas Ortiz Hammermuller, Emerson Joucoski, Lenir Maristela Silva, Luiz Fernando de Carli Lautert, Marcos Aurelio Zanlorenzi, Mauricio Cesar Vitória Fagundes, Renato Bochicchio, Rodrigo Arantes Reis, Suzana Cini Freitas Nicolodi, Valdo José Cavallet, e Valentim da Silva – compartilharam seu tempo e parte de suas histórias comigo... Foi importantíssimo ouvi-los... Aprendi muito com todos... Felizmente a UFPR ainda permite que o seu Setor Litoral faça um trabalho diferenciado no Ensino Superior.

Os colegas do Ghoem proporcionaram bons momentos nas reuniões do grupo e nas conversas informais. Algumas dessas pessoas se tornaram mais próximas... O Vinícius Sanches Tizzo ouviu muitas das minhas dúvidas e esteve presente em muitos momentos importantes do meu doutorado... E o Filipe Santos Fernandes, durante seu doutorado, compartilhou vários momentos comigo - de estudo e de confraternização... Sem eles a caminhada teria sido mais difícil...

Os colegas e professores do PPGEM proporcionaram momentos de discussão, em disciplinas e seminários. Durante o doutorado também houve tempo para diversão e confraternização - não vou citar nomes daqueles que compartilharam esses momentos para não correr o risco de cometer injustiças. No entanto, há colegas que se tornaram especiais em diferentes momentos do doutorado e que permanecem próximos de algum modo... Certo dia, o Anderson Afonso da Silva deixou seus compromissos de lado para me ouvir - não sei o que eu teria feito naquele dia se ele não tivesse atendido meu pedido - e, assim, o Anderson se tornou um amigo ainda mais especial, ganhei um *irmão*... O Fabian Posada Balvin, muitas vezes, ofereceu sábias palavras em discussões acadêmicas e não acadêmicas... O João Pedro Antunes de Paulo gastou um pouco do seu tempo para conversar comigo sobre pesquisa e ouviu alguns desabafos... A Regina Ehlers Bathelt, generosamente, em um dos meus dias difíceis em Rio Claro, dedicou algum tempo para ouvir sobre a minha pesquisa... O Sérgio Carrazedo Dantas confiou no meu trabalho e me ofereceu oportunidades de discutir formação de professores que ensinam Matemática... E a Tássia Ferreira Tartaro me disse as palavras certas em um momento de luto e, em outro momento, afirmou: “Jamais seja dócil, Silvana!” - sempre lembrarei dessas palavras...

A Fabiana Monteiro abriu a porta de sua casa para os encontros do *grupo do vinho* – idealizado por seu companheiro Ricardo Mendes. Foram ótimos momentos na companhia da *Família Mendes*, do Jamur Venturin e do Luciano Lima... Em algumas ocasiões os encontros foram em outros locais; algumas vezes outras pessoas participaram... A alegria sempre esteve presente!

A Lilian Akemi Kato me contou uma história que eu precisava ouvir... Sem saber, ela me deu forças para continuar... E, assim, ela se tornou uma pessoa muito especial em minha vida...

A Luciana Schreiner de Oliveira me salvou de um temporal e me acolheu em sua casa em uma das minhas primeiras noites em Rio Claro... Depois, em outros momentos, me ajudou a superar outros tipos de tempestade...

A Mayara Calixto foi quem tornou os dias mais leves na escola rioclareense em que trabalhei... Em suas palavras encontrei amizade, confiança e respeito... Certamente seu carinho me ajudou a continuar em Rio Claro...

A Tânia Cabral, minha colega de mestrado, me acompanhou de longe... Ouviu desabafos por telefone, ofereceu apoio e carinho... Ela se alegrou com minhas conquistas e me incentivou a continuar...

Há algumas pessoas que foram importantes nesse período por outros motivos... Os funcionários da Unesp de Rio Claro auxiliaram no esclarecimento de dúvidas em relação a questões burocráticas – principalmente a Inajara Federson de Moraes, que sempre fez o possível para ajudar.

E os funcionários do Setor Litoral da UFPR contribuíram muito com esta pesquisa, facilitando contatos, agendando conversas, e fornecendo informações sobre documentos da UFPR Litoral.

Há ainda outras pessoas que estiveram presentes em diversos momentos da pesquisa... Há aqueles que apoiaram, incentivaram... Há aqueles que compartilharam dúvidas, incertezas... Há aqueles que apenas passaram por mim e disseram “oi” ou sorriram... Há aqueles que ofereceram apenas críticas destrutivas... Todas essas pessoas foram importantes nesse período... Todas contribuíram – de algum modo – para que eu me tornasse quem eu sou hoje...

Também é importante dizer que a Capes contribuiu financeiramente para esta pesquisa. Sem a bolsa eu não teria condições de me dedicar exclusivamente ao doutorado, e, certamente, teria sido muito mais difícil desenvolver esta pesquisa.

Sou grata a todas as pessoas e instituições mencionadas neste texto.



## RESUMO

O Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral) apresenta uma proposta de Ensino Superior que pode ser considerada diferenciada em relação à proposta dos demais setores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, também, em relação às propostas de Ensino Superior vigentes em outras instituições brasileiras. O objetivo desta pesquisa de doutorado foi estudar a implementação dessa proposta pedagógica diferenciada, bem como registrar o modo como alguns professores e gestores do Setor Litoral da UFPR têm dela se apropriado. A metodologia utilizada neste estudo foi a História Oral – tal como ela vem sendo praticada no Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Para compor esta tese foram realizadas doze entrevistas com professores e gestores da UFPR Litoral; e estudados documentos da instituição, além de dissertações e teses com temas próximos ao deste trabalho. Esta pesquisa evidenciou que as mudanças no cenário político – tanto externo como interno à UFPR – têm provocado mudanças na UFPR Litoral, que, em virtude disso, aos poucos, vai perdendo algumas das suas características iniciais. A burocratização, a defesa pela padronização e a opção pela normatização caracterizam algumas dessas mudanças.

**Palavras-chave:** Narrativas. História da Educação. Ensino Superior. Formação de professores. Projeto Político Pedagógico.

## ABSTRACT

The so called Setor Litoral is one of the many sections which offers undergraduate courses in the Federal University of Paraná (UFPR). Its proposal for courses is very different not only in relation to other sections of the same University but also if we take into account the many other Brazilian institutions. The main goal of this thesis is to study the implementation of this Pedagogical Project and how such community effectively builds this Project in their day-by-day activities. Our methodological framework is given by Oral History as it is understood by the Research Group "Oral History and Mathematics Education" (Ghoem). Twelve professors were interviewed and written documentation was analyzed in order to get some understandings of how the Pedagogical Project was created and how it changes. Our evidences show that the changes in the general political scenario always implies changes in the Setor Litoral in such way that those differential characteristics from the beginning are disappearing due to excessive bureaucracy, the claim for padronization and the emphasis in normatization.

**Keywords:** Narratives. History of Education in Brazil. Undergraduate Courses. Teachers Formation. Pedagogical Project.

## LISTA DE SIGLAS

**AI:** *Aprendizagem Insuficiente*

**APL:** *Aprendizagem Plena*

**APS:** *Aprendizagem Parcialmente Suficiente*

**AS:** *Aprendizagem Suficiente*

**Capes:** *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*

**Cefet-PR:** *Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná*

**CEM:** *Centro de Estudos do Mar*

**CEPE:** *Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão*

**CLT:** *Consolidação das Leis do Trabalho*

**CNPq:** *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*

**Cograd:** *Colégio de Pró-Reitores de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior*

**Conama:** *Conselho Nacional do Meio Ambiente*

**COUN:** *Conselho Universitário*

**CPEA:** *Centro Pastoral, Educacional e Assistencial “Dom Carlos”*

**DTPEN:** *Departamento de Teoria e Prática de Ensino*

**EaD:** *Educação a Distância*

**EJA:** *Educação de Jovens e Adultos*

**Enalic:** *Encontro Nacional das Licenciaturas*

**Enem:** *Exame Nacional do Ensino Médio*

**Esalq:** *Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”*

**Fafipar:** *Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá*

**FAG:** *Faculdade Assis Gurgacz*

**Fapesp:** *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*

**Fecivel:** *Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel*

**FHC:** *Fernando Henrique Cardoso*

**ForGRAD:** *Fórum dos Pró-Reitores de Graduação*

**FTP:** *Fundamentos Teórico-Práticos*

**Fundeb:** *Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação*

**Funesp:** *Fundação de Ensino Superior de Pato Branco*

**Furg:** *Universidade Federal do Rio Grande*

**Ghoem:** Grupo História Oral e Educação Matemática

**IAP:** Instituto Ambiental do Paraná

**Ibama:** Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

**ICH:** Interações Culturais e Humanísticas

**Ideb:** Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**IDH:** Índice de Desenvolvimento Humano

**IFPR:** Instituto Federal do Paraná

**IFSul:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

**IPTU:** Imposto Predial e Territorial Urbano

**Isulpar:** Instituto Superior do Litoral do Paraná

**LabMóvel:** Laboratório Móvel de Educação Científica

**LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

**Leal:** Laboratório de Educação Alimentar

**MEC:** Ministério da Educação

**MPB:** Música Popular Brasileira

**MST:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**NPOR:** Núcleo de Preparação de Oficiais de Reserva

**ONG:** Organização não governamental

**PA:** Projetos de Aprendizagem

**PBL:** Problem Based Learning

**PCN:** Parâmetros Curriculares Nacionais

**Pibid:** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**PPC:** Projeto Pedagógico do Curso

**PPGE:** Programa de Pós-Graduação em Educação

**PPP:** Projeto Político Pedagógico

**PRAAE:** Programa de Reforço e Acompanhamento da Aprendizagem Estudantil

**PROA:** Programa de Apoio à Aprendizagem

**PROGEPE:** Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

**PROGRAD:** Pró-Reitoria de Graduação

**PSS:** Processo Seletivo Simplificado

**PUC-PR:** Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**PUC-SP:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**QPM:** Quadro Próprio do Magistério

**Senar:** Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

**Sesi:** *Serviço Social da Indústria*

**Sisu:** *Sistema de Seleção Unificada*

**TCC:** *Trabalho de Conclusão de Curso*

**Telepar:** *Telecomunicações do Paraná*

**TOC:** *Técnico em Orientação Comunitária*

**TOC:** *Tecnólogo em Orientação Comunitária*

**UCPel:** *Universidade Católica de Pelotas*

**UEL:** *Universidade Estadual de Londrina*

**Ufam:** *Universidade Federal do Amazonas*

**UFPel:** *Universidade Federal de Pelotas*

**UFSCar:** *Universidade Federal de São Carlos*

**Umesp:** *Universidade Metodista de São Paulo*

**Unasp:** *Centro Universitário Adventista de São Paulo*

**Unesp:** *Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”*

**Unespar:** *Universidade Estadual do Paraná*

**UniBrasil:** *Centro Universitário Autônomo do Brasil*

**Unicamp:** *Universidade Estadual de Campinas*

**UniCEUB:** *Centro Universitário de Brasília*

**Unicruz:** *Universidade de Cruz Alta*

**Unifesp:** *Universidade Federal de São Paulo*

**Unioeste:** *Universidade Estadual do Oeste do Paraná*

**Unisinos:** *Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

**UFMG:** *Universidade Federal de Minas Gerais*

**UFMS:** *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

**UFPR:** *Universidade Federal do Paraná*

**UFPR Litoral:** *Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná*

**UFSC:** *Universidade Federal de Santa Catarina*

**UFV:** *Universidade Federal de Viçosa*

**USP:** *Universidade de São Paulo*

**USP Leste:** *Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo*

**UTFPR:** *Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	13
PARTE 1 .....	14
<b>COMO COMEÇAR ESTA HISTÓRIA?</b> .....	15
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 1 – SUZANA .....	23
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 2 – VALDO .....	39
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 3 – EMERSON .....	58
<b>DESAFIOS</b> .....	83
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 4 – MAURICIO .....	93
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 5 – RENATO .....	123
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 6 – DOUGLAS .....	151
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 7 – ANA MARIA .....	169
<b>VIVÊNCIAS</b> .....	183
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 8 – LUIZ .....	196
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 9 – RODRIGO .....	218
<b>DIÁLOGOS</b> .....	241
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 10 – LENIR .....	248
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 11 – VALENTIM .....	272
<b>VIAGENS</b> .....	292
TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 12 – MARCOS .....	301
<b>GRATIDÃO</b> .....	331
<b>TRABALHANDO COM ENTREVISTAS</b> .....	336
<b>UMA PAUSA NA ESCRITA</b> .....	343
PARTE 2 .....	345
<b>RETOMANDO A ESCRITA</b> .....	346
<b>O LITORAL PARANAENSE QUE EU VI</b> .....	348
<b>UFPR LITORAL: PALAVRAS E SILÊNCIOS</b> .....	356
<b>APROPRIAÇÕES DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA</b> .....	371
<b>PEQUENAS (GRANDES) MUDANÇAS EM UM PROJETO EDUCACIONAL</b> .....	391
<b>BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PROFESSORES DE CIÊNCIAS</b> .....	419
<b>REVISITANDO ALGUMAS QUESTÕES</b> .....	433
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	443
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	446
<b>APÊNDICES</b> .....	449

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a proposta pedagógica da UFPR Litoral – uma proposta para o Ensino Superior que julgamos *diferenciada*, considerando o panorama das instituições brasileiras e também os demais setores da Universidade Federal do Paraná. A UFPR Litoral está em funcionamento, em Matinhos, desde o ano de dois mil e cinco.

Este texto é composto por duas partes. Na primeira parte apresento integralmente as textualizações das entrevistas realizadas com os doze colaboradores desta pesquisa e, também, os textos elaborados antes do exame geral de qualificação. Nesses textos registrei algumas das minhas angústias em relação ao estudo e alguns dos primeiros exercícios de análise. Talvez por serem iniciais, esses textos são marcadamente descritivos e apresentam uma série de questões que me inquietavam naquele período.

Na segunda parte apresento os textos elaborados após o exame geral de qualificação. Neles registrei minhas impressões sobre o litoral paranaense; a criação da UFPR Litoral; a proposta pedagógica do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná; as mudanças que vêm ocorrendo no projeto educacional da UFPR Litoral; e, por fim, trago questionamentos sobre a formação de professores de Ciências. Além disso, no último texto dessa parte, revisei questões abordadas ao longo deste trabalho. A elaboração desses textos me proporcionou bons exercícios de escrita: em alguns explorei o recurso das notas de rodapé para abordar, com mais detalhes, informações provenientes da documentação e da literatura consultadas; em outros utilizei excertos das narrativas dos colaboradores desta pesquisa para me ajudar na composição dos textos. Aos poucos, fui buscando e exercitando modos de narrar.

## **PARTE 1**



## COMO COMEÇAR ESTA HISTÓRIA?

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir.

Clarice Lispector (1998, p. 11)

Nasci no primeiro dia do mês de abril de mil novecentos e oitenta e dois, em Quedas do Iguaçu – interior do Paraná. Minha mãe é dona de casa, e meu pai trabalhava como operador de máquinas, com trator de esteira, em uma fazenda – saía de casa de madrugada e só voltava no início da noite. Meus pais estudaram somente até a terceira série<sup>1</sup> do Primário<sup>2</sup>, pois não tiveram oportunidade de continuar seus estudos. Apesar disso, eles sempre incentivaram os três filhos a estudar. Eu sou a filha mais nova... Vi o esforço dos meus irmãos para conseguirem seus diplomas de graduação. Estudei em escola pública e sempre quis ser professora... Então, quando concluí o Ensino Médio, prestei dois vestibulares e fui aprovada para Pedagogia na Unioeste<sup>3</sup>, em Cascavel, e para Licenciatura em Matemática no Cefet-PR<sup>4</sup>, em Pato Branco... Optei pela Licenciatura em Matemática, porque, assim, eu poderia continuar morando com os meus pais, em Quedas do Iguaçu, e me deslocando até Pato Branco para estudar<sup>5</sup>. No primeiro ano do curso não consegui emprego – era aquela história: pediam experiência, mas ninguém me dava a chance de ter experiência em algum emprego. Por isso, naquele ano, apenas estudei e viajei. A partir do segundo ano do curso, a minha rotina – de segunda a sexta-feira – mudou: de manhã e à tarde eu trabalhava como secretária, viajava até Pato Branco, assistia às aulas à noite e voltava para Quedas do Iguaçu – chegando em casa por volta de uma hora.

---

<sup>1</sup> Corresponde, atualmente, ao quarto ano do Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> Corresponde aos anos iniciais do atual Ensino Fundamental.

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>4</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>5</sup> A distância entre os municípios de Quedas do Iguaçu e Pato Branco é de, aproximadamente, cento e trinta e cinco quilômetros. Quando estudei no Cefet, havia, aproximadamente, trinta alunos que faziam esse percurso diariamente. Então, contratamos um ônibus para percorrer esse trajeto e a Prefeitura Municipal de Quedas do Iguaçu nos ajudava a pagar as despesas desse transporte. Nos três outros anos de curso a Prefeitura nos ajudou disponibilizando um ônibus e um motorista.

Concluí o curso de Licenciatura em Matemática, em dois mil e quatro, e comecei a trabalhar como professora de Matemática na rede pública estadual... Na época, faltavam professores de Matemática na região e a Secretaria de Estado da Educação do Paraná contratava os chamados *professores PSS*<sup>6</sup>... Foi assim que comecei a trabalhar com a disciplina de Matemática no Ensino Fundamental. A primeira escola em que eu trabalhei era chamada de *escola itinerante*, porque estava localizada em um acampamento do MST<sup>7</sup> – em Quedas do Iguaçu – e, dadas as circunstâncias, era possível que a escola não permanecesse naquele local durante todo o ano letivo<sup>8</sup>. Trabalhei três anos como *professora PSS*, e, nesse tempo, assumi aulas de Matemática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio – em algumas escolas – e aulas de Física<sup>9</sup> no Ensino Médio. Trabalhei com essas disciplinas, inclusive, em um curso de formação docente para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental – em nível médio. Além disso, em dois mil e cinco, trabalhei, por alguns meses, com Educação de Jovens e Adultos em um projeto que era uma parceria entre a Araupel, uma empresa madeireira do município, e o Sesi<sup>10</sup>. Nesse projeto, assumi aulas de Matemática e de Ciências – mesmo sem ter habilitação para trabalhar essa disciplina... Nessa mesma época, fiz um curso de especialização, na modalidade a distância, em uma instituição privada. Não era o curso que eu desejava fazer, mas eu queria continuar estudando e, naquele momento, esse era o único curso de especialização disponível, na área de ensino de Matemática, na região em que eu morava.

Em dois mil e seis comecei a trabalhar, também, em uma escola particular: Colégio Imaculado Coração de Maria... Nesse colégio assumi aulas de Matemática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Então, no ano seguinte, decidi deixar as aulas da rede pública e trabalhar apenas nesse colégio. Fiz isso porque iniciei o

---

<sup>6</sup> Processo Seletivo Simplificado em que os professores são contratados temporariamente para atender a demanda de professores da rede estadual de ensino paranaense. Para se inscrever nesse processo, no Estado do Paraná, não é necessário que a pessoa tenha concluído o curso de Licenciatura; basta que a pessoa tenha concluído cento e vinte horas na área específica da disciplina a ser ministrada no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio da rede estadual de ensino.

<sup>7</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>8</sup> Por isso, embora a escola estivesse localizada no município de Quedas do Iguaçu, os alunos eram matriculados no Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizado no município de Rio Bonito do Iguaçu, e escolhido para ser a escola base das escolas itinerantes.

<sup>9</sup> Não tenho habilitação para trabalhar Física, mas eu tinha a carga horária exigida para trabalhar essa disciplina como professora PSS.

<sup>10</sup> Serviço Social da Indústria.

curso de Especialização para Professores de Matemática na UFPR<sup>11</sup> e eu queria ter mais tempo para me dedicar aos estudos. As aulas da especialização aconteciam aos sábados, então eu trabalhava durante a semana e me deslocava até Curitiba<sup>12</sup> para assistir às aulas. Nesse período eu já pensava em cursar mestrado na área da Educação Matemática na UFPR, mas o número de vagas para esse curso era pequeno e eu não conseguia aprovação no processo seletivo. Ainda em dois mil e sete prestei concurso para a rede estadual de ensino do Paraná e fui aprovada... Mas demoraram quase um ano para chamar os candidatos aprovados para a realização dos exames médicos; e quando saiu o resultado veio a surpresa: os médicos me consideraram *inapta temporariamente* para assumir o cargo. Não entendi o motivo, mas era preciso esperar a nova convocação para exames médicos. Quando veio a nova convocação, pediram apenas que eu fizesse uma consulta com um oftalmologista – tenho miopia e astigmatismo. Alguns meses depois foi publicada a lista de convocados daquele concurso, e o meu nome não estava lá... Por algum motivo – que eu desconheço – os médicos me consideraram *inapta*. Eu entraria com recurso contra essa decisão – pois eu não tinha nenhuma doença que me impedisse de trabalhar –, mas, na mesma época, fui aprovada para cursar o mestrado em Educação em Ciências e em Matemática na UFPR. Por isso, decidi *esquecer* o concurso e me dedicar ao mestrado... Em dois mil e dez pedi demissão no Colégio Imaculado Coração de Maria e fui morar em Curitiba.

Minha pesquisa de mestrado teve como tema a elaboração das propostas curriculares de Matemática – do Ensino de Primeiro Grau<sup>13</sup> – no Estado do Paraná na década de mil novecentos e setenta. O professor Carlos Vianna<sup>14</sup>, então meu orientador, sugeriu que eu cursasse a disciplina *Políticas Educacionais no Brasil*, com a professora Tais Tavares<sup>15</sup> no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR... Durante essa disciplina, a professora Tais sugeriu que visitássemos a UFPR Litoral<sup>16</sup>, no município de Matinhos, pois sua proposta pedagógica é diferenciada... Então, em novembro de dois mil e dez tivemos a oportunidade de conhecer a UFPR

---

<sup>11</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>12</sup> A distância entre os municípios de Quedas do Iguaçu e Curitiba é de, aproximadamente, quatrocentos e trinta quilômetros.

<sup>13</sup> Corresponde ao atual Ensino Fundamental.

<sup>14</sup> Carlos Roberto Vianna. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>15</sup> Tais Moura Tavares. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>16</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Litoral e de conversar com alguns de seus gestores, professores, funcionários e alunos... As discussões foram interessantes, pois na UFPR Litoral se trabalha, preferencialmente, por projetos. Além disso, a proposta pedagógica apresenta três espaços curriculares: *Projetos de Aprendizagem*; *Interações Culturais e Humanísticas*; e *Fundamentos Teórico-Práticos*. Naquele momento, entendi que os temas dos Projetos de Aprendizagem respeitavam os desejos individuais dos alunos; as Interações Culturais e Humanísticas tentavam trabalhar com temas de interesses de grupos de alunos; e nos Fundamentos Teórico-Práticos se trabalhavam os conteúdos específicos de cada curso. Além disso, pelo que entendi, os projetos desenvolvidos deveriam levar em conta a realidade local do litoral paranaense<sup>17</sup>. Essa proposta se mostrou diferente de tudo o que eu conhecia sobre Ensino Superior.

Quando eu estava terminando o mestrado comecei a pensar na possibilidade de cursar o doutorado em Educação Matemática na Unesp<sup>18</sup> de Rio Claro – interior de São Paulo –, sob a orientação do professor Vicente Garnica<sup>19</sup>, que participou da minha banca de mestrado... Conversei com o professor Vicente e ele sugeriu que eu mudasse para Rio Claro, começasse a participar das reuniões do Ghoem<sup>20</sup>, cursasse disciplinas como aluna especial<sup>21</sup> da Pós-Graduação em Educação Matemática e elaborasse um projeto de pesquisa que tratasse de alguma *inovação educacional* paranaense... Minha primeira dúvida foi: “O que pode ser considerado uma inovação educacional?”.

No início de dois mil e doze mudei para Rio Claro. Naquele ano trabalhei como professora de Matemática na Educação de Jovens e Adultos, pela Prefeitura Municipal de Rio Claro – fui contratada mediante realização de processo seletivo –, e, também, como professora formadora do Pró-letramento<sup>22</sup> de Matemática em Curitiba. Além disso, cursei disciplinas como aluna especial no Programa de Pós-

---

<sup>17</sup> O litoral paranaense é composto pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

<sup>18</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

<sup>19</sup> Antonio Vicente Marafioti Garnica. Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Professor da Unesp (Campus de Bauru e de Rio Claro).

<sup>20</sup> Grupo História Oral e Educação Matemática.

<sup>21</sup> Alunos que cursam disciplinas do Programa de Pós-Graduação sem ter passado pelo processo seletivo – e que, ao se tornarem alunos regulares, podem pedir aproveitamento dos créditos dessas disciplinas cursadas.

<sup>22</sup> Programa semipresencial de formação continuada para professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas. Esse programa era realizado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com universidades e com a adesão de estados e municípios.

Graduação em Educação Matemática na Unesp, comecei a ler textos sobre inovação educacional e a pesquisar projetos paranaenses que pudessem ser chamados de inovadores. Minha primeira intenção era estudar algo relacionado à formação inicial de professores de Matemática, mas não encontrei nenhum projeto diferenciado sobre isso... Certo dia, conversei com o professor Vicente e decidi elaborar um projeto sobre a formação de professores na UFPR Litoral, mesmo que lá não existisse um curso de Licenciatura em Matemática. Naquele mesmo ano, participei da seleção de alunos para o doutorado e fui aprovada.

Em dois mil e treze comecei, oficialmente, o meu curso de doutorado em Educação Matemática e pude me dedicar exclusivamente ao curso e à pesquisa, pois consegui uma bolsa da Capes<sup>23</sup> desde o primeiro mês de doutorado. Quando comecei a me dedicar às leituras sobre a UFPR Litoral – Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral<sup>24</sup>, e dissertações e teses que tratavam do assunto –, eu comecei a sentir que não bastava ler esses textos... Havia alguns pontos do PPP<sup>25</sup> que não estavam claros para mim... Senti a necessidade de visitar o Setor Litoral e de conversar, informalmente, com aqueles que o constituíam naquele momento. Se fosse possível, eu gostaria também de participar de algumas atividades da UFPR Litoral por, pelo menos, uma semana.

Após contatos com a direção do Setor Litoral, realizei uma visita ao Setor em outubro de dois mil e treze. Durante oito dias letivos eu conversei com alunos, funcionários, professores e gestores da UFPR Litoral. Nenhuma dessas conversas foi gravada. A minha intenção era apenas conversar com as pessoas e observar os *movimentos* da UFPR Litoral, para que depois eu pensasse nos roteiros de entrevistas. Nessa visita, também pude observar uma atividade de mediação de *Projetos de Aprendizagem* – PA; uma atividade de *Fundamentos Teórico-Práticos* – FTP – em uma turma da Licenciatura em Ciências; e cinco atividades de *Interações Culturais e Humanísticas* - ICH... Naquele momento, senti que a mediação de PA era uma conversa para atualizar o professor sobre o que os alunos estavam desenvolvendo em seus projetos, e para que o professor pudesse sugerir leituras ou encaminhamentos aos estudantes. A atividade de FTP – da qual participei – chamou a minha atenção porque ela não aconteceu no espaço da Universidade... Os

---

<sup>23</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>24</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>25</sup> Projeto Político Pedagógico.

professores e os estudantes trabalhavam aquele módulo de FTP em uma escola<sup>26</sup>! E o que vi foi o seguinte: estudantes trabalhando em grupos, enquanto os professores esclareciam suas dúvidas... Não teve chamada, não vi alunos saindo mais cedo, não vi alunos mexendo em telefones celulares, não ouvi conversas que não fossem sobre o tema que eles estavam trabalhando... A impressão que tive é que cada um dos estudantes sabia o que precisava fazer para ajudar o seu grupo. E quanto às atividades de ICH: quanta diversidade!... Eram muitas atividades acontecendo ao mesmo tempo e foi difícil escolher de quais participar. Como fiquei duas quartas-feiras em Matinhos, foi possível participar de cinco atividades de ICH... Então, fui a um encontro das seguintes ICH: *Entalhe*; *Feito à Mão*; *História da Arte*; *História Oral e Cultura Local*; e *MatematICH*.

Do encontro sobre *Entalhe* participavam estudantes de diversos cursos e também pessoas da comunidade – havia pessoas de várias idades participando da atividade e compartilhando saberes. As técnicas de entalhe eram repassadas por um estudante do curso de Licenciatura em Artes e a professora responsável pela mediação da atividade acompanhava o que estava acontecendo. Enquanto os participantes aplicavam as técnicas de entalhe, eles conversavam sobre diversos assuntos – parecia que estavam em um espaço distinto da Universidade. Ao final do encontro, a professora pediu que os participantes lembrassem de registrar o que havia acontecido naquele dia – pelo que entendi, no final do semestre esses registros seriam compartilhados com o grupo.

Já os encontros da oficina *Feito à Mão* aconteciam no município de Morretes, com a participação da comunidade local... A Universidade disponibilizava um ônibus para que os estudantes e a professora responsável pela atividade pudessem se deslocar até Morretes. Nessa atividade, os participantes compartilhavam diversas técnicas de artesanato. Do mesmo modo que na oficina sobre entalhe, as pessoas faziam seus trabalhos enquanto conversavam sobre assuntos diversos e compartilhavam vivências...

No encontro sobre *História da Arte*<sup>27</sup> presenciei uma apresentação sobre esse tema – apresentação feita por uma professora convidada para falar sobre história da arte. E acompanhei uma discussão sobre o curso de Licenciatura em

<sup>26</sup> A atividade acontecia no Colégio Estadual Sertãozinho, realizado no município de Matinhos.

<sup>27</sup> Essa atividade era mediada pela professora Jussara Rezende Araújo, que faleceu no início de dois mil e quatorze. A professora Jussara foi muito gentil em todos os momentos em que a encontrei na UFPR Litoral.

Artes e sobre o que se espera de um professor de Artes... “ *O que é mais importante: ter uma formação específica em cada área das Artes – dança, música, pintura – ou ter uma formação generalista?*”... Foi uma discussão muito interessante!

Já no encontro sobre *História Oral e Cultura Local* houve orientações quanto aos trabalhos que os alunos estavam desenvolvendo: eles iriam entrevistar moradores do litoral paranaense – pelo que entendi, cada grupo de estudantes era responsável por entrevistar um morador de uma cidade do litoral paranaense. Nesse encontro, houve discussões sobre alguns roteiros de entrevistas que os estudantes tinham elaborado; e o professor responsável pela atividade estava orientando os alunos quanto à realização das entrevistas.

No encontro do grupo *MatematiCH* o professor propôs algumas questões de Matemática para que os alunos resolvessem – tratando de proporcionalidade, porcentagem e área. Depois disso, aconteceu uma breve discussão sobre a resolução das questões propostas. Vi essa atividade como algo muito próximo do que acontece em uma aula *convencional* de Matemática.

Foi interessante participar de atividades de ICH com temas tão distintos e com dinâmicas distintas! Foi possível perceber que a dinâmica utilizada nas ICH depende de várias variáveis: tema, participantes, docente, local, entre tantas outras... Um detalhe marcante foi, segundo minha perspectiva, o interesse de cada participante pela atividade que estava sendo realizada – atividade sobre um tema escolhido pelo estudante. Em todas as atividades de que participei, observei que as pessoas não estavam ali apenas para cumprir a carga horária: estavam ali porque queriam participar da atividade e compartilhar conhecimentos com colegas e professores.

Voltando a Rio Claro era necessário organizar essas informações e continuar estudando os documentos. Como consequência da visita, uma decisão: estudar *apenas* a formação de professores que acontece em um curso da UFPR Litoral. E, assim, decidimos estudar a implementação da proposta pedagógica da UFPR Litoral no curso de Licenciatura em Ciências. A escolha do curso se deu por dois motivos: Ciências é o curso que mais se aproxima da minha vivência como professora de Matemática; e, de acordo com as conversas informais com os gestores e professores da UFPR Litoral, a Licenciatura em Ciências é o curso que mais se aproxima da proposta pedagógica da Instituição.

Então, em dois mil e quatorze, elaborei três roteiros de entrevistas<sup>28</sup>: um para entrevistar os gestores da UFPR Litoral; outro para entrevistas com professores do curso de Ciências; e o terceiro roteiro para entrevistar alguns egressos do curso de Licenciatura em Ciências. Na sequência, convidei, via *e-mail*, três gestores (diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico) e quinze professores da UFPR Litoral para concederem entrevistas e se tornarem colaboradores da minha pesquisa. Três gestores e nove professores aceitaram<sup>29</sup> o meu convite. Dado o número de professores que concordaram em participar da pesquisa, optamos<sup>30</sup> por não entrar em contato com egressos. Naquele momento, acreditamos que seria mais adequado realizar as entrevistas com os gestores e professores e, posteriormente, decidir se seria viável entrevistar egressos da Licenciatura em Ciências...

Nessa fase comecei a me questionar se fazia sentido pensar em estudar um curso específico da UFPR Litoral... Começava a ficar claro – para mim – que o limite entre os cursos do Setor Litoral é tênue. Em dois espaços curriculares – PA e ICH – os estudantes não são *separados* por cursos. Além disso, os professores que seriam entrevistados não atuavam somente na Licenciatura em Ciências. Então, provavelmente, eles falariam da proposta pedagógica de modo geral. Não conversei sobre essas questões com o meu orientador, pois não vi problemas nisso. Talvez nessa fase eu estivesse começando a compreender a proposta pedagógica da UFPR Litoral...

Em outubro de dois mil e quatorze, visitei novamente a UFPR Litoral e realizei as entrevistas para a minha tese de doutorado.

---

<sup>28</sup> Os roteiros estão disponíveis nos Apêndices desta tese.

<sup>29</sup> Cabe dizer que outros professores gostariam de conceder entrevista, mas não estariam na UFPR Litoral nas datas em que eu as realizaria.

<sup>30</sup> Meu orientador e eu.



## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 1 – SUZANA

Nome completo da colaboradora: Suzana Cini Freitas Nicolodi

Data e local de nascimento: 18 de agosto de 1970, Cruz Alta (RS)

Data da entrevista: 20 de outubro de 2014

### *Formação*

Eu estudei em colégio particular, no Rio Grande do Sul, a minha vida toda... No Ensino Médio, eu fiz Magistério. Então, a minha docência vem de lá. Na verdade, eu sempre vivi em clima de docência porque a minha mãe era professora – professora formadora de professores. Talvez isso esteja um pouco no sangue!

Bom... Depois, o que eu gostaria de ter feito – isso é interessante porque a gente tem que entender como a gente se constitui... –, eu queria ter feito Artes Cênicas, mas não Artes Cênicas de virar artista, e sim as Artes Cênicas que provocam o outro a se empoderar dele mesmo... Sabe? Esse papel social do artista... Mas daí eu não podia, porque eu tinha dezessete anos e a minha família era absurdamente conservadora... Naquela época, fazer Artes Cênicas representava estar a mil quilômetros de distância de casa, porque só tinha esse curso em Curitiba.

Então, se eu tinha que ficar em Cruz Alta e não podia fazer o que eu queria, qualquer coisa que eu fizesse não faria sentido... Perdeu o sentido!... Eu fiz vários vestibulares, passei em uns tantos – todos variados – e acabei fazendo Direito, porque tinha esse curso na Unicruz<sup>31</sup>, na cidade onde eu morava. Então, a minha formação de graduação é Direito. Formação que nunca fez sentido! E, por isso, eu nunca exerci a profissão. E fechei ali: “Não estudo mais, não faço mais nada.”...

Aí doze anos depois, já casada e com os dois filhos, eu senti necessidade de voltar a estudar... E apareceu um curso que me interessou: *Especialização em Interdisciplinaridade e Linguagens*<sup>32</sup>. E aí a docência voltou com tudo! E eu disse: “Agora eu não paro mais!”. Veja: voltou a fazer sentido, porque o curso tinha um foco na Linguagem e um foco na Educação, tinha foco na Comunicação e na Educação... Daí eu percebi que só a Especialização não bastaria, porque eu tinha um

---

<sup>31</sup> Universidade de Cruz Alta.

<sup>32</sup> Curso de Especialização oferecido na Universidade de Cruz Alta.

Bacharelado em Direito... Então, eu já engatei na Formação Pedagógica<sup>33</sup>, que foi um curso espetacular! Mas ele me habilitava para trabalhar em Pós-Médio<sup>34</sup> e apenas atrelado às duas disciplinas em que eu tinha maior carga horária no Direito: Legislação e Introdução ao Direito. E eu não queria ficar atrelada ao Direito, eu não queria dar aula de Direito! Mesmo assim, esse curso foi ótimo porque a carga horária de Didática e de Metodologia me *acordou*... E eu fui fazer o Mestrado em Educação, na área de Formação de Professores, na Unisinos<sup>35</sup>, orientada pela professora Mabel<sup>36</sup>. Grudado, já engatei o doutorado, também na área de Formação de Professores. E daí voltou a minha questão das Artes Cênicas... A minha questão sempre foi: “Como você cutuca o outro para ele se empoderar?”... E durante o mestrado já tinha outra questão que me provocava, que era a questão da Educação a Distância... Como seria possível cutucar esse outro se eu não estava olhando, olho no olho, para esse outro?... Então, eu quis olhar as práticas e os processos da Educação a Distância e eu descobri que é possível empoderar esse outro e cutucar esse outro mesmo sem olhar para ele. Essa foi a minha tese<sup>37</sup>!

Bom... Terminado o doutorado, já engatei o pós-doutorado, também com a professora Mabel, também sobre formação de professores... Mas, agora, olhando o grupo de pesquisa como um espaço formativo. Como isso se dá? Estudei as possibilidades de um grupo de pesquisa ser um espaço de formação de professores; até porque nós atuamos bem forte aqui no Setor Litoral com os professores da rede pública dos quatorze municípios<sup>38</sup> da região, a partir da *Especialização em Gestão e Processo em Educação, Diversidade e Inclusão*, e nós iniciamos um grupo de pesquisa com esses professores. Então, eu quis olhar como acontece o *Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Ensino e Avaliação*, que é um grupo consolidado, coordenado pela Mabel e que tem mais de quarenta participantes – eu participo desse grupo – para tentar olhar para o nosso grupo aqui, que é um grupo ampliadíssimo também, com quarenta e poucos participantes. Isso tem uma logística

<sup>33</sup> Programa Especial de Formação Pedagógica da Universidade de Cruz Alta.

<sup>34</sup> Cursos técnicos voltados às pessoas que já concluíram o Ensino Médio e que buscam uma especialização em tempo reduzido para ingressar no mercado de trabalho.

<sup>35</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo (RS).

<sup>36</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>37</sup> Tese intitulada *Práticas e processos de mediação pedagógica em cursos de Pedagogia na modalidade EAD*, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em dois mil e doze.

<sup>38</sup> Adrianópolis, Antonina, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Guaraqueçaba, Guaratuba, Itaperçu, Matinhos, Morretes, Paranaguá, Pontal do Paraná, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná.

que é interessante olhar. Então, essa é a minha formação... É onde eu me encontro neste momento...

### *Ingresso na UFPR Litoral*<sup>39</sup>

Eu vim parar aqui no Setor Litoral por conta de uma vaga para Educação a Distância... Em dois mil e dez, eu estava no meio do doutorado, com dois anos do doutorado... E a Mabel, minha orientadora, veio aqui fazer uma formação para os professores e, conversando com o Valdo<sup>40</sup>, ela perguntou: “E aí? Quais as novidades?”. E o Valdo disse: “Agora nós estamos com concurso aberto: uma vaga para Educação a Distância.”... E aí, imediatamente, a Mabel me mandou *e-mail*, ela me telefonou... Isso porque ela sabia do grande problema que eu enfrentava para concurso: eu estava fazendo toda essa preparação e quando eu chegava para fazer um concurso, pediam Pedagogia... E se eu fosse fazer concurso na área de Direito, eu tinha todo o resto em Educação... Então, eu não estava com o trânsito no Direito e nem queria estar... E quando chegava para fazer concurso na área de Educação, que era onde eu estava preparada, me trancavam na Pedagogia... E o concurso daqui tinha o foco na EaD<sup>41</sup>, precisava de experiência em EaD – e eu estava desenvolvendo uma tese na Educação a Distância –, pedia Mestrado em Educação, mas não pedia a formação inicial. Então, a Mabel me disse: “Suzana, pode ser agora!”... Eu dizia que, inclusive eu escrevi isso no meu memorial da tese, eu me sentia em um limbo acadêmico, porque o que eu queria, eu não podia; e o que eu não queria, eu tinha possibilidade, mas eu estava distante de estudo disso. E foi assim que aconteceu...

Eu fiz o concurso, passei em segundo lugar e tomei posse no dia dezoito de janeiro de dois mil e onze. E estamos aqui desde então, de mala, cuia, periquito, papagaio, marido, filho, mãe, tudo!... Viemos com tudo e de coração! Isso era um projeto de vida e não era um projeto de vida só meu... Era um projeto da família toda, porque, se eu estava me preparando, isso acabava ecoando em todos eles... E foi assim que nós chegamos aqui e estamos bem felizes! O meu marido se forma ano que vem em Gestão e Empreendedorismo... A minha mãe está fazendo

<sup>39</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>40</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>41</sup> Educação a Distância.

Licenciatura em Artes, depois de vinte e seis anos aposentada... O meu filho está terminando o terceiro ano do Ensino Médio e entra para Licenciatura em Artes ano que vem, se Deus quiser! Na verdade, ele quer Filosofia... Mas eu acho que ele vai acabar fazendo Artes aqui e Filosofia a distância... Isso para não sair daqui, para ficar aqui no Setor<sup>42</sup>... Ele já optou pela carreira acadêmica... Eu acho que a docência está na família, mais do que as Artes...

Ah! Tem uma coisa que eu não disse ainda, mas que eu acho importante dizer: muito tempo depois, eu descobri que a docência não sufocou aquela questão da Arte! Não! Eu ressignifiquei aquela questão para a docência, porque eu consigo fazer isso na docência. Esse cutucar o outro, sabe? Isso de provocar o outro para que ele se questione, para que ele se empodere... Eu acho que consigo fazer isso de uma forma ampliada na docência, porque, se eu trabalho com formação de professores dentro de uma sala de aula, e se esses professores trabalham com outros alunos, isso acaba se multiplicando. Então, eu não sou uma artista frustrada! Bem pelo contrário! Eu sou uma professora muito realizada!

#### *Concurso da UFPR Litoral*

No meu concurso, posso dizer que foi surpresa, para mim, a leitura da prova em voz alta, uma leitura pública... E a entrevista foi bem diferenciada... E agora que eu já participei aqui como banca de concurso, eu acho que para o Setor Litoral precisa ser uma entrevista diferenciada mesmo, porque é uma forma de fazer uma distinção – não sei se seria essa a palavra –, um modo de tentar identificar o perfil do docente, porque o Setor tem uma proposta muito diferenciada e, então, precisa ter um perfil muito diferenciado para não acontecer de chegar aqui e, logo depois, acabar pedindo transferência. Nós queremos gente que venha para cá e que *vista a camiseta* da UFPR Litoral. Então, acho que, nesse sentido, o concurso foi diferenciado... Na entrevista me perguntaram quais eram os meus outros saberes, além do que eu vinha fazer aqui... Aí entra um pouco o que eu fazia lá no Rio Grande do Sul: eu pinto, eu trabalho com tear, eu trabalhava com maquiagem, eu atuava em um curso de Estética e Cosmética na Unicruz... Enfim, que outras coisas me interessam além do que exatamente eu me formei para fazer? E isso porque aqui tem essa questão da interdisciplinaridade, aqui o diferente não é o que separa

---

<sup>42</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

e, sim, o que enriquece... Eu penso que se alguém de uma instituição tradicional olhar o meu currículo, vai dizer: “O que esta louca está fazendo aqui com graduação em Direito e todo o resto da formação em Educação?”... Aqui no Setor isso faz mais sentido, porque isso não é uma deficiência... É bom ter outras formações em outros locais e outras coisas que te interessam.

Outra coisa... Na prova escrita do concurso sempre se tem pelo menos um ou dois pontos que se relacionam com o Projeto Político Pedagógico do Setor. Quando eu fiz o meu concurso eram dez pontos e eu me preparei para esses dez pontos procurando que o PPP<sup>43</sup> estivesse atravessando todos os pontos. Eu entendi que era isso que eles queriam aqui... E, enquanto banca, o que a gente busca quando faz a escuta da prova é: “O que esse sujeito sabe sobre o projeto? O que ele sabe sobre o local para onde ele está pretendendo vir? Ele entendeu a proposta?”... Porque isso pode ser um problemão ou um presentão...

### *Desafio*

Quando cheguei aqui foi menos difícil para mim – e aí não foi em relação à Instituição – porque a minha família veio comigo. Institucionalmente, quando eu cheguei, teve um colega que disse: “Talvez tu precise entrar muda e sair calada no início, até ir entendendo os processos...”. E eu não tenho como falar descolada de alguém que trabalha com formação de professores! Então, vou falar desse olhar...

Eu senti falta de uma tutoria, de alguém que me acompanhasse, de alguém que me explicasse as siglas, que me dissesse o que era cada espaço... Sabe? Porque tem muita sigla, que depois naturaliza e vai tranquilo... Tem muito espaço... Para que serviam aqueles espaços de discussão? Porque o PPP estudado é uma coisa, vivido ele é completamente diferente, ele é ainda maior... Quando nós falamos da Instituição, as pessoas ficam EN-CAN-TA-DAS com tudo o que acontece aqui. Encantadas e intrigadas: “Como pode acontecer tudo isso?”... E eu digo: “Mais do que me ouvir, é preciso viver o que acontece aqui!”... E foi vivendo que eu entendi, mas eu acho que se eu tivesse alguém me explicando, me facilitaria... Aquela coisa de assessorias pedagógicas, que foi muito forte lá pelos anos setenta, se perdeu... E, especialmente, nas expansões não se vê... Eu senti falta de uma assessoria, até porque o ensino por projetos, o trabalhar por projetos, tem uma lógica em cada

---

<sup>43</sup> Projeto Político Pedagógico.

curso. Não são todos que trabalham por projetos... Aqui, eu acredito que é só o TOC<sup>44</sup> e a Licenciatura em Ciências que estão trabalhando atualmente... Mesmo assim, eu ainda percebo que o curso de Ciências não está trabalhando como poderia trabalhar... O Maurício<sup>45</sup>, o Valentim<sup>46</sup> e eu trabalhamos juntos: nós ficamos um ano com cada turma, trabalhando por projetos e com docência compartilhada... Esse é um modo de se trabalhar por projetos... Mas tem outros modos...

E tem algumas coisas que me parecem que se perderam no processo... E parece que já estavam perdidas quando eu cheguei aqui... Eu cheguei no Setor em dois mil e onze e já tinha um tanto andado, já tinha quebra de grupos aqui no Setor... Eu cheguei no meio de um fervo<sup>47</sup> e o fervo ficou um pouco maior depois... Agora nós estamos tentando juntar os cacos, na medida do possível... E nesse meio do caminho muita gente foi embora, outros professores chegaram... E o que está acontecendo não depende muito da direção, depende do grupo de professores que fechou em uma proposta. E os embates não têm sido fracos... Porque no momento que tu te movimenta para fazer algo diferente e que isso começa a aparecer... Isso incomoda algumas pessoas...

Então, o início do trabalho aqui, para mim, foi um desafio! Se tivesse alguém me auxiliando, o desafio teria sido mais brando. A gente dá conta!... Mas, às vezes, isso te exaure sem necessidade... Se tu está compreendendo e não precisa adivinhar, é mais fácil! Se tem alguém que explica e tu não precisa ficar perguntando tudo, é mais fácil. Porque tu fica meio sem jeito de ficar fazendo algumas perguntas que podem parecer tão óbvias para os outros – e para ti não é... É bem complexo, não é nem complicado... É bem complexo!

E nesse olhar de formação, eu procuro, à medida que os professores estão chegando – e têm uma proximidade comigo –, botar eles embaixo do braço, no sentido de acolhida mesmo... Acolhida institucional, acolhida de colega, acolhida de ser humano... Porque tu chega em um lugar que tu não faz ideia de quem é quem, o que cada um faz, como faz, o que não faz e diz que faz... É tanta coisa para descobrir no meio do caminho! Então, isso eu senti falta na chegada... Agora, por exemplo, nós estamos com a chegada de onze professores da Licenciatura em

---

<sup>44</sup> Tecnólogo em Orientação Comunitária.

<sup>45</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>46</sup> Valentim da Silva. Doutor em Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>47</sup> Confusão.

Educação do Campo e a acolhida que a gente fez com eles é a acolhida que a gente sentiu falta... Nós estamos em um grupo de implantação, nós temos reuniões regulares com eles, para que eles possam se sentir acolhidos.

### *Espaços curriculares de aprendizagem*

O meu trabalho em FTP – Fundamentos Teórico-Práticos – não é dentro da Instituição UFPR Litoral, ele é realizado no Colégio Estadual Sertãozinho – aqui em Matinhos. Nesse espaço eu trabalho com o Maurício e o Valentim... E nós temos uma proposta que eu acho que só poderia acontecer aqui no Setor mesmo... Eu não acredito que em outra Instituição concordariam que a formação dos estudantes de Ciências ou de qualquer outra licenciatura se desse dentro de uma escola pública.

Neste semestre são dois dias de FTP com a turma com que nós trabalhamos: terça-feira e quinta-feira... Na terça-feira os estudantes de Ciências ficam conosco, com os três professores, e na quinta-feira eles trabalham com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Sertãozinho<sup>48</sup>. Para que isso fosse possível, olha o que a escola fez: o nono ano tem três aulas de Ciências na semana; ficaria difícil trabalhar com três períodos furados, então, eles trouxeram todos os períodos de Ciências para quinta-feira, para poder ter continuidade no trabalho e um impacto maior. Assim, nas quintas-feiras os estudantes de Ciências trabalham com os estudantes do Sertãozinho do seguinte modo: os alunos da Licenciatura em Ciências estão divididos em quatro grupos e os alunos do nono ano do Sertãozinho estão divididos em quatro grupos. Então, cada grupo de Ciências fica em uma sala de aula com um grupo do Sertãozinho e os professores – nós – ficam passeando por todas as salas de aula, vendo o que está acontecendo. A gente não interfere nas atividades na quinta-feira... Aí na próxima terça-feira ocorre a socialização do que aconteceu em cada grupo. Eles falam de que forma estão trabalhando, que pontos eles acham que precisa reforço – e aí é a hora de entrar os FTP no sentido de conteúdo, com o auxílio de autores, às vezes filmes... Mas a discussão, a partir da socialização, é o que eles mais esperam... Tem coisas do tipo: “Não estou dando conta da indisciplina.”... “Ah, nós resolvemos isso desta forma.”... Tem essa troca entre os quatro grupos... E nós procuramos que eles façam a reflexão, porque o nosso módulo é sobre vivências de docência, práticas pedagógicas, e a gente não

---

<sup>48</sup> Colégio Estadual Sertãozinho.

entende que essas práticas pedagógicas e vivências de docência da escola podem se dar fora da escola, porque tem coisas que acontecem na escola e que é só na escola que a gente vive... Foi essa a ideia inicial dessa experiência que, hoje, está na segunda versão, com a segunda turma na escola.

Pela avaliação dos próprios estudantes de Ciências, tem várias coisas que acontecem como desdobramento desse trabalho no Sertãozinho. Quando fechou o ano, os estudantes de Ciências não queriam voltar para cá... Eles diziam: “Depois de tudo o que a gente viveu no Sertãozinho, voltar para a Universidade é um retrocesso.”... Porque, pense: quando tu te forma, parece que aí tu vai para a realidade dura e crua da escola. E, muitas vezes, esse recém-licenciado toma um susto. Ele se questiona. E quando isso acontece, eu corro para quem? Então, a ideia é que o susto aconteça enquanto eles estão conosco... E o susto acontece! Mas daí nós temos a possibilidade de ressignificar as questões com eles... E são eles que precisam se ressignificarem, replanejarem, repensarem tempos, repensarem propostas – porque a proposta deles também é para ser emancipadora...

Como impacto disso, dentro da escola, muitos estudantes que sequer pensavam que podiam se ver ou se perceber em uma Universidade daqui a dois ou três anos – os estudantes de Ciências trabalham, agora, com o nono ano, então é daqui a três anos mesmo –, porque faz o Ensino Médio e aí? Que tu vai fazer? Então, esses estudantes de nono ano estão deixando de se olharem com esses empregos sazonais que o litoral proporciona e estão começando a se perceber como pessoas com direito ao acesso à Universidade. Os estudantes de Ciências passam a funcionar para os alunos do Sertãozinho como um espelho... Porque muitos desses estudantes de Ciências estudaram no Sertãozinho há dois ou três anos e retornaram lá como estagiários.

Além disso que eu já falei, nós fazemos avaliação com os estudantes de Ciências: “Está valendo a pena?”... E eles acham que vale muito a pena, porque eles aprendem mais, porque eles fazem propostas onde eles realmente se envolvem, não fica no conteúdo descontextualizado. Eles acabam multiplicando na escola o que eles vivem na Universidade.

Em relação à escola, é importante dizer que a direção nos recebeu com as portas abertas e os professores nos olhavam meio receosos quando nós – Maurício, Valentim e eu – chegamos lá. Os professores nos olhavam como se quisessem



dizer: “O que vocês vieram fazer aqui? Garanto que vieram nos dizer como tem que fazer!”. E quando eles perceberam que nós não fomos fazer isso, as guardas começaram a ser baixadas e alguns movimentos em nossa direção começaram a acontecer, até porque nós fazíamos e fazemos muitos movimentos na direção deles. Muitos eventos que antes a gente propunha aqui no Setor, agora se propõe dentro da escola – que passa a ser um polo. Um exemplo disso é a visita do José Pacheco<sup>49</sup>, que reuniu mais de setecentas pessoas no Sertãozinho. E isso vai gerando, para a direção e para os professores do Sertãozinho, um empoderamento.

Nós não fomos à escola para fazer o movimento de colonizador... Nós fomos fazer realmente uma parceria. E é o que a gente tem: uma parceria! Assim como eles nos oferecem algumas coisas, a gente procura oferecer coisas à escola. Eles nos chamam, às vezes, para alguma formação continuada dos professores... E os professores são nossos parceiros agora... A gente vai para a sala dos professores junto, a gente procura fazer esse movimento porque nós somos professores independente de que nível e de que Instituição... Nós somos professores que trabalham juntos... Então, eu acho que os FTP, nesse sentido, abrem para muita coisa – por estar dentro da escola, com esse desdobramento interinstitucional, com professores da rede pública estadual e com professores universitários, com os alunos do Ensino Fundamental e com os estudantes de graduação.

Outro espaço que temos aqui é o espaço das ICH – Interações Culturais e Humanísticas... Eu já medieei uma atividade de ICH de entalhe... Gosto muito de falar dele! E tem um detalhe: eu não entalho! Vale dizer que eu não entalho!!! Eu não entalho... Mas as ICH podem ser propostas pelos professores e podem ser propostas pelos estudantes... E essa atividade de ICH de entalhe foi proposta por estudantes e eu a medieei durante um ano e meio... E, como não dava para ter mais de vinte vagas para que o Jessé<sup>50</sup> desse conta do trabalho, em dois mil e treze, nós precisamos colocar duas edições dessa atividade: manhã e tarde – e, mesmo assim, extrapolou as vinte vagas de cada período.

O espaço das ICH é para ser um espaço de interações culturais e humanísticas mesmo... Que quem venha, venha pelo tema, porque o tema lhe interessa independente de que curso a pessoa está fazendo. No *Entalhe*, por

---

<sup>49</sup> Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Portugal). Idealizador da Escola da Ponte (Portugal).

<sup>50</sup> Jessé Castro Ramos – estudante do curso de Licenciatura em Artes, que trabalha com Entalhe e ensinava as técnicas de entalhe nessa atividade de ICH.

exemplo, tinha estudantes de Artes, de Agroecologia, de Gestão Pública, de Informática e Cidadania... Tinha estudantes de cursos que, aparentemente, não tem nada a ver, mas a interação que se dá nesse espaço é uma coisa muito bonita, é muito rica. Acho que isso é algo que prepara para a emancipação também. Para que tu faz uma universidade? Para que tu estuda se não é para viver melhor em sociedade? Então, esse espaço de ICH, eu acho que é um espaço de troca, de observação, de olhares, de experiências – no sentido de algo que te transforma, que tu deixa de ser quem tu é para passar a ser melhor do que tu vem sendo... Eu acho que se as ICH, dentro das diretrizes que elas estão pautadas, funcionarem dessa forma... Eu acho que é um espaço muito produtivo.

Mas tem um detalhe que eu não sei se te interessa: não é recorrência, mas tem muitas ICH sendo transformadas em FTP – não oficialmente, mas a gente sabe que tem acontecido... Não é para isso acontecer, mas acontece! Eu acho que isso está acontecendo por falta de compreensão de tudo que esse espaço pode potencializar...

Ah... Vale dizer que nesse espaço a comunidade também pode participar... Tem ICH que acontece na comunidade, os estudantes vão para a comunidade. Logo que teve as águas de março<sup>51</sup>, a atividade de ICH de entalhe foi para Morretes, quer dizer, a atividade de ICH *Feito à mão* foi para Morretes – o *Entalhe* começou dentro do *Feito à mão*, que trabalhava com artesanato, fios... E o Entalhe cresceu tanto que acabou ficando uma atividade de ICH à parte e não mais dentro do *Feito à mão*. E aí, depois, o *Entalhe* veio para Matinhos e o *Feito à mão* continuou em Morretes...

E veja... O estudante que propôs essa atividade de ICH de entalhe tem ações em uma clínica de drogadição, tem ações em uma comunidade em Morretes e com os bombeiros em Pontal do Paraná... Esse estudante acredita muito no entalhe... Ele é meu mediando de PA – Projeto de Aprendizagem... O negócio dele é multiplicar o entalhe... E é interessante porque a gente fez toda a proposta pedagógica nesse sentido. O entalhe pelo entalhe... Mas, por quê? Então, a gente pedia que os participantes dessa atividade de ICH fossem escrevendo o diário deles toda aula e aí, no fim do semestre, a gente socializou esses diários de aprendizagem. Alguns vêm e anotam as técnicas de entalhe ao longo do semestre todo; outros vêm e dizem que foi uma terapia, que, às vezes, chegavam aqui e não

---

<sup>51</sup> A professora se refere às fortes chuvas que atingiram o litoral paranaense em março de dois mil e onze, causando enchentes e deixando mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

estavam bem... É muito emocionante... E o Trabalho de Conclusão de Curso do Jessé vai ser uma coisa muito bonita, porque tem a fala desses estudantes dizendo o que significou o entalhe para eles. Tantos mudaram de vida... Para alguns virou profissão... Tem toda a questão do trabalho e renda... Mudou a vida deles através de uma atividade de ICH... Então, é um espaço que pode impactar muito. Ou não... Depende do rumo que se dá...

Ah... Eu tenho outro PA para contar... É o PA da minha mãe, que agora é minha orientanda... Como eu já disse, a minha mãe era formadora de professores. Foi minha professora no Magistério. E ela foi formada em uma época, imagina, completamente *dentro da caixa*. Quando ela me formou, é óbvio que eu senti o reflexo da caixa em mim... Aí, depois disso, aos quarenta e dois anos ela se aposentou. Olha o absurdo: se aposentar com essa idade!

Quando trabalhava com formação de professores, a minha mãe sempre foi alguém que procurava de algum jeito romper... Ela buscava, mas, quando tu está com um grilhão, é difícil fazer alguns rompimentos. Principalmente se tu não compreende teoricamente a importância disso... Aí, vinte e seis anos depois de aposentada, ela começa a fazer outra licenciatura. A cabeça dela ficou um turbilhão! Ela dizia: “Eu não vou conseguir... Eu não vou conseguir! Isto é uma bagunça... Isto é uma bagunça! Não dá para entender nada! Então, não tem aula quarta e sexta?”... Ela dizia isso porque ela entendia que ICH e PA era não ter aula quarta-feira e sexta-feira. E eu respondia: “Tem aula, mãe! É outra proposta.”...

Bom, o primeiro impacto foi: “Isto é uma bagunça!”... Depois ela começou a ficar muito angustiada, porque ela entendeu que não tinha compreendido... E aí ela não conseguia colocar isso no lugar e acomodar nela. Agora ela já passou por dois estágios e está compreendendo... E o TCC<sup>52</sup> dela eu acredito que vai ser um memorial que vai contar um pouco desse caminho... Não vai ser um TCC, vai ser um memorial porque em Artes pode ser algo diferente... Tu viu? Eu atuo em Ciências, mas eu estou falando de dois estudantes da Licenciatura em Artes que eu oriento!...

Voltando a falar do PA da minha mãe: eu acho que ela vai fazer o TCC como um memorial e a proposta é olhar essa formação dela, desde lá atrás, o que provocou nela e que rompimentos foram necessários no momento em que ela volta a ser estudante e, talvez ela fale disso também – ela ainda está pensando –, agora,

---

<sup>52</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

estudante e aluna da filha! Porque antes ela foi minha professora e agora ela é minha orientanda... E é interessante porque, às vezes, ela tem trabalhos de outros professores e me diz: “Eu tenho um plano de aula para fazer. Tu me ajuda? Eu quero fazer com os passos bem certinhos.”... Ela tinha que dar aula, mas tinha que dar aula com os passos bem certinhos... Aí eu disse: “Mãe, eu não acredito que tu está insegura com isso. Tu que me ensinou a fazer isso!”... Ela respondeu: “Não! Não... Agora eu quero fazer impecável! Tudo! Com objetivo, objetivo específico, metodologia, inclusive exercício de fixação.”... Ela me disse isso! E eu perguntei: “Como?”... E ela: “Exercício de fixação!”... Eu falei: “Então, vamos sentar e vamos conversar sobre exercício de fixação.”... Aí conversamos: “Mãe... Exercício de fixação... No momento que tu aprende, tu acha que tu precisa fixar alguma coisa que tu aprendeu? Se tu aprendeu não é porque faz sentido? Tu precisa fixar algo que faz sentido para ti?”... E aí ela disse assim: “Olha aí! Está vendo? Eu não vou conseguir dar conta disso! Aiii... Meu Deus! É tudo tão difícil!”... E daí ela se lamenta, ela sofre, ela se empolga... Então, ela vai registrar esse movimento no memorial que vai ser o Trabalho de Conclusão de Curso dela.

Enfim... A ideia é que esses três eixos – FTP, ICH e PA – conversem entre eles, porque é isso que forma o currículo do estudante. Eles têm a possibilidade de construir os seus próprios currículos, com a lógica que eles imaginarem que pode enriquecer. No caso do Jessé: ele faz Artes, a vida dele é o entalhe e o PA dele é sobre o entalhe. Então, está tudo costurado...

### *Reuniões*

As reuniões das Câmaras<sup>53</sup> têm sido bem mais administrativas e bem menos pedagógicas do que eu gostaria. Elas têm acontecido, por exemplo, para resolver caso de aluno que está em pendência, aluno que trancou o curso, aluno que não tem vindo... Ou se tem um professor que está querendo vir transferido para cá a gente vê se tem interesse, passa currículo...

Eu comecei a participar da Câmara de Ciências em dois mil e treze... Na outra gestão da Câmara até tinha umas rodadas assim: “E aí, como está a turma tal?”... Isso acontecia para que os professores que não estavam com aquela turma ficassem sabendo o que estava acontecendo. Agora, com a mudança de gestão da

---

<sup>53</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

Câmara, eu não vi mais nenhuma rodada assim... Então, se a gente sabe o que está acontecendo com a outra turma é porque falou com outro professor, mas não porque foi falado na Câmara. As reuniões também estão bem mais esparsas do que na gestão anterior. Eu acho que isso é um pouco do perfil de cada coordenador... Na gestão anterior, era um professor da área de Educação, então talvez esse foco pedagógico ficasse mais evidente...

E das reuniões de Conselho Setorial eu só participo se for preciso... Eu sou vice-coordenadora do curso de Informática e Cidadania, então eu participo da reunião se o Paulo<sup>54</sup> não pode ir... Porque agora a reunião é só para os conselheiros... Desde que o Regimento foi aprovado, e muitas coisas desaprovadas por nós porque passaram sem a gente concordar, eu acho que se perdeu o espaço do coletivo... Nós perdemos muito com o Regimento que está colocado... Antes, as reuniões eram um espaço, às vezes, maçante de ficar... Mas era um espaço onde todo mundo conversava. Às vezes, brigava... Muitas vezes, brigava... Mas tu sabia o que os outros estavam falando. Agora ficou na representatividade... Então, acho que distanciou tudo... Melhorou porque tu não vê tanta briga... Mas quando as brigas acontecem, nessas reuniões do Conselho, elas são feias.

### *Avaliação*

A avaliação dos alunos é por conceito<sup>55</sup>, não é por nota. Não temos prova, embora não seja algo proibido. Eu não acredito em prova... Então, a avaliação é por trabalhos, é por projetos, é por seminários, é por portfólio, aí é de cada professor... E a autoavaliação eu creio que funciona de uma forma muito boa também. Geralmente, o conceito Aprendizagem Insuficiente se dá por faltas e aí não tem o que fazer! No caso de Aprendizagem Parcialmente Suficiente, os alunos podem recorrer e pedir uma recuperação, e aí o aluno combina com o professor como será feita a recuperação.

### *Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral*

Acho que curso de licenciatura, de uma forma geral, no contexto brasileiro, é importantíssimo. Aqui, acompanhando as redes públicas, a gente vê que tem um

---

<sup>54</sup> Paulo Gaspar Graziola Junior. Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>55</sup> Os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

déficit de professores desta área, de Ciências... E se esse professor desta área puder trabalhar de forma inovadora, emancipatória e multiplicadora como a gente pretende e acha que faz aqui, eu acho que o curso se justifica, por ele mesmo...

### *Mudanças no litoral paranaense*

Eu vim para Matinhos fazer o concurso em julho de dois mil e dez e a sensação que eu tinha, nas ruas da cidade, é que eu ia encontrar aqueles rolos de feno que tem em deserto... Sabe? Porque não tinha ninguém na rua... Tu não conseguia perguntar nada para ninguém, em pleno julho... Agora não. Aonde tu vai, nesta extensão aqui de três quilômetros, tem gente, tem gente passando, tem trânsito, tu tem que cuidar do trânsito. Antes as ruas eram vazias. Então, eu acho que a universidade impacta. Teve a vinda de estudantes, de famílias de servidores. Em Matinhos eu vejo isso...

Nas outras cidades, eu não sei... O que eu sei falar é a partir do que a gente trabalha no curso de especialização, que é o contato que a gente tem com as outras instituições, e daí a gente tem notícias das outras instituições – que têm mudado suas práticas pedagógicas a partir do nosso curso. Aí os professores impactam, fazem a transformação da prática pedagógica e impactam nos alunos e, conseqüentemente, melhora o aprendizado, melhora a qualidade da educação.

### *UFPR Litoral*

Eu acho que a UFPR Litoral é uma utopia que pode dar certo. Ela está muito pautada no Paulo Freire<sup>56</sup> e no Boaventura de Sousa Santos<sup>57</sup>... Boaventura é um dos autores da minha vida. Ele acredita nessa possibilidade de intervenção social, de impacto na comunidade, de transformação, de que o saber acadêmico não tem que ficar fechado nele mesmo... E quando foi para eu vir para cá, eu disse para o Maurício: “Isso deve ser uma maravilha! É tudo o que a gente estuda. E esse projeto – pelo menos no papel...”. E ele me respondeu: “É... Mas isso não acontece sem tensões...”... E vivendo isso aqui a gente sabe quais são as tensões... Mas como a minha veia de estudo, a minha veia teórica, a água de onde eu bebi, é exatamente essa... Isso, para mim, faz muito sentido, com tensões ou não tensões... Claro que seria muito melhor – e acredito que o impacto seria mais rápido – se não tivesse

<sup>56</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador brasileiro.

<sup>57</sup> Professor da Universidade de Coimbra (Portugal).

tantas tensões... Tensões burocráticas e, muitas vezes, desnecessárias, que empacam o processo e daí tem uma mão-de-obra para desempacar o processo para a coisa acontecer...

Assim... Eu vejo o projeto como uma utopia possível, muitas coisas acontecendo já... A *Especialização em Gestão e Processo em Educação, Diversidade e Inclusão*, por exemplo: no primeiro curso foram mais de mil professores atingidos pela formação... Agora nós estamos terminando o curso com a segunda turma e tem uma terceira turma para começar... Temos um Grupo de Pesquisa constituído... E tudo isso é uma flecha que tu solta e que tu não sabe o que vai acontecer. Mas o resultado disso só nos orgulha e nos deixa felizes de ver que esse empoderamento proporcionado dentro do curso de especialização foi um empoderamento efetivo mesmo, porque esses sujeitos passaram a se organizar independentes de nós...

E eu acho que isso só pode acontecer porque a UFPR Litoral tem um projeto que possibilita que isso aconteça. Mesmo que tenha esses entraves burocráticos, que aí não é institucional aqui do Setor, muitas vezes é da Instituição maior, da UFPR<sup>58</sup>... Ainda tem muita resistência, porque tudo que é para o Setor Litoral é muito difícil, é olhado com olhar atravessado, é dificultado, muitas vezes é minimizado... É como se o que a gente faz aqui é outra coisa que não Educação... Só que eu considero que, pelo menos o grupo que eu trabalho, é educação e é emancipatória... Então, para mim, é uma lástima saber que agora o vestibular daqui vai acontecer na mesma data do vestibular de Curitiba e vai acontecer com a mesma prova de Curitiba<sup>59</sup>... Se a gente veio para cá, se esse Setor veio para cá para possibilitar que sujeitos historicamente excluídos tivessem acesso a uma universidade pública e democrática... Esse vestibular vai ser uma peneira que eu não sei se vai ser possível para esses sujeitos transpor... Por conta disso, talvez não fechem as vagas que precisam para os cursos continuarem... Quem é que perde com isso? A comunidade!... Sempre na ponta! É sempre lá na ponta que estoura... E isso é uma pena, porque quem decidiu isso vai continuar onde está...

Então, é assim que eu percebo a possibilidade do Setor: é tudo, se não for empacado... Se não empacarem... É uma proposta que pretende emancipar,

<sup>58</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>59</sup> Até dois mil e treze o vestibular da UFPR Litoral tinha provas e datas distintas do vestibular dos outros setores da Universidade Federal do Paraná.

empoderar... A gente trabalha nessa direção... E não me arrependo disso, em nenhum momento, porque eu acho que o sujeito empoderado é o sujeito que sabe o que quer da vida e não é massa de manobra. Ele busca, ele se emancipa, ele é autônomo, ele não precisa que digam por ele, que pensem por ele. E como se transforma o mundo se não é desse jeito?

Enfim... Eu acho que a UFPR Litoral vale muito a pena. Eu deixei o Rio Grande do Sul, terra que eu gosto muito, todo gaúcho gosta muito do Rio Grande do Sul... Eu vim em busca de algo que, infelizmente, é algo que está saturado lá, esse campo acadêmico... Não me arrependo de ter vindo, porque aqui encontrei parceiros de trabalho e encontrei uma forma de trabalhar que me faz todo sentido. Eu sou muito realizada no que eu faço. Voltar a trabalhar de forma tradicional seria algo absurdo para mim. Se me obrigassem a trabalhar de forma tradicional eu não sei se eu continuaria a ser professora. Porque, para mim, o que faz sentido é isso: é ver a transformação que deixa as pessoas felizes. Porque, às vezes, você se transforma em algo que não te deixa feliz. Mas o que eu tenho visto aqui na UFPR Litoral é a transformação de gente que está ficando feliz, cada vez mais feliz com o que faz... Então, para mim, faz todo sentido estar aqui...



## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 2 – VALDO

Nome completo do colaborador: Valdo José Cavallet

Data e local de nascimento: 17 de maio de 1954, Água Doce (SC)

Data da entrevista: 20 de outubro de 2014

Eu nasci no oeste de Santa Catarina, no município de Água Doce, em dezessete de maio de mil novecentos e cinquenta e quatro. Estudei nesse município mesmo, que é um município pequeno – oito mil habitantes, três mil habitantes na cidade e cinco mil habitantes no interior –, é um município agrícola, de colonização italiana e tem uma parte dele que é bem pouco habitada, que é a região dos campos. Eu não morava na cidade, mas eu ia até a cidade para estudar. Então, em Água Doce, eu fiz a Escola Básica<sup>60</sup>, o Ginásio<sup>61</sup> e o Ensino Médio, menos o último ano do Ensino Médio porque eu fui expulso no terceiro ano. Até esse momento, sempre estudei em colégio público, escola pública. E aí eu fui terminar o Ensino Médio em Joaçaba, que é um município próximo a Água Doce, em um colégio confessional. Daí, em mil novecentos e setenta e quatro, eu mudei para Curitiba e fiz Agronomia na Universidade Federal do Paraná. Também comecei o curso de Licenciatura em Biologia, mas não concluí... Depois eu fiz mestrado em Ciências do Solo, em Sustentabilidade de Recursos Naturais, também na UFPR<sup>62</sup>, e fiz doutorado em Educação na Universidade de São Paulo... Depois disso, todos os cursos complementares foram na Educação.

Mesmo antes de me formar eu sempre trabalhei para me sustentar. Eu trabalhei de motorista, trabalhei de cobrador no ônibus, trabalhei de escriturário... Depois que me formei, trabalhei como agrônomo – em uma empresa particular –, trabalhei no Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná e depois comecei a trabalhar como professor na Universidade Federal do Paraná onde estou até hoje. Teve um período em que eu comecei a afirmar que eu já não acreditava na universidade e que eu não queria permanecer na Universidade, porque eu não

---

<sup>60</sup> A Escola Básica da época corresponde aos anos iniciais do atual Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano).

<sup>61</sup> Corresponde aos anos finais do atual Ensino Fundamental (sexto ao nono ano).

<sup>62</sup> Universidade Federal do Paraná.

conseguia ver perspectiva na Universidade do ponto de vista das questões da educação pública...

Mas, no ano de dois mil e um, me chamaram para compor e ajudar a organizar a chapa de oposição que ia disputar as eleições para a Reitoria da Federal<sup>63</sup>. E o candidato de oposição, o Carlos Moreira Júnior<sup>64</sup>, foi me convencendo – aos pouquinhos – de que, se ele se elegeisse, eu teria condições de executar as minhas propostas... Foi aí que a gente fez uma parceria. Eu trabalhei na frente da campanha para eleger o Carlos Moreira Junior e nós ganhamos a eleição na Federal. Aí eu assumi a Pró-Reitoria de Graduação, já com o acordo de desenhar um projeto educacional via perspectiva de montar alguma coisa que fosse diferente da universidade em que eu não acreditava. No início, esse projeto estava sendo elaborado para o Vale do Ribeira<sup>65</sup>, mas depois a região mudou e acabou sendo no Litoral do Paraná<sup>66</sup>, por uma questão de aproximações com as políticas que estavam começando, em primeiro de janeiro de dois mil e três, com o Governo Lula<sup>67</sup> e com o Governo Requião<sup>68</sup> no Estado do Paraná... É importante dizer que a região mudou, mas o projeto é o mesmo. E, então, eu vim para Matinhos para organizar o projeto.

E esse trabalho no Setor Litoral sempre foi altamente desafiador, porque ele era uma parceria, talvez seja mais correto dizer que ele era um protocolo de intenções entre Governo Federal, Governo Estadual, governos municipais e instituições de ensino. Inicialmente, essas instituições de ensino eram a Universidade Federal do Paraná, o Cefet-PR<sup>69</sup> – antes de ser UTFPR<sup>70</sup> – e a Fafipar<sup>71</sup>... Eram três instituições somadas. Então, no início, o desafio era muito grande, porque era preciso conseguir trabalhar com os três níveis de governo e as

---

<sup>63</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>64</sup> Carlos Augusto Moreira Júnior. Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi reitor da UFPR no período de 29/04/2002 a 03/04/2008 (SIQUEIRA, 2012, p. 269).

<sup>65</sup> O Vale do Ribeira paranaense é composto pelos seguintes municípios: Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná.

<sup>66</sup> O litoral paranaense é composto pelos seguintes municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

<sup>67</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil no período de 01/01/2003 a 31/12/2010.

<sup>68</sup> Roberto Requião de Mello e Silva foi governador do Estado do Paraná nos seguintes períodos: 15/03/1991 a 02/04/1994 e 01/01/2003 a 01/04/2010.

<sup>69</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>70</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

<sup>71</sup> Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – atual Campus de Paranaguá da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

diferentes culturas institucionais. Foi assim que nasceu a UFPR Litoral<sup>72</sup>. É preciso entender que a UFPR Litoral não é a UFPR... É um conjunto de arranjos que dá a UFPR Litoral, e ela tenta a institucionalização pela UFPR. Isso causa muita confusão! E para complicar, o Governo Requião a chamava de *Universidade no Litoral*, o nome que ele usava era *Universidade no Litoral*. No começo, isso era meio nebuloso, meio confuso...

Então, uma das complexidades do início do trabalho foi essa situação do interinstitucional e do intergovernamental. Outra dificuldade foi a seguinte: para começar o projeto, o Governo Federal liberaria os professores e os técnicos em Brasília. Era um pacote inicial de sessenta professores. Mas essas vagas demoraram para sair... E como nós já tínhamos realizado o vestibular em junho, as aulas iniciaram no dia primeiro de agosto de dois mil e cinco e os primeiros professores concursados só tiveram seus contratos assinados em dezembro daquele ano. Então, nós trabalhamos um semestre inteiro sem professores. Como eu estava na Pró-Reitoria de Graduação – eu conduzia a Pró-Reitoria e a Implantação do Projeto do Litoral –, nós conseguimos professores voluntários em Curitiba, da própria Federal, e eles vinham aqui cobrir as aulas daquele primeiro semestre. Então, o primeiro semestre foi um arranjo bem diferente. Mas isso não foi negativo, pois o fato de não ter professor dentro do arranjo pedagógico que dava os seus passos iniciais colocava o estudante em uma atividade de levantar problemas locais, realizar diagnósticos e propor soluções. Então, fugia do clássico, fugia daquela coisa de assistir o básico das matérias – que nós já não tínhamos na nossa estrutura. E, até hoje, a gente avalia que a ausência de professores naquele semestre foi um fato que ajudou a consolidar inicialmente a ideia pedagógica de trabalhar por projetos.

E quando os professores concursados chegaram, o desafio foi enorme – e este desafio perdura até hoje. Que desafio é esse? É o desafio de trabalhar a formação continuada dessa equipe de professores, para eles compreenderem a proposta pedagógica do Litoral<sup>73</sup>. Cada professor que chega aqui, zera tudo... Porque todos nós viemos de uma abordagem pedagógica tradicional e o projeto daqui está calcado em uma abordagem não diretiva e no campo do emancipatório. Então, nessa abordagem, o professor não trabalha no sentido de orientação, mas no

---

<sup>72</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>73</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

sentido de mediação. Os professores trabalham com os espaços reais, com os desafios que os estudantes constroem na busca de soluções – que podem vir de conhecimentos já elaborados ou de conhecimentos a serem elaborados. E essa formação do professor é um desafio muito grande. Nós, desde o início, para conseguirmos trabalhar esse arranjo pedagógico, sempre deixamos espaço para que os professores discutissem... E isso por *n* discussões que corriam por aí e por teorias já escritas de que você não tem professor para trabalhar nesse tipo de arranjo pedagógico e que, por isso, se deve trabalhar fortemente na formação continuada dos professores.

Levando isso em conta, nós optamos por três titulações de entrada no concurso para professores – isso quando quase todas as universidades já exigiam a entrada de professores com doutorado, partindo do princípio que o futuro professor primeiro estuda e depois atua como docente. Aqui, nós fizemos um caminho diferente: vinte e cinco por cento das vagas eram para professores que só tinham a graduação, cinquenta por cento das vagas para professores com mestrado e vinte e cinco por cento das vagas para professores com doutorado. A intenção era que esses professores aproveitassem o mestrado e o doutorado para estudar a ação docente na abordagem que nós estávamos propondo aqui... Além disso, nós incentivamos estudantes de pós-graduação de outras instituições a fazer teses sobre os nossos desafios, porque pensamos que essas teses nos ajudariam – e elas têm nos ajudado... Tem, inclusive, uma tese sobre a formação de professores para atuar na opção pedagógica do Litoral<sup>74</sup>.

E o concurso diferenciado só era possível porque havia uma Resolução específica para o Litoral... Tinha uma Resolução geral para os concursos da UFPR e tinha uma Resolução específica para concursos do Litoral. Essa Resolução durou quatro anos. Quando a Universidade começou a tradicionalizar – vou inventar essa palavra – ou tentar fazer que o projeto do Litoral se enquadrasse nas normas tradicionais, uma das primeiras coisas que eles fizeram foi desmanchar essa Resolução do CEPE<sup>75</sup>. E essa Resolução era diferenciada porque ela apontava a opção pedagógica, para que o professor tivesse noção do que seria atuar em um

---

<sup>74</sup> Trata-se da tese intitulada *Processo de Formação de Professores Universitários engajados no Currículo por Projetos da Proposta Integral de Educação Emancipatória da UFPR Litoral* – defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por Carolina Arantes Pereira, em dois mil e doze.

<sup>75</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

projeto tradicional e em um projeto pedagógico como o nosso – de educação emancipatória, de trabalho por projetos e coisas assim. Hoje, essa Resolução não existe mais e os professores entram pela Resolução convencional da UFPR. Mas, mesmo entrando pela Resolução convencional, é feito sempre um questionamento sobre o projeto na entrevista. Na prova escrita e na prova didática há pontos sobre as características da região litorânea paranaense e questões ligadas a uma abordagem pedagógica não diretiva, por projetos, interdisciplinar e com tendência no campo emancipatório. Então, a pessoa tem que estudar o projeto para entrar aqui.

Mas não foi só o concurso que mudou nesse tempo... No início, o Governo Federal ficou responsável pela contratação dos quadros e com essa parte do pedagógico... O Governo do Estado do Paraná ficou responsável pela infraestrutura... E, à medida que tivessem unidades nos municípios da região, as prefeituras ficavam responsáveis pelas contas de telefone, de água, de luz e pela segurança. Isso é o protocolo assinado... No entanto, essas relações começaram a ficar muito difíceis quando começaram a acontecer mudanças políticas... Desde que o Beto Richa<sup>76</sup> passou a ser governador do Paraná, o Governo do Estado nunca mais olhou para esse projeto. E a Prefeitura Municipal de Matinhos, com a mudança de prefeito, em dois mil e oito, também deixou de cumprir a sua parte. O atual prefeito de Matinhos tirou toda a parte da prefeitura – que era a luz, a água, o telefone, a limpeza e a segurança... Da noite para o dia, ele tirou tudo. E aí a UFPR foi assumindo tudo o que os outros foram deixando. Isso demonstra que essas parcerias, que esses protocolos são mais frágeis do que a vontade de um dirigente. Se o dirigente não quer saber, você pode ir cobrar na justiça, pode *fazer o cão* e não adianta nada!

Inclusive, nós estamos com um problema com a área do nosso Centro Cultural, onde funcionam os teatros, a dança e a música – com acesso grande da comunidade. Essa área do Centro Cultural era um Centro de Convenções todo depredado, abandonado. Nós recuperamos a área, mas ela é uma posse complicada, porque ela vem tanto do Ministério do Turismo como da Secretaria Estadual do Turismo, e parte do terreno é da Prefeitura e tem uma ONG<sup>77</sup> que foi criada pra gerir tudo isso. E qual é o problema? Agora a Prefeitura de Matinhos quer

---

<sup>76</sup> Carlos Alberto Richa é governador do Estado do Paraná desde 01/01/2011 (foi reeleito governador em dois mil e quatorze).

<sup>77</sup> Organização não governamental.

a área de volta para ela. No fundo, a Prefeitura de Matinhos, na gestão atual, não quer a Universidade aqui. O prefeito diz para todo mundo que a Universidade só incomoda. Eu digo que mais de cinco mil municípios gostariam de ter uma Federal dentro do município deles, mas o atual prefeito de Matinhos não quer a Universidade aqui... E o maior argumento dele é que antes ele tinha gente para trabalhar – ele é dono de todas as redes de mercado aqui – e agora ele não acha mais gente para trabalhar nos mercados. Então, imagine o quanto ele pagava de salário se o trabalhador deixa de trabalhar lá para ser aluno da Federal e receber uma bolsa. Isso é um ônus desses processos de regiões historicamente dominadas.

E as parcerias com as instituições de ensino também não funcionaram como nós pensamos... O Cefet desistiu de participar bem no começo, porque eles queriam a mudança para universidade, eles estavam buscando mudar de Cefet para UTFPR e aí decidiram sair do projeto. Eles tinham direito, inclusive, a vagas para professores, mas abriram mão, porque tinha que concursar aqui e essas vagas não poderiam sair daqui, não tinha como aproveitar essas vagas na estrutura deles. E a Fafipar abriu um curso de Pedagogia aqui, que permanece até hoje, apesar das dificuldades – porque com a mudança do governador, o Governo do Estado não bancou mais o deslocamento deles. Então, as parcerias foram se perdendo...

Mas o objetivo da UFPR Litoral não se perdeu... Esse arranjo, que é a UFPR Litoral, tem como objetivo, em um prazo hipotético de trinta anos, contribuir para mudar uma realidade de mais de três séculos. Há mais de três séculos, desde que deixou de existir a capitania de Paranaguá, essa região sempre foi considerada inviável. A Universidade Federal do Paraná ia completar cem anos em dois mil e doze – há um desencontro de dados, mas ela é considerada, por alguns, a universidade mais antiga do Brasil – e, em dois mil e dois, nós planejamos retomar a fundação da Universidade e o seu objetivo. A UFPR não foi fundada só para formar academicamente graduandos – que é o principal objetivo das universidades brasileiras –, ela foi fundada com o objetivo principal de constituir e consolidar culturalmente o Estado do Paraná, de forma similar às universidades americanas após a independência daquele País. O Estado do Paraná tinha sido emancipado em mil oitocentos e cinquenta e três e, na sequência, foi só perdendo recursos, sendo que o Contestado<sup>78</sup> foi a gota d'água. Foi aí que alguns intelectuais resolveram

---

<sup>78</sup> De acordo com Wachowicz (2006), desde o Século XVIII havia controvérsias sobre as fronteiras das capitanias de São Paulo e de Santa Catarina. Em 1853, o Paraná se emancipou e herdou,

fundar uma Universidade para dar uma identidade cultural para a política e para o povo paranaense – situação que até hoje ainda não se consolidou.

Em dois mil e dois, nós começamos a planejar o centenário da Federal e pensamos em um projeto que marcasse a história do Estado do Paraná para comemorar os cem anos da UFPR. Esse projeto ia ser no Vale do Ribeira, um projeto pedagógico diferenciado. Mas, como já falei, o arranjo político fez com que o projeto viesse para o litoral. E como o projeto tem uma necessidade de um prazo hipotético de trinta anos, para fazer um povo desacreditado passar a acreditar em si mesmo, nós fizemos a opção pelo campo da educação emancipatória e interdisciplinar – porque quando você faz um projeto universitário por cursos, você cai na lógica do corporativismo, de cada profissão, e você forma pessoas que vão trabalhar em qualquer lugar... As pessoas não se envolvem, necessariamente, com os problemas da região. Elas se envolvem com os problemas do curso delas e ao que aquele curso se destina. Então, por isso, se optou pelo interdisciplinar. E optamos por trabalhar por projetos – tem uma pesquisa sobre os projetos<sup>79</sup>, porque cada vez que se fala sobre projetos é uma coisa muito aberta, tem centenas de opções de trabalhar por projetos.

No nosso caso, trabalhar por projetos significa que cada morador do litoral, cada aluno, tem um desafio. Então, primeiro o aluno constrói um desafio onde exista alguma possibilidade de ajudar a região onde ele mora e, depois, ele vai estudar, buscando conhecimento e o desenvolvimento desse projeto para dar uma resposta para as demandas regionais – mesmo antes do aluno se formar. Por isso, os nossos estudantes são muito ligados à realidade. O nosso projeto é no espaço real o tempo todo. E os alunos se identificam com a região... E o palavreado do senso comum da população dessa região é: “Se a temporada for boa, esse ano é bom... Se a

---

também, a briga com Santa Catarina pelo território existente entre os rios Negros, Iguaçu e Uruguai – território que ficou conhecido como *Contestado*. No início do Século XX, Santa Catarina entrou com uma ação, no Supremo Tribunal Federal, reivindicando o território do Contestado e, em 1904, ganhou a ação. O Paraná recorreu, mas, em 1909, o Supremo Tribunal Federal reafirmou a vitória de Santa Catarina. Assim, o Paraná perdeu 48000 Km<sup>2</sup> do seu território. No entanto, alguns latifundiários, comerciantes e políticos paranaenses – descontentes com a decisão judicial – se uniram e organizaram a *Junta Provisória do Estado das Missões* a fim de criar o *Estado das Missões* no território do Contestado. Essa Junta Provisória, que contava com o apoio do governo paranaense, acabou convencendo o Governo de Santa Catarina a fazer um acordo com o Governo do Paraná. Tal acordo aconteceu em 1916 e estabeleceu que Santa Catarina ficaria com 28000 Km<sup>2</sup> e o Paraná com 20000 Km<sup>2</sup> do território em disputa. Mais informações sobre o Contestado podem ser encontradas em Wachowicz (2006, 2010).

<sup>79</sup> Trata-se da dissertação intitulada *Currículo por Projetos: Inovação do ensinar e aprender na Educação Superior* – defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por Elize Keller Franco, em dois mil e oito.

temporada não for boa, o ano não é bom.”... E daí se espera o outro ano!... E o Governo faz a mesma coisa! Aqui no litoral tem política pública do Natal ao Carnaval, os outros dez meses do ano é só abandono. Então, o nosso projeto pedagógico foi desenhado para esta condição, para essa população predominantemente nativa, que sofre diferentes tipos de exclusão. O projeto da UFPR Litoral tenta mudar isso que já é um ciclo de séculos. E, para isso, nós pensamos em trabalhar com três espaços: PA – Projetos de Aprendizagem; ICH – Interações Culturais e Humanísticas; e FTP – Fundamentos Teórico-Práticos.

Os Projetos de Aprendizagem, como ferramenta no arranjo pedagógico, têm em vista que o sujeito tem um desejo, a partir da visão de mundo dele, de intervir na realidade em que ele vive. Então, o Projeto de Aprendizagem é por onde nós arrancamos, é por onde nós começamos... O estudante pode fazer o Projeto de Aprendizagem que ele quiser. Então, o Projeto de Aprendizagem nada mais é que um sonho transformado em um arranjo educacional. A gente pergunta: “O que você faria diferente, se você pudesse, no cotidiano da tua vida?”... “O que você vê como potencialidade e você gostaria de desenvolver?”... “O que você vê como um empecilho na região e que, se você pudesse, você atuaria para superar esse empecilho?”... Ou seja, é o que todo mundo fala, mas que ninguém atua sobre aquilo. Então, isso tudo é posto dentro do PA da pessoa. É assim: “Faça um projeto para aprender a resolver isso que você está querendo resolver!”.

E para não se tornar uma coisa egocêntrica – narcisista, como um sonho – é feito um segundo movimento, mas daí em relação ao social. É aí que entram as Interações Culturais e Humanísticas. Tudo isso está no espaço real de contradições, de disputas, de ausências de políticas públicas, de potencialidades... E nas Interações Culturais e Humanísticas o estudante tem a possibilidade de enxergar tudo em movimento, com o desejo dele de fazer alguma coisa – seja para resolver um problema ou para desenvolver uma potencialidade.

E para que essas duas coisas – PA e ICH – aconteçam não apenas pela vontade e pela percepção do estudante, é preciso trabalhar com o conhecimento elaborado e aí entram os FTP. Mas nos Fundamentos Teórico-Práticos acontece o contrário do que acontece na abordagem tradicional. No tradicional você começa pelos fundamentos sem saber onde que você vai aplicar a teoria e é o professor que diz: “Isso aqui vocês vão usar muito, a profissão usa muito.”... Mas o cara, geralmente, não consegue enxergar onde ele vai usar aqueles conhecimentos. Aqui,



nos FTP, nós primeiro fazemos o estudante fazer perguntas e enxergar ele participando naquilo para depois ele buscar conhecimento – não necessariamente de uma forma encadeada, às vezes acontece tudo ao mesmo tempo, mas sempre tem um sentido.

Isso vem da teoria que diz que a educação é um processo através do qual a gente aprende a agir no mundo. Quem ensina você a agir no mundo é a família e depois é a escola. E dentro da escola, depois, acontece a profissionalização. Você escolhe um determinado campo, que tem uma necessidade social, mas você vai fazendo as coisas em função de um mercado de trabalho. E assim você aprende a agir no mundo como se você fosse uma máquina. Alguém diz: “Preciso de carregador de caminhão.”... E alguém responde: “Vamos fabricar um carregador de caminhão.”... E assim vai: “Preciso de um professor, então vou fabricar um professor.”... “Eu preciso de um médico, então vamos fabricar um médico.”... E isso chega a tal ponto que as universidades fazem levantamento das necessidades sociais para oferecer cursos para a sociedade e daí todo mundo sai encaixotado da universidade. E os candidatos, os futuros alunos, escolhem os cursos em função de poucas informações. A grande maioria dos alunos escolhe o curso pela remuneração, pelo prestígio social... Essa é a educação no sentido capitalista. Quando você aprende a agir no mundo já tem a intencionalidade do pai e da mãe, mesmo que dissimulada, ou tem uma necessidade social que te atrai. E isso não tem nada de emancipatório! Isso é escravo, é escravo intelectual, que é diferente do escravo braçal. No sistema tradicional a educação é um processo através do qual a pessoa aprende a agir no mundo – e aí vira escravo. Já a educação no sentido emancipatório diz que a pessoa precisa se compreender e, para isso, compreender o mundo. Então, educação é um processo através do qual eu me compreendo, compreendendo o mundo para daí agir no mundo. É isso que explica o nosso pedagógico. Quer dizer, o ato de eu me compreender compreendendo o mundo é o arranjo dos PA com as ICH. Enquanto isso, pela abordagem tradicional tenta-se dar a leitura de mundo para o sujeito através da Sociologia e da Filosofia e não se consegue porque elas são conteúdo, igual a todos os outros – não é vivência! Aí o professor fica falando e o aluno vê aquilo como conteúdo e pergunta: “Para que eu preciso desse conteúdo para atuar como médico?”... Porque ele parte do princípio que ele vai para uma coisa já pronta, ele não percebe o movimento.

No nosso caso, a fronteira entre os cursos é muito tênue. Na maior parte do tempo nós não temos os estudantes dentro do seu curso. Nós temos as carreiras porque para legalizar nós tivemos que pôr as carreiras, foi só exigência de legislação... Se dependesse de nós, os estudantes circulariam muito mais. Mas, mesmo com as carreiras, durante trinta ou quarenta por cento do tempo não tem divisão entre os cursos, porque os Projetos de Aprendizagem e as Interações Culturais e Humanísticas permitem que os alunos não fiquem separados por cursos. Nas ICH você não precisa seguir nada do teu curso! E os PA você faz com quem você quiser – pode ser feito em dupla e não precisam ser os dois do mesmo curso. Mas, na prática, você vê dois estudantes do mesmo curso fazendo PA junto... Daí você pergunta: “Por que você fez o PA com um aluno do teu curso? Por que não procurou fazer, por exemplo, com um aluno de Gestão Ambiental ou de Turismo? Se tivessem trabalhado juntos, poderiam ter chegado a dois conhecimentos.”... E o aluno responde: “Ah... Porque o professor prefere que sejam os dois alunos do mesmo curso.”... E por que o professor prefere isso? Porque ele é disciplinado! E daí qualquer coisa que fuja do caminho que ele segue, ele procura evitar. Ele tende a puxar o aluno para a especialização o tempo inteiro... Então, isso conflita com o professor especializado, porque ele tende a reduzir o *conhecer o mundo* e o *se conhecer no mundo* para *agir no mundo* sob o filtro da profissão. Mas não deveria ser sob o filtro da profissão... A profissão naturalmente vai se construindo nesse espaço... A Licenciatura em Ciências é um dos cursos que mais avança nesse aspecto porque ela tem uma equipe de professores interdisciplinar. Isso não é forçado. Acho que isso acontece porque Ciências é um arranjo da Física, da Química e da Biologia – para mim, até da Matemática, embora os matemáticos se considerem seres um pouco diferentes.

Você compreendeu isso dos espaços? Essa é a parte essencial!... O cara pergunta: “Mas por que ICH?”... E eu digo: “Porque se você não tiver interação social e humanística, você só tem a leitura do capitalismo e você não tem o mundo real. Como você vai trabalhar a questão do docente hoje sem viver em uma escola?”... E, por mim, já teria uma regra aqui: “Não pode ter ICH sem a presença da comunidade.”... Mas, quando a gente rompe com o pedagógico tradicional, tudo soa como imposição... No entanto, tudo o que é do pedagógico tradicional não é imposição, é o *status quo*... Enfim... Os professores que apoiam o projeto envolvem a comunidade nas ICH... E os professores do outro extremo, os professores que têm

dificuldade de entender o projeto, dão um jeito de isolar as atividades e, às vezes, não deixam nem alunos de outros cursos participarem das ICH que eles medeiam – eles reduzem as atividades para dentro da profissão. Aí você diz: “É óbvio que o cara não entendeu o projeto pedagógico ou está fazendo uma disputa ideológica!”... Só pode ser uma dessas possibilidades...

Você quer saber como eu trabalho nos três espaços... Vou começar falando das Interações Culturais e Humanísticas... Nas ICH eu já trabalhei com as temáticas que os estudantes puxaram: música, teatro, história... Há um tempo estava na moda o *Contestado*. O que significou o Contestado para a constituição do Paraná e de Santa Catarina? Quais os impactos do Contestado na constituição da Universidade Federal do Paraná? Então, nós formamos um grupo e discutimos o Contestado. Vieram historiadores do lado de Santa Catarina e do lado do Paraná. Fizemos rodas de conversa... Normalmente, nós fazemos atividades em que se criam similaridades com a época estudada. Nesse caso, a gente discutia ao redor de fogueira, como se a gente estivesse na época do Contestado. E os professores, historiadores ou pessoas da comunidade iam contando histórias. Esse é um tipo de arranjo.

O outro tipo de arranjo se dá porque a identidade dos moradores do litoral é muito frágil, porque ela já nasce negativa. Como em quase todas as regiões do mundo, a pior região sempre é aquela que o cara nasce, né?! É muito difícil encontrar um sujeito com orgulho de ser de algum lugar – a não ser depois de um evento histórico tipo guerra, independência... Mas é comum o cidadão achar que o local de origem dele é um local secundário em relação aos outros locais. Aí para tentar resgatar a identidade dos estudantes pelas ICH eu fiz assim: peguei os alunos de Antonina que queriam estudar a constituição do município para poder propor coisas a partir das legislações locais e fomos estudar Antonina. Era um grupo de quarenta alunos, com gente de todos os cursos. Foi o *Anton/ICH*: ICH antoninense... Pessoas de Antonina estudando Antonina, independente da profissão. E aí você traz a cultura de uma forma geral, a saúde, o transporte, a educação, a política pública, os ciclos de desenvolvimento. E cada um vai contribuindo com o que sabe... E nós vamos trazendo pessoas, que os alunos conhecem como referência nos assuntos, para conversar com a gente. Isso era feito nas quartas-feiras à noite, em um espaço em que não precisávamos nos deslocar, e era complementado por alguns sábados e domingos para que a gente pudesse ir a campo na comunidade. Nessa atividade de ICH um aluno perguntou: “Como se dá a captação e o abastecimento de água em

Antonina?”... E ele perguntou isso porque teve o problema com a enchente em dois mil e onze<sup>80</sup>... Então, a partir dessa pergunta, nós fizemos o circuito das águas em Antonina: em um sábado, nós fomos desde a captação da água até o esgoto – visitando, caminhando a pé com a turma e com alguém da cidade falando, explicando. O que nós concluímos com essa atividade: não tem saneamento em Antonina, é tudo jogado na baía. Pouca gente sabe disso! Os alunos se formam aqui ou se formam em qualquer lugar em Curitiba, no sistema tradicional, e não sabem, por exemplo, que a maior carência que existe no município de Antonina se chama saneamento.

E esse mesmo modelo de ICH está sendo feito agora em Guaratuba, em Pontal do Paraná e em Paranaguá. Eu estou mediando a atividade de ICH de Paranaguá, que tem cento e cinquenta alunos participando. E é a mesma coisa: nas quartas e em alguns sábados. Teve um sábado que nós visitamos Paranaguá com um professor de História, bem conhecido no Ensino Médio de Paranaguá. Essa atividade de ICH se chama BagrICH, porque os moradores de Paranaguá são conhecidos como *bagrinho* – esses nomes das ICH os alunos vão arrumando e quase sempre tem ICH no meio do nome: PoetICH, AntonICH, BagrICH... Então, no BagrICH nós visitamos o centro histórico de Paranaguá e o professor ia levantando vários aspectos que constituíram a cidade e a cultura parananguara – e que influenciam a vida dos moradores até hoje. É impressionante! Os estudantes diziam assim: “Nossa! Eu moro aqui e não sabia disso”... Então, as ICH vão se constituindo de acordo com o interesse dos estudantes e com pertencimento a aquilo que eles estão fazendo...

E nesse trabalho com as ICH, a gente trabalha bastante com grupos fechados no *Facebook*<sup>81</sup>... Então, por exemplo, tem o Grupo do BagrICH e todos os membros estão cadastrados no grupo e a gente se comunica pelo *Facebook*. Os alunos vão postando as fotos das atividades nesse grupo... Alguns deles postaram fotos da visita em Paranaguá: tem fotos do primeiro sistema de água do Paraná – que é do século dezessete e durou duzentos anos –, tem fotos da Igreja de São Benedito dos Negros, fotos das calçadas altas – eram altas por causa do lamaçal que existia antes das ruas serem calçadas –, fotos de uma casa que é da

---

<sup>80</sup> Em março de dois mil e onze, o litoral foi atingido por fortes chuvas, que ocasionaram enchentes e deixaram mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

<sup>81</sup> Rede social. Nesse *site* é possível compartilhar mensagens, fotos e vídeos com outras pessoas que também tenham conta no *Facebook*.

Universidade Estadual do Paraná, bem na zona histórica, e que está abandonada, com os vidros todos quebrados... Tudo vai ficando ali no grupo. Ah! Tem uma coisa interessante que percebemos nessa visita: enquanto nós estávamos caminhando em Paranaguá, o ônibus de turismo passou várias vezes por nós e em nenhuma vez tinha gente no ônibus. Então, tem uma política pública, mas não tem nada que dê apoio a ela... Tem a logística, mas não tem nenhuma ação sobre isso... Então, esse arranjo de ICH acontece nesses movimentos...

E nos Projetos de Aprendizagem eu só pego estudante que é problema. Eu não entro naquela cota dos professores, que cada professor deveria ter dezoito mediandos – é a relação de vagas do Ministério da Educação: um professor para cada dezoito estudantes. E como eu trabalhei por vários anos na Federal lidando com dificuldades de aprendizagem e dificuldades de caminhada de estudantes, eu faço disso um desafio de aprendizagem meu. Então, eu tenho como mediandos, invariavelmente, os caras que ninguém quer mediar. E aí eu faço uma caminhada com eles: eu tento fazer cada um deles buscar o que ele quer e alguma coisa ele vai querer, por mais estapafúrdia que seja. E daquilo que ele propuser, eu vou levando, eu vou mediando... E a pergunta é sempre respondida por ele, eu nunca induzo. Tem situações em que o PA está relacionado às ICH, então fica mais fácil, porque se somam essas duas coisas. Mas nem sempre eles estão interligados... E, mesmo com diferentes graus de dificuldade, todos os alunos que eu medie concluíram os seus cursos.

E nos módulos de FTP eu atuo onde falta professor e onde eu tenho algum pertencimento à área. Isso porque o módulo não é do especialista, não tem um professor contratado para cada módulo. Aqui o professor é um mediador, ele não é orientador. O orientador orienta, partindo do princípio que ele sabe, ele dá um conteúdo para o aluno chegar onde ele quer. O professor mediador é diferente: eu não educo você e você não me educa, nós nos educamos uns com os outros mediatizados por temas que nos envolvem. Então, cabe a mim, nos FTP, abordar conhecimentos para dar conta daquele módulo e trazer pessoas para falar do assunto, ele não é por *transmissão*. Mas acontece de você ver um monte de professores dando aula do conteúdo específico: se o assunto é “não sei o que do gafanhoto”, o professor dá aula de “não sei o que do gafanhoto”... São as carências de um projeto como esse... Acontece...

Ah! Outra coisa... Eu já mediei módulos de FTP em quase todos os campos aqui e nunca atuei sozinho durante o semestre. Acontece assim: eu te conheço e você diz “A área que eu mais estudei é isso aqui.”, e isso que você estudou é uma demanda do arranjo que está acontecendo lá no espaço dos FTP, então eu pergunto “Você se proporia a ir tal dia falar sobre isso?”... Se você aceitar, os estudantes vão construindo as perguntas comigo... E, quando você chega à sala, você é a pessoa especializada naquele assunto. Você não é a professora! E aí você vai responder as perguntas deles... Na cognição, a pessoa só aprende quando ela tem uma pergunta. Por isso que você tem que fazer prova depois. Mas, se você não tivesse o projeto pedagógico tradicional, bastava questionar: “Você tem ainda alguma pergunta?”... Se o aluno não tivesse nenhuma pergunta, ele já tinha aprendido... Eu atuo dessa forma, mediando e trazendo pessoas especialistas para conversar com os alunos e para responder as perguntas deles. Atualmente, eu estou trabalhando com o curso de Turismo, porque eles tinham uma dificuldade muito grande de concluir trabalhos. Então, eu estou atuando com as três turmas em metodologias – para que eles deem conta das pesquisas e das inserções na comunidade...

Como professor, como mediador, o meu trabalho se dá desse jeito que eu contei... E o meu trabalho na gestão da UFPR Litoral... Bom... O trabalho de gestão está dividido entre o Renato<sup>82</sup>, o Douglas<sup>83</sup> e eu. O Renato fica com toda a parte administrativa, no aspecto político da Reitoria. Eu não lido mais com isso, porque o Zaki<sup>84</sup> era meu colega, foi pró-reitor de Planejamento e Orçamento... Daí eu digo: “Não vou lá para não brigar com o Zaki.”... Esse cara fez uma tese de doutorado, da área de Administração de Empresas, sobre “o case de sucesso das Lojas Magazine Luiza”<sup>85</sup>... Não dá para discutir Educação com ele, né?! Até poderia discutir, porque, na época em que ele era pró-reitor, ele discutia... Mas depois que ele se elegeu Reitor ele não discute mais isso. Ele diz assim: “Eu não sei o que vocês ficam falando essas bobagens de educação emancipatória, tudo é emancipatório na

---

<sup>82</sup> Renato Bochicchio. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR. Foi vice-diretor do Setor Litoral na *Gestão 2012-2016*, e assumiu a direção do Setor Litoral na *Gestão 2016-2020*.

<sup>83</sup> Douglas Ortiz Hamermuller. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Servidor Técnico Administrativo do Setor Litoral da UFPR.

<sup>84</sup> Zaki Akel Sobrinho. Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Reitor da UFPR desde 19/12/2008 (foi reeleito reitor em dois mil e doze).

<sup>85</sup> Trata-se da tese intitulada *Orientação para o mercado de trabalho: Uma proposta teórica e um estudo de caso no varejo brasileiro* e defendida na Universidade de São Paulo (USP) em dois mil.

educação.”... E eu respondo: “Aham... Dá para conversar com você assim...”. E tem outra coisa: hoje a pessoa que manda no ensino da UFPR é uma pessoa que se aposentou antes da LDB<sup>86</sup>. Ela se aposentou em mil novecentos e noventa e quatro e a LDB atual é de mil novecentos e noventa e seis. E o reitor trouxe essa pessoa de volta... Então, ela quer que o nosso projeto seja apresentado na ficha número um e na ficha número dois, aquelas fichas antigas... Eu digo: “Não dá nem para começar a conversar com essa mulher!”... E ela é uma autoridade!... É a mesma coisa que acontecia com a Escola da Ponte, em Portugal. Perguntam para o Pacheco<sup>87</sup>: “O Ministério aceitava o trabalho de vocês na Escola da Ponte?”. E o Pacheco diz: “Não! Nós falávamos uma coisa para eles e fazíamos outra coisa.”... E é assim que funciona. Às vezes, nós temos que fazer de conta que estamos fazendo o que eles querem para poder continuar funcionando aqui. Daí eu não me envolvo mais com essas coisas da Reitoria... É o Renato que faz essa parte da relação com a Reitoria. E o Douglas toca a parte pedagógica aqui... Enquanto isso, eu fico achando algumas brechas para a nossa sobrevivência dentro das condições que estão no projeto no aspecto legal... E eu também faço as relações com as partes externas, eu cuido do conjunto das interações institucionais.

E é bom que se diga: antes, tudo aqui era definido pelo coletivo. Tudo era um colegiado, era um assembleiã que não tinha paridade qualificada – não era como nas outras universidades: setenta por cento para os professores e trinta por cento para os estudantes e os técnicos. Era paridade total. Tudo era discutido em assembleia... E se formava muito mais gente nesse espaço do que nos outros espaços da universidade... Mas a UFPR derrubou isso... Então, hoje a gestão é feita pelo sistema tradicional da Universidade: os professores que mandam – e se tiver qualquer discordância em relação ao que os professores pensam, eles metem o trator em cima dos alunos e dos técnicos e passam o que eles querem. Eu chamo isso de educação diretiva...

E é difícil trabalhar assim, porque é a gestão institucional de um projeto tradicional, altamente conservador, de uma gestão inflexível, com legislações de antes do Golpe Militar. O Regimento do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná é de mil novecentos e cinquenta e três. É de antes da ditadura! E

---

<sup>86</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei n. 9394/96).

<sup>87</sup> José Pacheco. Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Portugal). Idealizador da Escola da Ponte (Portugal).

eles nos obrigam a seguir isso. Um projeto pedagógico como este do Setor Litoral, com esse grau de ousadia, tem que ser um projeto piloto inicialmente – nós nos consideramos um projeto piloto – mas, mais do que isso, ele tem que se abrigar em um espaço que não o submeta ao modelo tradicional. Qual o sentido de criar o novo? Você começa uma coisa nova em uma universidade para tentar um caminho diferente e esse projeto novo vai ousar para depois a gente ver o que pode ser aplicado. Foi isso que nós escrevemos na nossa gestão. Era para ser um projeto que ia influenciar a UFPR em dois mil e doze – que foi o ano do centenário... O que avançasse bastante a gente veria se ia incorporar... Mas o projeto não foi entendido dessa forma e eles passaram a tentar enquadrar este projeto no tradicional.

E eles vão fazendo isso progressivamente... Por exemplo: “Nós aceitamos o projeto pedagógico de vocês. Ele é interessante, é curioso, o pessoal elogia. Mas não há como incluir vocês no sistema de informática. Não tem como emitir um histórico escolar dos alunos do Setor Litoral, porque a UFPR trabalha com notas de zero a dez e vocês trabalham com conceito<sup>88</sup>...” Os conceitos! Então, veja, o programa de informática da UFPR, que tem zilhões de gente trabalhando com informática, condiciona o trabalho pedagógico... O que nós fizemos? Desenvolvemos um sistema de informática aqui, que tenta fazer as pontes para acoplar os dados no sistema de informática da UFPR. Quer outro exemplo? O sistema de transporte... Quando você trabalha no real, você precisa de uma autonomia muito grande com a frota de veículos. Isso porque depende de muitas coisas... Se você programa uma atividade para a semana que vem e acontece um temporal, você tem que mudar a data. O que eles fizeram? Eles nos anexaram no sistema geral de transportes e agora é um pró-reitor da UFPR que nos autoriza a sair com um veículo. Mas, como a Federal trabalha com outras condições, se eles agendam uma visita técnica e acontece algum problema, eles cancelam a visita e, se der, um dia eles fazem essa visita. Aqui não é assim! Se nós marcamos uma atividade, nós temos que fazer essa atividade. Mas, agora, para solicitar um veículo, você precisa de, no mínimo, três dias de antecedência e dependendo da atividade o prazo aumenta para dez dias de antecedência. Então, é isso: agora é um pró-reitor que autoriza as nossas visitas e as nossas viagens. Isso engessou tudo! Além disso, nós precisamos de biblioteca porque o aluno é instigado a pesquisar para responder a pergunta dele do Projeto de

---

<sup>88</sup> Os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).



Aprendizagem... Nós tínhamos a maior equipe de biblioteca da Federal, porque tinha uma base de biblioteca volante ou fixa em cada município do litoral do Paraná. O que eles fizeram? Centralizaram a biblioteca aqui em Matinhos, porque daí não precisa daquele monte de bibliotecários. Então, essas coisas todas foram mudando com o passar do tempo... Veja: nós temos um projeto diferenciado aqui, mas eles aplicam as medidas do projeto tradicional sobre nós. E aí o que aconteceu? Virou tensão! Mas nós resistimos. Não tem problema! Hoje em dia, este projeto tem tanta sustentação que se ele acabar amanhã cedo por decreto, em um ano ele ressurgirá.

Então, o que eu mudaria no projeto hoje? Ahhh!... Essa pergunta... Bom... Não tem como começar um projeto como esse sem uma equipe mínima de professores. Não dá para partir do princípio que eles vão entrar por concurso público e daí você vai constituir a equipe. Eu digo o seguinte: você muda todos os alunos que você conseguir fazer enxergar que tem uma proposta boa para eles se inserirem socialmente, mas professor você não consegue mudar tão fácil assim. O professor que vem de uma abordagem tradicional convicta e que não teve experiências que o fizeram pôr em questão essa abordagem, ele é muito difícil de mudar. Então, nós temos sofrido muito aqui com alguns professores e eles também sofrem por não se proporem a ousar em alternativas pedagógicas diferenciadas. No entanto, a primeira coisa que o professor faz, quando ele estabiliza, é questionar o pedagógico. Ele diz: "ICH não funciona, PA não funciona."... E eu digo: "Então, me fale um pouquinho teoricamente disso."... E ele responde: "Não funciona, dá para ver que não funciona."... Eu insisto: "Mas diga alguma coisa!"... E ele não diz nada! Você nunca sabe o motivo do *não funciona*. Então, eu digo que é preciso ter uma equipe mínima de professores... Essa equipe pode ser feita por redistribuição de vagas... Você pode juntar professores da mesma carreira, de vários lugares, que queiram trabalhar em uma proposta diferenciada. Porque em uma proposta assim, o professor tem que querer trabalhar. Se ele não quiser, não dá certo. Mesmo que ele tenha uma proximidade pedagógica, mas se ele está em outro momento da vida, não dá certo. Porque aqui você está o tempo inteiro no real com os alunos... Por exemplo: sábado eu estava lá em Paranaguá, debaixo de chuva, com os estudantes; domingo fui para Curitiba; hoje, segunda-feira, eu estou aqui em Matinhos; amanhã vou para o oeste de Santa Catarina; sexta-feira eu tenho aula, sábado eu tenho aula... E esse é o modo de vida aqui. Então, se o cara não tem como opção esse modo de vida, nesse projeto ele não vai dar certo. Eu digo que é muito fácil ser professor hoje, é

extremamente fácil – basta saber uma área de conhecimento, ter um horário e um salário. Isso para ser professor... Agora, para trabalhar a educação precisa ser muito mais do que isso! E eu não acho que seja um sacrifício... Pelo contrário! Aqui foi o lugar que eu vivi melhor em toda a minha vida. Eu passei trinta anos dentro da Universidade Federal do Paraná tentando fazer duas ou três coisinhas – e o tempo inteiro eu via as pessoas querendo cuidar só da vida delas e você não conseguia reunir quatro ou cinco pessoas para discutir educação. Aqui é diferente! Então, a primeira coisa que eu mudaria seria a formação inicial da equipe para começar o projeto. Não tenho dúvida nenhuma nisso! É preciso ter uma equipe mínima, com experiência na ideia pedagógica do PPP, para iniciar a implantação de um projeto educacional.

A segunda coisa necessária é ter uma segurança maior do ponto de vista dos instrumentos legais das parcerias. Não pode deixar que aconteçam coisas do tipo: muda o prefeito do município, o cara acaba a parceria e te deixa na mão. Isso aconteceu aqui! Se nós não tivéssemos estrutura, o prefeito tinha acabado com isso aqui. Ele tirou a equipe de segurança e de limpeza de manhã cedo, sem avisar no dia anterior... Tanto é que nós fomos avisados de manhã pelas zeladoras, que ligaram dizendo: “Nós estamos proibidas de ir aí!”. Ele fez isso para fechar a Universidade. Mas, em dois dias, nós nos organizamos e conseguimos, com a ajuda de Brasília, recolocar pessoas nessas áreas. Então, se o projeto vai ter parcerias, elas precisam ter instrumentos mais sólidos. É importante que seja uma política pública, porque daí pode mudar o dirigente e a parceria vai continuar garantida. É importante que o projeto não sofra o solavanco da mudança dos dirigentes... Quando é política pública, o novo dirigente pode ser do contra, mas ele vai ter que executar aquilo que foi combinado. No nosso caso, essas parcerias eram muito mais um ato de cooperação para desenvolver uma região... Então, quando mudou o governador, o Estado se retirou. Quando mudou o reitor da Federal, ele começou a interferir direto, porque ele não concorda com o tipo de trabalho que nós fazemos. E isso porque metade da UFPR funciona com curso de especialização pago, então nós somos um péssimo exemplo para a Universidade porque aqui os cursos de especialização são gratuitos... Outra coisa que incomoda: os estudantes começam a pressionar o resto da UFPR para ter alguns movimentos pedagógicos semelhantes aos que nós fazemos aqui no Setor Litoral... E os estudantes de Curitiba ficam importunando eles nas reuniões que acontecem lá em Curitiba. E olha que nós nem

contamos muito para eles como nós funcionamos... Quando eu era pró-reitor da Graduação, o projeto do Litoral era muito comentado, porque ele era um projeto DA Reitoria. Hoje em dia, esse projeto tem que ser conduzido como um projeto que precisa ficar negociando tudo com a Reitoria – seja convencendo eles de alguma coisa ou se submetendo a pressões descabidas. Então, o arranjo legal precisa ser mais forte. Mas não mais forte no sentido que eles querem... Porque daí eles vão dizer o seguinte: “Vocês não obedecem nenhuma lei!”... E eu digo: “Nós não obedecemos mesmo, pois se a gente for obedecer as leis de vocês nós não vamos ter o pedagógico diferente.”...

E eu acho que a outra coisa é que o projeto deveria ter começado com uma carreira docente mais definida – diante do que significa a titulação no salário, os prazos para sair... Porque os professores entravam só com a graduação ou o mestrado e alguns ficavam loucos para estudar qualquer coisa. E a ideia não era essa! Era para entrar só com graduação ou com mestrado para estudar a temática local e trazer conhecimentos para essa área de desenvolvimento do projeto pedagógico. Mas, hoje, quem traz contribuições para o nosso desenvolvimento pedagógico são os estudantes de fora, de outras instituições, que vêm estudar o nosso projeto. Mas os professores daqui? O primeiro que está estudando algo do projeto é o Emerson<sup>89</sup>, que está concluindo o doutorado... E o segundo é o Rodrigo<sup>90</sup>, que está começando o doutorado dele em que ele vai estudar as ICH. Ou seja, esses dois professores e alguns outros, com pesquisas mais pontuais, tornaram-se exceções em relação à ideia inicial de formação continuada da equipe.

E eu finalizo dizendo: é muito difícil trabalhar com um projeto diferenciado, como o projeto da UFPR Litoral, em uma universidade tradicional, porque – em algum momento – as pessoas começam a submetê-lo ao projeto tradicional da universidade. E aí começam as tensões! Nós temos brigado muito para que o projeto da UFPR Litoral continue existindo...

---

<sup>89</sup> Na data da entrevista, o professor Emerson Joucoski cursava o quarto ano do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>90</sup> Na data da entrevista, o professor Rodrigo Rosi Mengarelli cursava o primeiro ano do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 3 – EMERSON

Nome completo do colaborador: Emerson Joucoski

Data e local de nascimento: 31 de outubro de 1972, Curitiba (PR)

Data da entrevista: 20 de outubro de 2014

Sou curitibano e estudei em Curitiba até o meu mestrado... Eu estudei na Escola Imaculada Conceição até a oitava série<sup>91</sup> do Primeiro Grau<sup>92</sup> e fiz Curso Técnico em Processamento de Dados no Colégio Opet no Segundo Grau<sup>93</sup>. Depois, eu fui para o Exército... Quando eu saí de lá, entrei em um cursinho... E prestei vestibular para Engenharia Mecânica, mas não passei... Daí, em mil novecentos e noventa e um, eu passei em Matemática na PUC-PR<sup>94</sup>. Comecei esse curso e também comecei a trabalhar lecionando aulas particulares. Mas quando eu estava no segundo ano de Matemática, eu fiz vestibular para Física na Universidade Federal do Paraná e passei. Daí eu não terminei Matemática, fiz só dois anos do curso... Mas terminei Física e sou Bacharel em Física. Nessa época, eu lecionei em cursinho – era interessante financeiramente, mas eu não gostava disso educacionalmente.

Aí, em dois mil, eu voltei a estudar. Fiz o Mestrado em Física na UFPR<sup>95</sup>, onde trabalhei com Física Quântica, Física Teórica na área de computação de alto desempenho. Terminei o mestrado em dois mil e dois e voltei a lecionar em cursinho, em escolas e em universidades. Depois, em dois mil e cinco, comecei a fazer um Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, na área de Filosofia da Ciência – Epistemologia e Lógica – na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação dos professores Newton da Costa<sup>96</sup> e Décio Krause<sup>97</sup> e a co-orientação do Adonai<sup>98</sup>. Mas, em dois mil e seis, eu assumi o meu concurso aqui na UFPR

---

<sup>91</sup> Corresponde, atualmente, ao nono ano do Ensino Fundamental.

<sup>92</sup> Corresponde ao atual Ensino Fundamental.

<sup>93</sup> Corresponde ao atual Ensino Médio.

<sup>94</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>95</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>96</sup> Newton Carneiro Affonso da Costa. Doutor em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>97</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>98</sup> Adonai Schlup Sant'Anna. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Litoral<sup>99</sup> e não pude continuar o doutorado, porque eu não consegui a licença para estudar e não consegui fazer as duas coisas ao mesmo tempo – trabalhar e estudar. Isso porque, na UFSC<sup>100</sup>, não validaram os meus créditos de mestrado. Então, eu precisava cumprir todos os créditos em Santa Catarina e precisaria ficar muito tempo lá para cursar as disciplinas... E mesmo contando com a anuência da direção, do professor Valdo<sup>101</sup>, que me cedia até dois dias para eu ir a Santa Catarina, não seria possível cumprir todos os créditos que eu precisava no prazo que eu tinha... Aí eu tranquei o doutorado e fiquei me dedicando à UFPR Litoral – esperando ter direitos legais para conseguir afastamento aqui para cursar o doutorado. Daí, em dois mil e dez, eu tentei o doutorado na USP<sup>102</sup>, na área de Divulgação Científica, e o meu projeto não foi aprovado. Depois, em dois mil e onze, eu consegui uma vaga no Doutorado em Ciências, no Programa Interunidades de Ensino de Ciências da USP, sob a orientação do professor Alberto Villani<sup>103</sup>... Agora eu estou no quarto ano do doutorado. Falta pouco para concluir essa etapa...

E eu não queria ser professor!... Quando saí do Exército, fui fazer cursinho e eu era muito ruim em Matemática... Tanto que, por exemplo, oito dividido por cinco dava três para mim... E aí eu comecei a estudar muito, sozinho, porque eu percebi que tudo aquilo que eu tinha estudado, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, eu tinha esquecido. Essas coisas não tinham ficado em mim. Parece que sumiram mesmo... E eu me senti muito mal com isso... Eu me senti muito mal!... Então, eu comecei a estudar muito e, no cursinho, comecei a ensinar os meus colegas – ensinar Física, Matemática... Eu estava me dando muito bem na área de Exatas. E comecei a achar Português interessante, porque tem que falar bem, tem que falar certo, tem que escrever bonito... Comecei a me preocupar com a minha letra, porque eu precisava fazer uma prova de vestibular e precisava decidir se eu ia escrever com letra corrida ou com letra de forma... Optei por letra de forma, comecei a escrever com letra de forma – e, hoje, o meu quadro-negro tem uma letra de forma muito bonita... Enfim, nessa época, eu comecei a ensinar os meus colegas e a lecionar

---

<sup>99</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>100</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>101</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>102</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>103</sup> Doutor em Física pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Professor da Universidade de São Paulo (USP).

aulas particulares em escolas particulares. Era aquela coisa: pessoas da escola ligavam, falavam que tinha aluno precisando de aula particular e perguntavam se eu tinha interesse de lecionar aulas particulares para os alunos deles... Foi assim que eu comecei a lecionar... E eu gostei disso! Mas eu não tinha formação pedagógica...

Então, veja, por que eu comecei a lecionar? Porque foi um esforço meu de tentar compreender sozinho aquilo que eu tinha esquecido. Eu fui atrás daqueles meus livrinhos do Ensino Fundamental – que a minha mãe tinha guardado em um quartinho – e devorei tudo aquilo. Sozinho, eu fui aprendendo... E a forma como eu ensinava para os meus colegas do cursinho era diferente da forma como os professores ensinavam, então complementava aquilo que eles estavam aprendendo. Foi assim que eu comecei a me tornar docente – no sentido de querer repassar aquilo que eu estava aprendendo.

E chegou um momento que eu vi que eu ganhava bastante dinheiro lecionando aulas particulares... A partir daí, comecei a estudar mais sobre isso e, finalmente, decidi fazer Matemática. E, um dia, falei para a minha mãe: “Eu vou fazer Matemática, eu vou ser professor!”... A minha mãe é professora, a minha irmã mais nova é professora... E a minha mãe falou assim: “Você vai passar fome.”... E eu falei: “Não vou! Se você, que é professora, sustenta a casa e a gente nunca passou fome... Eu, sendo professor, não vou deixar a minha família passar fome – se, um dia, eu tiver uma família.”... E aí eu encarei essa de ser professor de Matemática. Gosto muito de Matemática até hoje. Mas, no curso de Matemática, eu tive professores – o Lauro<sup>104</sup> e o Tosin<sup>105</sup> – que me instigaram e me motivaram a fazer Licenciatura em Física na Universidade Federal do Paraná... Fiz o vestibular e passei... Acabei deixando o Curso de Matemática e concluí a Licenciatura em Física.

Mas eu já dei aula de Matemática... No Ensino Fundamental – sexto ao nono ano – eu dei aula de Matemática, de xadrez e de informática... No Ensino Médio eu trabalhei com Física e com Matemática... No Ensino Superior eu fui professor na Uniandrade<sup>106</sup>... Também fui professor substituto no Departamento de Física da UFPR... E, depois, eu vim para a UFPR Litoral – como professor efetivo – e aqui eu trabalhei com Ensino Técnico, Ensino Tecnológico, graduação e pós-graduação *lato*

---

<sup>104</sup> Lauro Luiz Samojeden. Doutor em Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da UFPR.

<sup>105</sup> João Angelo Pucci Tosin. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professor aposentado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>106</sup> Centro Universitário Campos de Andrade.

*sensu*... Se pensar nas aulas particulares, trabalhei também com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental... E como a minha mãe é professora dos anos iniciais, eu sempre conversei com ela sobre os processos educacionais e sobre Ensino de Ciências... Então, de algum modo, eu já estive envolvido com vários níveis de ensino...

E eu vim para a UFPR Litoral porque, um dia, um amigo meu – talvez o homem mais inteligente que eu conheço –, me disse o seguinte: “Emerson, vai abrir um concurso na UFPR Litoral, você vai fazer o concurso e vai passar. A vaga é tua! O perfil lá é esse.”... Eu não entendi aquilo, porque eu não conhecia o projeto pedagógico da UFPR Litoral, até porque, em dois mil e cinco, ainda não existia um projeto pedagógico aqui... Havia, sim, uma equipe que estava projetando a UFPR Litoral para que se construísse um projeto pedagógico diferenciado, inovador – entre aspas para alguns. E eu vim fazer o concurso... Concorri com vários colegas que já eram doutores – matemáticos, estatísticos, físicos... E as provas do concurso eram triviais, mas exigiam que o candidato tivesse um bom domínio de sala de aula. Tanto que, na prova escrita, caiu uma questão que era cópia *ipsis litteris* de uma questão do livro do Halliday e Resnick<sup>107</sup>... Mas essa questão tinha um problema: ela tinha uma vírgula no lugar errado e isso mudava tudo! E eu sabia que a vírgula estava no lugar errado! Isso me deu a dianteira em relação aos meus colegas... Eu fui um dos poucos que acertaram aquela questão. Era uma coisa de sala de aula... Ela exigia experiência em sala de aula.

Então... Por que eu decidi trabalhar aqui? Porque esse amigo indicou... E eu quis permanecer aqui porque esse trabalho por projetos, que aqui se preconizava, era uma coisa que eu já tinha trabalhado no Ensino Médio no Colégio Martinus em Curitiba. Eu tinha passado dois anos lá implementando o trabalho por projetos no Martinus Sede Portão e nós tínhamos um trabalho pedagógico intenso para entender o que era trabalho por projeto e o que era ensino tradicional... E quando eu vim para cá eu gostei da proposta – que ainda se estava sonhando... Gostei muito daqui e fiquei na UFPR Litoral... Porque uma coisa é passar em um concurso aqui e ir embora logo – vários fizeram isso. Mas eu vim, gostei e fiquei. Eu podia ter vindo, ficado um tempinho e ido embora... Eu não fui embora porque gostei e gosto daqui. Foi assim que eu vim para a UFPR Litoral... Eu não vim conhecendo a proposta... Eu

---

<sup>107</sup> David Halliday e Robert Resnick – autores de livros de Física.

vim porque um amigo falou: “Aquilo lá é a tua cara!”... E esse amigo me conhece, ele trabalhou comigo mais de dez anos em escolas – agora ele é professor do curso de Engenharia de Bioprocessos da UFPR em Curitiba... E, na época, ele falou: “Vai lá! A vaga é tua!”... Eu pensei: “Como a vaga é minha?”... Tinha setenta e dois candidatos e apenas uma vaga... E eu passei! Acho que a vaga era minha mesmo!...

Talvez eu tivesse o perfil que eles estavam buscando... A banca me questionou sobre outras coisas que eu já tinha feito... As coisas de ensinar xadrez, de trabalhar com informática... Como eu já tinha feito muitas coisas, a banca queria saber: “Por que você atira para todos os lados?”... E eu fui explicando a minha trajetória – mais ou menos como estou fazendo agora... Então, a banca, informalmente, queria mais informações do que aquelas que estavam no currículo. Esse processo aconteceu com quase todos os professores que ingressaram naquela época... Havia um forte direcionamento, principalmente do Valdo, para que fossem escolhidos professores que tivessem perfil mais ousado. Além disso, a banca tinha que escolher pessoas que fossem aguentar alguns desafios que aconteceram aqui dentro – tem uma história de muitas ofensas, de brigas internas, foi um processo pesado... Então, o concurso era, também, para escolher uma pessoa que desse a cara para bater e que fosse corajosa. Eu percebi isso porque todo mundo que entrou naquela época tinha um pouco desse perfil: pessoas sonhadoras e que queriam fazer coisas diferentes... E eu acho que a banca gostou de mim... Eu fui aprovado em primeiro lugar no concurso. Eram setenta e dois candidatos e eu fui aprovado em primeiro lugar... No conjunto das provas eu fiquei com *nove vírgula setenta e dois* naquele concurso. A única pessoa que tirou nota maior que a minha em concursos aqui, foi o Zan, o Marcos Zanlorenzi<sup>108</sup>... Ele ficou com nota *nove vírgula oito*... Mas eu brinco que ele tirou nota maior que a minha porque eu fui da banca dele... Então, o Zan e eu somos os professores que tiraram as maiores notas em concurso aqui...

E quando eu comecei a trabalhar aqui... Nossa! Não tinha cadeira, não tinha mesa, não tinha sala... E não eram só os alunos que não tinham essas coisas, os professores também não tinham... Eu dividia uma sala com o professor Egon Wildauer<sup>109</sup> – que agora trabalha em Curitiba – e com o professor Manoel Flores

---

<sup>108</sup> Marcos Aurelio Zanlorenzi. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>109</sup> Egon Walter Wildauer. Doutor em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da UFPR.



Lesama<sup>110</sup>. Nós três dividíamos a sala e a gente não tinha nada! Não tinha cadeira, não tinha computador... Eu trazia o meu computador, as pessoas traziam os seus materiais... E não tinha sala de aula, porque os prédios ainda não existiam. Eu vi nascerem esses dois prédios<sup>111</sup> e vi a reforma daquele prédio branco<sup>112</sup> – aquilo ali estava caindo os pedaços, tudo foi reformado. E, diversas vezes, eu me machuquei aqui, porque caía em buracos à noite – tinha muitos buracos por causa das obras. Então, o início do trabalho foi um grande desafio. Por isso que eu falei: nos concursos, eles estavam buscando pessoas que iam enfrentar esses desafios. E acho que, naquela época, noventa por cento dos professores tinha esse perfil. E os outros dez por cento logo foram embora, porque não aguentaram. Então, foi um trabalho muito difícil... Foi muito difícil pedagogicamente, estruturalmente, pessoalmente... Eu tinha recém-casado e acabei me separando porque as coisas começaram a tomar outros rumos – eu trabalhava muito aqui e ela tinha outros ideais... E eu, enquanto professor, senti dificuldade de estar aqui porque eu não conhecia os meus colegas... Eles não eram pessoas com quem eu convivi – como o Emerson Rolkouski<sup>113</sup> ou o Christiano Nogueira<sup>114</sup>, que eu convivi com eles, que eu estudei com eles, que eu dei aula com eles... Era todo mundo novo!... O Rodrigo Reis<sup>115</sup> e o Antonio Serbena<sup>116</sup> eram dois caras novos para mim, que eu só fui conhecer melhor em dois mil e oito, dois mil e nove... Eu passei dois ou três anos aqui sem olhar para eles – no sentido de ver que eram caras que têm ideias parecidas com as minhas. Essas coisas demoram! Não é trivial juntar cem professores e os cem se darem bem. Então, foi difícil... Mas essas coisas só vieram valorizar o trabalho... Eu tenho paixão por isso aqui. Tem bastante história... Eu fiz parte de um grupo de professores que idealizou um trabalho de divulgação científica<sup>117</sup> muito diferente do que existia no Brasil e nós tivemos muito apoio de

---

<sup>110</sup> Doutor em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>111</sup> Prédios em que se localizam as salas de aula da UFPR Litoral.

<sup>112</sup> Prédio em que se localizam os gabinetes dos professores e dos gestores da UFPR Litoral.

<sup>113</sup> Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>114</sup> Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>115</sup> Rodrigo Arantes Reis. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>116</sup> Antonio Luis Serbena. Mestre em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>117</sup> Trata-se do LabMóvel – Laboratório Móvel de Educação Científica – da UFPR Litoral.

Brasília. Então, o início foi muito difícil... Mas também foi muito bom! Foi muito desafiador! Eu sou movido a desafios... Então, para mim, foi muito bom!

E o início do trabalho na Licenciatura em Ciências também foi difícil... Porque, em dois mil e oito, ninguém aqui sabia o que era trabalhar por projetos em uma Licenciatura em Ciências e ninguém sabia o que era um professor de Ciências... O que é um professor de Ciências? Ele ensina o quê? Física? Química? Matemática? Biologia? Geografia?... Ele ensina tudo isso?... A primeira dificuldade era saber o que é um professor de Ciências... Nós não sabíamos qual era a identidade do professor de Ciências quando o curso começou em dois mil e oito. A gente não sabia!... “Professor de Ciências? Peraí... Eu sou físico, você é matemático, ele é químico, ele é biólogo... Quem é professor de Ciências aqui?”... E a resposta era: “Ninguém!”... Nenhum de nós era professor de Ciências! Nenhum professor daqui tinha dado aula de Ciências no Ensino Fundamental... Ninguém daqui sabia o que era formar um professor de Ciências... E ninguém sabia quais eram os conteúdos mínimos que deveriam ser vistos no curso de Ciências... E quais são os conteúdos mínimos para o professor de Ciências? Não existem diretrizes curriculares para o Curso de Licenciatura em Ciências!... Não tem um documento apontando o que o futuro professor de Ciências tem que aprender. Existem diretrizes para a formação de professores... Mas conteúdos específicos de Ciências? Não há!... E o que nós fizemos? Fomos procurar os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná para o Ensino de Ciências. E foram esses documentos que nos guiaram para saber o que tinha que ser ensinado na Licenciatura em Ciências... Então, pedagogicamente, a gente não sabia qual era o ideal da identidade desse futuro profissional que nós iríamos formar quando estávamos abrindo o Curso de Licenciatura em Ciências. E isso só ficou claro durante a caminhada... É como o Valdo diz: “*Vai andando a carroça e vão se arrumando as abóboras.*”... Depois de começar esse trabalho é que nós vimos quais professores queriam trabalhar nele – e encarar esse desafio – e quais não queriam. Isso foi se ajustando... Então, no início, o curso teve dificuldades de entender quem é esse profissional – o professor de Ciências – e também teve que dar conta de responder outras questões, por exemplo: “Vamos dar disciplina?”... “O Projeto Político Pedagógico da Instituição preconiza – ou sugere, ou estimula – que se trabalhe por projetos.”... “O que é trabalho por projetos?”... “Trabalho por projetos é um trabalho disciplinar, em, em unidade temática?”... “O que é cada coisa

dessas?”... “Nós vamos ter que estudar isso tudo?”... “Quem vai nos ensinar isso?”... “Nós mesmos vamos fazer essa formação ou vamos pedir para alguém vir fazer essa formação para nós?”... “Como se monta um Projeto Pedagógico de Curso quando não se tem disciplinas no curso?”... Eram muitas dúvidas! E teve uma fase, em dois mil e nove ou dois mil e dez, que o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências foi para Curitiba e foi rechaçado... A Pró-Reitoria de Graduação falou assim: “Isso aqui não existe. Tchau!”... Só faltou jogar o nosso projeto no lixo... E isso voltou para cá... E aí? O que fazer? Nós falamos assim: “Ih... Não sabemos fazer nada! Quase todos nós temos uns vinte anos de carga horária de professor nas costas, mas não sabemos elaborar um Projeto Pedagógico de Curso com trabalho por projetos.”... Foi outro desafio!

E eu vejo que a Instituição sempre nos ajudou a superar os desafios que iam aparecendo. Tem professores que vão dizer que não... Eu acho que é tudo uma questão de como você se relaciona com quem está coordenando a Instituição. Eu sempre tive boas relações com a direção – desde quando era só o Valdo e agora, também, com o Douglas<sup>118</sup> e o Renato<sup>119</sup>. Eu sempre tive boas relações com eles e eles propiciaram, em muitos momentos, uma formação docente trazendo pessoas para nos auxiliar. E eles são pessoas acessíveis, com quem você pode conversar... Então, do meu ponto de vista, nós sempre fomos bem assessorados. E nós, professores, sempre buscamos formação docente. Mas tem gente que não pensa assim. Tem gente que não consegue fazer uma formação docente assim. É difícil para alguns e é mais fácil para outros... Agora eu não sei como está acontecendo, porque eu estou um pouco afastado por causa do doutorado. Mas enquanto eu estava aqui a Instituição sempre nos apoiou.

E eu penso que o nosso *slogan* diz bem o que é a UFPR Litoral: “*Educação é a nossa praia*”. Dá para resumir nisso... Não existe proposta igual no Brasil... Ela é uma proposta muito interessante porque ela não visa o mercado. Ela não está na onda de propostas pedagógicas que têm visão de mercado. Ela tenta seguir um ideal pedagógico que dê conta dos desafios de formação de um cidadão, que não englobe somente o mercado. Tem várias instituições no Brasil tentando fazer

---

<sup>118</sup> Douglas Ortiz Hamermuller. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Servidor Técnico Administrativo do Setor Litoral da UFPR.

<sup>119</sup> Renato Boichichio. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR. Foi vice-diretor do Setor Litoral na *Gestão 2012-2016*, e assumiu a direção do Setor Litoral na *Gestão 2016-2020*.

propostas pedagógicas ousadas, mas elas perdem um pouco de autonomia porque querem estar antenadas com o mercado. E a proposta da UFPR Litoral sempre teve uma base teórica muito boa. Os idealizadores da Instituição têm uma base teórica muito boa: O Valdo, a Léa Anastasiou<sup>120</sup>, a Maria Isabel da Cunha<sup>121</sup>, a Elsi<sup>122</sup>, o Celso Vasconcellos<sup>123</sup>, o Masetto<sup>124</sup>, o Maurício<sup>125</sup> – que eu não diria que é um dos idealizadores da proposta, mas que, antes de ser professor aqui, veio nos pesquisar e falou da proposta na tese de doutorado dele<sup>126</sup>... Enfim, esse grupo de pessoas que idealizou a UFPR Litoral a partir de dois mil e um, dois mil e dois, eles têm uma base teórica muito boa... Mas eu acho que todos nós, professores que cá estamos desde a fundação da UFPR Litoral, também somos agentes e estamos levando à frente essa proposta, porque ela foi elaborada em conjunto... Os idealizadores foram, de certo modo, os teimosos que ficavam dizendo: “Olha, esse é o caminho... Não vamos desviar disso!”... Mas foi o grupo que elaborou a proposta...

E essa proposta diferenciada indica três espaços curriculares... Um deles é o espaço dos conhecimentos: os *Fundamentos Teórico-Práticos*. É o espaço em que o estudante constrói o conhecimento – pelo menos é isso que se preconiza no PPP<sup>127</sup>. Mas nem todos os cursos veem dessa forma. Eu já trabalhei em cursos em que o espaço dos FTP<sup>128</sup> era disciplina – o nome era módulo, era para se articular com outras coisas, mas era disciplina... Então, há cursos e cursos aqui! E cada um deles interpreta o Projeto Político Pedagógico de maneira diferente. Eu trabalhei em cursos em que o espaço dos FTP era construção do conhecimento e que se trabalhava por projetos... Mas trabalhei também em FTP em que eu era o professor que despejava o conteúdo sobre os estudantes – e era bem disciplinar, tradicional...

---

<sup>120</sup> Léa das Graças Camargos Anastasiou. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora aposentada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>121</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>122</sup> Elsi do Rocio Cardoso Alano. Mestre em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Administração pela Universidade Positivo. Professora do Setor Litoral da UFPR.

<sup>123</sup> Celso dos Santos Vasconcellos. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor responsável pelo Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

<sup>124</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

<sup>125</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>126</sup> Trata-se da tese intitulada *Universidade e Projeto Político-Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias*, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em dois mil e nove.

<sup>127</sup> Projeto Político Pedagógico.

<sup>128</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

Enfim, o espaço dos FTP é o espaço do conhecimento mais elaborado que a academia tem a fornecer.

Outro espaço que temos aqui são as *Interações Culturais e Humanísticas*, que é o espaço do conhecimento e da cultura, um conhecimento não tão elaborado como o saber sábio – como fala Chevallard<sup>129</sup>... Do saber sábio são os FTP que dão conta... O espaço das ICH<sup>130</sup> é o espaço de um saber da comunidade local e de ações com as comunidades... É um espaço mais aberto da Universidade para interagir com o meio, com o que está além do muro... E é, também, um espaço de protagonismo dos estudantes, em que eles têm autonomia de elencar aquilo que eles gostariam de fazer. Então, é um espaço cultural que as Instituições de Ensino Superior no Brasil não têm...

E ainda tem o espaço dos Projetos de Aprendizagem, que é um espaço também de grande autonomia do estudante. O aluno pode fazer uma parceria com um colega, mas é um espaço muito mais dele, individual... O estudante vem com alguns desejos de tentar mudar o mundo e ele conversa com uma pessoa que vai tentando mostrar algumas possibilidades de realizar aquilo que ele quer.

Bom, isso é o que eu posso sintetizar... Há pensadores que defendem espaços como esses. Recentemente, eu identifiquei o Edgar Morin<sup>131</sup> e o Maturana<sup>132</sup> no espaço de ICH e de PA<sup>133</sup>. Eles me deram bons fundamentos teóricos para esses espaços pedagógicos... Esses espaços ousados que são criados aqui, parecem que vieram da cabeça do Valdo, mas há outras pessoas que defendem esse tipo de espaço de interação diferente da sala de aula... Aliás, a sala de aula também pode ser diferente. Os próprios FTP da Licenciatura em Ciências são diferentes quando eles vão para a escola<sup>134</sup>. A forma, como se faz lá, é uma coisa diferente... É um conhecimento da docência na prática.

E o Projeto Político Pedagógico da Instituição remete aos espaços transdisciplinares, que vão além da disciplina... Eu encontrei informações sobre isso no material do Congresso de Locarno. Nesse Congresso, que aconteceu no final da década de mil novecentos e noventa, o Morin e outros pensadores publicaram um

<sup>129</sup> Yves Chevallard (1946). Professor francês.

<sup>130</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

<sup>131</sup> Pseudônimo de Edgar Nahoum (1921). Sociólogo francês.

<sup>132</sup> Humberto Maturana (1928). Neurobiólogo chileno.

<sup>133</sup> Projetos de Aprendizagem.

<sup>134</sup> Referindo-se ao trabalho desenvolvido pelos professores Maurício Cesar Vitória Fagundes, Suzana Cini Freitas Nicolodi e Valentim Silva com os alunos de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral no Colégio Estadual Sertãozinho no município de Matinhos (PR).

documento defendendo uma proposta transdisciplinar para o Ensino Superior. E lendo o documento de Locarno, eu fui percebendo que a proposta é o PPP da UFPR Litoral. Foi muito legal ter encontrado esse documento, porque aqui a gente vê isso sendo feito... E naquele texto, a gente entende também as fases que o PPP propõe: *Conhecer e compreender; Compreender e propor; Propor e agir...* Está lá! Não exatamente com essas palavras, mas quando a gente lê dá para perceber que só mudam os nomes. Isso é genial! E quando eles escreveram esse documento, eles estavam propondo uma nova universidade... É um documento que dá propostas para a universidade. Como fazer o ensino transdisciplinar acontecer na universidade... Não é no Ensino Médio, não é no Ensino Fundamental... É um congresso para falar da universidade. Isso é muito bom! Falar da educação no geral a gente fala, né? Mas falar, especificamente, de como isso deve acontecer em uma universidade?... Isso é interessantíssimo. Quando eu vi, achei muito legal, porque o que está acontecendo aqui é o que os pesquisadores propõem. Quer dizer, era o que estava acontecendo aqui há quatro anos – quando eu estava aqui...

E falando nisso... Algumas coisas que eu fiz aqui me marcaram... Por exemplo, nos FTP me marcou entrar no Curso de Serviço Social para falar de História da Ciência, mas era uma disciplina. E na Licenciatura em Ciências, em dois mil e oito ou dois mil e nove, me marcou trabalhar um módulo de FTP que era o início do trabalho por projetos... Nesse módulo, eu orientei, por exemplo, um trabalho de grupos que era: “O que é ser docente?”. Eu encaminhei um trabalho com a turma para estudar as docências de licenciatura no mundo, na área de Ensino de Ciências. Os alunos trouxeram exemplos dos Estados Unidos, da França... E, logo em seguida, nesse mesmo semestre, nós começamos um trabalho por projetos para fazer um mapeamento de Matinhos, com a seguinte problemática: “Por que alaga a cidade?”... Matinhos alaga muito... E, até hoje, os alunos comentam esse trabalho... Por causa da minha tese<sup>135</sup>, eu fiz entrevistas com os egressos da turma de dois mil e oito e eles falam assim: “Professor, a coisa mais legal que aconteceu para mim foi aquele primeiro ano, naquele trabalho por projetos sobre o mapeamento de Matinhos.”... E eles descrevem apaixonadamente aquele trabalho. E isso me deixa feliz porque a gente ainda não sabia direito como trabalhar, como fazer...

---

<sup>135</sup> Trata-se da tese intitulada *Desenvolvimento profissional e inovação curricular na Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral*, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em dois mil e quinze. Na data da entrevista a tese estava em fase de elaboração.

E nas ICH me marcou o trabalho que eu fiz com a divulgação de xadrez escolar. Eu sou um dos fundadores da Confederação Brasileira de Xadrez Escolar... A criança quer brincar e a gente torna o xadrez uma brincadeira e não uma competição... Depois de um tempo, as pessoas tendem a fazer com que as crianças entrem em uma competição quando jogam xadrez e entrem em um processo de meritocracia... Eu não gosto disso! Eu nunca gostei disso! E esse trabalho com xadrez escolar foi legal porque eu trouxe enxadristas de Curitiba e técnicos de xadrez de São José dos Pinhais e de Curitiba. E os enxadristas jogavam de costas para os tabuleiros! Aquilo foi um espetáculo para os estudantes que participaram daquela atividade de ICH... E isso me deixou muito feliz.

E nos Projetos de Aprendizagem sempre foi legal porque o tema nunca era algo da minha área... Acontece assim: eu – professor – estou aqui, chega uma aluna e fala: “Professor, tem uma vala na frente da minha casa e toda vez que chove, alaga. Eu quero resolver isso, professor.”... Eu sou físico, sou matemático... Eu não entendo de lei, nem de vereador e nem de processos sociais que podem resolver a vida dela... Esse foi um dos desafios. Adorei aquilo! E apareceram outras coisas que eu falava: “Eu não sei nem por onde começar! Mas vamos tentar.”... O PA que mais se aproximou da minha área foi de um pessoal que queria montar um Clube de Astronomia... E aí, pelo LabMóvel<sup>136</sup>, nós tínhamos telescópios e todos os equipamentos necessários. Eu só disse para eles: “O último andar do Prédio B<sup>137</sup> é nosso, fizeram um espaço para colocar os nossos telescópios.”... Foi o que eu precisei fazer! O resto a pi lazada fez sozinha... Eu ia lá só para aprender com eles. Isso foi muito prazeroso para mim. Foi um espaço em que eu pude ver uma grande autonomia dos estudantes, sem eu precisar fazer esforço... Eu só orientei: “Faz isso, faz aquilo, usa desse jeito, usa tal material.”... Tem várias coisas prazerosas aqui... A docência é algo que me completa... E hoje eu estou muito mais aberto a situações de improviso na docência. Não deu para resolver uma coisa de um jeito? Vamos tentar de outro jeito! O improviso, para mim, é o mandatário da docência. Eu sempre fui muito desafiado aqui... E eu sempre gostei disso!

---

<sup>136</sup> Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral.

<sup>137</sup> Prédio de salas de aula da UFPR Litoral.

E outro espaço que me desafiava eram as Câmaras<sup>138</sup>... As reuniões de Câmara eram muito mais pedagógicas do que burocráticas. Eram reuniões em que nós tínhamos discussões pedagógicas do curso e também havia a necessidade de fazer a parte de logística de como os cursos iam funcionar. E tem um detalhe: até dois mil e doze, os professores eram obrigados a trabalhar em dois cursos aqui e participar de duas câmaras. Então, o professor participava de uma Câmara de mais afinidade com a sua área e de uma Câmara mais distante da sua área. Eu tinha um problema com isso: eu nunca me vi distante de uma Câmara. Eu acho que todas elas eram interessantes... Por exemplo: eu trabalhava na Câmara de Ciências, mas trabalhava na Câmara de Gestão e Empreendedorismo; trabalhava na Câmara de Gestão Ambiental, mas trabalhava na Câmara de Técnico em Gestão Imobiliária... Todas elas eram desafiantes. Mas eu ouvi falas assim: “Eu não vou naquela Câmara porque eu não entendo nada daquilo.”... Eu escutei, muitas vezes, o professor Rodrigo Reis falando que ele não sabia o que ele, biólogo, estava fazendo em uma Câmara de Gestão Imobiliária... Ele não sentia aquilo como um desafio... Não era só ele que pensava assim! Eu também passei por momentos que eu achava que aquilo não era tão interessante. Mas a gente vai tentando se achar...

Então, como eram essas reuniões? Eram reuniões em que a gente estava tentando se achar... Qual é o espaço que você tem dentro daquele pensar? Cada área tem um pensar... Por exemplo, na Câmara de Fisioterapia existia um pensar homogêneo dos fisioterapeutas, existia uma forma de ver a realidade e de tratar as pessoas... E, às vezes, eu me perguntava: “Por que eles estão pensando desse jeito em relação ao paciente?”... E isso era um aprendizado! Você ia à reunião e de repente eles falavam assim: “É tratamento de risco.”... Eu falava: “O que é um tratamento de risco? Explica aí!”... E alguém respondia: “Ah... Mas você não é da área.”... E eu dizia: “Pô! Por isso mesmo... Como eu não sou da área, tenta ser didático e tenta explicar isso para eu entender a conversa de vocês.”... Essa dificuldade de se inserir nesses espaços diferenciados era interessante, era desafiante... Mas era desgastante também! Porque, às vezes, o professor tentava fazer um trabalho diferenciado, por exemplo, no Curso de Fisioterapia – como eu tentei – e os fisioterapeutas simplesmente diziam: “Isso aí está errado. Não é isso que a gente quer de você.”... Isso acontecia em outros cursos também... Então,

---

<sup>138</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.



sempre foi um desafio. As Câmaras eram um espaço para a pessoa tentar entender a profissão e o pensar do outro, mas era também um espaço em que se tentava construir uma identidade do curso – como aconteceu na Licenciatura em Ciências.

Ah! Nas reuniões de Câmara também tinha um espaço para falar do andamento das turmas... Isso era muito legal! Os professores contavam o que estavam fazendo... Porque o processo pedagógico é assim: escutar o outro e entender o que o outro está tentando fazer. Não sei se ainda existe esse espaço nas reuniões, mas eu acho que deve existir. Nós, professores, reclamávamos quando não sobrava tempo para falar das turmas em uma reunião de Câmara. Nós ficávamos chateados quando esse espaço não era alcançado devido à pauta do dia. Havia dias em que não dava tempo... E eu me angustiava muito quando não existia esse espaço, quando esse espaço não era alcançado na reunião. Eu acho que era legal falar o que eu estava fazendo e ouvir o que os outros estavam fazendo. Era bom socializar isso na reunião, contar e ouvir experiências. Enfim, as Câmaras eram um espaço para se informar e se formar...

E as reuniões do Conselho Setorial também... O Conselho era um espaço bastante democrático, um espaço aberto, de muitas discussões – às vezes, discussões fortes, ofensivas... Para alguns não era um espaço democrático, para outros era. Para mim era um espaço democrático! Tem uma dissertação de mestrado que faz uma análise sobre o conselho diretivo<sup>139</sup> e é interessante ler... Enfim, o Conselho era um espaço público, democrático, participativo... Mas alguns não viam assim, porque não gostavam das discussões e/ou porque tinham dificuldade em aceitar o novo. Então, às vezes, eram reuniões muito tensas... Para alguns, era o espaço de autoritarismo do Valdo. Eu não vejo assim... Para mim, ele estava apenas guiando um processo muito difícil... Às vezes, se deliberavam algumas coisas nessas reuniões... Era também um espaço um pouco confuso, um espaço não bem definido... Mesmo as pautas! As pautas tinham uma ordem política, sabe? Primeiro se falava de um assunto, depois de outro e, às vezes, nem se falava de um assunto porque se enrolava demais em um ponto para não pegar o outro item da pauta. Então, isso era politicamente e estrategicamente planejado. Eram

---

<sup>139</sup> Trata-se da dissertação intitulada *A democracia deliberativa na prática: estudo de caso sobre o Conselho Deliberativo da UFPR Litoral*, defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR) por Taísa da Motta Oliveira, em dois mil e treze.

estratagemas, tanto da oposição como da situação. Era um espaço da estratégia, do poder... Um espaço político.

Por outro lado, em alguns momentos, as reuniões de Conselho eram um espaço pedagógico em que os convidados ou mesmo as pessoas daqui conduziam situações de formação docente. Por exemplo: a Elize<sup>140</sup> nos trouxe uma dinâmica para que nós estudássemos o trabalho por projetos. Foi muito bom! Nós estávamos nos preparando para escrever um PPP e lá ia aparecer que a gente estimula o trabalho por projetos... Isso está no PPP e foi graças à Elize, que fez uma dinâmica para a gente se conscientizar do que era esse trabalho por projetos.

E, veja: eu não falo *metodologia por projeto*, porque eu entendo que não é uma metodologia por projetos. É um trabalho por projetos! Porque ICH têm projetos, FTP pode ter projetos, tem os PA... E que trabalho por projetos você quer fazer? Depende! Depende do curso... Tem curso que não adota a metodologia por projetos em FTP... Tem curso que não quer saber de trabalho por projetos... Tem curso que quer saber... Eu acho que Licenciatura em Ciências quer saber, mas não são todos os professores que trabalham por projetos. E quando se fala em trabalho por projetos cada um pode interpretar do jeito que quiser! Às vezes uma disciplina tem só um trabalhinho por projetos, mas é o que o professor deu conta de interpretar na caminhada dele, é o que ele deu conta de conceber como sendo trabalho por projetos... E ele acha que ele pode fazer isso sozinho com os alunos. E ele pode fazer! Ele também pode fazer em docência colaborativa, como fazem alguns docentes... Então, é uma pluralidade... O importante é que os ideais de formação docente e de transdisciplinaridade do PPP sejam elaborados e pensados para realizar esse trabalho em qualquer espaço curricular...

Mas voltando a falar das reuniões... A condução dessas reuniões, tanto de Câmara quanto do Conselho, foi mudando com o tempo... Na Câmara de Licenciatura em Ciências mudou porque era preciso ordenar a casa... A Câmara tinha que se tornar um espaço de formação pedagógica – para dar conta de trabalhar por projetos – e tinha que se estruturar do ponto de vista administrativo – para dar conta da documentação para que o curso fosse reconhecido. E para complicar as coisas, tinha ainda entradas e saídas de docentes na Câmara... A oscilação do número de docentes nas reuniões, ao longo dos meses, é

---

<sup>140</sup> Elize Keller Franco. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp).

impressionante. Tem reunião com quinze pessoas e reunião com três pessoas... E isso acontecia porque as pessoas tinham um tempo para perceber se elas se encaixavam ou não naquela Câmara... Quando os professores chegavam, uma das coisas que o Valdo sugeria era: “Vá passear na universidade, vá conhecer os espaços, entre nas reuniões de Câmara, conheça os cursos.”... Alguns professores iam conhecer uma Câmara e ficavam trabalhando lá, outros não ficavam... Então, aos poucos, a Câmara foi se estruturando e foi ganhando um grupo mais coeso – um grupo que ao longo dos seis anos de Licenciatura em Ciências quase que permaneceu... E, a meu ver, tem coordenadores que são fundamentais para fazer com que certas coisas se encaminhem... Tem aqueles coordenadores que não sabiam o que queriam e tem os coordenadores que sabiam bem o que queriam, bem até demais, e daí quase virava autoritarismo, era quase outro Valdo... Tem pessoas que pensam que o Valdo é autoritário. Eu não acho... Acho que o Valdo é justo. É difícil não é ser bom, difícil é ser justo... Enfim, há vários fatores que contribuíram para que as mudanças fossem acontecendo.

E, com o tempo, a UFPR Litoral foi perdendo alguns cursos e foi ganhando outros – parece que alguns cursos surgiram como mágica. O surgimento das licenciaturas é muito claro: a deficiência de professores no Brasil. Em dois mil e seis, nós fundamos o LabMóvel e, em dois mil e sete, eu fiz uma pesquisa sobre o perfil dos professores do litoral paranaense. E eu percebi que não havia professores de Física formados em Física, professores de Química formados em Química... Havia professores de Biologia e de Matemática formados pela Fafipar<sup>141</sup>. A grande maioria dos professores que atuavam no litoral paranaense vinha da Fafipar. Mas esses professores nunca tinham entrado em um Laboratório de Ciências – alguns não sabiam nem o que era um microscópio. E esses professores não tinham noção do que é ensinar Ciências e Matemática... Então, eu acho que foi prudente a abertura do curso de Licenciatura em Ciências aqui no Setor<sup>142</sup>. Acho que foi bom... Agora, o Centro de Estudos do Mar abriu uma Licenciatura em Ciências Exatas em Pontal do Paraná, e o Instituto Federal de Paranaguá abriu uma Licenciatura em Física... Mas antes só tinha Ciências Biológicas e Matemática na Fafipar... Então, eu acho que a

---

<sup>141</sup> Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – atual Campus de Paranaguá da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

<sup>142</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral veio para qualificar os futuros professores de Ciências aqui do Litoral...

E a nossa Licenciatura em Ciências é diferenciada. Nós temos as reuniões de Câmara... E ter um espaço de discussão pedagógica em que os professores podem se reunir e falar sobre o curso já é muito diferente de qualquer outro curso que eu conheça. Há outras tentativas... Mas, por exemplo, a USP Leste<sup>143</sup> naufragou em algumas coisas. Eles tentaram fazer um trabalho por projetos – o PBL: *Problem Based Learning*<sup>144</sup> – mas acho que é disciplinar e parece que não tem dado certo... A Universidade Federal do ABC também fez um trabalho por projetos, mas eles deixaram muito aberto nos dois primeiros anos e as pessoas podiam escolher os cursos depois, e os cursos menos escolhidos foram as licenciaturas<sup>145</sup>. Eles têm um trabalho diferente, a estrutura é diferente, mas parece um trabalho muito voltado para a disciplina... Outra diferença da nossa licenciatura são os espaços curriculares – ICH, FTP e PA... Nenhuma outra instituição tem isso! Mas é importante entender que essa estrutura daqui é preconizada no nosso PPP e que ela só existe nos cursos porque o PPP diz que tem que existir – se dependesse dos cursos esses espaços não existiriam. Tem curso aqui que está louco para pegar os PA e as ICH para si – agora o Regimento desmontou a estrutura em que os três eixos eram independentes e tinham coordenações independentes... As ICH e os PA estão sendo engolidos pelos cursos, porque agora esses espaços são dos cursos e os professores podem fazer o que quiserem com isso. E o que eles fazem? Eles formatam para a profissão e desmontam os espaços plurais, os espaços de autonomia... Essas são conclusões minhas: esses três espaços diferenciados só existem porque o PPP os sustentou até agora. Mas se dependesse dos cursos eles não existiriam! Mesmo na Licenciatura em Ciências eles não existiriam. Porque, em dois mil e oito, nós estávamos pensando de modo disciplinar. O curso era disciplinar! No início, teve Cálculo Diferencial e Integral, matemática básica, biologia básica... No primeiro semestre do curso teve disciplinas... Por mais que a proposta fosse pedagogicamente diferente, na prática o curso era disciplinar. Isso é interessante: na

<sup>143</sup> Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

<sup>144</sup> Os cursos da USP Leste têm a disciplina *Resolução de Problemas*. Nessa disciplina os alunos são estimulados a resolverem problemas referentes à realidade em que vivem.

<sup>145</sup> Na Universidade Federal do ABC os alunos se matriculam na Universidade e não em um curso da Universidade. Os alunos precisam cursar cento e noventa créditos que estão divididos em: disciplinas obrigatórias (47,4%), disciplinas de opção limitada (30%) e disciplinas de opção livre (26,6%) Depois de cumprir esses créditos os estudantes estão habilitados a prosseguir seus estudos em: Engenharia, Ciências da Natureza, Matemática ou Ciências da Computação.

prática os ideais são executados do modo que a pessoa tem mais segurança. Nesse caso, a segurança é o ensino disciplinar porque os professores passaram a vida inteira aprendendo assim, foram educados assim, respondem à demanda assim... Então, na prática nós acabamos caindo nesse modo de fazer...

E, aos poucos, tudo foi se modificando na UFPR Litoral e as coisas ainda estão se modificando. O Regimento era inevitável. É a institucionalização da UFPR Litoral, no sentido que agora nós somos como Curitiba, nós temos as mesmas regras de Curitiba – e se não temos, ainda teremos. Pelo menos, é isso que eu estou vendo... E vale dizer que o Valdo se esforçou muito para evitar que isso acontecesse... Espero que ele tenha conseguido semear essa proposta na cabeça de algumas pessoas. E espero que a proposta não tenha morrido...

Muitas pessoas ainda passam doze anos sendo passivas no ensino – recebendo tudo pronto, sendo doutrinadas a responder o que a escola quer que elas respondam... E quando uma dessas pessoas chega aqui, a gente pergunta: “O que você quer fazer?”... E ela fala assim: “O que eu quero? Professor, eu é que tenho que perguntar para o senhor: o que o senhor quer que eu dê conta aqui? Eu já tenho doze anos de escola e eu sei como funciona. O senhor diz o que quer que eu aprenda e eu aprendo.”... E daí o professor fala: “Não! Não é isso! O que você quer aprender?”... E o aluno responde: “Professor, nunca ninguém me perguntou isso.”... Vários alunos me disseram isso... Eles chegaram aqui e ficaram sem chão. Tudo aqui é novo, não é só o prédio, não é só a proposta, tudo é novo. Os professores são novos – e, às vezes, os professores também não sabem o que tem que ser feito, como o trabalho por projetos que ninguém sabia. Então, tudo isso tira o chão dos professores e dos alunos. E é claro que tem alunos que chegam aqui e dizem: “Ah!... Isso aqui é legal!”... Mas também tem alunos que chegam e dizem: “Caramba! O que eu vim fazer aqui? Não estou aprendendo conteúdo... Não vou ser um bom profissional... Aqui não tem conteúdo específico... Eu venho para cá só para perder tempo... Eu venho para cá e não tem aula. Eu chego aqui e o professor manda a gente para a biblioteca.”... Então, tem de tudo! E é difícil lidar com as dificuldades dos alunos em relação à proposta... Não existe regra! Eu acho que para incluir os estudantes na proposta, primeiro o professor tem que gostar da proposta... Porque se o aluno chega aqui e encontra um professor que não gosta da proposta, o aluno pode se juntar com esse professor e está feita a rebelião... Mas também há o

contrário! Se juntar um professor que gosta da proposta e o aluno que também gosta, está feita a revolução!

E tem outro ponto importante... É preciso avaliar o nosso trabalho com os alunos... Na Licenciatura em Ciências, eu comecei o trabalho com disciplinas... Comecei com Cálculo Diferencial e Integral – só consegui dar Cálculo Diferencial – e eu fazia provas. Era uma avaliação pontual... Depois, em outro módulo eu mudei a avaliação fazendo com que os alunos apresentassem as coisas à medida que elas fossem acontecendo... Eu pedia que eles fossem falando sobre a aula do dia: “Como foi a aula? O que você achou legal? O que você viu de novidade?”... Passou a ser uma avaliação processual, que foi acontecendo aos pouquinhos, homeopaticamente. Também já trabalhei com autoavaliação e avaliação dos pares em um módulo... Em outro curso, eu tive um módulo que exigia uma avaliação pontual, mas eu fui tentando fazer pequenas avaliações pontuais, fui tentando fazer trabalhos de campo e avaliando os comportamentos dos alunos. Eu fui experimentando... Quando eu entrei na UFPR Litoral me falaram: “Experimente! Tenha ideia do que você quer, tenha clara a proposta pedagógica... Mas experimente! Algumas coisas dão certo em um curso e não dão certo em outro. Então, experimente!”... Isso foi muito bom para mim!

No Ensino Médio eu fui dar uma aula de História da Ciência e tinha um historiador comigo, aí surgiram uns desentendimentos porque eu via a Ciência dando uma guinada depois de Galileu e ele não via assim. E isso é legal para os alunos verem que a gente não pensa igual, que não precisa pensar igual... Então, foram experimentações e foram formações docentes para mim. Foram desafios que eu me propus a encarar. No Curso de Informática e Cidadania eu fui dar aula de coisas que eu nunca tinha visto na vida! Eu estava na reunião de Câmara e o pessoal estava falando: “Está faltando professor disso.”... Silêncio... Ninguém da Câmara de Informática queria dar aula daquele assunto... E eu disse: “Eu vou dar aula disso aí.”... Daí todo mundo me olhou e alguém falou: “Mas você é físico!”... E eu falei: “E daí?... É só mais uma coisa que eu tenho que aprender.”... E veio a resposta: “Mas você não tem experiência!”... E eu falei: “Tá bom! E você tem, né?”... Sempre tem os embates... Então, eu fui melhorando o modo de avaliar... Porque, veja, é engraçado: quando eu trabalhava no Ensino Médio, no Martinus, eu fazia avaliação processual... Mas quando eu cheguei aqui, em uma universidade, eu

achava que tinha que fazer uma avaliação tradicional... E aí me falaram: “Não é bem assim, Emerson!”...

E a avaliação na Licenciatura em Ciências não é uma avaliação punitiva, no sentido de reprovar... Ela é uma avaliação para verificar se está indo tudo bem. E aqui não tem notas, são conceitos<sup>146</sup>... Isso é outra discussão! Porque é difícil dizer o que é uma *Aprendizagem Plena* e uma *Aprendizagem Parcialmente Suficiente*... Ou uma *Aprendizagem Suficiente* e uma *Aprendizagem Plena*. É difícil diferenciar uma da outra... E quando o aluno fica com *Aprendizagem Insuficiente* ou com *Aprendizagem Parcialmente Suficiente* ele tem direito a tentar melhorar esse conceito... Eu fui professor de vários desses processos e tentava fazer um trabalho em paralelo, por exemplo, com os alunos do segundo ano que não deram conta do Cálculo Diferencial no primeiro ano... Eu trazia esses alunos para fazer reuniões comigo e os orientava... Perguntava: “E aí? Como nós vamos fazer para recuperar esse conceito? O que vocês acham que podem fazer?”... Eu tentava trazer alguma coisa dos PA, das ICH ou dos FTP que eles estavam fazendo para tentar achar alguma coisa que desse mais aderência ao Cálculo Diferencial... Era bem conteudista, porque era Cálculo Diferencial, não dava para escapar disso... E sempre era um trabalho de formiguinha, de buscar o estudante quando ele teve um péssimo desempenho; fazer a discussão na Câmara; fazer uma proposta de recuperação na Câmara; e de fazer esse trabalho de recuperação ao longo do semestre. E, às vezes, o aluno não queria fazer a recuperação naquele semestre... “Ah!... Professor! Neste semestre eu estou super ocupado. Eu quero fazer o trabalho com você no outro semestre.”... E a resposta era: “Tudo bem... Você tem que fazer isso até se formar. Se você vai deixar para fazer no último ano, tudo bem... Você tem autonomia para decidir.”... Porque aqui não tem pré-requisito, então o aluno faz a recuperação no semestre que ele quiser... Sei de dois alunos da turma de dois mil e oito que não se formaram com a turma deles porque estavam em débito em relação a conceitos – de ICH, de PA ou de FTP... Tinha coisas que não estavam fechadas, coisas que eles não tinham recuperado. Mas é importante dizer que os professores deram a oportunidade, os alunos é que não fizeram a parte deles... Quando eu saí de licença para o doutorado, o Zan assumiu os meus alunos do Cálculo Diferencial e o Zan resolveu de algum jeito com eles...

---

<sup>146</sup> Os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

E eu acho que o Curso de Licenciatura em Ciências tem se aproximado bastante da proposta da UFPR Litoral... Mas ainda há um grande problema na Licenciatura em Ciências: o estágio! Em dois mil e nove, começou o estágio da turma de dois mil e oito e eu entrei em sala com a professora Lucia Resende<sup>147</sup>... Nós tentamos fazer um estágio diferente, mas ele não foi diferente. Foi um estágio de observação, depois de maior interação e regência. Enfim, foi um estágio muito quadrado. E eu acho que esse estágio não começou bem. Depois disso, a turma ficou um tempo sem estágio e os alunos tiveram que fazer um estágio apressado, porque faltava tempo e eles precisavam se formar. E o que eu tenho visto dos estágios, atualmente, não foge muito disso. Então, o estágio não é tão aberto como nós gostaríamos que ele fosse. O estágio tem que ser na escola, com um professor supervisor e tudo mais... O estágio não pode ser realizado em um espaço informal... O espaço do LabMóvel poderia ser considerado estágio, mas não é.

Então, o que acontece no estágio aqui é muito parecido com o que acontece na maioria das licenciaturas... Eu diria que um ou outro professor tem consciência de que é importante integrar o estágio com os FTP e tentar estabelecer um canal de comunicação, trazendo coisas do estágio para os FTP. Mas não são todos os professores que têm essa proposta de construir, com os estudantes, uma integração de estágio e FTP... E, além disso, o estágio acaba sendo também um problema operacional: às vezes não tem professor, às vezes o professor não vai à escola assistir as aulas, às vezes não interage com o professor da escola... Às vezes, o estágio é muito burocrático, às vezes fica muito solto... A meu ver, o problema é o seguinte: o estágio é quase um quarto espaço curricular... Em uma proposta que já tem três espaços curriculares, é difícil criar um quarto espaço... Na minha tese eu defendo que o estágio é o quarto espaço curricular e é um espaço mal resolvido do curso. Porque, veja: o estágio tem uma carga horária de quatrocentas horas que não está bem resolvida na integração... Ele não é FTP, ele não é prática docente, ele não é conhecimento específico... O estágio é a vivência da formação do futuro professor em sala de aula... Mas e aí? O que está acontecendo lá no Sertãozinho – com a Suzana<sup>148</sup>, com o Mauricio e o com o Valentim<sup>149</sup> –, para mim, é estágio. Não

---

<sup>147</sup> Lucia Maria Gonçalves de Resende. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>148</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).



é o estágio como se concebe burocraticamente, mas, para mim, aquilo é estágio. Só que aquilo é docência colaborativa, aquilo é FTP... Então para que chamar de estágio? Tira o estágio! Mas as diretrizes de formação de professores dizem que tem que ter estágio... Veja como é difícil! E quando você vai para uma Comissão de Licenciatura e defende um estágio diferente – como a Suzana, o Mauricio e o Valentim estão fazendo nos FTP –, os caras das outras licenciaturas daqui mesmo – *Artes e Linguagem e Comunicação* –, dizem: “Isso está errado!”... Eles não defendem a proposta inovadora desse tipo de trabalho, eles defendem a burocracia do estágio, porque as pessoas que estão nesses outros cursos têm uma vivência burocrática do estágio.

E tem mais... Tem aluno que vai para o estágio porque acha divertido, mas não quer ser docente. Tem aluno que vai para o estágio e desiste da licenciatura, porque vê a realidade da escola... É aquela coisa: “Aquilo é a escola? Naquele lugar eu não quero trabalhar.”... Então, ter um estágio precoce – desde o segundo semestre – é muito importante... Eu acho que é importante e acho que a maioria dos professores pensa assim... Porque é no estágio que o estudante tem contato com o local onde ele vai passar o resto da vida dele trabalhando – que é a escola, mas é aquela escola que agora ele passa a conhecer não mais como aluno e sim como um visitante que vai vivenciando o espaço da sala dos professores, vai escutando os problemas da escola... E ele vai vivenciando tudo isso como um alguém que está pensando em passar oito horas do dia dele ali dentro daquele espaço... E assim ele começa a conceber a escola de outra forma... Então, é importante que o aluno veja as dificuldades que ele vai encontrar no trabalho dele... Assim ele vê se é isso mesmo que ele quer para a vida dele... Ele vê se aquele espaço o agrada... Ele começa a perceber que tipos de inserção ele pode fazer na escola... Ele vê se aquilo que ele terá que ensinar na escola é igual ao que a universidade ensina – e não é!... Aqui na universidade ele trabalha por projetos, ele sonha... E na escola a maioria dos estudantes não consegue executar o que sonhou aqui... Então, é bom que eles vejam essas contradições, esses antagonismos. Então: sim, os alunos têm dificuldades enormes no estágio, porque alguns não percebem que eles não são mais alunos na escola... No estágio eles precisam ser protagonistas...

---

<sup>149</sup> Valentim da Silva. Doutor em Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

Então, por tudo isso que eu falei, eu mudaria uma coisa na proposta do Curso de Licenciatura em Ciências. Eu mudaria o estágio. Você está lendo o PPC<sup>150</sup> e, de repente, lá no fim vem: “estágio e atividades formativas complementares”. Aquilo, para mim, destoa... Parece que é um penduricalho... Sabe o anexo que não serve para nada? Parece isso! Eu não estou dizendo que é isso, mas é que a forma como está no PPC, parece isso. Historicamente, essa parte – estágio e atividades complementares – foi esquecida. Primeiro se fez o PPC e se colocou algumas regras de estágio que estão na lei... Dois anos depois, os professores decidiram discutir aquilo – isso depois que o curso já estava aprovado e reconhecido. E daí quando a discussão aconteceu, o bicho pegou de novo! E aí o que está escrito lá no PPC é o que foi enviado para o Ministério da Educação, mas não é o que foi rediscutido aqui – e o que os professores não querem mais discutir. É o que a gente chamaria, na psicanálise, de um *pacto denegativo*: não se mexe naquilo, porque aquilo é um ninho de vespa... A minha proposta para o estágio é incluir ele nos FTP, nas ICH e nos PA. Já que as ICH e os PA, por conta do Regimento, estão voltando para os cursos, eu penso que as atividades complementares e o estágio deveriam ser incluídos nesses espaços. Mas esta é a minha opinião. É o que eu tenho que defender depois que eu voltar do meu afastamento...

E a gente tem que entender que o Regimento está aí... Ele foi aprovado por uma oposição – em que há professores extremamente cartesianos. A Pró-Reitoria de Graduação também é extremamente cartesiana e se aproveitou de um documento para fazer com que a filial adequasse as suas estruturas com a matriz... E, com isso, aqueles professores que estavam angustiados com a proposta daqui foram fortalecidos... Agora esses professores falam assim: “Finalmente eu vou poder dar aula de Física. Eu vou solicitar uma remodelação do curso para que eu tenha o meu espaço aqui.”... É uma angústia, é um recalque que alguns professores têm... Eu não estou dizendo que é o caso da Licenciatura em Ciências. A demanda de remodelação da Licenciatura em Ciências é muito mais para poder habilitar os estudantes a trabalhar no Ensino Médio – com Física, Química e Biologia. Então, a proposta do curso de Ciências é um pouco diferente. Mas... Eu vou adorar dar aula de Física! Eu sou físico... Eu só não sei se vou gostar tanto assim de dar aula de Física porque não vai me agradar se ela não estiver integrada na proposta do Setor.

---

<sup>150</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

Mas essa mudança no curso se encaixa totalmente no que a Pró-Reitoria de Graduação aceita e com o que o Regimento propõe. Então, há recalques aqui... Mas o que foi colocado oficialmente nos documentos da Câmara, para que esses três espaços curriculares abrissem, é que outros estados estão habilitando os professores de Ciências para dar aula no Ensino Médio – porque faltam químicos, físicos e biólogos. Então, por jurisprudência, por aberturas que outros estados têm conseguido na lei, pretende-se que o curso da UFPR Litoral também forme professores de Química, Física e Biologia que poderão dar aula no Ensino Médio... Mas, a meu ver, essa não é a principal causa da mudança. A principal causa é um grande recalque dos professores que nunca deram aula do seu conhecimento específico. Eu sei de professores de Biologia aqui que querem dar aula de Biologia... Eu vou adorar dar aula de Física... Vou adorar dar aula de Astronomia – não é a minha área, mas eu gosto. Então, nós temos coisas que gostaríamos de encaminhar... E essa mudança vai tirar um pouco dessa angústia de alguns docentes... E é assim que a Pró-Reitoria de Graduação consegue começar a minar os cursos daqui. Isso, para mim, é política. É um jogo político... E ninguém pensa no aluno! Ninguém pensa no aluno... É impressionante!

Pensando agora na proposta da UFPR Litoral... Eu não mudaria nada na proposta, mas eu acrescentaria algo... Porque eu acho que é pouco o que está lá. Explico: eu acho que precisa ter um pouco mais de liberdade, mas essa liberdade tem que estar explícita. No PPP não está escrito, por exemplo, que os cursos têm que ser seriados. Eu queria que estivesse escrito que os cursos podem optar por não serem seriados. Quando você está lendo o PPP e chega na parte dos cursos, você pensa: “Tem primeiro, segundo, terceiro e quarto ano.”... Mas onde está escrito que tem que ter primeiro, segundo, terceiro e quarto ano? Não está escrito! Então, que se deixe explícito que pode ter outras opções, para que as pessoas imaginem outras possibilidades. Há coisas que poderiam estar explícitas – e que não mudariam a proposta em nada – mas que fariam o sujeito ler o PPP e falar: “Eu nunca tinha pensado nisso!”... Talvez tenha que corrigir a escrita do PPP, talvez precise fundamentar algumas ideias... Mas eu não modificaria a proposta... Eu acho que o texto da proposta é muito resumido. O projeto é muito compacto... Então, eu acrescentaria algumas coisas para deixar o PPP mais explícito.

O que mais eu gostaria de falar sobre a UFPR Litoral? Bom... O que eu vou falar é muito forte... Eu me apaixonei pela UFPR Litoral. Eu amo a UFPR Litoral. E

nada me tira daqui... Eu já desfiz um casamento por causa dela e posso fazer ou desfazer qualquer outro relacionamento por causa dela. Eu amo a utopia daqui... Isso pode parecer muito forte ou muito fraco – depende de como você pensa, não sei se você já amou ou ama... Mas isso aqui é muito mais forte que eu... O LabMóvel é muito mais forte que eu... A utopia da proposta pedagógica é muito mais forte que eu... E eu gosto disso! Eu largo tudo por isso aqui, porque eu gosto daqui. Tem problemas aqui? Tem um monte de problemas! Mas aqui eu sou amigo do rei, eu sou amigo de todos. Eu sou uma pessoa que se dá bem com todos os professores. E se eu percebo que alguém não foi com a minha cara, eu evito ele. Eu tenho o meu espaço aqui... Vários professores do Departamento de Física da UFPR já me convidaram para trabalhar lá... Algumas pessoas do DTPEN<sup>151</sup> da UFPR já me convidaram para trabalhar com eles... E eu falo: “O que eu vou fazer lá? Eu vou ser massacrado, eu vou ser humilhado. Eu não tenho poder lá. Eu não tenho como discutir com vocês par e par. Eu posso ir lá ajudar vocês em algumas coisas. Mas o meu lugar é aqui.”... Algumas pessoas do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática querem que eu trabalhe lá – o Rolkouski me convidou, o Cifuentes<sup>152</sup> me convidou. Mas eu falei: “Eu posso ajudar vocês, mas aí eu não fico.”... Aqui é o meu espaço! E quando você tem um espaço em que você se sente bem, você quer ficar nesse espaço... Eu amo isso aqui! Se eu tenho algo para dizer é isso: eu amo tudo isso aqui, mesmo com os vários problemas que já tiveram, com os problemas que têm e com os problemas que ainda terão... Isso aqui me fascina... Eu gosto daqui...

---

<sup>151</sup> Departamento de Teoria e Prática de Ensino.

<sup>152</sup> José Carlos Cifuentes Vasquez. Doutor em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## DESAFIOS

A ideia de que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender o que é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/vista”, afinal, é uma troca de olhares.

Alessandro Portelli (2010, p. 20)

Os dias que antecederam as entrevistas foram dias de muita ansiedade para mim. Havia preocupação com os roteiros das entrevistas, com os horários, com os imprevistos que poderiam acontecer... Eu sabia que boa parte da minha pesquisa dependia dessas entrevistas. Durante meu mestrado entrevistei algumas pessoas<sup>153</sup>, mas as circunstâncias eram outras. No mestrado fiz duas entrevistas com cada colaborador da pesquisa: uma usando palavras-chave<sup>154</sup> e outra usando um roteiro – que me permitia focar alguns pontos da entrevista anterior. No doutorado seria apenas uma entrevista com cada pessoa. No entanto, eu imaginava que teria uma *vantagem*: eu já conhecia alguns dos colaboradores da pesquisa, e já havia conversado com alguns deles quando visitei a UFPR Litoral em dois mil e treze.

Enfim, o dia das primeiras entrevistas: cheguei ao município de Matinhos por volta das dez horas, e a primeira entrevista seria às onze horas, com a professora Suzana<sup>155</sup>. Enquanto aguardava a professora na UFPR Litoral, eu revisava as questões do roteiro de entrevista – e ouvia o canto dos pássaros... Quando Suzana me viu, ela disse algo assim: “Ah! É você, Silvana! Você eu já conheço!”... Nós havíamos conversado, informalmente, quando visitei o Setor Litoral em dois mil e treze. Aliás, naquela oportunidade, participei de duas atividades mediadas por ela: *Entalhe*, no espaço das *Interações Culturais e Humanísticas*, e um encontro de *Fundamentos Teórico-Práticos* do curso de Licenciatura em Ciências – atividade que

---

<sup>153</sup> Foram colaboradores da minha pesquisa de mestrado: Maria Lucia Faria Moro; Nilcéa Maria de Siqueira Pedra; Nircélio Zobot; e Odilon Carlos Nunes.

<sup>154</sup> Apresentei trinta fichas – contendo palavras-chave – aos colaboradores da pesquisa, almejando que, a partir delas, eles falassem sobre a elaboração das propostas curriculares paranaenses de Matemática, do Ensino de Primeiro Grau, na década de mil novecentos e setenta. Utilizei esse método inspirada em Vianna (2000).

<sup>155</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

acontecia no Colégio Estadual Sertãozinho, em docência compartilhada com os professores Maurício<sup>156</sup> e Valentim<sup>157</sup>.

Começamos a entrevista e logo senti que a Suzana tem uma ligação forte com a sua família. Ela falou sobre a escolha do seu curso de graduação, sobre a vinda da família para Matinhos, sobre sua mãe... A mãe da Suzana foi sua professora no Magistério e agora, depois de aposentada, está cursando Licenciatura em Artes<sup>158</sup>, e Suzana é a professora que acompanha o seu Projeto de Aprendizagem e também os seus desafios de compreender a proposta pedagógica da UFPR Litoral. Essa história me encantou! Mas a Suzana advertiu: “Não sei se isso poderá ficar na entrevista, pois preciso conversar com a minha mãe para saber se ela concorda.”... Eu pensei: “Espero que ela concorde, pois esse relato mostra um pouquinho da história da formação de professores e os desafios de vivenciar – e compreender – uma proposta pedagógica diferenciada.”...

Durante a entrevista foi possível perceber algumas alegrias e tristezas quanto ao trabalho da Suzana na UFPR Litoral... Alegria pelos espaços diferenciados e pela possibilidade de ousar no trabalho docente. Um exemplo disso é a ideia de levar os alunos da Licenciatura em Ciências para trabalhar o módulo de FTP na escola, colocando-os em contato com a realidade escolar e discutindo semanalmente as práticas docentes com os licenciandos. Mas há tristeza pelo *sistema* que, aos poucos, vai minando algumas das características iniciais da UFPR Litoral. Por exemplo: as reuniões do Conselho Setorial, depois da aprovação do Regimento do Setor, passaram a ser meramente burocráticas e deliberativas – sendo que antes esse espaço era usado também para discussões de cunho pedagógico. Vejo aqui um ganho quanto ao diálogo – e à aproximação – da UFPR Litoral com uma escola pública; mas, ao mesmo tempo, vejo uma perda em relação ao diálogo – e ao afastamento dos docentes – dentro do próprio Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná...

Ainda em relação ao *sistema*, a fala da Suzana trouxe uma novidade para mim: o vestibular da UFPR Litoral passou a ser na mesma data e com as mesmas provas do vestibular dos outros setores da UFPR. Essa informação trouxe algumas

---

<sup>156</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>157</sup> Valentim da Silva. Doutor em Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>158</sup> A mãe de Suzana concluiu o curso de Licenciatura em Artes em dois mil e dezesseis.

dúvidas: “Por que os vestibulares foram unificados? Como era o vestibular da UFPR Litoral? As provas do vestibular eram realmente diferenciadas – quanto aos conteúdos – ou apenas aconteciam em datas distintas dos vestibulares dos outros setores da UFPR?”... Foi no momento da entrevista que me dei conta que era preciso conhecer as provas dos vestibulares da UFPR Litoral, as provas dos vestibulares dos outros setores da UFPR, as provas dos dois próximos vestibulares da UFPR, bem como os editais e guias dos candidatos desses processos seletivos.

A conversa com a Suzana também me fez pensar sobre a acolhida de novos professores no Setor Litoral. Ela comentou que sentiu falta de uma assessoria pedagógica no início do seu trabalho na UFPR Litoral. Até esse momento, eu acreditava que todos os professores que chegavam ao Setor Litoral tinham certo acompanhamento por determinado período... Mas parece que eu estava enganada quanto a isso... Sendo assim, esse é mais um ponto a ser investigado. Naquele momento, eu me questioneei: “O que mudou quanto à acolhida dos professores na UFPR Litoral com o passar do tempo? Por que mudou?”...

Depois de aproximadamente uma hora de conversa, encerramos a entrevista. Percebi que eu precisava adaptar algumas questões dos roteiros. Felizmente seria possível fazer isso antes da próxima entrevista, que estava agendada com o professor Valdo<sup>159</sup> para as quatorze horas. Eu já tinha conversado com o Valdo em outras oportunidades... Como ele ocupa a direção da UFPR Litoral desde o início do projeto, eu sabia que sua entrevista poderia trazer detalhes importantes – que poderiam não aparecer em outras entrevistas. Então, minha expectativa em relação a essa entrevista era grande.

O professor Valdo me recebeu em sua sala na UFPR Litoral e conversamos por, aproximadamente, uma hora e trinta minutos. Ele falou sobre o seu descontentamento com a universidade que ele conhecia e sobre a oportunidade de pensar em outro modelo de universidade – que originalmente era um projeto para o Vale do Ribeira paranaense<sup>160</sup>, mas, devido a questões políticas, foi instalado no litoral paranaense – no município de Matinhos. O professor Valdo comentou sobre o início do trabalho no Setor Litoral e citou as dificuldades de se trabalhar na gestão

---

<sup>159</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>160</sup> O Vale do Ribeira paranaense é composto pelos seguintes municípios: Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná.

de um projeto que conta com parcerias intergovernamentais<sup>161</sup>. Além disso, Valdo ressaltou a importância de se falar em termos de políticas públicas educacionais e não apenas em parcerias em um projeto como esse, pois os compromissos assumidos mediante políticas públicas se mantêm independente de mudanças de presidentes, governadores, prefeitos, reitores... Diante desses comentários, percebi que as questões políticas têm sido bastante significativas nas histórias da UFPR Litoral – e que elas têm causado muitos embates.

Ainda sobre o início do trabalho na UFPR Litoral, Valdo contou uma história curiosa: os primeiros professores do Setor Litoral chegaram depois dos primeiros alunos. Ele explicou: houve uma demora na liberação das vagas dos docentes aprovados nos primeiros concursos para o Setor Litoral, então eles assinaram seus contratos em dezembro de dois mil e cinco; mas, como o vestibular já tinha sido realizado, as atividades com os alunos começaram ainda em agosto daquele ano. Para viabilizar essas atividades, alguns docentes que trabalhavam na UFPR, em Curitiba, se deslocavam até Matinhos e trabalhavam com os alunos do Setor Litoral naquele semestre. O professor Valdo afirmou que isso ajudou a consolidar as ideias iniciais do projeto que estava sendo implantado.

A chegada dos primeiros professores na UFPR Litoral, segundo o Valdo, trouxe um grande desafio: como trabalhar com a formação continuada de professores de modo que eles compreendessem a proposta pedagógica da UFPR Litoral?... Valdo comentou que cada vez que chega um professor ao Setor Litoral é preciso recomeçar esse processo de formação, pois a maioria dos professores vem de uma formação tradicional, e na UFPR Litoral o trabalho é diferenciado. Enquanto o professor Valdo falava sobre isso, lembrei de um comentário do professor Vicente, meu orientador, sobre um desafio no trabalho em grupos de pesquisa. Certo dia, o professor Vicente comentou que cada vez que entra uma pessoa no nosso grupo de pesquisa – o Ghoem – é preciso voltar a falar sobre algumas ideias iniciais, mas, ao mesmo tempo, é preciso dar conta de avançar nas ideias trabalhadas pelo grupo. Vi semelhanças entre esses dois desafios; e ainda não sei responder a pergunta: “Como se faz isso?”. Talvez essa seja uma questão de fundo de todo processo formativo...

---

<sup>161</sup> A UFPR Litoral conta com parcerias entre o Governo Federal, o Governo do Estado do Paraná e as Prefeituras Municipais do litoral paranaense.



Valdo também falou sobre outro aspecto da formação continuada dos docentes... Os primeiros concursos para docentes do Setor Litoral ofereciam vinte e cinco por cento das vagas para graduados, cinquenta por cento das vagas para mestres, e vinte e cinco por cento das vagas para doutores. Isso acontecia, também, porque era esperado que os docentes se dedicassem a elaborar dissertações e teses sobre a UFPR Litoral e sobre as ações docentes que nela acontecem. No entanto, os professores têm se dedicado a outros temas de pesquisa em seus cursos de mestrado e doutorado. Então, atualmente, o professor Valdo considera que um projeto diferenciado de universidade precisa pensar, desde o início, em um modo de selecionar uma equipe de docentes que queira trabalhar com uma proposta pedagógica diferenciada. Segundo ele, essa equipe mínima poderia ser formada, por exemplo, a partir de processos de redistribuição de vagas de outras instituições. Fiquei pensando nessa questão... De fato, me parece que não havia como garantir que os docentes se dedicassem a estudar a ação docente que acontece no Setor Litoral ou a sua proposta pedagógica em si. Então, surgiram alguns questionamentos: “Como os concursos poderiam selecionar apenas professores que estivessem interessados em trabalhar com uma proposta pedagógica diferenciada? Como seriam esses concursos?”...

Foi com certa tristeza que o Valdo falou sobre a relação do Setor Litoral com a Universidade Federal do Paraná... O Setor Litoral é o único setor da UFPR que conta com uma proposta pedagógica diferenciada e ele tem enfrentado desafios para se manter na estrutura da UFPR. Um dos pontos destacados por Valdo é o sistema de informática: enquanto os alunos do Setor Litoral são avaliados com conceitos<sup>162</sup>, os demais alunos da UFPR são avaliados com notas. Então, o sistema geral da Universidade não aceitava os conceitos e gerava problemas quanto à emissão dos históricos escolares dos alunos do Setor Litoral. Para evitar a mudança quanto à avaliação, alguns técnicos que trabalham na UFPR Litoral desenvolveram um sistema que resolveu esse impasse.

Outra questão problemática, ressaltada por Valdo, é o sistema de transporte. Como há atividades acadêmicas que acontecem em outros municípios do litoral paranaense, o Setor Litoral necessita de certa autonomia quanto ao sistema de transporte. Porém, atualmente, a UFPR Litoral não conta com isso. As decisões

---

<sup>162</sup> Os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

sobre o uso de veículos têm sido tomadas em Curitiba e isso tem causado problemas para as atividades desenvolvidas pelos docentes e estudantes do Setor Litoral, pois nem sempre os veículos são liberados para os deslocamentos necessários. Fiquei pensando: “Como os professores e alunos têm lidado com o cancelamento de veículos para as suas atividades acadêmicas? Como a comunidade tem reagido a isso? Por que o controle do sistema de transporte passou a ser feito em Curitiba? Como esse problema poderia ser resolvido?”...

Quando falamos sobre a proposta pedagógica da UFPR Litoral, percebi que a expressão de Valdo mudou. Ele comentou sobre a possibilidade de interação entre os alunos dos diversos cursos do Setor Litoral e também explicou que o espaço dos Projetos de Aprendizagem não exige que os discentes trabalhem com assuntos ligados aos seus cursos – aliás, o espaço permite, inclusive, que discentes de cursos distintos trabalhem juntos nos PA. O espaço das Interações Culturais e Humanísticas, como o próprio nome diz, pressupõe interações... Então, os estudantes – de diferentes séries e cursos – se reúnem para trabalhar temáticas de seus interesses, mediados por um docente responsável pela atividade. Ou seja, durante boa parte da carga horária dos cursos os estudantes têm a oportunidade de interagir e trabalhar com colegas de outros cursos.

Embora nossa conversa tenha sido agradável, tive a impressão que o professor Valdo não gostou do roteiro que preparei para a entrevista. No entanto, percebi que ele se mostrava mais *contente* enquanto falava da sua atuação como docente na UFPR Litoral. Talvez tenha sido apenas impressão minha... Mas, depois, pensando sobre isso, eu me perguntei: “Quantas vezes o professor Valdo já respondeu a essas questões?”... Talvez tenha sido esse o problema do roteiro! Talvez tenha faltado sensibilidade no momento de elaboração do roteiro para essa entrevista... Talvez o professor Valdo tivesse tocado em outros pontos da história da UFPR Litoral se eu tivesse dito apenas: “Professor Valdo: fale sobre a UFPR Litoral!”... Enfim, não é possível saber o que aconteceria se a entrevista tivesse sido planejada de outro modo. Vale ressaltar que o professor Valdo foi receptivo e atencioso durante todo o tempo que conversamos e sua entrevista traz muitas contribuições para a minha pesquisa. Mas não sei se a entrevista atendeu às expectativas que ele tinha quando se propôs a conversar comigo sobre a UFPR Litoral...

Apesar das inquietações disparadas pelas duas entrevistas já realizadas – e do cansaço da viagem –, era preciso me preparar para a última entrevista do dia, que seria às dezenove horas e trinta minutos com o professor Emerson<sup>163</sup>, que eu ainda não conhecia. Quando visitei a UFPR Litoral, em dois mil e treze, ele estava em seu período de afastamento para cursar o doutorado na Universidade de São Paulo. Esse período ainda não havia terminado, mas Emerson estava em Matinhos e, então, seria possível entrevistá-lo. Eu imaginava que a entrevista com o professor Emerson seria longa, pois ele estava concluindo a sua tese de doutorado sobre o curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral<sup>164</sup>.

No início da entrevista, o professor Emerson contou sobre a sua decisão por ser professor. Ele comentou que iniciou o curso de Licenciatura em Matemática, mas foi incentivado por alguns professores a cursar Licenciatura em Física – e então mudou de curso. Depois, Emerson relatou, brevemente, sua atuação docente no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e em cursinhos, e disse que percebeu que o concurso para ingresso na UFPR Litoral valorizava, de certo modo, a experiência dos docentes em sala de aula. Além disso, ele percebeu que a banca do concurso procurava saber que outras coisas o docente já havia feito... Ou seja, a banca procurava saber sobre as relações do docente com saberes distintos daqueles da sua formação acadêmica específica – durante essa fala, lembrei que a Suzana também havia apontado isso em sua entrevista. Penso que esse interesse da banca se justifica pelos espaços curriculares propostos na UFPR Litoral, pois tais espaços prezam pela interdisciplinaridade e pela integração dos alunos dos diferentes cursos – ponto destacado por Valdo durante a nossa conversa.

O professor Emerson também falou sobre o início do seu trabalho na UFPR Litoral e comentou sobre a formação continuada no Setor Litoral, uma formação que acontecia tanto em momentos planejados especificamente para esse fim quanto nas reuniões de Câmara<sup>165</sup> e nas reuniões do Conselho Setorial. Emerson destacou que os gestores da UFPR Litoral sempre se mostraram acessíveis e sempre apoiaram os docentes frente aos desafios que iam surgindo durante a caminhada dos cursos do Setor Litoral. No entanto, devido ao seu afastamento para o doutorado, ele não sabe

---

<sup>163</sup> Emerson Joucoski. Doutor em Ciências (Ensino de Ciências) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>164</sup> Trata-se da tese intitulada *Desenvolvimento profissional e inovação curricular na Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral*, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em dois mil e quinze.

<sup>165</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

como isso vinha acontecendo nos últimos anos. Enquanto ele falava, lembrei novamente da entrevista com Suzana e o seu descontentamento quanto às reuniões de Câmara, que parecem ter se transformado em um espaço para discutir mais questões burocráticas do que questões pedagógicas. Então, imaginei que algo mudou... Ficaram as questões: “Por que mudou? Por que, aos poucos, está se perdendo esse espaço de discussão pedagógica e de formação?”... Ficou a expectativa de que outros docentes falem sobre isso em suas entrevistas e, assim, me auxiliem a compreender alguns movimentos da UFPR Litoral...

Por falar em movimento, o professor Emerson contou também das dificuldades de se elaborar o primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências e de responder a pergunta: “O que é um professor de Ciências?”. Um dado curioso: nenhum dos docentes que constituíam a Câmara de Ciências tinha lecionado a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental. Para complicar mais a situação, outro dado: não existem diretrizes curriculares específicas para o curso de Licenciatura em Ciências. Além disso, os professores tinham outro desafio: o trabalho por projetos. Como consequência disso, surgiram várias questões que inquietavam os professores do curso. Nessa parte da entrevista, uma novidade para mim: no início, o curso de Licenciatura em Ciências estava organizado por disciplinas. Havia, inclusive, a disciplina de Cálculo Integral e Diferencial – que foi ministrada por Emerson. Passado certo período, os professores decidiram repensar a opção de trabalho e eliminaram as disciplinas. Imaginei os embates nas reuniões de Câmara durante o processo de elaboração do PPC<sup>166</sup>...

Durante nossa conversa, Emerson falou sobre algo que considerei bastante relevante: o modo como os cursos se apropriam do Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral e dos seus entendimentos quanto aos espaços curriculares. Por exemplo: há cursos que trabalham os Fundamentos Teórico-Práticos por projetos, mas há cursos que trabalham os FTP como disciplinas; há cursos que têm aproveitado o espaço das ICH para trabalhar com temas específicos do curso... Ou seja, há diversidade de apropriações e entendimentos sobre o PPP... Suzana e Valdo também comentaram sobre isso. Mas Emerson enfatizou que ele pensa que esses espaços curriculares só permanecem em alguns cursos porque estão no PPP do Setor Litoral e que, por isso, os cursos precisam mantê-los.

---

<sup>166</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

Quando falamos sobre o estágio do curso de Licenciatura em Ciências, senti que esse é um assunto um tanto complicado. O professor Emerson defende que os estágios dos cursos de licenciatura se constituem em um quarto espaço curricular no Setor Litoral – mas ele ressalta que os estágios ainda não estão sendo vistos dessa maneira. Ficou evidente a preocupação do professor quanto ao trabalho que vem sendo desenvolvido no estágio do curso de Licenciatura em Ciências, e também ficou evidente a necessidade de se rediscutir a questão dos estágios na Câmara. Sobre esse assunto, ficaram algumas questões: “Como seria um estágio diferenciado? A legislação vigente permite que o estágio seja desenvolvido de outro modo? As escolas aceitariam outros modelos de estágio?”...

Outro assunto que pareceu preocupar o professor é a avaliação. Emerson falou sobre as dificuldades de se definir os conceitos dos alunos. Como definir se uma aprendizagem foi plena ou *apenas* suficiente? Como diferenciar uma aprendizagem suficiente de uma aprendizagem parcialmente suficiente? Como determinar se uma aprendizagem foi insuficiente?... Fiquei pensando: “Quais são os critérios utilizados pelos docentes para definir os conceitos? Como são realizados os trabalhos de recuperação?”...

Depois de aproximadamente duas horas de conversa a entrevista foi encerrada. Então, Emerson perguntou: “Você é professora?”... Respondi: “Sim, eu sou professora... Professora de Matemática.”... E aí ele pediu que eu contasse um pouco sobre mim. Nesse momento, percebi que eu teria que contar algumas coisas na tese... Percebi que algumas questões eram recorrentes: “Você é professora? Como você conheceu a UFPR Litoral? Qual sua relação com a UFPR Litoral? Qual seu interesse em estudar a UFPR Litoral? Por que uma professora de Matemática está pesquisando uma proposta diferenciada de Ensino Superior?”... Percebi que teria que responder essas questões também para meus possíveis leitores.

Naquela noite saí da UFPR Litoral com a sensação de dever cumprido. As três entrevistas foram realizadas e a partir delas outras questões foram disparadas... Mais tarde, fiquei pensando nas três entrevistas e vi dois pontos em comum entre elas: o que me pareceu ser uma paixão dos colaboradores pela UFPR Litoral, e os relatos sobre os desafios de se trabalhar ali. São muitos os desafios... Suzana falou sobre os desafios do início do trabalho: compreender o que acontece em cada espaço da Universidade, entender o significado de cada uma das várias siglas... Valdo ressaltou os desafios de se trabalhar com a formação continuada da equipe

docente da UFPR Litoral e com parcerias intergovernamentais; além do grande desafio de se manter um projeto diferenciado dentro da estrutura de uma universidade tradicional... Emerson destacou os desafios de se pensar em um curso de Licenciatura em Ciências, de se compreender o que é um professor de Ciências, e de se repensar o estágio no curso de Licenciatura em Ciências...

Eu fiquei pensando no desafio de se elaborar um projeto que contemple uma proposta pedagógica diferenciada para o Ensino Superior... Pensei também no desafio de se propor um estágio diferenciado... E me preocupei, naquele momento, com o meu desafio de realizar quatro entrevistas em um mesmo dia – eu teria que fazer isso no dia seguinte. Isso me levou a pensar em uma das desvantagens de se realizar várias entrevistas em uma única semana: há pouco tempo para rever os roteiros de entrevista. Então, que esse seja um desafio a ser superado: revisar os roteiros no pouco tempo que há entre uma entrevista e outra. De repente, eu me dei conta que eu precisava me distanciar das entrevistas realizadas... Eu precisava descansar, pois precisava me preparar para as próximas entrevistas.

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 4 – MAURÍCIO

Nome completo do colaborador: Maurício Cesar Vitória Fagundes

Data e local de nascimento: 22 de janeiro de 1961, Jaguarão (RS)

Data da entrevista: 21 de outubro de 2014

### *Movimentos anteriores à docência na UFPR Litoral*<sup>167</sup>

Eu nasci em Jaguarão, no sul do Rio Grande do Sul – fronteira com o Uruguai... E estudei lá, fiz o Primário<sup>168</sup> e o Ginásio<sup>169</sup>, em escola pública. Naquela época ainda não tinha muita opção de cursos de Segundo Grau<sup>170</sup> em cidades do interior... Em Jaguarão a única opção de curso, à noite, era o Técnico em Contabilidade. Então, eu *escolhi* o Curso Técnico em Contabilidade!... Terminei esse curso, mas daí não tinha a possibilidade de fazer um curso superior em Jaguarão... E eu sou de uma família de condições financeiras muito humildes: meu pai foi estivador praticamente a vida inteira e teve seis filhos... E aí eu comecei a observar o movimento do meu irmão mais velho: ele terminou o Segundo Grau e foi para o quartel; saiu do quartel e foi para Pelotas. Então, eu entendi que a possibilidade era fora de Jaguarão, e, com o passar do tempo, eu comecei a me organizar para sair de Jaguarão e ir para outra cidade.

Nisso, eu descobri, no quartel, o NPOR<sup>171</sup> em Pelotas... E esse quartel era diferente do quartel que tinha em Jaguarão – que era só para servir como soldado. Em Pelotas tinha a possibilidade de fazer o curso de Preparação de Oficiais de Reserva, que funcionava assim: o sujeito fazia um ano de curso e depois, dependendo da classificação, era chamado para ser Oficial durante nove anos. Essa era a possibilidade para eu fazer o meu curso superior! Então, fui para Pelotas. Fiz o curso, me classifiquei bem e fiquei lá durante oito anos... Quanto ao Curso Superior, a minha ideia inicial era Engenharia Civil... Como já falei, eu sou de uma família humilde... E eu via o professor como alguém muito humilde também... E aí era aquela coisa: “Caramba! Já que eu vou estudar, eu quero um negócio que me

---

<sup>167</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>168</sup> Corresponde aos anos iniciais do atual Ensino Fundamental.

<sup>169</sup> Corresponde aos anos finais do atual Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

<sup>170</sup> Corresponde ao atual Ensino Médio.

<sup>171</sup> Núcleo de Preparação de Oficiais de Reserva.

possibilite ganhar mais!”... E eu sempre soube que professor ganhava pouco... Então, eu comecei a cursar Engenharia Civil... Mas, daí, eu fiz Cálculo I, repeti Cálculo I e repeti Cálculo I novamente, porque com a minha função do quartel eu faltava muito... Quando eu assistia às aulas, vendo a sequência, eu já não entendia... Quando eu faltava duas ou três aulas, chegava na sala e via o quadro cheio, eu ia à loucura! Aí eu entendi que não dava para continuar no curso de Engenharia Civil... Então, eu fui olhar os outros cursos que tinha à noite: licenciaturas. O que fazer? Escolher uma das licenciaturas! Escolhi História... Com o decorrer do curso, eu comecei a me encontrar... Mas eu ainda estava no quartel e era a fase do final do período da ditadura... E aí eu comecei a ter algumas cobranças dos professores, ou problematizações: “Como é que tu faz isso?”... “Como é que tu vê isso?”... Aí eu comecei a ver algumas coisas que eu não tinha visto até então... Depois disso, eu fui para o estágio curricular do curso de História e convivi novamente com aquela realidade que também era minha... E isso começou a me cutucar, me provocar: “Acho que esse negócio é bom, acho que dá para mexer com algumas coisas!”...

Quando eu estava no último semestre do curso de História, a minha esposa passou em um concurso da UEL<sup>172</sup> e mudou para Londrina, no Paraná. No final daquele ano, terminei o curso de graduação, pedi a minha *baixa* no quartel – a demissão se chama *baixa* no quartel – e fui para Londrina... E foi aí que entrei nesse ciclo da educação! Em Londrina, dei aula em escola privada e em escolas estaduais... Na rede estadual eu comecei a trabalhar como professor CLT<sup>173</sup> e, depois, fiz concurso e passei a trabalhar no Colégio de Aplicação da UEL. Essa escola tinha um grupo muito bom! Eles tinham um esquema de trabalho muito interessante: tinha um grupo de professores da escola e um grupo de professores da Universidade, era um grupo multidisciplinar que fazia discussões e formação docente. Esse grupo, junto com o que eu vi no curso de História e em diálogo com minha história de vida – oriundo de uma família humilde –, me fazia ficar pensando em como transformar, em como mudar a educação, e torná-la com sentido na vida das pessoas, evidentemente, para além da simples preparação para o mercado de trabalho. E, nesse grupo, nós começamos a discutir o tal do Projeto Político

<sup>172</sup> Universidade Estadual de Londrina.

<sup>173</sup> CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. No Estado do Paraná os chamados professores CLT não eram concursados, mas faziam uma prova e, de acordo com sua classificação, conseguiam determinada carga horária de aulas nas escolas da rede estadual de ensino.



Pedagógico... Isso porque a professora Ilma Veiga<sup>174</sup> era amiga da diretora do Colégio de Aplicação e foi lá fazer uma formação de professores... A Ilma começava a discutir, naquela época, em mil novecentos e noventa, o famoso PPP<sup>175</sup>, que seria, em mil novecentos e noventa e seis, com a LDB<sup>176</sup>, instituído como instrumento de organização político-filosófica da educação formal. Assim, começávamos a entender as várias dimensões que tem o projeto, com articulação com a sala de aula e com o fazer dos alunos... Esse foi um ano muito rico! A Ilma foi umas três ou quatro vezes conversar com a gente em Londrina. E as discussões começaram a efervescer.

Durante esse período, surgiu a possibilidade de concorrer para a direção de uma escola confessional – da Igreja Anglicana – em Pelotas. Para isso, era preciso elaborar um projeto... E como nós estávamos nessa fase, elaboramos um projeto cheio de revoluções para uma escola confessional... E deu certo! O pessoal da escola gostou do projeto... E assim nós voltamos para o Rio Grande do Sul... A minha esposa pediu demissão na UEL, eu pedi demissão no Estado e voltamos para Pelotas. A eleição era pela mantenedora da escola e nós fomos eleitos nessa primeira vez, depois outra vez e mais uma vez. Então, foram três gestões de quatro anos... E a gente implementou, nessa escola, um pouco da possibilidade de fazer algo diferente... Sempre tem limites e tem possibilidades, né?! Os limites são ditados pelas famílias que querem algumas coisas e não abrem mão de outras coisas. E a possibilidade é com o corpo docente – seja por medo de perder o emprego, seja por identidade com a proposta. Mas, nesse caso, todo mundo gostava porque desamarrava um pouco as coisas...

E nós começamos esse trabalho propondo a supressão da apostila como referência de ensino e pesquisa do Ensino Médio... Isso causou um horror em um número de professores e de pais, que queriam saber o que iria acontecer com essa medida... Depois, nos anos seguintes, fomos suprimindo a apostila do Ensino Fundamental. E nós começamos a trabalhar por projetos interdisciplinares. Alguns professores aderiram mais à proposta e começaram a fazer pesquisas com os alunos... Ah! Tem outra coisa que aconteceu antes disso! Quando surgiu a possibilidade de concorrer à direção com esse projeto, a Informática estava começando e eu disse: “Cara! Esse é um caminho! Vamos criar um curso de

---

<sup>174</sup> Ilma Passos Alencastro Veiga. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

<sup>175</sup> Projeto Político Pedagógico.

<sup>176</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei n. 9394/96).

informática na escola!”... Daí eu fui estudar informática, fiz um curso de informática ainda em Londrina, para aprender como funcionava aquele negócio. Aí, no primeiro ano de gestão da escola, nós começamos a organizar uma equipe e construímos um Curso Técnico em Informática. Na época esse negócio era novidade... A maior dificuldade ou problema para implantação do curso na escola era dinheiro, como financiar a compra de equipamentos, porque a escola era confessional e trabalhava no limite – estava bom quando empatavam os valores de entradas e saídas. Mas, mesmo assim, nós implantamos o curso de informática e o pessoal começou a se entusiasmar com isso, começou a fazer pesquisas e a pensar em um trabalho sobre robótica... E aí as crianças começam a trabalhar também com robótica... Sabe aqueles Lego<sup>177</sup> que vêm com motorzinho? Isso agora é comum, mas naquela época era difícil encontrar, para conseguir um *kit* tinha que saber onde estavam fabricando, era importado... Mesmo assim, apesar das dificuldades, os professores fizeram um trabalho com robótica...

Esse movimento me levou para o mestrado, cutucado pela Mabel<sup>178</sup> – que foi minha orientadora de doutorado – e pela Ilma, que nessa época foi para a Universidade Federal de Pelotas. Um dia a Ilma foi à escola que eu trabalhava e falou: “Maurício, você tem que fazer o mestrado!”... E eu acabei fazendo uma disciplina com ela, como aluno especial – porque eu ainda não tinha participado da seleção –, e, na sequência, preparei um projeto e, enfim, ingressei no Mestrado em Educação. E fiz a pesquisa estudando o Projeto Político Pedagógico que nós estávamos implantando na escola, escutando alunos e pais... Eu convidei três meninas do curso de Pedagogia para fazer as entrevistas que eu precisava... Essas meninas não revelavam quem estava fazendo a pesquisa – isso para não acontecer de alguém dizer: “Vou falar alguma coisa que agrada o diretor!”... E foi legal ver as respostas porque eu estava acompanhando aqueles movimentos...

Bom... Aí, quando eu estava no décimo ano de direção da escola, mudou o grupo da mantenedora da escola... E a nova mantenedora queria resultados financeiros... Mas o meu negócio era resultado pedagógico e não resultado financeiro. E aí começaram os embates!... Nós começamos a bater de frente e o negócio ficou muito desgastante... Aí eu pedi para sair, pedi demissão... Isso foi em

---

<sup>177</sup> Lego é um brinquedo produzido pelo LEGO Group. Esse brinquedo é composto por peças de plástico que se encaixam e permitem diversas combinações.

<sup>178</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

dois mil e dois... Era o momento da expansão das faculdades e universidades privadas... E, em um feriado de Páscoa, nós fomos a Foz do Iguaçu para visitar o irmão da minha esposa... Nós falamos para ele que a situação estava complicada e ele disse: “Aqui estão abrindo três faculdades, na cidade vizinha está abrindo mais uma e na outra cidade está abrindo mais outra... Quem sabe? Por que vocês não tentam conversar com o pessoal?”... Era uma ideia! Se a gente fosse conversar nas faculdades era só trocar a data da viagem: em vez de viajar na segunda-feira, viajava na quarta-feira... Então, nós fomos conversar em duas faculdades. Resultado: o nosso voo saía de Foz do Iguaçu, ia a Curitiba, porque tinha uma conexão lá, e depois ia para o Rio Grande do Sul; quando nós chegamos no aeroporto em Curitiba, tocou o celular: “Professor, nós gostamos da conversa, do currículo de vocês e da experiência que vocês têm... Nós queremos que vocês fiquem em Foz.”... Eu respondi: “Nós já estamos indo para o Rio Grande do Sul, mas vamos conversar!”... E daí nós fomos morar e trabalhar em Foz do Iguaçu... Na época, estavam sendo implantados os Institutos Superiores de Educação, os cursos de Normal Superior... Eu fui para dar aulas, mas acabei sendo o coordenador do curso... E, como estavam sendo implantados outros cursos e a diretora não tinha muita experiência, eles pediram para eu dar uns palpites na gestão... Depois eu fui para outras universidades e comecei a trabalhar com outros cursos também...

E, nesse período, eu fiz a seleção para o Doutorado em Educação na Unisinos<sup>179</sup> com a Mabel... E passei! Aí eu fiquei viajando um semestre inteiro... Eu organizei todos os meus horários de quinta de manhã a sábado à noite em Foz... Aí eu viajava no domingo e tinha compromissos no Rio Grande do Sul até quarta-feira à tarde... Na quarta-feira à noite eu pegava o ônibus e voltava para Foz do Iguaçu... Ou seja, eu fazia esse percurso de dois mil quilômetros toda semana. Mas isso começou a ficar cansativo e eu acabei pedindo demissão em Foz do Iguaçu e mudei para o Rio Grande do Sul para fazer o doutorado...

E no começo do doutorado, eu conheci o projeto da UFPR Litoral... A Mabel me falou que esse projeto estava começando... E como eu tinha estudado os movimentos do Projeto Político Pedagógico em uma escola de Educação Básica, a minha ideia no doutorado era entender como funciona a formação nas universidades... Porque a minha maior crítica era: “O que esses caras fazem na

---

<sup>179</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

formação superior? Quando chega um sujeito desses aqui, eu – na minha função de gestor – preciso reformar esse cara... O que eles fazem na universidade?”... Eu queria entender como se dá a formação na universidade, porque embora tivesse passado por ela, não passei com esse olhar, e, portanto, eu não entendia... Precisava estudar como funcionava, como se dava essa formação e como essa formação poderia ser diferente... Aí a Mabel me disse: “Olha, Maurício... O Valdo<sup>180</sup> me convidou para fazer uma formação de professores na UFPR Litoral... Tu queres ir comigo?”... Isso foi em dois mil e cinco e a formação aconteceria no início de dois mil e seis... E eu respondi: “Vamos!”...

Aí eu vim para Matinhos com a Mabel... Trouxe um ou dois textos da minha dissertação<sup>181</sup>, conversei com o Valdo e dei uns palpites na formação do pessoal... E daí eu comecei a entender a proposta do Setor<sup>182</sup> e pensei: “Eu preciso estudar esse projeto... Acho que isso aqui pode ter alguma coisa diferente na formação, algo que dê conta da chegada do professor na escola com algo diferente.”... E, nesse período, o Valdo queria consolidar a proposta... E, no meio das nossas conversas, o Valdo disse: “Maurício, quem sabe tu vem para cá e pesquisa aqui... Vai ser importante para ti e para nós.”... Eu respondi: “Já estava pensando nisso... Vamos trabalhar!”... E aí o Valdo falou que ia tentar ajudar com as despesas de deslocamento, porque eu tinha que viajar do Rio Grande do Sul para Matinhos e a minha proposta era fazer uma pesquisa também etnográfica – para entender o processo... Então, eu ficava muito tempo em Matinhos... Às vezes, eu ficava três semanas, às vezes ficava um mês... Isso dependia dos movimentos que iam acontecendo... No início, estava fervilhando sempre! Às vezes, era difícil saber o recorte de tempo que eu ia fazer porque era muita coisa acontecendo... Enfim, eu fiz a pesquisa<sup>183</sup> assim: indo e voltando do Rio Grande do Sul... No último ano do meu doutorado, abriu concurso na UFPR Litoral... E eu disse: “Vou trabalhar aqui ou não trabalho em lugar nenhum!”... Fiz o concurso e passei...

---

<sup>180</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>181</sup> Dissertação intitulada *Reprodução e emancipação – categorias de análise histórico-ontológica de um Projeto Político-Pedagógico: dialogando com a realidade concreta de seus sujeitos*, defendida na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em dois mil e três.

<sup>182</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>183</sup> Tese intitulada *Universidade e Projeto Político-Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias*, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em dois mil e nove.

### *Concurso na UFPR Litoral*

Eu acho que o diferencial do concurso que fiz na UFPR Litoral foi a entrevista, que era chamada de *defesa de títulos e currículo*. Mas, na verdade, a entrevista era muito mais para saber a relação de afinidade do candidato com a proposta do Setor do que, efetivamente, para o sujeito discursar sobre os seus feitos... A proposta da entrevista era ver o perfil do candidato. E teve também a prova escrita, sem identificação, e a prova didática... Ah! A prova didática é pública... E, até aquela ocasião e depois um pouquinho mais, o pessoal estimulava a participação dos alunos e dos professores... Então, os alunos participavam da prova e era como uma aula normal... As pessoas podiam interromper a prova didática e fazer perguntas quando elas quisessem... Eu acho que isso tem a parte boa e a parte ruim... Porque daí o sujeito que quer atrapalhar vai lá assistir a prova... E, nessa época, já tinha um grupo descontente aqui... Já tinha alguns que queriam outras coisas que não o projeto... Enfim... Eu fiz o concurso, passei e estou aqui – como professor – desde janeiro de dois mil e nove...

### *UFPR Litoral...*

Eu acho que a proposta da UFPR Litoral é um desafio de quebra de paradigma. Penso isso porque a ideia do PPP institucional é de romper com a perspectiva que tem iluminado a formação tradicional proporcionada em cursos que se pautam nos princípios positivistas e liberais, em que se faz a separação de teoria e prática – sendo que a teoria tem que vir antes da prática, pois a prática é a aplicação da teoria... Ou seja, a proposta daqui rompe com essa dicotomia. Há o desejo de romper com essa dicotomia e, a partir disso, fundar outra proposta de formação – em que a realidade concreta do lugar e a realidade do sujeito sejam consideradas. E aí vem a explicação do motivo do Setor se instalar aqui no litoral: havia a necessidade real de se ter uma universidade aqui... Havia a necessidade de se ter um centro de formação que dialogasse com este lugar para pensar alternativas para este lugar. Então, a proposta da UFPR Litoral se assenta fortemente na realidade concreta para, a partir dela, refletir e agir nessa realidade. E daí a Universidade faz sentido para o lugar e o lugar faz sentido para a Universidade! Quando eu trabalho com formação de professores, normalmente, eu digo que a primeira pergunta que nós precisamos fazer é a seguinte: “Se amanhã a escola fechar e vocês não vierem trabalhar, o que acontece?”... E eu complemento:

“Se a população não fizer nada... Se não disser nem: ‘Que pena!’... Então, vocês – professores – não estão fazendo nada aqui... Vocês não fazem falta aqui há muito tempo!”... Se não faz falta é porque não faz sentido para o lugar...

Enfim... Eu acho que o papel da Universidade é romper com o paradigma dominante de relações de ensino e de aprendizagem... A formação não se assenta necessariamente no ensino e aprendizagem. E assim a Universidade vai criando outras formas de ser, de estar e de se relacionar com o lugar, com o conhecimento e com a produção de conhecimento... E eu acho que a proposta da UFPR Litoral está muito bem desenhada, porque ela é flexível... Ela permite trabalhar de modo mais tradicional e permite que se trabalhe de outros modos... A UFPR Litoral nos dá uma flexibilidade muito boa na perspectiva de formação...

Mas eu acho que nós ainda temos muitos problemas na gestão do processo... E isso depende dos gestores que estão trabalhando naquele momento... E nesse ponto nós temos necessidade de avançar... E eu não estou falando de coisas isoladas, eu estou falando de coisas ligadas à PROGEPE<sup>184</sup>, à PROGRAD<sup>185</sup>... Enfim, nós temos problemas de diálogo com as outras gestões... Há a necessidade de uma PROGRAD que entenda que a nossa proposta é diferente e que a PROGRAD não queira matar essa proposta... E não se trata do desejo de evidenciar a nossa proposta e dizer que ela deve ser um modelo para a universidade... Mas se trata do desejo que venham aqui e dialoguem conosco, na tentativa de entender a nossa proposta de formação. Não tem esse diálogo! Nesses seis anos que eu estou no Setor, acho que o pessoal da Reitoria veio aqui umas três ou quatro vezes... A última vez que vieram foi no início deste semestre e vieram para dizer que tem que fechar cursos porque falta professor... Então, se não tem professores, tem que fechar cursos! Enfim, os diálogos – de fora para dentro – são sempre muito tacanhos, são sempre muito complicados...

E tem outras coisas... Tem algumas pessoas que vêm de São Paulo para conhecer o nosso Setor, para saber como funciona a proposta... Tem o pessoal do Rio Grande do Sul que veio conhecer... Já vieram algumas pessoas do Mato Grosso... E aí eu pergunto: quantos alunos do PPGE<sup>186</sup> da UFPR<sup>187</sup> vieram aqui até agora? Quantos professores do PPGE vieram aqui conhecer a nossa proposta? A

---

<sup>184</sup> Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas.

<sup>185</sup> Pró-Reitoria de Graduação.

<sup>186</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação.

<sup>187</sup> Universidade Federal do Paraná.

professora Tais<sup>188</sup> veio – faça-se justiça!... A Taís foi a primeira professora do PPGE que veio conhecer o Setor... Ela conhece a nossa proposta... Mas muitos professores da UFPR ainda não conhecem a nossa proposta...

### *Espaços curriculares*

Aqui na UFPR Litoral nós trabalhamos com três espaços curriculares: Projetos de Aprendizagem; Interações Culturais e Humanísticas; e Fundamentos Teórico-Práticos... Esses espaços curriculares são separados, não lineares e dialéticos, que se complementam e que têm movimentos próprios – próprios de seu espaço e próprio do aluno. Então, cada aluno pode ter uma conceituação do que é cada um dos espaços curriculares. Se você conversar com vinte alunos, talvez os vinte alunos vão dizer coisas diferentes sobre esses espaços. E a proposta é esta! Espera-se que isso aconteça, pois se espera que o aluno se aproprie dos espaços e dialogue consigo mesmo e com os espaços a partir da sua construção histórica no curso, das suas propostas e dos seus desejos. Vou falar como eu vejo esses espaços...

O espaço dos Projetos de Aprendizagem é o espaço para o sujeito resgatar aquele desejo ou aquela curiosidade de descobrir coisas, de se interrogar... Então, os PA<sup>189</sup> servem, inicialmente, como uma espécie de despertador para o aluno dizer: “Puxa! Eu podia pensar isso!”... E nós mudamos o modo de iniciar o trabalho com os PA... Agora, no primeiro semestre dos cursos, tem uma introdução aos PA... E, nesse primeiro momento, nós trabalhamos com as histórias de vida dos estudantes para termos elementos concretos para fazer um *link* dali para a frente... A partir das histórias de vida dos estudantes, nós perguntamos a eles: “Qual é o teu desejo? Qual é o teu sonho? O que tu quer fazer? O que tu quer descobrir? O que tu quer estudar?”... Geralmente eles respondem: “O curso que eu estou fazendo...”... E nós, professores, falamos: “Tudo bem. Mas... E para além do curso? Tu pode estudar qualquer coisa. O que tu quer estudar?”... Aí, por exemplo, alguém pode falar assim: “Eu pensei no seguinte: por que não tem uma ponte que ligue Matinhos a Guaratuba?”... E daí a gente fala: “Vamos estudar isso!”... Porém, às vezes, alguns estudantes ainda falam assim: “Mas eu sou do Serviço Social.” ou “Mas eu sou do

---

<sup>188</sup> Tais Moura Tavares. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>189</sup> Projetos de Aprendizagem.

Turismo.”... E nós insistimos: “Não tem problema!”... Porque nos PA não importa em qual curso o estudante está inserido... O que importa é o sentido desse espaço, que é despertar a curiosidade... Talvez despertar não seja a melhor palavra, talvez seja melhor dizer que o sentido desse espaço é o de resgatar a possibilidade do estudante se dar o direito de fazer interrogações sem ter respostas prontas ou politicamente corretas...

Isso rompe com o tradicional... Na proposta tradicional você só faz a pergunta quando sabe a resposta... Na nossa proposta a gente quer que eles façam a pergunta porque eles não sabem a resposta, porque querem descobrir outras coisas... E a escola, lá atrás, vai matando isso gradativamente, né? Quando a criança começa a perguntar, alguns professores dizem: “Pelo amor de Deus, para! Deixa eu dar o meu conteúdo... Eu quero dar essa matéria aqui e você fica me infernizando com perguntas.”... E assim a escola vai matando isso... Então, uma das propostas dos PA é resgatar a curiosidade, o desejo e o direito de ter prazer por aquilo que se faz – e que deixa de ser obrigação... Porque se eu tenho o desejo de entender como funciona uma coisa, então é um direito meu estudar essa coisa. E isso é muito diferente do dever de fazer uma pesquisa porque o professor Maurício quer ou porque a professora Silvana está pedindo que a pesquisa seja feita na direção da linha de pesquisa dela... Aliás, isso é muito comum nas pós-graduações, né? Isso é muito forte nas pós-graduações!... Para começar, o sujeito só é selecionado se o orientador dialoga minimamente com a proposta de pesquisa do cara – porque o orientador tem que ter todas as respostas para as perguntas do aluno... Esse é o paradigma tradicional... E aqui na UFPR Litoral nós entendemos que precisa ser diferente...

Então... Como funcionam os PA? Os Projetos de Aprendizagem têm um professor mediador – e esse mediador não precisa dominar o conteúdo que o aluno quer estudar. A proposta do mediador é didático-pedagógica no sentido de que o professor é o sujeito que vai problematizar o que o estudante disser... Então, se o estudante diz duas coisas, o mediador problematiza duas, três, quatro coisas a partir da fala do estudante... Ou seja, o mediador possibilita que o estudante pense em alternativas para dar continuidade ao seu projeto... E a frequência dos encontros de acompanhamento dos PA varia de aluno para aluno: com alguns alunos as conversas são semanais, com outros as conversas são quinzenais – depende do movimento do projeto... E, às vezes, acontece de o estudante chegar e falar: “Bah!



Professor, nessa semana não deu para avançar no projeto.”... Aí eu digo: “Não tem problema. Vamos marcar para conversar na semana que vem.”... E na semana seguinte ele traz o que ele fez e a gente conversa... E assim vai construindo a possibilidade do aluno ser pesquisador... Aqui, desde o primeiro semestre, o estudante é um sujeito que exercita a pesquisa a partir de algo que lhe dá sentido e que o complementa como sujeito – para além dele como profissional.

Sabe aquela placa que tem na frente da UFPR Litoral? Ela é fruto de um PA que eu medie! Foi um PA dos alunos do Turismo, na época que eu era coordenador do curso de Turismo... E a ideia desse PA surgiu a partir de uma viagem para Gramado, no Rio Grande do Sul. Alguns estudantes chegaram em Gramado e se encantaram, porque lá é tudo típico: como a cidade foi colonizada por alemães, as casas estão dentro de um padrão de construção alemã e as sinalizações também. Eles viram que, em vez de ter essas plaquinhas feias de lata, em Gramado as plaquinhas são de madeira, são mais bonitas... E aí eles falaram: “Puxa! Matinhos é pobre em sinalização e lá tem muitos artesãos que trabalham com entalhe... Por que a gente não faz um PA sobre isso?”... Na época, eles estavam fazendo outra coisa no PA – eu não lembro o tema – e aí eles redirecionaram o tema do projeto deles a partir dessa nossa viagem... Isso é outra coisa importante: dependendo dos movimentos que acontecem, nós podemos fechar um PA e começar outro. Nesse caso, foi isso que aconteceu. A partir daí os estudantes começaram a identificar os artesãos de Matinhos e investigar como eles poderiam fazer algo que materializasse essa ideia de modo que ela fosse um meio de referência para os outros artesãos... E acabou surgindo a ideia de sinalizar o Setor – e o pouco de sinalização que se tem hoje no Setor foi o grupo do Jessé<sup>190</sup> que fez... Mas, no movimento do PA, alguém observou o seguinte: “Se a sinalização ficar só aqui dentro, ela não vai ter muita visibilidade, porque quem passa lá na rua não vê.”... E aí outra pessoa falou: “A Universidade ainda não tem uma placa que indique que aqui é a UFPR Litoral! Vamos fazer uma placa!”... E daí nós saímos atrás de material e eles fizeram um projeto da placa e levaram para o artesão ver se era possível fazer o que eles queriam... Esse movimento todo até chegar na placa demorou uns dois anos... E o que fez sentido para eles nesse PA? Eles perceberam que, por meio do curso de Turismo, eles tinham condições de fazer coisas que deixassem a cidade visualmente

---

<sup>190</sup> Jessé Castro Ramos – estudante da Licenciatura em Artes.

mais bonita e, ao mesmo tempo, evidenciar o trabalho – até então invisível – dos artesãos locais... Isso é também responsabilidade social...

Agora vou falar de outro espaço... Vou falar das Interações Culturais e Humanísticas, as ICH... A proposta deste eixo, como o próprio nome diz, é a interação. Nós entendemos que a formação de um profissional tem que ser muito mais do que uma formação técnica. É como diz o Antônio Nóvoa<sup>191</sup>: “O professor é a pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor.”<sup>192</sup>... É pessoa! Em qualquer momento é pessoa! E a academia esquece que esse sujeito é pessoa e quer encher ele de conteúdo técnico com início, meio e fim... E tudo separado! Cada professor entra em sala de aula com a sua gavetinha... E o professor trabalha aquilo há trezentos anos – alguns, inclusive, usam aqueles *slides* que só mudaram das transparências<sup>193</sup> para o *Power Point*<sup>194</sup>... E assim continua fazendo a formação dos sujeitos... Mas isso é muito pobre!... Então, as ICH entram para dialogar com essa coisa da especificidade da formação técnica do sujeito...

Eu já tive ICH de humor! A gurizada queria trabalhar com *stand up*<sup>195</sup>... E como também sou meio maluco, aceitei o desafio... Mas era preciso pensar como trabalhar com esse negócio, porque era preciso dar sentido para isso dentro do espaço das ICH... Tudo bem que *stand up* por *stand up* é bom – porque a gente ri bastante –, mas nas ICH é preciso mais que isso... E aí eu comecei a pesquisar e me surpreendi porque tem um monte de produções sobre humor e sobre o reflexo do humor na política e na economia... Além de coisas que a gente já sabia, por exemplo, sobre aqueles programas de humor que só servem para o sujeito ficar rindo e esquecer a realidade... Enfim, eu trouxe alguns textos para discutir com a turma e os nossos encontros eram organizados assim: tinha uma parte de discussão dos textos e uma parte de *stand up*... E, nesse movimento, um grupo de alunos foi convidado para fazer uma apresentação de *stand up* em um bar aqui de Matinhos... Acho que eles se apresentaram duas ou três vezes nesse bar... E, além das

<sup>191</sup> Antônio Sampaio da Nóvoa. Professor da Universidade de Lisboa.

<sup>192</sup> Frase de Jennifer Nias citada pelo professor Antônio Nóvoa em seu livro *Vidas de professores*.

<sup>193</sup> Lâminas de plástico transparente que eram utilizadas para projetar textos ou imagens sobre uma tela específica ou sobre uma parede. Em sala de aula, geralmente, elas tinham a finalidade de complementar a explicação do professor. Para projetar essas lâminas era necessário utilizar um aparelho chamado retroprojetor.

<sup>194</sup> *Software* que permite criar materiais (com textos, imagens e vídeos) que podem ser apresentados com o auxílio de um projetor.

<sup>195</sup> Tipo de humor em que o comediante, geralmente, se apresenta sozinho, em pé, e utiliza situações do cotidiano como base para suas piadas.

questões políticas e filosóficas envolvidas, teve outra coisa importante que foi o desenvolvimento pessoal – os sujeitos mais tímidos começaram a falar mais no grupo... Então, foi interessantíssimo! Tem *n* coisas que acontecem nas ICH e que, inicialmente, tu nem imaginava que seriam possíveis acontecer... E aí tu vai te surpreendendo com os resultados do trabalho...

E como nós precisamos nos preocupar também com a formação técnica desses sujeitos, nós temos o espaço dos Fundamentos Teórico-Práticos. Mas a proposta é que os FTP<sup>196</sup> sejam muito mais do que apenas a formação técnica... Espera-se que seja uma formação técnica enraizada no lugar e nas necessidades do lugar. Aí vem aquela preocupação com o reconhecimento crítico da realidade... E de onde vem a matéria-prima para os FTP ou deveria vir? Do reconhecimento crítico da realidade!... Por exemplo: na Licenciatura em Ciências o meu trabalho com os FTP está acontecendo no Colégio Estadual Sertãozinho, em docência compartilhada com o Valentim<sup>197</sup> e a Suzana<sup>198</sup>, e as temáticas que nós abordamos e trabalhamos com os estudantes vêm das vivências dos estudantes na escola... Isso acontece de forma espontânea? Não! Nós temos uma ementa e fazemos os múltiplos diálogos possíveis dentro dessa ementa. Então, nós não trabalhamos a ementa pela ementa, mas trabalhamos a ementa a partir da realidade... E fazemos isso ligando a ementa com a formação dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Sertãozinho<sup>199</sup>... Desse modo, os FTP ganham uma dimensão maior... E os FTP ganham uma dimensão maior ainda quando os alunos levam para os FTP as leituras que eles fizeram, por exemplo, com o professor mediador do PA...

Mas levou um tempo para que o nosso trabalho nos FTP chegasse nisso que temos hoje... Eu comecei a trabalhar com os FTP no curso de Turismo... Como eu tenho algumas leituras de Paulo Freire<sup>200</sup> e já estava um pouco influenciado por elas, eu trabalhava os FTP com rodas de conversa, problematizando os temas que deveriam ser trabalhados naquele módulo... Esse negócio era bom, porque era diferente. Mas a turma era grande e eu comecei a perceber que a gente não estava avançando nas discussões...

---

<sup>196</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

<sup>197</sup> Valentim da Silva. Doutor em Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>198</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>199</sup> Colégio Estadual Sertãozinho.

<sup>200</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador brasileiro.

Depois disso, o pessoal me convidou para trabalhar na Licenciatura em Ciências, em função da formação docente... E aí eu saí do curso de Turismo – deixei a coordenação do curso porque eu já não me enxergava naquela proposta – e comecei a trabalhar no curso de Ciências... E daí começou o primeiro movimento de dois professores trabalharem juntos no mesmo módulo de FTP, sendo um professor da formação específica e um professor da área da formação docente. Mas esse movimento acontecia assim: “Agora é a minha vez de trabalhar; Agora é a tua vez de trabalhar; Agora é a minha vez de trabalhar.”... E essa coisa não me agradava plenamente, porque eu achava que era preciso ser algo diferente disso... Aí, como as duplas de professores iam mudando, chegou um semestre que eu comecei a trabalhar com o Valentim... E, como a gente tem uma amizade boa, o trabalho foi ficando diferente: eu falava algumas coisas sobre Ciências, que era a área do Valentim, e ele falava algumas coisas sobre a minha área – formação pedagógica... Tinha certa cumplicidade no nosso trabalho...

E, nesse período, eu fui convidado para ser banca de doutorado da Cristina Citolin<sup>201</sup> e ela apresentou um trabalho<sup>202</sup> que fala sobre uma formação em cursos técnicos oferecida para alunos do Brasil e do Uruguai no *Câmpus* Avançado de Santana do Livramento do IFSul<sup>203</sup>. Nessa formação, eles tinham o professor de português e o professor de espanhol trabalhando juntos... E a pesquisadora fala sobre o conceito de docência compartilhada... Quando eu li a pesquisa dela, eu pensei: “Caramba! É isso que a gente está fazendo!”... Lendo a pesquisa, eu descobri que era isso! E daí eu disse: “Valentim, o que a gente faz chama-se docência compartilhada!”... A gente já fazia, mas ainda não tinha um nome bonito para botar nesse negócio...

A partir daí, nós começamos a pensar em outras coisas: “Nós podemos ampliar esse negócio... Vamos trazer o professor da rede estadual para participar dessa formação!”... Qual era a intenção disso? O professor poderia trazer aspectos da realidade e a gente poderia valorizar o professor enquanto formador – porque esse professor recebe os nossos alunos quando eles fazem o estágio, mas esse

---

<sup>201</sup> Cristina Bohn Citolin. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Câmpus* Bento Gonçalves.

<sup>202</sup> Trata-se da tese intitulada *Eu falo, tu hablas, vos hablás, nós ensinamos e aprendemos juntos: aulas de línguas em cursos binacionais*, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em dois mil e treze.

<sup>203</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

professor acaba sendo descartado logo em seguida porque parece que ele não participa efetivamente do processo... É aquela coisa: “Eu quero a tua aula... Eu preciso da tua aula para colocar dois estagiários, porque eles precisam fazer o estágio supervisionado.”... E o professor lá da escola acaba dizendo: “Tudo bem!”; mesmo que ele pense: “Tenho que deixar que eles peguem as minhas aulas... A escola tem o convênio com a Universidade... Depois eu faço milagre para mudar o que for desmontado nesse período.”... E a gente sabe que, às vezes, isso acontece... Então, nós pensamos em trazer o professor da rede estadual para trabalhar conosco... Esse professor poderia contar como ele trabalha, que lacunas ele percebe, o que ele pensa sobre o livro didático, o que a gente poderia fazer para ajudar na escola... E aí muda o movimento! Porque não tem um plano prévio para aplicar... A ideia era pensar o que a gente poderia fazer na escola para dar sequência no trabalho do professor... Daí nós começamos a assistir aulas na escola... E tinha uma proposta de fazer um material com os professores para que eles usassem nas aulas... E assim nós produzimos o livrinho *Solos de Manhãs*<sup>204</sup>. E quem são os autores desse material? Todo mundo! O Valentim e eu, os professores de cinco escolas da rede estadual e os alunos da nossa turma de Ciências. Ou seja, nós resgatamos o direito de autoria dessas pessoas – que muitas vezes são autores de materiais, mas que, na hora de aparecer o nome, não aparecem como autores ou só aparecem em notas de rodapé...

Enfim, esse movimento evoluiu para outro... Pensamos o seguinte: “Se o professor da rede estadual está vindo aqui na Universidade, nós podemos ir à escola. Por que nós não vamos para a escola? O aluno vai para a escola no estágio, o campo de atuação dele será a escola, o professor está lá, a realidade concreta está lá... Por que a gente vai ficar aqui imaginando qual é a realidade da escola e correndo o risco de chegar lá e ter que replanejar tudo ou de implementar uma coisa que não tem nada a ver com a escola?”... Daí fomos conversar com o Osias<sup>205</sup>, que é o diretor do Colégio Estadual Sertãozinho... Conversamos com o Osias, explicamos a ideia e ele concordou com a nossa proposta... Acho que para os professores e para as escolas estaduais têm alguma importância essas parcerias com a Universidade... Às vezes, eu acho que as pessoas não sabem muito bem o que é ou o que pode ser a parceria com a Universidade, mas aceitam porque,

---

<sup>204</sup> Disponível em: [http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha\\_solos\\_matinhos.pdf](http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha_solos_matinhos.pdf).

<sup>205</sup> Osias Ferreira de Melo.

historicamente, dizem que a Universidade é a única produtora de conhecimento – e ainda se acredita nessa mentira!... Mas enquanto está funcionando... Vamos lá, vamos trabalhar! Daí nós conversamos com a professora de Ciências que trabalha no Sertãozinho e que já era nossa parceira aqui... Após tudo acertado, fomos para a escola com os alunos da Licenciatura em Ciências.

No final do primeiro semestre na escola, nós começamos a fazer algumas inserções com a turma do nono ano do Ensino Fundamental... Antes disso, nós ainda estávamos muito preocupados em ter domínio sobre a realidade ou conhecê-la minimamente para daí entrar e trabalhar com os alunos da escola... Então, fizemos o planejamento de forma coletiva – por meio de tramas conceituais –, analisamos o livro didático, pensamos em sugestões de propostas de trabalhos a partir do livro didático e da realidade da escola... E, depois, entramos na turma do nono ano... No segundo semestre, a ideia era que os nossos alunos de Ciências trabalhassem mais diretamente com os alunos da escola... Voltamos a conversar com a professora, com a coordenação e direção da escola para ver se tinha possibilidade de mudar o horário das aulas – porque o nono ano tinha uma aula de Ciências na terça-feira e duas aulas de Ciências na quinta-feira... A escola concordou conosco e alterou o horário por nossa causa... A partir daí, os alunos do nono ano ficaram com três aulas de Ciências na quinta-feira – da segunda até a quarta aula. E os nossos alunos de Ciências têm trabalhado com esses alunos... Neste semestre, nós temos dois dias de FTP com a turma de Ciências: terça-feira e quinta-feira. Então, na terça nós fazemos o planejamento com eles e na quinta eles trabalham com os alunos da escola...

E nós vamos fazendo essas coisas e, ao mesmo tempo, vamos avaliando, planejando e repensando... Vamos vendo como pode funcionar melhor e que lacunas esse movimento vai deixando... Ah! Depois de um tempo, a Suzana começou a trabalhar conosco nesse movimento... E como nós temos uma relação boa de amizade, nós não precisamos marcar horário para conversar sobre esse movimento... Às vezes, um vai tomar café na casa do outro e nós vamos pensando nessas coisas... Às vezes, nós conversamos na van, voltando da escola com os alunos... Às vezes, a gente vai de carro para a escola e volta discutindo o que está acontecendo, pensando o que tem que retomar... Mas se fosse pensar nesse movimento, formalmente, com pessoas que são somente *técnicas* – que não têm essa dimensão mais ampla do que é ser professor – eu acho que poderia ser muito

difícil dar certo, pois teriam vários limites – como, por exemplo, o de carga horária... Talvez o sujeito falaria assim: “Extrapolou a minha carga horária, não posso mais pensar nisso agora.”... Ou: “Esse horário não é possível porque já passou o meu turno.”... Isso não significa que a gente trabalha de manhã, de tarde e de noite... Mas no momento que é necessário conversar – não importa a hora – nós temos a liberdade de dialogar... E nós não temos a preocupação de conversar sempre os três professores juntos... Para a conversa acontecer não importa se estão presentes só a Suzana e o Valentim; ou só a Suzana e eu; ou só o Valentim e eu... Ninguém vai dizer: “Puxa vida! Eles me deixaram de fora da conversa!”... Há uma relação de confiança e de cumplicidade entre nós... Então, nós entendemos que o movimento que qualquer um dos três realiza é com o mesmo princípio, dentro da mesma proposta...

E, por tudo isso que falei sobre os espaços curriculares, entendo que eles se complementam... Funciona sempre assim? Não! Depende do professor e depende do curso... Como proposta, eu diria que é isso que eu relatei. E é nisso que acredito... Acho que esses movimentos são importantes para se ter outro tipo de formação. Ah! E nos FTP se trabalha preferencialmente por projetos, mas não necessariamente por projetos... Nós trabalhamos por projetos com a nossa turma de Licenciatura em Ciências... Acho que quando se faz todo esse movimento, na verdade, não tem como trabalhar diferente porque são múltiplas temáticas e é preciso organizar essas temáticas... E como se dá conta de todas as temáticas? O trabalho por projetos em Ciências é isso. Nós fazemos o que chamamos de uma trama conceitual e, a partir dela, nós começamos a trabalhar com as coisas concretas que surgem nas necessidades de formação daquele momento... E, assim, vamos construindo um roteiro com eles – um roteiro flexível, porque sempre que a gente conversa pode surgir outro dado da realidade. Então, esse roteiro de trabalho está sempre em movimento.

#### *Dificuldades em vivenciar a proposta da UFPR Litoral*

No início, a proposta causava um estranhamento muito grande – nos professores e nos alunos... À medida que as coisas foram avançando, os professores que acreditavam na proposta foram construindo elementos de argumentação e de sustentação da proposta – dando mais tranquilidade aos alunos. No entanto, o contrário também é verdadeiro... Aquele professor que não se

apropriou dos fundamentos da proposta ficou fragilizado e aproveitou o movimento para desestabilizar as coisas – no sentido de dizer: “Não sei o que vai acontecer... Não sei no que vocês vão se formar aqui.”... Mas, com o passar do tempo, também foi se criando uma cultura do lugar... Os alunos das primeiras turmas dizem: “Funciona! Eu aprendi desse jeito... Hoje eu trabalho em tal coisa.”... E isso vai passando... Um aluno fala para o outro aluno, que passa para outro aluno... Então, agora, quando os alunos chegam aqui, eles esperam alguma coisa diferente – eles podem não saber o que é esse diferente, mas sabem que é diferente do que eles tiveram no Ensino Fundamental e no Ensino Médio... Essa cultura de outro tipo de formação ainda está se formando... E, às vezes, o aluno chega aqui e se depara com uma formação tradicional de alguns cursos – ele até espera outra coisa, mas alguns cursos não estão oferecendo essa outra coisa... Não sei se é por limites dos professores ou se é por rejeição à proposta, talvez as duas coisas... Mas o sujeito ainda dá a sua aula *quadradinha*, leva o seu *Power Point*, fala o tempo inteiro e o aluno escuta o tempo inteiro... Ou leva um artigo, dois artigos, três artigos – aquela ideia de quantidade, né?... Nessa concepção, para ser bom o sujeito tem que ter certa quantidade de artigos lidos... Não importa o que o aluno vai fazer com aquilo depois, se vai relacionar com alguma coisa ou se não vai, o que importa é a quantidade... Então, a gente ainda tem isso aqui... Nós temos esses dois movimentos: os que acreditam na proposta e os que não acreditam... Mas, no lugar, eu acho que já tem certa cultura instituída de outro tipo de formação... E nós temos trazido algumas pessoas para falar dessas coisas... Por exemplo: o Pacheco<sup>206</sup> tem vindo seguido aqui para falar da experiência da Escola da Ponte; o Masetto<sup>207</sup> veio aqui no início deste ano; nós vamos trazer o Nóvoa<sup>208</sup> ainda este ano; e no início do próximo ano vem o Arroyo<sup>209</sup>... E, além de trazer essas pessoas, há outras iniciativas... Por exemplo: nós vamos levar alguns alunos da Licenciatura em Ciências para visitar o Projeto Âncora<sup>210</sup>, em Cotia – São Paulo... Nós queremos que os alunos conheçam o projeto deles, que vejam como as crianças trabalham lá, e

---

<sup>206</sup> José Pacheco. Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Portugal). Idealizador da Escola da Ponte (Portugal).

<sup>207</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

<sup>208</sup> Antônio Sampaio da Nóvoa. Professor da Universidade de Lisboa.

<sup>209</sup> Miguel Gonzalez Arroyo. Doutor em Educação pela *Stanford University*. Professor aposentado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>210</sup> O Projeto Âncora é uma Associação Civil de Assistência Social, de natureza beneficente, filantrópica e cultural.



que pensem em que coisas dá para trazer da experiência deles para cá... Eu acho que essas coisas ajudam a consolidar uma cultura de outros tipos de formação profissional.

### *Avaliação*

Como os alunos são avaliados aqui no Setor? Eu acho que tem vários tipos de avaliação aqui dentro... Ainda tem a avaliação da prova escrita – não tem problema ser prova escrita, mas alguns professores ainda fazem aquela prova mais ligada à memorização... Nos FTP da Licenciatura em Ciências, nós – Suzana, Valentim e eu – fazemos avaliação cotidiana... Toda terça-feira nós avaliamos o que os alunos fizeram na quinta-feira e, a partir disso, planejamos as próximas atividades. Ah! E agora nós não fazemos a chamada lá no Sertãozinho e os alunos continuam indo... Nós não fazemos nenhuma pressão com a chamada, mas nós trabalhamos a importância da presença deles nas atividades, da responsabilidade com o lugar e da responsabilidade com a formação... Isso não é muito tranquilo, mas é possível... No começo do trabalho na escola, a gente fazia chamada, mas no decorrer do processo alguém disse assim: “Não tem sentido fazer chamada se isso aqui é uma formação de outro tipo... Ou a gente se arrisca e vê se dá conta ou vamos ficar amarrados pela falsa ideia do controle.”... E, a partir disso, a gente não fez mais chamada... E nós fazemos também uma autoavaliação e uma avaliação com os alunos... Autoavaliação no sentido de eles se olharem... E uma avaliação com uma questão ou duas questões sobre o processo de formação docente deles, em que eles precisam fazer uma articulação com as leituras que eles fizeram durante o semestre. Então, o sujeito faz um exercício de escrita... E o nosso objetivo nessa avaliação é esse: fazer um exercício de escrita e de reflexão.

### *Licenciaturas na UFPR Litoral*

Eu acho que formação de professores não é só importante, mas é também necessária em qualquer lugar... Há falta de professores no quadro o tempo inteiro, em quase todos os lugares. Por que Licenciatura em Ciências? Eu não sei se isso foi pensado... Mas eu diria que os cursos de Ciências, hoje, são os únicos cursos que dão conta da proposta do Ensino Médio por área. Não vai mais ter curso de Física, de Química, de Matemática, porque eles serão trabalhados por área na escola. E as escolas vão ter que fazer *n* arranjos para que os professores trabalhem assim. E os

alunos da Licenciatura em Ciências trabalham com Física, Química e Biologia... Eu acho que isso é importante, pois eles não trabalham o fragmento de uma das Ciências da Natureza... Eles trabalham entendendo que as três áreas estão na natureza e se intercomunicam...

E a importância de ter licenciaturas aqui na UFPR Litoral... Bom... Eu acho que se há a intenção e o desejo de que se tenha outro tipo de educação, então é preciso investir na formação de professor... Não tem outro caminho! E é importante ter cursos de licenciaturas que pensem a formação em outra perspectiva...

### *Elaboração do PPC<sup>211</sup> da Licenciatura em Ciências*

Nós tínhamos uma proposta inicial de PPC de Licenciatura em Ciências mais quadradinha... Aí nós fizemos alguns polimentos e a deixamos mais redonda no sentido da proposta do PPP do Setor... E, para isso, nós consideramos as nossas experiências... Nós trouxemos o presente para alimentar essa ideia de intencionalidade de futuro... E esse movimento é importante porque a construção do PPC aconteceu durante o processo de execução do curso e trouxe elementos de maturidade e de reflexão para entender o que estava funcionando... E isso ajudou a projetar outras coisas para além daquilo que estava sendo feito. Então, não partimos de um marco zero, imaginário, idealizado... Partimos de um patamar de caminhada com a clareza de que ele está longe da idealização... Tivemos muitas discussões bem calorosas na Câmara<sup>212</sup>, pensando na melhor forma de encaminhar o PPC – no sentido de dar coerência para os princípios de transformação e de emancipação, fazendo as proposições de estágio e de atividades complementares. E sempre pensando na realidade concreta do lugar... Eu acho que foi um movimento muito bom de discussão... Um movimento coletivo... Nem sempre todo mundo estava junto – por vezes se discutiam algumas coisas por *e-mail* –, mas foi um movimento em que todos os professores participaram.

### *Estágio supervisionado...*

O estágio é o nosso *calcanhar de Aquiles*... Eu acho que o estágio é a nossa fragilidade em função de tempo, de carga horária... Porque a gente não tem tempo

<sup>211</sup> Projeto Pedagógico de Curso.

<sup>212</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

suficiente para fazer o acompanhamento necessário de todos os alunos. Então, tem muito mais o acompanhamento por meio do relato do aluno do que o acompanhamento do professor na escola... E eu acho também que esse modelo de estágio está superado e que, mesmo assim, a gente ainda insiste nele.

E aí eu sou obrigado a falar, de novo, sobre o trabalho que nós – Suzana, Valentim e eu – fazemos no Sertãozinho... O movimento de prática docente que a gente faz tem muito mais sentido do que o estágio que tem acontecido... Porque aquele movimento é cotidiano e ele é discutido no grupo, com os professores e com a turma... As atividades são pensadas, planejadas e replanejadas... Não é aquela coisa isolada de quando o aluno vai para o estágio... Muitas vezes, o aluno vai para a escola com um planejamento que ele conseguiu falar uma vez com o orientador dele... Às vezes, ele não consegue ter retorno do orientador de estágio... Às vezes, o orientador não consegue tempo para ir à escola acompanhar o estágio...

Então, acho que é necessário mexer no estágio... Evidentemente que a gente teria problemas de legislação... E a nossa PROGRAD é algo assim: *o arcaico dos arcaicos dos arcaicos*... Eles são do tipo que falam: “Está escrito nesta linha que o estágio tem que ser definido desta forma.”... Se o texto estiver um pouquinho diferente disso, vem a resposta: “Muda isso!”... Então, se a gente mexer no estágio a gente vai ter muitos problemas de ordem burocrática... Porque, infelizmente, as resoluções e as leis não acompanham o avanço pedagógico das instituições... E eu diria mais: não acompanham, não respeitam e não acatam... Normalmente, quem faz a legislação é quem está fora desse espaço de transformação e está no espaço de manutenção... E aí escreve para manter aquilo que entende ser o ideal...

Por tudo isto, acho que o estágio é o nosso *calcanhar de Aquiles* mesmo... E penso que o movimento que a gente faz no Sertãozinho acaba dando mais tranquilidade para os alunos quando eles vão para o estágio... No estágio tradicional o aluno vai para a escola – sozinho ou em dupla – para trabalhar uma hora ou duas horas... Ele chega lá, assiste o professor, registra algumas observações e vai embora... Na outra semana, ele volta... Isso quebra o movimento, fica fragmentado... E depois nunca mais junta isso! Só junta naquela tabelinha que o aluno tem que registrar os dias em que foi na escola – e que vem com a assinatura do professor da escola e com a assinatura dele... Só junta esses fragmentos no papel... Daí entrega o papel e está feito o estágio! Mas qual o sentido disso na formação desse aluno? Talvez alguns alunos se desafiem para chegar em um lugar diferente... Mas e depois

disso? Como fica a construção da aprendizagem dele enquanto professor, enquanto docente naquele espaço em que ele é um desconhecido? Talvez alguns professores da escola vejam os nossos alunos apenas como possibilidade de mão-de-obra para substituí-los daqui a pouco, enquanto eles ficam na sala dos professores para respirar um pouco... Aí perde o sentido! Então, acho que o estágio é um ponto nevrálgico e que precisa ser repensado. Acho que a prática docente que a gente faz no Sertãozinho é um dos muitos modelos possíveis de um estágio diferenciado – um modelo que pode fazer mais sentido para todos os envolvidos...

E eu acho que os alunos têm um estranhamento quando vão para o estágio... A realidade da escola é diferente da realidade que eles vivem na Universidade... Na escola, alguns professores enchem o quadro de conteúdo... Aqui a gente não enche o quadro de conteúdo, nós construímos as coisas com os alunos – e aí o quadro fica cheio... Mas eu não encho o quadro para falar sobre o que eu escrevi nele e depois apago tudo... Aqui, eu uso o quadro de outro modo: eu vou falando, vou puxando os conceitos... Isso é um impacto no início! E aí vem a interrogação dos estudantes: “Como eu vou fazer na escola?”... No Sertãozinho isso também acontece, mas nós temos, semanalmente, a possibilidade de discutir essas coisas com os nossos alunos. Às vezes, nós falamos: “Para aí!... Como a gente faz a formação aqui? Como é que você chega em sala de aula e você quer ser o dono do conteúdo e o grande transmissor do conhecimento? Isso não é incoerente?”... Aí eles dizem: “Pô! É verdade... Eu vou planejar diferente.”... E na outra aula eles já se arriscam um pouco mais, planejam atividades com a participação do aluno, levam materiais para os alunos fazerem experimentos... E aí o conceito acaba aparecendo só no final da aula... Aos poucos, eles começam a se sentir mais à vontade... Mas o professor precisa acompanhar esse movimento para, se for preciso, dizer: “Isso aqui está mais que tradicional! Como tu pode fazer diferente?”... E no estágio tradicional tu não tem essa oportunidade... O aluno fica isolado em uma sala... Você só fica sabendo dessas coisas se ele relatar... E para o professor da escola – que está lá acompanhando o aluno – isso é mais do que normal... Se o estagiário chegou lá e abriu o livro didático na página cinco e foi até a página sete... Então, está dentro do padrão!... O professor da Universidade não está vendo isso e acaba passando a oportunidade de discutir essas coisas... E daí, nessas condições, o estágio fica fragilizado... Por isso, por mais difícil que seja, é preciso repensar o nosso estágio...

### *Outras vivências na UFPR Litoral*

Eu penso que o início do meu trabalho na UFPR Litoral foi um pouco diferente se comparado com o início do trabalho dos outros professores... E isso se deu em função do movimento que eu já vinha fazendo aqui, por causa da minha pesquisa de doutorado... Quando eu comecei a trabalhar aqui no Setor, havia certa necessidade de realizar uma ação pedagógica no curso de Turismo. E eu acho que o Valdo via em mim uma possibilidade de alguém que poderia ajudar em algumas coisas... Então, eu entrei em janeiro e em fevereiro eu assumi a coordenação do curso de Turismo, tentando fazer a costura entre a proposta do Setor e o projeto do curso... A minha inserção começa aí...

No ano seguinte, havia problemas de falta de professores e falta de espaço físico para receber as novas turmas que estavam ingressando... O Valdo teve uma ideia e disse: “Esse grupo que está entrando vai para uma escola municipal, lá no Complexo Educacional do Tabuleiro<sup>213</sup>, e aí a gente aproveita esse movimento e faz alguma coisa integrada com essas turmas.”... E nós começamos a chamar isso de *Intercurso*. E o Valdo pediu para eu coordenar esse processo... Eu vejo que o Intercurso foi uma ideia de aproveitar o limão para fazer limonada... Como funcionava isso? Já que nós estaríamos em outro espaço e precisávamos dar conta da falta de professores de alguns cursos, organizamos um grupo de professores – com um ou dois professores de cada curso – e fizemos turmas com alunos de todos os cursos. Então, em cada turma tinha dois alunos de cada curso: dois alunos de Turismo, dois alunos de Serviço Social, e assim por diante... E nós discutimos o PPP da UFPR Litoral com essas turmas... A ideia era discutir a proposta de formação e as possibilidades que essa proposta de formação nos dá – e isso de forma ampliada, pelos diálogos das múltiplas áreas de conhecimento. E fomos exercitando isso a partir de idas e vindas da realidade, porque nós entendemos o reconhecimento da realidade como um dos princípios da formação reflexiva do sujeito, que contribui para ele exercer protagonismo... E o outro princípio que nós consideramos é a educação como totalidade: nada se explica a partir de uma única área de conhecimento. Não tem como explicar alguma coisa só a partir da História, é preciso considerar a Filosofia, a Sociologia, a Economia... Então, o Intercurso contribuía para que os alunos fossem conhecendo pessoas de outros cursos para

---

<sup>213</sup> Complexo Educacional Francisco dos Santos Junior, localizado no bairro Tabuleiro no município de Matinhos.

estabelecer parcerias para desenvolver os seus projetos... E ele servia também como um espaço em que o sujeito teria possibilidade de circular por vários cursos e de entender o tipo de formação profissional que se pretende no Setor.

Eu acho que essa experiência foi boa e foi ruim... Foi boa porque muitos alunos aderiram à proposta e nós tivemos momentos muito interessantes. Por exemplo: depois que os alunos fizeram uma leitura crítica dos municípios do litoral paranaense, nós convidamos prefeitos e secretários para vir conversar com os alunos. Vários prefeitos aceitaram o convite e vieram conversar com a gente... Então, nós tivemos uma noite em que em cada sala de aula tinha um prefeito ou um secretário conversando com a turma... Isso trouxe a possibilidade de entender que a política pública é feita por pessoas – que são responsáveis por esses lugares – e de entender porque, às vezes, elas não fazem o diálogo... Mas também teve o lado ruim: o pessoal mais *quadradinho* aproveitava para dizer: “Isso é um horror... Isso é uma bagunça... Os caras não aprendem nada... Não tem conteúdo... O que estão aprendendo aqui? Imagina... O cara não vai aprender nada.”... E essas pessoas começaram a trabalhar para parar o Intercurso... Enquanto isso, a gente trabalhava para avançar... Nós tínhamos reuniões semanais de planejamento – para tentar fortalecer e legitimar a proposta... E essas reuniões eram abertas... Às vezes, tinha uns vinte ou trinta professores nas reuniões – tanto os que queriam efetivar a proposta, quanto os que queriam derrubar a proposta... E vinham sugestões: “Olha, vamos encaminhar assim!”... Aí a gente começava a encaminhar o trabalho de um jeito X e, na próxima reunião, o mesmo sujeito que tinha feito a proposta de encaminhamento dizia: “Eu acho que não pode ser por aí... Eu acho que tem que ser por aqui.”... E era sempre esse tensionamento entre avançar e resistir – para não desistir da proposta. Então, se resistia estrategicamente, dialogava e via como podia costurar as coisas aproveitando a fala do sujeito... Mas também não perdia o princípio da proposta... E foi assim o ano inteiro. No final do ano, fizemos um fechamento... Foi muito bom! Mas terminou naquele ano... E dali para diante nós começamos a viver um momento de retração da proposta do Setor. E esse grupo do *deixa disso* avançou bastante... Eles têm avançado bastante. Eu acho que agora com menos força, mas, até o ano passado, eles avançaram muito em representações de Conselhos da Universidade...

### *O Regimento...*

Em dois mil e doze nós começávamos a colocar no papel o nosso Regimento... Outra diferença da proposta do Setor é que, se a ideia é a quebra de paradigma, se a ideia é fazer uma coisa de forma diferente, a gente não pode seguir fazendo a mesma coisa que vinha fazendo para ter resultado diferente... Se não, é esquizofrênico... Se você quer resultado diferente, não pode repetir o mesmo... Por isso, o PPP, os PPC e o Regimento do Setor foram escritos enquanto os processos iam acontecendo... Mas daí vem a burocracia exigindo o documento antes do início de qualquer curso, como se o PPC fosse feito por uma cartomante que tem uma previsão de como vão ser os alunos que vão entrar no curso... Por isso, o movimento sempre foi mais trabalhoso aqui, porque nós elaboramos esses documentos no tensionamento com o grupo – tanto com quem a gente tinha afinidade quanto com quem a gente não tinha afinidade... E o Regimento foi a mesma coisa, mas chegou um determinado momento que o pessoal disse: “Chegou o prazo final, tem que fazer o Regimento do Setor.”... Isso foi na segunda gestão do Valdo, e o Renato<sup>214</sup> já estava mais à frente da direção... E o Renato pediu para eu ajudar a coordenar a discussão sobre o Regimento... Então, formamos uma comissão paritária para discutir o Regimento... Essa comissão era composta por dois professores – o Lannes<sup>215</sup> e eu –, dois acadêmicos e dois servidores técnicos... E nós passamos a discutir semanalmente, às vezes duas vezes por semana, a proposta de Regimento, e montamos uma proposta altamente democrática: com uma direção composta por três diretores e um Conselho de Setor, paritário, com quinze professores, quinze técnicos e quinze acadêmicos... Resumo da história: cada vez que a gente levava a proposta para discutir no Conselho, que era em formato de assembleia, os dois professores que eram nossos representantes no CEPE<sup>216</sup> – e que eram e ainda são contrários à proposta da UFPR Litoral – se articulavam para tentar derrubar a nossa proposta de Regimento ainda aqui no Setor... Mas nós também nos articulamos e aprovamos o Regimento aqui no Setor... Como aprovou aqui, a proposta do Regimento foi para o CEPE, mas aí já tinha uma encrenca lá, de rixa da Reitoria com o Setor – com o Valdo e com o que se faz no

<sup>214</sup> Renato Bochicchio. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR. Foi vice-diretor do Setor Litoral na *Gestão 2012-2016*, e assumiu a direção do Setor Litoral na *Gestão 2016-2020*.

<sup>215</sup> José Lannes de Melo. Doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>216</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Setor – e a nossa proposta de Regimento foi destruída totalmente, ela não foi nem considerada... E daí o CEPE estabeleceu o Regimento que temos hoje... Com isso, o nosso Conselho foi de um extremo a outro: onde participava todo mundo, hoje só participam os coordenadores de curso, dois representantes dos estudantes e dois representantes dos técnicos... E tudo que se decide lá é deliberativo... Então, você não discute mais... Não tem mais discussão! Só tem discussão quando alguém apresenta uma proposta... Por exemplo: nós apresentamos a proposta da Licenciatura em Educação do Campo e levamos dois anos para aprovar essa licenciatura, porque tivemos que aprovar duas vezes no Setor, aprovar no CEPE e eles levaram a proposta para o COUN<sup>217</sup>... Nenhuma proposta de curso vai para o COUN!... Aprova no CEPE e acabou. Mas a Licenciatura em Educação do Campo foi para o COUN... E foi aprovada lá também, porque a proposta não tinha nada a ser questionada...

### *Reuniões*

Inicialmente, as reuniões das câmaras eram, aproximadamente, em torno de oitenta por cento administrativas e vinte por cento pedagógicas. Às vezes, cem por cento administrativas... Apresentavam os casos, davam os encaminhamentos sobre o que fazer com o aluno que pediu não sei o quê... E era isso. Depois as reuniões foram transitando um pouquinho mais para entender o que era preciso discutir dos aspectos pedagógicos, porque estávamos na fase de consolidação do PPC. Então, precisava discutir alguns pontos e as reuniões ajudavam nisso. Terminada essa fase, eu percebo que foi criada a ideia de que as discussões pedagógicas já não se faziam tão urgentes ou necessárias... E as reuniões ficaram mais com caráter administrativo...

E a frequência de reuniões regulares de Câmara muda de curso para curso... Em alguns cursos têm reunião uma vez por semana, em alguns cursos têm reunião de quinze em quinze dias e em outros só há reunião quando tem necessidade... Na Licenciatura em Ciências, ultimamente, tem acontecido só quando há necessidade... Deve fazer umas três semanas ou um mês que não tem reunião de Câmara no nosso curso. Se alguém me perguntar: “Por que?”... A resposta será: “Não sei!”... E não sei mesmo!

---

<sup>217</sup> Conselho Universitário.



E a reunião de Conselho, depois do Regimento, se tornou altamente burocrática: cada conselheiro é um sujeito que leva o seu parecer escrito. E como eu não sou coordenador de curso, eu não tenho participado. Mas, pelo que sei, raramente se discute o mérito do parecer emitido por qualquer conselheiro... O sujeito, quando discute, só discute alguma *perfumaria* no entorno ou questiona quando alguém faz uma proposta. Ou seja, a reunião fica polarizada na intencionalidade política de quem faz uma proposta e de quem faz parte do Conselho e não quer que aquela proposta avance. Por exemplo: na reunião que era para oficializar a Câmara de Licenciatura em Educação do Campo, nós ficamos das duas e vinte até às cinco horas discutindo qualquer coisa, menos o que interessava... Nós já fizemos concurso e já temos professores, já fizemos o vestibular... Era só oficializar o curso! Mas ficamos lá todo esse tempo discutindo o que já está encaminhado...

#### *Impactos da presença da UFPR Litoral...*

No início da história do Setor as pessoas questionavam muito a proposta, elas tinham dúvidas: “Vai formar o quê aqui? O pessoal não tem aula, não tem conteúdo... Eles saem de ônibus todo dia... Cada dia vão para um lugar... Eles conversam o tempo inteiro!”... Agora isso mudou... Agora tem certo reconhecimento, o pessoal começou a entender o tipo de formação que nós queremos... E as pessoas começaram a aceitar essa proposta... Hoje eles dizem: “É possível formar desse jeito, eles não estão equivocados... Eles não estão fazendo qualquer coisa.”... Tanto que muitos dos alunos egressos estão trabalhando... Então, dá para perceber a aceitação desses profissionais que são formados aqui...

Algo que também nos deixa aliviados e felizes é que os nossos alunos estão fazendo cursos de pós-graduação mesmo nos espaços que não nos reconhecem... Nós temos vários ex-alunos daqui – não sei dizer quantos – fazendo pós-graduação em Curitiba na área de Ciências, na área de Educação, na área de Meio Ambiente... E isso significa que a formação contemplada aqui – e que alguns acham que não serve para nada – está sendo reconhecida, mesmo que por vias indiretas.

E Matinhos ganhou outro movimento depois que a UFPR Litoral se instalou aqui... Antes, tudo fechava às dezoito horas. Nas primeiras vezes que eu vim para Matinhos, por causa da minha pesquisa de doutorado, eu ficava em um hotel e ele não tinha cozinha... E daí eu me dei conta que se eu não comprasse comida para

levar para o hotel, eu ia passar fome à noite, porque no entorno do hotel não tinha nada... Hoje isso mudou! Tem movimento no centro... Agora, normalmente, as coisas fecham à meia-noite... Mas tem algo que é ruim nisso... Houve uma explosão imobiliária aqui em Matinhos em termos de preço... Um apartamento que custava cento e vinte mil, hoje custa duzentos e cinquenta mil ou trezentos mil... Um terreno que custava sessenta mil – pasme! – hoje custa uns duzentos mil, ou duzentos e cinquenta mil, ou até trezentos mil... Esse também é um reflexo da presença da Universidade... Os imóveis valorizaram e teve uma explosão imobiliária perversa... Mas isso acontece em qualquer lugar onde uma Universidade ou um órgão público se instala e aumenta a circulação de pessoas...

Outra coisa que eu acho que mudou – mas que ainda pode avançar – é que as pessoas passaram a investir mais na formação continuada, na pós-graduação... Antes o pessoal fazia especialização a distância... Agora, com a presença da Universidade aqui, o pessoal começou a perceber sentido em fazer uma especialização presencial, com um diálogo mais próximo com a Universidade. E nós invertemos alguns movimentos nesse sentido: em vez de oferecer cursos de pós-graduação só aqui em Matinhos, nós passamos a oferecer cursos em outras cidades... Por exemplo: o *Curso de Especialização em Gestão e Processo em Educação, Diversidade e Inclusão*, desde a sua primeira edição, é oferecido em quatorze municípios<sup>218</sup>... E essa especialização está acontecendo em um movimento diferenciado: em cento e oitenta horas do curso nós temos aulas, e no restante da carga horária os professores trabalham com formação continuada dos seus pares em seus municípios... Quando terminam as aulas, os professores têm o compromisso de fazer a multiplicação da formação com um grupo de, no mínimo, quinze professores do seu município, em um curso de extensão. Na primeira turma desse curso nós formamos cinquenta e seis professores... E se considerarmos a multiplicação do curso, nós formamos mais de novecentos professores... Esse movimento também tem como objetivo resgatar o empoderamento desses professores, para que eles entendam que a Universidade não precisa ir aos municípios deles para fazer a formação, pois eles podem fazer a formação dos seus pares... E é interessante, porque alguns professores das redes municipais tiveram

---

<sup>218</sup> Sete municípios do litoral paranaense (Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná) e sete municípios do Vale do Ribeira paranaense (Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná).

professores da rede estadual como alunos no curso de extensão... Então, quebrou aquela ideia de hierarquia: Município, Estado, Universidade... Os professores do Município deram aulas para os professores do Estado... Isso foi muito legal!

E esse curso de especialização acaba tendo desdobramentos inesperados... O grupo de Paranaguá, que fez a formação, criou um grupo de valorização do magistério em que eles discutem desde salário até a valorização do sujeito na escola. E, a partir dessas discussões, eles entenderam que precisavam ocupar mais espaço e indicaram professores para fazer parte do Conselho Municipal de Educação e do Conselho do Fundeb<sup>219</sup>... E em uma apuração das contas do Fundeb eles rejeitaram as contas do prefeito – que estava usando dinheiro da verba que era para ser aplicada na educação para pagar os cargos de confiança dos vereadores... E aí se criou uma polêmica! Os professores pressionaram o prefeito e ele demitiu o pessoal dos cargos de confiança, mas daí os vereadores pressionaram e o prefeito readmitiu as pessoas... Aí os professores levaram o caso para o Ministério Público... E isso começou por causa do curso de especialização...

Outro exemplo vem do município de Adrianópolis – que fica no Vale do Ribeira. Esse município fica a cento e vinte quilômetros de Curitiba, mas esses cento e vinte quilômetros se transformam em mais ou menos quinhentos quilômetros, porque tem muitas curvas nesse percurso... Só para ilustrar: do outro lado do Vale do Ribeira, o pessoal contou duzentas e oitenta e três curvas de Rio Branco do Sul até Cerro Azul, e a distância entre esses municípios é de sessenta quilômetros... Do outro lado é mais ou menos o dobro de curvas, porque é o dobro de distância... Enfim, Adrianópolis fica isolada na fronteira do Paraná com São Paulo... E a Secretária de Educação de Adrianópolis ficou curiosa com o curso de especialização e resolveu acompanhar as aulas – ela fez todo o curso sem estar matriculada! Depois do curso, ela me falou: “Maurício, eu resolvi revisar os projetos político pedagógicos de todas as escolas de Adrianópolis.”... E isso por causa das aulas que ela acompanhou!

Ah! Cerro Azul também tem uma história interessante... Quando nós falamos sobre Educação do Campo no curso, nós falamos que estava para começar a Licenciatura em Educação do Campo e que nós estávamos pensando em um curso que acontecesse em vários lugares – em alternância e itinerância. O grupo de

---

<sup>219</sup> Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Cerro Azul se mobilizou e os professores me chamaram para conversar. Eu fui lá e conversei com eles, com o Secretário de Educação e com o Prefeito... E eles criaram as condições para que se instalasse uma turma da Licenciatura em Educação do Campo em Cerro Azul... E essas coisas vão acontecendo...

Vou dar um último exemplo: no curso, nós ressaltamos que gostaríamos que a nossa parceria com eles – professores – continuasse... A nossa ideia era criar um grupo de pesquisa para que a gente pudesse estudar os desdobramentos desse curso de especialização nos municípios... Bom... O curso terminou em novembro de dois mil e treze e ficou a promessa de criar esse grupo de pesquisa. De repente, eu comecei a receber *e-mails*: “Quando vai começar o grupo de pesquisa?”... Daí montamos o projeto e começamos a fazer as reuniões com eles... Tem trinta e dois professores da primeira turma da especialização participando com a gente no grupo de pesquisa... Eles vêm dos seus municípios, uma vez por mês, e passam uma tarde inteira aqui em Matinhos – planejando, discutindo, estudando... Então, eu percebi que depois que tu anuncia, eles te obrigam a fazer! Se tu tinha falado porque estava entusiasmado naquele dia, azar o teu! Azar o teu! Agora tem que dar conta! Mas isso é muito bom! Significa o empoderamento dos egressos da UFPR Litoral...

Enfim... Tem sido muito bom trabalhar aqui!...

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 5 – RENATO

Nome completo do colaborador: Renato Bochicchio

Data e local de nascimento: 9 de abril de 1971, São Paulo (SP)

Data da entrevista: 21 de outubro de 2014

### *Vivências em escolas...*

Eu nasci em São Paulo, capital. Meu primeiro colégio foi o Objetivo Júnior, sistema apostilado... Desde o início, eu senti muita dificuldade com a escola... E talvez o meu principal trauma da escola venha de uma professora desse colégio. Eu lembro muito bem dos episódios em que eu não conseguia fazer a tabuada e pequenos problemas matemáticos... Lembro bem de um episódio que aconteceu quando eu estava na terceira série<sup>220</sup>: a professora pediu para eu ir ao quadro para fazer um problema e eu não consegui fazer aquele problema... E lembro o quanto eu fui desqualificado naquele momento!! Talvez a professora não estivesse em um bom momento... Mas, naquele dia, o fato deixou profundas marcas em mim... Com o tempo, eu fui trabalhando essa questão... Mas eu carreguei esse trauma durante um bom tempo da minha vida escolar...

E aí eu fui para outro colégio, por seis meses, e não me adaptei... Então, por sorte – não foi por escolha dos meus pais –, eu ingressei no Colégio Rudolf Steiner, que trabalha com a pedagogia Waldorf<sup>221</sup>. Essa escola é bastante diferenciada: ela trabalha desde o maternal até o final do Ensino Médio com a mesma turma, com o mesmo professor tutor e com uma apropriação muito forte do significado do trabalho coletivo, do trabalho em equipe e do sentido da afetividade no aprendizado, no aspecto cognitivo. Eu permaneci quatro anos nesse colégio e esses quatro anos foram de uma experiência muito marcante – mas, talvez, eu só tenha dado sentido maior quando ingressei aqui na UFPR Litoral<sup>222</sup>.

No Rudolf Steiner nós participávamos de atividades múltiplas, em que se trabalhavam as expressões humanas e as diferentes dimensões do conhecimento... Eu me lembro das aulas de História da Arte, de História da Filosofia, de História da

---

<sup>220</sup> Corresponde, atualmente, ao quarto ano do Ensino Fundamental.

<sup>221</sup> A pedagogia Waldorf foi criada por Rudolf Steiner, em mil novecentos e dezenove, na Alemanha.

<sup>222</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Idade Média... Lembro as discussões que envolviam religião... Eu me lembro das artes manuais: pintura, marcenaria, tricô, crochê – eu tive que aprender a fazer tricô e crochê! E lembro que tinha a euritmia, para trabalhar o aspecto dos movimentos, da relação com o corpo... E também tinha música: flauta, flauta doce, flauta transversal, piano... E tinha os esportes... Detalhe: futebol não podia! O futebol era o único esporte que não podia – eu não me recordo muito bem porque não podia, mas, possivelmente, não podia porque era algo que investia em valores, que, à época, não eram os valores da escola. E eu também lembro que, nessa época, a Matemática começou a entrar no meu mundo com um pouquinho mais de facilidade... A nossa tutora, a dona Lory<sup>223</sup>, fazia pequenos torneios em sala de aula com técnicas de cálculo mais rápido, sem meritocracia, mas com superação de limites – ela trabalhava muito o aspecto de motivação. E eu fui me destacando... E a tabuada deixou de ser um problema para mim... Isso aconteceu quando eu fui melhor trabalhado pela escola – ainda que o meu estranhamento com os professores perdurasse por um bom tempo mesmo nessa escola... E é interessante perceber como depois, quando a gente está do outro lado da história, a gente passa a entender o trauma como algo que você não deseja para aquele que você está olhando no espaço de aprendizagem...

Enfim... Voltando a falar do colégio: talvez outro dado importante desse espaço educacional sejam as vivências de viagens anuais com a turma – no final de cada ano tinha uma viagem. Eu lembro de viagens para o Pico das Agulhas Negras e para o interior de Minas Gerais. As viagens, geralmente, duravam uma semana... E essas viagens geravam um ambiente de empatia, de proximidade e de identidade com as pessoas... E isso reproduzia em muita segurança, em muita tranquilidade no ato de entrar na escola... Para mim, entrar na escola era uma dificuldade muito grande. O entrar na escola, para mim, era castigo! Eu lembro que, algumas vezes, fingia que estava doente para não ir para a aula. E tomava remédio mesmo! Fazia isso porque eu não queria ir para a aula, eu não queria ir para a escola... Eu tinha medo da escola!... Isso aconteceu da terceira série até quando eu entrei no Rudolf Steiner... Eu reconheço que tive muita sorte de conhecer essa escola! Mas é importante dizer também que, às vezes, o trabalho da equipe do Rudolf Steiner era muito combatido até mesmo por quem estudava lá... Ouvia-se muito: “Essa escola

---

<sup>223</sup> Eleonore Polklaesner.

não forma para o vestibular!”... E isso gerava, entre os estudantes, uma espécie de insegurança de que ninguém nos entenderia quando a gente saísse daquele espaço, daquele microcosmo em que a gente vivia...

Bom... Daí eu tive que sair dessa escola quando eu estava na sétima série<sup>224</sup>... Meu pai era professor da USP<sup>225</sup> – geógrafo, cartógrafo – e, em um dado momento, ele precisou se mudar para Curitiba. E, claro, veio a família toda para Curitiba. E onde é que eu fui parar? Eu fui parar no Positivo Júnior... Depois de uma experiência magnífica no Rudolf Steiner – ainda que não tivesse uma leitura muito clara do quão magnífico isso significava na minha vida –, eu caí em um sistema apostilado de novo... Mas não era só um sistema apostilado, era também um sistema meritocrático e impessoal – que resultou em um estranhamento muito maior do que o Objetivo Júnior. Mas muito maior! Porque eu vivi o Rudolf Steiner com muita intensidade, então era muito natural ter a minha turma – que era quase uma família... E tinha também a identidade com as pessoas, com os professores e comigo mesmo – eu já sabia um pouquinho quem eu era! Enfim, para mim, aquilo era a escola, e, por isso, foi uma ruptura muito, muito, muito forte!

E o estranhamento não foi só com a escola... Eu estranhei Curitiba! Estranhei as pessoas, o ambiente, o frio, o clima, a chuva... Estranhei as pessoas e a escola... Eu vivia a escola, porque eu saía de casa e ia para a escola e da escola eu ia para casa... Eu me alongo um pouco nisso porque isso faz eu ser quem eu sou hoje aqui na Universidade – porque eu tive que fazer outras rupturas na minha vida quando eu entrei aqui na UFPR Litoral. Voltando ao que eu estava falando... Eu saí de São Paulo quando eu estava na sétima série e tive que refazer a sétima série em Curitiba – não lembro o motivo disso. Daí eu fiz a sétima e a oitava série<sup>226</sup> no Positivo Júnior e fiz o primeiro ano do Ensino Médio no Positivo. Eu posso dizer que a vida no Positivo foi boa no sentido do conhecimento – lógico e técnico –, porque me preparou para o tal vestibular.

Mas no segundo ano do Ensino Médio eu fui para Sorocaba e fui estudar na Organização Sorocabana de Ensino – que é um sistema de ensino misto, em uma escola como essas mais tradicionais, mas que usa livros e não apostilas. Era uma turma pequena e isso me favoreceu, porque eu estava muito fragilizado

---

<sup>224</sup> Corresponde, atualmente, ao oitavo ano do Ensino Fundamental.

<sup>225</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>226</sup> Corresponde, atualmente, ao nono ano do Ensino Fundamental.

emocionalmente no ambiente escolar... E isso me trazia problemas no âmbito das relações... E a mudança do ambiente curitibano para o ambiente paulista me trouxe certo conforto, eu me senti confortável... Eu estava na adolescência, era crise atrás de crise!... E eu vivi bons momentos nessa escola, apesar de não ter vivido a escola com a mesma intensidade que eu vivi as relações na escola. Eu aproveitei muito o ambiente desportivo e o ambiente de camaradagem que encontrei em Sorocaba... Eu precisava me relacionar mais, conhecer mais gente, ter mais amigos... Era uma necessidade pessoal... E eu deixei os estudos meio de lado – e, veja, no Positivo eu me destacava, ganhei prêmio de primeiro aluno da turma... Mas em Sorocaba eu revivi algo que, para mim, era muito importante: a subjetividade das relações... Eu vi que o estudo não era tudo, apesar de ainda não ter essa racionalidade clara... Enfim, eu fui passando, com um pouquinho de dificuldade, mas fui passando... No entanto, o estudo não foi a minha prioridade no segundo e no terceiro ano do Ensino Médio...

#### *Graduação e pós-graduação...*

Em mil novecentos e noventa eu entrei no Exército e, ao mesmo tempo, fiz um cursinho... Fiz vestibular para Agronomia e não passei. No ano seguinte, fiz cursinho de novo – mas aí eu pude priorizar os estudos, porque já tinha saído do Exército... E daí eu passei em Engenharia Florestal na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e passei em Engenharia Florestal na Universidade Federal do Paraná. E por que Engenharia Florestal? Porque eu gostava de florestas! No início dos anos noventa era de grande destaque o tema do meio ambiente. Enfim... Eu optei pela UFPR<sup>227</sup> e vim para Curitiba. Mil novecentos e noventa e dois... Aí começou uma jornada que ainda não terminou...

Eu sou filho da Universidade Federal do Paraná desde mil novecentos e noventa e dois... Foi aí que eu vi o que é Matemática de verdade! Entrei em uma Engenharia... Ainda que Florestal, mas Engenharia! Eu tive dificuldades em algumas matérias: Cálculo e Física, por exemplo... As disciplinas eram desconectadas umas das outras... E tinha a promessa: “No quinto ano você vai saber o porquê do Cálculo e da derivada.”... E eu fui fazendo aquilo que era regra! Estudante recém-ingresso na universidade não questiona muito... Então, eu fiz as disciplinas, fui passando...

---

<sup>227</sup> Universidade Federal do Paraná.



Passei o primeiro ano, passei o segundo ano e aí foi ficando mais gostoso, porque eu fui vendo disciplinas mais interessantes, como Ecologia... Mas era um mosaico, em que a gente tenta fazer conexões, às vezes meio forçadas, e ainda sem entender o porquê daqueles temas ou daquelas disciplinas... Mas eu também não me perguntei muito, não questionei muito, não participei de Centros Acadêmicos... Eu sempre fui muito comportado, no sentido de fazer o que tinha que fazer – eu aceitava as coisas com certa tranquilidade, porque eu fui sendo moldado, de certa forma, a acreditar que aquilo que estava sendo passado para mim era a verdade... Era um sistema assim: se eu tirasse cinco, então eu passava; se eu tirasse *quatro vírgula nove*, então eu reprovava – porque eu não era capaz mesmo e ponto final. Bom... Eu nunca questionei o *zero vírgula um*! Nunca questionei! E assim eu fui sendo padronizado pelo curso... Porque quando você entra em uma universidade muito grande, você vê pessoas diferentes, mas, com o passar do tempo, as pessoas começam a responder com um padrão de ideias e comportamentos... As pessoas ficam com a cara do curso, com aquela cara mais técnica, inclusive ideologicamente... As pessoas passam a acreditar nas mesmas coisas, nas mesmas regras, nos mesmos ideais de vida... Chegou um ponto em que eu acreditei que pinus e eucalipto eram as soluções do mundo!... E saí do curso assim mesmo...

Isso é algo muito sério!... Mas isso também dá a chance de questionar... Hoje eu critico o currículo de Engenharia Florestal! Em dois mil e sete, eu participei da Semana de Estudos Florestais, no curso de Engenharia Florestal da UFPR, e percebi que o currículo do curso era exatamente o mesmo da época em que eu me formei! O mundo inteiro mudou! Mas o currículo continuava exatamente o mesmo! Eu entrei na Engenharia Florestal na época da ECO 92<sup>228</sup>... O mundo estava borbulhando no ambiente florestal, na ecologia... E de antes da ECO 92 até dois mil e quatorze, o currículo de Engenharia Florestal é praticamente igual! Nem as novas formas de auditoria e certificações ambientais e florestais são consideradas. Isso entra como disciplina optativa do curso... E a justificativa é: as transformações não se dão porque o departamento X não quer, o departamento Y não pode e o departamento Z não está aberto à possibilidade de mudanças... Enfim, o engessamento é muito forte! Eu fui percebendo isso com o tempo...

---

<sup>228</sup> Evento que, em mil novecentos e noventa e dois, reuniu, no Rio de Janeiro, representantes de cento e oito países para discutir questões relativas ao meio ambiente.

Bom, voltando a falar da minha formação... Eu saí da Engenharia Florestal em mil novecentos e noventa e sete, mas é importante destacar que eu nunca quis trabalhar com empresa florestal, porque eu não acreditava nisso. Não me empolguei com essa ideia! Então, enquanto eu ainda estava no curso, eu me desafiei um pouquinho e enveredei para o lado da Química e da Bioquímica Vegetal... Isso era algo muito novo – em termos da adesão de alguém da Engenharia Florestal trabalhar com essa área do conhecimento. Isso me motivou! Então, eu fui me aprofundando na área e fui gostando daquilo que eu estava fazendo. No terceiro ano da faculdade, em mil novecentos e noventa e quatro, eu comecei a fazer Iniciação Científica no Departamento de Bioquímica da UFPR, sob a orientação da professora Fany Reicher<sup>229</sup> – que é uma professora maravilhosa, uma orientadora que me trouxe muitas referências positivas... Daí, em mil novecentos e noventa e sete eu comecei o meu mestrado... E em mil novecentos e noventa e nove eu comecei o meu doutorado. Foi assim, na sequência!... Então, de mil novecentos e noventa e quatro até dois mil e três eu fiquei na Bioquímica, no laboratório... Se eu já tinha uma coisa muito técnica, por incrível que pareça, eu fui reduzindo ainda mais o conhecimento, no aspecto mais reducionista da coisa... Eu fui para a molécula... E eu não tinha mais para onde ir, em termos do conhecimento reduzido!

#### *Depois do doutorado...*

Em dois mil e três eu defendi o meu doutorado – foi ótimo, eu gostei do meu trabalho... E aí apareceram algumas oportunidades de trabalho... Tinha um concurso na Bioquímica mesmo, para ser professor por trinta anos lá dentro... Tinha um pós-doutorado na área da Bioquímica, em São Paulo, com aprovação de bolsa da Fapesp<sup>230</sup> – o valor da bolsa era altíssimo e era o que eu mais queria na vida, naquele momento... Mas, de repente, apareceu outra oportunidade: trabalhar com duas amigas, da época da faculdade, em um escritório de assessoria no ramo florestal... E eu não pensei nem meia vez! Eu larguei tudo! Larguei tudo e me enveredei nessa aventura. Por que eu fiz isso? Porque, no final do meu doutorado, eu comecei a questionar algumas coisas em um sentido mais amplo sobre aquilo que a Bioquímica dá conta...

---

<sup>229</sup> Doutora em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da UFPR.

<sup>230</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Sentia que a Bioquímica, para mim, fechava cada vez mais o meu pensamento para a molécula... Então, eu não conseguia mais enxergar o todo e não conseguia fazer conexões entre as áreas do conhecimento – apesar de eu ter me esforçado muito nisso no meu doutorado. Essa é uma luta minha: ao mesmo tempo em que eu mergulho para dentro da molécula, eu tento sair dali para tentar fazer conexões com o ambiente ecológico, com a fisiologia das plantas... E eu tive dificuldades nisso... No final do doutorado, eu entrei em uma crise bem séria de me questionar assim: “Para que eu faço isso tudo? Para quem eu faço isso tudo? A quem eu sirvo fazendo o que eu faço?”... Eu estava estudando as macromoléculas da parede primária de vegetais superiores... Mas a parede primária é uma pequena camada que envolve o caule das plantas... E eu defini que ia estudar as gimnospermas, então eu não ia estudar as angiospermas... Então... O filtro era gigantesco! E eu já sabia, pelo meu mestrado, que aquela pesquisa ficaria engavetada em uma biblioteca ou que seria utilizada pelos próximos estudantes que tentariam fazer aquela roda girar – sem sair muito do lugar...

Então, essa minha crise veio em um momento muito importante, porque daí eu entrei nessa experiência do escritório... Aí em dois mil e quatro eu entrei em uma nova crise, porque na empresa eu precisava dizer que eu era um consultor... Mas eu não tinha experiência como consultor! Eu fiquei dez anos em um laboratório e saí de lá para ser um consultor de empresas... Isso caiu como uma bomba em mim, sob o ponto de vista da minha segurança de saber, inclusive, quem eu era profissionalmente... Mas foi uma experiência muito positiva, muito densa... E aí surgiu a oportunidade do concurso na UFPR Litoral...

#### *Concurso na UFPR Litoral...*

Em dois mil e cinco eu fiz dois concursos na UFPR Litoral... Eu li sobre esse projeto educacional no *site* da UFPR... Era ainda um projeto bem inicial, que falava sobre o que seria a instituição e o projeto educacional UFPR Litoral... Eu achei a proposta interessante, mas o que mais me chamava a atenção era a qualidade de vida no litoral e a ideia do trabalho em uma universidade nova. Isso era extremamente empolgante e desafiador, porque significava fazer parte da história de um lugar que ia começar... Daí, eu fiz o primeiro concurso e não passei... Fiquei bem mal, mas bem mal mesmo, porque eu queria muito passar...

Na semana seguinte, eu fiz o segundo concurso e passei junto com o Rodrigo Reis<sup>231</sup>, que é meu grande amigo da Bioquímica – e ele tem relatos da Bioquímica que são muito parecidos com os meus, do ponto de vista do inconformismo com aquilo que se faz na Bioquímica, com o potencial que se tem de fazer uma coisa bem mais legal e que não se faz... As pessoas dizem que nós dois somos os rebeldes da Bioquímica que deram certo aqui na UFPR Litoral... Enfim, no concurso, eram duas vagas, tinha cinquenta e quatro doutores concorrendo, e nós dois passamos... Foi o momento mais feliz da minha vida profissional... Foi indescritível! E isso também causa marcas muito fortes, talvez até pela identidade que eu já começava a ter com algumas pessoas e com o lugar... Quando eu vi isso aqui, eu falei: “Este lugar é para mim! É aqui e não tem outro lugar! É aqui!”... Aí eu passei no concurso e, em dezembro de dois mil e cinco, comecei o trabalho aqui...

#### *UFPR Litoral...*

A UFPR Litoral é um projeto apaixonante para quem vive aquilo que ela de fato oferece... Mas ela oferece uma grande possibilidade de sofrimento para aqueles que defendem um projeto tradicional de universidade...

O que é a UFPR Litoral para mim? É o meu projeto profissional de vida! Se for para falar em termos pessoais é isso: a UFPR Litoral é o meu projeto pessoal de vida profissional. Eu não abandonaria este projeto por outro qualquer – a não ser que fosse um projeto mais inovador que esse... Em termos educacionais, eu penso que a UFPR Litoral é um projeto de esperança. E eu o visualizo como um projeto de esperança por um tempo em que se propicie um debate mais qualificado sobre inovação educacional nas universidades brasileiras. Os projetos tradicionais não cabem mais! Nós estamos no limite, no gargalo mesmo... Não dá mais para entender a graduação e a pós-graduação do jeito que se faz hoje no Brasil... Não dá mais para aceitar o modo de se produzir, o modo de se conceber, o modo de se discutir e o modo de se enredar na burocracia daquilo que pode ser a mudança do mundo... Eu entendo que a mudança na educação é a mudança do mundo... Talvez essa sociedade desigual, descompassada e mercantilizada que temos hoje seja consequência daquilo que a universidade deixou de fazer e que poderia estar fazendo diferente para produzir um Brasil também diferente... Então, eu penso que a

---

<sup>231</sup> Rodrigo Arantes Reis. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

UFPR Litoral é um projeto de esperança de tempos melhores na educação brasileira. Por isso, não temos como abdicar deste projeto!

### *Espaços de aprendizagem da UFPR Litoral...*

Os espaços de aprendizagem da UFPR Litoral foram apresentados à primeira equipe de professores em um ambiente inicial que era muito pequeno em termos de comunidade acadêmica. Tanto que, no início, as Interações Culturais e Humanísticas eram espaços tematizados e únicos para todos os estudantes... Era um espaço para discutir temas que se pautavam pela atualidade, pela relevância e pela pertinência. O primeiro nome dessa atividade era *Formação Cultural e Humanística*... Com o passar do tempo, as turmas foram aumentando e a estratégia teve que se adequar... Aí surgiu a ideia de se promover oficinas, que poderiam ser propostas por professores ou estudantes ou técnicos ou pela comunidade. Oficinas em que área? Em qualquer área, desde que as propostas atendessem as diretrizes das Interações Culturais e Humanísticas.

Eu vejo que ainda há alguma resistência às ICH<sup>232</sup> porque algumas pessoas não visualizam o potencial formativo desse espaço... Há aqueles que dizem: “Esse negócio cultural e humanístico não serve para nada. Eu quero conteúdo, eu quero formação do meu curso... Eu não quero me formar humanista, eu quero me formar um gestor.”... Usei gestor como exemplo, mas não há esse tipo de discurso apenas nos cursos de gestão... Então, esse é um desafio grande! A todo o momento é preciso trabalhar com esses estranhamentos... É aquela coisa: “Aquilo que não existe lá e existe cá, não precisa existir, porque lá está certo e aqui está errado.”...

A experiência que eu tenho, enquanto professor e enquanto pessoa que participa desse tipo de atividade, me diz que esse espaço depende demais do engajamento do docente que conduz a atividade. Nesse espaço é preciso reconhecer outro tipo de saber, que é o saber popular... Se o docente acredita que o saber científico é o único saber possível de ser aplicado na universidade, então há possibilidades de fortes estranhamentos! E, nesse caso, o docente, provavelmente, não conseguirá ter uma atuação tranquila, porque ele vai ter estranhamentos com os estudantes... E isso pode acontecer porque o que gera o movimento das Interações Culturais e Humanísticas é o reconhecimento de que pode existir – na turma, na

---

<sup>232</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

comunidade ou em outro espaço qualquer da sociedade –, pessoas que podem saber mais daquele tema do que você...

Hoje, nesse espaço, eu trabalho uma atividade chamada *Comunicação Sem Vergonha*... Esse nome foi dado há dois anos e essa atividade foi proposta pelo Maurício<sup>233</sup>, que é estudante de Gestão Pública... O Maurício é um comunicador, ele é um radialista com larga experiência em rádios do Paraná, e ele propôs essa atividade porque observou que a sua turma tinha uma imensa dificuldade de se expressar em público, principalmente na hora de apresentar trabalhos... À época, ele questionou a professora Silma<sup>234</sup> sobre o assunto. O Maurício disse que talvez fosse interessante criar uma atividade de ICH de comunicação para que a turma pudesse *soltar a língua* e para que aprendesse a se expressar em público... E o professor Pacheco<sup>235</sup> fala disso muito fortemente, né? Ele diz que a criança vai perdendo a capacidade de perguntar, de questionar, e, assim, a aceitação vai se tornando cada vez mais passiva – a ponto da pessoa ter medo de perguntar. E quando a gente chega na universidade e pergunta alguma coisa, a gente admite que não sabe; e se a gente não sabe, a gente vai perder para o nosso concorrente no mercado de trabalho... Então, fica a ideia de que a pessoa precisa manter a imagem de quem sabe tudo – e, para isso, ela não pode questionar... Infelizmente, essa é a ideia que alguns ainda têm! Então, as ICH procuram mostrar que nós não precisamos pensar assim! Nesse espaço as pessoas podem errar à vontade!

Bom... Eu trabalho nessa atividade com o Maurício desde dois mil e treze... Eu entendi a importância dessa atividade e vejo que os estudantes aderem muito fortemente à atividade, porque muitos estudantes sentem a necessidade – como eu sentia, enquanto aluno – de ter um espaço como esse... Um espaço em que podemos ser menos tímidos, menos escondidos, menos amedrontados pela escola... Um espaço que permite que a gente perceba quem a gente é de verdade... Mas para garantir esse espaço é preciso dar um passo de cada vez... Tem algumas atividades que são sensacionais! Vale ressaltar que o Maurício sempre chega mais cedo para montar todo o aparato eletrônico das rádios que ele tem... Em toda aula tem microfone, então a gente desafia um pouco o estudante: a gente faz os

---

<sup>233</sup> Maurício José Dvorak.

<sup>234</sup> Silma Côrtes da Costa Battezzati. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>235</sup> José Pacheco. Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Portugal). Idealizador da Escola da Ponte (Portugal).

estudantes se ouvirem... E nós também trabalhamos com vídeo, então eles se veem... Mas esses processos sempre são trabalhados com muita calma, porque é preciso entender os limites de cada um... É preciso ter cuidado com o limite entre o aprendizado e o trauma... Eu acho que tenho essa sensibilidade por ter vivido isso na escola... Então, eu vou percebendo as situações e se acho que está passando um pouco do limite do aprendizado, eu digo: “Para! Espera. Não precisa forçar.”... Porque, às vezes, o estudante trava... Na hora da atividade, o estudante trava... E aí é preciso ter paciência para ajudá-lo a superar isso...

Vou contar uma das atividades que a gente fez com a turma neste semestre... O Maurício tem uma *web rádio*<sup>236</sup> – em alguns momentos, ele chega a ter cinco mil ouvintes... E, em certo dia, ele montou a *web rádio* dele aqui no Setor<sup>237</sup> e nós fizemos uma pequena surpresa para os estudantes... Nós montamos duplas que participariam de um programa, ao vivo, em que um estudante entrevistaria o outro para saber o que eles podem falar sobre os seus cursos... Foi bem legal! Estamos pensando em outras atividades... Nós queremos trabalhar a linguagem corporal, a linguagem textual e a oralidade... Queremos trabalhar com as possibilidades e os aperfeiçoamentos que são possíveis dentro daquilo que cada um pode avançar...

Ah! Lembrei uma coisa interessante que aconteceu como consequência dessa atividade no semestre passado... Todo semestre acontece o Festival das Interações Culturais e Humanísticas, que é o momento de mostrar o que aconteceu nas ICH que foram propostas... No semestre passado, por conta da greve dos técnicos administrativos, a equipe da *Comunicação Sem Vergonha* fez a cobertura do festival – entrevistas, filmagens, edição de imagens... E isso aconteceu com o aval da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que gostou tanto do resultado que disse: “Vocês têm que fazer um projeto de extensão, têm que vincular à TV UFPR, têm que fazer um movimento interno dentro da universidade!”... Isso trouxe uma sensação de ganho muito grande! Talvez com uma atividade mais conteudista, não se conseguiria algo parecido com isso! Talvez não desse conta, né? Foi muito bom!

Mas nem tudo funciona como nós gostaríamos... Nós sabemos que tem várias atividades de ICH, promovidas por vários professores, que é só conteúdo... É quadro negro e giz – sem grandes movimentos e interação... E isso acontece

---

<sup>236</sup> Serviço de transmissão de áudio via *Internet*.

<sup>237</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

justamente porque alguns professores entendem o saber científico como o saber primordial e válido... Então, compreendo que abrir a oportunidade para o conhecimento popular dialogar com o saber científico é o grande desafio desse espaço pedagógico! É preciso reconhecer a existência dos dois saberes, e é preciso que ambos sejam trabalhados. Sem esse diálogo entre os saberes não há Interações Culturais e Humanísticas!

Vou falar agora dos Projetos de Aprendizagem... Esse é o espaço onde o estudante pode desenvolver projetos, ao longo do tempo acadêmico, mobilizando expectativas pessoais... No início, na tentativa de nos sensibilizar, o Valdo<sup>238</sup> dizia o seguinte: “Se o estudante quiser mudar Marte de lugar e colocar ele no lugar de Júpiter, ele pode! E não é o professor que vai dizer que ele não pode... Quem vai mostrar que ele não pode fazer isso é o conhecimento que ele vai acessar e que o professor vai ajudar ele a encontrar... Não será o professor, baseado na sua linha de pesquisa, que vai dizer o que pode e o que não pode.”... Acho que por aí dá para entender a concepção originária desse espaço... Nos Projetos de Aprendizagem, os estudantes vão ao encontro do conhecimento com uma forma de pertencimento muito forte, em termos do que faz sentido aos próprios estudantes...

E nos Projetos de Aprendizagem o mais importante é o processo de aprendizagem... Talvez o produto final não seja o mais importante. Mais importantes que o produto final são os movimentos criados pelo estudante e pelo professor nas várias ações que se deram ao longo do tempo... Aliás, é bom dizer que há desistência de Projetos de Aprendizagem... Vários estudantes desistem de um projeto para entrar em outro! E não há problema nisso, desde que aconteçam movimentos de consolidação de outro projeto. E também há casos em que os estudantes desistem de um mediador e procuram outro... Isso gera um monte de problema para nós, do ponto de vista administrativo e acadêmico... Nós estamos tentando melhorar os processos dentro de um sistema informatizado que nos ajude nisso... Mas não há problema nisso do ponto de vista pedagógico...

Eu medieei um Projeto de Aprendizagem que é bem significativo para mim... Acho que ele simboliza bem o aspecto da minha posição enquanto docente e a posição do próprio estudante, que é o responsável pelo conhecimento produzido. Eu

---

<sup>238</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.



fui o mediador do Maicon Canton, estudante da Gestão Ambiental – turma dois mil e cinco, primeira turma da Gestão Ambiental... O Maicon perambulou por vários projetos... Ele começou um projeto sobre as políticas públicas na área ambiental, depois ele tentou trabalhar com a sustentabilidade sob o ponto de vista empresarial e nada dava certo porque não era exatamente o que ele queria... E nós estávamos conversando semanalmente, estávamos tentando buscar alternativas... Até que, em dado momento, quando ele já estava no terceiro ano, ele resolveu resgatar um conhecimento que ele teve em dois mil e três, quando ele fez um curso sobre abelhas nativas do litoral do Paraná. Ele fez esse curso no Senar<sup>239</sup>, no Parque Estadual Rio da Onça, que fica a uns cinco quilômetros daqui... Enfim, o Maicon resolveu sonhar um pouquinho com o tema das abelhas e eu fui dando corda...

Veja bem: abelhas nativas... Eu, engenheiro florestal, nunca estudei nada sobre abelhas nativas. Eu não sabia nada sobre o tema e o Maicon não sabia quase nada sobre o tema. Mas vamos lá! Eu perguntei a ele: “Até aonde você quer ir?”... Ele respondeu: “Renato, eu me empolguei com esse tema... Até o fim do meu projeto, eu quero realizar um grande evento que traga os principais órgãos públicos aqui na UFPR Litoral para discutir a meliponicultura.”... E o que é meliponicultura? É a criação de abelhas sem ferrão... Daí eu perguntei: “Como você acha que nós vamos sensibilizar a comunidade acadêmica se ninguém conhece nem esse nome? Eu mesmo estou sendo apresentado a ele agora.”... E o Maicon disse: “É... Vamos ter que ver umas estratégias. Eu não sei como vou fazer... Não sei como vamos fazer.”... E eu sugeri: “E se a gente transformar esta Universidade naquela que mais sabe o que significa essa palavra? Que tal propor uma atividade de ICH de meliponicultura para popularizar o tema? Pode ser um primeiro ensaio.”... O Maicon gostou da ideia... Aí eu falei: “Então, vamos promover uma oficina, vamos chamar o Senar – que te deu o curso –, vamos chamar produtores... Vamos fazer um processo bem interativo, vamos fazer saída de campo, vamos ver as abelhas, vamos mexer com as abelhas, vamos experimentar para ver como é isso aí!”...

E qual foi a nossa primeira estratégia? Tinha um painel com todas as propostas de atividades de ICH, umas quarenta ou cinquenta propostas – de todas as áreas de conhecimento... A nossa primeira estratégia foi escrever apenas *Meliponicultura* nesse painel – só o nome e nada mais – e observar como as

---

<sup>239</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

peças iam olhar para esse nome... Hoje eu vejo que se o estranhamento foi grande, a oportunidade foi maior ainda! Resultado: a primeira turma teve uns vinte ou trinta estudantes – era muita gente! Muito bem... Fizemos as primeiras atividades, chamamos os produtores, demos sentido às atividades do ponto de vista cultural, aprendemos que os indígenas usavam a meliponicultura muito tempo antes de os portugueses chegarem ao Brasil, fizemos estudos antropológicos... Foi muito bacana!... E ainda capturamos o nosso primeiro enxame de abelhas sem ferrão e o colocamos dentro de uma caixinha – graças ao Senar, que fez a parte técnica – e essa caixa foi colocada perto do portão da UFPR Litoral... E essa primeira caixinha foi o Maicon que colocou lá e nós decidimos que aquela caixa ia se chamar *Maicon*... Pronto! Muito bem! Acabaram as atividades de ICH daquele semestre...

No semestre seguinte a procura pela atividade foi tão grande, a demanda foi tão grande, que os estudantes falavam: “Nós precisamos da meliponicultura.”; estudantes da Agroecologia, da Gestão Ambiental, da Gestão Pública, do Serviço Social, da Saúde Coletiva... Naquele semestre tivemos quarenta estudantes na atividade de ICH de meliponicultura... E a atividade foi crescendo de tal forma que se transformou no Projeto de Extensão *Meliponário Didático Científico*... Aí vieram os primeiros estagiários, os primeiros bolsistas... E esse projeto passou a integrar o maior Programa de Extensão da UFPR Litoral, que é o Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral... E a partir daí nós fomos ganhando em movimentos de ensino, de pesquisa e de extensão...

Em dois mil e dez, o ano em que o Maicon se formou, nós fizemos o Quarto Seminário Paranaense de Meliponicultura na UFPR Litoral... Graças ao movimento iniciado pelo Maicon!... Eu só fui atrás dele... Eu adquiri conhecimento sobre o tema e, de repente, me tornei referência nacional sobre o assunto, tanto que fui convidado pelo CNPq<sup>240</sup> para participar de eventos nacionais sobre o tema das abelhas... No Décimo Oitavo Congresso Brasileiro de Apicultura e no Quarto Congresso Brasileiro de Meliponicultura eu participei do painel... E no Décimo Congresso Ibero Latino-Americano de Apicultura eu participei com o Paulo Nogueira Neto<sup>241</sup>, falando sobre associativismo e meliponicultura... E ele é a referência nacional sobre o tema! Não tem outro! Isso foi o ápice!... Isso aconteceu em maio, e em outubro nós fizemos o evento paranaense aqui na UFPR Litoral... Adivinha quem participou? Obviamente,

---

<sup>240</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>241</sup> Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da USP.

o Maicon! E eu desandei a chorar na abertura!... Eu não consegui controlar!... Esse processo foi muito bonito, desde o início, desde que ele se constituiu até o que eu chamaria de síntese final... Esse processo instalado pelo Maicon teve um absoluto sucesso! E esse sucesso não foi meu e não foi dele... O sucesso foi do processo! E, hoje, todo mundo aqui na UFPR Litoral sabe o que é a meliponicultura... E tudo isso foi possível porque partimos da vontade de um aluno de desenvolver alguma coisa e da vontade de um professor em acompanhar o processo... Sem essas duas coisas indo juntas, os Projetos de Aprendizagem não funcionam...

E os Fundamentos Teórico-Práticos constituem o nosso outro espaço pedagógico. Esse é o espaço que mais se aproxima de uma disciplina... Mas ele é absolutamente aberto a *n* contextualizações e conexões... Eu trabalhei um módulo chamado *Políticas Públicas Ambientais* no curso de Gestão Ambiental... E trabalhei o tema das políticas ambientais alicerçado com os Projetos de Extensão do Setor Litoral... Então, alguns projetos de extensão – como o Projeto das Farinheiras<sup>242</sup>, o LabMóvel<sup>243</sup> e a Incubadora Tecnológica<sup>244</sup> – compuseram a ementa do meu módulo de FTP<sup>245</sup>, por dois semestres. E como nós trabalhamos? Eu dividi a turma em grupos e cada grupo ficava vinculado a um projeto... Então, ao mesmo tempo em que os estudantes contribuía com o projeto, o projeto contribuía com o módulo de FTP sobre políticas públicas ambientais...

Eu julgo que os nossos estudantes saem daqui preparados para enfrentar os problemas e os desafios da profissão que eles escolheram, porque aqui eles têm a oportunidade de vivenciar vários processos nas Interações Culturais e Humanísticas, nos Projetos de Aprendizagem e nos Fundamentos Teórico-Práticos...

### *Formação continuada dos professores da UFPR Litoral...*

Para que fosse possível entender a proposta do projeto educacional da UFPR Litoral, os quarenta primeiros professores que vieram para cá passaram por várias etapas de formação continuada, com referências nacionais – como o Masetto<sup>246</sup>, a Mabel<sup>247</sup> e o Celso Vasconcellos<sup>248</sup>... Foram vivências transformadoras

<sup>242</sup> Programa de Extensão Farinheiras no Litoral do Paraná.

<sup>243</sup> Programa de Extensão Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral.

<sup>244</sup> Projeto de Extensão Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento.

<sup>245</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

<sup>246</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

em que eu pude dizer: “Puxa! Agora eu posso dizer que eu estou me tornando professor! Posso dizer que agora eu estou tendo uma apresentação do que seja isso.”... No entanto, isso aconteceu apenas com os primeiros quarenta professores, pois perdurou apenas até dois mil e sete ou dois mil e oito...

Hoje nós temos cento e dez professores na UFPR Litoral. Esses outros setenta professores não tiveram esse tipo de formação continuada... O Valdo tentou conduzir o processo do seguinte modo: os primeiros quarenta professores seriam os tutores dos outros professores que ingressariam na UFPR Litoral... Mas tem um detalhe: cada um desses primeiros quarenta professores, que seriam os tutores dos novos professores, já estavam envolvido com mil coisas... Por isso, mesmo sem perceber, esses tutores foram deixando de acompanhar os novos professores... Os tutores não deram conta de fazer tudo o que precisavam fazer – mas é preciso considerar que, à época, eles já estavam envolvidos em muitas atividades... Então, essa ideia não deu a resposta que era esperada... E isso gerou um descompasso enorme entre a primeira e a segunda turma de professores que ingressaram na UFPR Litoral... E o descompasso foi ainda maior com a terceira turma de professores, que ingressou em dois mil e dez... A terceira turma de professores não teve nenhum acompanhamento! E isso aconteceu porque os quarenta primeiros professores tinham quinze cursos para conduzir, o ambiente universitário já estava muito avançado e os professores estavam com as suas quarenta horas totalmente ocupadas. Então, talvez esse seja um grande problema nessa transição...

Essa descontinuidade da formação dos professores neste projeto pode ter prejudicado um pouco os movimentos da UFPR Litoral... Os novos professores foram apenas sendo apresentados aos problemas... E aí o estranhamento foi muito forte e gerou uma polarização muito acentuada nesse movimento. E é preciso ressaltar que, em alguns casos, essa falta de formação continuada atingiu todos os professores de alguns cursos – como Gestão Desportiva e do Lazer; Informática e Cidadania; Gestão Pública... Esses são exemplos de cursos novos com professores novos e que não tiveram esse rito de passagem da formação continuada... Então, o estranhamento que esses professores tiveram gerou, em alguns professores, uma

---

<sup>247</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>248</sup> Celso dos Santos Vasconcellos. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor responsável pelo Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

reação até de certa repulsa ao nosso PPP<sup>249</sup>... E foi nesse momento que se instalaram os principais conflitos, que a meu ver se trata da crise de gerações...

### *UFPR Litoral e Setor Litoral...*

Eu comecei a trabalhar na UFPR Litoral em um momento de uma conjuntura absolutamente favorável! Nós tínhamos recursos de implantação do MEC<sup>250</sup> – e era um recurso grande que nos permitia fazer muitas coisas no momento de consolidação dos cursos... E a gente tinha esses recursos porque a UFPR Litoral era um projeto educacional dentro da UFPR, mas esse projeto era um dos projetos do Governo Lula<sup>251</sup>, que tinha o objetivo de desenvolver a região a partir da educação... Bom... Se era para desenvolver a região a partir da educação, então a primeira coisa a fazer era mudar a educação, né? Porque se ficasse no modelo que existia a gente já sabia o que ia acontecer: seria a exclusão de quem vive no litoral para dar lugar a quem estuda em cursinho – e quem mora aqui no litoral não tem condições financeiras de frequentar cursinho... Então, vários movimentos foram instalados no início das atividades aqui. Para começar, havia um vestibular próprio com altíssimo contexto regional e o limite de corte era baixo para que a população do litoral pudesse ingressar na Universidade... E havia a perspectiva, que o Valdo levantava no início, de que em onze anos não teria mais vestibular aqui e a entrada seria automática... Mas isso estava muito alinhado com as políticas do primeiro ano do Governo Lula. Era outro contexto. E ainda não havia o ingresso nas universidades pelo Enem<sup>252</sup>... Então, com o tempo, a perspectiva acabou mudando por causa desses movimentos que foram acontecendo...

Bom... Em dois mil e cinco se instalaram os primeiros cursos da UFPR Litoral e os primeiros quarenta professores chegaram... Mas os professores chegaram com o barco andando: os alunos estavam quase loucos porque eles ficaram sem professores durante seis meses... E o desejo de todos, naturalmente, era ter os professores aqui. Quando nós chegamos, ouvimos daquelas turmas que chegaram antes que nós: “Quem são vocês? Nós chegamos antes que vocês... Nós

---

<sup>249</sup> Projeto Político Pedagógico.

<sup>250</sup> Ministério da Educação.

<sup>251</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil no período de 01/01/2003 a 31/12/2010.

<sup>252</sup> Exame Nacional do Ensino Médio. Esse exame foi criado em mil novecentos e noventa e oito com o objetivo de avaliar o desempenho dos alunos ao final do Ensino Médio; e a partir de dois mil e nove ele passou a ser utilizado como instrumento de seleção para o ingresso em algumas Instituições de Ensino Superior.

mandamos nesta Universidade.”... Até hoje aqueles alunos brincam com isso... E havia, nas primeiras turmas, um ambiente de identidade muito forte! Tão forte quanto foi para mim a identidade com o Colégio Rudolf Steiner... Era a casa, né? Não era escola... Era a casa! Era o lugar em que tudo podia se desenvolver – com os limites que um ambiente escolar deve adotar, mas sem grandes amarras, sem grandes compromissos com o formalismo... Por exemplo, o nosso Regimento Setorial foi aprovado em dois mil e treze... Nós passamos oito anos sem um Regimento Setorial... Isso foi um pesadelo para muitos... Para quem? Para aqueles que entraram aqui querendo isso...

Nos primeiros quarenta professores da UFPR Litoral era nítida a intenção muito forte de se trabalhar o projeto educacional na sua essência... Ainda que as primeiras diretrizes tenham sido trazidas já pensadas por outras pessoas, a consolidação dessas diretrizes se deu nos debates, nas discussões que aconteciam nas reuniões do Conselho Diretor – que tinham a participação de todos: professores, técnicos, estudantes e quem mais quisesse participar... O nosso Conselho Setorial era um imenso colégio. Mas isso ganhou outros contornos com o decorrer do tempo.

Enfim, as coisas foram se instalando e em dois mil e oito nós tivemos a consolidação do Setor Litoral da UFPR... E a partir de dois mil e nove os nossos recursos orçamentários passaram a ser somente os recursos da UFPR... E o discurso que passamos a ouvir foi o seguinte: “Vocês são um Setor da Universidade Federal do Paraná, então vocês devem cumprir as mesmas regras que todo e qualquer Setor desta Universidade.”... Esse é o discurso vigente...

Até dois mil e oito havia muitos cursos técnicos na UFPR Litoral... Por exemplo: Enfermagem, Hotelaria, Transações Imobiliárias... Esses cursos foram perdendo a força e foram sendo substituídos por cursos tecnológicos – até porque essa era a diretriz nova do MEC. Enfim, outros cursos foram sendo ofertados até que chegamos a um patamar de quinze cursos de graduação. Pela conjuntura favorável, à época, havia uma grande expectativa de que tivesse uma continuidade do movimento do Governo Federal em relação às expansões das universidades no País... Mas isso cessou... Como consequência, a equipe ficou sobrecarregada e os cursos começaram a ficar um pouco prejudicados... Começamos a ter alguns processos de esvaziamento – que não foram motivados pelo projeto educacional, mas por projetos pessoais – e a equipe remanescente foi ficando cada vez mais sobrecarregada...

A partir daí, alguns movimentos políticos geraram uma imposição maior da Administração Central sobre o Setor Litoral. Note: sobre o Setor Litoral e não sobre a UFPR Litoral! No campo simbólico nós temos uma identidade muito forte: a UFPR Litoral é um projeto educacional, é um projeto emancipatório, é um projeto de autonomia dos estudantes, é um projeto que tem os eixos pedagógicos baseados na interdisciplinaridade e nos espaços coletivos, é um projeto que contempla processos comunitários integrados à Universidade e a boa relação com a escola é algo bastante evidente... Essa é a UFPR Litoral! E o Setor Litoral é o Setor Litoral da relação com uma universidade centenária, que tem um Regimento, que tem um Estatuto, que tem a sua forma de fazer e que todos estão lá para serem iguais perante aquilo que já está constituído... E há uma luta constante, em que se percebem adesões a um ou a outro, ou seja, adesões à UFPR Litoral ou ao Setor Litoral... E percebe-se isso em relação a quem? Ao corpo docente! É possível perceber alguns aderindo à UFPR Litoral – ao projeto educacional – e outros aderindo à lógica mais legalista do Setor Litoral. E não digo legalista sob o ponto de vista pejorativo da palavra, digo o legalista que interfere diretamente no fazer, na perspectiva do passo adiante, da liberdade de se criar e de se movimentar...

O nosso Regimento Setorial foi aprovado recentemente... Ele preservou algumas das nossas ações, mas não preservou outras... Então, eu acho que nós vamos ter que preservar alguns dos nossos espaços usando o legalismo. Se nós não fizermos isso, nós vamos perder tudo! E nós não queremos perder o projeto como um todo... Então, nós estamos normatizando os Projetos de Aprendizagem, estamos normatizando as Interações Culturais e Humanísticas, estamos normatizando os Fundamentos Teórico-Práticos... Estamos normatizando os nossos espaços de aprendizagem, mas estamos fazendo isso com a perspectiva de preservá-los... Hoje estamos em um cenário de reconstituição... Reconstituição das relações com a Reitoria, reconstituição com as polarizações já identificadas aqui dentro do Setor – que são muito evidentes...

### *Conselho Setorial*

As nossas discussões já não são tão coletivas, porque não são todos que participam do nosso Conselho hoje... Talvez essa seja uma das grandes perdas. Qual era a nossa proposta? Nós fizemos uma assembleia regimental, interna, como uma reação a aquilo que estava reivindicado pela Reitoria. A reivindicação era que

se fizesse um regimento padrão, mas nós não nos identificamos com esse padrão e instauramos uma assembleia regimental e conseguimos chegar a um consenso – depois de um mês de trabalho... Nós queríamos um Conselho Setorial paritário, representado por todas as categorias de modo paritário: trinta e três por cento – estudantes; trinta e três por cento – técnicos; e trinta e três por cento – docentes. Isso na gestão! Isso nos processos decisórios... Não era na eleição de diretor, era na gestão, nos processos decisórios do Setor... Essa proposta foi vetada no Conselho Universitário da UFPR por setenta e trinta na votação – conforme a mesma proporção observada no Regimento Geral da UFPR: setenta por cento – docentes; trinta por cento – técnicos e estudantes... E não houve qualquer oportunidade de se alimentar uma possibilidade nova, não teve oportunidade da Universidade se repensar... E isso aconteceu no momento em que a UFPR discutia o seu Estatuto... E, mesmo assim, a nossa proposta não foi considerada nem como projeto piloto... Ela poderia ser ao menos observada, mas foi rechaçada...

Então, instalamos um Conselho Setorial absolutamente tradicional e agora eu faço questão de fazer assim. Porque assim será! Mas assim será para alguém que enxerga este projeto como enxergava o Rudolf Steiner e como enxergava lá atrás as possibilidades de transformação da educação pela liberdade, pela autonomia dos estudantes e dos professores, pela autonomia dos projetos e pelos movimentos orgânicos se dando na Universidade pela relação com a comunidade...

#### Câmara Pedagógica de Curso<sup>253</sup>

Abaixo do Conselho Setorial nós temos as câmaras pedagógicas de curso: Câmara Pedagógica do Curso X, Câmara Pedagógica do Curso Y... No início, cada professor participava da Câmara mais próxima da sua área de conhecimento e da Câmara mais distante da sua área. Isso garantia a interdisciplinaridade...

Eu participei, por um tempo, da Câmara de Enfermagem – eu, engenheiro florestal, participava de uma Câmara da área da saúde – e participava da Câmara de Gestão Ambiental que é da minha área... E isso foi muito importante para a minha formação como docente, porque somente quando eu tive contato com historiadores, sociólogos, filósofos, economistas, biólogos e outros profissionais, eu fui conseguindo romper as minhas certezas profissionais e as minhas certezas

---

<sup>253</sup> Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.



ideológicas – que eu fui sendo conduzido a acreditar dentro da faculdade durante a minha formação profissional.

O curso de Engenharia Florestal é muito bom tecnicamente, mas eu saí desse curso odiando os movimentos sociais! Na Engenharia Florestal não se lida com o aspecto sociológico da educação, nem com os aspectos humanísticos – o mais social que se trabalha é a responsabilidade social da empresa, que se sabe que visa a própria empresa... Então, o conceito de cultura aqui dentro da UFPR Litoral foi extremamente forte... Eu entrei em crises homéricas aqui! Mas foram boas crises! Dizem que todas as crises são boas quando a gente sai delas! A gente sai melhor... E eu saí muito melhor!

*Vivências na UFPR Litoral: as enchentes de dois mil e onze...*

Eu tenho uma admiração profunda por vários professores aqui, como referências minhas, porque eu sou despido dessa beca de que eu sou um professor universitário com o meu conhecimento já produzido e que deve ser automaticamente reproduzido em um ambiente escolar. Eu tenho a certeza que eu sou um pequeno aprendiz... E eu vim com esse espírito para a UFPR Litoral... Eu vim com o espírito bem desarmado! E, mesmo assim, as minhas pequenas certezas foram refutadas de tal forma, que me geraram crises internas e fizeram com que eu ficasse muito quieto durante um bom tempo aqui dentro... Em dois mil e seis, dois mil e sete e dois mil e oito, eu mal me manifestava aqui... Eu queria aprender! Então, eu circulei pelos cursos, dei aula em vários cursos – com aquilo que eu podia... E, veja: eu nunca lecionei Engenharia Florestal aqui dentro! Nunca! Nem Bioquímica! Eu trabalhava contextualizando a realidade e foi isso que me deu mais segurança...

Talvez o melhor exemplo disso seja a questão das enchentes no litoral em dois mil e onze<sup>254</sup>... Enchentes nos municípios de Morretes, Guaratuba e Guaraqueçaba... Inundou tudo! Isso aconteceu no dia onze de março de dois mil e onze... Uma catástrofe climática no litoral... O objetivo deste projeto é trabalhar com a realidade... Então, se trabalha com o que está acontecendo... E, naquele momento, surgiu a oportunidade de dizer quem era a UFPR Litoral!... Em onze de março aconteceu a catástrofe e no dia treze de março começavam as aulas... Estava tudo pronto para começar as aulas! E era assim: onze de março, sábado; doze de

---

<sup>254</sup> Em março de dois mil e onze o litoral paranaense foi atingido por fortes chuvas, que ocasionaram enchentes e deixaram mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

março, domingo; treze de março, segunda-feira. As enchentes aconteceram no dia onze... E no dia doze, domingo, o Valdo chamou o Setor para discutir o que faríamos – porque não seria cabível, em um projeto como este, os nossos estudantes entrarem em uma sala de aula para trabalharem os conteúdos da diretriz curricular X, Y, Z... Bom... Parou tudo! Quem parou tudo? O pessoal da UFPR Litoral; o Setor Litoral continuou dando aula, em sala de aula... E aí eu digo: dos movimentos que são naturais em um projeto que busca esse desafio imenso de transformar pessoas, o movimento de transformar o fazer do docente é o mais desafiador de todos!

Mas enfim... Naquele domingo, dia treze de março de dois mil e onze, nós observamos um movimento de cinquenta pessoas discutindo o que faríamos na segunda-feira com todos os alunos. A direção baixou uma determinação: todos os estudantes na tenda<sup>255</sup> da UFPR Litoral. E nós pensamos em duas estratégias de ação: a primeira era organizar uma brigada de força tarefa junto à Defesa Civil, para colaborar com o aspecto humanitário; e a segunda estratégia era a elaboração – e posterior desenvolvimento – de projetos, que aconteceria a partir do reconhecimento dos ambientes afetados e dos diálogos com os órgãos públicos... Esse movimento perdurou uma semana inteira: desde o dia treze até o dia dezessete de março de dois mil e onze... E, dessas atividades, saíram ideias de centenas de projetos. Foi um movimento muito rápido e muito intenso... Nós chamamos a Defesa Civil, o Corpo de Bombeiros, as prefeituras dos municípios do litoral... Nós ouvimos muitos relatos de perdas – inclusive entre os alunos... Alguns estudantes ficaram isolados e não podiam vir para as atividades... E aí nós abonamos as faltas desses estudantes, fizemos os processos internos – hoje não daria para fazer isso, porque nós estamos amarrados com a Pró-Reitoria de Graduação...

E é claro que muitas pessoas criticaram o Setor Litoral: “Geraram centenas de projetos, mas quantos ficaram?”... A resposta é: pouquíssimos! Mas aqueles projetos que se consolidaram no tempo estão, há quatro anos, desenvolvendo processos com a comunidade... E assim a gente vai percebendo as possibilidades de atuação da Universidade... Alguns projetos ficaram pelo caminho, outros projetos melhoraram a vida de muitas pessoas... Mas se estamos aqui para transformar uma realidade, precisamos entender que talvez isso não signifique transformar diretamente a realidade das pessoas somente nos aspectos assistenciais e

---

<sup>255</sup> Espaço utilizado para realizar eventos na UFPR Litoral.

humanitários... As pessoas também se transformam pelas relações... Inclusive pelas relações que são instaladas em um ambiente de catástrofe... Naquele momento das enchentes, a realidade concreta bateu na porta da Universidade! E nós abrimos as portas da Universidade... Nós poderíamos ter conduzido melhor aquelas ações? Sim, poderia ter sido melhor... Sempre poderia ter sido melhor...

Depois, nós fizemos dois fóruns na comunidade, que nós chamamos de *Foco*. O Primeiro Foco aconteceu seis meses depois das enchentes... Nós convidamos as comunidades e os órgãos que participaram do processo – IAP<sup>256</sup>, Ibama<sup>257</sup>, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Governo do Estado, Prefeituras... Todos foram convidados oficialmente... E não veio quase ninguém... Isso é uma resposta! É uma resposta fortíssima... Para não dizer que ninguém aceitou o convite, veio um representante da Defesa Civil, um representante do Corpo de Bombeiros e o prefeito de Morretes... Só! E mais nenhum representante dos outros municípios afetados. No Segundo Foco nós tentamos articular algumas ações baseadas nos projetos que estavam em desenvolvimento... Esses aspectos marcam... Eles marcam o nosso fazer... Porque quem quer pode retirar, daqueles acontecimentos, um imenso aprendizado...

#### *A discussão sobre o mercado de trabalho...*

Todos os cursos da UFPR Litoral foram desenhados para o litoral paranaense. Todos os cursos foram pensados para essa conjuntura, para as aptidões e para os problemas do litoral paranaense... Nós não vamos ter um curso de Direito, um curso de Engenharia ou um curso de Medicina aqui na UFPR Litoral, porque esses cursos formam profissionais liberais que não ficam no lugar, eles não se fixam no lugar... E nós entendemos que, em um projeto como este, os movimentos se dão desde o Ensino Fundamental até o mercado de trabalho... E o mercado de trabalho vai ter que se moldar aos profissionais que saem da Universidade... O que se faz é exatamente o contrário: algumas universidades se moldam para atender o mercado de trabalho... Mas é o mercado de trabalho que tem que se adaptar à realidade da Universidade...

Como se transforma socialmente uma região que se vincula à discussão mercadológica? Essa discussão é um componente, mas não pode ser o único

---

<sup>256</sup> Instituto Ambiental do Paraná.

<sup>257</sup> Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

componente! Essa é uma dificuldade que nós temos hoje, enquanto projeto, porque nós não podemos ceder a esse discurso... Se a gente ceder, nós vamos contribuir para a instalação de uma lógica desenvolvimentista e não desejamos isso... O litoral é um dos poucos recortes geográficos que ainda tem possibilidade de lógica sustentável... Temos um mosaico espetacular de ambientes preservados, que vão do norte de Santa Catarina até o sul de São Paulo, perpassando todo o litoral do Paraná com unidades federais, estaduais e municipais de preservação e conservação ambiental – que protegem esse meio ambiente, impedindo que o desenvolvimento desenfreado se instale aqui. Muito bem... E o que a gente faz com isso? Talvez esse seja um dos elementos que motivaram esse projeto a vir para cá – aliás, não era para ter vindo para o litoral, o projeto original era para o Vale do Ribeira<sup>258</sup> paranaense; mas, diante dos movimentos, fomos instalados aqui... E o máximo que se consegue é realizar algumas atividades de extensão no Vale do Ribeira, porque não conseguimos recursos para atuar lá, não temos perna para chegar lá... A perspectiva de mudar o passo nós temos, mas falta estrutura e as coisas têm se enveredado para outros caminhos...

### *Sonho e realidade...*

Com o tempo, nós perdemos muito da autonomia que a gente tinha... Inclusive a autonomia sobre o transporte – que é o coração deste projeto educacional... A mobilidade do nosso projeto no cotidiano é extremamente vinculada à vida comunitária. Os processos aqui não são – ou não deveriam ser – pautados pelo tempo universitário... Os processos que acontecem aqui devem, necessariamente, ser pautados pelo tempo comunidade. E, para isso, é necessário propiciar mobilidade para que esses movimentos aconteçam com qualidade... Mas nem sempre isso acontece... Até ano passado, a Central de Transportes era nossa e ficava a quatro quadras daqui... E os veículos que nós utilizávamos vieram dos recursos de implantação do MEC... Hoje, todos esses veículos estão na Pró-Reitoria de Administração e são controlados por uma pessoa que trabalha em Curitiba... Essa pessoa autoriza e cancela as saídas do Setor Litoral... Eu imagino que é uma pessoa que olha para a solicitação e fala assim: “Esse vai. Esse não vai. Esse pode. Esse não pode.”... Enfim, isso está nos debilitando fortemente! Não estamos

---

<sup>258</sup> Composto pelos municípios de Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná.

conseguindo andar com o projeto do modo que precisamos. Às vezes, os cancelamentos acontecem no dia das atividades marcadas... Isso é grave! Isso é gravíssimo! As nossas atividades envolvem a comunidade... Há o compromisso com a comunidade... E aí vem o cancelamento do carro... Isso é gravíssimo!

Eu acho que, das ações que o Governo Federal não conseguiu renovar com as expansões, essa é a mais séria... A frota de veículos é de dois mil e sete e veio para este projeto... E de lá para cá, nós só perdemos! Nós perdemos toda a frota! Não tem mais veículo aqui... Não sei como ficará daqui para a frente... Mas são momentos históricos que a gente vive... Estamos caminhando para o décimo ano... Entre idas e vindas, nós sobrevivemos... O projeto sobreviveu, com muitas perdas, com muitos machucados, mas com ganhos concretizados também... Ganhos em movimentos que nos garantem algumas coisas, mas que não trazem grandes certezas de nada para o futuro... Mas, pelo menos, por Regimento nós não perdemos mais nada... Está lá, registrado...

Se fosse para falar de um sonho daqui para a frente... Eu acho que seria a recuperação do transporte, que é essencial... E também seria muito bom se a gente conseguisse instalar bases estratégicas nos outros municípios do litoral<sup>259</sup> e no Vale do Ribeira... Não falo de novas unidades, com cursos e tal... Falo de bases de vivências, bases de projetos, bases de ações culturais, artísticas e comunitárias... Bases que facilitassem as nossas ações já instaladas. De repente, um veículo em cada local... É um sonho!...

E se eu pudesse mudar o projeto, eu voltaria a ser o que nós éramos antes... Acho que em termos de concepção educacional algumas coisas poderiam ser aperfeiçoadas, no sentido de se definir o que significa autonomia estudantil... Porque não é uma autonomia no sentido da liberdade sem responsabilidade, de uma liberdade sem limites... Isso pode levar a uns processos de descontrole que a gente não consegue mais acompanhar! Alguns estudantes se apegam a esse discurso e simplesmente passam o tempo universitário sem se envolver com a universidade... E esse sujeito precisa se perceber sob o ponto de vista do cidadão e do papel que ele desempenha dentro de uma universidade. Então, eu acho que o tema da autonomia é algo que precisa ser desenvolvido, não no limite do cerceamento, mas no sentido

---

<sup>259</sup> O litoral paranaense é composto pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná; e a UFPR Litoral está presente, fisicamente, apenas no município de Matinhos.

da compreensão de que autonomia significa responsabilidade... E responsabilidade significa cidadania...

E eu acho que as Interações Culturais e Humanísticas precisam ingressar em um momento de discussão das suas diretrizes, no sentido de estabelecer um limite entre o que é a possibilidade do saber científico se pautar naquilo que se entende enquanto interação e saber popular nesse eixo pedagógico. Por exemplo, tem professor oferecendo oficina de metodologia científica... Aí o professor vai para o quadro negro e diz o que é metodologia científica. Isso é importante? Óbvio que é! Mas talvez seja mais interessante fazer isso no espaço dos Projetos de Aprendizagem... Enfim, acho que nós temos que buscar alguns limites...

No mais, eu não mudaria nada hoje... E eu não mudaria porque eu acho que esse projeto, do jeito que ele está desenhado, ainda tem muito potencial para aperfeiçoamentos... Nós ainda não saturamos a sua experiência... Em dez anos, ele não deu conta de nos dar uma resposta concreta principalmente sobre aqueles que hoje estão lá fora... Tem um pessoal de Curitiba que veio aqui para dizer que a gente não transformou a realidade do litoral paranaense... Vieram aqui para dizer que as nossas licenciaturas não transformaram o litoral do Paraná e, então, nós estamos indo pelo caminho errado! Ora... Mas aí vem uma questão básica: nós só formamos três turmas de cada licenciatura... Como essas turmas de egressos vão mudar o litoral do Paraná tão rápido assim? Nós estamos formando professores, que ainda vão atuar nas escolas com estudantes que ainda vão entrar nas escolas... Esse é um projeto para trinta anos... Então, eu não mudaria nada agora – no modo mais intenso –, porque acredito piamente que nós ainda não experimentamos tudo o que nós podemos fazer neste projeto, nós ainda não chegamos no auge...

E eu acredito que esse projeto não tem vida dentro da Universidade Federal do Paraná. Eu acho que, com o tempo, os nossos espaços pedagógicos serão gradualmente substituídos por outras coisas... Penso isso porque os processos vão encontrando cada vez mais resistência... A única solução para este projeto seria outra forma de viabilizá-lo de modo mais independente. Essa dependência de uma universidade centenária e conservadora como é a Universidade Federal do Paraná não funciona! Então, essa seria uma grande mudança: mudar o seu local de acolhimento. Talvez outra universidade... Talvez uma universidade emancipada...

### *A relação entre a Universidade e as escolas do litoral paranaense...*

Esse projeto visa, fundamentalmente, à transformação, em um horizonte de trinta anos, a partir da educação... Como realizar isso a partir de uma universidade que se vê no novo? Realizando as transformações pela relação com a escola... Então, ao mesmo tempo em que a gente forma novos professores, a relação dos estudantes com a escola precisa ser umbilical em termos de ação dos estágios e das ações dos Projetos de Aprendizagem e dos Projetos de Extensão. E essa mudança se dá inclusive em uma relação de confiança que vai se estabelecendo aos poucos entre a escola e a Universidade. É preciso lembrar que a Universidade veio depois... A escola já existia aqui no litoral... Então, o ambiente de estranhamento é grande também... E não é uma relação fácil, sob o ponto de vista dos modos de funcionamento das instituições... Às vezes, a Universidade propõe algumas atividades e a escola responde: "Para! Vocês têm recursos... O Estado investiu em vocês e esqueceu de investir em nós!"... E é claro que leva um tempo para abrandar isso e conseguir outras aproximações... E são as licenciaturas que dão o tom dessa mudança ao longo do tempo...

### *Transformações a partir da educação...*

Até onde vai a transformação e em que grau ela se dá? Se a gente analisar a relação dos Projetos de Aprendizagem com a realidade do litoral, a gente avalia isso em situações muito limitadas do ponto de vista regional e muito mais próximas de grupos de pessoas – às vezes uma rua de um bairro, às vezes uma única família... Então, as ações dos Projetos de Aprendizagem são muito pulverizadas. Isso é um ponto importante...

Alguns projetos de extensão ganham mais destaque. Exemplos disso são as ações do Laboratório Móvel de Educação Científica, do Projeto das Farinhas do Litoral do Paraná e do Projeto Mundo Mágico da Leitura... Tem também *n* projetos ambientais das turmas de Gestão Ambiental...

Se a gente pensar nos egressos... Acho que os gestores imobiliários que se formaram na UFPR Litoral têm uma concepção mais sustentável em termos da concepção da transação imobiliária, de como ela deve se dar... E da necessidade de se pensar na qualidade de vida... Acho que eles conseguem ver que a temporada é um problema e não uma solução... E isso é um ganho tremendo. Mas isso se dá em outra dimensão, isso não se dá na concretude da ação em si...

E tem também a ação dos estudantes da Agroecologia junto às comunidades agrícolas de Morretes e Antonina... Os estudantes estão lá, agora estão morando lá! Eles estão transformando o lugar, a seu tempo, com as suas possibilidades, com as suas ferramentas metodológicas e físicas...



## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 6 – DOUGLAS

Nome completo do colaborador: Douglas Ortiz Hamermuller

Data e local de nascimento: 23 de novembro de 1976, Fernando de Noronha (PE)

Data da entrevista: 21 de outubro de 2014

Eu nasci em Fernando de Noronha e a minha primeira alfabetização foi lá, a partir dos quatro anos de idade. Depois eu fui para Porto Alegre e tive que mudar de dialeto – isso foi um problema. Eu tive que ser praticamente *re-alfabetizado*, devido às questões de entendimento e de fonética. E também havia uma questão burocrática: no Rio Grande do Sul não se admitiam crianças com cinco anos na primeira série<sup>260</sup>. Então, eu tive que voltar para o Jardim de Infância<sup>261</sup>, para depois ser *re-alfabetizado*. Na sequência, eu estudei até a quinta série<sup>262</sup> do Primeiro Grau<sup>263</sup> na Escola Estadual Ensino Fundamental Professor Ivo Corceuil. E, em seguida, eu fui para a Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio, onde concluí o Segundo Grau<sup>264</sup>. Então, toda a minha Educação Básica foi em escolas públicas.

Posteriormente a isso, eu fiz o curso de Formação de Oficiais do Exército, Intendências, junto com o primeiro ano do curso de Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Terminei a formação militar, saí do Exército e continuei estudando Física; fiz três anos do curso, e escolhi a licenciatura. Mas eu me apaixonei tanto pela questão de educar que troquei o curso de Física pelo curso de Pedagogia, também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E me formei em Pedagogia em dois mil e quatro – entrei no curso no ano dois mil e me formei em dois mil e quatro. Em Física eu entrei em noventa e seis, foram quatro anos de temporalidade, mas quase três anos do curso. Na Física a gente reprova bastante! Mas é, também, uma questão de habilidades. Eu não tinha habilidade suficiente em Matemática para me formar em Física como eu gostaria. No curso de Física, se você não for um *gênio* em Matemática, é praticamente impossível você fazer o curso sem bolsa e trabalhando. Se você precisa subsistir é praticamente impossível! Ou você

---

<sup>260</sup> Corresponde, atualmente, ao segundo ano do Ensino Fundamental.

<sup>261</sup> Corresponde à atual Educação Infantil.

<sup>262</sup> Corresponde, atualmente, ao sexto ano do Ensino Fundamental.

<sup>263</sup> Corresponde ao atual Ensino Fundamental.

<sup>264</sup> Corresponde ao atual Ensino Médio.

tem bolsa ou você tem que ter dinheiro para fazer o curso, porque trabalhar e fazer o curso de Física, ao mesmo tempo, não dá – a menos que você tenha uma capacidade superior para dominar a Matemática, que não era o meu caso. Então, esse foi também um dos movimentos que me fizeram ir para o curso de Pedagogia. Quando eu fiz as disciplinas da Educação, na Física, eu me apaixonei. E aí mudei de curso.

Quando eu estava na metade do curso de Pedagogia, fiz concurso para agente educacional no Estado do Rio Grande do Sul. Era um cargo de nível médio, mas que me fez a inserção na escola. Então, eu fiz a segunda metade do curso de Pedagogia trabalhando em escola – sendo monitor de pátio, coordenador de turno. Isso me deu um direcionamento para os próximos passos de formação, eu fui me direcionando para a gestão. Por isso, eu fiz Especialização em Gestão Escolar – um curso a distância, certificado pela Sociedade Educacional de Santa Catarina. E, posteriormente, entre dois mil e nove e dois mil e onze, eu fiz Mestrado em Educação na Universidade Federal do Paraná. Essa é a base da minha formação.

Em dois mil e seis eu fiz o concurso para técnico em assuntos educacionais na UFPR Litoral<sup>265</sup>. Fiz esse concurso por conta do projeto educacional diferenciado. A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apesar de ser uma faculdade tradicional, não é ortodoxa. Ela tem muitas linhas de pesquisa da pós-graduação que alimentam a graduação de uma forma muito rica. Então, os estudantes têm a oportunidade de conviver com diversas formas de pensar a educação. E como eu já tinha uma vivência universitária quando eu entrei no curso de Pedagogia, eu entrei muito focado, já sabia o que eu queria. Então, eu entrei lendo os clássicos, eu entrei lendo os contemporâneos. Eu fiz Iniciação Científica já no primeiro ano de faculdade. Foram dois anos de Iniciação Científica na área da Educação Especial, mapeando o autismo na cidade de Porto Alegre. E aí eu me direcionei para a questão da gestão, vendo o viés das políticas de apoio à inserção do aluno com autismo nas redes públicas de Porto Alegre. Então, tudo foi convergindo para essa área da gestão. Mas não de uma forma ortodoxa. Era sempre pensando em movimentos de inovação pedagógica, sempre pensando na perspectiva da diferença, da inclusão, da integração dos estudantes. Sempre pensando na não diferenciação dos espaços educativos. Então, eu não queria

---

<sup>265</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

trabalhar em um lugar onde eu não pudesse praticar aquelas coisas que eu aprendi na faculdade. Aí eu fiz o concurso para a UFPR Litoral.

Eu fiquei sabendo do concurso porque eu comecei a procurar concursos em universidades brasileiras, porque eu achava que em uma universidade teria mais possibilidades de trabalhar com movimentos de inovação e de dar continuidade aos estudos, por estar próximo do ambiente universitário. Então, comecei a mapear o Brasil em busca de concursos. E aí eu vi um concurso na UTFPR<sup>266</sup>, e um concurso na UFPR<sup>267</sup>. Na UTFPR tinha mais de vinte vagas e na UFPR só tinha uma vaga, mas o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral chamou a minha atenção. A página de *Internet* do Setor<sup>268</sup>, à época, dizia que aqui se trabalhava com pedagogia de projetos. Então, foi isso: “Poxa! Pedagogia de projetos no Ensino Superior! É para lá que eu vou!”... Fiz o concurso, fui aprovado e comecei a trabalhar na UFPR Litoral em fevereiro de dois mil e sete.

E o início do meu trabalho foi muito diferente daquilo que eu tinha idealizado. Eu não tinha nenhum tipo de fantasia no sentido de chegar a um lugar pronto, a um lugar acabado, porque eu sabia que era um processo de implantação – eu estava acompanhando o processo de expansão da universidade como uma política de governo e, então, eu sabia das dificuldades. Enfim, eu não esperava um lugar pronto, nem um lugar ideal. Não tinha nenhuma fantasia com relação a isso. Mas eu tinha uma ideia de como se processava a pedagogia de projetos e quando eu cheguei aqui me deparei só com salas de aula, não tinha nenhuma sala de projeto. Então, eu pensei: “Poxa! Será que eu vim enganado? Será que eles não sabem o que é pedagogia de projetos?”... Mas, diferentemente de algumas pessoas que se abrem à frustração, eu me abri ao diálogo para tentar entender o que era esse processo. E entendi que era um caminho a ser trilhado. Ainda era um ideal que se estava buscando. Gradativamente estavam sendo colocados elementos da pedagogia de projetos aqui no Setor. Talvez a comunicação, do jeito que foi exposta no *site*, induzisse as pessoas a terem uma imagem diferente – como aconteceu comigo. O detalhamento da informação não era claro no sentido de que se buscava esse caminho, mas que em princípio ainda não era isso – até por conta das dificuldades de se trabalhar um processo inovador na Educação Superior, que é tão

---

<sup>266</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

<sup>267</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>268</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

tradicional; e ainda mais com os elementos de uma pedagogia de projetos. Isso eu fui entendendo ao longo do trabalho aqui, ao longo do processo, ao longo das discussões, ao longo das primeiras formações de que participei aqui. Aliás, os dois primeiros anos de formação foram muito intensos. Nós tivemos a oportunidade de conhecer vários professores que davam apoio pedagógico e de formação ao projeto. Então, eu pude me acomodar nessa imagem e acabei entendendo e aderindo ao projeto educacional.

E aqueles momentos de formação continuada foram muito interessantes. Os técnicos eram convidados para todos os momentos de formação junto com os professores. É preciso considerar que no começo era mais fácil administrar isso, porque a rotina administrativa era bem menor e o número de técnicos também era bem menor. Por isso, era muito mais fácil reunir as pessoas e muito mais fácil destinar horas para a formação continuada. Eu acredito que as primeiras pessoas que chegaram aqui no Setor Litoral foram privilegiadas em seu espaço de formação em relação ao segundo grupo de pessoas que chegou a partir de dois mil e dez. Quem chegou entre dois mil e seis e dois mil e oito teve certo privilégio em termos de formação, porque havia muitos movimentos de formação continuada. E também havia mais possibilidades de interagir com os outros, porque era um número menor de servidores. Era mais fácil.

Esse movimento de formação continuada diminuiu bastante entre dois mil e dez e dois mil e doze. A partir de dois mil e doze nós estamos resgatando esse movimento. E estamos fazendo isso também pelos movimentos institucionais, porque a Pró-Reitoria de Graduação melhorou bastante o apoio ao ingresso dos docentes, eles estão propiciando alguns momentos de formação mais gerais da Universidade. E aqui no Setor, quando os servidores chegam, eles passam por momentos de entrevista com a coordenação de curso e com a gestão. Eu recebo cada professor que chega. O professor Valdo<sup>269</sup> também recebe cada professor que chega. O professor Renato<sup>270</sup> e os coordenadores de curso também recebem. E, além disso, nós temos tentado propiciar alguns movimentos de formação pelos

---

<sup>269</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>270</sup> Renato Bochicchio. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR. Foi vice-diretor do Setor Litoral na *Gestão 2012-2016*, e assumiu a direção do Setor Litoral na *Gestão 2016-2020*.

cursos, porque os momentos de formação mais gerais estão dificultados pelo número grande de professores. No começo deste ano nós trouxemos o professor Masetto<sup>271</sup> para uma formação mais geral. E nós estamos fazendo um misto entre uma formação mais geral e formações específicas pelos cursos – considerando que o processo das Câmaras<sup>272</sup> também deve dar conta disso, porque nós temos um grande número de professores com uma grande bagagem nesse projeto pedagógico e entendemos que eles também devem ter uma corresponsabilidade no processo de inserção dos novos professores no projeto.

E é bem claro que existem dois grupos aqui no Setor: o grupo das pessoas que entendem o projeto e aderem a ele; e o grupo das pessoas que não entendem o projeto. E as pessoas que não entendem o projeto se subdividem em dois grupos: aqueles que não entendem o projeto, mas tentam entender o projeto; e aqueles que não entendem o projeto e tentam combater o projeto. E daí vem a dificuldade de fazer com que todos dialoguem. Eu acho que essa diferença é fundamental nesse projeto. É preciso entender as diferenças e reconhecer esses pontos de vista como legítimos, porque é disso que trata a universidade. Eu não posso excluir aqueles que não entendem o projeto ou aqueles que combatem o projeto, porque eles também ajudam a construir o projeto. Eles nos fazem enxergar coisas que a gente não enxergaria se não tivesse alguém criticando. A crítica, a crítica leal, é absolutamente construtiva. Se todo mundo vai pelo mesmo caminho e ninguém critica, a gente pode acabar passando por cima dos erros sem vê-los. Então, é bem importante ter todos esses grupos que nós temos aqui. Mas é óbvio que isso gera uma dificuldade. Acho que nem é dificuldade, mas é um empenho e um gasto de energia constante, porque constantemente você tem que entender que isso faz parte do processo educacional, tem que ficar explicando, comentando, buscando referências, apresentando textos. Mas faz parte do processo. Eu diria que essa é uma dificuldade geral no nosso trabalho de gestão.

Além disso, eu tenho uma dificuldade que vem do campo informal, no sentido do fato de eu ser técnico e não ser docente – apesar de ser docente porque sou pedagogo e sou mestre em Educação. Tem um pequeno grupo aqui que não admite receber uma instrução ou uma orientação de um técnico – ainda mais se for

---

<sup>271</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

<sup>272</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

uma orientação de ordem pedagógica. Por mais que seja evidente que a minha postura não é de soberba ou de achar que eu sei mais que alguém, ainda tem esse preconceito aqui. Eu sou um técnico, mas eu domino um grupo de conhecimentos pedagógicos porque eu estudei isso. Faz parte da minha formação. Então, para mim, fica muito claro quando alguém comete um erro crasso porque usa um conceito fora do objeto em questão. Mas eu não me atrevo a comentar o conhecimento específico dos cursos. Eu posso discutir modelos pedagógicos, eu posso discutir encaminhamentos da formação do estudante. Mas quando a discussão entra no conhecimento específico do curso eu escuto o que os especialistas da área falam. Mas, mesmo assim, mesmo tendo essa postura, eu tenho essa dificuldade informal com um grupo pequeno. E é preciso conviver com isso.

Até porque UFPR Litoral é diversidade! Sinteticamente, a UFPR Litoral é educação e diversidade, e não podemos descontextualizar disso. Então, se pensarmos que a UFPR Litoral é UFPR, aí podemos pensar em diversidade, educação e política. A Universidade Federal do Paraná é uma instituição muito politizada, e os contextos e até mesmo a estrutura administrativa da UFPR provocam encontros de ideologias. E isso influencia fortemente a área pedagógica. Eu acho que isso não é necessariamente bom ou ruim. Mas isso nos dá uma identidade. Inclusive porque a UFPR Litoral foi criada a partir de um movimento que não é o movimento tradicional da universidade. A UFPR Litoral foi criada em um primeiro movimento de expansão da Educação Superior no Brasil e nós carregamos a marca do pioneirismo, porque não se sabia ainda o que era esse movimento. E nós fomos os primeiros dos primeiros frente a uma Universidade de cem anos. E aí se deu um conflito da diversidade com o tradicional.

Aqui no Setor Litoral nós trabalhamos com três espaços pedagógicos – *Projetos de Aprendizagem; Interações Culturais e Humanísticas; e Fundamentos Teórico-Práticos*. Esses espaços existem didaticamente para propiciar a integração de alguns fatores que tradicionalmente são externos à universidade, mas que não deveriam ser externos. A cultura e a interação humana não deveriam ser externas à universidade ou, pelo menos, não deveriam estar colocadas em segundo plano. Na universidade tradicional é isso que acontece. Pelo menos em grande parte das universidades eu observo assim. Se eu estou certo ou errado, aí é outra discussão. Mas eu observo assim.

E eu acho que quando uma pessoa se coloca em um movimento educacional formal, ela está impulsionada por um desejo e por uma vontade. Ela almeja algum objetivo. E por que desconsiderar isso na formação dela? É isso que a maioria dos cursos faz. Os cursos têm uma proposta e a pessoa adere a aquela proposta, ou não consegue se formar, ou tem grande dificuldade para concluir o curso. O espaço dos PA<sup>273</sup> é o espaço que traz para o curso e para a formação o elemento da vontade. Para mim esse é um dos fundamentos da educação. Educação não se faz sem vontade, sem o ato de vontade.

Já as Interações Culturais e Humanísticas eu vejo como um espaço necessário para as unidades universitárias interiorizadas e para a nossa unidade circunscrita nessa região do Paraná, que é uma região que, historicamente, sofreu um processo de abandono. Isso imprimiu uma marca na população da região: uma marca de pessoas exploradas pelo movimento sazonal da temporada. A marca que o litoral só serve para ser visitado no verão e que as pessoas que moram no litoral só servem para trabalhar para quem faz turismo ou veraneio no litoral. Essa é a imagem que muitos ainda têm do litoral. Porém, a realidade é outra. O litoral é o berço do Paraná. O litoral paranaense tem uma cultura muito rica. Mas essa cultura fica inferiorizada, infelizmente, nesse embate mais geral do Estado com relação ao processo econômico que se dá aqui: exploração. Então, o espaço das Interações Culturais e Humanísticas é necessário para mostrar que o litoral e os seus moradores não têm uma cultura inferior. É preciso mostrar aos estudantes que não existe uma cultura superior e uma cultura inferior. Existem culturas diferentes!

Se não existisse o espaço das ICH<sup>274</sup>, talvez algumas pessoas, que vivenciaram uma universidade fechada em seus muros, tendessem a passar para os estudantes uma cultura hegemônica, mesmo a cultura universitária. Se não há um espaço de discussão é difícil evitar isso. Aliás, é difícil mesmo tendo esse espaço. Isso é parecido com o que acontece, por exemplo, nas escolas rurais: se os professores da escola rural vêm da cidade e não contextualizam ou se eles não fazem a adequação dos materiais didáticos, é provável que eles passem a imagem de que *a cidade é boa e que o campo não é*; e, então, os estudantes podem acabar fazendo o movimento de mudar do campo para a cidade. Na universidade é quase a mesma coisa. Se a gente interioriza a educação superior e não contextualiza, de

---

<sup>273</sup> Projetos de Aprendizagem.

<sup>274</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

forma regional, a gente pode silenciar várias culturas. Então, o espaço das ICH é um espaço para propiciar a diversidade cultural. Esse é um grande ponto dele.

E as ICH têm outro ponto que, a meu ver, é mais prático. Uma universidade situada em grandes centros, ou que tenha uma estrutura grande, tem movimentos culturais onde o estudante pode vivenciar outras culturas. Por exemplo, os estudantes têm a oportunidade de conhecer a Orquestra Sinfônica da Universidade, os estudantes veem os movimentos de cinema, os grupos de artes, os grupos de dança. Algumas universidades podem propiciar isso aos alunos. Mas como as unidades universitárias menores podem propiciar isso aos seus estudantes? É necessário propiciar essa convivência com outros espaços de formação. Acho que isso é inerente ao nível de formação superior. Deveria ser inerente em todo o processo educacional, mas mais ainda no nível da educação superior. E as ICH nos ajudam a propiciar essas vivências aos nossos estudantes, técnicos e docentes.

E os Fundamentos Teórico-Práticos existem para propiciar a integração dos elementos externos à Universidade e para cumprir as diretrizes curriculares nacionais e dos cursos. Mas não de uma forma disciplinar, e, sim, de uma forma integrada entre teoria e prática. Os FTP<sup>275</sup> são espaços que organizam o currículo e trazem elementos que eram externos à Universidade, mas que podem congregam em uma formação universitária – considerando o estudante não como uma peça de uma engrenagem educacional, mas como um elemento humano que está passando por um momento em que a interação dele, estudante, com um conhecimento vai lhe dar uma habilidade formal para o trabalho.

E esses três espaços ainda existem por uma impossibilidade nossa de trabalhar com a pedagogia de projetos. Se a gente conseguisse trabalhar com a pedagogia de projetos como ela é pensada ou planejada ou teorizada, eu vejo que, em tese, nós não precisaríamos ter esses três espaços curriculares. Porque aí existiria o currículo e o aluno ia contratar com um professor ou com um grupo de professores como ele iria dar conta daquele currículo; e ele seria acompanhado até o momento em que demonstrasse que ele interagiu com todos esses conhecimentos e que ele está apto a se formar. Para isso, existiriam as salas de projeto – para que ele desse conta de interagir com o conhecimento –, teriam aulas de campo, etecetera... Enfim, a organização seria outra. Então, eu vejo PA, ICH e FTP como

---

<sup>275</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.



movimentos curriculares de passagem para uma preparação ou para um amadurecimento para outra fase, que pode existir ou pode não existir. Pode ser que a gente nunca chegue a esse estado de maturação para usar plenamente a pedagogia de projetos. Nós detectamos, no Setor, cursos que ainda são quase disciplinares e nós tentamos fazer com que esses cursos, gradativamente, vão aderindo aos projetos. E nós também detectamos cursos que já têm uma proposta curricular que trabalha com projetos de turma, mesmo dentro dos Fundamentos Teórico-Práticos. Então, há essa diversidade nos cursos do Setor. É assim que eu vejo esses espaços.

E eu acredito que nós erramos no nome *Projetos de Aprendizagem*, porque a palavra *projeto* carrega uma simbologia muito grande. Há diversos tipos de projetos. Então, dependendo dos referenciais que uma pessoa tem, esse nome pode trazer um conceito muito forte do que é projeto. Trouxe para mim! Quando eu li no *site* a expressão *pedagogia de projetos*, eu vim com um conceito. Outras pessoas podem entender de outros modos – pode ser entendido como projeto social, projeto de empreendimento, projeto científico, projeto de extensão, enfim, há muitos modos de entender porque há diversos tipos de projetos. Desse modo, corre-se o risco de carregar de sentido a palavra *projeto* e de deixar a palavra *aprendizagem* secundarizada, sendo que o importante é a aprendizagem, é o processo de aprendizagem. Talvez a compreensão do significado desse espaço ficasse facilitada se a gente tivesse cunhado uma expressão que tivesse menos paralelo com o que se tem de nomenclatura no ambiente educacional. Porque como educação, fundamentalmente, é um ato de vontade, há pessoas que podem não querer entender o que significa a expressão *Projetos de Aprendizagem* e, por isso, podem ficar na superficialidade do nome; e como o nome não representa de forma clara aquilo que o espaço propõe, nós vamos ter problemas de entendimento. E esse espaço foi pensado para valorizar a trajetória de aprendizagem do estudante, para valorizar o ato de vontade dele com relação ao curso, para alimentar o desejo do estudante de aprender. Daí, quando você coloca *projeto*, você pode induzir as pessoas a pensarem no produto e não no processo. Eu acho que isso é muito ruim! Mas essa minha fala não é uma crítica destrutiva aos *Projetos de Aprendizagem*! Ao contrário, ela é uma tentativa de fazer com que esse espaço evolua para algo mais claro.

Aliás, no mestrado eu estudei a autonomia dos estudantes do Setor Litoral nos Projetos de Aprendizagem. A minha dissertação<sup>276</sup> é sobre isso. E eu fiz estágio de docência em Projetos de Aprendizagem. Eu sou a única pessoa do Brasil que fez estágio de docência em PA – o único lugar que tem PA é aqui e eu fui o único estagiário até agora. Eu não precisava fazer o estágio de docência no mestrado porque eu não tive bolsa. Mas eu fiz esse estágio porque eu queria interagir com o espaço dos Projetos de Aprendizagem. Eu conversei com um professor titular, que foi o mediador titular, e ele abriu espaço para eu estagiar. E então eu me envolvi diretamente com alguns PA.

Um dos PA que eu acompanhei era de três estudantes de Gestão em Turismo que perceberam que não existia sinalização em Matinhos, apesar de ser uma cidade turística. Eles queriam desenvolver um Projeto de Aprendizagem para entender como poderia ser uma sinalização de uma cidade turística e propor uma sinalização sustentável – até porque, para eles, não faz sentido trazer um modelo externo que pode vir a agredir a região; e como nós estamos em uma área de preservação, eles tiveram essa sensibilidade. E os estudantes fizeram uma proposta de sinalização da cidade, estudaram como isso poderia ser feito, pesquisaram quais materiais poderiam ser utilizados. E, ao mesmo tempo, eles interagiam com os módulos de FTP que estavam acontecendo e que falavam sobre cidades turísticas. Esse foi um projeto bem interessante. E eu auxiliei na mediação de uma das fases desse projeto, por um semestre.

Lembro também do projeto de uma estudante que era sócia de uma pousada. Ela percebeu que tinha dois grupos de pessoas que buscavam informações sobre a pousada: aqueles que receberam indicação da pousada por amigos; e aqueles que foram mal atendidos em outras pousadas e estavam procurando uma alternativa. Na pousada dela, era uma prática oferecer treinamento para os funcionários, e ela achava que isso acontecia em todas as pousadas. Mas isso não acontece! A estudante fez uma pesquisa e descobriu que as pessoas são muito mal atendidas nas pousadas e que não se tem formação para os funcionários de pousadas. Então, o PA dela foi estudar como deveriam ser os processos de

---

<sup>276</sup> Trata-se da dissertação intitulada *Possibilidades e limites do exercício da autonomia dos estudantes na UFPR Litoral: os Projetos de Aprendizagem em foco*, defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em dois mil e onze.

formação para os funcionários de pousadas, entendendo que o bom atendimento local é um fator de atração turística. Esse também foi um projeto interessante.

Ah! Tem um esclarecimento sobre os espaços pedagógicos que eu acho importante registrar. Os Fundamentos Teórico-Práticos podem ser ofertados como módulos isolados. Mas os Projetos de Aprendizagem e as Interações Culturais e Humanísticas não são ofertados como módulos isolados. E isso acontece desse modo por duas razões. A primeira razão é o aspecto formal: nós temos três espaços curriculares e se a universidade abrir a formação em módulos isolados nessas três atividades, nós estaríamos possibilitando que uma pessoa sem vínculo com a Universidade frequentasse os três espaços, e isso não é possível pelas legislações. A segunda razão é que ainda não se chegou ao consenso sobre equivalências das ICH e de PA... Se uma pessoa está interagindo cultural e humanisticamente pensando em um curso, então ela está *vibrando em certa frequência*. Como fazer a equivalência dessa atividade se a pessoa vai para outro curso? Isso é muito complexo! Então, por essas razões, apenas os FTP podem ser ofertados em módulos isolados.

Mas não se trata de barrar a comunidade! A comunidade pode participar das ICH por meio das ações de extensão que podem estar ligadas às Interações Culturais e Humanísticas. E também há o caso em que o professor mediador convida alguém da comunidade para colaborar com a atividade de ICH, devido aos seus saberes sobre o tema que está sendo trabalhado. Então, há diferenciações de como a comunidade pode acessar esse espaço. A comunidade não pode acessar esse espaço como um aluno regular, mas as pessoas da comunidade podem interagir com esse espaço através de projetos de extensão ou ainda como colaboradores. A comunidade é bem vinda? É! Mas nós precisamos observar os processos formais da Universidade.

Talvez ainda haja desinformação sobre isso. Algumas pessoas podem dizer: “Não tem diferença! O pessoal está trabalhando junto.”... Bem, do ponto de vista prático, pode ser que algumas atividades não tenham diferença, porque o que interessa é a construção do conhecimento e a interação. Nesse aspecto, isso está correto. Mas no aspecto formal não. Os estudantes são avaliados, as outras pessoas da comunidade não passam por avaliações. Enfim, há algumas formalidades em relação aos alunos regulares. E as pessoas da comunidade só recebem certificados

se tiver alguma atividade de extensão que propicie a certificação. É preciso entender que nesse espaço o que importa é a interação.

Vou citar dois casos em que isso está claro. O primeiro exemplo é a atividade de ICH sobre alimentação saudável. Há uma pessoa da comunidade que trabalha com isso e ela vem colaborar com a atividade porque ela tem o maior prazer em colaborar com a Universidade. Então, a professora convida e ela vem e colabora. Mas ela não está ali como aluna, ela está ali como uma pessoa que está compartilhando um conhecimento. O segundo exemplo é a atividade de ICH de capoeira. O grupo de capoeira abre o espaço deles para a Universidade ir lá. Ou seja, não são eles que vêm à Universidade. Eles estão cedendo o espaço deles para a Universidade ir até lá. Então, é diferente.

É preciso ter cuidado, porque assim como *noventa e nove vírgula nove* por cento das pessoas podem se envolver com a atividade pela atividade e pelo prazer pela educação, pode ser que tenha alguém esperando uma brecha para entrar na Universidade por outro caminho que não seja o caminho isonômico. E, para mim, o problema não é entrar na universidade por outro caminho – por processos diferenciados –, o problema é não ser isonômico. É só isso. Eu acho que a universidade devia ter vaga para todos. Mas enquanto não se tem vaga para todos, nós temos que tratar todas as pessoas com a mesma oportunidade nos processos de seleção. Então, não se podem ter privilégios! Por isso, é preciso que a Universidade tenha alguns cuidados formais.

E por uma questão de responsabilidade de cargo<sup>277</sup> eu também venho propondo algumas mudanças formais aqui no Setor Litoral. E venho sendo alvo de críticas por algumas dessas mudanças. Como eu trabalho com a gestão, eu vejo que algumas coisas, que são muito boas para o projeto pedagógico, não têm possibilidades de serem executadas hoje. E eu estou falando de coisas que foram executadas em outros momentos e que eu acabei retirando para não fragilizar o espaço. Vou dar um exemplo. A ideia de integrar a comunidade acadêmica e de se ter um tempo para que se discutam as temáticas das ICH, para que se amadureçam as propostas e só depois os grupos sejam divididos para começar o semestre das ICH, é muito interessante. Isso era praticado aqui. E isso é muito avançado pedagogicamente! Mas as instituições públicas federais brasileiras ainda não têm

---

<sup>277</sup> Douglas é coordenador pedagógico do Setor Litoral da UFPR.

condições de organizar e gerenciar esse processo a um custo exequível. Nós ainda não temos um sistema acadêmico que faça esse controle de forma real. Nós ainda não temos um controle de frequência por digital. Nós ainda precisamos ficar catando as informações com os docentes para não desintegrar os espaços de matrícula. Então, essa questão de logística ainda dificulta muito o espaço pedagógico. É uma tristeza ter que retroceder em um elemento pedagógico por falta de uma possibilidade de gestão. Mas se eu não fizer isso, eu corro o risco de acabar com todo o espaço. E aí a perda é maior. Então, na gestão, é preciso pensar no custo benefício. E, às vezes, é melhor dar um passo para trás para não correr o risco de ter que voltar para o começo da caminhada.

Então, o que eu propus? O que eu fiz? Na coordenação pedagógica, nós acabamos com as três semanas de mobilidade das ICH no início do semestre – que era o tempo que os estudantes tinham para discutir as propostas de ICH com os professores mediadores e para decidir de quais atividades iriam participar. E nós introduzimos um formulário, que é menos rico, para que a comunidade acadêmica possa fazer a sua proposição temática de Interações Culturais e Humanísticas. E aí está livre toda e qualquer associação de grupos para discutir as ideias e preencher esse formulário em espaços informais. Após o período estipulado, a coordenação acadêmica vai reunir todos os formulários, vai organizar todas as propostas temáticas e vai colocar a matrícula de ICH à disposição dos estudantes. Então, tudo isso vai acontecer antes do início do semestre. E os estudantes terão uma matrícula em ICH do mesmo modo que eles têm matrícula em PA e em FTP.

Nós fizemos o primeiro movimento dessa mudança este ano, mas nós não conseguimos fazer exatamente dessa forma, porque os técnicos estavam em greve e eu não consegui receber os formulários e colocar eles no *site*. Então, eu fiz assim: eu reeditei as ICH que já tinham sido construídas em outros semestres. É preciso esclarecer que eu não ditei ICH da minha cabeça! Eu só reeditei as ICH que já tinham sido construídas pela comunidade acadêmica em outros momentos. E como alguns grupos já estavam com suas propostas de ICH prontas, eles também puderam apresentar essas propostas. E aí teve a matrícula prévia das ICH e, quando o semestre começou, cada estudante já sabia de qual atividade de ICH ia participar. Então, qual é a perda que se tem nesse processo? Eu acho que é o fato de não propiciar o encontro das pessoas em um espaço formal e reservado para que eles possam discutir a diversidade em torno dos temas. Essa é a perda! Qual é o

ganho? A ampliação do tempo e das possibilidades das pessoas se reunirem informalmente para discutir as temáticas das ICH e a possibilidade de, ao se matricular, se ter um conjunto maior de informações sobre as atividades de Interações Culturais e Humanísticas. Assim, o estudante não vai desavisado para uma atividade, ele vai sabendo o que está previamente proposto ali. E nós vamos ter também, como se tinha antes, a possibilidade de se preencher o plano de aula das ICH em conjunto entre o professor mediador e os estudantes. Então, a construção da atividade não mudou. O que mudou foi o modo de geração da atividade.

Aqui na UFPR Litoral as coisas sempre estão em movimento. Eu acredito que sempre há mudanças nos projetos educacionais porque isso é inerente ao processo educacional. E aqui houve um turbilhão de mudanças por dois motivos: o primeiro motivo é o combate à proposta por um pequeno grupo de pessoas; e o segundo motivo é que a própria experiência vai retroalimentando o processo e fazendo com que a gente firme algumas convicções e abandone algumas coisas que se mostram menos adequadas ao processo. Mas a ideia principal, o propósito principal e o objetivo não mudaram! O que muda é a execução. Existe um grupo grande de professores que está muito firme no propósito de trabalhar com projetos na educação superior como fator de inclusão e diversidade. Muitas pessoas aqui trabalham com esse propósito. E, por isso, nós entendemos que os espaços curriculares de ICH, PA e FTP ainda devem ser preservados. Nós ainda não temos alguns consensos para fazer com que eles avancem no sentido de um trabalho como a Licenciatura em Ciências está fazendo, mas nós temos certeza que não queremos retroagir, como alguns cursos que ainda estão mais elementares na execução da proposta. A Licenciatura em Ciências hoje é o curso que mais se aproxima do Projeto Político Pedagógico do Setor – pelo Projeto Pedagógico do Curso e pelo modo de trabalhar e de se engajar dos professores, dos estudantes e dos técnicos que trabalham nesse curso.

Ainda falando em movimentos de mudanças no Setor, eu acho que, dentre as mudanças formais que aconteceram aqui, pode-se dizer que a mudança no Conselho Setorial foi significativa. O nosso Conselho mudou bastante. Antes, o Conselho se propunha a ser paritário – na sua composição e na sua formação. E essa mudança é uma consequência do Regimento do Setor. Eu considero que o Regimento Setorial possibilitou alguns avanços no sentido administrativo e no sentido das formalizações. Porém, ele mudou a dinâmica de poder no Setor. Eu

considero isso um retrocesso! O princípio constitucional é pela gestão democrática e nós vivemos o estado democrático de direito – mesmo que representativo. E o princípio constitucional se baseia na divisão igual do poder, porque todos nós somos iguais perante a lei e todos nós temos o direito de voto. Então, isso é uma questão de gestão democrática constitucional. Outro princípio constitucional é o de formar o cidadão. Mas como se forma um cidadão, em um estado democrático de direito, sem que ele possa exercer a sua cidadania dentro da escola? E eu digo isso desde a Educação Básica até a Educação Superior. Como se ensina a ser cidadão se não se reparte o poder na escola ou mesmo na Universidade? Antes nós tínhamos a possibilidade desse exercício na UFPR Litoral. Nós não tínhamos um Regimento Setorial que fechasse essa questão. Mas nós tínhamos uma organização muito avançada no sentido do exercício da democracia. O poder decisório era dividido. Agora, o poder decisório é representativo: setenta por cento para os professores; e trinta por cento para técnicos e estudantes.

Antes, algumas pessoas discutiam a legalidade dos atos do diretor. Eu acredito que não existia nenhuma ilegalidade, porque ele era o diretor eleito em uma unidade onde não se tinha um Regimento. Logo, o poder pleno era dele. E todo ato que ele assinava era um ato pleno de direito. Não existia ilegalidade! A Universidade deu esse poder a ele. No entanto, ele fazia uma concessão e organizava o Setor de forma semelhante a aquela em que a Universidade é organizada. Semelhante porque ele tinha uma visão mais larga de democracia. Mas a organização que ele propôs ficou fragilizada em função da forma. Dou um exemplo disso: se todos os estudantes, técnicos e professores fossem em uma reunião do Conselho, como seria o controle da votação? Esse era um problema. Como fazer a contagem dos votos? E aí vinha a crítica. E isso foi ficando cada vez mais complicado. Mas não existia ilegalidade! O diretor poderia não escutar ninguém! O que ele determinasse era válido e ninguém poderia contestar! Ele era o diretor de um Setor que não tinha Regimento. Mas ele não agia assim. Ele ouvia e consultava a comunidade acadêmica. No entanto, depois de tantas críticas, o Setor Litoral tem um Regimento. E eu acredito que, com isso, nós perdemos no exercício de democracia plena.

Mas vamos falar em ganhos. Eu acho que a UFPR Litoral tem contribuído com o litoral paranaense. Eu acredito que ocorreram muitas mudanças aqui no litoral nos últimos anos e acredito que muitas dessas mudanças foram motivadas pelas ações da UFPR Litoral. Uma das contribuições da Universidade é o aumento do

número de vagas em cursos de licenciatura na região do litoral paranaense. Os índices do Ideb<sup>278</sup> e do IDH<sup>279</sup> melhoraram nos últimos anos aqui na região, e acredito que essa melhora seja, também, uma consequência das ações da Universidade. Mas, mesmo assim, entre os trinta e sete municípios da mesorregião metropolitana de Curitiba – que considera a região metropolitana de Curitiba<sup>280</sup>, o Vale do Ribeira<sup>281</sup> e a região do litoral<sup>282</sup> – cinco municípios da região do litoral ainda estão entre os dez piores índices do Ideb e do IDH. No entanto é preciso considerar que até pouco tempo só havia uma Instituição Pública de Ensino Superior<sup>283</sup> na região do litoral paranaense. E essa Instituição oferecia, no município de Paranaguá – que tem mais de duzentos mil habitantes –, vinte e cinco vagas para o curso de História, vinte e cinco vagas para o curso de Letras, vinte e cinco vagas para o curso de Letras Português-Inglês, vinte e cinco para o curso de Pedagogia diurno, vinte e cinco vagas para o curso de Pedagogia noturno, vinte vagas para o curso de Ciências Biológicas e vinte vagas para o curso de Matemática. Eram essas as vagas públicas de cursos de licenciatura que existiam no litoral paranaense. Então, uma região que tinha quase quatrocentas mil pessoas, só tinha esse número de vagas para os cursos de licenciatura. Número absolutamente insuficiente! Havia algumas instituições particulares na região, mas elas não estavam preocupadas em formar professores para as escolas públicas. As instituições particulares trabalham com outro viés.

Então, era necessário abrir cursos de licenciatura, porque não havia – e ainda não há – vagas públicas suficientes para a formação de professores na região do litoral paranaense. E, assim, não havia a possibilidade de cumprir a LDB<sup>284</sup>, que diz que os professores da Educação Básica têm que ter formação superior. E isso

---

<sup>278</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

<sup>279</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.

<sup>280</sup> A região metropolitana de Curitiba é composta pelos municípios de Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Doutor Ulysses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Piên, Pinhais, Piraquara, Porto Amazonas, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, Rio Negro, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

<sup>281</sup> O Vale do Ribeira paranaense é composto pelos municípios de Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná.

<sup>282</sup> O litoral paranaense é composto pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

<sup>283</sup> Trata-se do *Câmpus* de Paranaguá da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), também conhecido por sua antiga denominação: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (Fafipar).

<sup>284</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei n. 9394/96).



refletia nos baixos índices do Ideb, porque havia muitos professores, abre aspas, leigos, trabalhando. Havia muitos professores sem formação específica trabalhando nas escolas, havia muitos professores de uma *disciplina* lecionando outra *disciplina*. Então, era e é necessário formar professores no litoral do Paraná. E também é importante ressaltar que nós temos realizado ações de formação continuada com os professores das escolas do litoral em que nós temos projetos. Então, a Universidade tem contribuído tanto com a formação inicial quanto com a formação continuada dos professores do litoral do Paraná. Acho que isso representa um ganho significativo.

E pensando em consequências da presença da Universidade no litoral... Quando eu vim trabalhar aqui, não tinha movimento nenhum em Matinhos fora da época da temporada. Alguém pode dizer: “Isso faz parte da expansão da economia.”... Bem, se fosse apenas uma sazonalidade, as pessoas que vieram para cá já teriam ido embora com essa fase baixa da economia. Se nós entramos em crise econômica mundial e as pessoas continuaram aqui deve haver algum fator que fez com que isso acontecesse. E qual foi o fator marcante nessa cidade? O fator marcante foi a vinda da Universidade. Não tem outro fator externo. E a gente vê a economia mudando. A gente vê o prefeito, que é dono de todos os mercados daqui, indo a público dizer que ele está tendo dificuldades de contratar pessoas para trabalhar nos mercados dele porque a Universidade está dando bolsas. Essa fala dele está gravada! Ele falou isso em um programa de rádio! O pior é isso: uma liderança política falando isso em um programa de rádio. Mas...

E quem vive aqui no litoral também percebe mudanças nos empreendimentos. Nós vemos os nossos alunos empreendendo, vemos os nossos alunos propondo seus consultórios, suas organizações. Nós temos visto coisas diferentes acontecendo na comunidade. Eu acredito que muitas dessas mudanças têm acontecido em função da presença da UFPR no Litoral.

Para finalizar, eu quero dizer que, apesar de ser muito difícil trabalhar aqui – principalmente nos movimentos de gestão – é extremamente gratificante trabalhar na UFPR Litoral. Aqui nós vivenciamos algumas experiências educacionais que, possivelmente, não conseguiríamos vivenciar em outros lugares. Se eu não tivesse vindo trabalhar aqui, talvez eu nunca pudesse vivenciar algumas coisas que eu vivenciei. Isso é singular! A nossa expectativa é que isso possa se ampliar e que a gente possa chegar a um momento de ampliação do projeto, um momento de entendimento mais amplo do projeto. Mas eu não tenho expectativa de acomodação.

Não tenho expectativa de consenso. Se isso acontecer aqui, vai ter que acontecer primeiro no País, porque a nossa formação é outra e o nosso jeito de fazer política é outro. Mas é muito gratificante trabalhar aqui! Apesar de ser trabalhoso, é gratificante. Acho que a gratificação de trabalhar aqui é proporcional ao empenho e ao dispêndio de energia que a gente tem que ter para manter este projeto educacional. Enfim... Era isso o que eu tinha para dizer neste momento.

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 7 – ANA MARIA

Nome completo da colaboradora: Ana Maria Franco

Data e local de nascimento: 24 de maio de 1973, Presidente Prudente (SP)

Data da entrevista: 21 de outubro de 2014

Eu nasci em Presidente Prudente, morei em muitas cidades e estudei em muitas escolas até me fixar em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Foi lá que eu terminei o Ensino Fundamental. E eu não consegui vaga em escola pública no Ensino Médio... Não tinha vaga! Na época, tinha sorteio de vagas para o Ensino Médio... E aí eu acabei estudando em uma escola particular. Depois, eu ingressei no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Fiz toda a graduação lá, participei de projetos, e, dois anos depois de terminar o curso de Ciências Biológicas, eu mudei para Curitiba.

E aí eu fiz uma Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento na Universidade Federal do Paraná e o meu tema de pesquisa foi o sistema faxinal<sup>285</sup>... Depois, eu fiz mestrado em Ecologia e Conservação da Natureza também na UFPR<sup>286</sup>, estudando polinização... Esse tema de pesquisa do mestrado é por conta do meu histórico no Mato Grosso do Sul... Lá eu trabalhei em um projeto grande entre duas universidades, a UFMS<sup>287</sup> e a UFV<sup>288</sup>, e, por isso, eu acabei fazendo o mestrado em Ecologia... Então, não foi *um tiro no escuro!* O tema veio da minha experiência anterior... Mas a especialização foi realmente algo fora da área que eu vinha estudando... Nela trabalhei temas com que eu não tinha contato na graduação... A graduação no Mato Grosso do Sul focava muito as áreas das Ciências mesmo, a Biologia... Foi aqui no Paraná que eu tive contato com as questões de Filosofia, de Sociologia... Na minha graduação, eu tinha que saber Estatística, eu tinha que saber Ecologia e ponto... Era isso!... É mais ou menos assim mesmo, né?! Então, essa é a minha formação.

---

<sup>285</sup> Sistema faxinal: terras de uso comum, onde camponeses praticam a agricultura de subsistência e criam animais soltos.

<sup>286</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>287</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>288</sup> Universidade Federal de Viçosa.

E a docência acabou acontecendo na minha vida... Eu acho que não foi uma escolha... Eu não acredito que tenha sido uma escolha! A docência é algo que foi acontecendo... Principalmente porque nessas licenciaturas em que a gente tem toda a parte dura e depois toda a parte de educação no final do curso, a gente não se identifica com aquilo... A gente fica três anos lá na universidade estudando as ciências duras e, de repente, no último ano de curso, a gente vê as questões de educação... E aí a gente não se reconhece...

Logo depois que eu me formei eu não queria fazer mestrado. Eu queria dar um tempo, eu queria trabalhar... Eu queria sentir o que era a profissão... E eu morava em um bairro distante e que tinha muita dificuldade de conseguir professor de Ciências e Biologia... E o diretor da escola era amigo da minha mãe... Um dia, o diretor foi na minha casa me buscar para trabalhar!... Essa é a minha história! Eu precisava trabalhar e o diretor precisava de professor na escola... No Mato Grosso do Sul era uma época bem difícil, não tinha muito concurso... E, um dia, o diretor foi na minha casa... Eu tinha recém terminado o curso, não tinha nem colado grau ainda... Era janeiro, nas férias... Ele chegou lá e disse: “Eu preciso de professor de Ciências e de Biologia para trabalhar à noite. Você topa?”... E eu respondi: “Topo!”... E peguei quarenta e quatro aulas, trabalhei com Ciências e com Biologia... E aí eu fiquei na profissão! Então, a docência foi um acaso...

E eu fiz o concurso na UFPR Litoral<sup>289</sup> porque eu cheguei em um ponto da minha carreira em que eu estava muito incomodada com o que eu via na escola... Por mais que eu não quisesse ser professora, tem algumas coisas que me incomodam muito na educação! Vou usar um termo bem simples: eu não gosto de serviço mal feito!... E serviço mal feito na educação é gritante! A quantidade de gente que está fazendo *bico* na educação é muito grande... Isso me incomoda muito! Uma das minhas bandeiras como professora é: “Não faça bico na educação!”... E não é só isso... Tem aqueles profissionais que estão há muito tempo na escola... A gente vê um desânimo neles... É uma falta de estímulo... É uma falta de coragem de fazer outra coisa... Sei lá! Eu não compreendo!... E aí você chega na escola com aquele pique do início de carreira e você incomoda essas pessoas... Tudo o que você faz incomoda essas pessoas... E eu pensei: “Gente do céu! Tem alguma coisa errada na formação dessas pessoas.”... E aí eu comecei a falar assim: “Eu tenho

---

<sup>289</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

que sair daqui para poder tentar fazer algo diferente.”... E aí abriu o curso de Licenciatura em Ciências aqui no Setor<sup>290</sup>... E eu já estava estudando para um concurso do IFPR<sup>291</sup> de Paranaguá... Então, fiz o concurso da UFPR Litoral, passei e vim trabalhar aqui... Vim porque estava incomodada com o que eu estava vendo nas escolas... Eu me questionava: “O que acontece na formação de professores?”... E isso sabendo da minha formação, que foi falha por descolar totalmente a prática educacional e as ciências... Então, vim para cá porque estava incomodada e porque queria tentar fazer algo para minimizar essas questões – de ver o professor chegando na escola só para fazer *bico*, de ver professor tratando mal os alunos, de ver professor desanimado na escola...

Quando eu fiz o concurso, eu já conhecia o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, eu sabia que ele era diferenciado... Mas o concurso não foi diferenciado... Pelo que eu sei de concursos que outras pessoas fizeram em outras instituições e pelo concurso que eu fiz no IFPR, eu digo que o concurso que eu fiz na UFPR Litoral não foi diferenciado... O concurso, em si, não tinha nada de diferente. Absolutamente nada! Foi prova escrita, leitura da prova escrita, prova didática, entrevista e análise de currículo. Bem tradicional...

E eu comecei a trabalhar aqui em dois mil e dez... O início foi engraçado! O resultado do concurso saiu na sexta-feira e na segunda-feira seguinte eu fiquei sabendo que eu estava grávida... Isso foi em outubro de dois mil e nove! Até eu assumir o concurso já era janeiro de dois mil e dez... As aulas começavam em março... E eu saí de licença maternidade em junho... Então, praticamente eu não comecei!... Eu comecei a trabalhar, efetivamente, no retorno da licença maternidade, no segundo semestre de dois mil e dez. E quando eu voltei, tinha acabado de entrar a terceira turma do curso de Licenciatura em Ciências...

Naquele semestre eu trabalhei nos Fundamentos Teórico-Práticos com o professor Maurício<sup>292</sup> e com o professor Mengarelli<sup>293</sup>... No curso de Ciências os FTP<sup>294</sup> são trabalhados por projetos para não descolar do estágio... Então, quando eu cheguei, os dois professores explicaram como o projeto estava acontecendo... E

---

<sup>290</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>291</sup> Instituto Federal do Paraná.

<sup>292</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>293</sup> Rodrigo Rosi Mengarelli. Mestre em Microbiologia, Parasitologia e Patologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>294</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

foi tranquilo... O Mengarelli e eu ficamos com a parte de Ciências e o Maurício mais ligado à área de Educação – com a leitura de textos e com a parte do estágio... E como o projeto estava na linha de qualidade de vida, foi tranquilo para mim.

E foi interessante porque o Projeto Pedagógico do Curso estava sendo gestado naquele momento... Então, era um momento de intensas discussões na Câmara<sup>295</sup> de Ciências... Eram discussões sérias, em que as pessoas se atritavam... Tinha certa dificuldade de entrar em consenso... Cada um tinha que ceder um pouquinho... Acho que agora a situação está mais tranquila... É preciso entender que cada um tem suas histórias... A gente vem de outras histórias, a gente vem de outros momentos... E tem também as pessoas que já estão na educação há mais tempo... Então, às vezes, fica difícil de entender as falas dos outros... Mas foi interessante acompanhar essa gestação do PPC<sup>296</sup>...

E até esse momento o curso não era, efetivamente, por projetos... O curso tinha os seus módulos... A transição para o trabalho por projetos começou com a turma que ingressou em dois mil e dez... E aí nós começamos a implantar também nas turmas anteriores... E houve bastante dificuldade dos estudantes, porque muitos entram no curso de Licenciatura em Ciências pensando que vão cursar Biologia... Nós estamos tentando modificar isso na Feira de Cursos e Profissões<sup>297</sup>, explicando como é o curso... Mas alguns estudantes ainda têm essa ideia, muito forte, de que será um curso de Biologia... E aí eles entram aqui e, já de cara, têm algumas formações ligadas à Filosofia das Ciências... Mas eles entram achando que vão ficar trabalhando em laboratório com lupa e microscópio... Então, surgem algumas dificuldades... E eles só vão entender a importância dessas atividades e dessas leituras com o passar do tempo... Eu mesma só percebi que isso é fundamental depois que fiz a especialização na UFPR...

Então, eu acho que os alunos não têm resistência à proposta do Setor... Eu acho que ainda há alguma resistência por ser um curso que trabalha por projetos... Agora isso está um pouco melhor, porque a gente tem feito um trabalho bacana na Feira de Curso e Profissões... Nós temos falado como é o curso e como funciona esse curso... Nós estamos avisando que eles vão para o estágio a partir do segundo

---

<sup>295</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

<sup>296</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

<sup>297</sup> Evento da Universidade Federal do Paraná que tem como objetivo auxiliar os estudantes do Ensino Médio na escolha da profissão.

semestre de curso... A gente fala: “Olha... É um curso de formação de professores... Se você quer fazer outra coisa depois, pense... Esse é um curso de formação de professores e, do segundo semestre em diante, você vai para a escola fazer o seu estágio.”... Nós estamos tentando direcionar ali na Feira de Cursos e Profissões... E como muitos dos nossos estudantes são aqui do município, isso também facilita... Então, hoje está um pouco melhor... Mas no começo do curso teve bastante resistência... Teve brigas... Teve desistência... Mas quando eles chegam ao fim do curso e eles percebem o quanto cresceram... É muito bom! É prazeroso ver, por exemplo, as apresentações das monografias de estágio... Ali fica bem nítido o crescimento deles... Mas também há outras dificuldades... Eu percebi que os nossos estudantes têm bastante dificuldade na questão de leitura, eles são muito resistentes à leitura... E a leitura é fundamental na graduação! Então, por exemplo, se você traz um material para ler e discutir, você ouve alguns alunos dizendo: “Ah!... Eu queria ter aula.”... Então, nós ainda estamos no processo...

E, nesse processo, a nossa Câmara sentiu a necessidade de outro tipo de organização no curso... E por que isso aconteceu? Nós temos muitos alunos que estavam há bastante tempo fora da escola e retornaram aos estudos agora... Isso acontece nos vários cursos aqui do Setor... Acontece, inclusive, na Licenciatura em Ciências... Então, a Câmara da Licenciatura em Ciências se organizou de tal forma que a gente faça um trabalho de acolhimento no primeiro semestre do curso... E nós temos feito esse trabalho de acolhimento. Assim, o primeiro módulo do curso ficou fixo... Esse módulo é o de Reconhecimento do Litoral, que tem uma parte de Filosofia da Ciência, uma introdução... Isso é fundamental para eles se situarem, para eles saberem onde estão... E também para começar a abrir um pouco a visão de mundo deles... E, por conta disso, nós deixamos o início do estágio para o segundo semestre... Nós entendemos que o primeiro semestre é justamente o momento de acolher os alunos, de incluir eles na Universidade... Precisamos fazer isso para não perder os alunos que vêm com outras ideias e acabam ficando nervosos e indo embora... Então, hoje nós temos esse processo de acolhimento... Hoje, o primeiro semestre de curso tem a função de acolher os nossos alunos...

E outras coisas também foram mudando com o tempo... Antes, os alunos entravam no curso e já tinham que pensar nos Projetos de Aprendizagem... Agora

não... Agora, os PA<sup>298</sup> têm outra configuração no primeiro ano de curso: no primeiro semestre os alunos têm aula sobre o que são os PA e como eles funcionam... Então, os alunos têm um preparo antes de propor os seus PA... Isso foi um ganho! Mas, mesmo assim, alguns estudantes ainda fogem dos PA... E aí acontecem as reprovações... Isso é complicado!... Como sanar esse problema? Os alunos têm que ficar mais um semestre para cumprir...

Eu acho que é prematuro ter PA no primeiro ano de curso... Acho que noventa e nove por cento da Universidade vai dizer que não, mas eu acho prematuro... Eu acho que os nossos alunos não conseguem visualizar o que é um projeto... Quase cem por cento dos nossos alunos vêm de escola pública... E a gente sabe que a formação na escola pública é uma formação que gera bastante incompreensão dos contextos... A escola é muito complexa... Na situação que muitos alunos vivem, a escola é o único ambiente social que eles têm...

Enfim, eu acho que os PA precisam ser reformulados. Eu acho que eles precisam sofrer algumas modificações, justamente por conta do aluno ficar meio perdido no início... No primeiro ano de curso os estudantes estão muito animados, muito eufóricos... Precisa dar um tempo para assentar um pouquinho, para assentar a poeira e entender como se desenvolve um projeto... Os PA partem do desejo dos estudantes? Sim... Mas muitos alunos acabam fazendo qualquer coisa porque não conseguiram visualizar o que queriam ou poderiam fazer... E nós precisamos pensar também o que fazer com os alunos que somem, porque eles, efetivamente, somem! Como acompanhar esses alunos?...

Além disso, eu acho que os produtos dos PA também precisam ser repensados... É bacana aceitar vários tipos de produtos. O produto dos PA pode ser um filme, pode ser uma peça de teatro, pode ser uma monografia, pode ser muitas coisas... Mas eu acho que o produto precisa ter e ser um registro... Do jeito que está hoje, se o aluno faz uma peça de teatro ou uma apresentação, então você não tem um produto material daquele projeto... Eu acho que é fundamental ter um registro dos produtos dos PA...

Então, por essas coisas que falei, eu vejo que nós ainda temos algumas dificuldades nesse espaço... Não acho que essas dificuldades já deveriam ter sido

---

<sup>298</sup> Projetos de Aprendizagem.



sanadas, mas eu acredito que grande parte delas já poderia ter sido discutida e resolvida... No entanto, até o momento essas discussões não aconteceram...

Um exemplo de PA?... Bom... Eu mediei um PA que foi bem bacana! Um menino queria montar um Clube de Astronomia para trabalhar com as crianças da escola... E ele montou esse Clube de Astronomia e oferecia as oficinas aqui na Universidade. Isso foi muito bacana! Mas o trabalho dele foi legal porque ele adorava Astronomia e ele queria trabalhar com aquilo... Então, foi bacana...

Voltando a pensar em mudanças... Outra coisa que eu acho que precisa ser repensada é o espaço das Interações Culturais e Humanísticas... Eu acompanho esse espaço desde dois mil e seis, quando eu ainda estava trabalhando em escola pública... Eu acho que, atualmente, o espaço de ICH<sup>299</sup> é um espaço esvaziado... Eu acredito que algumas oficinas sejam oficinas sérias, mas eu não acredito em algumas oficinas. Por exemplo: eu não acredito que uma oficina de dança de salão é uma atividade de ICH... Por mais que você tenha a interação e a cultura... Humanístico?... Eu não vejo assim! Eu acho que as ICH têm que ser algo mais...

E nós temos algumas oficinas de ICH esvaziadas... E elas não estão esvaziadas só de alunos, elas estão esvaziadas de professor também... Um exemplo: eu tinha uma oficina, de manhã, sobre cinema ambiental – em conjunto com outro professor... Em alguns semestres o trabalho foi bem bacana, mas teve um semestre em que eu tinha cinco alunos fazendo essa oficina de cinema ambiental... E aí, nesse mesmo semestre, uma aluna veio perguntar se eu podia mediar uma oficina, à noite, de dança de salão... Tinha sessenta alunos interessados nessa oficina... Eu fico pensando: “Como uma oficina de dança de salão tem sessenta alunos? O que tem tanto de interação cultural e humanística lá? Como é essa oficina?”... Enfim... A aluna veio falar comigo e disse assim: “Professora, você pode assinar, mas você não precisa ir lá!”... E eu falei: “Como assim?... Se eu assinar isso, eu quero só trinta alunos. Eu não sei o que vocês vão fazer com os outros trinta alunos. E outra coisa: eu estarei lá, sim... Não existe isso de eu não estar lá com vocês. E não pensem que vocês vão ficar só dançando. Nós vamos ter que ler, nós vamos ter que assistir filmes, nós vamos ter que fazer um monte de outras coisas.”... E a aluna respondeu: “Tá bom, professora! Então, tá! Assina aqui!”... Na semana seguinte a aluna veio falar comigo de novo, e ela disse: “Professora! Nós achamos

---

<sup>299</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

outra professora para mediar a oficina de dança de salão, você não precisa mais ir lá.”... E sabe o que aconteceu? A oficina ficou com sessenta alunos... Eu não acredito em um espaço assim!... Se é uma atividade de interação cultural e humanística, então não é para vir só para dançar, né?! Enquanto isso, eu fiquei com a minha oficina de cinema ambiental com apenas cinco alunos...

Mas também acontecem coisas bem legais aqui... Eu acho que os FTP sempre me marcam... Vou destacar aqui o projeto sobre qualidade de vida... Esse projeto foi muito bacana! A proposta de trabalhar por projetos é também para poder inserir o trabalho por projetos nas escolas públicas. E quando a gente trabalha por projetos, a gente parte do cotidiano e do fazer da escola e do aluno... Nos FTP sobre qualidade de vida, os estudantes estavam fazendo estágio na escola e eles começaram a observar ao redor da escola e a escola... E os projetos vieram de lá, para trabalhar dentro de sala de aula... Isso é muito bacana, porque mostra que o aluno entendeu a proposta... Os estudantes, geralmente, têm uma dificuldade tremenda de entender como eles vão trabalhar por projetos na escola... Eles estão trabalhando por projetos aqui, eles estão passando pelo processo... Mas eles não conseguem visualizar isso acontecendo lá na escola. Então, quando você tem alunos que conseguem elaborar os projetos partindo do que está acontecendo no entorno da escola é muito bacana... Isso é bem legal!

Pensando no meu trabalho... O meu trabalho aqui é bem diferente do que eu fazia na escola... Como eu tive aquela formação tradicional – e mal saí da graduação e fui direto para a sala de aula –, eu fazia exatamente o que eu tinha visto na graduação... Até porque a parte pedagógica que eu tinha visto no curso não fazia nenhum sentido para mim, porque ela não acompanhou o curso... Efetivamente, não acompanhou... Eu me perguntava: “Por que eu estudei Estrutura e Funcionamento do Ensino de Primeiro Grau<sup>300</sup> e de Segundo Grau<sup>301</sup>?”... E foi bem na época de mudança da LDB<sup>302</sup>... E depois da nova LDB, vieram os PCN<sup>303</sup>... Aliás, tenho uma história sobre os PCN... Logo depois que surgiram os PCN, a escola em que eu estava quis trabalhar por projetos – seguindo os PCN. Aquilo foi um fiasco!... Foi um fiasco! Os PCN tinham acabado de sair e a escola quis mudar o jeito de trabalhar

---

<sup>300</sup> Corresponde ao atual Ensino Fundamental.

<sup>301</sup> Corresponde ao atual Ensino Médio.

<sup>302</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em 20 de dezembro de 1996 foi sancionada a Lei n. 9394/96, que revogou as disposições das leis n. 4024/61; n. 5540/68; n. 5692/71; e 7044/82 – que também tratam da educação nacional.

<sup>303</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais.

sem ter feito um estudo prévio, sem trabalhar outras coisas antes com os professores... Imagina!... Isso foi em mil novecentos e noventa e oito ou em mil novecentos e noventa e nove... Foi um fiasco! Mas uma escola da cidade conseguiu colocar os projetos adiante e trabalhar por projetos... Não sei o que aconteceu depois, porque eu vim para o Paraná logo depois disso...

E quando eu trabalhava em escola eu sempre fazia *aula passeio*... Eu tentava proporcionar isso aos alunos, mesmo que fosse no jardim da escola... Eu acho que a aula passeio é fundamental para Ciências... Não tem como trabalhar Ciências sem observar algumas coisas... Alguns professores dizem: “Para dar aula de Ciências precisa do Laboratório.”... O famoso laboratório, né?! Isso nunca me prendeu... Nunca! Dá para transformar uma sala de aula em um laboratório... Quando a aula é no laboratório, o professor sempre fica atento porque não quer que o aluno mexa em algumas coisas... O professor fica preocupado com a questão de segurança, fica preocupado com a vidraria... Mas o professor pode fazer várias atividades dentro de sala de aula mesmo... Vai fazer sujeira... Vai fazer bagunça... Mas o professor pode adaptar algumas atividades e trabalhar em sala de aula mesmo... O professor não precisa, efetivamente, cem por cento, de um laboratório para trabalhar... Então, eu vim com essa ideia, eu vim para a Universidade pensando assim... Eu sempre achei fundamental a aula passeio... Parece que tem uma vertente sua que tenta te levar para alguns lugares, né? E eu ainda acho que é possível fazer coisas diferentes na escola, mesmo sem laboratório...

Voltando a falar sobre o trabalho aqui na UFPR Litoral... Aqui nós temos, quinzenalmente, as reuniões de Câmara. Nessas reuniões nós tentamos fazer as discussões pedagógicas e de formação... Acho que isso é fundamental. Porém, a burocracia ainda engole a gente... Nós temos muitas coisas burocráticas a decidir, e como são duas horas de reunião, a gente acaba sempre protelando um pouco as discussões pedagógicas – mesmo sabendo que elas são fundamentais. Mas, recentemente, nós tivemos que fazer uma readequação no PPC, a pedido da Universidade... E aí houve bastante discussão!

As mudanças que nós propusemos ainda não foram aprovadas... Mas posso contar algumas coisas... Uma das mudanças propostas é quanto à escolha do módulo a ser estudado no semestre... Até agora, funcionava assim: nas primeiras semanas de aula, a gente decidia – professores e alunos – qual módulo a gente ia

trabalhar no semestre<sup>304</sup>... A gente falava: “Vamos elaborar nosso contrato didático!... Como vamos trabalhar esse tema? Que método nós vamos usar? Como vai ser a avaliação? E as faltas? A presença nas atividades é importante ou não é?”... Tinha toda essa discussão nos primeiros quinze dias do semestre... Nas últimas reuniões pedagógicas que nós tivemos, as discussões giraram em torno dessa questão... E nós tivemos que fixar esses grandes temas a pedido da Universidade<sup>305</sup>... Esse pedido aconteceu porque agora nós temos que disponibilizar o tema do módulo no sistema para o aluno se matricular... Então, a questão burocrática acabou mudando um pouco a nossa prática... Mas como os temas são amplos, nós ainda temos a liberdade de ver qual foco nós vamos dar para o tema... Claro que a gente vai direcionar! Nós podemos direcionar a área do conhecimento... Enfim, depois que o novo PPC for aprovado, a ordem dos módulos será fixa... Mas a gente não se sente mal por isso... Essa mudança não vai inviabilizar o nosso trabalho...

E nessas discussões também teve a proposta de uma mudança no estágio... Nós resolvemos deixar um semestre, bem no meio do curso, sem estágio na escola... Por que nós fizemos isso? Para dar um fôlego para os estudantes, para que eles tenham um tempo para repensarem tudo o que eles viveram na escola até aquele semestre. Nós achamos que isso pode ser importante para eles...

Atualmente os alunos têm cinco semestres de estágio... Mas não são fases extremamente rígidas... Nós trabalhamos com monitoria e não somente com regência. E nós entendemos que a monitoria também compreende a regência... Então, nós não ficamos no pé de aluno perguntando: “Você regeu? Você não regeu?”... Nós temos um pouco de flexibilidade... E os alunos, aos poucos, começam

---

<sup>304</sup> As temáticas previstas para os quatro anos do curso de Licenciatura em Ciências, no primeiro PPC, eram: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação (temas trabalhados no primeiro semestre); Ciências da Natureza e Educação (mais o módulo de Libras); Cenário escolar regional, ensino de Ciências e Prática de Ensino; Fundamentos básicos contextualizados da Física, Química e Biologia, cotidiano escolar e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino; Vivência de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências, saúde e qualidade de vida e Prática de Ensino; Vivências de docência e a relação Ciências, diversidade e inclusão (UFPR LITORAL, 2011).

<sup>305</sup> Na reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências houve alteração das temáticas previstas, que passaram a ser: Integração e Reconhecimento; Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino; Docência, diversidade e inclusão (também é trabalhado o módulo de Libras nesse semestre); Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino; Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e prática de ensino (UFPR LITORAL, 2014).

a se sentir à vontade com o professor da turma... No começo do estágio, os alunos acompanham o professor da escola em diversas turmas. Depois, a tendência é que o aluno se fixe em uma ou em duas turmas para acompanhar todo o semestre, para acompanhar todo o planejamento do professor e o desenvolvimento da turma... A intenção é que eles entendam o processo... Então, depois de um tempo, quando eles já têm um vínculo com o professor supervisor de estágio, eles se sentem à vontade para fazer as intervenções de regência mais tranquilamente...

E esse estágio é avaliado pelo plano de estágio, pelo relatório de estágio e, no final, pela monografia de estágio... E durante todo o processo, a partir do segundo semestre de estágio, no segundo ano do curso, os estudantes têm que começar a desenvolver uma pesquisa-ação. Então, eles precisam escolher um tema que surja da escola... Um tema que eles acham interessante ou que os aflige... E eles vão estudar aquele tema durante o estágio... Então, o estágio não é só o fazer da escola, mas também esse trabalho de pesquisa. Posso citar alguns temas que já foram pesquisados: formação de professor, o envolvimento da comunidade com a escola, EJA<sup>306</sup>... A escolha do tema para a pesquisa-ação é dos estudantes...

E alguns alunos ainda encontram dificuldades no início do estágio, porque algumas escolas não são muito flexíveis com os estagiários... Alguns professores não gostam muito de estagiários... Mas quando isso acontece, nós orientamos para que os estudantes mudem de escola no semestre seguinte. E eles acabam se encontrando em outra escola e terminam o estágio. E isso pode ser bem bacana! Isso provoca outra experiência para o estudante... Se eles perguntam: “Posso mudar de escola?”... Nossa resposta é: “Muda! Procura um professor mais acolhedor.”... Nós sabemos que alguns professores não gostam dos estagiários... Fazer o quê? É preciso encontrar escolas e professores que acolham os estagiários...

Quanto ao PPP<sup>307</sup> do Setor... Ele é imutável... Já houve diversas tentativas de modificar alguns pontos, mas ele é intocável... Se eu pudesse, eu acredito que eu mudaria algumas coisas do PPP – não sei apontar, agora, exatamente o que eu faria... Mas eu não mudaria a essência dele, porque acredito que a proposta funciona... Nós ainda formamos poucos estudantes, mas precisamos considerar que é muito difícil, para uma Universidade que acabou de chegar na região, formar todo mundo... E há múltiplos fatores que motivam que um aluno abandone um curso... Na

---

<sup>306</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>307</sup> Projeto Político Pedagógico.

grande maioria das vezes o problema não é o curso. Muitas vezes, são motivos familiares... Enfim, eu acredito que a proposta, em si, funciona. Mas algumas coisas já deveriam ter sido discutidas dentro da proposta pedagógica da Universidade. Até mesmo porque, se os documentos são estáticos, a mudança vem e atropela o documento... Nós não podemos ter documento estático na educação. O documento precisa te dar um norte, mas ele precisa ter certa maleabilidade... Eu acredito que várias coisas já foram experimentadas aqui e não deram certo... Essas coisas deveriam ser rediscutidas e modificadas... Mas isso ainda não aconteceu... Não sei se é falta de tempo ou se é por divergências políticas que essas questões não são discutidas... Mas eu acredito que deveriam ser discutidas e repensadas para fortalecer a proposta...

E, nesse tempo que moro aqui, eu percebi que a população da cidade aumentou de alguma forma – e não foi pelos estudantes... Mas não vejo reflexos da Universidade nos serviços... Nada mudou, continua tudo a mesma coisa... Os serviços continuam tão ruins quanto eram antes... A Universidade já levou algumas propostas até os dirigentes da cidade... Mas nada aconteceu...

Aliás... A gente tinha o curso de Fisioterapia aqui na UFPR Litoral e tinha uma Clínica de Fisioterapia, que era gerenciada pelo município e pela Universidade... Mas houve uma divergência política e fecharam a Clínica... Isso é uma coisa extremamente ruim... Algumas parcerias vão sendo quebradas e a população deixa de ser beneficiada...

Uma coisa boa é que a gente vê que os alunos das licenciaturas têm campo de trabalho aqui na região. Quando eu cheguei aqui, em dois mil e seis, o município de Matinhos tinha apenas uma professora formada em Artes... Nas outras escolas eram os professores de Português e de História que trabalhavam com Artes... Então, há realmente uma carência de professores no litoral... E a quantidade de professores de Ciências também é baixa aqui no município. Então, nesse ponto, você percebe que a Universidade contribui com a região, porque agrega novos profissionais na escola... Mas, por exemplo, eu me pergunto: “Alguém que se forma em Gestão e Empreendedorismo aqui... A pessoa vai trabalhar onde? Ou ela vai para outra cidade ou...”... Isso é bem complicado! Vários estudantes estão fazendo o segundo curso aqui, alguns já se formaram no segundo curso... E só depois disso é que eles conseguem algo adiante...

Então... O que eu diria sobre a UFPR Litoral? Bom... Muitas pessoas dizem que o projeto da UFPR Litoral é um projeto ousado... Talvez ele seja ousado para quem está naquela linha de universidade das ciências duras. Mas eu não vejo esse projeto como ousado... Ousado, para mim, foi Freinet<sup>308</sup>... Ousada, para mim, foi Maria Montessori<sup>309</sup>... Essas pessoas foram ousadas! Mas esse projeto? Muito do que se tem aqui você vê nesses autores... Aqui você vê aquilo que outras pessoas já falaram... Então, eu não vejo essa proposta como uma proposta ousada... Eu a vejo como uma proposta polêmica... Mas ousada não! Ela é uma proposta polêmica porque as universidades ainda são muito fechadas... As universidades ainda resistem às mudanças...

Uma vez eu fui convidada para uma reunião sobre estágio... Eu e vários professores que trabalhavam com estágio... Não sei por que, mas o estágio sempre acaba caindo na minha mão... Daqui da UFPR Litoral eram três professores: eu para representar o curso de Ciências, o professor Fabio Messa<sup>310</sup> para representar a Licenciatura em Linguagem e Comunicação e eu não lembro quem foi convidado para representar a Licenciatura em Artes... Era uma reunião sobre as questões pedagógicas da área da Educação lá em Curitiba... Eu fui... E fiquei ouvindo a pessoa falando e falando da disciplina tal, e da disciplina tal, e da disciplina tal, e não sei o que e não sei o que... E eu pensei: “Gente! Eu estou perdendo tempo! Essa não é a minha realidade.”... Porque na UFPR Litoral a gente não trabalha com disciplina e a gente não descola o estágio das outras atividades... Aqui, o tempo todo a gente se remete ao estágio... O tempo todo a gente se remete ao material didático... O tempo todo a gente se remete à avaliação... Aí eu pensei: “Essa não é a minha realidade. Eu vou embora!”... E eu saí bem de fininho e fui embora... O outro professor daqui já tinha ido embora... O outro professor nem foi... Então, eu pensei assim: “Meu Deus do céu! Aqui tem uns cinquenta professores da Educação... Se eu abrir a minha boca para falar alguma coisa...”... Eu sei a polêmica que é a proposta daqui... Então, sabendo das resistências, era melhor eu ficar de boca fechada e ir embora... Mais ou menos assim: “Olha... Dá licença... Eu vou embora, porque não é assim que eu trabalho.”... E não tem jeito, não dava para falar naquela reunião...

---

<sup>308</sup> Célestin Freinet (1896-1966). Pedagogo francês.

<sup>309</sup> Maria Tecla Artemesia Montessori (1870-1952). Pedagoga e médica italiana.

<sup>310</sup> Fabio de Carvalho Messa. Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Então, realmente, eu não acho que esse projeto seja inovador, eu não vejo dessa forma... Eu acho que é uma proposta polêmica... E tem uma coisa recorrente: quando os nossos estudantes vão para os encontros nacionais, por exemplo, o Enalic<sup>311</sup>, e eles falam que a gente trabalha assim, as pessoas não acreditam... Os estudantes voltam e falam: “Professora! Eles não acreditam que a gente faz isso. Eles acham que não dá certo. Mas daí eles veem a gente apresentando o trabalho e ficam naquela situação, né? Não sabem se acreditam ou não nessa coisa.”... Ou seja, isso mostra o que a gente está fazendo, e mostra que algumas coisas estão dando certo...

---

<sup>311</sup> Encontro Nacional das Licenciaturas. Evento criado pelo Fórum dos Pró-Reitores de Graduação (ForGRAD) e pelo Colégio de Pró-Reitores de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior (Cograd). O primeiro Enalic aconteceu em dois mil e dez na Universidade Federal do Amazonas (Ufam).



## VIVÊNCIAS

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

...

Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação, de um lado, é a nossa recusa a transformar a nossa atividade docente em puro *bico*, e de outro, a nossa rejeição a entendê-la e a exercê-la como prática afetiva de “tias e de tios”.

Paulo Freire (2011a, p. 64 e p. 66)

Naquela manhã chuvosa eu me preparei para ir à UFPR Litoral. Ainda estava pensando nas conversas do dia anterior, mas era preciso me concentrar para dar início aos trabalhos agendados para aquele dia. A primeira entrevista seria às dez horas com o professor Maurício. Eu conheci o Maurício em dois mil e treze. Tive a oportunidade de conversar com ele quando participei de um encontro de Fundamentos Teórico-Práticos do curso de Licenciatura em Ciências – atividade que acontecia no Colégio Estadual Sertãozinho e em que o professor Maurício trabalhava em docência compartilhada com a professora Suzana e com o professor Valentim. Eu sabia também que, antes de vir a ser professor da UFPR Litoral, Maurício estudou o Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral em seu doutorado<sup>312</sup>.

Antes de iniciar a entrevista, Maurício perguntou sobre o meu interesse em estudar a UFPR Litoral. Então, contei que sou professora de Matemática e que participo do Ghoem. Comentei sobre o *Projeto Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil*<sup>313</sup>, e expliquei que a minha pesquisa pode ser considerada um subprojeto desse mapeamento, já que não estudarei a atuação e formação de professores de Matemática, mas sim uma proposta pedagógica

---

<sup>312</sup> Sua tese, intitulada *Universidade e Projeto Político-Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias*, foi defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em dois mil e nove.

<sup>313</sup> Informações sobre o *Projeto Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil* estão disponíveis em Garnica, Fernandes e Silva (2011) e em Garnica (2014).

diferenciada – tema que também tem interessado os integrantes do Ghoem<sup>314</sup>. Falei ainda que conheci a UFPR Litoral durante o meu mestrado, quando cursei a disciplina *Políticas Educacionais no Brasil* com a professora Taís.

Depois disso, começamos a entrevista. Maurício contou que, em princípio, não queria ser professor. Ele começou o curso de Engenharia Civil, mas teve muitas dificuldades com a disciplina de Cálculo I e percebeu que não poderia continuar o curso. Na época, ele só podia estudar à noite e as outras opções de curso eram licenciaturas. Então, ele escolheu estudar História, e durante seu estágio começou a gostar da docência. Depois que terminou o curso, lecionou em escolas públicas e privadas. Maurício trabalhou no Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, onde começou a discutir questões sobre Projeto Político Pedagógico. Na sequência, ele foi diretor de uma escola confessional em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Nessa escola ele propôs um trabalho com projetos interdisciplinares e daí veio sua pesquisa de mestrado<sup>315</sup>: estudar o PPP dessa escola. Depois, devido a mudanças no grupo mantenedor da escola, ele pediu demissão e seu próximo trabalho foi no Ensino Superior, em faculdades privadas em Foz do Iguaçu, no Paraná. E aí surgiu a oportunidade de cursar o doutorado na Unisinos<sup>316</sup> e sua orientadora<sup>317</sup> o convidou para conhecer a UFPR Litoral. Ele aceitou o convite e a sua pesquisa de doutorado foi sobre o PPP do Setor Litoral. Depois disso, ele fez um concurso na UFPR Litoral e tornou-se docente da Instituição.

No decorrer da nossa conversa, Maurício falou sobre a flexibilidade do PPP da UFPR Litoral: o projeto permite que os docentes desenvolvam tanto um trabalho diferenciado, quanto um trabalho tradicional – no sentido de um trabalho que se aproxima das aulas convencionais que são, geralmente, ministradas em instituições de Ensino Superior. O professor disse também que há a orientação de que se trabalhe por projetos, mas que nem todos os cursos seguem essa orientação. Comentou, ainda, que há dois grupos de professores na UFPR Litoral: o grupo que

---

<sup>314</sup> Marinéia dos Santos Silva estudou os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (Cefam) em seu mestrado e Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura está estudando os Ginásios Vocacionais em seu doutorado.

<sup>315</sup> Sua dissertação, intitulada *Reprodução e emancipação – categorias de análise histórico-ontológica de um Projeto Político-Pedagógico: dialogando com a realidade concreta de seus sujeitos*, foi defendida na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) em dois mil e três.

<sup>316</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo (RS).

<sup>317</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

acredita na proposta pedagógica e o grupo que não acredita nela. Pensei nos embates entre esses dois grupos...

Maurício também contou sobre a elaboração do primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências, um documento elaborado enquanto o curso já estava funcionando. As vivências na UFPR Litoral foram consideradas e discutidas durante o processo de elaboração do texto do PPC. Essas discussões aconteceram nas reuniões de Câmara e, em alguns momentos, via *e-mail*. Assim, esse processo de elaboração foi um movimento coletivo. Fiquei pensando nessas discussões, quando os docentes tiveram a oportunidade de falar o que esperavam do curso, de compartilhar vivências e de discutir possibilidades de trabalho em um curso de licenciatura. Certamente houve embates, mas, provavelmente, o grupo de professores ganhou com esse movimento coletivo.

Quando questionei sobre o estágio, percebi que esse é um assunto que preocupa o professor Maurício. Ele disse que há a necessidade de se discutir o que vem acontecendo no estágio do curso de Licenciatura em Ciências, pois, atualmente, os docentes não dispõem de tempo para acompanhar efetivamente todos os alunos em seus estágios. Além disso, Maurício acredita que esse modelo de estágio está superado e que, por isso, é preciso repensá-lo. Mais uma vez eu me perguntei: “Como seria um estágio diferenciado?”... Como se soubesse que eu estava pensando isso, o professor Maurício falou sobre o trabalho realizado por ele, em docência compartilhada com Suzana e Valentim, no Sertãozinho<sup>318</sup>: eles têm levado uma turma da Licenciatura em Ciências para desenvolver um módulo de FTP na escola. Pelo que entendi, esse trabalho tem funcionado assim: em um dia da semana eles planejam as atividades com os alunos da licenciatura, e em outro dia esses licenciandos trabalham com os alunos da escola na disciplina de Ciências – e os três professores acompanham esse trabalho; depois disso, eles discutem as práticas docentes dos – e com os – alunos, e retomam os pontos necessários com a turma. Ou seja, os licenciandos estão em contato com os alunos da escola, trabalham com eles e são acompanhados – durante todo o tempo – pelos seus professores. Tudo isso em parceria com a escola e com a professora responsável pela disciplina de Ciências no Sertãozinho. De acordo com Maurício, esse é um modelo de estágio que tem a vantagem do acompanhamento dos professores, pois

---

<sup>318</sup> Colégio Estadual Sertãozinho.

eles estão o tempo todo com os alunos na escola, participando das atividades e discutindo tanto as práticas docentes quanto os conteúdos específicos da disciplina de Ciências.

Depois, Maurício relembrou suas vivências em um trabalho que ficou conhecido como *Intercursos* na UFPR Litoral. Eu ainda não tinha escutado nada sobre isso... O professor me contou que, em dois mil e dez, o Setor Litoral estava com dois sérios problemas: falta de professores e falta de espaço físico para receber os alunos. Então, as turmas que iniciariam seus cursos teriam aulas em uma escola do município. Daí surgiu a ideia de trabalhar de modo diferenciado com esses alunos: formaram-se turmas mistas – compostas por alunos de todos os cursos noturnos da UFPR Litoral – e os professores trabalharam com essas turmas discutindo a proposta pedagógica do Setor Litoral e a realidade do litoral paranaense. Na avaliação do professor Maurício essa experiência foi boa e ruim: boa, porque muitos alunos aceitaram a proposta e, assim, as discussões foram proveitosas; e ruim, porque alguns docentes aproveitaram esse momento para *atacar* a proposta do Setor Litoral – no sentido de dizer que esses alunos não estavam aprendendo *nada*. Aí veio o movimento para parar essa experiência... Enquanto isso, havia reuniões semanais dos docentes para planejar os trabalhos com as turmas mistas e tentar legitimar a proposta. Mesmo assim, os Intercursos duraram apenas um ano. Fiquei imaginando o quão intenso deve ter sido o movimento dos dois grupos: tanto o daqueles que queriam continuar trabalhando com os Intercursos, quanto o daqueles que queriam mostrar que os Intercursos não eram uma boa ideia...

Depois de aproximadamente duas horas de conversa, encerramos a entrevista. Fiquei pensando sobre o desafio de se trabalhar, nos Fundamentos Teórico-Práticos, com alunos de tantos cursos ao mesmo tempo e, também, sobre o intenso trabalho de planejamento que essas atividades exigiam. Além disso, pensei nas coisas que Maurício falou sobre o trabalho em docência compartilhada no Sertãozinho – assunto que Suzana também comentou. Parece que esse trabalho pode ser uma resposta para a minha pergunta: “Como seria um estágio diferenciado?”... Porém, surgiram outras questões: “Todos os professores do curso de Licenciatura em Ciências estariam dispostos a trabalhar nesse modelo de estágio? Todos os professores dos cursos de licenciatura do Setor Litoral estariam dispostos a trabalhar desse modo no estágio? As escolas aceitariam firmar parcerias

com a Universidade a fim de que os estágios fossem realizados desse modo?”... Enfim, essa conversa provocou vários questionamentos, mas era preciso descansar, almoçar e me preparar para a próxima entrevista, que estava marcada para as quatorze horas com o professor Renato<sup>319</sup> – vice-diretor do Setor Litoral.

Eu ainda não conhecia o Renato. Então, antes de iniciar a entrevista, eu me apresentei e falei das intenções da minha pesquisa de doutorado. Na sequência, começamos a entrevista e Renato contou sobre algumas das suas vivências enquanto estudante. Falou do seu trauma com Matemática em uma escola e da superação desse trauma em outra escola<sup>320</sup>, e comentou também sobre as suas vivências na Universidade Federal do Paraná, como aluno do curso de Engenharia Florestal, e da sua aproximação com a área da Bioquímica – que o levou à Iniciação Científica, ao mestrado e ao doutorado nessa área.

Depois Renato falou sobre a oportunidade do concurso na UFPR Litoral e sobre o seu trabalho. Algo que chamou minha atenção na fala de Renato foi a mudança que ocorreu na estrutura das ICH... Segundo o professor, no início, as ICH não aconteciam como acontecem hoje: elas eram espaços temáticos e únicos para todos os estudantes. Mas o aumento do número de estudantes levou esse espaço a ser repensado. Aí surgiu a ideia de oferecer vários espaços, com temas diversos, possibilitando que os estudantes escolhessem de quais ICH participariam a cada semestre. Eu ainda não tinha essa informação...

Outro ponto da entrevista que chamou minha atenção foi o relato sobre como a meliponicultura<sup>321</sup> passou a fazer parte de um programa de extensão da UFPR Litoral. Um estudante sugeriu trabalhar esse tema em seu Projeto de Aprendizagem e Renato aceitou o convite para mediar esse projeto... A partir disso, ele sugeriu trabalhar esse tema nas ICH, e a procura pela atividade foi tão grande que, pouco tempo depois, ela passou a ser um projeto de extensão do Setor Litoral. Além disso, Renato começou a estudar o tema e se tornou uma das referências nacionais sobre o assunto.

Quando falou sobre o início do seu trabalho na UFPR Litoral, Renato contou também sobre a formação continuada dos docentes. Segundo ele, os primeiros

---

<sup>319</sup> Renato Bochicchio. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR. Foi vice-diretor do Setor Litoral na *Gestão 2012-2016*, e assumiu a direção do Setor Litoral na *Gestão 2016-2020*.

<sup>320</sup> Trata-se do Colégio Rudolf Steiner, que trabalha com a pedagogia Waldorf – criada por Rudolf Steiner em mil novecentos e dezenove, na Alemanha.

<sup>321</sup> Criação de abelhas sem ferrão.

quarenta professores que ingressaram no Setor Litoral participaram de vários momentos de formação continuada, e havia a intenção de que esses professores se tornassem tutores dos próximos professores que ingressassem no Setor Litoral. No entanto, isso não funcionou tão bem quanto se pensava, pois quando os novos professores chegaram ao Setor Litoral os demais docentes já estavam envolvidos em muitas atividades. E, por isso, não tinham tempo suficiente para realizar o acompanhamento que havia sido idealizado. Isso respondeu algumas das minhas dúvidas sobre a formação continuada dos professores da UFPR Litoral... Talvez esse seja um dos pontos que contribuíram para o descontentamento de alguns docentes quanto à proposta pedagógica da UFPR Litoral...

Falando em descontentamento, lembrei que Renato comentou também sobre a aprovação do Regimento Setorial em dois mil e treze. Durante oito anos o Setor Litoral funcionou sem um Regimento, e a aprovação desse Regimento trouxe algumas mudanças significativas para o Setor Litoral, mudanças que não agradam muitos dos seus professores. Uma delas, que desagrada, diz respeito às reuniões do Conselho Setorial: o Conselho deixou de ser um espaço de discussão e de formação e agora é um espaço deliberativo e tradicional – ou seja, funciona do mesmo modo como funcionam os outros conselhos setoriais da UFPR.

Quando perguntei se Renato mudaria algo no PPP do Setor Litoral, ele disse que gostaria que algumas coisas voltassem a ser como eram antes: ele gostaria que o Conselho voltasse a ser paritário e que o Setor Litoral voltasse a ter autonomia sobre o sistema de transporte – ponto também ressaltado por Valdo. No entanto, Renato acredita que algumas questões que envolvem o PPP precisam ser discutidas. Ele deu dois exemplos: é preciso discutir o que se entende por autonomia dos estudantes; e é preciso discutir as diretrizes das ICH, para estabelecer limites sobre as atividades que podem ser oferecidas nesse espaço.

Outro assunto que me marcou nessa entrevista foi o relato de Renato sobre as enchentes<sup>322</sup> que aconteceram em dois mil e onze no litoral paranaense, e sobre as ações da UFPR Litoral naqueles dias. Como Renato disse, se uma intenção da UFPR Litoral é trabalhar com a realidade, naquele momento a realidade bateu à porta da Universidade e havia muito a se fazer. Fiquei imaginando a mobilização dos estudantes, dos docentes e dos técnicos para fazer algo que ajudasse a

---

<sup>322</sup> Em março de dois mil e onze o litoral paranaense foi atingido por fortes chuvas, que ocasionaram enchentes e deixaram mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

comunidade local... E também fiquei imaginando o grupo que continuou trabalhando em sala de aula como se nada tivesse acontecido no litoral... Pensei na pluralidade de *setores Litoral* que se viu naqueles dias no litoral paranaense... Pensei na pluralidade de *setores Litoral* que ainda se vê no litoral paranaense...

Depois de aproximadamente duas horas de conversa, encerramos a entrevista. Infelizmente, naquele momento, não havia tempo para pensar nas questões que a entrevista provocou, pois eu teria apenas alguns minutos de intervalo até a próxima entrevista, agendada para as dezesseis horas e trinta minutos, com o Douglas<sup>323</sup> – coordenador pedagógico da UFPR Litoral. Eu já havia conversado com o Douglas em dois mil e treze, e sabia que ele estudou os Projetos de Aprendizagem em seu mestrado<sup>324</sup>. Provavelmente, a conversa com ele ficaria centrada no aspecto da gestão.

Douglas é o único colaborador desta pesquisa que não atua como docente na UFPR Litoral. Ele é pedagogo, mas o seu concurso é para técnico em assuntos educacionais. Douglas contou que começou o curso de Licenciatura em Física, mas deixou esse curso por dois motivos: a paixão pelas disciplinas da área pedagógica e as dificuldades em Matemática. Então, ele decidiu cursar Pedagogia e seguiu seus estudos na área de gestão escolar.

Douglas contou que se interessou pelo concurso na UFPR Litoral pela proposta diferenciada do Setor. Algo que chamou a atenção dele foi a informação sobre o trabalho com *pedagogia de projetos* – informação disponibilizada, na época, no *site* da UFPR Litoral. No entanto, quando Douglas chegou ao Setor Litoral ele se decepcionou, pois não encontrou o que esperava quanto ao trabalho por projetos. Porém, com o tempo, ele foi entendendo que aquela informação dizia apenas do ideal que se buscava na UFPR Litoral. E os momentos de formação continuada oferecidos no Setor contribuíram para essa compreensão. Douglas comentou que esses momentos de formação não eram apenas para os docentes: os técnicos também eram convidados a participar desses encontros. Douglas ressaltou que, no início, isso era possível porque tanto o número de técnicos quanto a demanda de trabalho deles eram menores. Posteriormente, os movimentos de formação

---

<sup>323</sup> Douglas Ortiz Hamermuller. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Servidor Técnico Administrativo do Setor Litoral da UFPR.

<sup>324</sup> Sua dissertação, intitulada *Possibilidades e limites do exercício da autonomia dos estudantes na UFPR Litoral: os Projetos de Aprendizagem em foco*, foi defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em dois mil e onze.

continuada foram diminuindo, o que pode ser explicado pelo aumento no número de docentes e de técnicos do Setor Litoral. Com o passar do tempo foi ficando mais difícil reunir pessoas e oferecer momentos de formação continuada para todos. Além disso, Douglas ressaltou que, atualmente, parte do trabalho com formação continuada poderia – ou deveria – ser realizada no espaço das Câmaras, pois os professores que estão trabalhando na UFPR Litoral há mais tempo poderiam contribuir com a formação dos seus colegas.

Do mesmo modo como ocorreu com outros colaboradores, Douglas ressaltou que há dois grupos no Setor Litoral: aqueles que entendem a proposta da UFPR Litoral e aqueles que não entendem a proposta – esse segundo grupo é subdividido em: aqueles que tentam entender a proposta e aqueles que combatem a proposta. Segundo Douglas, aí surge uma dificuldade: fazer com que esses grupos dialoguem. No entanto, há algo diferente na fala de Douglas: ele destacou que é importante ouvir todos esses grupos, pois eles constituem a UFPR Litoral e, além disso, as críticas construtivas ajudam a repensar pontos da proposta que ainda mostram certa fragilidade.

Douglas também comentou sobre uma mudança recente na *construção* das ICH – uma mudança proposta por ele. Antes, as propostas das ICH eram elaboradas coletivamente: no início de cada semestre havia um período de mobilidade, de três semanas, em que os alunos podiam circular por diferentes espaços de ICH, participar das discussões sobre as atividades e, então, decidir de qual atividade participariam naquele semestre. De acordo com Douglas, isso era muito avançado pedagogicamente, mas gerava um problema quanto ao registro de frequência dos alunos. Então, para solucionar esse problema, a proposta foi acabar com esse período de mobilidade e organizar as ICH de outro modo: agora, no final de cada semestre, são disponibilizados formulários para que sejam elaboradas propostas de ICH; depois esses formulários são organizados pelos técnicos e são disponibilizadas as matrículas nessas atividades, e, assim, os alunos fazem suas matrículas nas ICH do mesmo modo como fazem suas matrículas em PA e em FTP. Douglas ressaltou que essa mudança acabou com o período de mobilidade, mas que ela não impede que as pessoas se encontrem em outros momentos – distintos da carga horária dos seus cursos – para discutir e organizar atividades de ICH para os semestres seguintes. Essa mudança me causou estranhamento...



Durante a entrevista Douglas também mostrou certo incômodo com a mudança nas reuniões do Conselho Setorial, causada pela aprovação do Regimento Setorial. Como já havia sido dito por outros colaboradores desta pesquisa, o Conselho Setorial deixou de ser paritário – na composição e na formação – e passou a funcionar com representatividade. Segundo Douglas, isso é um retrocesso, porque essa mudança impossibilita o exercício de democracia nas reuniões do Conselho. Douglas ressaltou que essa mudança foi ocasionada pelas críticas quanto à organização do Conselho. Antes, todos os docentes, discentes e técnicos tinham direito a voto; então alguns problemas apontados eram: “Como controlar as votações e como fazer as contagens de votos?”... No Regimento, não se aprovou que o Conselho continuasse funcionando desse modo. Desde então, o Conselho Setorial passou a funcionar por representatividade – do mesmo modo que ocorre nos demais setores da Universidade Federal do Paraná.

Outro assunto comentado por Douglas foi a presença da UFPR Litoral em Matinhos e algumas das suas contribuições para a região. Ele destacou o aumento no número de vagas para os cursos de licenciatura em instituições públicas no litoral paranaense, e também a oferta de cursos de formação continuada para os professores do litoral. Segundo ele, é possível que essas iniciativas tenham influenciado, resultando em melhora, nos últimos índices do Ideb<sup>325</sup> e do IDH<sup>326</sup> dos municípios do litoral paranaense. No entanto, ele ressaltou que esses índices ainda estão entre os piores do Estado.

A entrevista com Douglas foi encerrada depois de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Essa conversa trouxe muitas informações e alguns questionamentos. O que mais me *incomodou* nessa entrevista foi a informação sobre as mudanças nas propostas das ICH... Isso provocou um grande estranhamento. Explico o motivo: o nome desse espaço curricular é *Interações Culturais e Humanísticas*, e eu entendo que ele pressupõe interações. Então, considero importante que as pessoas tenham um momento *formal* para pensar coletivamente a elaboração das propostas das atividades desse espaço, e, nesse processo, tenham certo tempo para decidir de qual atividade querem participar. Outro ponto: as ICH têm a intenção de reunir pessoas de diversos cursos e que estejam em diversos níveis – séries – desses cursos. Se não existe um espaço

---

<sup>325</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

<sup>326</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.

*formal* para que essas pessoas discutam essas atividades, quando elas poderão discutir as propostas de ICH? Pensei que isso poderia ser feito, por exemplo, a distância, mas aí surgiu uma dúvida: “Todos os alunos do Setor Litoral têm acesso à Internet e poderiam participar de uma discussão a distância?”... Pensei também no problema do registro da frequência dos alunos no – extinto – período de mobilidade... Acredito que bastaria pensar em um programa que registrasse automaticamente esses dados e o problema estaria resolvido. Provavelmente, as pessoas que trabalham com informática no Setor Litoral poderiam ajudar nessa questão, e uma situação tão burocrática sequer deveria ser aventada como justificativa para uma alteração tão substancial no movimento pedagógico proposto pela UFPR Litoral. Aliás, outra situação burocrática e comezinha – a dificuldade de registrar a quantidade de votos na reunião do Conselho Setorial – contribuiu para a alteração no modelo de composição e funcionamento do Conselho do Setor Litoral...

Enfim, essas entrevistas trouxeram elementos novos para a minha pesquisa e, por isso, outras inquietações. Os momentos de entrevistas geram uma grande tensão em mim, pois é preciso estar atenta a todas as falas dos colaboradores. Como consequência disso, vem o cansaço... Senti que a entrevista com Douglas, de certo modo, foi prejudicada pelo meu cansaço. E, nesse dia, ainda havia mais uma entrevista a realizar. A próxima entrevista estava agendada para as dezenove horas e trinta minutos com a professora Ana Maria<sup>327</sup>, que eu havia conhecido no dia anterior. Era preciso jantar, rever o roteiro de entrevista e voltar à UFPR Litoral.

Pouco tempo depois, eu estava novamente no Setor Litoral... Antes de iniciar a entrevista com Ana Maria, comentei, brevemente, sobre as intenções da pesquisa. Na sequência, a professora Ana Maria contou sobre sua formação e sua atuação como professora de Ciências e Biologia em escolas públicas. Ela falou também do seu descontentamento em relação ao desânimo de alguns professores nas escolas, e disse que esse foi um dos motivos que a levaram a prestar o concurso na UFPR Litoral. Ana Maria queria entender o que acontece na formação inicial dos professores e queria fazer algo diferente para minimizar os problemas que ela via nas escolas em que trabalhava. Outra coisa que incomoda a professora Ana Maria é a quantidade de professores que ainda vê a docência como *bico*, ou seja, apenas como mais um trabalho para aumentar sua renda no final do mês.

---

<sup>327</sup> Ana Maria Franco. Mestre em Ecologia e Conservação da Natureza pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Setor Litoral da UFPR.

Quando Ana Maria começou a trabalhar na UFPR Litoral, ela percebeu que muitos licenciandos têm dificuldades de leitura e têm resistência à leitura. Segundo a professora, essa resistência acontece também porque alguns estudantes ingressam na Licenciatura em Ciências pensando que farão um curso de Biologia e que ficarão boa parte do tempo trabalhando em laboratórios – o que não acontece. Então, alguns alunos ainda têm dificuldades para entender o que é o curso de Licenciatura em Ciências. No entanto, essa questão vem sendo minimizada graças ao trabalho realizado na Feira de Profissões da UFPR – evento que tem como objetivo auxiliar os estudantes do Ensino Médio na escolha da profissão –, e também ao trabalho que é desenvolvido pelos professores no primeiro semestre do curso, para acolher os estudantes e inclui-los na Universidade.

Quanto aos espaços curriculares, a professora Ana Maria levantou algumas questões sobre os PA e as ICH... Ela considera que os Projetos de Aprendizagem deveriam ser iniciados a partir do segundo ano dos cursos. Ela acredita que no primeiro ano os alunos deveriam ser preparados para o trabalho com os PA – atualmente esse trabalho é desenvolvido apenas no primeiro semestre do curso. A professora ressaltou também que o acompanhamento dos PA deveria ser repensado, porque, segundo ela, alguns alunos *somem*. Além disso, a professora mostrou preocupação quanto aos *produtos* dos PA, pois, atualmente, não há obrigatoriedade de um registro material dos Projetos de Aprendizagem – que pode ser apresentado, por exemplo, como um texto, como um filme, como uma peça de teatro... De acordo com Ana Maria, se um aluno apresenta uma peça de teatro, o produto desse PA não fica registrado na Universidade. A professora também comentou sobre as ICH, que segundo ela, devem ser repensadas quanto aos temas que podem ser trabalhados nesse espaço.

Outro ponto comentado pela professora Ana Maria é a readequação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências, à época em fase de aprovação. Atualmente os licenciandos podem escolher, juntamente com os professores, o tema que será trabalhado em cada semestre do curso. A única exigência é que todos os temas propostos<sup>328</sup> no PPC sejam trabalhados pela turma

---

<sup>328</sup> As temáticas previstas para os quatro anos do curso de Licenciatura em Ciências, no primeiro PPC, eram: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação (esses temas são trabalhados no primeiro semestre para que os alunos se aproximem da proposta pedagógica do Setor); Ciências da Natureza e Educação (mais o módulo de Libras); Cenário escolar regional, ensino de Ciências e Prática de Ensino; Fundamentos básicos contextualizados da Física, Química e

durante os quatro anos do curso. A partir desses temas, as turmas trabalham, preferencialmente, por projetos. No entanto, Ana Maria contou que a Universidade solicitou que os temas sejam fixos para que os alunos façam suas matrículas nesses temas, ou seja, os estudantes não terão mais a liberdade de escolher a sequência dos temas. Mas, de acordo com a professora, eles continuam tendo a liberdade de escolher o tema e o foco dos projetos, pois esses grandes temas são amplos<sup>329</sup>.

Percebi que Ana Maria gostaria que a proposta pedagógica do Setor Litoral fosse rediscutida e avaliada. A professora comentou que muitas coisas já foram experimentadas no Setor Litoral e que algumas dessas coisas deram certo e outras não funcionaram tão bem quanto se esperava. Assim, ela considera que seria importante discutir o que já aconteceu para repensar, modificar e fortalecer a proposta da UFPR Litoral. Além disso, Ana Maria ressaltou que os documentos na área da Educação não devem ser estáticos, eles precisam ser maleáveis.

Depois de aproximadamente uma hora de conversa, a entrevista foi encerrada. Apesar do cansaço do dia, fiquei pensando sobre alguns pontos da nossa conversa. Eu não sabia que não havia obrigatoriedade de registrar o produto final dos PA, mas penso que isso poderia ser resolvido facilmente. Por exemplo: se o produto é uma peça de teatro, poderia se pensar em fazer um registro audiovisual da apresentação ou, ainda, poderia ficar registrado o roteiro da peça. Outra questão que me causou estranhamento foi a fixação dos temas dos FTP... Imagino que isso minimiza a liberdade de se pensar no caminho a ser trilhado pelas turmas do curso. Pensei, mais uma vez, em como situações de encaminhamento aparentemente simples operam como disparadores de mudanças bastante significativas. A estrutura de um momento de formação é alterada por não se ter pensado em como registrar a frequência dos estudantes... Uma trama política e democrática é alterada dada a

---

Biologia, cotidiano escolar e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino; Vivência de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências, saúde e qualidade de vida e Prática de Ensino; Vivências de docência e a relação Ciências, diversidade e inclusão (UFPR LITORAL, 2011).

<sup>329</sup> Na reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências houve alteração das temáticas previstas, que passaram a ser: Integração e Reconhecimento; Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino; Docência, diversidade e inclusão (também é trabalhado o módulo de Libras nesse semestre); Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino; Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e prática de ensino (UFPR LITORAL, 2014).

dificuldade em contar votos em reuniões... E, assim, aos poucos, as características iniciais da UFPR Litoral vão sendo eliminadas...

No total já realizei sete entrevistas. Considerei interessante o modo como a Matemática começou a aparecer na pesquisa: Emerson começou o curso de Licenciatura em Matemática, mas depois foi para o curso de Física; Maurício começou Engenharia Civil, mas as dificuldades com Cálculo I o levaram para a Licenciatura em História; Douglas começou Física, teve dificuldades em Matemática, se apaixonou pelas questões educacionais e foi para o curso de Pedagogia... Em todas essas mudanças de curso a Matemática esteve envolvida, de algum modo. Há ainda o relato de Renato quanto ao seu trauma com a Matemática e a superação desse trauma. Além disso, nas narrativas de Emerson e de Renato observei algumas marcas que seus professores deixaram...

Na entrevista de Valdo ficou registrado o seu descontentamento com a Universidade que ele conhecia. Na entrevista de Ana Maria ficou o registro do seu descontentamento com a escola e com a formação de professores que ela conhecia. Esses descontentamentos fizeram Valdo pensar em uma nova proposta de Ensino Superior e encaminharam Ana Maria para a UFPR Litoral – pensada inicialmente pelo Valdo. Que marcas os professores deixaram em Valdo e em Ana Maria? Essas marcas não ficaram registradas explicitamente em suas narrativas...

Pensei nas marcas que meus professores deixaram em mim... Pensei nas possíveis marcas que deixei em meus alunos... Lembrei algumas das minhas vivências nas escolas – como aluna e como professora... Pensei nos meus descontentamentos em relação à escola, à universidade, e a alguns colegas de profissão... Pensei nos meus contentamentos em relação a tudo isso e em relação a esta pesquisa... Mas era preciso descansar, pois ainda havia cinco entrevistas agendadas para os próximos dias, duas delas para a tarde do dia seguinte. Era preciso se preparar para ouvir sobre outras vivências.

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 8 – LUIZ

Nome completo do colaborador: Luiz Fernando de Carli Lautert

Data e local de nascimento: 11 de janeiro de 1969, Porto Alegre (RS)

Data da entrevista: 22 de outubro de 2014

Eu nasci em Porto Alegre, mas fiz todo o Ensino Fundamental em uma escola pública em Balneário Camboriú, Santa Catarina. Quando eu era bem pequeno meus pais migraram para o Paraná e depois para Santa Catarina... O meu pai era representante comercial, então estava sempre viajando... Por isso, eu morei em várias cidades, mas fiz o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, quase completo, em Balneário Camboriú, na Escola Estadual João Goulart... Daí mudamos para Curitiba e eu terminei o Ensino Médio lá... Depois eu trabalhei um pouco e fiz um curso Técnico de Administração e, então, parti para essa área de Administração... Nessa época, eu fiz muitos vestibulares para Direito e não passei... Depois de uns três ou quatro anos trabalhando na área de Administração, resolvi fazer vestibular para Geografia e passei no vestibular na Universidade Federal do Paraná... E, no penúltimo ano de graduação, eu fui fazer um estágio no Centro de Estudos do Mar... Terminei o curso de Geografia e continuei no CEM<sup>330</sup>, pois consegui bolsa de recém-formado como pesquisador... E acabei ficando dez anos no Laboratório de Física Marinha, trabalhando com pesquisa de campo e pesquisa de laboratório... Então, trabalhei muito com o pessoal da Oceanografia... Minha esposa, inclusive, é oceanógrafa – conheci minha esposa lá... E, nesse período, fiz mestrado em Geografia – na Unesp<sup>331</sup> de Rio Claro – utilizando os dados dos trabalhos do Centro de Estudos do Mar... Depois, em dois mil e seis, eu prestei prova de doutorado na USP<sup>332</sup> e ingressei no doutorado em Geografia, na área de Geografia Física... Dois meses depois disso eu prestei concurso para a UFPR Litoral<sup>333</sup>, e passei... Como eu estava começando a minha carreira na Universidade, eu não podia me afastar para fazer o doutorado... Então, eu fiz as duas coisas ao mesmo tempo: trabalhei e estudei. Foi uma correria!

---

<sup>330</sup> Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná.

<sup>331</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

<sup>332</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>333</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Quando eu comecei o curso de Geografia, eu não tinha a intenção de ser professor. Eu fiz Geografia porque eu gostava muito de Geografia, mas logo que eu entrei no curso senti que a possibilidade de ser professor podia ser grande... Eu fiz Bacharelado e Licenciatura em Geografia... Eu me identifiquei tanto com o Bacharelado quanto com a Licenciatura... Os meus primeiros contatos com a docência foram no estágio e, depois, eu trabalhei um ano como professor de Geografia na Educação Básica em Pontal do Sul<sup>334</sup> e trabalhei também, como professor de Geografia, durante um ano, no Isulpar<sup>335</sup> em Paranaguá.

E aí surgiu a oportunidade do concurso na UFPR Litoral... Eu morava em Pontal do Sul, que é muito perto de Matinhos, e aí abriu a vaga para professor de Geografia aqui na UFPR Litoral... Eu fiquei sabendo dessa vaga e vim prestar o concurso... Um ano antes disso, um colega tinha feito concurso aqui e aí eu fui conhecendo a proposta... Na verdade, ele foi me convencendo que se tratava de uma proposta diferenciada... E eu já tinha algumas críticas em relação à universidade tradicional, porque, naqueles dez anos de pesquisa no CEM, eu fui percebendo que a produção de Ciências estava pouco conectada com a comunidade... Nós nos fechávamos nos nossos trabalhos, íamos a campo, coletávamos materiais, mas tínhamos pouca interação com a comunidade. E a proposta da UFPR Litoral, de maior interação com a comunidade, me chamou a atenção... A proposta daqui trabalha muito com o estudo do local, com o estudo do meio, com o estudo regional... Isso me chamou a atenção! Como o estudo regional está presente em todos os cursos e como eu trabalho com Geografia e conhecia muito o litoral, pelos dez anos de trabalho no CEM, eu falei: “Bom... É uma vaga que tem o meu perfil.”... Por isso eu fiz o concurso.

Tecnicamente, aquele foi um concurso padrão: teve prova escrita, prova didática, entrevista... Mas eu acho que eles levaram muito em consideração o meu conhecimento sobre a região do litoral paranaense<sup>336</sup>... Havia candidatos com currículos melhores que o meu – no sentido de produção acadêmica. Eu concorri com doutores e eu era apenas mestre na época... Então, acho que o fato de conhecer a região facilitou a minha aprovação... Até porque esse era um dos critérios, tanto da prova escrita como da prova didática... Acho que eu apresentei

---

<sup>334</sup> Balneário do município de Pontal do Paraná.

<sup>335</sup> Instituto Superior do Litoral do Paraná.

<sup>336</sup> O litoral paranaense é composto pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

conhecimentos suficientes para eles chegarem à conclusão que eu conhecia bem a região e que eu ia ser útil para o projeto. Nesse sentido, eu acho que o concurso teve uma análise um pouco diferenciada... O rapaz que ficou em segundo lugar no concurso era doutor, mas ele não morava aqui, ele não conhecia o litoral... Então, acho que na hora de trabalhar esse conhecimento deve ter pesado um pouco para ele... Enfim, eu fiz o concurso em agosto de dois mil e seis, passei e comecei a trabalhar na UFPR Litoral, oficialmente, em dois mil e sete.

Mas, ainda em outubro de dois mil e seis, alguns professores me chamaram para participar das aulas aqui na UFPR Litoral... Então, eu comecei a participar, extra oficialmente, das aulas, e, em novembro daquele ano eu participei também da semana de planejamento... O nosso semestre começava em agosto e em novembro nós planejávamos o que íamos fazer no ano seguinte. Então, mesmo não estando oficialmente contratado como professor, eu participei de todas as reuniões de planejamento em dois mil e seis, e em fevereiro de dois mil e sete assumi o concurso oficialmente... Eu só não fui chamado antes porque dois mil e seis era ano eleitoral... Por isso, eles chamaram os professores no ano seguinte...

Naquele concurso entraram dez professores... Nós fomos recepcionados na Instituição, e participamos da etapa que nós chamamos de *Conhecer e Compreender* e conhecemos os espaços da Universidade... Eu conheci algumas câmaras<sup>337</sup>; dei aula em vários cursos; participei dos espaços de ICH<sup>338</sup>, PA<sup>339</sup> e FTP<sup>340</sup>... Então, o início do trabalho foi realmente para conhecer os espaços, para conhecer os professores, para conversar com os professores. Foi um ano que eu passei interagindo com quase todo mundo... Eu acho que foi bom! Foi interessante...

E eu não senti dificuldades no trabalho aqui... Aliás, eu já me perguntei isso várias vezes e outras pessoas também me perguntaram isso... Talvez eu não tenha sentido dificuldades pelo fato de nunca ter dado aula no Ensino Superior. Quer dizer, eu trabalhei um ano no Isulpar, mas é uma instituição privada e eu ia lá só para dar aulas mesmo. Eu era contratado para dar aula, eu não participava do dia a dia da Instituição. Aqui não! Aqui eu comecei a participar do dia a dia da Universidade... Eu sempre gostei muito de viver a Universidade! Lá no Centro de Estudos do Mar eu

---

<sup>337</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

<sup>338</sup> Interações Culturais e Humanísticas. O professor Luiz falará desse espaço na sequência da entrevista.

<sup>339</sup> Projetos de Aprendizagem. O professor Luiz falará desse espaço na sequência da entrevista.

<sup>340</sup> Fundamentos Teórico-Práticos. O professor Luiz falará desse espaço na sequência da entrevista.



sempre vivi muito a Universidade, eu trabalhava até em final de semana. Quando eu entrei na UFPR Litoral, eu estava na UFPR<sup>341</sup> há uns quinze anos, eu já conhecia bem a Instituição UFPR... E aqui, nessa nova proposta, eu consegui me adaptar em função de, logo de cara, começar a desenvolver atividades conectadas com a comunidade, participar de ICH com a comunidade, participar de Projetos de Extensão – que é algo que eu não fazia no CEM...

Aliás, acho que no início do meu trabalho aqui eu tive uma dificuldade sim... Dificuldade em relação ao contato com a teoria em Educação... Eu tive isso só na Licenciatura... Fazia uns dez anos que eu não tinha contato com teoria educacional. Então, eu fiquei um pouco perdido em relação às teorias educacionais e também em relação à questão da teoria em propostas diferenciadas... Eu comecei a ver isso em dois mil e sete e dois mil e oito, quando eu comecei ler, ler e ler sobre o assunto... E, no início, tinha essa dificuldade em me achar teoricamente... Mas, depois, a coisa deslanchou porque eu passei a estudar bastante esses assuntos. E eu considero que a minha formação continuada aqui no Setor<sup>342</sup> se deu na participação das reuniões de Conselho, porque eu aprendi muito com as falas dos colegas... Eu sou de falar pouco, mas, no início, eu quase não falava. Eu ficava escutando, escutando, escutando... Então, a minha formação continuada se deu na participação desse espaço... Ouvindo bastante...

E como eu vivi bastante a universidade tradicional, eu posso dizer que a UFPR Litoral é um espaço diferenciado... É um espaço que proporciona interações, que proporciona comunicação... E que apresenta novidades na sua proposta educacional. A UFPR Litoral considera o estudante como ser humano e o coloca no centro da proposta educacional... Então, para mim, a UFPR Litoral é um espaço de interação, um espaço muito forte de relações humanas... É diferente da universidade tradicional, que é uma coisa de compartimentos, né? Na universidade tradicional cada um fica na sua sala; o professor conversa na sua turma, mas não conversa com o seu próprio colega... Não que não tenha isso aqui também! Mas a UFPR Litoral proporciona interações... Então, sinteticamente, eu diria que a UFPR Litoral é um espaço de interações... E que ela é diferente da universidade tradicional em que não há interação, em que é uma coisa mais fechada.

---

<sup>341</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>342</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Quando eu comecei a trabalhar aqui, o Projeto Político Pedagógico do Setor nem existia ainda... Ele ainda não existia materialmente. Ele foi sendo construído a partir das discussões que aconteciam nas reuniões de Conselho... Inclusive, por parte de alguns professores, havia uma pressão muito grande em relação a isso: “Quando vamos ver escrito esse PPP<sup>343</sup> de que se fala tanto?”... No início nós tínhamos só algumas diretrizes da proposta educacional... Mas havia muitas discussões sobre essas diretrizes e sobre o PPP! Aliás, coisa que não acontece agora... Então, nos primeiros anos, nós seguíamos algumas diretrizes e fazíamos uma série de discussões a respeito delas...

E, desde o início, havia os espaços diferenciados de *Fundamentos Teórico-Práticos*, *Interações Culturais e Humanísticas* e *Projetos de Aprendizagem*... O espaço dos FTP é o espaço de trabalho dos conhecimentos relacionados às Ciências... É o espaço dos, entre aspas, *conteúdos*. E, diferentemente dos cursos tradicionais, no curso de Ciências nós trabalhamos por projetos. Então esse espaço proporciona o protagonismo dos estudantes, já que nós não apresentamos uma proposta pronta de trabalho. Nós construímos a proposta de conteúdos e de temas com os estudantes, a partir das ementas. E, em função da ementa, a gente instala uma discussão... A partir dessa discussão, nós utilizamos, principalmente, a ferramenta do mapa conceitual para sistematizar os temas trazidos pelos alunos e professores. E assim os temas são definidos... Então, nas primeiras duas ou três semanas de aula, nós construímos mais ou menos uma espinha dorsal dos temas que serão trabalhados no semestre e discutimos, também, a questão da avaliação... À medida que as pesquisas vão sendo desenvolvidas e que vão acontecendo as apresentações, as atividades vão se concretizando... E, em função dos temas, nós podemos decidir coisas do tipo: “Semana que vem vamos ver um vídeo.”; “Vamos fazer uma saída de campo.”; “Vamos ler um texto.”... Isso vai acontecendo no decorrer do semestre...

Eu estou na UFPR Litoral há quase oito anos e eu nunca trabalhei da mesma forma em duas turmas... Na Licenciatura em Ciências eu trabalhei em todas as turmas – nós estamos agora na sétima turma – e eu trabalhei com o módulo do *Reconhecimento do Litoral* com as sete turmas de forma diferente... Nunca foi da mesma forma! Em função dessa dinâmica, em função desse movimento que é feito

---

<sup>343</sup> Projeto Político Pedagógico.

com os estudantes, os FTP são um espaço de aprendizado em que estudantes e professores são sujeitos do processo... É claro que os professores se tornam mediadores do processo, em função da sua experiência e da sua bagagem cultural... Mas os estudantes também são sujeitos do processo, pois eles ajudam a construir a proposta de trabalho.

E esse módulo do *Reconhecimento do Litoral*, que eu falei agora pouco, faz parte do que nós chamamos de *Acolhimento* – que acontece no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Ciências... O Acolhimento tem dois momentos: tem o módulo *Reconhecimento do Litoral* e o módulo *Ciências e Educação*. Essa etapa é trabalhada por três professores: eu fico com a parte do *Reconhecimento do Litoral*, em que se trata dos estudos do meio local, e os outros dois professores trabalham as questões gerais sobre a Universidade, discutindo a proposta e a metodologia. Mas, sempre que possível, eu também falo sobre as questões da metodologia e da proposta da Universidade... Eu estou sempre discutindo com os estudantes essas questões de como é a Universidade e do que se passa por aqui...

Lembro que logo que nós decidimos fazer essa etapa de Acolhimento, eu trabalhei em uma turma com o professor Rangel<sup>344</sup> e com o professor Zan<sup>345</sup>... E foi um processo muito interessante! Enquanto o Rangel e eu trabalhamos a questão das Ciências, o Zan trabalhava, paralelamente, questões relacionadas ao estágio... E nós conversávamos muito! Nós tentamos trabalhar, principalmente, com pesquisa. Então, nós destacamos vários temas relacionados às Ciências, à História das Ciências e Filosofia das Ciências... Os estudantes iam dizendo, por exemplo: heliocentrismo; bomba atômica; revolução cultural; Sócrates; Platão; Aristóteles... Enfim, os temas iam surgindo e a gente ia colocando esses temas no quadro e, depois, os alunos escolhiam os temas para pesquisar. Cada aluno escolheu um tema e eles passaram as primeiras semanas pesquisando sobre esse tema... Aí chegou um momento em que eles sentavam em duplas e um falava para o outro sobre o que tinha pesquisado... Por exemplo: um aluno falava sobre Sócrates para o seu colega; e o outro aluno falava sobre heliocentrismo. Isso foi uma espécie de introdução à pesquisa... Alguns alunos nunca tinham feito pesquisa, nunca tinham

---

<sup>344</sup> Rangel Angelotti. Mestre em Sistemas Costeiros e Oceânicos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>345</sup> Marcos Aurelio Zanlorenzi. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

tido contato com textos acadêmicos... Alguns estudantes nunca tinham falado em público... Então, esse foi um momento muito importante...

E tem outras atividades que marcaram... Em todos os semestres acontecem atividades diferenciadas... Um momento que sempre é muito interessante é quando eu levo os estudantes para os trabalhos de campo. Já levei estudantes para Antonina, para Guaraqueçaba, para Morretes... Em Guaraqueçaba nós passamos um final de semana conhecendo a região e sistematizando as informações... Realmente, o que eu mais gosto dessas atividades são os trabalhos de campo! Acho que é porque eu trago isso da Geografia... Eu acho que os trabalhos de campo trazem mais resultado, porque tem o contato com a realidade, de observar e analisar a realidade e, depois, vir para a sala de aula para interpretar o fenômeno... Então, é sempre uma atividade muito interessante...

E outro espaço diferenciado é o espaço das Interações Culturais e Humanísticas... Ele é diferenciado em função da interação com alunos e professores de todos os cursos... É o espaço reservado para discutir temas que não necessariamente fazem parte do currículo oficial do curso. Mas são temas que, de uma forma ou de outra, interagem com o profissional, interagem com o ser humano, interagem com a sua vida de maneira geral... Eu acho que é uma novidade superinteressante para a Universidade, em função da possibilidade de haver essa interação. Como falei antes, a UFPR Litoral é um espaço de interação... E o fato de interagir com professores e estudantes de outros cursos pode abrir novas portas e novas reflexões... Enquanto na escola tradicional os estudantes praticamente não conversam e os cursos não conversam, aqui, no espaço das ICH, há a possibilidade de estudantes de cursos diferentes conversarem, interagirem e trabalharem juntos... E há, também, a possibilidade de trabalharem com a comunidade...

Aliás, uma das ICH mais interessantes de que eu participei foi uma atividade de ICH realizada na – e com a – comunidade de Ponta Oeste, na Ilha do Mel... Isso foi logo que eu comecei a trabalhar aqui... Essa atividade se realizava pela manhã, junto com o professor Eduardo Harder<sup>346</sup> – que tinha o contato com o pessoal da comunidade de Ponta Oeste. Essa comunidade estava sofrendo pressão dos órgãos ambientais para se retirar daquele espaço, em função de ser um parque. E aí o professor Eduardo, militante dos direitos humanos, conhecia a situação e fez contato

---

<sup>346</sup> Eduardo Harder. Doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

com a comunidade e eles ofereceram um barco para facilitar a atividade. O barco era a nossa maior dificuldade, e nós precisávamos dele para fazer a travessia... Nós saíamos de ônibus toda quarta-feira de manhã aqui de Matinhos e íamos até Pontal do Sul, pegávamos um barco e atravessávamos para a Ilha do Mel, para conhecer a comunidade e para conversar com a comunidade... E a nossa atividade final foi uma consulta pública em que nós trouxemos diversos órgãos relacionados às questões ambientais, às instituições de direitos humanos e também o pessoal do Ministério Público... Fizemos isso para mostrar a situação da comunidade, para dizer como eles estavam e para falar sobre a pressão que eles vinham recebendo... Dois ou três anos depois disso, nós tivemos a grata notícia que eles não precisavam sair daquele espaço, em função da publicização que essa atividade de ICH ofereceu... A comunidade entrou com uma ação no Ministério Público, depois desse contato, e conseguiu permanecer naquele local.

Então, o espaço das ICH proporciona interação entre professores, estudantes e comunidade. É por isso que eu digo que a UFPR Litoral é um espaço de interação... É um espaço de interação entre a comunidade acadêmica e a comunidade local. Para mim, essa interação é muito forte... Como o próprio nome diz, as ICH são esse espaço de interação com o diferente, com as pessoas de outras áreas, com pessoas que pensam de outras formas... Para mim, as ICH são mais que um espaço... É um espírito, né? É o estado de espírito. Essa relação de sair da zona de conforto do meu conhecimento e das discussões que se desenvolvem no meu curso e nos meus conteúdos para discutir questões que eu achei que nunca ia discutir, é também emocional. Nas ICH a gente vê pessoas da área de Ciências Exatas conversando com pessoas das Ciências Humanas, com pessoas da área tecnológica... E tem que ter um estado de espírito para você aceitar e fazer isso... Então, por isso, eu penso que as ICH ultrapassam o espaço...

E tem mais um detalhe: as ICH podem ser propostas por professores, por um aluno ou por um grupo de alunos... Eu já mediei atividades de ICH que foram propostas por estudantes e que, em sua grande maioria, foram desenvolvidas por estudantes. Por exemplo, há algum tempo – lá no início do meu trabalho –, eu mediei uma atividade de ICH de maricultura, que é a produção de ostra, camarão... Mas quem, basicamente, tocou o curso foi um estudante. Eu participei das atividades, ajudei a mediar, ajudei a administrar o processo... Eu estava presente

nas atividades e discussões, mas era o estudante que trazia o conhecimento relacionado à maricultura.

Enfim, acontecem muitas coisas legais nas ICH... Mas, às vezes, esse espaço também é utilizado para trabalhar disciplinas dos cursos... Alguns professores utilizam as ICH para trabalhar aquilo que é a especialidade dele... Às vezes, o professor não consegue trabalhar determinado assunto no curso e leva esse assunto para esse espaço. Ou seja, as ICH acabam sendo uma extensão do curso. Isso vem acontecendo nos últimos anos... E também há algumas atividades de ICH que são muito soltas e que não tem caráter de reflexão... Por exemplo: ICH de vôlei... Basta vir aqui e jogar vôlei! O pessoal vem e fica jogando vôlei o tempo inteiro... Não se reflete, não se interage... Então, na prática, algumas atividades acabam fugindo um pouco do que o PPP preconiza... E, por isso, já houve pressão para que se acabe com o espaço das ICH... É uma briga interna! Mas, por enquanto, esse espaço continua...

E temos também o espaço dos Projetos de Aprendizagem... Eu considero os PA como um espaço mais revolucionário do que as ICH, porque, nos PA, são os estudantes que definem e planejam suas atividades, são eles que constroem seus caminhos... Então, os estudantes podem ser protagonistas no sentido de eles mesmos construírem os seus conhecimentos... Isso é revolucionário na educação! Enquanto historicamente a gente sempre recebeu informação dos nossos mestres, nos PA não... O estudante tem a possibilidade não só de construir, mas de planejar o que ele vai fazer nesse espaço. Nos FTP há a possibilidade de construir junto com os professores, mas nos PA o estudante tem a possibilidade de construir sozinho... Claro, com aqueles professores que permitem isso, né?! Alguns professores não permitem... Eu permito, o meu perfil é esse... Eu pergunto: “Qual é o tema do trabalho?”... O estudante responde: “O tema é esse, professor.”... E eu questiono: “Como você acha que pode fazer?”... Eu tento instigar ele a construir as possibilidades de metodologias de trabalho... Nos primeiros dois ou três meses, eu simplesmente vou fazendo perguntas: “O que você quer fazer? Como você quer fazer? Pensa... E, depois, me diz.”... E daí eles me trazem a primeira possibilidade de trabalho e mesmo que eu perceba que eles não vão conseguir, que eles não vão dar conta, eu não falo nada no primeiro momento... Eu penso: “Vamos ver como ele vai conseguir se sair bem nesse projeto.”...

A grande maioria dos estudantes não tem muita noção do que pode fazer ou de como pode fazer os PA... Eles começam a fazer os projetos e as dificuldades começam a aparecer... Alguns estudantes conseguem perceber essas dificuldades e começam a procurar outros caminhos... Outros estudantes não conseguem fazer isso sem a ajuda dos professores... Eu acho que a maioria sente dificuldades e não consegue superá-las sozinho... E aí vem o papel do mediador, né?! Que é o papel de tentar mostrar caminhos para os estudantes... Nesses casos, eu falo: “Quem sabe se você fizer assim ou assim.”... Eu tento mostrar os métodos. Eu acho que esse é o espaço para a construção de conhecimento e metodologia...

Eu medieei um PA muito interessante de uma aluna do curso Técnico em Orientação Comunitária... Essa aluna entrou na faculdade quando tinha uns trinta e cinco anos, talvez trinta e oito anos... Uma senhora, né? Ela era bem pobre e fazia muitos anos que não estudava, então ela tinha bastante dificuldade... Eu acho que os trabalhos realizados com os estudantes que têm mais dificuldade são aqueles mais interessantes, porque são os trabalhos que trazem mais resultados... Na verdade, qualquer resultado é resultado para eles, porque eles têm muita dificuldade... E eu não trabalho com a possibilidade de se desenvolver um produto ou de se desenvolver uma monografia no final dos PA... Eu penso no processo. Para mim, o que importa nos PA é o processo...

Enfim... Essa aluna veio conversar comigo para eu ser o mediador dela. Ela participava de uma associação de bairro em Pontal do Sul e ela sempre foi muito ativa sobre as questões locais, sobre as problemáticas do bairro... Mas ela não sabia o que poderia desenvolver no projeto dela... Aí eu falei: “Pense... Você participa em associação de bairro, sempre tem um monte de coisa para fazer.”... Daí ela disse assim: “Professor, eu queria tentar resolver o problema dos pontos de ônibus, porque os pontos de ônibus de Pontal do Sul são muito ruins. O pessoal pega chuva, pega sol... Eu queria tentar fazer um projeto para melhorar isso.”... Ela chegou com essa terminologia: *pontos de ônibus*. Daí eu falei: “Tá bom! O que você acha que pode fazer?”... Ela respondeu: “Ah! Não sei, professor.”... E eu disse: “Primeiro, você tem que conhecer sobre o tema... Esse assunto está ligado a que tema?”... Ela falou: “Não sei, professor.”... Então, eu dei uma dica: “Ponto de ônibus pode ser que esteja relacionado a transporte, né?”... E ela disse: “Isso mesmo! Deve ser transporte.”... Daí a gente começou a pesquisar...

Eu sempre ensino eles a *navegar* na *Internet* e fazer pesquisas, porque, no início, eles não estão acostumados a procurar artigos acadêmicos e revistas... Eu comecei a ensinar para ela como procurar material na *Internet*... Eu falei: “Vamos ver o que tem sobre ponto de ônibus aqui... Olha... Quando você estiver pesquisando um tema, você coloca o tema aqui e escreve *pdf*, que daí já vai aparecer um artigo para você ler.”... Daí encontramos alguns textos e começamos a ler... E o interessante é que o mediador também aprende nos PA, porque, às vezes, são temas que não estão relacionados com a área do professor... Nesse caso, nós começamos a ler e descobrimos que a terminologia não é *ponto de ônibus*, é *abrigo*... Nós descobrimos que o ponto de ônibus, na verdade, é um abrigo... Eu aprendi a terminologia com ela! É o abrigo para pegar ônibus...

Depois de descobrir isso, ela tinha que pensar nas próximas etapas do projeto... Eu falei: “Você precisa ler um pouco mais sobre isso. Você precisa ir à Prefeitura para perguntar quem é o responsável pela gestão desses abrigos. E você precisa conversar com a população para ver se as pessoas realmente sentem dificuldade nessa questão... Então, por enquanto: pesquisa bibliográfica, pesquisa da instituição responsável e pesquisa com a comunidade. Tente desenvolver essas três coisas.”... Eu não dei muitas dicas do que ela tinha que fazer... Só ajudei um pouco na pesquisa porque ela tinha muitas dificuldades, ela não sabia mexer nos computadores... E aí ela foi pesquisar e foi à Prefeitura... Mas na Prefeitura não deram muita atenção para ela – como sempre, o poder público não dá muita atenção para a população... Então, ela foi à Prefeitura e depois veio falar comigo: “Professor, eles não deram muita bola para o que eu falei.”... Eu respondi: “Então, eu vou fazer um ofício dizendo que você vai fazer uma pesquisa sobre os abrigos para pegar ônibus e daí você volta lá na Prefeitura.”... Com o ofício, ela voltou lá e ficou sabendo que era uma empresa privada que fazia a parte de gestão dos abrigos... Então, ela pensou em fazer um projeto para melhorar os abrigos e ela levou isso na Câmara de Vereadores. Ela conheceu o Presidente da Câmara de Vereadores e um vereador que era mais ligado à associação de bairro que ela participava... E ela acabou descobrindo que não ia conseguir melhorar os abrigos, porque a empresa era a responsável por isso... Ela ficou muito triste com isso, mas continuamos conversando sobre o assunto...

Depois de dois ou três meses de caminhada, de processo, eu falei: “Mexer com a gestão dos abrigos vai ser quase impossível, porque já tem uma empresa



para isso. Mas... E se você falar com a população, para que as pessoas cuidem dos abrigos próximos das suas casas? Ou para que façam algumas ilustrações nos abrigos?"... Ela disse que o sonho dela era que cada abrigo tivesse uma pequena biblioteca... Eu falei que dificilmente os livros iam se manter nos abrigos, seria difícil manter uma biblioteca... Daí nós começamos a discutir questões sociais... O tempo foi passando e ela foi tentando pesquisar possibilidades... Ela acabou levando a proposta para a associação de bairro tentar cuidar dos abrigos... E aí, nesse interim, ela foi trazendo outras questões. Ela não conseguiu fazer o que queria, mas acabou aceitando que isso não era da alçada dela... Eu acho que foi importante o processo de conhecimento – o processo de pesquisa, o contato dela com as instituições, o contato com a gestão pública, o contato com a população... E ela acabou fazendo um relatório, contando a história dos abrigos no Brasil e falando sobre questões do transporte público no Brasil... Como ela tinha muita dificuldade em escrever, então, a cada relatório que ela produzia, ela trazia aqui e a gente ficava horas conversando sobre algumas questões... Então, todo esse processo de aprendizado dela foi importante... Ela disse que nunca imaginou que um dia pudesse conversar com um vereador ou ter contato com uma instituição pública... E teve também o contato com a informática: ela nunca tinha usado um editor de texto para fazer um relatório. E os alunos, os amigos dela, começaram a ajudá-la a trabalhar com informática...

Enfim, ela produziu um relatório sobre o transporte público no Brasil e a questão dos abrigos... Falou das dificuldades da população... Tirou foto, fez um levantamento diagnóstico dos abrigos do balneário em que ela mora... E apresentou esse relatório enquanto processo. Ela contou todo esse processo, contou as dificuldades que ela teve... Contou que ela não conseguiu mudar a gestão dos abrigos... Então, mesmo sem conseguir fazer o que ela queria, a vivência dela nesse processo foi algo espetacular!... Tanto em relação ao aprendizado teórico da questão, quanto em relação ao contato com a realidade... O contato com a metodologia científica e com a construção de trabalhos acadêmicos também foi importante... O contato com a elaboração de um texto acadêmico foi importante... Eu sempre a via muito empolgada com esse aprendizado... E ela sempre agradecia muito, ela me agradece até hoje... Então, foi um trabalho que me marcou.

E tem outros... Teve um projeto que foi realizado em dupla, porque pode trabalhar em dupla também... E uma dupla trabalhou com a população em situação de rua... No início nós chamávamos de moradores de rua, mas nós descobrimos que

os *moradores de rua* são chamados oficialmente de *população em situação de rua*... Mais uma coisa que eu aprendi! Eles aprenderam e eu aprendi... E esses estudantes fizeram um histórico sobre a população em situação de rua no Brasil e fizeram contato com a população em situação de rua aqui em Matinhos... Eles procuraram descobrir os motivos que levaram as pessoas a viver naquela situação. Então, eles fizeram entrevistas – com gravador – e trouxeram os depoimentos... Eles descobriram que essa população em situação de rua tem diversos motivos para estar nessa situação: patologias, situações socioeconômicas mesmo, conflito familiar, drogadição, alcoolismo... E eles descobriram que, na sua grande maioria, são pessoas muito boas, mas que recebem um preconceito muito forte da sociedade e da mídia... Conhecer sobre eles, falar sobre eles e ver a empolgação dos estudantes nesse contato, foi muito bom...

E outro trabalho que eu considero interessante foi de um estudante da Agroecologia... Eu aprendi bastante nesse projeto... O estudante queria cercar um espaço de restinga<sup>347</sup> aqui na Praia Brava, no Balneário de Caiobá... Eu falei: “Você quer cercar... Mas esse é um espaço que está sempre suscetível a sofrer o processo de erosão. O mar vem e come tudo, leva embora.”... Ele respondeu: “Professor, se eu cercar a restinga, se eu cuidar, isso não vai acontecer.”... Ele disse isso porque um dos principais objetivos da restinga é manter a duna... Ele continuou: “Se a gente mantiver a duna ali, professor... Se a gente mantiver a restinga, o mar não vai comer a duna tanto assim.”... Esse estudante era técnico educacional em uma escola. A ideia dele era tentar proteger a restinga e levar os estudantes da escola pública para conhecer esse local, para, a partir disso, falar sobre o processo de erosão e de degradação ambiental, enfim, falar sobre questões socioambientais... Então, ele queria fazer essas duas coisas ao mesmo tempo: desenvolver um trabalho sobre o tema e incluir a escola no processo. Eu sempre peço para que os meus mediandos de PA tentem envolver a escola pública nos projetos. Isso vem da perspectiva do PPP da UFPR Litoral: interagir com todos os níveis educacionais...

Voltando a falar do projeto dele... Passado um ou dois anos ele conseguiu manter a restinga em uma área e ele levava os estudantes da escola para conhecer a restinga e falava sobre os processos de erosão e outras questões ambientais...

---

<sup>347</sup> De acordo com a Resolução 261 de 1999 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), a restinga é um conjunto de ecossistemas que compreende comunidades vegetais situadas em terrenos predominantemente arenosos. Mais informações sobre restinga estão disponíveis em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res99/res26199.html>.

Mas, certo dia, teve um evento de frente fria e tempestade e o mar acabou comendo toda aquela área que ele estava preservando... Esse é um processo natural! O estudante não tinha o que fazer quanto a isso... Aí ele entendeu o que é erosão. Eu falei para ele: “Com o tempo, a restinga vai voltar. E se as pessoas aprenderam algo com a tua mensagem de preservação, ela vai se manter por um tempo de novo. É um processo: as coisas vão e vem.”... Então, esse é outro estudante que aprendeu no processo, mas não desenvolveu um produto. No final ele fez um relatório mostrando toda essa vivência e as dificuldades dele. Então, é isso: nos Projetos de Aprendizagem o processo é mais importante que o produto...

Nesses três espaços, nós precisamos pensar a avaliação também... Nos FTP, no início do semestre, nós construímos a proposta de avaliação em conjunto – professores e alunos. E a avaliação pode se dar por seminários, por apresentação de trabalhos, por interesse – eu considero bastante importante a questão do interesse. Eu consegui me adaptar a essa proposta diferenciada, mas eu não joguei todo o tradicional no lixo... Por exemplo: se eu sentir a necessidade de dar uma aula expositiva, eu vou dar a aula expositiva. Geralmente, são dezesseis encontros com os alunos, então pode ser que no início eu tenha que dar uma aula expositiva, talvez lá pelo oitavo encontro eu precise trabalhar outra aula expositiva... E eu costumo trabalhar com apresentação de seminários, porque eu acho importante que eles se acostumem a falar em público... E eu também procuro considerar as características individuais dos alunos... Então, eu peço para eles escreverem, peço para que eles registrem as atividades. Sempre que eu peço uma pesquisa, eu peço para eles registrarem isso por escrito.

As minhas avaliações são diferenciadas no sentido de que eu não aplico prova... Eu peço textos a partir de questões abertas, em que eu avalio questões individuais e o trabalho em grupo. E as avaliações também variam em função do caminhar do próprio módulo. Às vezes, assistimos a um vídeo e eles fazem um registro sobre o vídeo... Às vezes, tem saída de campo e eles fazem uma sistematização dessa atividade... Às vezes, eles leem um texto e fazem uma resenha... E, como eu já disse, eu levo em consideração o interesse... Então, tecnicamente, eu nunca me preocupei muito com faltas: se o aluno é um cara interessado, que desenvolve as atividades, e por algum motivo particular teve que faltar muito, eu levo o interesse em consideração... Mas a avaliação coletiva eu ainda preciso estudar mais, porque nas poucas vezes em que eu tentei desenvolvê-

la eu achei que não foi interessante... Acabava sendo uma terapia coletiva e alguns estudantes não se sentiam bem por serem julgados pelos colegas, porque eles se autodenominavam um conceito<sup>348</sup> e os colegas diziam se concordavam ou não com aquele conceito... É um processo mais difícil... Talvez ele possa ser trabalhado nos últimos anos do curso, quando os alunos estão mais acostumados com a questão do protagonismo... Mesmo assim, eu acho que isso não pode ser feito sempre...

E essas vivências aqui na UFPR Litoral acabaram mudando a minha prática docente... Tradicionalmente, nas licenciaturas a gente apresenta, aos alunos, um professor que é o cara que tem conhecimento e que o transmite, né? E os estudantes só escutam e depois fazem prova... Aqui eu aprendi a ter outro tipo de relação com os estudantes, aprendi a conhecer o estudante e o seu histórico de vida... Aprendi a interagir com os estudantes e a relacionar os conteúdos com o cotidiano deles... E eu também aprendi muito com os professores que trabalham aqui... Eu aprendi a trabalhar com a comunidade, a respeitar a comunidade... Aprendi que eu não devo levar conhecimento pronto para a comunidade, mas que posso aprender com a comunidade...

No início eu achava que o professor era aquele cara que trazia conhecimento e que não podia errar... Aqui, com o trabalho e com os estudos sobre educação – lendo, por exemplo, Paulo Freire<sup>349</sup> e Rubem Alves<sup>350</sup> –, eu aprendi que o professor também erra... E, então, eu deixei de ter medo de errar... Agora eu não tenho medo de errar, porque eu sei que posso aprender e corrigir o erro... Eu percebi que estou aprendendo sempre, estou aprendendo no dia a dia... Eu cheguei aqui pensando que ser professor era uma coisa e aqui eu aprendi que ser professor é outra coisa! A UFPR Litoral é a minha escola de Educação! Eu comecei aqui e aprendi muito com o Zan, com a Katuta<sup>351</sup>, com o Valdo<sup>352</sup>, com a Lenir<sup>353</sup>... Eles já

---

<sup>348</sup> Na UFPR Litoral os estudantes são avaliados por conceitos. E os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

<sup>349</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador brasileiro.

<sup>350</sup> Rubem Azevedo Alves (1933-2014). Educador brasileiro.

<sup>351</sup> Ângela Massumi Katuta. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>352</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>353</sup> Lenir Maristela Silva. Doutora em Ciências (Produção Vegetal) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Setor Litoral da UFPR.

tinham experiência, já tinham bagagem em Educação... E eu fui escutando eles e fui aprendendo, trabalhando com eles...

Pensando agora nos alunos... Eu acho que, nos primeiros anos dos cursos, a gente ainda tem muita resistência, em função do método. Os alunos estão acostumados a receber tudo pronto. Aula expositiva, expositiva, expositiva... Quando eles chegam aqui não é assim. No final do semestre alguns dizem: “Professor, não tem nada no meu caderno!”... E eu digo: “Mas em seu cognitivo tem!”... Claro que não é exatamente assim, né?! Estou falando de uma forma resumida... Mas os alunos ainda têm muita resistência. Foi por isso que nós incluímos aquele período de Acolhimento na Licenciatura em Ciências... Aos poucos os alunos começam a se adaptar ao processo de pesquisa e de autonomia... A questão da autonomia é fundamental! Com o passar do tempo, nós vimos que os alunos não chegam autônomos... A autonomia vai sendo construída no processo... E enquanto alguns conseguem desenvolver a autonomia, outros permanecem resistentes. Inclusive, alguns desistem... E outros, mesmo indo até o final, sempre ficam com um pé atrás em relação à proposta... Alguns alunos gostam mais de receber o conhecimento pronto e querem transmitir o conhecimento quando professores. Ou seja, alguns alunos gostam mais da proposta clássica mesmo... Mas aqueles que ficam e que se formam acabam aceitando essa proposta diferenciada e percebendo que ela é muito mais interessante. No início do curso alguns alunos pensam assim: “Se cada um desenvolve as atividades a partir dos seus interesses e se não tem prova... Então, ótimo!”... Eles acham que isso aqui é uma bagunça! Mas lá na frente eles dizem que é mais difícil! Eles percebem que é mais complicado do que se eles tivessem que fazer uma prova. Eles acabam vendo que é mais trabalhoso quando eles têm que pesquisar, ler e discutir... E acaba sendo mais interessante também.

No entanto, mesmo assim, eles ficam em dúvida de como eles vão aplicar isso lá fora... Eles dizem: “Professor, na escola não tem como fazer isso porque o Núcleo de Educação pede para fazer prova, pede para passar os conteúdos... Se eu não passar os conteúdos, os pais vêm bater na minha porta. Eles querem que os filhos passem no vestibular!”... E eu digo: “Vocês serão os professores do futuro... Talvez vocês não consigam aplicar o que vocês desenvolvem aqui logo no início da carreira de vocês... Mas, com o tempo, devagarinho, tijolinho por tijolinho, vocês vão abrir espaço na escola, vocês vão ganhar espaço para fazer diferente na escola.”...

Então, é importante oferecer cursos de licenciatura aqui... E o curso de Licenciatura em Ciências é importante pela própria demanda das escolas públicas. Não havia um professor específico para a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental. Víamos biólogos, físicos, químicos e matemáticos dando aulas de Ciências nas escolas, parecia que qualquer professor podia trabalhar Ciências. Eu acho importante preparar um profissional vinculado mais especificamente às questões das Ciências... E o nosso curso de Licenciatura em Ciências acaba sendo diferenciado pela própria estrutura dele. Eu não conheço muito bem os cursos de Ciências das outras instituições, mas, seguindo a linha tradicional das licenciaturas, os conteúdos específicos do curso, geralmente, são trabalhados separadamente das disciplinas pedagógicas... Nas universidades em geral, no Brasil, é assim! Os departamentos trabalham os conteúdos específicos dos seus cursos e as disciplinas pedagógicas são trabalhadas pelo Departamento de Educação. E aí os conhecimentos ficam descolados... Aqui nós trabalhamos os FTP – os conteúdos – ao mesmo tempo em que trabalhamos o estágio. Os alunos vão para a escola já no segundo semestre do curso... Isso também é diferente! Nos outros cursos o pessoal vai para a escola só no final do curso... Acho que essas são as diferenças básicas. E ainda tem a proposta de trabalhar com projetos, que é algo diferenciado... Enquanto os outros cursos trabalham por disciplina, com um currículo elaborado previamente, nós construímos o currículo com os alunos, partindo de temas geradores e desenvolvendo atividades. Então, penso que o nosso curso é diferenciado!

E o estágio dos alunos tem algumas etapas... No início, os estudantes vão para a escola para observar questões pedagógicas da escola, relações sociais internas da escola e as coisas que acontecem no pátio da escola... Enfim, eles observam os elementos da escola e as suas interações. E, à medida que o tempo vai passando, eles também interagem com o professor... Eles deixam de ser apenas observadores e começam a atuar, no sentido de contribuir para o desenvolvimento da disciplina de Ciências na escola... E eles são avaliados pela mediação, pela conversa, pelo plano de estágio e pelo relatório de estágio. Então, basicamente, a avaliação é dada em função das conversas, do comparecimento, do interesse e do plano e do relatório de estágio.

Eu acho que os nossos alunos encontram bastante dificuldade quando eles iniciam o estágio... Ainda mais por serem estudantes de primeiro ano. Alguns alunos sentem muita dificuldade e se apavoram... Muitos deles ainda têm dificuldade de

falar em público, de se expressar em público e de encarar uma turma... Mas, à medida que o tempo vai passando, eles vão se soltando... Eles vão para a escola, conhecem a realidade e podem trazer questões para serem discutidas conosco em sala de aula... Isso facilita um pouco esse processo de aprendizado. Mas, no início, as dificuldades são constantes... Acho que são dificuldades gerais dos cursos de licenciatura, né? A dificuldade da falta de prática, a timidez de encarar uma turma... Coisas que são amenizadas com o tempo, no processo de aprendizagem...

Voltando a falar sobre o meu trabalho... Além das coisas de que eu já falei, há também a participação nas câmaras de curso... No início, eu participei de algumas câmaras de curso, por exemplo: Gestão e Empreendedorismo, Turismo, Gestão Ambiental, Técnico em Orientação Comunitária... Depois eu fiquei só no TOC<sup>354</sup> e aí veio a Licenciatura em Ciências... Com o tempo, eu comecei a focar a minha atenção na Licenciatura em Ciências e fiquei só na Câmara desse curso... No início nós pensamos que seria possível trabalhar em duas câmaras, mas, depois, nós percebemos que era difícil dar conta de participar de duas câmaras... O problema não é dar aula em dois cursos, o problema é trabalhar em duas câmaras com a mesma efetividade e a mesma qualidade... A demanda é grande! E, em função da melhoria da qualidade do trabalho, eu acabei focando em uma Câmara só, e hoje eu participo apenas da Câmara de Licenciatura em Ciências...

Eu acho que as câmaras são um espaço muito interessante... E elas também têm suas etapas de desenvolvimento. Na fase inicial, os professores estão se conhecendo, estão construindo o curso... É uma fase de muito envolvimento! É uma fase de muitas atividades, em que as pessoas ajudam a construir o curso... No início, os cursos não tinham currículos prontos... Nós fomos construindo os currículos na caminhada. E havia uma grande dificuldade nisso, porque os estudantes queriam ver a grade pronta, eles queriam visualizar a grade pronta do primeiro ao último ano do curso... E nós não tínhamos isso! Então, esse início foi um período de muita interatividade e de muita união. Mas o tempo vai passando e começam a aparecer os primeiros conflitos... O que é comum, né? Eu acho interessante porque é a partir dos conflitos que as pessoas se desenvolvem... Os conflitos aparecem e chega um momento em que os conflitos vão ficando muito fortes e a Câmara tem que se renovar... Eu acho que isso sempre vai acontecer...

---

<sup>354</sup> Técnico em Orientação Comunitária.

Eu passei por esse processo em várias câmaras. Agora nós estamos passando por esse processo de conflito na Câmara da Licenciatura em Ciências, e aí as coisas precisam se renovar em função desse processo...

E as câmaras proporcionam muitos aprendizados! Eu sempre ouvi mais do que falei nas câmaras, em função de eu não ser da área de Educação... Eu aprendi muito ouvindo sobre as questões da Educação nas câmaras... Eu acho que a participação nas câmaras é um espaço muito rico. E esse espaço sempre foi aberto para os estudantes e para quem quisesse participar. O uso da fala é livre o tempo todo... Você sempre pode pautar os temas que você quer discutir, basta avisar antes a coordenação... Então, a Câmara é também um espaço de interatividade...

No início as nossas reuniões da Câmara de Ciências eram semanais, duas horas semanais de reunião. Agora já não tem essa periodicidade. As reuniões estão acontecendo em função das demandas... Eu ainda acho que as reuniões poderiam ser quinzenais... Então, veja, enquanto lá atrás a gente discutia mais as questões pedagógicas nas reuniões, hoje a gente está discutindo menos. Acabou perdendo um pouco, sabe? Essa é uma crítica que eu faço: enquanto antes a gente discutia mais o pedagógico, agora a gente discute quase nada...

Por exemplo, as discussões sobre o Projeto Pedagógico do Curso de Ciências aconteceram na Câmara e no Conselho... A elaboração do PPC<sup>355</sup>, na verdade, foi um processo com discussão e ação, porque no início do curso a equipe não estava formada e não havia um currículo inicial... Nós fomos construindo o curso sem ter uma base curricular... Era assim: o professor de Química trabalhava Química, o professor de Física lecionava Física... E os professores iam trabalhando os conteúdos. A partir do segundo ou terceiro ano nós sentamos para fazer uma proposta, para teorizar uma proposta que pudesse conciliar o PPP do Setor, a metodologia por projetos e as demandas burocráticas que nos pressionavam para a aprovação oficial do curso. Então, nós tivemos que escrever o projeto e, para aprovar esse projeto, nós sabíamos que, mesmo trabalhando de modo diferente, nós teríamos que nos encaixar em uma proposta padrão com os números de horas de cada atividade... Isso foi requisitado pela PROGRAD<sup>356</sup>... Então, escrevemos o projeto tentando adaptar a metodologia de projetos à burocracia da PROGRAD. Recentemente nós fizemos uma revisão curricular e mudamos algumas coisas no

---

<sup>355</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

<sup>356</sup> Pró-Reitoria de Graduação.



PPC... Esse projeto ainda está em fase de avaliação para ser aprovado e atende, mais uma vez, a demanda da burocracia...

Falando em burocracia... No início o Conselho aqui do Setor era totalmente diferente dos conselhos da maioria das universidades... O nosso Conselho se reunia semanalmente e nós tínhamos quatro horas de reunião... Quatro horas de reunião toda semana! Essas reuniões envolviam todos os cursos... E todos os professores e todos os alunos podiam participar... A comunidade também podia participar. Todos podiam falar! E todos podiam ajudar a decidir as questões em pauta... Nos primeiros anos o Conselho foi assim... Nós chamávamos de *Conselhão*... Esse nome foi dado por críticos ao Conselho, mas o nome acabou pegando porque foi um nome bom, né? Conselhão!...

E nessas reuniões os temas eram decididos coletivamente... Em alguns momentos pode ter havido um pouco de centralização das tomadas de decisão, mas na maioria das vezes, as questões eram decididas coletivamente... O espaço do Conselho era para isso. Mas aí veio o Regimento do Setor e o Conselho passou a ser definido por representantes... O Conselho acabou se transformando em uma coisa burocrática... Agora as decisões não passam pelas discussões coletivas, agora são os pareceres dos conselheiros que decidem – como acontece nas outras universidades. Eu considero isso um retrocesso! E isso aconteceu por uma questão política... Havia a pressão externa da Instituição para que nós construíssemos o Regimento – eu também achava isso importante... Mas nós achávamos que quanto mais a gente segurasse a elaboração do Regimento, menos engessado ele seria... No entanto, ele acabou sendo construído como o resultado de um processo de conflito muito grande que nós tivemos aqui e ele acabou seguindo a receita do Regimento da UFPR... E assim o Conselhão se transformou nesse espaço burocrático em que não se discutem questões pedagógicas... E a periodicidade das reuniões também mudou: antes nós nos reuníamos semanalmente, depois as reuniões passaram a ser quinzenais, depois mensais e agora o Conselho é convocado... Ou seja, ele não tem mais um espaço fixo...

Eu acho que essa foi uma grande mudança: o Conselho passou a funcionar com representatividade, como consequência do Regimento... E isso porque a política interna não deu conta de construir um Regimento diferenciado... Eu acho que isso prejudicou o projeto como um todo... Eu deixei de frequentar o Conselho... Antes disso eu sempre participava... Enquanto o Conselho era um espaço coletivo,

eu faltei em poucas reuniões do Conselho... Eu era um cara que sempre participava das reuniões do Conselho. Faltei em uma ou outra reunião por questões de doença ou de viagens... Mas, a partir do momento que mudou o modo de funcionamento do Conselho, eu nunca mais participei...

Eu falei que houve prejuízos com essa mudança, né? Vou explicar porque penso isso... O nosso PPP preconiza a interação entre os cursos. Enquanto lá atrás havia muita interação entre os cursos, porque todo mundo participava das reuniões de Conselho, agora quase não se tem essa interação... Os cursos quase não conversam... Cada curso tem a sua Câmara, tem o seu representante e esse representante vai ao Conselho e faz as discussões burocráticas... Então, não há uma interação entre os cursos... Quando as reuniões do Conselho eram semanais, havia espaço para relatos sobre o que acontecia em cada curso... E, assim, todo mundo ficava sabendo das atividades dos outros cursos. Hoje não existe isso! Hoje você não sabe o que está acontecendo em outros cursos... Só sabe o que está acontecendo nos cursos em que você atua... Essa mudança compartimentou... Eu não sei se isso é um processo orgânico da Universidade, se é uma coisa natural... Mas penso que perdemos com isso... Então, se eu pudesse mudar alguma coisa aqui na UFPR Litoral, talvez eu institucionalizasse espaços de discussão coletiva sobre os PA, sobre as ICH, sobre os próprios FTP... Eu gostaria que existissem reuniões de professores e estudantes para discutir essas coisas...

E pensando agora em mudanças na região... Antes da vinda da Universidade para Matinhos, no inverno isso aqui era deserto... Você não via pessoas na rua! Você andava pelo calçadão e não via ninguém, ninguém, ninguém... Com a vinda da Universidade, conseqüentemente, mais pessoas vieram morar aqui... A grande maioria dos servidores era de outras cidades... Então, com a vinda dessas pessoas, movimentou o comércio. Hoje há mais restaurantes, há mais estabelecimentos comerciais. A dinâmica do lugar acelerou. Houve um processo de aceleração... Hoje a cidade é mais dinâmica...

E tem algumas mudanças menos perceptíveis... A Universidade trouxe as discussões dos temas locais, regionais... Os estudantes trouxeram isso. Hoje a população está mais conectada com o que acontece na região, com o que acontece na política... Mas apenas quem mora aqui percebe isso... E esses movimentos não são influência só dos professores, mas também dos estudantes que vieram morar aqui... Na relação com a comunidade eles trouxeram à tona algumas problemáticas

locais, questões políticas, sociais e econômicas. E, como são muitos projetos desenvolvidos, nas comunidades e nas escolas, percebe-se uma mudança de mentalidade dos estudantes e, conseqüentemente, nas famílias... Isso não é tão perceptível, você vê isso quando conversa com as pessoas...

Então, eu acho que alguns resultados do trabalho da UFPR Litoral estão começando a aparecer agora... A construção de uma sociedade transformadora e que tenha possibilidade de transformar a situação local é um processo bem lento, é um processo de longo prazo... A própria mudança da forma de ser da universidade é uma batalha gigantesca, que nós temos aqui com a própria UFPR... Nós estamos sempre no limite das transformações – do que pode e do que não pode... Nós estamos na vanguarda das transformações... Isso é muito importante, né? Algumas pessoas não se dão conta disso! Elas não se dão conta dessa possibilidade de uma nova universidade... Como vai ser a universidade no futuro? Acho que nós estamos tentando construir esse caminho... Um dos objetivos da UFPR Litoral é esse: trabalhar essa transformação, envolver mais a população, trazer mais democracia para a Universidade... Talvez, hoje, a instituição que mais concentre poder seja a universidade: as decisões são tomadas a partir de núcleos, de pequenos grupos, de conselhos... Há pouca democracia nas decisões! Eu acho que a nossa pequena luta aqui pode trazer, no futuro, alguma boa mudança no sentido de aumentar a democracia na universidade...

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 9 – RODRIGO

Nome completo do colaborador: Rodrigo Arantes Reis

Data e local de nascimento: 23 de setembro de 1977, São Paulo (SP)

Data da entrevista: 22 de outubro de 2014

Eu fiz a minha formação básica no Colégio Nossa Senhora de Sion, em Curitiba. Em mil novecentos e noventa e cinco eu entrei no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Paraná. Terminei a graduação em mil novecentos e noventa e nove e em dois mil eu entrei no mestrado em Ciências, na área de Bioquímica, na UFPR<sup>357</sup>... E em dois mil e um eu entrei no doutorado em Bioquímica, também na UFPR. Defendi o doutorado em dois mil e cinco e comecei a trabalhar na UFPR Litoral<sup>358</sup> em março de dois mil e seis... E eu não pensava em ser professor... Eu pensava em ser pesquisador! Eu tinha um forte vínculo com a pesquisa, mesmo na graduação. Eu sempre tive bolsa de Iniciação Científica e sempre trabalhei em Laboratório de Pesquisa... Então, eu pensava em trabalhar no Ensino Superior, mas o foco era ser pesquisador da Universidade... Ser professor seria uma consequência do meu trabalho como pesquisador.

Quando eu terminei o meu doutorado, abriu um concurso para Bioquímica, na UFPR – em Curitiba –, e abriu também concurso na UFPR Litoral... Eu sofri muita pressão do meu orientador para fazer o concurso na Bioquímica – para continuar trabalhando lá, com pesquisa e tal... Mas eu vivenciei algumas coisas que me fizeram pensar... Eu gostava muito do que eu fazia, enquanto pesquisador do doutorado... Mas quando eu fiz o doutorado sanduíche, na Áustria<sup>359</sup>, eu tive a primeira percepção que o mundo é maior do que o Departamento de Bioquímica da UFPR... Quando eu voltei da Áustria, no final de dois mil e quatro, eu falei: “Acho que eu vou fazer alguma coisa no *mundo* e não aqui!”. Escolhi isso naquele momento... O Laboratório em que eu trabalhava era um laboratório muito grande, com muitas fontes de recursos. É um laboratório bem respeitado... E o meu

---

<sup>357</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>358</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>359</sup> Doutorado sanduíche na Karl-Franzens-University Graz.

orientador era Pesquisador 1A<sup>360</sup> do CNPq<sup>361</sup> – ainda é! E eu gosto muito dele! Não era essa a questão... Mas eu optei, naquele momento, por fazer uma carreira em uma universidade onde eu pudesse ser *a cabeça do rato* ao invés de ser *o rabo do leão*, sabe? Eu queria trabalhar em um lugar em que eu pudesse caminhar com o meu projeto de pesquisa, com as minhas coisas... Mesmo que eu não soubesse ainda o que eu ia fazer! Mas eu sabia que eu queria fazer alguma coisa que fosse... MINHA! Eu não queria continuar uma pesquisa que tivesse sido construída pelos outros... Por isso, eu optei pelo concurso da UFPR Litoral...

Fiz dois concursos aqui: um concurso para professor assistente e um concurso para professor adjunto. Foram concursos bastante concorridos! O concurso para assistente tinha uns cento e vinte inscritos e uns sessenta vieram fazer... Tinha uma vaga e eu fiquei em segundo lugar. Na outra semana teve o concurso para adjunto, que tinha uns cinquenta inscritos e uns trinta vieram fazer... Tinha duas vagas e eu fiquei em primeiro lugar. O concurso foi muito estressante, porque a banca perguntou algumas coisas que eu não pensei que ela fosse perguntar... Uma das perguntas foi: “Você vai vir para cá?”... Imagina: eu sou novo, quando fiz o concurso eu tinha vinte e oito anos... Eles falaram assim: “Você vai vir para cá mesmo? Aqui não tem *shopping*, aqui não tem nada para fazer, aqui não tem cinema... Você vai vir para cá mesmo ou daqui a pouco você vai pedir transferência para Curitiba?”... Como eu tinha construído a minha história acadêmica em Curitiba, acho que eles tinham medo que eu entrasse aqui e pedisse transferência para Curitiba... Mas eles não sabiam da minha caminhada, eles não sabiam que eu não quis fazer o concurso lá... Eu percebi isso na banca... No primeiro concurso isso foi muito impactante. No segundo concurso eu já sabia o que responder, daí ficou mais fácil. Mas, no primeiro concurso, isso foi muito... Nossa! Isso foi muito forte! Eu estava indo muito bem no primeiro concurso... Mas a entrevista foi muito pesada... Depois a gente ficou sabendo que eles estavam buscando pessoas que conseguissem se desenvolver em diferentes áreas. Eu não sei como eu passei esse perfil, porque eu tinha uma formação muito *quadrada*, de um projeto, de um grupo de pesquisa, trabalhei em um laboratório por dez anos... Não sei se eles identificaram esse perfil na minha fala... Não sei!...

---

<sup>360</sup> Pesquisador que mostra excelência continuada na produção científica no Brasil e na formação de recursos humanos. Além disso, lidera grupo de pesquisa consolidado.

<sup>361</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

E o início do meu trabalho aqui foi uma desconstrução! Em dezembro de dois mil e cinco, antes ainda de assumir o concurso, eu participei de alguns processos de formação com o professor Valdo<sup>362</sup>, com a professora Mabel<sup>363</sup> e com a professora Léa<sup>364</sup>... Um pouco mais para a frente vieram também o Marcos Masetto<sup>365</sup> e o Celso Vasconcellos<sup>366</sup>... E o processo era de desconstrução daquilo que a gente conhecia como Ensino Superior... Então, foi meio impactante. Entrar aqui e começar a ouvir falar de Paulo Freire<sup>367</sup>... Eu sou licenciado, mas... Eu olhava e pensava: “O que eu tô fazendo aqui? Olha onde eu tô me enfiando!”... Eu sempre fui *quadrado*... Tem um colega que entrou aqui nesse mesmo concurso e que tem uma formação parecida com a minha... A gente falava assim: “Cara! O que a gente tá fazendo aqui?”... E assim: “Tá legal... Muitas coisas que eles falam têm sentido, mas é totalmente diferente.”... Lembro que a minha fala de apresentação foi engraçada, eu falei assim: “Eu sou o Rodrigo. Eu fiz mestrado e doutorado, tenho foco de pesquisa...”. Acho que de cada três palavras que falei, uma era *pesquisa*. E para começar a fazer pesquisa aqui demorou uns cinco anos... Mas eu gostei da fala deles, eu gostei do processo... Acho que eu me abri a esse processo de desconstrução daquele Ensino Superior que eu conhecia... E isso foi bacana. Foi bom! Acho que isso ajudou bastante na minha trajetória...

E eu não tive muita pressa de achar um *chão*, um espaço para chamar de meu... Eu não tive pressa. Na proposta de *Conhecer e Compreender*, eu falei: “Beleza! Vamos conhecer, vamos compreender.”... Esse tempo demorou uns três ou quatro anos. Nesses primeiros anos eu fiz de tudo... Menos pesquisa! Fiz tudo o que ainda não tinha feito: fui representante do CEPE<sup>368</sup>, fui representante do Conselho Universitário, fui representante de município... Nossa! Eu fiz muita coisa na Universidade. Depois, falei: “Achei meu caminho, então vou por aí.”...

---

<sup>362</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>363</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>364</sup> Léa das Graças Camargos Anastasiou. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora aposentada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>365</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>366</sup> Celso dos Santos Vasconcellos. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor responsável pelo Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

<sup>367</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Professor brasileiro.

<sup>368</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Acho que a minha maior dificuldade, no início do trabalho aqui, era entender o que eles estavam falando... Por exemplo: “Qual é o tipo de formação que a gente pretende? O que a gente faz não dá conta mesmo?”... Essa quebra dos meus paradigmas foi a maior dificuldade... Mas eu me coloquei à disposição... Eu nunca tive problema do tipo: “Não tem estrutura. Não tem prédio. Não tem nada.”... Eu vejo que eu ajudei a construir tudo o que tem aqui: ajudei a construir o Projeto Político Pedagógico, ajudei a construir a estrutura de laboratório... A única coisa que não fiz foi botar o tijolo nos prédios, porque no resto todo do processo eu me considero parte da construção – não só intelectual, mas prática também. Eu vejo dessa maneira... E essa construção me reconstruiu também... Então, eu não tive grandes dificuldades. No começo a carga de trabalho era muito intensa! Eu vim para cá com a minha noiva, na época. Ainda não tinha filho... Não tinha questão de horário... Então ficava tudo mais fácil.

E as formações que tivemos aqui me ajudaram a entender o processo... Acho que ainda tem muita crítica aos espaços de formação que a gente tem aqui. Mas nós conversamos com pessoas que são muito boas e que trouxeram esclarecimentos – pelo menos para mim... Eu ouvia essas pessoas e pensava: “Nossa! Não é que é verdade isso?!”... Conversar com o Celso Vasconcellos foi bem legal. Conversar com a Mabel... Conversar com o Masetto... Essas pessoas trouxeram conteúdos teóricos que foram importantes para a nossa formação. Além disso, eu sempre falo muito na pessoa do Valdo... O Valdo foi muito importante na minha formação enquanto docente! Eu fiz licenciatura, mas eu aprendi a ser professor aqui... Embora os espaços coletivos sejam maçantes, eles são importantes. Pense... Para quem vem de uma área técnica, sentar em uma sala de reuniões com pessoas da área de Educação – filósofos, sociólogos – era uma coisa assim: “Meu Deus do céu! Esses caras falam pra caramba!”... Mas isso ajudou!... Entende? Isso ajudou a entender os processos e o que era e o que não era. Isso foi muito intenso no começo. Muito intenso! Nossa! Tinha reunião todo dia... A reunião durava a tarde inteira... Mas era bom! Depois o processo foi mudando, porque algumas questões pessoais foram envolvidas e daí começou a dar problema... Mas, no começo, a gente teve bastante formação... O grupo era muito interessante! O grupo se ajudava... Lógico, com todas as vaidades, os embates e os conflitos que têm dentro da Universidade... Mas o grupo se ajudava...

Hoje eu vejo a UFPR Litoral como um projeto educacional de desenvolvimento de uma região pela educação – parece meio clichê, mas eu vejo isso mesmo. E o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral é muito... Ele é bonito! É quase utópico. Mas, às vezes, a gente consegue avançar em algumas coisas e se aproxima do que o PPP<sup>369</sup> propõe. Eu acho que o que está escrito no Projeto Político Pedagógico é o que os principais autores pregam para o Ensino Superior. O duro é fazer isso funcionar na prática! Tem dificuldades de se fazer isso, mas, mesmo assim, eu acho que o que a gente consegue colocar na prática já é um ganho enorme frente ao que a gente tem em outras instituições... E é muito interessante ver estudantes, que são de uma classe econômica que nunca teve acesso à educação, estarem aqui fazendo essa discussão junto com a gente e se formando professores para atuar nas escolas da região... São pedreiros, filhos de pedreiros, pescadores... No curso de Ciências a gente formou um aluno, licenciado em Ciências, que era pescador... E agora tem outro aluno que é pescador, a mulher dele também e eles trazem a filha para a aula... Aqui acontecem coisas que são muito bacanas! Eu não conheço muito das outras expansões, eu conheço mais as universidades sede... Não sei se existe essa realidade nas outras expansões. Mas é uma realidade que a gente tem aqui... Acho que isso ajuda a desenvolver a região...

E o nosso Projeto Político Pedagógico também ajuda nisso, porque é um projeto que inclui. Por exemplo: no curso de Licenciatura em Ciências, o Cálculo poderia ser uma coisa que deixaria mais da metade dos alunos pelo caminho... Não que eles não tenham Cálculo, não que o Cálculo não seja importante... Mas o Cálculo tem que ser trabalhado de uma maneira que os alunos deem conta. Então, a gente não exclui o aluno de antemão... Eu acho que aqui existem diferentes processos e tentativas de incluir os alunos e de buscá-los quando eles ficam para trás... Eu gosto muito dos três espaços curriculares que temos aqui – *Fundamentos Teórico-Práticos*; *Interações Culturais e Humanísticas*; e *Projetos de Aprendizagem*. No entanto, vejo algumas dificuldades na articulação desses três espaços... E acho que a dificuldade da articulação é mais dos docentes do que dos estudantes, porque o estudante vai fazendo a sua caminhada e vai vivenciando os três espaços, e nem todos os docentes vivenciam esses três espaços. E como nem todos os docentes

---

<sup>369</sup> Projeto Político Pedagógico.



vivenciam esses espaços, fica difícil fazer as articulações, principalmente, dos FTP<sup>370</sup> com ICH<sup>371</sup> e com PA<sup>372</sup>.

Acho que os FTP fazem muito sentido para todos os docentes, porque os FTP são quase o que tem nas outras universidades... No curso de Ciências não, no curso de Ciências é diferente. Mas, em vários cursos aqui do Setor<sup>373</sup>, a gente vê os FTP organizados em uma estrutura modular, que é quase uma disciplina, onde o professor tem a sua autonomia e trabalha sozinho na maioria das vezes. Essa é a realidade hoje. Antes a gente fazia mais entradas simultâneas de docentes nas turmas. Hoje isso... Nossa! Acho que só Ciências e o TOC<sup>374</sup> fazem isso... Por outras questões, né? Carga de trabalho, disponibilidade e tal...

Eu já trabalhei FTP em diversos cursos. Já atuei na Fisioterapia, na Gestão Ambiental, na Agroecologia, nas Ciências... Ano passado eu trabalhei um módulo na Gestão Pública – embora não tenha nada a ver com Bioquímica... Eles me chamaram na Gestão Pública para dar um módulo sobre captação de recursos, porque eu coordeno muitos projetos e consigo fazer uma captação boa de recursos... Eu não tenho conhecimento teórico sobre isso, mas tenho conhecimento prático. Então, fui lá falar sobre isso e nós construímos projetos para captação de recursos... Pô! Tenho vários exemplos de FTP bacanas!

Na Licenciatura em Ciências a gente tenta trabalhar com projetos na maioria dos FTP... Em geral, um professor fica dois semestres seguidos com uma turma de Ciências. Eu sempre tento trabalhar com uma metodologia de ensino que os alunos possam reproduzir em sala de aula... Então eu trabalho por projetos e gosto de trabalhar com situações por problemas... E eu percebo que quando eu trabalho primeiro por projetos e depois por problemas, em geral, os alunos não gostam do trabalho por projetos. Acho que eles têm muita dificuldade de pesquisar e buscar o conteúdo, de construir, de andar sozinhos – que é um pouco do que a metodologia por projetos pede. Quando eu trabalho primeiro por problema, por estudo de caso, eles terminam sempre bravos comigo porque é muito trabalhoso, mas eu vejo sempre um retorno positivo deles, porque eles aprendem a estudar... Então, eu acho que a metodologia de estudo de caso, que é um pouco mais orientada, ajuda o cara

---

<sup>370</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

<sup>371</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

<sup>372</sup> Projetos de Aprendizagem.

<sup>373</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>374</sup> Tecnólogo em Orientação Comunitária.

a aprender a estudar. E depois que eles aprendem a estudar fica mais fácil trabalhar com metodologia de projetos, porque eles já sabem teorizar e buscar aquilo que precisam. Não sei se trabalhar diretamente com projetos é uma dificuldade minha – de não conseguir motivá-los para que eles façam a construção que a metodologia exige... Mas sei que tem sido regra: sempre que trabalho primeiro por situações-problema, o trabalho por projetos vai melhor... Às vezes, eu falo: “Vamos trabalhar por projeto.”; daí, no decorrer do semestre, eu vejo: “Putz! Não foi!”... Acho que tem a dificuldade de ir até o conteúdo teórico, de sistematizar e de estruturar na forma que o projeto exige. Eu vejo essa dificuldade...

Teve um semestre de projeto em que a gente tinha trabalhado por estudo de caso antes, que foi muito bom... Nós trabalhamos com a contextualização da região, trabalhamos com mapas... Tinha acontecido um monte de enchentes na época e alguém falou: “Professor, a gente quer saber: por que alaga tanto aqui em Matinhos?”... E daí a proposta era desenvolver todo o processo na área de Ciências Ambientais... E nós decidimos: “Vamos trabalhar com mapas.”... Então, a primeira coisa que a gente fez foi pegar um mapa enorme de Matinhos – eu vi essa metodologia em algum artigo, não lembro onde... Enfim, eles pegaram o mapa da região e nós trabalhamos com cartas temáticas, que seriam os *layers* no geoprocessamento... Cada grupo fez uma carta temática: vegetação, geologia, hidrologia, urbanização... Eram cinco ou seis grupos e cada um fez uma carta. E eles tinham que explicar a carta temática com um texto teórico. Esses mapas que eles fizeram eram em papel vegetal... Daí a gente fez assim: cada grupo tinha que fazer a sobreposição do seu mapa com outro mapa da turma e, dessa sobreposição, eles tinham que apresentar algumas conclusões. No final, a gente fez a sobreposição de todos os mapas... Depois disso, eles tinham que responder: “Por que Matinhos alaga?”... Eles conseguiram chegar a uma série de conclusões, que vão desde a questão geológica, do lençol freático que é alto, das áreas de construção que foram feitas em áreas de preservação permanente, da concentração de pluviosidade que a gente tem aqui... Eles construíram uma série de conclusões... Eu achei que foi um trabalho muito rico. Foi uma experiência muito legal...

Ah! Quero contar uma coisa que aconteceu no curso de Gestão Pública... Geralmente, quando entro na turma, eu construo com eles um contrato didático: “O que a gente vai fazer? Como vai ser a avaliação?”... Eu construo com eles os critérios de avaliação... “A frequência conta para a avaliação ou não conta?”... Eles

ficam loucos! Eles dizem: “Como você pergunta isso, professor?”... E eu respondo: “Ué! Nós estamos fazendo um acerto. Se a gente cumprir o que a gente acertar aqui, então será justo. Eu vou cobrar vocês a partir do que a gente acertar aqui. Se vocês falarem que não precisa vir para a aula... Beleza!”... Então, eu estabeleço mais ou menos essa relação. O pessoal das Ciências é acostumado com isso, porque todos os professores trabalham nesse processo. E eu fui fazer isso na Gestão Pública... Nossa! Os alunos quase brigaram na sala! Acho que eles nunca tiveram alguém que perguntasse: “Como vocês querem ser avaliados? Como vocês acham que seria justa a avaliação? Como vai ser o horário de tolerância?”... Eu acho que eles nunca tiveram isso! E, veja, isso acontece em um curso aqui no Setor!... Enfim, deu um embate... Eles ficaram bravos, porque quem mais exigia era quem menos vinha para a aula... Eles quase brigaram! E eu falei: “Gente, nós estamos construindo, calma!”. Mas, no final das contas, foi bom. Funcionou!

E com essa turma eu trabalhei por projetos – que eles também não estavam acostumados. Eles têm uma coisa muito mais da teoria do que da prática. E eu ia trabalhar editais com essa turma... O primeiro processo foi fazer fichamento de editais vigentes naquele ano – poderiam ser editais fechados, mas que tivessem sido abertos naquele ano. Eram, pelo menos, três editais por grupo. E podiam ser editais quaisquer que tivessem algo a ver com a área de Gestão Pública. Eu ensinei a fichar o edital, vimos uma série de itens que o edital tem... O que é financiável? Qual o escopo? Qual o objetivo? Quem pode pleitear? Qual a elegibilidade do proponente?... E eles fizeram o fichamento... Depois fizemos a leitura dos fichamentos... E eles escolheram um edital para construir um projeto... E eles tiveram muito trabalho, porque escolheram um edital chato pra caramba, cheio de documentos e com um formulário muito fechado... Mas foi opção deles! Eles escolheram... Cada vez que alguém dizia: “Professor, esse edital...”... Eu respondia: “Vocês escolheram o edital. Eu falei para vocês pegarem outro. Vocês não quiseram... Então, vocês não podem reclamar.”... E a elaboração do projeto foi assim: as aulas eram aulas de trabalho, então a gente sentava e fazia a construção dos projetos. E teve dois momentos de apresentação, onde cada grupo apresentava o que estava fazendo e os outros debatiam e sugeriam coisas. No final do semestre eles entregaram o edital com o projeto pronto, eu fiz uma cópia para cada grupo e aí eles eram a banca avaliadora... Eles escolheram quais projetos seriam pleiteados... A gente fez assim: “Temos dez milhões de reais e nós vamos aprovar dentro desse

valor.”... O edital era de cinco milhões de reais por projeto e a gente tinha dez milhões de reais, então podia aprovar dois projetos ou aprovar três projetos com recursos menores – e se fosse aprovar com recursos menores eles tinham que definir o que seria cortado... Então, foi uma experiência bem bacana! Foi uma atividade prática e eles gostaram. Acho que gostaram... Vieram pedir para eu oferecer o módulo de novo, mas neste semestre eu não podia...

Eu fiz um processo parecido com esse em Gestão Ambiental... Lá eu trabalho o módulo de Química Ambiental... O trabalho foi assim: cada grupo tinha que propor um projeto na área de Química, daí eles avaliaram os projetos – com a mesma dinâmica das bancas – e nós executamos, na prática, o projeto que ganhou. Então, fomos para campo, fizemos as coletas e a turma inteira participava, fazia relatório... Também foi legal... Então, hoje, nos Fundamentos Teórico-Práticos, eu tento trabalhar com projetos ou com estudos de caso...

E nas Interações Culturais e Humanísticas eu já fiz de tudo também. Já mediei tudo quanto foi ICH... Mediei ICH de pôquer, ICH de esportes náuticos, ICH de problemáticas das Ciências, ICH de Ciências e Religião... Agora eu estou mediando uma atividade de ICH sobre Guaratuba, e todos os estudantes que participam dessa atividade moram em Guaratuba. Então, a gente faz o encontro lá em Guaratuba para discutir a realidade a partir da comunidade. Hoje nós estamos na fase de diagnóstico das ações e das políticas...

Teve uma atividade de ICH de Ciências e Religião que foi muito bacana... Um grupo de estudantes queria trabalhar com *evolução*... Na construção dessa atividade eu falei: “Pô! Evolução é uma disciplina, né?! Evolução é uma área de conteúdo duro... Vamos trabalhar questões mais abertas?”... E tinha um grupo que queria trabalhar com processos religiosos, não lembro quem era... Sei que eles se encontraram um dia e resolveram: “Vamos fazer junto! Vamos trabalhar criação do mundo e evolução da vida pela perspectiva das Ciências e da Religião.”... E aí foi super rico! Primeiro porque a gente conseguiu quebrar o processo do extremismo: a gente não tinha nem cientistas extremistas nem religiosos extremistas. A gente tinha curiosos que queriam saber como um e outro grupo viam alguns processos, como: milagre, criação do mundo, origem da vida, evolução, Deus... Esse processo foi muito rico, foi muito marcante. A maior dificuldade que a gente teve foi que, durante uma das atividades, eles trouxeram um teólogo... E era uma pessoa que não estava acostumada com a característica das ICH... Ele queria impor a sua vontade... E, em

alguns momentos, eu, como mediador do espaço, tive que interferir... Para mim, sempre é muito complicado quando a primeira fala da pessoa é: “Na verdade...”... Quando você fala *na verdade* significa o quê? Que as outras opiniões e os outros posicionamentos são falsos? Não é assim! Não foi fácil, mas a gente conseguiu! Foram muitos embates, mas todos foram respeitosos... E o que mais tinha era curiosidade de saber: “Como você acredita nisso? Por que isso é mais forte?”... Então, foi muito legal... Até hoje o pessoal fala: “Professor, aquela ICH foi legal.”...

Então, o espaço das ICH, para mim, é um espaço de troca que vai além da formação teórica. Ele fala dos fundamentos das interações culturais e humanísticas mesmo... Eu não vou dizer que a gente faz formação humana porque isso é uma coisa pesada... Mas eu acho que a gente propõe vivências e experiências que não aconteceriam normalmente... Por exemplo: ICH sobre Guaratuba... Vinte alunos que moram em Guaratuba: alguns deles se conheciam de vista, mas nunca tinham sentado juntos para discutir os problemas e as realidades da cidade – que é o espaço onde eles moram. Então isso, para mim, é um espaço de trocas e de vivências que auxiliam a conhecer um pouco mais do outro, a conhecer outros espaços, a conhecer outras culturas...

E o espaço dos Projetos de Aprendizagem, para mim, é um motivador... É quase o que eu desejo aprender... O que eu gosto de estudar? O que eu gosto de fazer? É um espaço que possibilita esses questionamentos... E os professores atuam auxiliando e orientando, mediando, para que os alunos consigam fazer a construção dos seus conhecimentos a partir de algo que eles desejam... Qual a dificuldade hoje no espaço dos PA? A gestão... Eu acho que a gestão dos Projetos de Aprendizagem está dispersa demais. Como a gente trabalha muito com a autonomia do aluno, não é raro o aluno ir levando, ir levando, ir levando e não se dedicar ao projeto dele. Daí quando *a água bate no pescoço*, o aluno fala: “Eu preciso fazer um Projeto de Aprendizagem!”. Mas não é essa a ideia... Isso foge da concepção dos PA... Então, acho que precisamos pensar nessa questão da gestão...

Tem um Projeto de Aprendizagem que eu considero muito marcante para mim; a relação ficou tão interessante que hoje essa é a minha linha de pesquisa... Então, a minha linha de pesquisa com poluição atmosférica surgiu em um Projeto de Aprendizagem de uma dupla de alunas... Uma menina do curso de Gestão Ambiental pediu que eu a orientasse, porque eu sou da área de Química, de Bioquímica, e ela queria trabalhar com a qualidade do ar em Paranaguá. Daí nós

começamos o processo de construção do projeto, mas eu sempre criticava essa aluna porque o projeto era muito químico. Muito químico! E aí, um dia, eu estava dando aula de Bioquímica para o curso de Fisioterapia e uma aluna veio falar comigo: “Fisioterapia é muito técnico, o curso é muito técnico... Eu não sei o que eu faço no meu PA. Eu gosto da saúde coletiva, da saúde pública.”... Eu falei: “Tem uma menina da Gestão Ambiental que está fazendo o projeto dela sobre a qualidade do ar, mas o projeto dela é muito químico. Você quer dar um viés em saúde para o projeto dela? Tipo: qualidade do ar e o impacto na população?”... Ela gostou da ideia... E as duas alunas começaram a conversar e trabalharam juntas no PA... E essa menina da Fisioterapia acabou largando o curso de Fisioterapia para fazer o curso de Saúde Coletiva... Eu acho que o PA foi determinante para ela escolher o curso que ela queria fazer... Ela mudou de curso, mas não mudou o PA... Ela continuou no projeto sobre a qualidade do ar e o impacto na saúde em Paranaguá. Hoje essa aluna está fazendo mestrado na UEL<sup>375</sup> em Saúde Coletiva... Esse foi um processo muito interessante. E tem uma fala recorrente dos alunos: “Eu continuo na Universidade por causa do meu projeto.”... Mas eu penso: “Quando eu fazia Ciências Biológicas, eu também gostava muito mais do projeto de pesquisa em que eu atuava, porque ali as coisas faziam muito mais sentido do que o curso em si.”... Então, a valorização do projeto é uma coisa que prende o estudante...

Hoje eu estou mediando um PA que é bem legal... O menino quer construir a casa dele. O Projeto de Aprendizagem dele é construir a casa dele. Mas ele quer construir uma casa alternativa. Eu falei: “Tá bom. Vamos lá! O teu projeto é esse.”... E ele está fazendo... Ele quer fazer as paredes de *superadobe*<sup>376</sup> e está vendo um jeito de coletar água de chuva... Eu falei: “Cara! Tudo o que você fizer eu quero que você teorize. Vai coletar água da chuva? Por quê? Como faz isso? Põe isso no papel.”... Agora ele está montando uma bicicleta para, de vez em quando, dar umas pedaladas para gerar luz para a casa dele... Ele quer fazer... Eu falei: “Tá bom! Quer fazer, faz... Mas explique: por que gera energia?”... Outra coisa: ele comprou alguns materiais no ferro velho, pegou umas cadeiras... E falou assim: “Professor, uma cadeira nova dessas aqui custa uns duzentos reais. Eu paguei cinquenta reais nessa aqui. Vou lixar e vou pintar...”... Eu perguntei: “Por que você vai lixar?”... Ele disse: “Porque está enferrujada.”... E eu falei: “Ótimo. Eu quero que você contextualize o

---

<sup>375</sup> Universidade Estadual de Londrina.

<sup>376</sup> Técnica de construção em que se empilham sacos de polipropileno cheios de terra argilosa.

que é ferrugem e como ela ocorre.”... Isso tem relação com a área de Ciências! Então, ele está indo nesse sentido... E está indo muito bem! Ele vem todo empolgado! E assim... Pô! O cara está construindo a casa dele! E dá para colocar um monte de conteúdo científico no projeto dele... Isso vai dar a formação dele enquanto docente... Então, isso é bacana!

Eu já falei um pouco sobre a avaliação... Mas tem mais algumas coisas para falar sobre isso... Os nossos alunos são avaliados por conceitos: Aprendizagem Plena; Aprendizagem Suficiente; Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e Aprendizagem Insuficiente. Antes existia um mecanismo de recuperação para os estudantes que ficavam com os conceitos APS<sup>377</sup> e AI<sup>378</sup>... Mas baixou uma norma e agora só quem está com APS tem direito ao PRAAE<sup>379</sup>... Então, por exemplo, eu tenho estudantes que fizeram um módulo de Ciências comigo e ficaram com APS... O projeto da turma deles era o desenvolvimento de uma ação com aquários: a gente montou três aquários... Um aquário tinha contaminação por fertilizante, outro aquário tinha contaminação por esgoto e outro aquário não tinha contaminação. A turma inteira construiu, mas, lógico, alguns alunos participaram menos – embora o projeto fosse coletivo, nós conseguimos individualizar as participações. E alguns alunos não fizeram as atividades e ficaram com APS... O que eu propus para eles? Eu pedi que eles reestruturarem o trabalho final da turma... Então, eles têm a chance de recuperar o conceito, baseada na continuidade de uma ação que eles tinham desenvolvido antes. Esse é um exemplo. Existe a possibilidade de recuperação. E como o aluno faz? Ele tem que se cadastrar no PRAAE, então ele vê o conceito dele e se cadastra no PRAAE... Isso chega ao professor e o professor propõe uma atividade de recuperação para o aluno. Cada professor decide como pode ser a atividade de recuperação do seu módulo...

E, nesse tempo que eu estou aqui, o meu modo de trabalhar em sala de aula mudou um pouco... Agora eu consigo entender um pouco mais a importância de contextualizar a realidade dos alunos. Então, por exemplo, quando tem um pescador na turma é importante saber o que ele traz de bagagem... E, com o tempo, a gente vai ficando mais experiente para lidar com os questionamentos inusitados ou inesperados... Hoje eu lido com isso de uma maneira bem mais tranquila... Quando

---

<sup>377</sup> Aprendizagem Parcialmente Suficiente.

<sup>378</sup> Aprendizagem Insuficiente.

<sup>379</sup> Programa de Reforço e Acompanhamento da Aprendizagem Estudantil.

eu cheguei aqui, eu tinha um conhecimento pequeno do litoral – não que eu saiba muito hoje... Mas eu tinha acabado de vir para cá... Hoje é mais fácil trabalhar a partir da realidade do litoral, porque agora eu conheço um pouco mais essa realidade. Hoje fica muito mais fácil a contextualização de exemplos práticos... Exemplos que fazem sentido para os alunos... Agora eu não preciso importar um exemplo de outro lugar, agora eu consigo fazer relações com aquilo que tem a ver com o dia a dia e com a realidade dos estudantes daqui. Isso faz com que eu consiga dialogar de uma maneira mais fácil com os estudantes...

Falando em diálogo... Hoje eu estou coordenando a Câmara<sup>380</sup> do curso de Ciências... E nas nossas reuniões de Câmara acontecem também discussões de questões pedagógicas e do ideal do curso – mesmo que isso, às vezes, seja menos presente. Nós não discutimos só as questões burocráticas... Volta e meia a gente discute os processos, as metodologias e as ações. Mas, cada vez mais, essas reuniões têm se burocratizado... E aí aproveito para falar sobre o nosso Conselho Setorial... Antes o Conselho era uma instância da qual todos participavam, então havia uma democracia participativa em que a pessoa ia lá para se representar. Com o tempo foi acontecendo um esvaziamento do Conselho por uma série de questões. Algumas pessoas achavam que aquilo era uma discussão sem fim, que nunca acabava... E eram reuniões longas mesmo! Muitas vezes eram reuniões densas... E algumas pessoas falavam: “Ah! Não!... Lá não decide nada. Não anda nada.”... Então, isso foi levando a um esvaziamento do Conselho... Por outro lado, na questão da política interna da Universidade, teve uma pressão para que a gente seguisse ou se alinhasse normativamente à UFPR... Então, nós fomos obrigados a fazer um alinhamento normativo dentro do que a UFPR impõe como estrutura de Conselho, que é uma estrutura de democracia representativa. Hoje o nosso Conselho é quase igual aos conselhos de Setor de todas as universidades, onde o chefe de departamento – aqui, no caso, o coordenador de Câmara – tem um espaço no Conselho e representa o seu departamento. Nesse processo, cresceu muito o papel do coordenador de Câmara. O coordenador passou a ser uma pessoa mais importante politicamente no Setor. Eu acho isso ruim – embora eu esteja atualmente como coordenador de Ciências. Antes havia diálogo no Conselho, todo mundo participava... Era uma riqueza de diversidade...

---

<sup>380</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.



Além disso, antes, no Conselho, os assuntos eram pautados enquanto temas para serem debatidos. Muitas vezes aconteciam conversas sobre determinados assuntos... Por exemplo: “Vamos discutir as ICH.”... Então, discutia as ICH e vinha a opinião de uma pessoa, vinha a opinião de outra pessoa e todo mundo podia falar... Chegava a alguma conclusão? Não!!! Mas não tem que chegar a conclusões, porque esse é o processo, a gente está construindo... Hoje isso não acontece mais. Hoje o negócio é processual: encaminha um processo, o processo tem um relator, o relator faz a leitura – como é no restante da Universidade. Então, o Conselho passou a ser uma estrutura burocratizada. Facilidades disso: para quem administra é uma beleza, né?! Fazer a gestão antes, daquela zoeira, era um caos... E isso também dá segurança para as pessoas que se viam fragilizadas... Por outro lado, o pedagógico perdeu bastante...

Hoje o espaço para troca de experiências é a Câmara... Antes tinha também o espaço do Conselho, tinha mais discussões pedagógicas... Vou citar um exemplo: hoje tem três licenciaturas aqui no Setor – *Ciências; Artes; e Linguagem e Comunicação* – e elas, praticamente, não conversam. O diálogo entre as licenciaturas é mínimo! E esses cursos têm o mesmo escopo... Mas isso não é uma regra das licenciaturas! Os cursos de Gestão também: tem quatro cursos de gestão aqui e também tem pouca troca entre eles... Hoje a autonomia está muito centralizada no curso... Hoje o porto seguro das pessoas é o curso e aí a estrutura da Câmara dá conta disso... Eu acredito que não deveria ser assim! Para mim, a estrutura do Projeto Político Pedagógico é maior do que o curso, porque curso a gente acaba um e abre outro – dependendo da demanda da região, do perfil de docentes... Então, eu vejo isso como uma dificuldade para o projeto... E acho que foi uma história administrativa que fez a gente chegar nisso que temos hoje...

Mudando o assunto... Eu acho que alguns alunos ainda têm dificuldades de vivenciar essa proposta, alguns têm dificuldade de entender os espaços... Mas antes era pior. Acho que isso aparecia um pouco na taxa de evasão... Hoje não... Acho que hoje a gente consegue fazer algumas coisas que ajudam o aluno a permanecer na Universidade. Por conta dessas questões, por exemplo, o curso de Ciências mudou a dinâmica de recepção dos estudantes no primeiro ano de curso, que passou a ser uma transição ao mundo universitário. No primeiro semestre do curso a gente trabalha a realidade do PPP da UFPR Litoral. E a gente diz para os alunos: “Não fujam! É diferente, mas é bom! Vocês vão ver!”... Acho que isso é importante...

E tem outra questão: eu acho que a fala dos alunos reflete o pensamento dos professores do curso. Hoje os alunos de Ciências, no final do curso, não acham que eles precisam de mais conteúdo. Tá... Alguns acham! Essa fala existe... Mas muitos falam assim: “A gente tem clareza que a gente tem pouco conteúdo no curso. Mas a gente sabe que nos proporcionaram instrumentos para que a gente consiga buscar conteúdo.”... Eles têm essa percepção. Mas o curso inteiro de Ciências fala isso, né?! Todos os professores falam isso! Às vezes, eu provoço falando que a gente tinha que ter mais conteúdo – embora eu nem acredite tanto nisso –, mas eu provoço para fazer a turma refletir... No entanto, em outros cursos eu vejo que os alunos acham que tem déficit de formação por conta da carga horária ser *perdida* com espaços como ICH e PA... Eu vejo essas falas como reflexo da opinião do corpo docente que trabalha com eles...

Na Licenciatura em Ciências nós tentamos trabalhar com projetos... Hoje eu estou trabalhando em um módulo com um professor de Física e uma professora de Biologia, mas ela está trabalhando na área de Educação com os meninos... São três professores diferentes trabalhando em um módulo, cada um abordando um aspecto e trabalhando juntos... Nós vamos lançar um conceito único e estamos abordando as questões de uma maneira interdisciplinar. Isso é diferente! O Projeto Político Pedagógico daqui é muito diferente... Nas Ciências nós tentamos integrar o processo da Educação com as ciências duras... E isso, algumas vezes, faz com que os alunos evadam... Alguns alunos dizem: “Pô! Esse curso é quase uma pedagogia. Quase não tem Ciências.”... Na verdade tem... Mas eles precisam perceber onde está o conteúdo de Ciências e isso demora um pouco... Por isso, o primeiro ano do curso é um período de cuidado, para explicar e para mostrar como os conteúdos serão abordados.

E, por enquanto, os alunos de Ciências têm a liberdade de escolher a sequência dos módulos do curso<sup>381</sup>... São oito módulos e a cada semestre os alunos escolhem um módulo, sendo que durante o curso eles têm que dar conta de todos

---

<sup>381</sup> As temáticas previstas para os quatro anos do curso de Licenciatura em Ciências, no primeiro PPC, eram: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação (esses temas são trabalhados no primeiro semestre para que os alunos se aproximem da proposta pedagógica do Setor); Ciências da Natureza e Educação (mais o módulo de Libras); Cenário escolar regional, ensino de Ciências e Prática de Ensino; Fundamentos básicos contextualizados da Física, Química e Biologia, cotidiano escolar e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino; Vivência de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências, saúde e qualidade de vida e Prática de Ensino; Vivências de docência e a relação Ciências, diversidade e inclusão (UFPR LITORAL, 2011).

os módulos. Essa é a dinâmica atual. Mas nós estamos mudando isso... Estamos deixando o curso estruturado: tal período tem isso, tal período tem isso<sup>382</sup>... Os alunos terão um caminho para seguir... Não vai ter essa flexibilidade que temos hoje. Sei que parece um retrocesso, mas estamos fazendo isso por conta da questão administrativa... Por exemplo: se um aluno perde um semestre, pode demorar para que ele possa fazer de novo aquele módulo, porque pode ser que as outras turmas não ofereçam esse módulo porque estão seguindo outro caminho... Então, às vezes, o cara fica dois ou três anos esperando a oferta do módulo. Essa é uma questão... São realidades que a gente vivenciou e aí... Mas a gente está tentando manter uma flexibilidade dentro da grande área, então a turma continuará podendo escolher o tema do projeto que vai trabalhar. Essa mudança é só para manter uma oferta recorrente dos módulos.

E essas discussões sobre o Projeto Pedagógico do Curso de Ciências acontecem na Câmara... Na elaboração do primeiro PPC<sup>383</sup> eu acho que ficou muito evidente que éramos um grupo heterogêneo. Hoje o grupo está mais homogêneo nas ideias... O grupo não mudou em termos de pessoas, mas acho que mudou um pouco em termos de ideias... Hoje o curso está mais pedagógico do que científico, digamos assim... Teve algumas brigas... Um falava: “A gente não pode esquecer que esse é um curso de Ciências.”... Daí outro falava: “Não. A gente não pode esquecer que esse é um curso de licenciatura.”... E alguém falou: “Não! É Licenciatura EM Ciências. A gente tem que integrar as duas coisas.”... Então, fazer esse grupo coexistir na hora de estruturar o texto foi difícil. Quem ganhou naquele momento? A pedagogia ganhou, a Educação ganhou...

Agora, na reestruturação do PPC, esses professores voltaram um pouquinho para dar mais base de Ciências para o curso, porque estava faltando... Mas isso também aconteceu por estratégia... Nós fizemos uma reforma curricular e pedimos a habilitação para o Ensino Médio. Enviamos isso para a Pró-Reitoria e, por enquanto, a resposta da Pró-Reitoria é: “Não. Ou vocês fecham o curso de Ciências e abrem o

---

<sup>382</sup> Na reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências houve alteração das temáticas previstas, que passaram a ser: Integração e Reconhecimento; Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino; Docência, diversidade e inclusão (também é trabalhado o módulo de Libras nesse semestre); Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino; Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e prática de ensino (UFPR LITORAL, 2014). A proposta é que os módulos sejam trabalhados nessa sequência.

<sup>383</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

curso de Ciências Naturais... Ou não! Vocês não podem.”... E a questão é: “Que diferença tem *Ciências* e *Ciências Naturais*?”... Todo o texto do nosso Projeto Pedagógico do Curso, aprovado, fala de Ciências Naturais... Só o nome é Ciências... Agora, porque a gente quer colocar uma habilitação, a Pró-Reitoria não quer aprovar. Mas enfim... Para tentar habilitar para o Ensino Médio foi preciso alterar algumas coisas... Por exemplo: para ter direito à habilitação é preciso ter descritas cento e vinte horas em cada área. Então, agora, estão escritas cento e vinte horas de Física, de Química e de Biologia para que a gente possa habilitar os alunos para o Ensino Médio... Isso ainda não foi aprovado... No primeiro PPC isso não aparece... Nessa readequação aparece, mas nós tomamos cuidado para deixar apenas nuances. Mas já tem escrito lá: eletrônica, evolução... Então, agora, a gente deixa isso um pouco mais claro nas ementas... Fizemos isso, primeiro, por estratégia, para tentar habilitar para o Ensino Médio e, segundo, porque realmente achamos que os alunos têm que ter uma base de conteúdos para caminhar com tranquilidade nessas áreas. Eu acho que é muito mais fácil o aluno ter uma flexibilidade didática, pedagógica, quando ele domina um assunto do que quando ele não domina. Oferecer uma base para que ele domine minimamente um assunto vai ajudar ele a fazer todas as estripulias pedagógicas possíveis – com projetos, estudos de caso, contextualização com a realidade... Essa é a minha opinião! Eu não vou dizer que essa é a opinião do grupo de professores do curso... Mas eu acho que as questões pedagógicas ficam mais fáceis se o aluno tem um conhecimento prévio do conteúdo. Lógico que isso não vai pautar a formação dele, mas vai dar a base para que o aluno consiga desenvolver esse conhecimento em sala de aula, com os seus alunos, com certa flexibilidade.

Além dessas coisas, nós estamos em um momento em que precisamos discutir o estágio supervisionado... O estágio é um problema! Hoje nós temos cinco estágios na Licenciatura em Ciências... Na nova proposta serão quatro estágios – o aluno vai ficar dois semestres em estágio, parar um, e depois fazer mais dois semestres de estágio. O primeiro estágio é observação, já no segundo semestre do curso... E a partir do segundo semestre de estágio ele começa a ter uma interação maior, com monitoria e depois tem regência. Eu não acho que o estágio esteja ruim no papel... A idealização do nosso estágio não é ruim... Mas, na prática, ele não está acontecendo assim cem por cento das vezes... Por quê? Como a gente faz a gestão disso? É isso que a gente vai tentar mudar... Isso dá briga na reunião! Qual é a

dificuldade? É assim: tem o módulo de estágio com um professor responsável pelo estágio, então ele trabalha a questão do estágio com os alunos; mas não é ele o orientador de estágio! Os orientadores são os outros professores... E quem é o professor supervisor? É o professor da escola... Por que é assim? É assim para que todo mundo participe, para que todo mundo oriente estágio... O que isso traz de dificuldades? Primeiro: o orientador não conversa com o cara que é responsável pelo módulo de estágio. E aí não tem troca... E o aluno interpreta uma coisa e na hora que transfere a informação sai daquele jeito... E aí é aquela coisa: *cachorro que tem dois donos morre de fome*... Então, nós estamos estudando uma proposta para discutir na Câmara... E a proposta é a seguinte: que a pessoa que assume a gestão do módulo assuma também como orientador de estágio daquela turma inteira. Para o docente isso é ruim. É uma sobrecarga de trabalho grande e isso volta pouco em carga horária para o docente, porque como ele vai orientar uns trinta alunos com uma supervisão semidireta, isso conta o mínimo como carga horária efetiva para ele. Então ninguém quer assumir, né!? Mas a ideia é que todos os docentes vão ter que orientar o estágio em algum momento. Como serão quatro estágios ocorrendo simultaneamente e a gente tem mais ou menos uns dez docentes, eu acho que dá para pensar nisso. Essa é a ideia que a gente vai levar para a discussão na Câmara... Se a gente aprovar isso, todos vão participar do processo de orientação de estágio. Essa é a ideia! E se for assim, a discussão do aluno com o orientador será na turma e todos poderão trocar experiências com o professor... Hoje o processo está muito difuso... E isso estava deixando os alunos perdidos.

E ainda tem a avaliação do estágio! Quem avalia o estágio é o professor responsável pelo módulo, então, em geral, ele avalia o aluno pelo relatório de estágio e pela participação em sala. Assim, o relatório é construído com o orientador e avaliado pelo professor responsável pelo módulo de estágio... O orientador faz parte da avaliação, mas ele não lança o conceito. Entende a dificuldade? Quem dá o conceito para o aluno é o professor responsável pelo módulo do estágio – que não é o orientador de todos os alunos... Do jeito que está é fácil até de burlar o estágio, porque não tem um acompanhamento estruturado. Então a ideia é mudar um pouco o processo do estágio no nosso curso... A gente sabe que isso vai ser difícil... Tem o problema, por exemplo, do estágio cair sempre nas mãos de alguns professores... Nós não queremos isso! E por que não queremos? Porque nós não queremos ouvir o seguinte: “Eu sou professor da área técnica.”... e... “Eu sou professor da área de

Educação.”... Não queremos que fique a ideia que só os professores da área da Educação dão conta do estágio... Os professores da área da Educação dão conta de fazer a relação com o processo educacional, mas todos têm que dar conta do estágio! É isso que a gente acredita na nossa Câmara. Nós estamos em um momento de crise do estágio no nosso curso, e é uma crise do ponto de vista de operacionalização do estágio. E nós precisamos avançar nisso...

Então, veja... Em termos teóricos não houve mudanças no PPP do Setor. Mas, em termos práticos, algumas questões vão mudando com o tempo... Eu acho que, cada vez mais, a operacionalização do nosso Projeto Político Pedagógico está se aproximando de uma estrutura tradicional... Os módulos estão virando disciplinas em alguns cursos... Os Projetos de Aprendizagem estão virando TCC<sup>384</sup> em alguns cursos... A gente tem visto isso acontecer... A mudança no Conselho, consequência do Regimento, contribuiu para essas mudanças... O Conselho era a base do PPP, porque era a democracia participativa... Então, essas pequenas mudanças, que são perdidas nas batalhas políticas, vão mudando o projeto. Por outro lado, eu acho que o PPP precisa se adequar à comunidade que o executa. Então, se ele não atende a comunidade que o executa, é preciso mudar... E eu acho que a equipe está se empoderando... Parte da equipe está dizendo: “Esse projeto não é o que eu quero.”... Outra parte da equipe fala: “Se vocês não querem isso, vão embora! A gente quer esse projeto.”... Então é difícil! Entende? Às vezes, nas discussões, a gente chega nessas questões...

Eu não mudaria o PPP... Mas eu faria alguns processos de gestão mais estruturados. Hoje o acompanhamento dos Projetos de Aprendizagem está nas mãos dos orientadores... Isso, para os cursos, é problemático. Eu falo isso porque eu estou na coordenação de um curso... E eu não sei o que alguns caras estão fazendo, porque são só eles e os orientadores deles que sabem! Os orientadores dão os conceitos de oito semestres para os alunos... Mas, às vezes, eu falo com alguns orientadores e a resposta é algo do tipo: “Esse cara nem vem falar comigo. Nem sei quem é.”... Isso é complicado! Eu acho que se a gente tivesse processos de gerenciamento disso, de uma maneira mais estruturada, ia diminuir um pouco as críticas que se tem ao PPP. Falam que o PPP é muito flexível, libertário, que não se tem controle e que é uma porcaria... E a gente ouve umas coisas assim: “Esse

---

<sup>384</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

projeto não forma direito.”... Eu não acho que não forma direito... O projeto dá conta de formar... Mas tem gente que confunde autonomia e liberdade com uma flexibilização extrema – ou possibilita que seja confundido pelos estudantes como uma flexibilização extrema, onde tudo vale. Então, eu acho que a gestão dos processos é algo que precisaria estruturar...

E tem outras coisas... Por exemplo: ICH... Eu acho que tem algumas coisas que são Interações Culturais e Humanísticas e tem outras coisas que não cabem nesse espaço... Eu mesmo medieei uma atividade de ICH de pôquer... O que alguns alunos queriam? Eles queriam jogar pôquer. Eu falei: “Não. Nós vamos estudar o pôquer. Onde tem a estatística do pôquer?”... E os alunos falaram: “Não, professor! A gente quer jogar.”... Eu respondi: “Tudo bem. A gente joga meio período, toda vez. Mas, antes, a gente vai fazer um estudo sociológico e técnico do que é o pôquer. Já que vocês escolheram a temática do pôquer e me escolheram para mediar esse negócio, então vai ter que ser assim. Se não...”... Mas não é todo mundo que faz isso! Tem professor que diz: “Vocês querem jogar pôquer? Então joga! Faz a lista de frequência aí e beleza.”... Isso acontece! A gente sabe que acontece... Isso não é regra. Mas acontece... E isso faz com que a imagem do espaço seja desqualificada. Não precisaria ter essa desqualificação! A gente não precisaria ouvir, por exemplo: “Nas ICH pode tudo! Os caras vão lá até para surfar.”... Eu pergunto: “Você está querendo dizer que não pode ter ganho pedagógico e que o aluno não pode ter ganho de interação no *surf*?”... Pode ter, desde que o cara que medeie esse processo saiba fazer essa mediação. A responsabilidade do processo é do docente!

Quanto ao litoral... Olha... Eu estou aqui há oito anos... Oito anos!... E eu consigo ver algumas mudanças na região em diferentes aspectos... Quando eu comecei a trabalhar aqui, a gente brincava que quando a gente vinha para a Universidade a gente via aquelas bolas de feno rolando na rua, sabe? Porque não tinha nada aqui, não tinha absolutamente nada, ninguém andando nas ruas... Hoje não é assim. Hoje tem uma estrutura... Então, na parte de serviços, eu acho que ampliou bastante do ponto de vista econômico. Vários comércios abriram... E a exploração imobiliária é impressionante! Quando eu vim para cá eu comprei um apartamento aqui... Logo que eu cheguei eu tive condições de comprar um apartamento e, depois de quatro anos, eu vendi esse apartamento por três vezes o valor que eu paguei...

E tem outras questões que é um pouco complicado de falar porque eu não conhecia a comunidade... Mas, hoje, é muito comum encontrar alunos ou ex-alunos e perceber que eles têm um posicionamento crítico mais presente. Mas como eu não sei como era antes, eu fico em dúvida se isso mudou muito, porque antes o processo político aqui era coronelista e hoje ainda é... Hoje, o cara que manda na cidade é o dono do poder econômico e do poder político da cidade. E ele *mete a boca* na Universidade, ele detona a gente! Ele falou que os cursos que a gente tem aqui não servem para nada... Ele queria Medicina, Engenharia... Esses cursos que tem aqui só servem para formar *índio*... É sério! Ele fala isso!... Então, nesse aspecto, eu acho que ainda não teve mudança política aqui... A gente já viu uma mudança econômica, acho que a gente consegue ver alguma coisa na parte do comportamento social das pessoas... Mas politicamente não tem tanta diferença...

E eu observo algumas coisas por causa do LabMóvel... O LabMóvel é um Programa de Divulgação Científica... Ele está cadastrado como Programa de Extensão e como Projeto de Pesquisa, mas ele também atende o Pibid<sup>385</sup> e o Licenciár<sup>386</sup>... Então, ele é um grande guarda-chuva de ações de divulgação científica, de projetos de pesquisa, de extensão e de ensino. Ele teve início porque a gente verificou que tinham poucos laboratórios de Ciências nas escolas do litoral e eles quase não eram usados. Então, a ideia original do Laboratório Móvel era montar um laboratório de Ciências que fosse até as escolas para trabalhar com as escolas. Mas isso mudou um pouco conceitualmente... Hoje a ideia da mobilidade do Laboratório Móvel é o processo de ir e vir à escola construindo processos junto com as escolas... Nós temos ações com os Clubes de Ciências, com a Feira de Ciências, com a produção de materiais didáticos... Agora nós abrimos um edital do LabMóvel para receber propostas dos professores para produção de material didático. Nós vamos ver quais materiais são interessantes para produzir. Então, muito mais do que produzir um material para a escola, nós vamos ver o que a escola quer que a gente produza e vamos produzir juntos... E tem mais um monte de coisa que a gente faz. Nossa! Tem um monte de coisas! A nossa ideia é, um dia, montar um centro de divulgação científica na região...

---

<sup>385</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>386</sup> O Programa LICENCIAR congrega projetos que viabilizam a qualidade de ensino nas licenciaturas da Universidade Federal do Paraná.



E a ideia é também que esse seja um espaço de formação continuada de docentes e um espaço de interação com a comunidade... Que ele seja um espaço aberto e que tenha projetos de extensão – como o que a gente faz com as abelhas nativas, capacitando pessoas para trabalhar com as abelhas. Então, hoje, o LabMóvel é um guarda-chuva enorme! Tem tanta ação que, às vezes, nós precisamos delimitar ele nos seus projetos vinculados. E ele não é exclusivo da Licenciatura em Ciências... Dos quinze cursos do Setor, a gente tem alunos de onze cursos envolvidos com os projetos. E cada aluno atua em uma área... Na área de Ilustração Científica temos alunos de Ciências e de Artes... Na área de diagramação para produção dos materiais, temos alunos de Artes e de Informática... E, até pouco tempo, quem fazia a gestão financeira do projeto – que tem umas oito fontes de recurso – era uma aluna de Gestão Pública... Agora ela se formou... Esse trabalho dela no LabMóvel tinha a ver com a formação dela... Ela estava aprendendo a trabalhar com licitação, com compras no Setor Público, com prestação de contas... Isso fez parte da formação teórica dela, né?!

E, além dessas coisas que eu falei, eu vejo o LabMóvel como um referencial para as escolas... Eu vejo os estudantes procurando o Programa do LabMóvel... Eu vejo professores procurando o LabMóvel quando precisam de alguma coisa vinculada à área de Ciências... A Feira de Ciências entrou no calendário das escolas... Então, do ponto de vista educacional, eu acho que a gente conseguiu ganhos em alguns aspectos. Essa questão de se tornar um referencial e de estar aberto para ser esse referencial, de receber a comunidade escolar e de dar retorno às escolas, na medida do que a gente consegue, já é uma perspectiva interessante.

Para finalizar... Eu acho que a UFPR Litoral é um projeto muito caro em vários aspectos. Do ponto de vista financeiro é caro... Hoje nós temos muitas dificuldades com relação ao transporte – a gestão do transporte está sendo feita em Curitiba. Ele também é um processo caro do ponto de vista de recursos humanos, porque estimula processos interdisciplinares com mais de um professor em cada sala de aula... Eu acho que enquanto ele não for visto dessa maneira, a gente vai ficar capengando... Eu acho que hoje a gente capenga um pouco por conta das dificuldades burocráticas de estar dentro do sistema da UFPR... Então, eu acho que a gente tem três saídas: ou a Universidade acha que esse projeto não vale a pena, porque ele é caro demais e é melhor ser algo parecido com o que se tem em Curitiba; ou ela entende esse projeto e dá o investimento que ele demanda –

entendendo o projeto como uma política inovadora, experimental e de desenvolvimento de uma região e que é caro do ponto de vista financeiro, logístico e de pessoal; ou ela fala: “Não quero arcar com isso.”, e aí deixa o governo decidir se a gente vai ser uma instituição separada... Eu acho que são esses três caminhos... Hoje nós estamos no meio do primeiro e do segundo... Eles falam que é um projeto inovador, mas tentam nos enquadrar nas regras de Curitiba. E aí fica difícil... Não faz sentido a estrutura decisória ser da maneira como está o nosso Conselho hoje... Essa estrutura contraria o nosso projeto... Então, eles precisam nos aceitar... Mas, por enquanto, somos nós que temos que nos enquadrar. A minha última fala é: a gente não sabe o que vai acontecer com a UFPR Litoral, porque quem manda nisso é muito maior que a gente...

## DIÁLOGOS

Fiquei olhando o mar que não via há algum tempo e era o mesmo mar de antes, um mar que se repetia e era irrepetível.

Lygia Fagundes Telles (2009, p. 69)

Ler, enquanto estudo, é um processo difícil, até penoso, às vezes, mas sempre prazeroso também. Implica que o(a) leitor(a) se adentre na intimidade do texto para apreender sua mais profunda significação. Quanto mais fazemos este exercício disciplinadamente, vencendo todo desejo de fuga da leitura, tanto mais nos preparamos para tornar futuras leituras menos difíceis.

Paulo Freire (2011b, p. 105-106)

Depois de realizar sete entrevistas em dois dias, tive uma manhã de folga. Então, fui à praia que fica a poucos metros da UFPR Litoral. O tempo estava nublado e o mar estava calmo... Havia poucas pessoas ali. Caminhei pela praia por um bom tempo, olhando o mar. O silêncio contribuiu para que eu me distanciasse das questões de pesquisa por alguns minutos, mas, pouco depois, era hora de voltar à realidade... Era preciso revisar os roteiros e me preparar para as duas entrevistas daquele dia.

A primeira entrevista estava agendada para as quatorze horas, com o professor Luiz<sup>387</sup>. Em dois mil e treze fomos apresentados pelo professor Marcos<sup>388</sup>, mas não tivemos a oportunidade de conversar sobre a minha pesquisa. Fui para a UFPR Litoral no início da tarde, encontrei o professor Luiz em seu gabinete. Antes de começar a entrevista, falei brevemente sobre a minha pesquisa. Daí veio a primeira coincidência do dia: Luiz cursou mestrado na Unesp de Rio Claro.

Começamos a entrevista e o professor Luiz contou que é licenciado em Geografia e que trabalhou dez anos no Laboratório de Física Marinha do Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná. Ele prestou o concurso na UFPR Litoral porque sabia que o Setor Litoral tinha uma proposta diferenciada.

---

<sup>387</sup> Luiz Fernando de Carli Lautert. Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>388</sup> Marcos Aurelio Zanlorenzi. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

Nessa época, Luiz já tinha algumas críticas à universidade tradicional, pois percebia que havia pouca interação entre o seu trabalho no Laboratório e a comunidade. Enquanto isso, a UFPR Litoral trazia a possibilidade de interação com a comunidade local – o que chamou a atenção dele.

No início do seu trabalho no Setor Litoral, o professor Luiz teve a oportunidade de vivenciar os espaços da Universidade: conheceu algumas câmaras, lecionou em alguns cursos, participou de atividades dos três espaços curriculares – FTP, ICH e PA – e participou das reuniões do Conselho Setorial. Assim, aos poucos, Luiz foi conhecendo seus colegas de trabalho. Naquele período, segundo ele, sua única dificuldade foi o contato com as teorias educacionais, pois fazia certo tempo que ele não lia sobre esse assunto.

Luiz comentou também sobre a formação continuada no Setor Litoral. Ele disse que aprendeu muito com os seus colegas nas reuniões do Conselho, que era também um espaço de formação. Na entrevista, o professor Luiz registrou o seu descontentamento com a mudança no Conselho – consequência do Regimento Setorial. Quando Luiz começou a trabalhar na UFPR Litoral, as reuniões do Conselho eram semanais e todos os docentes e discentes eram convidados a participar, a discutir e a ajudar a decidir sobre as questões em pauta. Atualmente as reuniões do Conselho Setorial são convocadas e somente os conselheiros participam dela. Desse modo, perdeu-se um importante espaço de discussão – e de formação. Luiz ainda falou sobre outro prejuízo decorrente dessa mudança no Conselho: antes, nas reuniões, havia espaço para que os professores relatassem o que estava acontecendo em seus cursos; agora não há esse espaço e, então, os professores não têm informações sobre atividades desenvolvidas em cursos em que eles não atuam.

Percebi que o professor Luiz também está descontente com algumas mudanças nas reuniões de Câmara. Antes havia reuniões semanais na Câmara de Ciências, e atualmente as reuniões estão acontecendo apenas em função das demandas do curso. Além disso, antes havia mais discussões pedagógicas nesse espaço, hoje os assuntos são mais burocráticos. O professor Luiz lembrou o período de elaboração do primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências, um período de muitas discussões. O curso já estava funcionando, mas o seu PPC ainda não existia. Esse documento foi elaborado na Câmara, a partir das discussões sobre o que estava acontecendo no curso. Luiz comentou que, no início,

se trabalhava com disciplinas no curso de Ciências; depois, a partir das discussões na Câmara, os professores optaram pela indicação de grandes temas no PPC e pelo trabalho com projetos – eliminando, assim, as disciplinas.

Outro assunto comentado pelo Luiz diz respeito aos diferenciais do curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral. Um dos pontos destacados foi a integração entre os conteúdos específicos e os conteúdos pedagógicos, trabalhados nos Fundamentos Teórico-Práticos. Outro diferencial é o estágio: os alunos iniciam seus estágios no segundo semestre do curso e, assim, têm a oportunidade de discutir suas vivências com os professores e colegas de curso no espaço dos FTP ao longo do curso. Além disso, o currículo dos alunos é construído coletivamente em sala de aula – a partir dos temas indicados no PPC.

O professor Luiz também falou sobre o seu trabalho nos espaços curriculares. Sobre isso, me chamou a atenção sua fala sobre os Projetos de Aprendizagem. Ele relatou dois exemplos de PA mediados por ele e que *não deram certo*, no sentido de que os estudantes não conseguiram efetivamente desenvolver o que gostariam. No entanto, nesses projetos os estudantes aprenderam muitas coisas. Por isso, o professor ressalta que o processo de aprendizagem e a caminhada dos estudantes durante seus cursos são mais importantes do que os produtos finais dos seus Projetos de Aprendizagem e, segundo ele, isso deve ser valorizado. Enquanto ouvia esses relatos, lembrei da entrevista de Douglas, quando ele afirmou ser inadequada a nomenclatura *Projetos de Aprendizagem*: Douglas acredita que *Processos de Aprendizagem* seria um nome mais adequado ao que o espaço propõe, e retiraria o peso da palavra *projetos*, que traz muitos significados.

Depois de aproximadamente duas horas de conversa, encerramos a entrevista. Muitas informações dessa entrevista já tinham aparecido nas entrevistas realizadas anteriormente – por exemplo, as mudanças nas reuniões do Conselho. No entanto, essa entrevista trouxe uma informação que ainda não havia sido dada: a comunicação entre os cursos do Setor Litoral já não acontece como antes. Quanto a isso, percebi uma falha no meu roteiro de entrevista: eu não havia elaborado questões sobre os possíveis diálogos entre os cursos do Setor Litoral. Fiquei pensando se existe diálogo, pelo menos, entre os três cursos de licenciaturas<sup>389</sup>: Artes; Ciências; e Linguagem e Comunicação. Felizmente, ainda havia algumas

---

<sup>389</sup> À época da entrevista, esses eram os cursos de licenciatura em funcionamento no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

entrevistas para realizar e, então, eu poderia incluir essa questão no roteiro. Infelizmente, não havia tempo para pensar em outras questões naquele momento, pois a próxima entrevista estava agendada para as dezessete horas com o professor Rodrigo<sup>390</sup> – coordenador do curso de Licenciatura em Ciências.

Eu conheci o professor Rodrigo em dois mil e treze, quando tive a oportunidade de visitar o LabMóvel<sup>391</sup> na UFPR Litoral. Naquele dia, ele me apresentou alguns espaços desse laboratório e falou sobre algumas ações desenvolvidas pelos discentes e docentes que integram o LabMóvel. Como o professor Rodrigo estava coordenando o curso de Licenciatura em Ciências, eu imaginava que a conversa com ele traria mais informações quanto à proposta de readequação do PPC.

Procurei Rodrigo na sala do Labmóvel e depois fomos para uma sala de aula para realizar a entrevista, que durou, aproximadamente, uma hora e trinta minutos. Rodrigo relatou que cursou Ciências Biológicas e se dedicou a pesquisas na área da Bioquímica. Ele trabalhou em um laboratório da UFPR, nessa área, por dez anos. Seu interesse pelo concurso na UFPR Litoral se deu pela oportunidade de trabalhar com pesquisas pensadas por ele. E o início do seu trabalho no Setor Litoral, segundo ele, foi uma *desconstrução*... Ele queria fazer pesquisa, mas demorou certo tempo para que pudesse começar a fazer pesquisas na UFPR Litoral.

Um dos pontos destacados por Rodrigo em sua entrevista foi a formação continuada no Setor Litoral e as oportunidades de conversar sobre Ensino Superior nesses momentos de formação. Segundo ele, no início, foi difícil participar de tantas reuniões e discussões sobre questões pedagógicas. Mas Rodrigo entende que aqueles espaços de discussão foram importantes na sua formação docente e, aos poucos, ele começou a compreender o que estava sendo proposto pela UFPR Litoral. Por um momento, eu me imaginei participando desse tipo de discussões logo depois que terminei o curso de Licenciatura em Matemática – provavelmente, também teriam sido momentos que causariam bastante estranhamento.

Durante nossa conversa, percebi que as mudanças no Conselho Setorial também não agradam o Rodrigo. Ele disse que, antes, havia uma democracia participativa – a pessoa se representava – nas reuniões e agora há uma democracia

---

<sup>390</sup> Rodrigo Arantes Reis. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>391</sup> Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral.

representativa, como em outras instituições. Ele destacou que o espaço do Conselho permitia que houvesse discussões pedagógicas, e que havia certo diálogo entre os cursos. Hoje não há mais espaço para isso no Conselho. Assim, praticamente, não há diálogo entre os cursos de licenciatura; como também há pouco diálogo entre os outros cursos. É importante ressaltar que, embora eu já tivesse feito uma anotação sobre essa questão do diálogo entre os cursos no meu roteiro, Rodrigo falou sobre isso sem que eu tivesse mencionado esse assunto.

O professor Rodrigo também comentou sobre o seu trabalho no curso de Licenciatura em Ciências, em que há integração entre os conteúdos específicos e pedagógicos. Ele afirmou que isso faz com que alguns alunos desistam do curso. Esse comentário me trouxe à lembrança a entrevista de Ana Maria... A professora Ana Maria disse que alguns alunos ingressam na Licenciatura em Ciências pensando que farão um curso de Biologia. Outro ponto comentado por Rodrigo foi a possibilidade dos alunos escolherem, a cada semestre, a sequência dos temas que estudam – sendo necessário cumprir os oito temas propostos no PPC durante os quatro anos de curso. No entanto, ele informou que o PPC está passando por uma readequação e que a proposta é que a ordem dos módulos seja fixa. Então, os alunos não poderão escolher os temas a serem estudados a cada semestre, pois eles já estarão previamente definidos. A professora Ana Maria também falou sobre isso em sua entrevista, mas Rodrigo apresentou outro argumento para defender essa proposta... O argumento é o seguinte: como as turmas escolhem os temas que estudarão a cada semestre, isso pode trazer problema para os alunos que, por algum motivo, ficaram fora da Universidade por um semestre – ou que tiveram o conceito *Aprendizagem Insuficiente* em um módulo –, pois não há garantia de que os oito módulos do curso sejam oferecidos a cada semestre letivo. Então, essa mudança garante a oferta dos oito módulos a cada semestre. Ainda que essa não seja uma argumentação comezinha, considero que se trata, mais uma vez, de uma justificativa burocrática para alterar uma disposição, que, pedagógica, vai muito além da burocracia...

Ainda sobre a readequação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências, o professor Rodrigo contou sobre a proposta de habilitar os estudantes para trabalhar também no Ensino Médio com as disciplinas de Biologia, Física e

Química<sup>392</sup>. Para que isso seja possível é preciso descrever no PPC – e, posteriormente, no histórico escolar – que os alunos têm carga horária de, no mínimo, cento e vinte horas nas áreas de Biologia, Física e Química. A meu ver, essa é outra imposição burocrática para atender aos mecanismos de controle fixados pelo cenário de formação.

Enquanto falava sobre a proposta das habilitações, Rodrigo comentou sobre a *briga* com a Pró-Reitoria de Graduação para se conseguir essa aprovação: a Pró-Reitoria de Graduação, em princípio, não aceita as habilitações porque o nome do curso é *Ciências* e não *Ciências Naturais*. Aí vêm as questões: “Qual a diferença? Por que um curso de Licenciatura em *Ciências Naturais* pode ter habilitações e um curso de Licenciatura em *Ciências* não pode ter habilitações?”...

Quando conversamos sobre o estágio no curso de Licenciatura em Ciências, senti preocupação na fala do professor Rodrigo. Ele ressaltou que é necessário se rediscutir o estágio. Rodrigo explicou que há um professor responsável pelo estágio nos FTP, que trabalha a questão do estágio em sala de aula; e há os professores orientadores de estágio, que orientam os relatórios de estágio, mas não há um trabalho conjunto entre esses professores no momento de avaliação do estágio, e o conceito relativo ao estágio é atribuído pelo professor responsável pelo estágio. Ou seja, o relatório é elaborado com a orientação de um professor e é avaliado por outro professor. Rodrigo disse que, provavelmente, será levada a seguinte proposta para a Câmara do curso: o professor responsável pelo estágio em uma turma passará a ser também o orientador de estágio de todos os alunos daquela turma. Rodrigo disse que sabe que será difícil aprovar essa proposta, pois ela sobrecarrega os professores de trabalho, mas, mesmo assim, é preciso discutir propostas e repensar o estágio do curso, pois é necessário avançar nessas questões. Nesse momento da entrevista fiquei incomodada: estranhei que em uma proposta pedagógica diferenciada não tenha sido estabelecido um diálogo entre os professores responsáveis pelo estágio e os professores orientadores de estágio. Senti também um estranhamento pela falta de diálogo entre os cursos de licenciatura do Setor Litoral...

Quando questioneei se Rodrigo mudaria algo no PPP, ele apontou algumas questões que, em sua opinião, precisam ser rediscutidas no Setor Litoral. Uma delas

---

<sup>392</sup> Essa proposta não foi aprovada pelas instâncias superiores da UFPR.



foi o acompanhamento dos PA, pois atualmente os cursos não têm controle sobre o que os seus alunos fazem nesse espaço – lembrando que os PA podem ser orientados por professores que não atuam no curso em que o estudante está matriculado. Outra questão foi relativa às ICH e seus temas: Rodrigo acredita que algumas atividades que vêm acontecendo nas ICH acabam desqualificando o espaço como um todo. Lembrei que essas duas questões também foram levantadas pela professora Ana Maria em sua entrevista. É possível perceber certo alinhamento entre as falas desses dois professores.

As respostas do professor Rodrigo reforçaram o que alguns dos seus colegas disseram em suas entrevistas, ajudaram a responder algumas dúvidas e dispararam outras questões. Assim, o movimento da pesquisa continua... Como eu imaginei, boa parte da entrevista com Rodrigo foi dedicada às questões do curso de Licenciatura em Ciências que têm sido discutidas – ou que precisam ser discutidas, em breve, – na Câmara de Ciências.

Mais tarde pensei nos pontos em comum entre as duas entrevistas realizadas nesse dia. Os dois professores, com quem fiz as duas últimas entrevistas, trabalharam por dez anos em laboratórios; ambos afirmaram que, apesar de terem cursado licenciatura, aprenderam a *ser professor* na UFPR Litoral; os dois docentes relataram suas dificuldades com as leituras e/ou discussões sobre questões educacionais – no início do trabalho no Setor Litoral; ambos comentaram sobre a falta de diálogo entre os cursos da UFPR Litoral... Em tantas coisas essas interlocuções se complementaram... Isso me pareceu ainda mais interessante porque eu não havia planejado entrevistar esses dois colaboradores no mesmo dia. Coincidências assim também fazem parte dos movimentos desta pesquisa. Pensando sobre isso, lembrei que seriam realizadas mais duas entrevistas no dia seguinte. Imaginei que, provavelmente, as próximas entrevistas trariam lembranças da minha história, pois sei que os dois colaboradores têm algumas vivências semelhantes às minhas... Eu precisava descansar para retomar o trabalho no outro dia... Eu precisava me preparar para os próximos diálogos.

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 10 – LENIR

Nome completo da colaboradora: Lenir Maristela Silva

Data e local de nascimento: 14 de janeiro de 1964, Amaporã (PR)

Data da entrevista: 23 de outubro de 2014

### *Educação Básica e Graduação...*

Eu nasci em Amaporã, no Paraná... Meus pais moravam na zona rural... Então, até os treze anos de idade, eu estudei em uma escola pública em Quarto Centenário que, na época, era distrito de Goioerê. Daí a minha família se mudou para Cascavel e eu terminei o Ensino Fundamental lá... Eu sou a filha caçula, os meus irmãos já estavam encaminhados, e a minha mãe achava que eu podia ser freira... Ela tinha esse sonho. E, por isso, ela me colocou para fazer o Ensino Médio no Colégio Santa Maria – colégio das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, em Cascavel. Sei que foi um pouco de sacrifício para os meus pais, mas era um sonho da minha mãe... Não era um sonho meu! Mas, enfim, né?! Eu acho que foi bom, porque assim eu tive uma noção daquela realidade e, hoje, eu tenho parâmetros para comparar a escola pública e a escola privada... E eu valorizo muito mais a escola pública! Hoje eu vejo, pelas redes sociais, algumas pessoas que estudaram comigo e vejo que muitos continuam na perspectiva da colonização... Eu diria que noventa por cento dessas pessoas seguem o ideário de colonizador...

Depois que terminei o Ensino Médio, eu comecei a cursar Ciências na Fecivel<sup>393</sup> – a primeira faculdade de Cascavel. Mas a faculdade era longe demais de onde eu morava e não tinha ônibus na época... Então, tinha que andar muito a pé e eu tenho essa dificuldade da pólio... E eu trabalhava durante o dia para custear os meus estudos – na época a gente pagava a Fecivel – e estudava à noite... E, na verdade, a licenciatura não foi uma escolha. A licenciatura foi a opção mais fácil de conseguir ter o Ensino Superior... Eu não tinha nada assim: “Eu quero ser professora!”... Eu pensava em ter uma profissão de *status*... Eu queria ser dentista ou publicitária... Eu tinha o desejo de ser incluída de alguma maneira... Mas isso era impossível! A minha família não tinha condições de pagar... Então, eu fiz o vestibular

---

<sup>393</sup> Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel. Atual Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

para Licenciatura em Ciências – porque era um curso fácil de passar e tinha à noite, que era o horário em que eu poderia estudar. Passei no vestibular e comecei o curso, mas tive que trancar, ainda no primeiro semestre, porque eu ia de carona com uma amiga e ela desistiu do curso... Então, fiquei sem carona e não tinha como ir para a Fecivel...

Mas tinha uma faculdade<sup>394</sup>, em Umuarama, que oferecia um curso com aulas na sexta-feira o dia inteiro e à noite, e no sábado o dia inteiro. Então, fiz vestibular de novo, aproveitei alguns créditos que eu tinha feito em Cascavel e consegui fazer a Licenciatura Curta em Ciências em Umuarama. Veja: eu viajava cento e poucos quilômetros para estudar, porque era mais fácil a minha mobilidade para ir a Umuarama do que para ir todas as noites para as aulas em Cascavel... Mas não tinha habilitação em Biologia nessa faculdade... Só tinha habilitação em Matemática. E eu não queria Matemática! Eu já sabia que Matemática não era a minha praia... E, na época, em Cascavel também só tinha habilitação em Matemática... Então, fiquei esperando uns dois ou três anos até que começaram a ofertar habilitação em Biologia na Fecivel. Aí em um ano e meio eu fiz esse curso, que era à tarde... Como eu já era professora, foi mais fácil, porque eu não assumi aulas à tarde e consegui terminar a Licenciatura Plena – trabalhando de manhã e à noite... Nesse período eu era professora CLT<sup>395</sup> e trabalhava também em colégios particulares. Em mil novecentos e noventa e dois eu passei em um concurso para Ciências na rede estadual e assumi um padrão de vinte horas e pegava também aulas extraordinárias... Eu trabalhei com a disciplina de Ciências na rede pública e com Biologia nas escolas particulares – no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e no Colégio Santa Maria... E, nas aulas extraordinárias da rede pública, eu assumia também algumas aulas de Matemática no Ensino Fundamental...

### *Pós-Graduação...*

No final de mil novecentos e noventa e três abriu um concurso no Cefet-PR<sup>396</sup> em Pato Branco... E eu tinha o desejo de fazer mestrado e de trabalhar no Ensino Superior... Eu não tinha muita afinidade com o Ensino Fundamental. Eu fazia

---

<sup>394</sup> Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Umuarama (Fafiu).

<sup>395</sup> CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. No Estado do Paraná os chamados professores CLT não eram concursados, mas faziam uma prova e, de acordo com sua classificação, conseguiam determinada carga horária de aulas nas escolas da rede estadual de ensino.

<sup>396</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

bem o meu trabalho, mas era difícil conviver com a energia do Ensino Fundamental... Eu me estressava muito! Até hoje essa coisa de movimento demais e de gritaria demais me incomoda... E eu tinha o sonho de trabalhar no Ensino Superior... Quando eu soube do concurso, mesmo sem ter especialização e sabendo que tinha só uma vaga para Biologia Geral no Cefet de Pato Branco, eu resolvi fazer o concurso. Nessa época eu já estava divorciada... Eu me divorciei cedo: casei em mil novecentos e oitenta e cinco e me separei no começo de mil novecentos e noventa. Eu já tinha um filho, que estava com sete anos... Aí eu fiz o concurso... Concorri com dezoito pessoas – dentre elas, pessoas com especialização e com publicações – e eu fiquei em terceiro lugar no concurso... Mas, quando eu fiz a prova didática, eu recebi a informação que eles iam chamar mais pessoas daquele concurso, porque o Cefet tinha incorporado a Funesp<sup>397</sup>... Então, uns quinze dias depois da prova, eu fui chamada para assumir o concurso. Acho que eles chamaram cinco pessoas que foram classificadas naquele concurso...

Aí eu comecei a trabalhar em Pato Branco... Eu peguei o início do Governo FHC<sup>398</sup> e, em mil novecentos e noventa e quatro, ele cortou tudo... Durante oito anos ele foi cortando tudo – inclusive salário. Então, eu tive muita dificuldade financeira, porque, como eu ainda não tinha mestrado, eu recebia aquele salário raso... Na época, eu tinha um apartamento financiado em Cascavel... Tive que vender esse apartamento e vendi barato demais... Aí não consegui comprar outro... Aliás, consegui comprar outro apartamento, mas o refinancei no meu nome e acabei entrando em uma série de dívidas... Essas questões pessoais não se separam do desejo de estudar, né?! Enfim... Fiz dois anos de estágio probatório e fui à luta... O meu sonho era fazer mestrado e doutorado... Eu tinha muita vontade de estudar! E como eu era a professora responsável pela disciplina de Botânica nos cursos de Licenciatura em Ciências e de Agronomia no Cefet – e na minha graduação os ensinamentos nessa área foram muito fracos –, eu optei por fazer um mestrado bem específico na área de Botânica...

Eu consegui uma vaga no mestrado em Botânica na Universidade Federal do Paraná e consegui bolsa – na época eram pouquíssimas bolsas... Daí eu mudei para Curitiba e morei em um porão, em um apartamento em que a umidade era a principal característica... Mas era o que dava para pagar o aluguel, né?! Mesmo com

---

<sup>397</sup> Fundação de Ensino Superior de Pato Branco.

<sup>398</sup> Fernando Henrique Cardoso foi presidente do Brasil no período de 01/01/1995 a 31/12/2002.

a bolsa, a situação era difícil... Eu morei um ano e meio em Curitiba e terminei o meu mestrado. Aprendi muito! Conheci uma grande Universidade... Eu ainda não tinha tido contato com Iniciação Científica ou com Extensão... Na minha graduação eram só aquelas aulas de reprodução de conhecimento... E como eu trabalhava, eu não tinha tempo nem de viver o espírito universitário...

Bom... Quando terminei o mestrado, voltei para Pato Branco e trabalhei mais dois anos e meio no Cefet... Mas comecei a me desafiar, porque eu me sentia muito mal como uma professora reprodutora de conhecimento... Eu sabia que aquilo estava errado e que eu tinha que fazer alguma coisa diferente, mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia... Eu tentava fazer uma coisa ou outra... Eu refletia se existia a possibilidade de formar o cidadão para ele pensar criticamente a realidade... Eu me perguntava: como a gente pode fazer isso?... Eu precisava resolver isso para mim e para tentar ajudar os meus colegas, porque no Cefet era impossível qualquer mudança curricular em uma perspectiva mais emancipatória... O Cefet tem o mesmo grupo dirigindo ele há cem anos... Então, é difícil mudar...

Daí eu comecei o meu doutorado... Peguei uma licença, mas não consegui bolsa... Nessa ocasião, eu tive que entregar o meu apartamento para a Caixa Econômica Federal, porque eu não estava conseguindo pagar... Então, mudei para Curitiba de novo e fiquei três anos e meio lá... Nesse tempo, conheci o meu companheiro – que está comigo hoje... Ele estava fazendo mestrado, tem uma história de vida parecida com a minha e nós decidimos ficar juntos...

Eu fiz o meu doutorado na Pós-Graduação de Agronomia da UFPR<sup>399</sup>, mas a linha de pesquisa era *Contribuições Interdisciplinares à Fitotecnia*, ou seja, à produção vegetal. E o meu orientador foi o professor Valdo<sup>400</sup>, diretor aqui do Setor<sup>401</sup>... Ele foi um dos meus grandes mestres! Ele me ensinou a relativizar, a ser mais flexível... Quando eu comecei o doutorado, eu estava em uma fase muito ortodoxa com a questão da dialética marxista. Isso porque, no Cefet, eu tive vários colegas – o Eurides<sup>402</sup>, a Mônica<sup>403</sup>, a Hieda<sup>404</sup>... – que eram dessa linha dogmática

<sup>399</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>400</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>401</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>402</sup> Eurides Rossetto. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>403</sup> Mônica Apolonio da Silva. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

e eles foram meus mestres de trabalho – eles sabem muito!... O Eurides é um filósofo. A Mônica é uma pedagoga inteligentíssima... Eu até me inseri em um meio cultural mais de MPB<sup>405</sup>, porque a Mônica gosta muito de MPB... E essa convivência, paralela ao trabalho, também me deu uma formação...

Eu tenho tendência a ser uma pessoa muito convicta e muito agressiva nas minhas posições... E eu fui ficando muito dura nas minhas posições... É fácil me tornar dogmática! Hoje isso não acontece muito, porque eu me chamo a atenção... E isso foi o Valdo que me deu! Ele me apresentou Rubem Alves<sup>406</sup>, Paulo Freire<sup>407</sup>, e uma porção de gente que eu não lia porque não eram materialistas... Eu não lia porque eu via o mal estar das pessoas dogmáticas quando se falava deles: “Não lê isso! Isso é um absurdo. O cara acredita em Deus! Não leia.”... Eu joguei tudo isso por terra com o Valdo... Ele quebrou essas minhas certezas e isso foi muito bom, porque aí eu vi uma perspectiva mais humanista do trabalho... E vi que a emancipação não se trata só de formar o sujeito para que ele pense criticamente a realidade na perspectiva dessa construção do capitalismo, mas também de formá-lo para que ele seja solidário... E é nisso que eu venho me trabalhando... Durante o doutorado eu aprendi isso, mas não consegui introduzir isso na minha tese. Eu tive muita dificuldade! Não tem citação de Paulo Freire na minha tese... Eu fui tão disciplinada por Saviani<sup>408</sup> e por essa galera que brigava com o Freire, disputando o poder, que eu não consegui inserir Freire na tese... Mas ali foi plantada a semente...

### *Voltando ao Cefet...*

Quando terminei o doutorado, eu voltei para o Cefet e comecei a me sentir péssima. Depois de tomar conhecimento e de aprender tantas coisas importantes com relação aos alunos e à realidade, como eu poderia aceitar um aluno meu fazendo uma apresentação com um *slide* em que aparecia um avião passando veneno? Quando eu cheguei, eu fui orientar alunos de estágio e eles apresentavam as coisas com uma perspectiva altamente reacionária, de exploração e de colonização... Eu comecei a me sentir muito mal no curso de Agronomia! E

<sup>404</sup> Hieda Maria Pagliosa Corona. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do *Câmpus* Pato Branco da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>405</sup> Música Popular Brasileira.

<sup>406</sup> Rubem Azevedo Alves (1933-2014). Educador e psicanalista brasileiro.

<sup>407</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador brasileiro.

<sup>408</sup> Dermeval Saviani. Doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Agronomia era o curso que tinha sobrado para eu trabalhar, porque fecharam a Licenciatura em Ciências e optaram pela Licenciatura em Matemática... Eles *passaram a perna* na gente! Nós tínhamos construído um curso com todas as habilitações e o coordenador do curso, na época, concordou com a direção e nos *passou a perna*... Enfim... A Licenciatura em Ciências é um curso que tem uma demanda muito grande em Pato Branco e não existe lá até hoje... Bom... Eu fiquei só na Agronomia e comecei a me sentir muito mal, muito mal, muito mal... E foi assim de dois mil e quatro até dois mil e oito... Quatro anos! Eu levei o meu marido para Pato Branco, ele pediu demissão do trabalho em Curitiba e tentou se colocar em Pato Branco... Como ele tinha mestrado, ele conseguiu aulas nas faculdades particulares da região – em Palmas, Realeza, Francisco Beltrão, e conseguiu alguma coisa em Pato Branco também, mas pouco... Aí nós conseguimos comprar um apartamento, conseguimos economizar a ponto de não ter que financiar...

Mas aí o Valdo implantou o Setor aqui em Matinhos em dois mil e cinco... E ele começou a me trazer para as bancas e, aos poucos, nós fomos construindo uma ligação... E um dia ele falou: “Vem ou não vem trabalhar aqui?”... Falou brincando, como ele sempre faz... Aí eu cheguei em casa, conversei com o meu marido e perguntei: “Vamos? Você se arrisca de novo a ficar desempregado?”... E ele respondeu: “Vamos!”... Então, uns dois meses depois, eu peguei uma licença de três meses e vim direto para Matinhos... Comecei trabalhar aqui no Setor e não voltei mais... Alguns meses depois saiu a minha redistribuição de vaga e eu fiquei aqui...

#### *Trabalho na UFPR Litoral*<sup>409</sup> ...

Desde quando eu cheguei à UFPR Litoral, em dois mil e nove, a minha formação é semanal. Eu estava acostumada a ser uma professora que reproduzia conhecimento, daí cheguei aqui e tive que me desafiar na concretude do que é fazer um projeto emancipatório... Mas isso é um desafio alegre! É um desafio de realização... É um pouco egocêntrico até... Às vezes, me pergunto: “Eu não devia estar no Cefet, em Pato Branco, para tentar fazer a diferença lá?”... Mas era muito difícil... Era eu e mais um ou dois professores que queriam fazer algo diferente. Acho que eu ia ficar *dando murro em ponta de faca* a vida inteira lá... E eu queria realizar

---

<sup>409</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

mais... Então, acho que não é tão egocêntrico estar aqui... Estar aqui é tentar somar para poder mostrar que dá para fazer algo diferente...

E eu entrei na UFPR Litoral com muita garra, com muita convicção e com agressividade... Como eu tinha muita reflexão sobre a educação emancipatória, eu achei que eu sabia fazer – até mais do que quem já estava aqui e não tinha feito a mesma reflexão filosófica que eu... Então, acho que no começo eu agi com muita paixão, porque eu queria defender aguerridamente esse projeto... Acho que eu cheguei com *muita sede ao pote*... E, por isso, me desentendi com alguns colegas, porque muitos insistiam em trabalhar disciplinarmente... E eu *pisei na bola*, no sentido de ser muito incisiva e de dizer que eles não podiam fazer aquilo, porque estava errado... Realmente, não deviam fazer mesmo! Mas, hoje, eu acho que não é assim que a gente consegue agregar... Isso, na verdade, desagrega... Hoje eu estou um pouco mais flexível... Mas, por mais que eu tenha aprendido isso, a minha natureza de capricorniana não é flexível... Eu sou inflexível! A minha personalidade é de inflexibilidade... Eu luto o tempo todo com a minha personalidade...

Eu acho que o que mais me favoreceu, no início do meu trabalho aqui, foi que, no doutorado, eu consegui aprender os conceitos de emancipação e de autonomia – que são a base do Projeto Político Pedagógico daqui. E aí eu não corria o risco, por exemplo, de chegar com um *slide* de Botânica ou com uma aula de laboratório para trabalhar com os alunos... Aliás, na Agroecologia tem módulo de Botânica e me convidaram para trabalhar com esse módulo e eu falei: “Não quero!”... E não quero porque eu não acredito mais nisso. No começo, eu fui para os cursos em que eu podia contribuir mediando conhecimentos diversos, na perspectiva de que eu tinha condições de fazer a mediação de qualquer coisa na medida em que o mais importante é conduzir o aluno para que ele aprenda a pensar criticamente... Então, eu entrei em turmas de Turismo, de Artes... Ciências foi o último curso que entrei, porque eu tentei me afastar da minha área do conhecimento... Fiz isso para me desafiar, sabe?... Foram experiências muito ricas. Mas, depois, eu me senti mais confortável em Ciências, porque é mais fácil contextualizar a área de conhecimento que a gente domina... Quando a gente não domina o contexto da região e nem o conhecimento específico fica mais difícil... Hoje, eu acho que a gente tem que ficar na nossa área mesmo... Mas a gente não pode se fechar na área e nem supervalorizar essa área... O contexto é sempre mais importante para a elaboração do pensamento crítico...



Hoje eu trabalho assim: quando eu vejo que a coisa não está andando e que não sai sugestão dos alunos, eu sugiro o que fazer; mas, em alguns momentos, também dou a oportunidade para eles escolherem textos; em outros momentos eu faço a discussão com eles: “A partir disso, daquilo e daquilo, o que vocês acham?”... Eu penso que estou na fase mais segura e tranquila do meu trabalho – depois desses quase seis anos que estou aqui. Eu saio de casa com tranquilidade, não tenho estresse com nada... Não existe mais nada na mediação do Ensino Superior que eu possa dizer: “Ai! Bateu o coração!”; ou que me faça ficar com o coração acelerado; ou que me faça dizer: “Ai! Será que eu vou dar conta disso?”... Não tenho mais isso. Eu sinto segurança, sabe? Acho que eu ainda tenho que aprender algumas coisas sobre a relação com os alunos... Por exemplo: tem várias coisas que eu não domino na Psicologia, na Sociologia e na Filosofia... Mas eu vou aprendendo essas coisas também na relação com os alunos...

Com o tempo, eu fui aperfeiçoando o meu modo de trabalhar, fui amadurecendo... No começo eu me sentia um pouco insegura, porque um colega dizia: “Tem que fazer assim.”; e outro colega dizia: “Não. Tem que fazer assim.”... Os extremistas, né?! Isso me incomodava muito... Os colegas extremistas, do grupo defensor da proposta, diziam como fazer as coisas... Quando a pessoa é extremista demais, ela define até como se deve trabalhar... Por outro lado, tem aqueles colegas que querem trabalhar de modo tradicional em um projeto que não tem nada a ver com a reprodução de conhecimento... Eu sempre me vi mais no lado da emancipação, mas eles falavam: “Você não tem que definir nada. Deixa os alunos definirem. Os alunos têm que fazer sua própria caminhada. Eles têm que ter autonomia. Eles têm que ser protagonistas.”... E eu ficava agoniada quando ouvia isso! Eu tinha dúvidas: “Como se faz a mediação? Até que ponto você é autoritário? O professor pode ser considerado uma autoridade?”... Os colegas mais extremistas acham que todo mundo é igual e que a função do professor é a mesma do aluno. Eu acho que tem diferença! Acho que o nosso papel é bem delimitado, porque a gente tem uma responsabilidade muito grande com a mediação e com a perspectiva do projeto... Então, eu acho que não dá para dizer que o aluno consegue fazer o percurso sozinho...

Por isso, eu digo que agora eu estou muito segura... Eu fui lendo coisas que me ajudaram a entender isso... Eu busquei na Psicologia: qual é o modo de aprender de cada pessoa? Isso é complexo demais! Não existe uma classificação...

Eu acho que, embora tenha limites, dá para pensar em estereótipos, dá para classificar de modo geral – como as doenças e os transtornos afetivos: não existe um bipolar igualzinho ao outro! Mas, de modo geral, dá para colocar nesse bojo grande e aceitar o cartesianismo, porque você não vai dar conta de estudar tudo!

E eu acho que a gente tem que ter certos cuidados na mediação... Por exemplo: quando cinquenta por cento da turma é do tipo que *entra mudo e sai calado*, e no restante da turma tem meia dúzia que fala muito e o resto fala pouco, é preciso ter cuidado quando queremos fazer um projeto coletivo; porque, se não tiver cuidado, o projeto vai ser a cara daqueles que falam muito... Por isso, é complicado deixar livre demais... Na mediação é preciso ter o cuidado de fazer com que todos expressem as suas opiniões... Se deixar à vontade, se não cutucar ninguém, a tendência é ter um projeto construído só pelos alunos que falam bastante... Isso eu fui aprendendo nesses anos que estou aqui... E fui percebendo também que determinados sujeitos precisam de orientação. E eu não acho justo não indicar um texto para os alunos porque eles têm que se virar sozinhos, porque eles têm que ter autonomia e protagonismo... Compreende? É muito difícil! Não dá para ficar nos extremos. Tem aluno que você realmente tem que pegar na mão e dizer: “Vamos lá! O que eu posso fazer para te ajudar? Quais são as tuas dificuldades?”... Eu vejo que poucos professores se dispõem a fazer esse tipo de mediação para que alguns alunos realmente cheguem a um processo de construção da monografia mais capaz... Porque se durante o curso não se cuida desses alunos que não têm essa autonomia, eles vão chegar ao final do curso e vão desistir só por causa da monografia. Já teve vários casos assim! O aluno termina tudo, mas não faz a monografia, porque – durante o curso – os exercícios de escrever e ler não foram cobrados... Então, essa coisa de que é autoritarismo cobrar que os alunos leiam e façam resenha, no começo, era muito difícil para mim... Acho que eu era vista como uma pessoa que não estava seguindo o projeto... Por isso, eu acho que, em um projeto como este, não dá para dizer que tem um modelo ou que tem uma receita para seguir. É como o Saviani fala: é a curvatura da vara... É preciso considerar que algumas coisas da escola tradicional são importantes...

#### *UFPR Litoral e inclusão...*

A UFPR Litoral é um Setor de uma Universidade de cem anos, que tem, na sua origem, o objetivo de inclusão. Mas esse objetivo se perdeu ao longo de todo

esse tempo e a Universidade se tornou elitizada... Eu acho que o Setor Litoral aponta para a origem histórica da UFPR e faz, realmente, a inclusão. Acho que a UFPR Litoral tem conseguido avançar muito na inclusão, apesar de todos os movimentos contrários que nós recebemos da UFPR e de algumas pessoas que vêm trabalhar aqui no Setor... A UFPR Litoral é inclusiva em todos os sentidos: com aluno, com servidor, com docente, com a comunidade, com todo mundo. Se há exclusão, é por parte de sujeitos que fazem as coisas à sua maneira e não seguem o Projeto Político Pedagógico do Setor... Em outros lugares eu não vi coisas que acontecem aqui... De repente você sai aqui e vê um grupo tocando chorinho... Às vezes, a gente vê algumas coisas desenhadas nas paredes – coisas que chocam – e ninguém tira esses desenhos porque é preciso discutir: “Por que isso está aí? O que aconteceu? Por que desenharam isso?”...

E aqui nós também vemos pessoas com inúmeras dificuldades e transtornos... Eu tenho alunos com esquizofrenia... Alunos que, realmente, podem pôr outras pessoas em risco... Eu não via cegos, nem cadeirantes, nem pessoas com transtornos afetivos no Cefet... Aqui há inclusão! E eu não falo só na perspectiva das deficiências visíveis, mas também daquelas deficiências que a gente não vê – que são as deficiências emocionais... Aliás, não são deficiências... São diferenças... Tem diferenças visíveis e invisíveis, né?! Eu nunca tive um público de alunos tão diverso como tenho aqui... Eu trabalhei em uma turma de Artes que tinha uns dez alunos com diferentes perfis de depressão. Uma das alunas era suicida e já tinha tentado se matar várias vezes... Onde você vê isso? Essas pessoas são sempre rechaçadas pela sociedade... Teve uma aluna que me marcou muito... Ela teve algumas crises histéricas em sala de aula... Mas o nosso PROA<sup>410</sup> e alguns professores a auxiliaram no que foi possível... Eu assisti a formatura dela e, em algum momento, ela relatou o quanto foi importante esse acolhimento da Universidade e dos professores para ela concluir o curso...

### *O espaço dos PA<sup>411</sup> ...*

Eu entendo os Projetos de Aprendizagem como um espaço para o aluno desenvolver a autonomia na perspectiva de aprender a pesquisar de modo prazeroso, ou seja, um espaço em que o aluno pode escolher uma das suas paixões

---

<sup>410</sup> Programa de Apoio à Aprendizagem.

<sup>411</sup> Projetos de Aprendizagem.

e, simplesmente, se debruçar em cima dela... É evidente que, se for algo inescrupuloso, o mediador vai alertar dentro da ética universitária e da questão laica da Universidade – temos que ter esses cuidados na orientação dos alunos... Mas, de modo geral, acho que é um espaço muito rico, em que você não está vinculado ao curso. Você escolhe o que fazer! Por exemplo: você quer ir para a Lua... Você pode escolher ir para a Lua... E o teu mediador – dependendo de quem ele for, né?! Estou falando da minha perspectiva! – não vai dizer que você não consegue ir para a Lua. Ele vai dizer algo assim: “Então, tá! O que você quer estudar primeiro para tentar ir para a Lua?”... E aí o mediador pode sugerir leituras, pode sugerir filmes, pode sugerir entrevistar alguém... Mas o mediador não deve dizer: “Isso é impossível.”... O que é impossível? Eu acho que, quando se tem uma paixão, é muito mais fácil se mobilizar para a aprendizagem... Os PA têm esse foco.

O triste é que a maioria das pessoas chega ao Ensino Superior sem paixão alguma – ainda mais esses alunos que nós recebemos aqui... E essa falta de paixão faz com que os alunos busquem um tema dentro do curso deles, algo que tenha relação com o curso, porque eles não conseguem pensar em outras coisas... Os sonhos já foram esmagados... As paixões já se foram... E tem outra coisa: a paixão, para quem não tem o que comer, pode ser comer um chocolate; a paixão de quem nunca foi ao cinema – como vários alunos que eu tive – pode ser ir ao cinema... O sonho, a paixão e o desejo acabam sendo fazer essas coisas... Isso dificulta, né?! Então, eu acho que esse não é um espaço simples... E acho também que, em alguns momentos, ele não atinge aquilo que se propõe. Mas esse é um espaço livre para o sujeito, mesmo que ele fique sem descobrir a paixão dele do início ao fim do curso. Nesse caso, ele pega alguma coisa do curso e vai estudando e pesquisando... E os resultados dos PA podem ser apresentados de diversas formas, eles não precisam ter um formato acadêmico...

Tem muitos Projetos de Aprendizagem bonitos... Eu vou relatar um deles... Uma aluna tinha uma paixão, que ela foi desenvolvendo também por necessidade, que é fazer artesanato. Ela começou a participar de um espaço de Interações Culturais e Humanísticas sobre produção de artesanato – espaço que foi oferecido em Morretes para assessorar as comunidades que estavam desalojadas em função das enchentes de dois mil e onze<sup>412</sup>, no sentido de que as pessoas pudessem ter

---

<sup>412</sup> Em março de dois mil e onze o litoral paranaense foi atingido por fortes chuvas, que ocasionaram enchentes e deixaram mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

uma renda extra a partir do artesanato... Nessa atividade, a minha aluna conheceu uma artesã tradicional, uma senhora que tece cestas... E aí ela foi entrevistando essa artesã nos períodos em que a gente se encontrava na atividade. Um dia nós pedimos que a artesã trouxesse o catálogo dos produtos que ela confeccionava e ela trouxe uma pasta com recortes de revistas... Ela não tinha um catálogo dos seus produtos! Daí nós pedimos que ela trouxesse os modelos dos produtos e a minha aluna fez fotos das peças e depois montou um catálogo para ela... Essa aluna tinha curiosidade de entender algumas coisas sobre o cipó que a artesã utiliza... Como é esse cipó? Que planta é essa?... Então, ela estudou a parte científica do cipó e, paralelamente, fez algumas aulas de cestaria com a artesã... No final, ela entregou à artesã o catálogo que ela montou com as fotos dos produtos que a artesã produz... Foi uma atitude assistencialista com a pessoa? Eu acho que foi uma troca, pois a artesã nos mostrou a técnica aprimoradíssima que ela usa...

E esse projeto possibilitou vários conhecimentos para a minha aluna... Um dos conhecimentos é em relação à realidade concreta e à exploração: essa artesã cobrava muito pouco pelos produtos, porque ela não considerava o tempo de coleta e de preparo do material. Um dia eu perguntei: “Quanto tempo você levou para fazer esta cesta?”... Ela disse: “Meia hora.”... E eu questioneei: “Só meia hora? E a coleta do cipó, como é?”... Ela respondeu: “Ah! É muito difícil... O corte só pode ser feito na lua minguante, porque se coletar em outra lua o cipó não vai estar bom, porque tem muito líquido...”... E eu levo um mateiro para me ajudar e pago cento e cinquenta reais para ele...”... E ela foi contando... Depois disso, eu convidei uma pessoa para dar uma aula sobre custos para o pessoal que participava dessa atividade. Eles não sabiam calcular o custo dos objetos que produziam... Depois dessa aula, a artesã se deu conta de que ela precisa considerar o tempo de coleta e de preparo do cipó – tem que lavar e limpar o cipó, depois tem que deixar secar... Antes ela só considerava o tempo que ela gastava trabalhando na confecção das cestas... Daí não tem como, né?! E tinha um pessoal de Santa Catarina que vinha comprar os produtos dessa artesã para vender nas lojas de artesanato... Daí, por exemplo, eles pagavam dois reais em um produto e vendiam esse produto por quinze ou vinte reais em Santa Catarina... A exploração é nítida! E a emancipação envolve, no mínimo, eu saber que sou condicionada e explorada... Então, acho que a minha aluna aprendeu bastante nesse projeto... Além de ter ajudado na perspectiva de que ela era

apaixonada por artesanato, o projeto fez com que ela aprendesse outras questões importantes para a formação dela...

### *O espaço das ICH<sup>413</sup>...*

As Interações Culturais e Humanísticas são um espaço do desejo de determinado grupo de estudantes. Há um rol de atividades propostas e os estudantes escolhem em quais eles irão participar... E eles também podem ser protagonistas desse espaço criando demandas e procurando um professor para mediar a atividade. E é mediação mesmo, não é dar aula! No semestre passado tinha vários alunos querendo fazer curso de mosaico. Eu tenho uma amiga que conhece a técnica do mosaico, então eu a convidei e ela veio passar a técnica para nós. Neste semestre, eu e algumas alunas estamos repassando a técnica para outro grupo de estudantes... Esse espaço é muito bacana, porque ele integra alunos de vários cursos... Daí os alunos de cursos diferentes se conhecem, começam a conversar, falam dos seus projetos e, às vezes, acabam integrando os seus PA. Acontece tanta coisa nesse espaço que eu erraria se eu falasse que vou contar tudo o que acontece nas ICH... É um espaço muito rico!

E como esse espaço reúne pessoas com afinidades, elas começam a trocar experiências da própria vida... As pessoas acabam trazendo as suas problemáticas, os seus dilemas, e daí começam a conversar e isso se torna também algo terapêutico... Além disso, é também um espaço de troca de aprendizagem, de cultura, de modos de vida... E como ali ninguém sabe muito, todo mundo se respeita... E o professor não é o dono do conhecimento! Então, as coisas são decididas no coletivo... Mas é preciso ter um cuidado: não se pode perder as diretrizes das ICH... É preciso considerar a integração entre os cursos, as relações interpessoais, a questão da solidariedade e de ser colaborativo, e também de abrir espaço para a comunidade participar... Nesse espaço se realizam projetos coletivos e não apenas projetos individuais... Então, por exemplo, no artesanato: não é só o sujeito chegar, aprender uma técnica, produzir alguma coisa para ele e ir embora... Tem o momento para fazer isso, mas também tem um momento coletivo...

Neste semestre, na atividade que eu estou mediando, nós vamos fazer várias palavras fortes do PPP<sup>414</sup> em um mosaico dentro da Universidade... No

---

<sup>413</sup> Interações Culturais e Humanísticas.

<sup>414</sup> Projeto Político Pedagógico.

semestre passado, nós fizemos painéis... E antes de decidir fazer essas coisas, nós sempre discutimos: “Qual é o papel desta Universidade?”... Não é assim: “Eu quero fazer um coração e eu faço.”... Entendeu? Aí entra a importância do mediador da atividade! O mediador deve lembrar que espaço é esse, quais são os seus objetivos... E tem outra coisa legal: os estudantes quase não faltam nessas atividades. Isso acontece porque eles estão fazendo uma coisa que eles gostam, estão mobilizados... Claro que tem alunos que começam a atividade, não se identificam e desistem, né?! Mas, em geral, isso não acontece...

### *O espaço dos FTP<sup>415</sup>...*

Os Fundamentos Teórico-Práticos constituem o espaço da formação profissional, seja do bacharelado, da licenciatura ou dos cursos de tecnologia. Os FTP buscam trabalhar as diretrizes dos cursos, na perspectiva da formação profissional. No caso da Licenciatura em Ciências – que é o curso em que eu mais atuo hoje – os dois dias de ICH e de PA não são considerados como horas perdidas... Tem gente que pergunta: “Poxa vida! Oito horas dedicadas a outras coisas... Daí vocês dão conta de dar todos os conteúdos do curso?”... A resposta é: “Sim!”... Porque, na verdade, é preciso analisar o que é essencial... Já foi provado por A e por B que a reprodução de conteúdo não dá conta! Não se esgota todos os conteúdos em quatro ou cinco anos de curso... E, mesmo o que é trabalhado, muitas vezes, se esquece! Então, se levar em consideração que o objetivo do curso de Ciências é a formação para a mediação das Ciências – no caso, Física, Química e Biologia –, então é preciso formar um sujeito que vai mediar, mas que não será especialista nessas áreas, ele não será um catedrático. Quem vai ser catedrático nessas áreas? Os pesquisadores na área de Citologia, Zoologia, Botânica... Os nossos alunos estão se formando professores... Eles têm que aprender mecanismos de pesquisa das áreas específicas? Sim! E eles aprendem, mas eles não precisam ficar repetindo as mesmas técnicas várias vezes. Eles aprendem como se trabalha em um laboratório de Química, de Botânica, de Zoologia, de Patologia, de Fitologia... Mas eles não precisam fazer a mesma coisa trezentas mil vezes para aprender... Por exemplo: é preciso aprender a manusear microscópio, mas não precisa ter aula disso em todos os semestres. Nós levamos isso em consideração e focamos mais

---

<sup>415</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

na mediação – pelo menos, eu trabalho assim. E a ideia é que o curso foque mais em como a gente pesquisa, estuda, seleciona e conduz o ensino de Ciências... E, como eles fazem estágio paralelamente ao curso, as questões de estágio vêm à tona o tempo todo nos FTP... E aí o foco sempre é o ensino de Ciências...

Ultimamente o meu trabalho nos FTP tem sido nos anos finais do curso e aí os alunos têm umas demandas, coisas que eles precisam resolver antes de se formar, como a questão da monografia ou de temas que eles não deram conta de aprender. Neste semestre, o projeto da turma que eu estou mediando é compreender alguns conceitos como emancipação e autonomia... O objetivo do curso é que a docência seja emancipatória e se esses conceitos não estão bem dominados fica difícil; os alunos perceberam isso e nós estamos estudando esses conceitos. Então, nós temos objetivos construídos, especificamente, sobre essas questões mais filosóficas, mas as aulas de Ciências vêm à mesa o tempo todo para discussão. Por exemplo: “Hoje eu tive que preparar uma aula, porque eu estou fazendo estágio, e o conteúdo era esse. Como fica a emancipação quando eu trabalho um conteúdo desses?”... E aí a gente discute...

Teve um módulo de FTP que me marcou bastante... Foi interessante a maneira como o projeto foi construído... Era uma turma de segundo ano e o projeto foi elaborado a partir da experiência de férias deles... Nós fizemos um mapa conceitual e construímos o projeto: *Saúde e qualidade de vida do adolescente caiçara*<sup>416</sup>. E foi muito bacana, porque o projeto tinha momentos de Ciências, mas não estava desvinculado do contexto social... Nós estudamos tubo digestivo, nutrição, classificação geral dos elementos nutritivos – proteínas, vitaminas, carboidratos, lipídios... E, além de estudar a química desses nutrientes, nós fomos para o Leal<sup>417</sup> para fazer comida... E surgiu a pergunta: “Que comida os adolescentes mais gostam de comer?”... As respostas foram: pizza, pastel, essas coisas... Poucos falaram em verduras e frutas... Daí veio outra questão: “Como está a saúde do adolescente caiçara se ele prefere comer essas coisas?”... Daí fizemos pizza e estudamos a sua composição nutricional... Depois alguém falou:

---

<sup>416</sup> Segundo Diegues e Arruda (2000, p. 42), “Entende-se por *caiçaras* aquelas comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato. Essa cultura se desenvolveu principalmente nas áreas costeiras dos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina.”

<sup>417</sup> Laboratório de Educação Alimentar da UFPR Litoral.



“Precisamos estudar outro tipo de alimentação. Será que a alimentação caiçara é boa?”... Daí estudamos a origem da alimentação caiçara, fomos para o Leal fazer uma janta caiçara e estudamos o potencial nutritivo desse tipo de alimentação. Foi muito bacana! E não era só eu, professora, que dizia o que íamos fazer. As coisas iam fluindo, os alunos davam sugestões... E como eles estavam fazendo estágio, eles fizeram uma pesquisa na escola: “Qual é a merenda escolar desses adolescentes caiçara?”... E, a partir disso, surgiram outras questões: “O que é merenda escolar? Ela é necessária? A escola deve oferecer merenda? Que ação afirmativa é essa? Quando ela surgiu? Ela deveria continuar existindo ou os pais deveriam ter condições de comprar a merenda para os seus filhos?”... E aí discutimos política pública... Também fizemos um teatro sobre a digestão – o que acontece quando a pessoa engole um alimento?...

E, além de tudo isso, os alunos organizaram uma mesa redonda... Eles queriam saber: “Se o adolescente comer demais, ele pode ter algum transtorno? Pode ter bulimia? Anorexia? E os outros transtornos, como dislexia e discalculia? Como a gente lida com adolescentes que têm esses transtornos?”... Aí eles convidaram um funcionário de uma escola, convidaram uma psicóloga... Eles mesmos organizaram a mesa redonda. Mas as questões que surgiram no dia foram muito mais relativas à vida pessoal deles, para tirar dúvidas sobre seus filhos, do que questões mais gerais...

Depois surgiu outro assunto: drogas... O adolescente caiçara tem muito problema de drogadição... Então, assistimos ao filme *Aos treze*, que fala da importância das *tribos* nessa fase... E aí começou outro estudo... Então, foi um semestre em que a coisa fluiu... O projeto foi sendo construído lindamente... Em alguns semestres a coisa flui de uma maneira incrível! Em outros semestres isso não acontece... Mas isso, na vida, é assim, né?! Na vida também é assim...

#### *Dificuldades dos alunos...*

No início do curso de Ciências, geralmente, os alunos têm bastante dificuldade... Mas nós tentamos organizar o curso de outro modo e isso tem amenizado as dificuldades... Agora, no primeiro ano, eles conhecem um pouco mais sobre Ciências e sobre sua história... Acho que isso ajuda até a sentir se realmente é esse curso que eles querem fazer. A partir do segundo ano eles conseguem ser mais protagonistas... Mas, mesmo assim, alguns sujeitos preferem chegar, cruzar os

braços e só ouvir... Para o sujeito participar deste projeto ele não pode ser acomodado... Ele tem que ir atrás, pesquisar, se comprometer, ser responsável... E isso depende do perfil de cada um... Tem aqueles alunos que têm o perfil de querer receber tudo pronto e que vão reclamar do projeto... Mas quando eles veem que perderam – no sentido de que realmente trabalhamos de modo diferenciado e que não vamos regredir em função de um ou outro aluno –, eles param de reclamar...

Mas nós recebemos também alunos que têm muita dificuldade de ler e de escrever – que são os alunos da inclusão, que estão aqui porque o vestibular não tem concorrência... Esses alunos precisam de atendimento diferenciado... Mas... Corrigir trabalho de aluno, dar atendimento especial, gastar tempo com isso não dá reconhecimento para o professor... Na Universidade, o que dá reconhecimento é escrever artigos, fazer pesquisa... A academia não valoriza o atendimento aos alunos e não atribui nenhum tipo de pontuação para essa atividade... Mas atribui pontuação para as coisas burocráticas, para as coisas de pesquisa, para as publicações... Então, alguns docentes se dedicam somente a essas coisas... Eu optei por não trabalhar em pós-graduação *stricto sensu* e por não ficar publicando como uma louca – apesar de gostar muito de escrever... Eu optei por me dedicar primeiro aos meus alunos... Depois disso, vêm outras coisas – como pesquisa e extensão... Essa é uma opção de vida... Isso tem a ver com o ideal de cada um... Eu acho que, em um projeto como este, deveria ter alguma forma de valorizar os docentes pelo trabalho de atendimento aos alunos... Este projeto sofre, porque – apesar de ser um projeto diferenciado – as nossas regras têm sido as mesmas regras dos outros setores da Universidade...

### *Avaliação*

Nas turmas em que eu trabalho, a gente define o contrato didático no início do semestre... Nesse contrato aparecem todos os critérios avaliativos: “Faz chamada ou não faz? Qual é o horário máximo para entrar na aula? Como vai ser a avaliação?”... Claro que isso não é inflexível! Mas eu faço esses acordos para co-responsabilizar o processo... Eu aprendi essa coisa do contrato didático com o Masetto<sup>418</sup> e achei isso sensacional... Eu gostei muito! Acho que funciona. Alguns

---

<sup>418</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

colegas acham que ele engessa um pouco o processo... Mas eu acho que não, porque a gente estabelece algumas coisas mínimas e depois vai trabalhando...

Eu só cortei um pouco a coisa muito emocional dentro da avaliação, porque nas minhas primeiras experiências apareceram coisas assim: “Mas a minha vó morreu!”; “Mas não sei o quê...”; “Mas, veja bem, a minha vida...”... Eu acho que essas questões pessoais a gente pode tratar individualmente, no momento em que elas acontecem. Quando eu sei que aconteceu algo com o aluno, eu pergunto: “Você precisa de mais tempo para fazer?”... Mas essas pessoas que falam essas coisas no dia da avaliação, geralmente, são aquelas que não estavam a fim de fazer a atividade... Aí está outra questão, né?! Não existe só gente com bom caráter... A gente tem boa intenção, quer incluir, quer emancipar... Mas há pessoas que querem colonizar, que querem oprimir... E aí é o que eu falo: “Nem todo deficiente é do bem, nem todo velho é do bem, nem toda criança é do bem.”... Tem criança com doze anos que pode assassinar uma pessoa porque é psicopata... Essas coisas têm que estar muito claras para nós...

E se você deixa o sujeito dar o seu próprio conceito<sup>419</sup>, pode ser complicado... Tem o sujeito que não faz nada e que quer o conceito máximo – mesmo sabendo que a aprendizagem dele não foi plena, ele quer o conceito máximo porque ele quer o histórico dele todo com conceito APL<sup>420</sup>... E tem o sujeito humilde – que nunca está satisfeito e que sempre acha que ele não fez tudo que podia fazer – que se dá o conceito APS<sup>421</sup> ou AS<sup>422</sup>... Então, na mediação, você tem que relativizar essas coisas... Por isso, eu acho que o nosso papel é diferente do papel do aluno. O professor não pode deixar que o sujeito que fez tudo, que cumpriu todas as questões, fique com um conceito diferente de APL... Que pena que tem que ter esse papel, né?! Se não tivesse esse papel, estaria tudo resolvido, porque o mais importante é a aprendizagem e não o histórico escolar... Mas o mercado, infelizmente, pede esse papel... Nós vivemos em um país capitalista e os nossos alunos não podem fugir disso: existe um papel que ele recebe e que ele vai mostrar nas empresas... Por que ele vai se prejudicar se dando um conceito ruim? Então, aí vem o meu papel de corrigir as distorções e de chamar o sujeito para conversar...

<sup>419</sup> Na UFPR Litoral os estudantes são avaliados por conceitos. E os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

<sup>420</sup> Aprendizagem Plena.

<sup>421</sup> Aprendizagem Parcialmente Suficiente.

<sup>422</sup> Aprendizagem Suficiente.

E quando o sujeito falta muito mais que em vinte e cinco por cento das aulas... Aí não tem jeito! Aí o conceito é AI<sup>423</sup> mesmo e ele vai ter que refazer aquele módulo... E quando o sujeito fica com APS ele pode pedir PRAAE<sup>424</sup>... Daí a gente faz alguma coisa para atender o sujeito... Mas, geralmente, eles deixam para fazer as recuperações quando eles já estão no último período do curso... Aí a gente vai resolvendo os casos e eles fazem as recuperações necessárias...

### *Estágio...*

O estágio é concomitante a partir do segundo semestre do curso. Os alunos têm a oportunidade de fazer o estágio também durante o período noturno, porque alguns alunos trabalham o dia inteiro. E os alunos apresentam um plano de estágio baseado em pesquisa-ação... No primeiro semestre de estágio eles vão para a escola para reconhecer o cenário escolar... Depois, nos outros semestres, eles vão realizando a pesquisa-ação... Mas tem sempre aquela questão de que depende muito do orientador: às vezes, o aluno chega ao final do semestre com pouca sistematização; às vezes, o aluno chega ao quarto ano com muita dificuldade de escrever... Por outro lado, a inserção dos alunos na escola desde o começo do curso faz os FTP ficarem riquíssimos... Então, mesmo que, muitas vezes, eles não tenham a capacidade de sistematizar e articular as ideias com a literatura – que também é um ponto importante –, eles são muito bons no diálogo sobre a escola... Eles têm muitas respostas para os problemas da escola, porque eles vivenciam esses problemas na escola e discutem na Universidade... E aí eles vão aprendendo na discussão e na prática... É teoria e prática o tempo todo...

Eu acho que eles encontram muitas dificuldades quando começam o estágio... Mas é aí que está a riqueza! Quando eles vão para a escola, eles vão para a escola real... Aqui eles fazem um trabalho diferente e eles têm muita liberdade. Esta semana nós estávamos conversando sobre relações interpessoais... Em várias monografias de estágio as relações interpessoais aparecem como ponto de pesquisa-ação... Seja a relação professor-aluno, a relação professor-professor ou a questão de falta de gentileza na escola. Daí eles fizeram um trabalho sobre relações interpessoais... E eles falaram que na Universidade eles aprenderam a falar sem medo de dizer bobagem, e que na escola – enquanto alunos da Educação Básica –

---

<sup>423</sup> Aprendizagem Insuficiente.

<sup>424</sup> Programa de Reforço e Acompanhamento da Aprendizagem Estudantil.

eles ficavam mudos... Por que isso acontecia? Porque, muitas vezes, se eles perguntavam algo, os professores respondiam: “Já expliquei isso!”... Tem uma grosseria, né?! E eles se chocam muito com isso nas escolas, apesar de terem sido alunos e terem vivenciado essa coisa... Acho que isso acontece porque aqui os professores, geralmente, tratam eles com muita humanidade, com uma atuação interpessoal muito boa... Em uma ou outra situação a gente vê essa coisa da superioridade – afinal, somos humanos e erramos...

E os nossos alunos também ficam indignados, no estágio, com a reprodução de conteúdos, e com aquelas coisas de não poder selecionar conteúdos e de ter que cumprir todas as regras da Secretaria de Educação sobre preenchimento de livros de chamada... As Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná são muito antagônicas com o nosso projeto... O Estado do Paraná não aceita os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências... E as Diretrizes Curriculares são altamente engessadas e conteudistas...

Além disso, também tem o problema da indisciplina... Os nossos alunos ficam indignados com a indisciplina... Muitos deles têm a indisciplina como o seu tema de pesquisa-ação... E o que acontece? Ao mesmo tempo em que eles estão vendo o problema na escola, eles estão vendo que tem solução... Existem outras maneiras de trabalhar... Então, eles vão construindo... Eles vão trabalhando com o real e com o ideal... Alguns alunos, no começo do estágio, falam: “Eu não vou dar aula nessa escola! Pelo amor de Deus!”... Depois, no final do estágio, eles dizem: “Acho que acabei me encontrando... Acho que eu vou ser professor!”...

#### *Elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Ciências...*

As discussões sobre o Projeto Pedagógico do Curso aconteceram na Câmara de Ciências... Havia uma pré-construção do projeto com os professores que estavam na Câmara desde dois mil e oito... Eu entrei nessa Câmara em dois mil e dez e, logo em seguida, assumi a coordenação da Câmara... Então eu coordenei o processo de elaboração do primeiro PPC<sup>425</sup> de Ciências... Nós tínhamos encontros semanais e fazíamos seminários de assuntos pertinentes para entender emancipação e as Ciências de modo geral... E, a partir das discussões, eu elaborava uma proposta – como coordenadora do curso naquele momento... Aí, na semana

---

<sup>425</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

seguinte, eu trazia a proposta e se discutia novamente... Havia participação de alunos e docentes nessas reuniões. Depois, passamos para a elaboração do texto e aí foi tentativa e erro, até que a primeira versão do PPC ficou pronta... Hoje estamos no processo de aprovação da segunda versão do PPC.

E essa segunda versão foi necessária em função das questões limitantes que nós fomos percebendo... Por exemplo: na primeira versão do PPC a gente não quis engessar as ementas; mas daí quando os alunos se inscrevem para pegar aulas pelo PSS<sup>426</sup>, eles não conseguem, porque as cento e vinte horas de cada área não aparecem no histórico... Então, na segunda versão, vai aparecer a carga horária de Física, de Química e de Biologia nas ementas... Nós temos que pensar que o PSS é uma possibilidade de emprego para os nossos alunos... Então, fizemos essa correção para que os nossos alunos não tenham prejuízos...

Outro ajuste que fizemos é sobre os Projetos de Aprendizagem... A Câmara vai cobrar um memorial dos PA... Acho que isso é importante, porque não necessariamente os professores da Câmara de Ciências são os mediadores de PA dos nossos alunos... E nós queremos saber como os alunos têm feito esses projetos... Acho que isso enriquece o processo e é também uma maneira de cobrar, né?! Tem muitos professores e pessoas da comunidade reclamando que o espaço dos PA é ocioso e que não se tem produção. Então, para fortalecer o espaço nós precisamos de dados e informações de que não é bem assim... Por isso, pensamos em pedir memoriais dos PA...

### *Reuniões de Câmara e de Conselho*

Quando eu comecei a trabalhar aqui, as reuniões de Câmara e de Conselho eram muito mais interessantes, porque ainda não tínhamos a burocratização regimental. Então, havia muito mais pluralidade, muito mais discussão... E as reuniões eram mais frequentes, eram semanais. Eu acho que um projeto como este exige que a equipe se encontre toda semana para conversar sobre o que está acontecendo. As reuniões de Conselho aconteciam toda sexta-feira à tarde e a gente chamava de *Conselhão*. Nessas reuniões eram discutidas todas as questões

---

<sup>426</sup> Processo Seletivo Simplificado. Para se inscrever nesse processo, no Estado do Paraná, não é necessário que a pessoa tenha concluído o curso de Licenciatura; basta que a pessoa tenha concluído cento e vinte horas na área específica da disciplina a ser ministrada no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio da rede estadual de ensino.

que envolviam o Setor... As pessoas que participavam das reuniões decidiam os rumos do projeto. Então, bastava participar!

E as reuniões de Câmara também eram semanais... E, na época, os professores participavam de duas câmaras... Então isso era um pouco complicado, porque, como eu falei antes, a academia não valoriza o tempo gasto com as questões pedagógicas. Hoje os professores participam de apenas uma Câmara... E as reuniões da Câmara de Ciências têm acontecido para definir, basicamente, as coisas burocráticas. O caráter mais pedagógico foi desaparecendo.

Mas, antes, essas reuniões possibilitavam coisas bacanas... O nosso curso de Ciências teve uma construção linda nesse período... Nós construímos o nosso primeiro Projeto Pedagógico de Curso com os alunos... Nós começamos o curso sem um projeto e o construímos com a comunidade... Mas, como eram muitas reuniões, nós vimos que as pessoas estavam deixando suas vidas pessoais e os seus currículos de lado... Aí se deu o conflito!

E, ao mesmo tempo, as pessoas muito legalistas, que vieram trabalhar aqui e que não veem valor nas coisas que não são regimentais, começaram a ganhar espaço... Essa linha do Direito é esmagadora! É terrível! Para nós, no Conselhão, não tinha diferença entre aluno, professor e técnico... Era todo mundo igual! Se a comunidade quisesse vir e dar opinião, podia vir... Todo mundo era ouvido... E aí se chegava a um consenso sobre os assuntos, não tinha votação... Mas os legalistas começaram a participar como nossos representantes em Curitiba... E algumas pessoas de Curitiba queriam esmagar este projeto, porque isto aqui as questiona e coloca em xeque o que elas estão fazendo há cem anos... Enfim, né?! Eu acho que isso vem no bojo dos quinhentos e quatorze anos que a gente viveu sendo colonizado... A Universidade vem no bojo disso... E um Setor não ter Regimento significa menos poder para a elite... O Regimento elaborado aqui não foi acatado pela nossa sede... Hoje o nosso Conselho é parecido com os conselhos das outras universidades... Então, continua a colonização – na perspectiva de que quem manda é quem está em outro nível... E mesmo pessoas com uma tendência, teoricamente, progressista foram contra e balizaram essa decisão.

Então, aqui, nós vivemos sempre em um movimento de resistência. Eu sinto que os docentes que têm suas raízes em famílias de agricultores – como eu –, e/ou que viveram uma situação de pobreza, conseguem ser mais inclusivos... Mas os docentes que vieram de uma história de vida dentro da elite – da classe média

intermediária e alta –, que são filhos de famílias bem estruturadas; os sujeitos que conseguiram fazer a graduação inteira sem trabalhar, daí já entraram na Iniciação Científica, no mestrado e no doutorado... Não é que eles não queiram ser inclusivos, mas eles só enxergam o universo que eles viveram e daí eles entram nessa linha legalista e não conseguem ver que isso é opressor...

### *Mudanças em Matinhos...*

Eu observo muitas mudanças na região... Mudanças no atendimento, mudanças nos serviços... Acho que a cidade está atraindo mais o comércio na época de temporada... Acho que as pessoas estão ficando mais exigentes com a qualidade dos serviços públicos... Mas uma coisa que não mudou – e que é muito ruim – é mercado... Fora de temporada quase não tem produtos diferenciados... Os mercados parecem um pouco sujos, bagunçados... As pessoas cuidam mais desses espaços na temporada. Os mercados maiores são da elite, né?! E eles não estão nem aí para a população permanente da cidade. Então, em algumas coisas eu percebo mudanças e em outras não...

Ah! Tem outra coisa: as dunas eram tiradas nos inícios de temporada. Por que isso acontecia? Porque os comerciantes não querem perder a vista do mar... E o IAP<sup>427</sup> não fica fiscalizando o tempo todo, mas os nossos alunos de Gestão Ambiental – e de outros cursos – fiscalizam!... As denúncias hoje são muito mais vigorosas do que eram antes, porque hoje tem mais gente pensante aqui. E as dunas são importantes, né?! As corujas buraqueiras moram nas dunas... Outros animais também usam as dunas... Então, quando os nossos alunos veem ações para retirar as dunas, eles se mobilizam e denunciam... As redes sociais ajudam muito nisso também!

Enfim, acho que são essas coisas que mudaram... Talvez se eu ficasse pensando mais tempo, eu lembrasse mais coisas... Eu nunca me detive a parar para pensar muito sobre isso... Acho que a gente vai vivenciando as coisas e aquilo vai se constituindo como algo natural, né?! Quando você vê, parece que você já não lembra mais do passado... E aí a gente tem que ficar se esforçando para lembrar...

---

<sup>427</sup> Instituto Ambiental do Paraná.



### *Relações de poder...*

Acho que as relações de poder são um problema... Acho que para que um projeto com esta perspectiva possa se efetivar realmente, a seleção das pessoas para trabalhar talvez tenha que diagnosticar essa questão da vaidade e de poder... Essas coisas atrapalham muito o projeto... Vou dar um exemplo: imagina que você está fazendo um trabalho lindo, você está fazendo um evento maravilhoso, mas como eu discuti com você e você não concordou com a minha ideia – e o negócio foi pesado na hora da discussão – então, eu não vou prestigiar o teu evento e não vou avisar os meus alunos do teu evento... Entende o problema? A disputa de poder começa nesse nível, seja entre aluno e aluno, seja entre professor e professor... E ainda tem as questões de relação com a direção... Então... É o tempo todo! E na academia, em geral, tem esse problema, né?! Acho que quando o cara estuda muito – e do jeito que é essa formação acadêmica – há uma vaidade muito grande: o que eu penso deve ser acatado!... Eu já ouvi que algumas pessoas são contra a direção – e a pessoa do Valdo, principalmente – porque, em determinado momento, o Valdo não deu ouvidos a essas pessoas... Elas acham que o Valdo tinha que ter falado com elas antes de tomar certas decisões e ele não falou... Mas, na gestão, não dá para ouvir todo mundo sempre... E aí, por essas coisas, cria-se inimizade, acontecem brigas e, daí, se perdem oportunidades de crescimento pessoal e profissional... Alguns professores envolvem os alunos nessa situação... Outros *puxam o tapete* dos colegas em determinados momentos, por exemplo, segurando uma informação e aí você perde algumas oportunidades porque você não ficou sabendo de determinadas coisas... Acontecem muitas coisas assim aqui... Se um professor faz um bom trabalho ou se os alunos convidam esse professor para ser o paraninfo da turma... Isso incomoda alguns colegas... Então, as vaidades de alguns colegas e as relações de poder têm atrapalhado muito o nosso trabalho...

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 11 – VALENTIM

Nome completo do colaborador: Valentim da Silva

Data e local de nascimento: 30 de março de 1977, Salto do Lontra (PR)

Data da entrevista: 23 de outubro de 2014

Eu nasci em Salto do Lontra – no sudoeste do Paraná. Meu pai era borracheiro nessa cidadezinha pequenininha. Quando eu tinha três anos, nós fomos morar em uma cidadezinha menor ainda: Nova Prata do Iguaçu – na época ela ainda era Distrito de Salto do Lontra. Nós mudamos para Nova Prata porque surgiu um emprego de borracheiro, para o meu pai, em um posto de gasolina. Então, eu fiz o Ensino Fundamental e o Ensino Médio nesse município. Depois eu parei de estudar por cinco anos. Eu não gostava da escola, não me identificava com os processos escolares... Eu reprovei em Química no primeiro ano do Ensino Médio e isso aumentou ainda mais o meu desgosto pela escola, e a minha não identificação com a escola. Quando eu terminei o Ensino Médio, eu saí de Nova Prata e trabalhei como servente de pedreiro e como auxiliar de produção...

E daí um dia eu fui passear em Nova Prata e fiquei sabendo do vestibular do CPEA<sup>428</sup>, na cidade de Palmas – também no sudoeste do Paraná... Na época, era bem comum o pessoal fazer o vestibular lá... A Prefeitura de Nova Prata dava o transporte para Palmas e ajudava com a pensão em Palmas. Isso facilitava as coisas, porque diminuía alguns custos... Daí eu resolvi fazer o vestibular e voltei para casa... E voltei a trabalhar como borracheiro com o meu pai... Desde que eu era pequeno, o meu pai me levava para a borracharia, então, desde os oito ou dez anos, eu lembro que estava sempre trabalhando como borracheiro com o meu pai; a única vez que eu tentei não ser borracheiro foi quando eu saí de Nova Prata... Como a Prefeitura pagava o transporte e a hospedagem, eu só tinha que pagar a faculdade... Então eu pagava as mensalidades da faculdade com o meu trabalho de borracheiro. E, lá em Palmas, o sistema era a pedagogia da alternância: a gente ficava uma semana na faculdade e quinze dias em casa. Isso também ajudou para que eu pudesse estudar.

---

<sup>428</sup> Centro Pastoral, Educacional e Assistencial “Dom Carlos”.

E eu escolhi fazer a faculdade de Ciências com habilitação em Química... Mas eu não fui pelas Ciências, eu fui pela habilitação em Química... Como eu tinha reprovado em Química no Ensino Médio e como nas cidadezinhas do interior não trocam as professoras – é o tal do QPM<sup>429</sup>, né?! –, então, é sempre a mesma professora... Eu reprovei no primeiro ano do Ensino Médio em Química, daí no outro ano era a mesma professora... Ela chegou na sala de aula, me olhou e a gente se entendeu... E eu percebi que se eu não estudasse, eu ia reprovar de novo. Daí estudei Química para a professora não *pegar no meu pé* e para não reprovar. Daí no segundo ano era ela de novo e estudei um pouco mais de Química... No terceiro ano era ela de novo e eu estudei um pouco mais de Química... Dali a cinco anos, quando fui fazer vestibular, a única coisa que eu achei que eu podia saber um pouco era Química, porque eu tinha estudado sempre para não reprovar... E daí fiz vestibular para Ciências com habilitação em Química...

Mas eu nunca tive a intenção de ser professor... Eu achava que ia trabalhar em alguma indústria... Na faculdade a gente aprende a fazer... Aprende não! A gente faz lá na hora, né?! É aquela coisa de memorização, tudo sem sentido, tudo sem significado... A gente faz umas reações químicas sobre detergentes em sala de aula, daí vai para o laboratório e faz algumas coisas... Depois a gente estuda sobre tinta, vê uns dez livros sobre tinta e, depois, passa uma tarde no laboratório... Daí mistura duas provetas lá e o negócio fica amarelo, e tu acha que sabe fazer tinta... Então, eu achava que ia trabalhar na indústria. Sempre pensei que ia trabalhar na indústria...

Daí, em janeiro de dois mil e três, a minha namorada engravidou... E eu descobri que não ia ser tão fácil assim trabalhar na indústria, porque eu já tinha ido às cidades próximas e não tinha muitas empresas na época... E, nas escolas, as vagas para professor estavam todas ocupadas... Hoje falta professor em tudo quanto é lugar!... Naquela época sobrava professor... Então, comecei a procurar emprego, porque eu precisava aumentar as minhas possibilidades... E fiquei sabendo que, em Cascavel, estava abrindo uma faculdade particular, chamada FAG<sup>430</sup>... Era uma faculdade grande, e eles estavam contratando pessoas para trabalhar como professores. Como eu estava pedindo emprego em tudo quanto era lugar, eu fui lá também... Daí o cara disse: “Por enquanto, nós só estamos contratando pessoas

---

<sup>429</sup> Quadro Próprio do Magistério.

<sup>430</sup> Faculdade Assis Gurgacz.

com mestrado.”... E aí eu descobri que eu tinha que fazer o tal do mestrado... Então, comecei a garimpar o que era mestrado e onde tinha...

Nessa época eu estava construindo um TCC<sup>431</sup> voltado para a análise de solo, de calcário, porque eu gostava da parte de Química Agrícola – eu me identificava... Na borracharia a gente consertava muitos pneus de trator, de máquinas agrícolas e de carretas – do pessoal que transportava calcário para o interior. E isso me chamava a atenção! Eu me perguntava: “Que reações químicas acontecem com o calcário?”... Esse era o tema do meu TCC... Como eu estava estudando isso e gostei, eu falei: “Vou fazer um mestrado nessa linha... Química do Solo!”... E descobri que tinha um mestrado em Química do Solo na Esalq<sup>432</sup>, na USP<sup>433</sup>, em Piracicaba... Daí eu fui para Piracicaba, fiquei trinta dias lá conhecendo o Câmpus, conhecendo os professores, conhecendo o Programa de Pós-Graduação, conhecendo os laboratórios... Fiquei fazendo experimentos em laboratório, tudo por conta... E foi lá que eu tive sugestões de leitura para estudar para a seleção do mestrado... E estudei... Firme e forte! Estudei o que deu para estudar, mas não consegui passar na seleção da Esalq...

Quando voltei para o Paraná, eu já sabia que não tinha passado, porque não tinha ido bem na seleção... O ônibus que vinha de Piracicaba chegava de manhã em Curitiba e só tinha ônibus para Nova Prata à noite... Então, durante o dia, eu ia ficar na casa da minha irmã... E a minha irmã falou assim: “Olhei na *Internet* e vi que também tem mestrado na área de solos na Agronomia na UFPR<sup>434</sup>.”... Daí eu decidi ir lá para ver... E eles me informaram que o processo seletivo para o mestrado seria dali a trinta dias... Então, eu tinha trinta dias para construir um projeto. Aproveitei e já conversei com alguns professores do mestrado... Gostei da pesquisa que um professor fazia e decidi fazer um projeto naquela linha. Daí fiquei trinta dias em Curitiba, fiz o projeto e entrei no mestrado na UFPR. Mas eu não consegui bolsa... Eram dezenove vagas e eu fiquei em décimo sexto; e só tinha cinco bolsas... Então, eu tive que trabalhar enquanto fiz o mestrado... Consegui algumas aulas na rede estadual, como professor PSS<sup>435</sup>, na região de periferia de Curitiba...

---

<sup>431</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>432</sup> Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”.

<sup>433</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>434</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>435</sup> Processo Seletivo Simplificado em que os professores são contratados temporariamente para atender a demanda de professores da rede estadual de ensino paranaense.

Quando eu terminei o mestrado, em dois mil e seis, o meu namoro já tinha terminado... Fiquei longe da noiva e aí se foi, né?! E aí já não tinha mais motivo para voltar ao interior... Então, decidi fazer o doutorado na sequência. Mas eu já sabia que eu podia começar o doutorado como aluno especial – antes de passar pelo processo seletivo... No mestrado, como eu falei, eu tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo e foi muito, muito difícil... E eu sabia que para os alunos especiais era um pouquinho mais tranquilo. Então, comecei o doutorado como aluno especial. Mas, pensando em concursos, decidi fazer o doutorado na área de Química. Antigamente os concursos pediam tudo na mesma área, né? Faculdade de Química, mestrado em Química, doutorado em Química... Então comecei a me preocupar com isso. Faz pouco tempo que as universidades procuram diversidade na formação, né?! Faz pouco tempo que se busca o pessoal que dá conta de mais áreas, que tem diferentes formações... Enfim, em dois mil e oito, eu passei a ser aluno regular do doutorado em Química e passei no concurso aqui na UFPR Litoral<sup>436</sup>...

Antes de falar da UFPR Litoral, eu vou voltar um pouquinho e dizer como eu comecei a trabalhar como professor... Como eu já disse, eu era borracheiro em Nova Prata. Eu ganhava muito pouco, então tentei fazer outras coisas ao mesmo tempo, para ganhar mais dinheiro... Naquela época, tudo era muito difícil, tinha aquela coisa toda da dificuldade... Então, em dois mil e dois, eu consegui algumas aulas em Cascavel – à noite – no Colégio Estadual São Cristóvão. Peguei aulas de um tal *Projeto Interdisciplinar* e aulas de Matemática no Ensino Médio. Trabalhei pouco tempo nessa escola, acho que era para cobrir uma licença maternidade ou algo assim... Essa foi a minha primeira experiência como professor... E eu tive muita dificuldade de dar aula de Matemática... E o Projeto Interdisciplinar ninguém sabia explicar o que era, nem a escola sabia explicar... Na verdade, eles só queriam que o professor estivesse lá... Depois, em Curitiba, consegui aulas de Química... Faltava professor de Química e eu consegui aulas no bairro Pinheirinho, no Colégio Estadual Professora Etelvina Cordeiro Ribas – uma escola bem barra pesada... E eu não tinha a menor ideia do que era uma aula de Química! Eu sabia fazer aquilo que tinham feito comigo: reprodução de conteúdo, leitura e exercícios... Depois eu trabalhei em Almirante Tamandaré com aulas de Ciências, Química, Física, Biologia... Foi assim que começou a minha experiência como professor...

---

<sup>436</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

E quando eu estava começando o doutorado, eu recebi um e-mail falando do concurso da UFPR Litoral... E eu vi que aquele concurso pedia Licenciatura em Ciências e mestrado em Ciências... Aí eu disse: “Pô! É a minha vaga!”... Eu fiz faculdade de Ciências com habilitação em Química e o meu mestrado, embora tenha sido na Agronomia, foi em Ciências do Solo... Daí eu pensei: “Faculdade de Ciências com habilitação em Química e mestrado em Ciências do Solo... Duas Ciências... Dá certinho! É a minha vez!”... Então, comecei a estudar para o concurso. Pesquisei o que era a UFPR Litoral, procurei o Projeto Político Pedagógico, visitei o Setor<sup>437</sup> duas vezes, participei de ICH<sup>438</sup>... Comecei a ler um monte de livros sobre Educação... Li Miguel Arroyo<sup>439</sup>, li Paulo Freire<sup>440</sup>... Pense: uma pessoa com faculdade de Química, mestrado em Agronomia e doutorado em Química... Eu não lia sobre Educação... Comecei a ler por causa do concurso...

E no concurso teve várias coisas que chamaram a minha atenção. O concurso começou às treze horas de uma segunda-feira e terminou às dezoito horas da sexta-feira... Foi a semana inteira! Tinha cento e vinte e três candidatos para duas vagas... Talvez isso tenha acontecido por causa daquele processo histórico que todo mundo se acha com direito de trabalhar com Ciências... No Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, todo mundo acha que pode dar aula de Ciências... Biólogos, químicos, físicos, geógrafos, matemáticos: todo mundo pega aula de Ciências! Então, eu acho que no concurso para Ciências aconteceu isso também... Todo mundo achou que podia fazer o concurso para Ciências... Inclusive eu, né?! E até aquele momento, eu achava que a minha formação era em Química... Mas é uma habilitação em Química... Enfim... Hoje eu percebo que o que eles buscavam era diferenciado... Eles queriam alguém que tivesse um histórico de atuação em escola, alguém que tivesse dado aula de Ciências no Ensino Fundamental... Acho que essas coisas me favoreceram... Muitos que fizeram aquele concurso tinham só a carreira acadêmica mesmo – de sair da faculdade e ir direto para o mestrado e para o doutorado. Tinha muitos doutores fazendo o concurso, mas eles não tinham experiência em sala de aula... Então, acho que a minha experiência em sala de aula me ajudou bastante no concurso...

---

<sup>437</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

<sup>438</sup> Interações Culturais e Humanísticas. O professor Valentim falará desse espaço na sequência da entrevista.

<sup>439</sup> Miguel Gonzalez Arroyo. Doutor em Educação pela *Stanford University*. Professor aposentado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>440</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Educador brasileiro.

No início do trabalho aqui, o professor Valdo<sup>441</sup> fez reuniões conosco, explicando algumas coisas do Projeto Político Pedagógico do Setor... E a Elize Keller<sup>442</sup>, na época, estava fazendo uma pesquisa de mestrado<sup>443</sup> sobre o nosso Projeto Político Pedagógico, e ela veio conversar conosco, fez um trabalho de formação conosco... Isso ajudou a compreender um pouquinho o processo educacional daqui... E, quando cheguei aqui, eu fui trabalhar no curso de Ciências e no Técnico em Orientação Comunitária. No TOC<sup>444</sup> eu trabalhei com o professor Luiz Rogério<sup>445</sup> e com a professora Ângela Katuta<sup>446</sup>, e nós trabalhamos aquele semestre com ensino por projeto – na época o TOC era um curso técnico com Ensino Médio Integrado. Então, desde o primeiro semestre de trabalho aqui, eu tive acesso ao ensino por projeto... Enquanto nas Ciências não... Nas Ciências eu trabalhei com um professor que não estava trabalhando com ensino por projeto. E daí eu pude verificar a diferença de metodologia... Vi os avanços que nós conseguimos com os alunos do TOC e o que conseguimos com os alunos de Ciências. E percebi que o ensino por projetos potencializa a construção de conhecimento, para além da memorização... Isso me atraiu! Aí eu comecei a aprofundar as leituras sobre o ensino por projetos... E, desde então, venho trabalhando com ensino por projetos... No começo era muito difícil, eu não entendia muito bem a metodologia... Era difícil trabalhar sozinho... E quando estava trabalhando com outro professor nem sempre tinha afinidade... Às vezes, os professores, que estavam há mais tempo na Universidade, prezavam mais pelos saberes deles... Isso dificultava alguns encaminhamentos... Hoje eu acho que valeu pela experiência... Mas o que me fortaleceu foi a experiência no TOC...

E, hoje, eu considero que a UFPR Litoral é um espaço diferenciado para algumas pessoas... Ainda não é assim para todas as pessoas e acho que nunca vai

---

<sup>441</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

<sup>442</sup> Elize Keller Franco. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp).

<sup>443</sup> Trata-se da dissertação intitulada *Currículo por Projetos: inovação do ensinar e aprender na Educação Superior* – defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em dois mil e oito.

<sup>444</sup> Técnico em Orientação Comunitária.

<sup>445</sup> Luiz Rogério Oliveira da Silva. Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>446</sup> Ângela Massumi Katuta. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

ser... Às vezes, aqui dentro, eu me sinto em um espaço que não é só de educação, mas que dá sentido para a vida. Eu participo muito dos processos educacionais... Então, eu devia dizer: “Eu venho muito para a Universidade.”? Não! Eu venho pouco para a Universidade! Mas eu me permito ir fazendo coisas e procurando cada vez mais sentido, trabalhando com projetos e tentando me aproximar do Projeto Político Pedagógico daqui – envolvendo a comunidade, envolvendo as escolas, envolvendo as pessoas, e sempre com sentido e com significado... Isso me levou para fora da Universidade! Eu percebi que aqui, na Universidade, eu nunca ia conseguir envolver a comunidade... Por quê? Porque a comunidade olha para cá e vê os prédios bonitos, vê a UFPR... Ainda é a UFPR! E essa UFPR nunca foi para a comunidade... Basta pegar o histórico em Curitiba e ver os projetos que eles têm... Eu passei a entender isso aqui dentro. E eu disse: “Não dá para ficar esperando eles entrarem, porque eles não vão entrar. A comunidade não vai entrar, a escola não vai vir para cá.”... E aí começou o meu movimento: eu tento sair... Acho que nós já conseguimos alguns avanços... A nossa primeira tentativa foi trazer os professores das escolas estaduais para participar de projetos aqui na Universidade – e desse projeto resultou a elaboração de material didático para eles trabalharem nas escolas. Mas eu percebi que eles ainda vinham para cá *arrumadinhos*, sabe? As professoras vinham com salto alto, os professores também vinham arrumados – todo mundo bonitão –, porque eles estavam vindo para a Universidade. E eu comecei a pensar se era desse jeito que eles iam trabalhar nas escolas, se era desse jeito que eles se comportavam... Eu acho que o nosso espaço físico ainda atrapalha na integração... E eu vi que não dá para ficar aqui na Universidade chamando o pessoal... Eles chegam aqui e veem as salas novinhas, ar condicionado, aqui está cheio de mestres e doutores... Nesse momento, aquela concepção antiga do que é a Universidade se faz presente... Então eu disse: “Temos que dar um jeito de ir para a comunidade.”...

E, desde que eu comecei a trabalhar aqui, eu trabalho com docência compartilhada... Comecei com o Luiz Rogério e com a Ângela... E, há uns três anos, eu comecei a trabalhar com o professor Maurício<sup>447</sup>, e a gente se identifica muito. Isso nos levou a pensar vários projetos... A gente começou a conversar e se perguntar: “O que mais dá para fazer? O que mais pode integrar?”... Daí surgiu a ideia de ir para uma escola... Isso vem dessa construção em que você se debruça

---

<sup>447</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).



sobre a sua prática, faz a reflexão e propõe um novo encaminhamento pautado nos objetivos que você quer alcançar... Então, nós fomos ao Colégio Estadual Sertãozinho, conversamos com o diretor, pedimos uma sala para trabalhar lá... E aqui na Universidade nós fomos à sala da turma da graduação em Licenciatura em Ciências para conversar com os alunos que nós iríamos trabalhar no semestre seguinte e perguntamos se eles estavam a fim de fazer um projeto lá no Sertãozinho<sup>448</sup>... E assim nós criamos o primeiro projeto em que os alunos daqui trabalham dentro de uma escola... Eu acho que os avanços são bem significativos... A comunidade nos aceita, nós já somos da escola, os alunos da escola nos chamam de professor... É bacana! A gente conversa com os alunos da licenciatura e eles relatam a importância desse trabalho, eles contam como se sentem... Acho que a gente encontrou um caminho... É claro que é um projeto bem tímido, bem frágil ainda... Nós temos uma parceria com a professora da escola, mas ainda temos limitações – porque estamos no tempo da escola, dentro da estrutura da escola. A escola mudou o horário das turmas e agora nós temos três aulas de cinquenta minutos para trabalhar com os alunos da escola em um dia específico da semana. Então, nós fazemos assim: planejamos em um dia e fazemos no outro, integrado. Eu acho que são avanços bem significativos e que trazem um sentido para o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral. Eu acho que a UFPR Litoral é essa Universidade que vai para a comunidade, que vai para os bairros, que interage com as pessoas, que permite outro tipo de olhar e outro fazer pedagógico – que é a tal da inovação mesmo, que não está feita, que tem que ser feita; que não está dada, que tem que ser construída. É assim que eu vejo a UFPR Litoral: um espaço de possibilidades fora dessa estrutura da Universidade.

Então, nos Fundamentos Teórico-Práticos – que é um dos espaços de trabalho aqui do Setor – eu pergunto: “Quais são os Fundamentos Teórico-Práticos?”... Ou seja: “O que está embasando a nossa prática?”... Por isso que, com a Licenciatura em Ciências, a gente vai para a escola... Eu falo para o pessoal: “Tem coisas que acontecem na escola, que só acontecem na escola.”... Tem coisas que só acontecem na escola mesmo, e não tem outro espaço que pode reproduzir o que acontece lá na escola. Então, você tem que estar lá na escola! E, por isso, mesmo nos dias de planejamento – que a gente poderia fazer em outro lugar – a gente vai

---

<sup>448</sup> Colégio Estadual Sertãozinho.

para a escola e faz o planejamento lá. Por quê? Porque as atividades acontecem na escola! Lá a gente já viu simulação de bombeiro, a gente já viu aluno bipolar quebrando tudo, a gente já viu briga de aluno... Isso acontece nas escolas... Como o professor lida com essas situações? Tem que estar na escola para saber! E a gente vai mediando os diálogos... Eu vejo que os FTP<sup>449</sup>, realmente, teriam que estar relacionados com as práticas do cotidiano dos alunos e carregados de sentido. Eu acho que isso é uma procura constante, uma reconstrução, uma reflexão – sempre ressignificando a prática. Claro que tem muitos desafios aí... É difícil dar conta disso. Mas é assim que eu vejo os FTP: uma reconstrução constante das práticas do cotidiano voltada para a área de formação...

E as Interações Culturais e Humanísticas são outro espaço... Eu acho que as ICH são para quem ousou aventurar-se... Ao se dedicar às ICH a gente se apaixona... Eu trabalho uma atividade de ICH de Cinema: *Cineclube Papo Aberto*. Essa atividade acontece na Biblioteca Cidadã do Balneário de Ipanema no município de Pontal do Paraná. Nós estamos com essa atividade há três anos... Já produzimos três filmes, já fizemos várias atividades na comunidade... E a gente usa os filmes, cedidos pelo programa Cinema do Brasil, para provocar uma reflexão sobre a nossa realidade. Como a gente fundamenta o que a gente faz lá? O nosso recurso didático é o cinema. Então, a gente exhibe um filme e pede para o pessoal falar sobre o filme e apontar o que ele identificou no filme que tem a ver com a realidade dele. A ideia é buscar uma reflexão crítica... No começo não funcionava muito bem... As pessoas que têm mais facilidade de falar em público acabavam oprimindo os outros pela facilidade de fala; e as pessoas mais tímidas acabavam não falando. Então, nós criamos uma dinâmica: cada participante pegou um pedacinho de papel e escreveu palavras, e nós passamos a usar essas palavras para provocar a reflexão... Agora nós estamos fundamentando isso... Nós descobrimos que isso pode estar relacionado com a Teoria da Complexidade do Edgar Morin<sup>450</sup>, com os operadores cognitivos. E descobrimos também a tese<sup>451</sup> do Carlos Vianna<sup>452</sup>, que trabalhou com essas palavras – ele colocava palavras na frente das pessoas, nas entrevistas, porque ele queria que a pessoa não dispersasse das perguntas, então o cara falava

<sup>449</sup> Fundamentos Teórico-Práticos.

<sup>450</sup> Pseudônimo de Edgar Nahoum (1921). Sociólogo francês.

<sup>451</sup> Trata-se da tese intitulada *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática* – defendida na Universidade de São Paulo (USP) em dois mil.

<sup>452</sup> Carlos Roberto Vianna. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

a partir daquelas palavras... Depois, nós descobrimos também outro professor que trabalha com operadores cognitivos, o professor Humberto Mariotti<sup>453</sup>... Agora nós estamos adaptando a metodologia e um dos processos é justamente a sugestão de um operador cognitivo para as discussões... As palavras se transformaram em Operadores Cognitivos de Valores, a dinâmica é a Trama de Valores. Temos roteiro para elaborar os Operadores Cognitivos de Valores, pois não queremos qualquer palavra, queremos palavras de valor, pois estamos buscando construir conhecimento com valores, valores humanos. Então, todos os alunos, que participam dessa ICH, escrevem uma palavra e explicam por que eles querem aquela palavra nas discussões... E estamos pedindo para que expliquem o motivo da palavra porque estava acontecendo o seguinte: algumas pessoas pegavam certas palavras e diziam que não tinham encontrado relação com o filme... Isso acontecia porque, para aquela pessoa, a palavra não tinha sentido, porque era a palavra do outro – que, às vezes, já tinha ido embora e não podia explicar por que tinha sugerido aquela palavra. Então, agora, nós começamos a pedir para a pessoa explicar um pouquinho o porquê daquela palavra. E nós pretendemos fazer um encarte de todo esse processo – com as palavras sugeridas e a intencionalidade das palavras... Daí, se um sujeito não encontra relação, terá outro sujeito explicando – e, talvez, daí comece um diálogo com a ideia do outro... Porque, quando uma pessoa pega uma palavra, ela sabe que pegou a palavra de alguém ali dentro, e sabe também que alguém está com a palavra dela – com o operador cognitivo dela –, então, automaticamente, começa a integrar a fala do outro e a fazer relação entre o que ela sugeriu e o que o outro sugeriu... Assim a gente começa a entender o que faz sentido para as outras pessoas e o que faz sentido para nós em um espaço de diálogo... E, tudo isso, voltado para a nossa realidade – através de uma ferramenta, que é um filme. Então, o processo das ICH é algo que me enaidece bastante... As ICH, realmente, são interações culturais e humanísticas – o tempo todo!...

E o espaço em que, eu confesso, ainda tenho mais dificuldade é o espaço dos Projetos de Aprendizagem... Por quê? Porque é onde eu mais tenho que trabalhar a minha aceitação. O meu tempo e o tempo do outro... Às vezes, nos PA<sup>454</sup> a gente acha que o projeto é nosso e demora um pouco para entender que o projeto é do outro... É o aluno que está construindo o saber, é o aluno que está construindo

---

<sup>453</sup> Humberto de Oliveira Mariotti. Médico e professor brasileiro.

<sup>454</sup> Projetos de Aprendizagem.

o conhecimento. Às vezes, eu digo: “Você não veio na mediação! Você nem me avisou!”... Ou ainda: “Você disse que ia fazer!”... E o aluno tem a justificativa de por que não fez ou por que não veio... Às vezes, eu cobro um aluno de alguma coisa e o aluno diz: “Professor, eu troquei o projeto. Agora estou fazendo outra coisa.”... E eu já disse coisas assim: “Pô... Mas estava indo tão bem... Estava legal.”... Ou seja, eu estava gostando do projeto, mas o projeto era dele... Então, o PA é muito bacana, porque o aluno realmente exerce a autonomia dele – no tempo dele e com aquilo com que ele tem afinidade. O aluno vai construindo... Isso rompe completamente com o mais tradicional da academia, porque, enquanto no processo tradicional se exige que o aluno construa determinados conhecimentos em um determinado tempo, nos PA os alunos constroem os conhecimentos deles no tempo deles. E o professor precisa entender que é o tempo do aluno e não o tempo do professor... Às vezes o professor fala: “Pô! Mas você ainda não leu aquele livro? Já faz meses que você está com o livro... Não leu ainda?”... Não... Não leu! É o tempo dele... Talvez o tempo dele exija dois meses, talvez exija três meses, talvez exija até abandonar o livro... Eu fico pensando: “Quantos livros eu já abandonei? Quantos livros eu não li? Quantas coisas eu devia ter lido e não li? Quantas vezes, no mestrado e no doutorado, eu não li artigos que tinha que ter lido? Quantas vezes eu deixei leituras pela metade? Quantos conhecimentos não foram construídos porque não faziam sentido?”... E quantas vezes eu pensei: “Eu podia ter gastado esse tempo construindo outros saberes.”?... Por isso, eu acho o espaço dos PA fantástico! Ele permite que o aluno exerça a autonomia no tempo dele...

Vou citar um Projeto de Aprendizagem que eu medieei... Era o projeto de três meninas do TOC... Na época, nós ainda não tínhamos o curso de Gestão Desportiva e Lazer, então não tinha ninguém formado em Educação Física aqui no Setor. Como elas eram alunas do Ensino Médio Integrado, do TOC, elas achavam que tinham que ter Educação Física – aquela coisa que os alunos guardam do Ensino Fundamental... Então, essas meninas queriam atividades de Educação Física para a turma, inclusive com a comunidade. Mas quais atividades? Quem viria da comunidade? E se viessem pessoas idosas? E se viessem jovens? E se viessem os pais? Esses eram os desafios delas... Então, elas começaram a fazer uma série de atividades e começaram a propor encaminhamentos que levassem à prática dos exercícios. O objetivo delas era a atividade de Educação Física, sem sombra de dúvida! Mas elas deviam estudar antes... Elas precisavam estudar os exercícios que

iam propor... E elas queriam fazer exercícios na piscina também – nós temos a piscina aqui e elas queriam usar a piscina... E eu perguntava: “Que tipo de exercício? Exercício com bola? Exercício com argola? Exercício com isso? Exercício com aquilo?”... E elas foram construindo os saberes, foram lendo e pesquisando... Aí, em determinado dia – quando estava se aproximando o dia de efetivar a chamada da turma para fazer a prática de exercícios – elas descobriram que era necessário ter um profissional acompanhando... Evidentemente elas se revoltaram comigo, porque eu tinha que ter dito que precisava ter um profissional acompanhando... Mas eu não disse, porque o projeto não era meu. O projeto era delas! Elas estavam construindo esse saber... Daí, naquela revolta toda, elas abandonaram o projeto... Mas elas descobriram que é importante ter um profissional acompanhando as atividades físicas... Depois, passado um tempo e a revolta delas, eu acabei mediando novamente duas alunas desse grupo... Mediei projetos em outros temas... Então, foi uma experiência muito legal para mim.

Faltou dar um exemplo de FTP, né?! Eu vou falar do projeto que a gente trabalhou lá no Sertãozinho... Vou contar como surgiu esse projeto... Eu já trabalhei em muitos cursos de formação de professores em semanas pedagógicas, então conheci municípios, conheci professores, conheci escolas... E, evidentemente, eu sempre trabalhava com os professores de Ciências nesses cursos... E o que me chamava atenção era o seguinte: em toda escola que eu ia, tinha a questão da horta na escola na disciplina de Ciências... Sempre tem um professor interessado em trabalhar com horta na escola... E tem três coisas que me chamam a atenção nisso: o professor faz a horta porque dá verdura ali e as crianças podem levar um pouco de verdura para casa; o professor faz a horta para complementar a merenda escolar; os professores reclamam que quando o ano acaba a horta também acaba, porque não tem ninguém na escola para cuidar da horta... Essas três coisas me incomodam... Vou explicar os motivos...

Essa coisa de fazer a horta para a criança levar verdura para casa, geralmente, é para as crianças mais pobres. Isso está relacionado com a desnutrição infantil. Aí, nos cursos, eu perguntava aos professores: “Vocês já passaram fome?”... Os professores que já passaram fome entendiam a importância da criança levar a verdura para casa; e os professores que não passaram fome entendiam a importância de levar a verdura para casa para não passar fome – eles imaginam que é muito desagradável passar fome... Bom... A minha infância foi muito

difícil... Como eu já disse, o meu pai era borracheiro... Então, às vezes, a gente passava fome... E o que eu lembro da minha história de vida é o seguinte: quando uma criança passa fome tem duas coisas ruins... Uma delas é quando ela passa fome e não tem comida para ninguém... E a outra é quando tem pouca comida e alguém come e alguém não come. Na minha casa aconteceram as duas coisas... Às vezes, não tinha comida e todo mundo passava fome... E, às vezes, tinha comida só para alguns... Eu sou o filho mais novo, então a minha mãe tratava o filho mais novo e não tratava os filhos mais velhos... Então, muitas vezes, eu comi e os meus irmãos não comeram... E isso era muito difícil!... Eu me arrependia de ter comido... E isso é pior do que passar fome junto com os irmãos!... Quando um come e os outros não, aquele que comeu é discriminado – na própria família – por isso... Há violência dos irmãos mais velhos com o irmão mais novo... E aí você se arrepende de ter comido e preferia não ter comido também... Então, como eu me lembro disso, nos cursos, eu pensava: “Esses professores não têm a menor ideia do que está acontecendo nas famílias.”... Não dá para fazer uma horta na escola para mandar verdura para uma criança... A verdura não vai combater a desnutrição infantil e não vai suprir as necessidades da família. Há a necessidade, sim, de se ter uma política pública envolvida nos processos escolares... É preciso envolver a comunidade e relacionar outros programas e esferas das instituições municipais para tentar amenizar essas situações. Então, eu digo para os professores: “A horta na escola não pode ser construída para combater a desnutrição infantil. A horta é uma ferramenta pedagógica utilizada para construir saberes na escola. Saberes com significado e com sentido. Se vocês querem combater a fome, vocês precisam acionar outros programas e políticas públicas, é um trabalho em rede.”...

E quando os professores falam da horta para complementar a merenda escolar, eu digo: “A merenda escolar é uma política pública que prevê a carga nutricional para a criança. A merenda tem que ser suficiente para a criança. Se a merenda na escola não está sendo suficiente para atender as quantidades de nutrientes que a criança precisa, então vocês precisam ver o que está acontecendo, porque a política pública prevê que ela seja suficiente. Não dá para fazer horta na escola para complementar a merenda escolar, porque ela não precisa ser complementada.”... E quando os professores reclamavam que a horta acaba no final do ano, eu pensava: “Qual é o objetivo da manutenção de uma horta na escola nas férias?”... Eu entendo que a horta tem que acabar no final do ano, e que, no outro

ano, os professores devem começar outra horta – com outros alunos, para que eles construam os seus significados e saberes, inclusive plantando outras coisas...

Então, essas três coisas me levaram a pensar sobre a horta na escola... E daí, conversando com o Mauricio e com a Suzana<sup>455</sup> sobre isso, nós resolvemos criar uma proposta de FTP com o eixo temático *Horta na escola: espaços educacionais sustentáveis*. Quando a gente fala de sustentabilidade, a gente pensa no meio ambiente, né?! E eu pensava: “Como se constrói um espaço educacional sustentável?”... O termo *sustentabilidade*, no meio ambiente, significa que ele vai interagir com ele mesmo e quanto menos interferência ele sofrer, mais ele funciona... Essa é a ideia de sustentabilidade no meio ambiente... Daí eu pensei: “Como a gente cria um espaço assim na escola? Um espaço onde quanto menos interferir mais funciona? Que espaço é esse?”... Essa era a ideia... Nós usamos a horta na escola para isso. E a pergunta é: “Como o processo de construção de horta pode potencializar a produção dos conhecimentos tanto dos estudantes da graduação quanto dos estudantes do oitavo e do nono ano do Ensino Fundamental?”... Essa foi uma experiência bem bacana... Nós construímos quatro tipos de horta na escola: horta hidropônica, horta de pequenos espaços, horta suspensa e horta de canteiro. Além disso, discutimos políticas públicas, merenda escolar, discutimos programas em que os pequenos agricultores podem vender seus produtos nas escolas... Conversamos com uma nutricionista... Fizemos experimentos em laboratório... Tudo isso voltado para a construção do conhecimento em Ciências. Então, foi uma experiência muito legal.

E os nossos alunos da Licenciatura em Ciências têm estágio desde o segundo semestre. Nós – Maurício, Suzana e eu –, geralmente, trabalhamos com a turma do terceiro ano e daí o responsável pelo módulo de estágio é o Maurício... Aí nós trabalhamos o estágio integrado com os FTP... Porque nós trabalhamos na escola, então os nossos alunos já estão na escola desenvolvendo as atividades junto com os alunos da escola – tanto observação quanto regência de estágio, mediados por nós... Então, é assim: o módulo de FTP acontece nas terças e nas quintas – um dia planeja as atividades e no outro os alunos da graduação trabalham com os alunos da escola na disciplina de Ciências... E o estágio supervisionado acontece na segunda-feira. Nós, professores, ficamos nas segundas, terças e

---

<sup>455</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

quintas na escola... E integramos os módulos de FTP e de estágio... Então, o tempo todo nós estamos com os alunos, acompanhando o que eles estão fazendo... Por exemplo, se eles preparam e trabalham uma aula tradicional, na outra semana – no momento de avaliação e planejamento – nós falamos: “O que aconteceu? Vocês ficaram duas horas falando... Os alunos se dispersaram... Não tinha sentido para os alunos... Vocês não instigaram eles... Que metodologia vocês utilizaram?”... Aí a gente faz o quadro de paradigmas com o tradicional e o emergente emancipatório... Daí vamos questionando eles: “Qual metodologia vocês estão utilizando? O que vocês querem provocar nos alunos?”... Então, eles nunca estão sozinhos na escola... Nós sempre estamos com eles... Acho que assim eles se sentem mais seguros... Acho que assim faz mais sentido.

E, depois dessas experiências, eu acho que os alunos não têm dificuldades de vivenciar a proposta do Setor... Eu trabalho com os alunos do terceiro ano da Licenciatura em Ciências... E eu trabalho com currículo integrado em uma escola, trabalho com docência compartilhada e trabalho com ensino por projetos... Então, essa experiência me diz que os alunos não têm dificuldade de trabalhar com uma metodologia diferenciada... Não é que não tem dificuldade, dificuldade tem! Né?! Existe a dificuldade do desafio de trabalhar com essa metodologia, mas há desafios e dificuldades em todas as metodologias – independente de ser tradicional ou não. Então, talvez a palavra não seja *dificuldade*... Acho que a palavra é *resistência*... Eu já pensei que os alunos tinham certa resistência à proposta... Agora eu não acho isso... Acho que eles resistem quando eles não compreendem o sentido e o significado das atividades... No sistema tradicional os alunos sabem, mais ou menos, o que se espera deles e do que eles precisam dar conta... Aqui eu acho que eles se encontram com muita facilidade, eles se comprometem muito mais e superam os desafios e dificuldades. Se isso acontece, não há resistência... Como eu disse, eu trabalho com os alunos do terceiro ano, então, eu penso: “Se eles tivessem resistência à proposta, no terceiro ano essa resistência devia ser muito maior.”... E eu não vejo resistência...

Pensando agora nas questões de gestão... Quando eu comecei a trabalhar aqui, as reuniões de Câmara<sup>456</sup> eram mais pedagógicas... A gente discutia bastante a estrutura pedagógica, os encaminhamentos pedagógicos, as metodologias, os

---

<sup>456</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.



FTP, as ICH, os PA... A gente discutia o que estava acontecendo com os alunos, falava das dificuldades que os alunos estavam enfrentando, tinha troca de experiência, tinha relato das turmas – então, a gente sempre sabia o que estava acontecendo em todas as turmas do curso... A gente discutia textos... Depois do Regimento Setorial, essas reuniões ficaram bem mais burocráticas; os encaminhamentos são burocráticos no sentido de: assina aqui, assina ali, alguém vai sair, alguém vai entrar, temos que terminar tal coisa até tal dia, temos que rever a ementa do curso... Então, as reuniões ficaram burocráticas mesmo, e muito chatas. Totalmente sem sentido! Antes a gente se reunia toda terça-feira para as reuniões de Câmara e toda sexta-feira para as reuniões de Conselho. Essas duas reuniões eram muito importantes... Eu aprendi muito nessas reuniões! Aprendi muito! Eu me lembro de várias situações com passagens bem significativas, discussões... Era uma diversidade muito grande de professores e todos contribuía nas discussões. Hoje essas reuniões são totalmente burocráticas... Na reunião de Conselho os professores nem participam mais, só os representantes de Câmara participam. Então, a gente nem sabe o que está acontecendo... Antes, esse era um espaço aberto, em que todo mundo tinha direito à fala... Agora não... Então, eu acho que esses dois espaços empobreceram bastante...

Houve discussões muito ricas na Câmara de Ciências... Quando nós elaboramos o Projeto Pedagógico do Curso da Licenciatura em Ciências nós discutimos todos os encaminhamentos na Câmara de Ciências... Muitas vezes nós escrevemos juntos nas atividades de Câmara... Os professores faziam leituras, traziam contribuições... Nós estudamos algumas resoluções da Universidade – a do estágio, por exemplo... Aí a gente discutia o que nos fundamentava para atender aquilo que eles queriam, mas da forma que a gente gostaria de atender... E nós percebemos que era possível construir o PPC<sup>457</sup> pautado nas resoluções e normas da Universidade e que não precisava seguir a interpretação tradicional – rígida e, muitas vezes, limitada... Vou dar um exemplo: na LDB<sup>458</sup> a gente lê que a avaliação qualitativa se sobrepõe à quantitativa, mas no sistema tradicional a gente só usa a avaliação quantitativa... Por que a gente nunca discute isso? Por que o professor entra na Universidade e avalia da mesma forma que ele foi avaliado?... Então, as discussões na Câmara permitiram discutir essas coisas... Nós olhamos para a LDB,

---

<sup>457</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

<sup>458</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei n. 9394/96).

olhamos para as resoluções da Universidade... Nos perguntamos o que a lei quer dizer e o que as resoluções querem dizer... E nos perguntamos também: “O que nós queremos construir nesse projeto inovador?”...

Então, acho que foi muito bacana essa construção coletiva do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências... O PPC ficou carregado de sentido para quem participou da sua elaboração, ele foi construído com os professores... A gente discutia o que estava acontecendo nas turmas e essas discussões também faziam pensar no texto... Agora, nesses dias, a nossa pauta é o estágio... Nós estamos sentindo que o que está escrito no PPC – o que a gente quer atender – não está acontecendo em relação ao estágio... Então, nós estamos discutindo o estágio e propondo mudanças. Ou seja, nem tudo está perdido! De vez em quando aparece uma discussão pedagógica na Câmara... Mas há um detalhe: faz seis meses que o assunto do estágio está pautado e a discussão ainda não andou... Mas o assunto está em pauta... Eu acho que o estágio devia acontecer de forma integrada na escola e com os professores da Universidade. Acho que não tem sentido ter um módulo de estágio se o aluno vai sozinho para a escola. Eu acho que o estágio tem que acontecer com o professor da Universidade junto com o professor da escola... Aí, realmente, iria aproximar Universidade e escola, e teria sentido estar aqui com um projeto diferenciado.

Aliás, se eu pudesse mudar algo aqui no Setor, eu deixaria a proposta mais aberta – como era antigamente. Gostaria que as reuniões do Conselho voltassem a ser abertas e que voltassem as discussões pedagógicas naquele espaço... E também gostaria que as reuniões de Câmara se preocupassem mais com as questões pedagógicas... E que pudéssemos pensar em outras coisas! Por exemplo: nós tivemos uma experiência pedagógica aqui que foi a maior experiência pedagógica que eu já tive... A experiência das turmas mistas! A nossa ideia era realmente integrar todas as turmas para trabalhar os FTP... Em certo semestre, entraram onze turmas, no noturno, e não tinha espaço aqui na Universidade para essas turmas, então a gente foi trabalhar com esses alunos no Complexo Educacional<sup>459</sup>. Mas, seis meses antes dessas turmas chegarem, nós tivemos muitas reuniões para construir a proposta de trabalho... Eu participei de todas as reuniões, e era muito legal! Tinha muita fundamentação teórica, tinha muita gente

---

<sup>459</sup> Complexo Educacional Francisco dos Santos Junior.

batuta nessas reuniões – lendo, fundamentando, criando, propondo... Foi construída, literalmente, uma proposta coletivamente com um grupo de professores... Acho que eram uns quinze ou vinte professores trabalhando juntos, para além das reuniões de Câmara e de Conselho. E nós chegamos a uma configuração para desestruturar todos os cursos, no primeiro semestre deles, e reestruturar turmas com três alunos de cada curso em cada sala.

Na época, entravam trinta alunos por curso, e eram onze cursos... Então nós organizamos os alunos em dez salas de aula... E em cada sala havia trinta e três alunos, sendo três alunos de cada curso. Então, em cada sala tinha três alunos de Gestão Pública, três alunos de Ciências, três alunos de Linguagem e Comunicação, três alunos de Gestão Imobiliária, três alunos de Saúde Coletiva, enfim, três alunos de cada curso... Por que fizemos isso? Porque não importava a formação do professor, ele teria que trabalhar aquilo que seria construído com a turma – não tinha como ele partir do saber dele para conseguir o que ele queria dos alunos. Então, o professor tinha que provocar os alunos: “O que nós vamos fazer aqui?”... E ele tinha que fazer junto, para que todo mundo se integrasse. Isso foi muito legal, porque não era o saber do Valentim que estava em pauta, nem o saber do curso do Valentim... O que estava em pauta era o que nós queríamos construir de modo integrado... Como acontece na sociedade, né?! Tem o dentista, tem o médico, tem o mecânico, e a sociedade toda se integra... Por que a escola separa? É só a escola que separa as pessoas por curso... Todo mundo que é do curso tal fica ali naquela salinha, todo mundo que é do curso tal fica na outra salinha... Até bater o sinal... Aí todo mundo se mistura! Parece que no intervalo as pessoas estão em um ensaio de sociedade... Só falta alguém dizer: “Podem ensaiar agora como vocês vão viver ali fora.”... Mas quando bate o sinal você volta de novo para a salinha do seu curso... E tem a coisa das idades também, né?! Todo mundo que tem dez anos está no quinto ano, todo mundo que tem onze anos está no sexto ano... E quando a gente vê que um aluno de dezessete anos está no nono ano a gente diz: “Nossa! Você tem dezessete anos e está no nono ano?”... Por que a gente pergunta isso? Parece que todo mundo tinha que estar naquela caixinha, né?! E na sociedade ninguém fala assim: “Agora atravessa a rua só quem tem dez anos.”... Na sociedade todo mundo é integrado... Por que na escola tem essas caixinhas? Então, aquela experiência fez a gente refletir sobre isso... E sobre a importância de construir saberes comuns para dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, com as diferentes pessoas – inclusive

pessoas de diferentes idades. Tinha pessoas de sessenta anos na sala e tinha pessoas de dezessete anos... Aí pensamos sobre a importância do saber da pessoa de dezessete anos e do saber da pessoa de sessenta anos construindo saberes coletivos com sentido e significado para ambos... Então, as turmas mistas foram muito bacanas!

Mas, no final do semestre, evidentemente, nós levamos boicote e acabou a experiência... Alguns professores pegaram as turmas mistas e não iam dar aula, daí faltava professor... Essas coisas acontecem na Universidade e atrapalham o projeto... O professor, que era contra o movimento – e que não conseguiu lutar contra ele, que não conseguiu resistir e impedir o movimento –, pegava aula e não ia dar aula... Aí as turmas ficavam sem professor... Isso aconteceu várias vezes... E a gente sabe que os professores que faziam isso eram, justamente, as pessoas que tinham se posicionado contra esse movimento. E ainda hoje essas pessoas são claramente contra o Projeto Político Pedagógico do Setor... E alguns desses caras dizem: “Não sou contra o Projeto Político Pedagógico.”... Mas eles pegam as disciplinas deles e dizem: “É a disciplina tal.”... Tem cursos aqui, por exemplo, que os alunos não sabem o que significa ICH – não sabem o que significa a sigla –, não sabem o que significa PA, não sabem o que significa FTP... Por que isso acontece? Porque eles têm as disciplinas de tal curso... “A disciplina do fulano de tal.”... Porque o cara dá disciplina... Então, são coisas visíveis de posicionamento e ação contra o PPP do Setor. Enfim, as turmas mistas funcionaram apenas um semestre... Mas eu acho que foi a maior revolução que eu já vi na educação... Eu entendi que o curso universitário, o curso superior, devia ser para a vida, para a sociedade; e não para uma empresa privada, que contrata um profissional especialmente qualificado e formado com o dinheiro público...

Falando em sociedade... Dá para ver algumas mudanças aqui no litoral nesses últimos anos... O movimento aumentou... Agora aqui tem mais restaurantes, farmácias, supermercados... Logo que eu vim para cá, isso aqui era um abandono... Hoje a gente passa pelos prédios e vê luzes ligadas, pelo menos em um ou outro apartamento... Acho que a economia da cidade melhorou bastante... Oitenta por cento dos nossos alunos são do litoral... O nosso maior público de alunos ainda é do município de Matinhos... A gente vai aos lugares aqui e encontra alunos provocando discussões, reflexões... Eles criticam mais, falam mais, se posicionam mais... Então, dá para perceber que alguma coisa está mudando. Acho que em Pontal do Paraná e

em Paranaguá já dá para perceber algumas coisas assim também... Eu trabalho em dezesseis municípios – com cursos para professores –, então aonde eu vou é porque a UFPR Litoral está lá, de algum modo... Evidentemente, aonde eu vou, eu estou cercado de pessoas que se identificam com essa proposta... Então, eu sempre estou vendo a mudança acontecer. Na verdade, sou até suspeito para falar, né?!...

E acompanhando vários professores, várias escolas, vários municípios e olhando para o quadro nacional da educação, dá para perceber que é preciso fazer alguma coisa na educação. Do jeito que está, a educação não tem mais sentido... Há muitos professores desmotivados nas escolas, alunos desmotivados... A realidade das pessoas, dos jovens e das crianças, é totalmente diferente da realidade dos professores. Os professores ainda estão com aquela formação antiga, enquanto os jovens estão interagindo em cinco ou seis ambientes virtuais ao mesmo tempo... Então, a forma de construir conhecimento é diferenciada... Eu acredito que há um distanciamento entre a escola tradicional e o seu público alvo... Eu acredito que aqui no Setor a gente consegue aproximar um pouquinho mais... Nós tentamos romper esse distanciamento e estreitar os laços com as metodologias inovadoras, com algo que faça sentido para os alunos. Então, eu acredito que a gente merece um pouquinho mais de cuidado... Esse é um Setor novo, frágil, que trabalha com metodologias frágeis, e as pessoas aqui dentro estão muito tensas – pelos vários embates que já aconteceram aqui devido às suas compreensões e histórias de vida... Então, eu acredito que nós merecemos um pouco mais de atenção e cuidado... Acho que o nosso projeto está muito frágil... E eu tenho medo que ele acabe... Eu tenho medo que a gente leve mais uns *carteirões* e que o projeto acabe... E que aí a gente fique pensando o que poderia ter sido feito aqui... Então, o meu medo é esse... O meu medo é que isso aqui acabe e que a gente não possa mais fazer a diferença... É isso...

## VIAGENS

Por meio da narrativa nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã. Memória e imaginação amalgamam-se nesse processo.

Jerome Bruner (2014, p. 103)

O trabalho com as entrevistas estava sendo intenso, e como esse trabalho exige muita atenção, meu corpo estava cansado. Então, naquela manhã, fiquei na pousada em que estava hospedada e aproveitei para organizar alguns arquivos no computador e para descansar. Logo depois do almoço fui para a UFPR Litoral, pois eu teria duas entrevistas no período da tarde. A primeira delas seria às quatorze horas, com a professora Lenir<sup>460</sup>.

Conheci a Lenir em dois mil e dez, quando visitei o Setor Litoral pela primeira vez. Lembro que ela falou que trabalhava no Cefet-PR, em Pato Branco, antes de vir para a UFPR Litoral. Como cursei Licenciatura em Matemática no Cefet de Pato Branco, a fala dela sobre o Cefet me marcou naquele dia. Quando visitei o Setor Litoral, em dois mil e treze, conversei novamente com Lenir e tive a oportunidade de participar de um encontro da atividade de *Interações Culturais e Humanísticas* que ela mediava – o *Feito à mão*, em que se compartilhavam técnicas de artesanato – e que acontecia no município de Morretes.

Cheguei à UFPR Litoral, encontrei a professora Lenir e procuramos um lugar para conversar. Lenir contou que ela não pretendia ser professora. No entanto, o curso de Licenciatura em Ciências se mostrou uma boa opção para que ela ingressasse no Ensino Superior. Ela morava em Cascavel e então fez vestibular para esse curso na Fecivel<sup>461</sup>. Mas a faculdade ficava muito longe da sua casa e, na época, não havia ônibus para facilitar o deslocamento até a faculdade; então Lenir conseguiu carona com uma amiga, mas, pouco tempo depois, a amiga desistiu da graduação e Lenir teve que trancar o curso pela dificuldade com transporte. Depois disso, ela ficou sabendo que a Fafiu<sup>462</sup> oferecia um curso de Licenciatura Curta em

---

<sup>460</sup> Lenir Maristela Silva. Doutora em Ciências (Produção Vegetal) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Setor Litoral da UFPR.

<sup>461</sup> Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel. Atual Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

<sup>462</sup> Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Umuarama.

Ciências. As aulas desse curso aconteciam às sextas-feiras – o dia todo e à noite – e aos sábados. Então, Lenir decidiu estudar em Umuarama. Depois ela fez um curso de habilitação em Biologia na Fecivel. Fiquei pensando na questão do transporte e da mobilidade nas cidades do interior do Paraná... Lenir comentou que, à época, era mais fácil para ela se deslocar até Umuarama nos finais de semana do que se deslocar todas as noites em Cascavel (de sua casa até a Fecivel).

Sobre sua atuação como professora, Lenir relatou ter trabalhado com as disciplinas de Ciências e de Matemática em escolas públicas e com a disciplina de Biologia em escolas particulares em Cascavel. Ela gostava do que fazia nas escolas, mas a *energia* das crianças do Ensino Fundamental a estressava, e ela sonhava trabalhar no Ensino Superior. Aí surgiu a oportunidade de prestar um concurso para a área de Biologia no Cefet de Pato Branco. Ela passou no concurso e assumiu as aulas de Botânica nos cursos de Agronomia e de Licenciatura em Ciências. Por causa disso, Lenir decidiu fazer mestrado nessa área e, depois, fez doutorado na área de Agronomia, na linha *Contribuições Interdisciplinares à Fitotecnia*.

Concluído o doutorado, Lenir voltou ao Cefet, mas se sentia muito mal, porque começou a pensar em outras possibilidades de trabalho, e era difícil fazer algo diferente no Cefet. Além disso, no período em que ela ficou afastada para cursar o doutorado, o curso de Licenciatura em Ciências deu lugar ao curso de Licenciatura em Matemática no Cefet de Pato Branco. Quando Lenir voltou, ela passou a trabalhar apenas com as turmas de Agronomia – e isso não a agradava. Aí surgiu a oportunidade de trabalhar na UFPR Litoral: Valdo, que tinha sido seu orientador no doutorado, a convidou para trabalhar no Setor Litoral e ela conseguiu, pelo processo de redistribuição de vagas, transferência de local de trabalho.

Quando Lenir chegou ao Setor Litoral, ela estava muito envolvida pelo projeto da UFPR Litoral e isso causou desentendimentos com alguns colegas, mas, aos poucos, ela foi aprendendo a lidar com esses problemas e encontrou o seu modo de trabalhar. Lenir comentou que acredita na proposta diferenciada do Setor Litoral, mas também acredita que algumas coisas da proposta tradicional são importantes e que alguns alunos precisam de certo direcionamento, no sentido de orientação. Assim, é preciso equilibrar essas coisas: orientar atividades dando oportunidades para que os alunos participem de algumas escolhas e de algumas decisões nos processos educacionais.

Um ponto que chamou minha atenção na entrevista com Lenir foi a questão da inclusão na UFPR Litoral, inclusão de pessoas com diversos tipos de dificuldades. Isso me levou a pensar sobre essa questão de modo mais geral. Lenir falou também sobre a valorização do trabalho docente nas universidades... O que é valorizado nas universidades? Pesquisas, publicações... Enquanto isso, o trabalho realizado com os alunos fica em segundo plano. Ainda não há nenhuma valorização desse trabalho de acompanhamento dos alunos nas universidades, e a professora Lenir acredita que isso deveria ser diferente, deveria haver algum modo de valorizar o trabalho daqueles professores universitários que preferem dedicar-se ao atendimento de alunos. A fala da professora Lenir disparou alguns questionamentos: “O que se espera dos professores universitários em instituições de ensino que têm propostas pedagógicas diferenciadas? Como valorizar o trabalho dos docentes que atuam em instituições de ensino diferenciadas, quando as regras de pontuação das atividades dos docentes, por exemplo, para progressão salarial, são as mesmas regras das instituições de ensino tradicionais?”...

Do mesmo modo como o professor Rodrigo, Lenir comentou sobre a readequação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências. Ela falou sobre a necessidade de descrever a carga horária das disciplinas de Biologia, Física e Química para que os licenciandos – bem como os futuros egressos – tenham a possibilidade de se inscrever no PSS e assumir aulas na rede pública de ensino paranaense. A professora relatou também sua preocupação com o acompanhamento dos Projetos de Aprendizagem – ponto citado também por outros colaboradores desta pesquisa. Lenir contou que há a proposta de que os alunos do curso de Licenciatura em Ciências elaborem um memorial dos seus Projetos de Aprendizagem. Desse modo, os professores do curso poderão acompanhar o que todos os alunos da Licenciatura em Ciências estão fazendo em seus PA.

Lenir falou ainda sobre a formação constante na UFPR Litoral, e lamentou que as discussões pedagógicas tenham perdido espaço nas reuniões de Câmara e de Conselho Setorial. A professora Lenir acredita que em um projeto diferenciado é necessário que as pessoas se encontrem semanalmente para conversar sobre o que está acontecendo. Antes de encerrar a entrevista, Lenir também lamentou as questões de relação de poder e a vaidade de alguns professores: essas coisas, segundo ela, têm atrapalhado o trabalho no Setor Litoral.



Depois de aproximadamente uma hora e meia de conversa, encerramos a entrevista. A professora Lenir foi para uma reunião e eu fiquei relembando algumas das suas falas, enquanto esperava pelo horário da próxima entrevista. Os relatos sobre as relações de poder chamaram minha atenção: isso ainda não havia aparecido, explicitamente, em nenhuma das entrevistas. Pensei também que alguns colaboradores desta pesquisa relataram que as questões pedagógicas foram dando lugar às questões burocráticas nas reuniões de Câmara e de Conselho; e, aparentemente, isso causou descontentamento neles. Disso surgiu uma questão: “Os docentes da UFPR Litoral se mobilizaram, de algum modo, para tentar garantir a permanência de um espaço de discussões pedagógicas, sendo esse espaço diferente dos espaços da Câmara e do Conselho?”... Como nenhum colaborador falou sobre isso, é provável que não tenha ocorrido nenhuma mobilização nesse sentido. Daí vem outra questão: “Por que os docentes da UFPR Litoral não se mobilizaram para conseguir um espaço que possibilitasse discussões sobre as atividades pedagógicas que acontecem no Setor Litoral?”...

A próxima entrevista estava agendada para as dezesseis horas e trinta minutos com o professor Valentim. Conheci o Valentim em dois mil e treze quando visitei o Setor Litoral. Naquela ocasião, tive a oportunidade de conversar com ele sobre o seu trabalho e de acompanhar um encontro de Fundamentos Teórico-Práticos do curso de Licenciatura em Ciências – atividade que acontecia no Colégio Estadual Sertãozinho em docência compartilhada com Maurício e Suzana.

Durante a entrevista, Valentim contou que não gostava da escola. Quando terminou o Ensino Médio ele saiu da casa dos pais, e foi trabalhar como servente de pedreiro e como auxiliar de produção. Em uma visita à família, em Nova Prata do Iguaçu, ficou sabendo do vestibular no CPEA<sup>463</sup>, em Palmas – no sudoeste do Paraná. Essa instituição funcionava em regime de alternância: os alunos ficavam na faculdade por uma semana e tinham duas semanas livres; e aí o ciclo se repetia. Nessa época, algumas prefeituras da região sudoeste do Paraná auxiliavam as pessoas que estudavam em Palmas – geralmente, ofereciam transporte e estadia em pensões –, e a prefeitura de Nova Prata era uma delas. Então, Valentim decidiu prestar vestibular para o curso de *Ciências com habilitação em Química*, mas ele não pensava em ser professor; ele pensava em trabalhar em indústrias. Valentim

---

<sup>463</sup> Centro Pastoral, Educacional e Assistencial “Dom Carlos”.

escolheu esse curso porque havia reprovado em Química no Ensino Médio e, por isso, sempre teve que se dedicar um pouco mais a essa disciplina.

Para cursar a graduação, Valentim voltou a morar com seus pais e a trabalhar com o pai, como borracheiro. Foi assim que pagou seu curso de graduação. Quando precisou aumentar sua renda, ele percebeu que não conseguiria emprego em indústrias – havia poucas vagas na região – e, então, procurou emprego como professor. Em sua cidade não havia vagas, mas ele conseguiu algumas aulas de um Projeto Interdisciplinar e também de Matemática no Ensino Médio em Cascavel – Valentim contou que teve algumas dificuldades com as aulas de Matemática...

Em Cascavel, o professor Valentim buscou trabalhar na FAG<sup>464</sup>, que, à época, estava contratando apenas *mestres*. Foi assim que Valentim percebeu a necessidade de cursar o mestrado. Ele buscou, então, uma vaga no mestrado na área de Química dos Solos na Esalq<sup>465</sup>, em Piracicaba, mas não foi aprovado na seleção. Em seguida, prestou seleção para o mestrado na área de Solos, na Universidade Federal do Paraná e foi aprovado, mas não conseguiu bolsa. Por isso, precisou procurar emprego em Curitiba, e assumiu algumas aulas de Ciências, Biologia, Física e Química. Depois, ingressou no doutorado em Química, também na UFPR, e ficou sabendo do concurso na UFPR Litoral.

Valentim comentou que a formação continuada na UFPR Litoral o ajudou a entender a proposta pedagógica do Setor. Ele lamentou as mudanças nas reuniões de Câmara e de Conselho – que se tornaram espaços para resolver problemas burocráticos, quando antes eram espaços de formação. Valentim também comentou sobre a elaboração do PPC de Licenciatura em Ciências. Segundo ele, os estudos e as discussões que ocorreram durante a elaboração desse documento o tornaram carregado de sentido para os professores do curso. Do mesmo modo como acontece com alguns dos seus colegas, Valentim acredita que o estágio do curso de Licenciatura em Ciências precisa ser rediscutido. Segundo Valentim, os professores da Universidade precisam trabalhar em conjunto com os professores das escolas.

Valentim contou também que houve uma tentativa de trazer os professores da rede pública para participar de projetos na UFPR Litoral, mas ele percebia que os professores tinham preocupação até com as roupas que usariam para ir à

---

<sup>464</sup> Faculdade Assis Gurgacz.

<sup>465</sup> Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”.

Universidade. Isso acontecia porque a comunidade ainda via a Universidade como um espaço para poucos. Foi a partir dessas tentativas e observações que surgiu a ideia de se trabalhar em uma escola e, por isso, Valentim e Maurício foram até o Colégio Estadual Sertãozinho para saber se era possível desenvolver um trabalho com uma de suas turmas. A direção da escola concordou e, assim, começou um trabalho diferenciado no Sertãozinho<sup>466</sup>: estudantes de Licenciatura em Ciências passaram a desenvolver um módulo de Fundamentos Teórico-Práticos no espaço físico da escola, trabalhando com uma turma da escola – em parceria com a professora de Ciências dessa turma –, e sendo acompanhados pelos professores responsáveis pelo módulo.

O primeiro projeto desenvolvido no Sertãozinho foi sobre *hortas na escola*. Valentim contou que sempre que trabalhava com formação continuada de professores de Ciências alguém falava sobre hortas na escola, e três questões eram recorrentes: a possibilidade dos alunos levarem verdura para casa; a reclamação de que nas férias a horta acaba; e a possibilidade de complementação da merenda escolar. De acordo com Valentim, essas questões o incomodavam, pois os professores de Ciências deveriam ver a horta apenas como uma ferramenta pedagógica. A partir dessa vivência na formação continuada, ele propôs trabalhar esse assunto com os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências.

Ainda sobre os espaços curriculares da UFPR Litoral, o professor Valentim comentou outras coisas que chamaram minha atenção. Uma delas é que ele trabalha com uma atividade de Interações Culturais e Humanísticas sobre Cinema, em que são usados filmes para disparar reflexões sobre a realidade da comunidade. Eles têm usado palavras-chave, como operadores cognitivos, para disparar as discussões nesses encontros. Valentim disse que estava trabalhando na fundamentação dessa proposta e que um dos textos que pode ajudá-lo nisso é a tese<sup>467</sup> do Carlos Vianna, que foi meu orientador no mestrado. Outra coisa que chamou minha atenção foi o relato sobre a mediação dos Projetos de Aprendizagem: o professor Valentim disse que, em alguns momentos, teve dificuldades para entender que os projetos eram dos alunos e não dele. O professor

---

<sup>466</sup> Colégio Estadual Sertãozinho.

<sup>467</sup> Trata-se da tese intitulada *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática* – defendida na Universidade de São Paulo (USP), por Carlos Roberto Vianna, em dois mil.

ressaltou que no espaço dos PA é preciso aceitar e respeitar o tempo do outro, o tempo do estudante.

Valentim relatou ainda a experiência com os Intercursos – assunto que também foi abordado por Maurício em sua entrevista. A proposta dos Intercursos era reunir alunos ingressantes de todos os cursos noturnos da UFPR Litoral, formando turmas mistas, e os professores teriam que trabalhar os Fundamentos Teórico-Práticos com esses alunos de modo integrado. Para que isso fosse possível, houve muitas reuniões de planejamento e muitas discussões sobre a proposta. Apesar dos bons resultados observados por alguns professores, houve um movimento – de outros professores – para extinguir os Intercursos, e a experiência acabou.

Encerramos a entrevista depois de aproximadamente uma hora e meia de conversa. Mais uma vez, vários questionamentos foram disparados, e mais uma vez vi coincidências entre os professores que foram entrevistados nesse dia: os dois colaboradores assumiram que não queriam ser professores; os dois têm formação na área de Ciências, mas, em algum momento, trabalharam com a disciplina de Matemática na rede pública de ensino paranaense; os dois têm uma formação diferenciada – Lenir cursou uma Licenciatura Curta em Ciências com aulas apenas às sextas-feiras e aos sábados, e Valentim cursou Licenciatura em Ciências, com habilitação em Química, em regime de alternância – uma semana de aula e duas semanas em casa. Também vi coincidências entre as histórias deles e a minha história. Ambos moravam em cidades relativamente próximas à cidade em que eu morava no interior do Paraná; eles também precisavam viajar para fazer os seus cursos de graduação; e ambos saíram do interior do Paraná e foram morar em Curitiba na época dos seus mestrados... E enquanto eles, professores de Ciências, assumiram aulas de Matemática; eu, professora de Matemática, assumi aulas de Ciências – por um curto período.

Depois dessas entrevistas, fiquei pensando também em um preconceito que tive, por muito tempo, em relação a alguns cursos de formação de professores, como os cursos que eram oferecidos em Palmas. Alguns dos meus professores do Ensino de Primeiro Grau e do Ensino Médio foram alunos do CPEA em Palmas e, por isso, era comum termos professores substitutos em sala de aula. Eu acreditava que isso nos prejudicava muito, principalmente no Primeiro Grau, pois a cada semana tínhamos um professor diferente e o trabalho deles não tinha continuidade. Depois, como aluna do curso de Licenciatura em Matemática do Cefet-PR, em Pato

Branco, esse preconceito se intensificou. No primeiro ano do curso chegaram dois colegas com transferência de Palmas, e eles logo desistiram do curso no Cefet, pois não *aguentaram* ficar no nosso curso. Eles diziam que o curso do Cefet era muito difícil e que eles ainda não tinham visto aqueles conteúdos em Palmas. Eu não entendia como as pessoas que estudavam em Palmas poderiam ter um diploma *equivalente* ao diploma que a minha turma teria, se eles não tinham tantas aulas – e tanto conteúdo – quanto nós tínhamos no Cefet. Esse preconceito só foi superado quando comecei a entender o problema da carência de professores na região e a necessidade de formação de professores. Muitos professores da região sudoeste do Paraná foram *formados* em Palmas – principalmente na década de mil novecentos e noventa e no início da década de dois mil. Depois de superar esse preconceito, diversas vezes, eu me perguntei: “O que eu ainda lembro sobre os conteúdos que estudei no curso de Licenciatura em Matemática?”. Infelizmente, a minha resposta sempre foi: “Quase nada!”...

Enfim, as duas entrevistas desse dia foram intensas, dispararam várias lembranças... Elas também fizeram eu me lembrar do romance *Clarissa*, do Erico Veríssimo, em que a protagonista não gostava da escola. Nesse romance, em determinado momento, o autor narra cenas da escola<sup>468</sup>, que, embora tenham sido inspiradas em outros tempos, ainda se repetem, hoje, em tantas escolas.

Certamente ainda havia muitas questões para se pensar sobre tudo que ouvi e relembrei nesse dia... Depois de ouvir sobre tantas viagens, e de lembrar algumas das minhas viagens (nos tempos de graduação e também nos tempos de

---

<sup>468</sup> Na escola sempre o mesmo quadro cansativo.

Um mar agitado de cabeças que nunca se aquietam. Cochichos. Cícios. Na parede, os mapas.

[...] Nos recreios a algazarra é ensurdecadora. Clarissa entra nos jogos. Canta, grita e corre, quando está contente. Mas logo cansa, vai para um canto e fica pensando...

Que vida levarão as outras meninas que se divertem no pátio? Todas terão pais? [...] E se a gente pudesse adivinhar o que as outras pessoas estão pensando – como seria bom! Pelo menos seria possível saber com antecedência o ponto que a professora ia escolher para exame...

Depois do recreio: aula novamente.

As meninas entram com o rosto afogueado, ofegantes e ainda mais desinquietas.

A professora bate com a régua na mesa:

- Não bastou o recreio, insubordinadas?

Quando a algazarra cessa, a lição recomeça.

A Batalha dos Montes Guararapes. Calabar. O estreito de Gibraltar. O corpo humano. A família das umbelíferas. Regra de três composta.

No quadro-negro a professora risca os dados dum problema.

O calor sufoca.

E lá fora – o rio, brilhando ao sol, cheio de velas, azul como o céu, com cerros verdes nas margens. O rio, fresco, sem ondas, sem algarismos, sem obrigação de estudar. Livre!

(VERÍSSIMO, 2013a, p.155-156).

pós-graduação), era quase inevitável me questionar: “Quantos (futuros) professores ainda precisam viajar para estudar? Quantos (futuros) professores ainda terão que percorrer longas distâncias em busca de formação?”... Provavelmente, muitos. Afinal, muitas crianças ainda precisam enfrentar longas distâncias – diariamente – para cursar o Ensino Fundamental; e muitos adolescentes fazem o mesmo para concluir o Ensino Médio. Apesar de tantas inquietações, eu precisava me distanciar desses pensamentos; pois eu precisava me preparar para a última entrevista da semana. E também precisava me preparar para a viagem de volta a Rio Claro.

## TEXTUALIZAÇÃO – ENTREVISTA 12 – MARCOS

Nome completo do colaborador: Marcos Aurelio Zanlorenzi

Data e local de nascimento: 8 de fevereiro de 1964, Curitiba (PR)

Data da entrevista: 24 de outubro de 2014

Eu nasci em Curitiba... E comecei a estudar em uma escolinha chamada Escola Tia Paula – uma escola de Educação Infantil... Depois meus pais me colocaram em uma escola confessional: Instituto Beatíssima Virgem Maria... O meu pai era motorista particular e a minha mãe era doméstica na casa de uma família eminente de Curitiba, no bairro Batel... Até hoje, eu lembro da minha mãe passando roupa lá em cima, e de lá de cima – era uma casa grande, tinha vários andares – ela dizia: “Se você não se comportar, eu te coloco *naquela* escola.”... E *aquela* escola era o Colégio Estadual Júlia Wanderley... E, por motivos óbvios – meus pais não tinham condições de pagar –, eles tiveram que me tirar do Instituto Beatíssima Virgem Maria e tiveram que me colocar *naquela* escola... Imagina na cabeça da criança como isso se dá, né!? Enfim... Eu fui para o Colégio Estadual Júlia Wanderley e fiz o Ensino Fundamental todo lá. Tive alguns percalços, reprovações... Da quarta série<sup>469</sup> para a quinta série<sup>470</sup> eu fui aprovado *empurrado*, porque eu era o queridinho da professora... Daí reprovei na quinta série... Depois, reprovei na oitava série<sup>471</sup>... E o que mais me marcou na oitava série foi a Matemática e a Trigonometria... Para mim, aquele nome era uma coisa que... Enfim... Depois que superei isso eu ingressei no Cefet-PR<sup>472</sup>, no curso de Eletrotécnica... Fiz o meu Ensino Médio, técnico, no Cefet...

Depois do Cefet eu tentei vários vestibulares... Eu queria fazer Engenharia Elétrica no Cefet, mas a Matemática sempre me derrubava! Sempre... Sempre era a Matemática... Eu devo ter feito uns sete ou oito vestibulares... E, na época, o vestibular do Cefet era junto com o vestibular da UFPR<sup>473</sup>, então não dava para fazer os dois vestibulares ao mesmo tempo... Tinha que escolher um dos vestibulares e eu

---

<sup>469</sup> Corresponde, atualmente, ao quinto ano do Ensino Fundamental.

<sup>470</sup> Corresponde, atualmente, ao sexto ano do Ensino Fundamental.

<sup>471</sup> Corresponde, atualmente, ao nono ano do Ensino Fundamental.

<sup>472</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica. Atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>473</sup> Universidade Federal do Paraná.

sempre optava pelo Cefet... E a linha de corte do Cefet era muito alta! Eram nos décimos que se decidiam as vagas. E daí chegou um momento em que eu falei: “Não dá mais!”... A última vez que fiz vestibular no Cefet eu me preparei muito, e fiquei logo depois dos últimos classificados. Mas como não tem desistências... Daí eu falei: “Este ano eu preciso fazer uma universidade.”... E aí abri um leque de possibilidades. Fiz uns quatro vestibulares, dentre eles o vestibular da PUC-PR<sup>474</sup>... E na PUC eu fiz vestibular para Licenciatura em Matemática – na época era Licenciatura e Bacharelado. E por que eu escolhi Licenciatura em Matemática? Eu passei em todos os outros vestibulares que eu fiz naquele momento, mas eu fiz a opção pela PUC porque eu já trabalhava na Telepar<sup>475</sup>, como telefônico, e já estava envolvido com o movimento sindical; e as minhas leituras sindicais, partidárias da militância, eram mais da esquerda... E no currículo de Matemática tinha: Ética, Psicologia, e outras coisas que me interessavam... Então, na realidade, o que chamou muito a minha atenção foram essas leituras... Aí eu pensei: “Faço a Licenciatura em Matemática, me aproprio desse conhecimento que eu uso na minha militância e, ao mesmo tempo, aprendo esse *raio* dessa Ciência... Depois eu volto e faço Engenharia.”... Mas, no caminho, a docência foi me conquistando... A Matemática, de certa forma, também... Eu vi que a Matemática não era a Matemática que os meus professores tinham trabalhado comigo. Matemática era outra coisa – tinha muito mais riqueza, é uma produção histórica fantástica. E aí eu decidi que gostaria de ser professor, mas um professor diferente daqueles professores que eu tive antes da graduação...

Logo que terminei o curso de Matemática, eu acabei assumindo algumas aulas, à noite, como professor substituto – na época, era professor CLT<sup>476</sup> no Estado... Assumi as aulas de uma colega que se formou comigo e estava grávida... No ano seguinte eu fiz concurso para professor na rede estadual do Paraná, passei, e comecei a carreira na rede estadual, como professor de Matemática. Depois disso eu fiz uma Especialização em Filosofia na PUC: *Fundamentos de uma Educação para o Pensar*... Uma especialização fantástica, porque era multidisciplinar. A turma tinha pessoas de vários cursos, então tinha uma riqueza fantástica. Terminada essa

---

<sup>474</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>475</sup> Empresa estatal *Telecomunicações do Paraná*.

<sup>476</sup> CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. No Estado do Paraná os chamados professores CLT não eram concursados, mas faziam uma prova e, de acordo com sua classificação, conseguiam determinada carga horária de aulas nas escolas da rede estadual de ensino paranaense.



especialização, eu emendei outra especialização, mas na Universidade Federal do Paraná – Especialização para Professores de Matemática. Nessa especialização o meu orientador foi o professor Cifuentes<sup>477</sup>, e na minha banca estavam o professor Carlos<sup>478</sup> e a professora Maria Tereza<sup>479</sup>. O tema da minha monografia foi a Filosofia da Matemática – eu defendia a inclusão da Filosofia da Matemática nos cursos de Licenciatura em Matemática. Com isso, fui incentivado pelo Cifuentes, pelo Carlos e pela Maria Tereza a fazer mestrado... Daí, no ano seguinte, eu participei do processo de seleção para o mestrado na área de Educação – na linha de Educação Matemática –, na UFPR, e fui aprovado. O Carlos foi o meu orientador de mestrado. Quando terminei o mestrado, já ingressei no doutorado, também na área de Educação – na linha de Educação Matemática – também na UFPR. E fui orientado novamente pelo Carlos.

E, nesse período, eu continuava trabalhando como professor... O curso de Matemática da PUC dava habilitação para trabalhar Matemática, Física e Desenho Geométrico... Então, trabalhei com essas três disciplinas no Ensino Médio... E, na época, na rede estadual tinha alguns projetos... Acho que o nome era Projeto de Enriquecimento Curricular – PEC... Isso mesmo: Projeto de Enriquecimento Curricular... Nesse espaço a gente podia trabalhar qualquer coisa... Então, eu trabalhava com Filosofia nesses momentos, e trabalhava Geometria também... Mas trabalhava Geometria de uma forma diferente, fazendo máscaras em bexigas, por exemplo... Eu procurava fazer coisas diferentes em sala de aula... E, desde sempre, era muito inquieto em relação ao que fazia. Às vezes, eu me pegava fazendo algumas coisas em sala de aula e pensava: “Meu Deus! O que eu estou fazendo? Olha o que eu tô fazendo com essas pessoas, com esses jovens... Nem eu tô me aguentando me ouvindo aqui... Imagina eles!”... Eu sempre estava muito angustiado em fazer coisas diferentes... Quando eu ia trabalhar, por exemplo, probabilidade, eu levava jogos de mágica para a sala de aula... Então, eu fazia mágica, com cartas, na sala de aula para incentivar, para motivar a questão da probabilidade... E para trabalhar aqueles exercícios clássicos de baralho eu levava baralho para a sala de aula... Sempre fui muito inquieto em relação a isso. Isso acontecia em escolas

---

<sup>477</sup> José Carlos Cifuentes Vasquez. Doutor em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>478</sup> Carlos Roberto Vianna. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>479</sup> Maria Tereza Carneiro Soares. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

públicas... Aí, muito mais tarde, eu acabei trabalhando também na Educação Básica, no Colégio Santa Maria, em Curitiba. Mas eu trabalhei só uns dois ou três meses lá... Trabalhei com Matemática no primeiro ano do Ensino Médio. E acabei substituindo um professor, durante umas duas semanas, em uma turma de pequeninhos, acho que de terceira série<sup>480</sup> ou quarta série... E isso foi uma coisa bem bacana! Quando o professor retornou, eu tive que sair... E terminou com a turma assim: “Zan!... Zan!... Zan!...”... Foi uma coisa bem bacana! Foi legal trabalhar com os pequeninhos! Eu nunca tinha tido essa experiência...

E no Ensino Superior eu comecei trabalhando na UniBrasil<sup>481</sup>... Eu dava aulas, à noite, no Estado e, durante o dia, eu continuava trabalhando como telefônico. Fazia as duas coisas... Certo dia, eu estava em um restaurante e encontrei um amigo, e ele falou: “E aí? Há quanto tempo! Tá dando aula?”... E eu respondi: “Tô dando aula! Tô dando aula, à noite, no Estado!”... E ele perguntou: “E mestrado? Você já tem?”... Eu tinha acabado de entrar no mestrado, daí falei: “Acabei de passar no mestrado, vou iniciar.”... E ele disse: “Que legal, cara! Eu tô coordenando o curso de Economia na UniBrasil. Passa lá pra gente conversar. Leva teu currículo lá.”... A UniBrasil estava começando, era bem nova ainda... Aí acabei levando o currículo, conversei com ele e peguei algumas aulas... Uma semana depois eu fui chamado por ele porque o coordenador do curso de Administração também precisava de professor de Matemática... Aí recebi várias aulas desse outro coordenador... E, nesse período, a Telepar já tinha passado pelo processo de privatização... Então, eu e alguns colegas já tínhamos saído da Telepar, e tínhamos constituído uma pequena empresa onde a gente fazia o mesmo que fazia na Telepar só que privadamente... Mas essa empresa já não estava dando certo e nós a fechamos... Foi bem nesse momento que eu consegui as aulas na UniBrasil. Então, eu mudei o meu horário de aulas no Estado, para o período da manhã, e assumi mais aulas na UniBrasil... As coisas aconteceram meio que ao mesmo tempo... As coisas na minha vida acontecem meio que assim: parece que as portas vão se fechando e se abrindo ao mesmo tempo... É bem interessante! E na UniBrasil eu trabalhei com as disciplinas de Matemática aplicada à Economia, e Matemática Financeira – acho que foram só essas duas disciplinas...

---

<sup>480</sup> Corresponde, atualmente, ao quarto ano do Ensino Fundamental.

<sup>481</sup> Centro Universitário Autônomo do Brasil.

Logo em seguida, acho que passado o primeiro semestre, eu fui chamado pela direção acadêmica... Eles me convidaram para coordenar um curso que eles iriam abrir: Matemática com ênfase em Informática... Eu falei que aceitaria desde que eu pudesse transformar o curso em uma licenciatura... A instituição aceitou. E aí eu fiz todo o trabalho de transformação do curso em licenciatura e coordenei o curso por seis anos... Nesse curso, lecionei Geometria Analítica, Lógica, História da Educação Matemática e Filosofia da Educação Matemática... Enfim, várias disciplinas... Então, a UniBrasil foi a primeira instituição de Ensino Superior em que eu trabalhei. Obviamente, ouvindo – do dono da empresa – que é o Estado quem tem que formar professor, que isso é papel do Estado e não da iniciativa privada... Os alunos de licenciatura, de modo geral, são comerciantes, balconistas, pessoas que trabalham... E as mensalidades dos cursos de licenciatura são baixas, até porque os cursos não exigem tanto... Então, esses cursos não geram lucro. E aí o que aconteceu? A Universidade iniciou um processo de precarização daquilo que a gente chamava lá de Escola de Educação – de todas as licenciaturas que tinham na instituição, inclusive do curso de Pedagogia... E os cursos foram sendo fechados, um a um... Eu resisti muito... Fiz muita resistência e, em determinado momento, eles tiveram que me mandar embora...

Pouco depois disso, certo dia eu estava em uma livraria e encontrei o ex-coordenador do curso de Administração da UniBrasil, que já tinha sido mandado embora também... E ele estava coordenando o curso de Pedagogia na Universidade Positivo... Daí ele perguntou como estavam as coisas e eu falei que tinha sido mandado embora naquele ano... Então, ele me convidou para trabalhar com ele na Universidade Positivo. Eu aceitei... E aí fui trabalhar no curso de Pedagogia com Metodologia do Ensino da Matemática. Mas trabalhei apenas um semestre lá, porque eu passei no concurso aqui da UFPR Litoral<sup>482</sup>... Então, acabei pedindo a minha saída da Universidade Positivo...

Ah! Um detalhe: eu trabalhei apenas três meses no Colégio Santa Maria e pedi demissão porque não consegui me adaptar ao sistema. Era um sistema rígido e fechado... Quando eu pedi demissão, o coordenador falou assim: “Cara! Você vai sair mesmo?”... Eu falei: “Sim. Vou sair.”... Ele sabia que eu tinha terminado o mestrado e que eu tinha passado no doutorado, então ele disse: “Veja... Eu estou

---

<sup>482</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

saindo... E eu pensei que você ia assumir o meu lugar aqui. Pensei que você ia assumir a coordenação.”... Eu falei: “Pois é... Vou sair. Primeiro: eu não tenho essa ambição. Segundo: eu não consigo!”... Daí ele disse: “Mas é fácil! Daqui a pouco você vai se adaptar.”... Eu respondi: “Pois é... Esse é o problema! Eu não quero me adaptar!”... Então, saí do Colégio...

E, antes de passar no concurso aqui na UFPR, eu estava em um momento muito complicado... Eu estava muito, muito desiludido com a educação... Eu não estava conseguindo ver possibilidades... Aliás, as pessoas pensam que eu brinco, mas era muito sério... Eu estava pensando em abrir um boteco... E a proposta era abrir um boteco e trabalhar com educação, mas educação não formal... Seria um café ou um bar, em que tivesse uma biblioteca, onde as pessoas pudessem levar e trazer livros, sem controle... E aí teria um espaço para fazer exposição de artes plásticas, um pequeno palco para quem quisesse tocar, e, nos fundos, teria um pequeno cineclube onde a gente poderia exhibir alguns filmes e discutir depois... Então, a ideia era trabalhar com educação não formal em um espaço de bar ou de café – alguma coisa assim... Eu estava pensando seriamente nisso! Foi aí que surgiu o concurso aqui... Aí eu me apropriei do Projeto Político Pedagógico da Universidade, achei bastante interessante... Mas não compreendi direito... No começo, eu achei interessante, mas não o compreendi... Mesmo assim, vim fazer o concurso...

Eu fiz dois concursos aqui... O primeiro concurso foi para o curso de Ciências. Passei na prova escrita... Isso é uma coisa interessante, porque a prova escrita falava sobre Educação em Ciências e eu escrevi como se fosse para Educação Matemática, apenas troquei *Educação Matemática* por *Educação em Ciências*. E passei na prova escrita... Aí, na prova didática eu dei uma aula que eu gostei muito... O ponto sorteado foi *Desenvolvimento Sustentável*... Eu desmembrei o termo: desenvolvimento e sustentabilidade... E uma das coisas que fiz, foi trabalhar com um texto do Leonardo Boff<sup>483</sup>, que fala que desenvolvimento e sustentabilidade são coisas incompatíveis... E fiz essa problematização... Mas a banca não gostou da minha aula! Apesar de eu ter gostado muito, a banca não gostou. Depois conversei com o Carlos, e ele falou: “Você deu aula para você e não para a banca. Você tem que dar aula para a banca.”...

---

<sup>483</sup> Pseudônimo de Genezio Darci Boff. Teólogo brasileiro.

Daí o segundo concurso que eu fiz aqui foi específico para Educação Matemática e para nenhum curso. Era uma vaga para o que a gente chama aqui de professor transversal... Um professor que trabalharia em todos os cursos, dependendo das demandas. Nesse concurso a minha aula da prova didática foi diferente da aula que eu preparei para o concurso anterior... Eu dei uma aula super tradicional... Uma aula no quadro! Foi uma aula introdutória, falando de diferentes metodologias de ensino da Matemática. Eu fiz um apanhado geral das metodologias e disse que, na sequência, a gente ia ver cada uma delas. A banca gostou... Estranhamente – para mim – a banca gostou da aula... E fui aprovado...

Eu fiz esses concursos, a princípio, pela questão do meu desalento em relação à Educação, e também pela possibilidade de fazer alguma coisa diferente... Apesar de eu não entender o PPP<sup>484</sup>, no início, a leitura dele apontava que seria possível fazer algo diferente. E tanto eu não entendia totalmente o projeto que a minha intenção era concentrar as minhas aulas em dois ou três dias da semana para poder voltar para Curitiba – e ficar nesse processo de ir e vir... Mas, depois, eu acabei vendo que não é possível fazer isso... Quer dizer, é possível, mas não é possível se o professor quiser se envolver de verdade aqui.

Esses concursos foram em meados de dois mil e nove... E eu comecei a trabalhar aqui no final de dois mil e nove. Era para a minha vaga ter vindo antes, em agosto ou setembro, e a vaga não veio... Como solicitaram toda a minha documentação, eu pedi exoneração do Estado e demissão na Universidade Positivo... E fiquei sem renda! Fiquei sem renda e vivendo esse tempo todo da rescisão de contrato da UniBrasil... Então, a coisa estava bastante feia para mim... Tanto que eu cheguei a mandar *e-mail* para o gabinete do Ministro da Educação para dizer: “Olha! Aconteceu isso e isso... E a minha vaga?”... Depois, no final de dois mil e nove, o Valdo<sup>485</sup> entrou em contato comigo dizendo que eles iam chamar alguns professores que passaram no concurso para assumirem como professores substitutos – até que as vagas chegassem... Ele perguntou se eu aceitaria isso... Eu falei: “Claro que eu aceito, né!? Tô precisando...”... E aí eu comecei a trabalhar aqui

---

<sup>484</sup> Projeto Político Pedagógico.

<sup>485</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em março de dois mil e seis, foi designado, pelo Reitor da UFPR – Carlos Augusto Moreira Junior –, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor do Setor Litoral na *Gestão 2008-2012* e também na *Gestão 2012-2016*.

no final de dois mil e nove, como substituto de mim mesmo... E a vaga só veio em março de dois mil e dez...

Quando eu cheguei aqui, no final de dois mil e nove, as aulas estavam praticamente terminando. Então, não tive contato com estudantes, e tive pouco contato com alguns professores da Câmara<sup>486</sup> de Ciências e da Câmara de Orientação Comunitária – que foram os que me acolheram... Mas foi muito pouco! Logo em seguida todo mundo saiu de férias e essa Universidade ficou vazia na temporada... Só vinham aqui alguns professores que tinham passado no concurso, e que precisavam cumprir os seus horários – vinham de manhã e saíam à tarde –, mas não tinha muito o que fazer aqui... Então, alguns ficavam estudando, outros faziam coisas pessoais – mexiam com capítulos de livros, por exemplo...

E no começo de dois mil e dez eu comecei, efetivamente, o trabalho aqui... Como faltava professor em todos os cursos, quando chegava um professor novo, todo mundo queria puxar o professor para o seu curso... A minha expectativa era diferente... Eu imaginava que, por eu ser um professor transversal, eu ficaria no meu gabinete, quietinho, e diria assim: “Gente! Eu sou da área de Educação Matemática. Quem precisar de mim, me procure!”... E imaginava que os cursos viriam me procurar, dizendo assim: “Preciso que você trabalhe Matemática Financeira.”, por exemplo... Daí eu iria até a turma, veria quais eram as necessidades da turma e planejava um número de encontros para trabalhar com eles... Era essa a minha expectativa! E ela foi totalmente frustrada! Não era nada disso!

Bom... O que aconteceu? Como foi? No começo de dois mil e dez, eu entrei nas turmas para ver como funcionava... E aí vi um diferencial! Os professores não entravam sozinhos em sala de aula... Já acontecia o que hoje a gente chama aqui de docência compartilhada. Eu entrei em uma turma de Licenciatura em Ciências com o professor Rodrigo Reis<sup>487</sup> e com o professor Paulinho<sup>488</sup> para ver como era o processo de trabalho... Então, eu pouco interferia... No primeiro semestre fiz poucas interferências, eu ficava apenas olhando mesmo, observando para ver como as

---

<sup>486</sup> Câmara Pedagógica de Curso. Órgão interdisciplinar deliberativo e consultivo dos cursos de graduação do Setor Litoral.

<sup>487</sup> Rodrigo Arantes Reis. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>488</sup> Paulo Henrique Carneiro Marques. Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

coisas funcionavam. Ao mesmo tempo, o professor Breno<sup>489</sup>, a professora Ângela Katuta<sup>490</sup> e o professor André<sup>491</sup> me arrastaram para o curso Técnico em Orientação Comunitária, o TOC, que ainda era um curso de Ensino Médio Integrado... Eu assisti várias aulas lá, passei praticamente o semestre todo com o curso de Orientação Comunitária. Esse foi o início... O primeiro semestre foi mais para tatear mesmo, para ver como as coisas funcionavam. E eu gostei muito da forma como as coisas aconteciam... Eu só ficava um tanto angustiada porque não havia aulas... Em Ciências até aconteceram aulas... O Paulinho, por exemplo, deu aula... Inclusive, ele trouxe de casa várias transparências<sup>492</sup> amareladas... Eu fiquei bastante incomodada, falei: “Nossa!”... Enfim... Mas no curso de Orientação Comunitária não tinha aula. A batida era outra... Na Orientação Comunitária eram rodas de conversa, e as coisas aconteciam ali, os textos eram trabalhados ali... E como o TOC era um curso de Ensino Médio Integrado, tinha uma garotada do Ensino Médio, com idade de alunos de Ensino Médio, e alguns educandos muito mais velhos, que ficaram fora dos bancos escolares por muito tempo. Então, tinha pessoas de cinquenta anos junto com a garotada. Isso gerava um conflito muito grande dentro da sala! Inclusive, eles sentavam de forma dividida... Mas, depois, isso se mostrou muito interessante, porque todo mundo aprendeu com todo mundo, com o processo... Isso me chamou a atenção também... No TOC tudo era diferente.

E os cursos de Ciências e de Orientação Comunitária já trabalhavam com projetos, mas trabalhavam de modo diferente. O trabalho com projetos pode ser feito de várias formas... A concepção de projeto do professor Paulinho era que o projeto tinha uma trajetória e que, em determinados momentos do projeto, alguns conteúdos deveriam ser trabalhados, e aí os professores responsáveis por aquelas áreas entrariam nas salas de aula para contribuir com o projeto. Essa era, mais ou menos, a concepção dele de projeto. Na Orientação Comunitária era diferente... No TOC era tudo junto e misturado: o projeto ia acontecendo e a gente ia se envolvendo... Todos

---

<sup>489</sup> Breno Bellintani Guardia. Doutor em Ciências Biológicas pela Eberhard Karls Universität Tübingen. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR), *Câmpus Campo Largo*.

<sup>490</sup> Ângela Massumi Katuta. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>491</sup> André Essenfelder Borges. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>492</sup> Lâminas de plástico transparente que eram utilizadas para projetar textos ou imagens sobre uma tela específica ou sobre uma parede. Em sala de aula, geralmente, elas tinham a finalidade de complementar a explicação do professor. Para projetar essas lâminas era necessário utilizar um aparelho chamado retroprojetor.

se envolviam com o projeto. Teve possibilidade de eu contribuir com questões de Estatística, por exemplo, no projeto? Teve! Mas, ao mesmo tempo, eu trabalhei com questões agrárias, com questões da saúde, com questões de trabalho e renda... A Orientação Comunitária trabalha com três eixos: Educação, Saúde e Trabalho. E, então, eu fui me envolvendo com tudo isso. Inclusive, uma das máximas do curso de Orientação Comunitária é: “Quem não se envolve, não se desenvolve.”... Então, o envolvimento com os projetos era muito grande. A gente lia junto com os estudantes sobre questões agrárias, questões sobre a saúde, questões sobre geração de trabalho e renda... Tudo!...

E até pouco tempo eu ainda trabalhava em Ciências e no TOC... Agora eu estou só no TOC, por algumas divergências com alguns professores de Ciências... Mas, antes, era assim: em um semestre eu trabalhava um dia de Fundamentos Teórico-Práticos no TOC e dois dias em Ciências; no semestre seguinte eu trabalhava dois dias no TOC e um dia em Ciências... Então, vou falar dessas duas experiências porque isso é muito orgânico para mim... O trabalho no TOC é assim: o projeto é construído a partir das demandas dos educandos; a partir das conversas, e das angústias deles, são colocadas palavras-chave no quadro, e a gente agrupa essas palavras-chave em grandes temas, os estudantes escolhem o tema e formam grupos; assim nascem os projetos e, de preferência, projetos que pensem em uma intervenção na realidade... Então, o projeto nasce da realidade para gerar uma intervenção na realidade. E isso acontece porque a Universidade veio para cá com o propósito de contribuir para o desenvolvimento local... E no curso de Ciências o trabalho era semelhante: eu projetava a ementa do módulo e os estudantes retiravam palavras-chave da ementa; aí essas palavras-chave eram reagrupadas por temas e os grupos se formavam a partir da escolha desses temas; então, os projetos nasciam dos temas e também com a possibilidade de intervenção na realidade. Se a intervenção vai acontecer ou não a gente nunca sabe... Nem sempre a intervenção acontece, mas o processo é muito importante também...

E como as coisas aqui acontecem de forma diferenciada, eu senti certo estranhamento quando vim trabalhar aqui... Acho que não tive dificuldades, tive um estranhamento... Certamente não tive nenhuma dificuldade de ordem estrutural... Na época, muitas pessoas comentavam sobre a precarização das universidades, por



conta das expansões... Realmente o Setor<sup>493</sup> tem um histórico de trabalho bastante precário, no início, por conta de não ter estrutura – nas expansões as universidades abriam sem ter a infraestrutura adequada... Mas esse bloco de salas já estava construído quando eu cheguei, acho que já tinha aula aqui, e o outro bloco de salas já estava sendo terminado... Então, estruturalmente, não senti dificuldade... Também não senti dificuldade de adaptação... Mas senti um estranhamento quanto ao processo de docência compartilhada... Porém, ao mesmo tempo, eu achava bastante interessante entrar em sala de aula com mais um professor ou, às vezes com mais dois professores... Isso me encantava muito!... Mas eu tinha certa angústia... Não era angústia, era ansiedade! Eu sentia ansiedade durante as aulas, porque eu era acostumado a dar aula, né?! E, nesse processo, a gente não dá aula; a gente trabalha com os educandos... E, em alguns momentos – aprendi isso aqui –, as pessoas precisam de tempo para as coisas irem se acomodando nas suas mentes e para as ideias irem surgindo... Então, às vezes, nas discussões, aconteciam silêncios que pareciam constrangedores... E aquilo me angustiava, eu queria falar, eu queria dar aula! Eu pensava: “Nossa! Por que tá todo mundo quieto?”... Depois eu aprendi que cada um tem o seu tempo e que esse tempo de silêncio é importante para as pessoas reorganizarem suas ideias – para daí voltarem a falar... Isso, no início, me deixava bastante ansioso! Mas eu aprendi rápido... Eu fui me construindo aqui dentro... À medida que as coisas foram acontecendo, eu fui me construindo... Então, acho que não senti dificuldades...

E, depois desse tempo aqui, eu vejo a UFPR Litoral como um projeto emancipatório de educação. E emancipação, para mim, é emancipação intelectual mesmo, porque a partir da emancipação intelectual a pessoa pode se emancipar na sociedade também... Então, sinteticamente, eu vejo isso... Eu vejo que a proposta pedagógica da UFPR Litoral é um processo voltado para a emancipação. É um projeto emancipatório de educação... E dentro dessa proposta temos os três eixos de trabalho: Fundamentos Teórico-Práticos, Interações Culturais e Humanísticas e Projetos de Aprendizagem... As coisas estão mudando um pouco, mas vou falar como eu vejo, hoje, esses espaços...

Os Fundamentos Teórico-Práticos, os FTP, são o cerne dos cursos. Em Ciências, por exemplo, tem os módulos de FTP – bem claros com as suas ementas

---

<sup>493</sup> Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

– e eu entendo que eles se preocupam com a formação do professor de Ciências, e com os conteúdos que o professor de Ciências deveria trabalhar ou entender ou compreender para atuar na sua profissão... As Interações Culturais e Humanísticas – as ICH – são, para mim, um dos eixos pedagógicos mais importantes aqui. Os três são muito importantes, mas o espaço das ICH é o maior diferencial dentro dessa Universidade... Não é à toa que ele está correndo o risco de fechar, de acabar, né?! Muita gente não quer esse diferencial! Nas ICH as salas são abertas: as pessoas se agrupam por tema, pelo interesse... Então, nós temos – ou deveríamos ter – salas com educandos de vários cursos e de vários momentos dentro da Universidade, desde calouros até formandos... E eles estão agrupados pelos temas de seus interesses... Eu tenho trabalhado nas ICH com um grande tema: *Educação, Filosofia e Política*... E a forma como eu trabalho, nas ICH, é assim: as pessoas vêm pelo grande tema e propõem temas; então os desejos de cada um – em relação ao grande tema – são colocados no quadro, e aí a ideia é que esses desejos sejam mediados de tal forma que a gente trabalhe com o desejo comum do coletivo... ICH tem muito isso... É o desejo de cada um articulado com o desejo do coletivo... E nos Projetos de Aprendizagem, nos PA, é diferente. Nos Projetos de Aprendizagem é o desejo do educando consigo mesmo. Então, a pergunta que eu sempre faço, quando trabalho *Introdução aos PA*, é: “O que você sempre quis estudar e que nunca te perguntaram?”. Essa é a grande pergunta! E eu digo: “Vocês podem fazer qualquer coisa!”... Eles, geralmente, perguntam: “Qualquer coisa?”... E eu falo: “Sim. Qualquer coisa!”... Há uma única exigência: que o projeto tenha possibilidade de intervenção na realidade. Então, por exemplo, um aluno falou assim: “Então, eu vou fazer uma aula de campo na Lua... Pode ser?”... Eu respondi: “Pode! Mas de que forma isso pode ajudar a desenvolver a realidade local do litoral paranaense?”... E a provocação foi tamanha que o aluno falou: “Então, vamos fazer o seguinte: em vez de uma aula de campo na Lua, vamos colocar um satélite orbitando, fixo em cima do litoral, e daí a gente pode fazer o geoprocessamento das comunidades tradicionais do litoral a partir desse satélite.”... Eu falei: “Perfeito!”... Isso vai acontecer? É claro que não! Muito provavelmente não vai acontecer, mas o que esse jovem vai ter que aprender de Ciências para pensar em um projeto desse... Imagina! Claro que esse foi só uma provocação...

Mas eu tive uma medianda, do curso de Gestão Imobiliária, que tinha um Projeto de Aprendizagem bem interessante... Ela trabalhava com o tema da

insuficiência renal crônica. Ela escolheu esse tema porque tinha esse problema na família... De modo geral demora um pouco para os educandos perceberem isso, mas os Projetos de Aprendizagem têm que ser orgânicos, eles devem vir da vivência dos estudantes... Enfim... A ideia da educanda era fazer *folders* e distribuir nos postos de saúde, para que as pessoas se apropriassem disso e se cuidassem, seria um trabalho de prevenção... Daí eu perguntei: “Por que a gente não ousa um pouquinho mais? Por que a gente não propõe a construção de um Centro de Excelência de Hemodiálise aqui no litoral do Paraná?”... E aí o projeto seguiu esse caminho: estudo sobre o que é insuficiência renal crônica e a proposta de desenvolver um centro de hemodiálise aqui no litoral. E esse desenvolvimento do centro de hemodiálise contemplava o projeto arquitetônico, o estudo do que se precisa para ter um centro de hemodiálise, e o estudo do custo disso – tinha que fazer o levantamento de custo do material, dos equipamentos e do quadro de funcionários... Enfim, seria um projeto para apresentar nas câmaras de vereadores dos sete municípios do litoral<sup>494</sup>... Se ia acontecer ou não, a gente não sabia... Mas a ideia era propor para as câmaras de vereadores e ver se algum município se interessava pela ideia... O projeto dela estava quase pronto, mas daí ela engravidou, desistiu do curso e o projeto parou...

Eu também medieei um Projeto de Aprendizagem que me marcou muito... Foi o projeto de um educando de Ciências... Ele foi o nosso primeiro educando pescador que se formou aqui na Universidade... Ele é um pescador artesanal e a ideia era retratar, no PA, a vida do pescador artesanal aqui em Matinhos... O projeto começou com isso, mas daí, no curso de Ciências, ele foi se descobrindo professor... Isso me emociona muito! Ele foi se descobrindo professor... E aí o projeto dele retratou esse resgate da vida dele, e ele levou isso para a escola – em forma de cartilha – para que os professores, que trabalham com Ciências, possam também trabalhar a partir da realidade do pescador artesanal. Esse projeto me emociona muito! Ele me marcou muito! Acho que foi o projeto que mais me marcou...

E nas ICH eu comecei trabalhando com violão, mesmo sem saber tocar violão! Hoje eu sei que o professor não precisa saber tudo... O professor pode aprender junto com os seus educandos, o professor não tem que ter essa carga que ele tem que ser o dono do conhecimento... Eu comecei a trabalhar nas ICH com o

---

<sup>494</sup> Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

professor Valentim<sup>495</sup>, ele foi o meu primeiro tutor de ICH, na atividade de ICH de violão... Logo em seguida eu fiquei sozinho e mediei uma atividade de ICH sobre teoria musical, um pouco mais aprofundada... A ideia era eu também aprender a tocar violão, né?! Mas eu não consegui! E, de lá para cá, como já falei, eu passei a trabalhar com um grande tema: *Educação, Filosofia e Política*. E as ICH me marcam muito... Essas atividades têm as suas diretrizes, que foram construídas coletivamente, mas não tem um jeito certo de se fazer ICH – tem apenas princípios... E entre os princípios estão a verticalidade e a horizontalidade dos alunos e das séries... É um processo dialógico, em que a construção de conhecimento vai contra a lógica do mercado... Nesse espaço o professor não é um professor, ele é mais um no grupo e o grupo faz a autogestão do processo como um todo... Então, todas essas atividades de ICH sempre foram muito interessantes para mim.

Mas uma atividade que me marcou bastante foi o café filosófico... Foi bacana, porque a gente passou a discutir filosofia a partir do cinema. Nessa atividade estavam comigo o professor David<sup>496</sup>, que já não está mais aqui na Universidade, e a professora Suzana<sup>497</sup> – essa foi a primeira atividade de ICH da professora Suzana... E aí foi assim: junto com os educandos, nós elencamos alguns filmes e a partir desses filmes a gente trazia elementos para discutir filosofia. Foi muito bacana! E essa atividade gerou um vídeo, produzido pelo grupo, muito bacana também... Isso foi em dois mil e onze... Tinham acontecido os desastres ambientais<sup>498</sup> aqui no litoral, as enchentes, e o vídeo resgata um pouco isso tudo... Essa é uma coisa interessante também: ICH, PA e FTP devem estar articulados... E é o próprio educando que deve fazer essa articulação, porque o PA é dele, as ICH são escolhidas por ele – elas não fazem parte do curso dele necessariamente –, e os FTP que são do curso... Como ele consegue articular isso é que é o grande *pulo do gato* do projeto... Não sei se todo mundo consegue... Acho que não! Acho que poucos conseguem... Mas, enfim... Tudo isso deveria estar articulado e deveria estar articulado também com a realidade local... Então, na época, como aconteceram os

---

<sup>495</sup> Valentim da Silva. Doutor em Química pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da UFPR.

<sup>496</sup> David José de Andrade Silva. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR), *Câmpus Jacarezinho*.

<sup>497</sup> Suzana Cini Freitas Nicolodi. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>498</sup> Em março de dois mil e onze o litoral paranaense foi atingido por fortes chuvas, que ocasionaram enchentes e deixaram mais de quatro mil pessoas desabrigadas.

desastres ambientais, quase tudo que a gente fazia aqui estava associado aos desastres... E aí o vídeo que foi produzido traz trechos dos filmes que nós assistimos, e trechos de matérias dos jornais locais retratando as realidades, as enchentes... E aí tinha o processo de reflexão: “Afinal de contas, o que nós estamos fazendo aqui? Olha o que está acontecendo a nossa volta... O que nós estamos fazendo dentro dessa Universidade?”... Então, foi muito bacana! Foi muito marcante por todo esse contexto... Acho que foi a atividade de ICH que mais me marcou...

E nos FTP... Puxa vida!... Acho que um módulo que marcou bastante foi na Orientação Comunitária, com a rapaziada do Ensino Médio, no meu primeiro semestre aqui... O que me marcou foi o processo de avaliação final, que foi um processo diferenciado de avaliação, foi uma autoavaliação pública... E eu me emocionei, porque o meu desalento era tão grande com a educação e, de repente, eu vi jovens de quinze, dezesseis anos – da mesma faixa etária com que eu trabalhava na escola pública – se comportando com uma maturidade fantástica... E essa maturidade se devia exatamente ao processo que estava sendo colocado, se percebia que aquilo que estava acontecendo ali era por conta do processo, da forma como estava sendo trabalhado... Então, foi muito bacana trabalhar com eles nesse processo... E aí eu me emocionei, no final, e falei: “Nossa! Acho que tô voltando a ser professor!”... Aí desisti, por enquanto, da ideia do boteco... Então, acho que esse foi o módulo de FTP mais marcante para mim...

E, com o processo, com o tempo, acho que o modo de trabalhar vai mudando... Há uns dois semestres o processo de construção nas ICH está sendo muito parecido... É um processo de construção que me encanta... No começo, confesso, eu estava meio perdido... Aí, com as vivências, eu acabei encontrando um caminho... Nos PA o meu trabalho também já está diferente. Antes eu era mais diretivo nos PA, hoje eu trabalho de forma mais conjunta com os educandos nas mediações. E nos FTP... Bom... Nos FTP é um trabalho muito parecido com as ICH... Mas nos FTP têm as limitações da especificidade de cada curso... Então, eu ainda não tive grandes saltos no trabalho com os FTP...

E, nesses três espaços, há avaliação... Aqui no Setor, como em outras instituições, a avaliação depende muito de cada professor. Tem professor aqui que aplica prova, como em qualquer outro lugar... Tem alguns professores que trabalham com a produção, então, por exemplo, eles avaliam os projetos e as apresentações dos projetos... Alguns professores trabalham com o processo de autoavaliação

escrita... Eu trabalho com autoavaliação também, mas faço um pouco diferente... A primeira vez que trabalhei com esse tipo de avaliação foi no TOC, quando ainda era um curso de Ensino Médio... E como é o processo de avaliação? Os alunos se colocam diante do grupo, verbalmente, e o grupo interfere dizendo se aquilo é real ou não é real... Isso aconteceu com alunos de quinze, dezesseis anos – eles tinham uma maturidade muito grande em relação a isso. Depois, eu fui melhorando o processo, apoiado nas minhas leituras do Foucault<sup>499</sup>, quando eu conheci uma coisa chamada *parresia*, que é uma prática do conjunto de práticas de uma coisa chamada *cuidado de si*... A *parresia* é o franco falar... A partir disso, eu organizo esse processo de autoavaliação de tal forma a adaptar essa teoria a essa forma de trabalho. Então, de modo geral, no começo do semestre a gente estipula objetivos a serem atingidos no módulo e de que forma a gente vai atingir esses objetivos. E esse *de que forma a gente vai atingir esses objetivos* são os critérios de avaliação. Por exemplo: a partir de um objetivo a gente precisa fazer pesquisa, daí, em determinado momento, a avaliação é: “A gente fez a pesquisa que a gente precisava fazer?”... Essas coisas são revistas ao longo do semestre para ajustar os objetivos, porque no começo do semestre a gente pode hipervalorizar ou subvalorizar os objetivos... Então, fazemos ajustes ao longo do semestre, sempre coletivamente com a turma... Aí, no final do semestre, a avaliação é um a um... A partir dos objetivos e dos critérios estabelecidos, o educando se coloca perante a turma e diz: “Dentro desse processo, isso aconteceu comigo dessa forma e eu acho que eu mereço tal conceito<sup>500</sup>.”... Ele se atribui um conceito e a turma opina sobre o conceito... Então, é necessário ter um cuidado muito grande para que isso não vire um júri... Ninguém está julgando ninguém... Mas é muito interessante ouvir um educando dizer: “Puxa! Você está se atribuindo esse conceito, mas você não acha que você faltou muito neste semestre? Você não acha que você não contribuiu com o coletivo como deveria?”... Existe esse tipo de questionamento, de forma madura, desde que estejam bem claros os objetivos... Certa vez, em uma turma de Ciências, os objetivos e os critérios não estavam claros e aí virou *lavação de roupa suja* da turma, eles envolveram questões pessoais... Eu não estava na sala, mas fui chamado, às pressas, para tentar apaziguar a situação; e aí foi necessário avaliar a

---

<sup>499</sup> Michel Foucault (1926-1984). Filósofo francês.

<sup>500</sup> Na UFPR Litoral os estudantes são avaliados por conceitos. E os conceitos são: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente (UFPR LITORAL, 2008a).

turma por outro processo... Mas foi um aprendizado! Isso foi um aprendizado... Enfim... Nesse tipo de avaliação que eu tenho feito, o educando se atribui um conceito, a turma opina, mas a palavra final é do educando... Então, ele pode se hipervalorizar? Pode! Da mesma forma que um educando pode colar em uma prova... A diferença é que nesse processo todo mundo está vendo, todo mundo sabe o que ele está fazendo. Quando um educando cola em uma prova, às vezes, nem o professor sabe. Então as coisas ficam mais transparentes nesse processo...

Mas para isso acontecer é preciso outro trabalho em paralelo: é preciso construir um coletivo de sala de aula, em que as coisas sejam colocadas de forma muito clara. Então, se um educando chega para mim, no meu ouvido, e diz: “Professor, eu vou sair mais cedo hoje, porque eu tenho tal coisa para fazer.”... Eu respondo: “Eu não tenho nada a ver com isso. Você tem que falar isso para o coletivo. Não é para mim que você tem que dizer isso. Se o trabalho de construção é coletivo, a tua ausência vai impactar no trabalho de construção. Então, você tem que prestar contas da tua ausência para o coletivo. Não tem que prestar contas da tua ausência para mim.”... Daí as pessoas começam a se colocar no coletivo... Em uma turma de Ciências isso foi muito forte, acho que foi na turma dois mil e onze, foi a turma que eu mais consegui esse tipo de coisa... Alguns alunos da turma estavam se evadindo, e a turma foi ver o que estava acontecendo e trouxe os colegas de volta... Então, a gente construiu, efetivamente, um coletivo de sala de aula, um coletivo que era muito orgânico. Mas que – e aí vem o *mas que* – me parece que foi desconstruído depois... Com a alternância de professores, que eu acho bastante salutar, os procedimentos mudaram e o coletivo foi desconstruído... Um dos alunos, que se evadiu no ano seguinte, me contou que ele estava tentando trabalhar da forma que a gente tinha construído no ano anterior, e uma colega, professora, disse para ele: “Você não tem que pensar no coletivo. Você tem que pensar em você.”... Então, houve um processo de desconstrução do trabalho anterior... Eu não digo que isso aconteceu por maldade, acho que aconteceu por diferentes concepções de educação... Mas esse é um dos grandes problemas aqui! Algumas pessoas não conseguem pensar de forma diferente e acabam desconstruindo o trabalho que está sendo feito... De novo: eu acho que elas não fazem isso por maldade, elas fazem isso porque têm outras concepções de educação. Mas eu penso o seguinte: cada pessoa tem o seu tempo, a pessoa pode mudar, a pessoa pode se reconstruir, se desconstruir e se reconstruir; e isso não acontece de uma hora para outra, mas para

acontecer a pessoa tem que querer... Então, eu acho que todos têm a possibilidade de mudar, mas algumas pessoas não querem mudar. São concepções diferentes e as pessoas não querem mudar. E não querem mudar por uma série de motivos... E aí sim tem os motivos... Às vezes, motivos políticos... E isso dá muito trabalho também! A pessoa precisa voltar a ler, precisa fazer muita coisa... E isso dói! Para mim dói fisicamente... À medida que a pessoa se desconstrói, ela precisa jogar fora os princípios que ela tinha, a pessoa precisa admitir que estava errada... Princípio não se negocia! Ou a pessoa vive o princípio, vê que estava equivocada, joga esse princípio e reconstrói outro princípio... Ou mantém o princípio... Não tem como flexibilizar! Entende? E isso dói! Imagina: você acredita em uma coisa durante muito tempo... Eu já ouvi colegas dizendo: “Eu sempre fiz assim!”... Então, é muito difícil mudar... A pessoa viveu uma vida – dez, quinze, vinte anos – acreditando em uma coisa e, de repente, joga fora aquilo... Aí pensa: “Poxa! Eu estava errado. Joguei vinte anos da minha vida fora.”... Esse é um olhar! Mas a pessoa pode ter outro olhar, né?! Ela pode pensar: “Poxa! Nesses vinte anos eu fiz algo que não sei se estava errado, mas agora eu quero fazer diferente.”... É uma nova proposta! Mas isso é de cada um...

Falando em nova proposta... Eu acho que alguns educandos sentem muita dificuldade em vivenciar a proposta pedagógica daqui... Muita dificuldade. Principalmente no começo... Há algum tempo, a gente tinha uma taxa de evasão muito grande do primeiro para o segundo ano. E aí tanto o curso de Ciências quanto o TOC tiveram um estalo de fazer um momento de acolhimento dos educandos no primeiro semestre do curso. Veja: muitos alunos vêm depois de estar longe dos bancos escolares há algum tempo; muitos alunos vêm logo depois do Ensino Médio... O que eles imaginam? Muitos pensam que eles terão aqui algo parecido com o que eles tiveram no Ensino Médio. O impacto de entrar em uma Universidade, já é um impacto grande – para ambos: tanto para aquele que faz tempo que está fora da escola, quanto para aquele que entra logo depois do Ensino Médio. A expectativa de ambos, do meu ponto de vista, é que eles terão aulas... E aí eles se deparam não só com a Universidade – que é uma coisa nova para eles –, mas também com uma Universidade totalmente diferente. Então, o impacto é muito grande! Alguns estudantes se rebelam porque querem aulas, aula tradicional, aquela aula convencional – não vamos chamar de tradicional, vamos chamar de convencional. E aí, com o tempo, nós percebemos que era preciso um processo de



acolhimento desses alunos. Então, agora, no TOC e em Ciências, o primeiro semestre é isso, é o acolhimento. No semestre passado eu trabalhei no curso de Serviço Social com um módulo chamado *Introdução ao Mundo Universitário* -- então, eles também estão fazendo um acolhimento... E o que nós fazemos no primeiro semestre? Nós apresentamos a Universidade para os educandos... Apresentamos a proposta pedagógica... Levamos eles à biblioteca, mostramos a diferença entre revista e livro; entre artigo de revista e artigo científico... É o momento de introduzir os educandos no mundo universitário para que eles não se assustem com esse mundo... Com isso, a taxa de evasão do primeiro para o segundo ano diminuiu drasticamente...

E essas questões pedagógicas eram discutidas aqui no Setor em dois espaços: nas reuniões de Câmara e nas reuniões de Conselho... Mas as coisas mudaram um pouco nesses dois espaços... No início do meu trabalho aqui, as reuniões de Câmara eram mais voltadas para as questões pedagógicas. Então, se discutia muito mais o curso, falando de Ciências, por exemplo... E, em cada reunião, os professores, que mediavam as turmas, faziam relatos de como as turmas estavam e de como as coisas estavam acontecendo. Isso gerava discussão e havia sugestões dos outros colegas de Câmara que trabalhavam com as outras turmas. Havia uma interação muito grande em relação à questão pedagógica. Mas, em determinado momento – que eu não vou saber dizer quando foi –, as questões burocráticas começaram a tomar conta da reunião de Câmara... E aí a discussão pedagógica começou a se esvaziar. E eram discussões pedagógicas, inclusive, por concepções – concepções, por exemplo, de o que é Ciência... Eu mesmo tive alguns embates com o professor Rodrigo Reis, porque, para mim, existia – não sei se ainda existe, mas acho que hoje nem tanto – uma confusão entre o Projeto do LabMóvel<sup>501</sup> e o curso de Licenciatura em Ciências... Eu via o LabMóvel como a possibilidade daqueles professores que não queriam trabalhar com educação, trabalharem com o Bacharelado em Ciências. A minha leitura era assim: tinha um curso de Licenciatura em Ciências e, de certa forma, um Bacharelado em Ciências – que era o LabMóvel. Então, os professores que não se sentiam muito à vontade de trabalhar na Licenciatura, com o processo de formação de professores, migravam para o LabMóvel. E, além disso, eu percebia que os alunos bolsistas do LabMóvel tinham

---

<sup>501</sup> Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral.

um desinteresse quase total pelas questões pedagógicas... Não todos, mas a grande maioria. Inclusive, eles faziam resistência às questões pedagógicas dentro do curso de Licenciatura em Ciências. E isso gerava, nas reuniões de Câmara, um embate muito grande, porque eu sempre me opus a isso. Mas era um embate saudável, porque era um embate que discutia questões pedagógicas, questões relativas a concepções de educação, de Ciências, de mundo, enfim...

Mas, com o passar do tempo, a burocracia foi tomando conta das reuniões... As questões de ordem prática e burocrática acabaram tomando conta das reuniões de Câmara... Até o semestre passado, quando eu ainda estava atuando no curso de Ciências, pouco se discutia sobre as questões pedagógicas nas reuniões. Aliás, eu fiz vários pedidos para que acontecessem reuniões específicas sobre avaliação – que é uma coisa que as pessoas têm dificuldade de discutir... É uma questão bastante polêmica... E pedi também que a gente discutisse sobre o estágio do curso... Várias vezes pedi que tivéssemos um momento para se discutir o estágio... Mas essas duas discussões nunca aconteceram efetivamente...

Já nas reuniões de Conselho a gente trabalhava com o que eu posso chamar hoje de democracia deliberativa. A reunião era aberta: educandos, professores, servidores, quem quisesse participar participava... E quem participava tinha direito a voz e a voto. Sem cota, sem nada... Isso gerou, para muita gente, um incômodo muito grande, porque nós temos embates pelo poder aqui dentro – como há em qualquer outro lugar... Embates políticos, embates pelo poder... E nesse tipo de democracia é difícil ter uma hegemonia... Quem consegue ter hegemonia é porque consegue transitar pelos espaços de educandos, de técnicos e de professores. E como o espaço era aberto e os alunos votavam, então se você conseguisse reunir duzentos alunos em uma reunião de Conselho, esses duzentos alunos votavam e você poderia ter duzentos votos a seu favor – contra os votos de cinquenta professores, por exemplo... Isso incomodava muito, muito, muito... E aí os embates foram tantos que nós chegamos ao ponto de retroceder a um Regimento Setorial igual ao da UFPR – um Regimento, diga-se de passagem, que foi criado na ditadura militar, ou seja, um Regimento bastante antigo e bastante rígido. E aí, hoje, a gente tem um Conselho que é semelhante aos outros conselhos, em que as pessoas que participam das reuniões são os coordenadores de curso, e os representantes eleitos pelos estudantes... Então, agora, nós temos a chamada democracia representativa nas reuniões de Conselho. Com isso, o que acontece? O

espaço esvazia... Hoje poucos educandos participam dessas reuniões, até porque muitos deles não compreendem que eles têm direito a voz lá dentro – eles não têm direito a voto, mas têm direito a voz... Enfim...

E aí as discussões das reuniões de Conselho também migraram para as questões mais burocráticas. Quando as questões são pedagógicas, são no sentido de mudar algo para atender o grupo hegemônico do momento. E os grupos hegemônicos se alternam... Hoje o grupo hegemônico não gosta da forma como as ICH e os PA estão sendo trabalhados... Então, por exemplo, no final deste semestre, nós vamos ter a mostra dos PA... Antes nós tínhamos salas mistas, com todo mundo assistindo todo mundo... Mas, agora, nós recebemos a informação de que cada curso vai preparar a sua mostra... Então, o processo de interdisciplinaridade está sendo desconstruído aos poucos. Isso está acontecendo aos poucos... Agora, a mostra dos PA vai acontecer por responsabilidade de cada curso, dentro das salas de cada curso. Mas não é só com os PA que isso está acontecendo... Hoje já tem ICH em que isso acontece... Algumas ICH são pautadas com um tema específico do curso... Por exemplo: pode ter uma atividade de ICH em que o tema é: “A lei número tal que define como o empreendedor vai atuar”... Então, a atividade não é para qualquer curso! Se essa atividade existir, na lista de alunos a gente só vai ter o pessoal da Gestão em Empreendedorismo... Isso tem acontecido! Ou seja, a transversalidade entre cursos está se perdendo... Então, hoje, no Conselho, a gente vê muito esse tipo de embate. Não tem mais o embate pedagógico, tem o embate político e burocrático... Acho que essas são grandes mudanças... E o meu entendimento é o seguinte: se esse projeto já não se perdeu, ele está muito próximo de se perder... Infelizmente, ele está muito próximo de se perder...

E com essas mudanças no Conselho outra coisa se perdeu: antes havia relatos do que estava acontecendo nos cursos. Hoje isso não acontece mais... Aqui, neste momento, há três licenciaturas funcionando, mas não há diálogo entre elas. Houve um momento, que eu não vou lembrar quando foi, em que nós criamos uma espécie de Fórum das Licenciaturas – foi uma tentativa, inclusive, para se discutir a questão do estágio... Nós chegamos a trabalhar um módulo com a Licenciatura em Ciências e a Licenciatura em Linguagem e Comunicação juntas. Foi uma tentativa, mas não foi para frente... Com o curso de Licenciatura em Artes é ainda mais difícil, porque o curso é pela manhã e as outras duas licenciaturas são à noite... Então, é

muito difícil ter um diálogo entre os cursos... Até hoje nunca se conseguiu um diálogo consistente entre as três licenciaturas...

E por que essas coisas não acontecem? Porque todos nós fomos formados pela mesma escola... E quando o processo é uma tentativa de inovação, quando é um processo em que se está tentando, efetivamente, fazer algo novo, ele demanda que as pessoas estejam abertas para fazer coisas novas, que as pessoas estejam abertas para o risco, que as pessoas estejam abertas para esse tipo de coisa... Isso é difícil... A formação que as pessoas tiveram, muitas vezes, está incorporada de tal forma que as pessoas não conseguem fazer coisas diferentes... Então, alguns colegas não conseguem vislumbrar a possibilidade de fazer diferente... Isso, para mim, é assustador! Não só aqui, mas na sociedade de modo geral... Muitas pessoas não conseguem vislumbrar possibilidades de fazer as coisas de forma diferente. Isso me preocupa, porque daí se mantém o *status quo*... E as coisas continuam acontecendo do mesmo modo...

E esta Universidade veio aqui para o litoral para tentar fazer algo diferente... Acho que todos os cursos aqui no litoral são necessários por conta do objetivo da Universidade – que é contribuir para o desenvolvimento da região... A Licenciatura em Ciências é importante porque nós temos escolas públicas que trabalham com Ciências no Ensino Fundamental... E se a gente quer ajudar a desenvolver o local, se a gente quer contribuir com determinado desenvolvimento, acho que temos que pensar na educação... Então, se a gente conseguisse que professores formados nessa proposta da Universidade, com essa metodologia, fizessem a diferença nas suas escolas, isso, de certa forma, repercutiria na comunidade daquela escola... O meu entendimento é esse... Eu acho que todas as ações da Universidade deveriam ter a escola como o centro irradiador para as comunidades, porque a escola agrega os pais, agrega a comunidade e, então, nós conseguiríamos atingir as comunidades – na sua forma mais básica, na família mesmo... Então, eu penso que um professor formado aqui, trabalhando em sala de aula com as crianças, ajuda a desenvolver o local, à medida que contribui para mudar algumas coisas... Infelizmente, ainda não temos um estudo sobre o impacto desta Universidade aqui no litoral... Mas a gente tem um indicativo – que pode ser que a gente tenha influenciado – que é o último Ideb<sup>502</sup>, que teve uma melhora aqui no litoral... Isso pode ter sido influência dos

---

<sup>502</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

cursos de licenciatura daqui com os professores que já foram para a escola, ainda que a gente saiba que vai demorar para aparecer o resultado do trabalho desses professores... O resultado desse trabalho, provavelmente, será visto depois de alguns anos, quando essas crianças fizerem avaliações como o Enem<sup>503</sup>... Mas a gente percebe que muitos dos nossos educandos, muitos dos nossos egressos que já estão em sala de aula, estão fazendo a diferença nas escolas. Isso a gente percebe quando vai às escolas... Nem todos os professores daqui vão para a escola! Mas alguns professores vão à escola! E esses professores que vão à escola, conseguem perceber como os professores estão trabalhando, dá para perceber como eles participam das reuniões na escola... Os nossos alunos se colocam na reunião, eles opinam, sabe? Ele se empoderam dentro da escola... O receio – e é um grande receio! – é que, em determinado momento, a escola *engula* esses nossos educandos, que o cotidiano da escola desconstrua o trabalho... Por isso, eu acho que deveria ter um acompanhamento dos nossos egressos... Isso ainda não está sendo feito! Mas acho que é importante fazer um acompanhamento dos egressos... Nós sabemos o que alguns educandos estão fazendo, porque, aqueles que realmente gostaram do que fizeram aqui, estão voltando para cursar especializações, estão tentando mestrado... Então, a gente consegue encontrá-los nesses outros espaços e conversar sobre o que eles estão fazendo lá fora... Mas eu entendo que a Universidade – os cursos, o curso de Ciências, por exemplo – deveria ter um mecanismo de acompanhamento dos egressos, para saber onde eles estão trabalhando e o que eles estão fazendo... De repente poderia se criar um evento de retorno desses egressos, seminários... Isso deveria ser discutido pedagogicamente! Mas quando o burocrático toma conta do espaço, essas coisas não são discutidas... Nossa! Imagina um seminário de egressos do curso de Licenciatura em Ciências para discutir as suas práticas, junto com os nossos alunos que ainda estão aqui... Imagina que riqueza seria isso! Acho que seria melhor que muitas aulas!...

Você questiona se eu considero o curso daqui diferenciado... Eu não conheço outros cursos de licenciatura em Ciências... Só posso falar pelas licenciaturas em Matemática que eu conheço, e, talvez, de outros cursos de Licenciatura em Ciências de que eu ouvi falar... Mas eu acho que o diferencial aqui é o processo metodológico – o método do trabalho por projetos, as formas de

---

<sup>503</sup> Exame Nacional do Ensino Médio.

avaliação diferenciadas e as aulas de campo – que estão se perdendo um pouco, antes tinha bastante aula de campo... Então, é essa coisa de conhecer a realidade, mesmo, de onde eles vão trabalhar. Acho que esse é um grande diferencial. Um dos grandes mitos que ainda se tem é que o ensino por projetos não ensina, não forma... Não forma! Acho que alguns alunos têm a sensação de que não estão aprendendo, porque não estão naquele processo de sala de aula: professor ensinando, aluno ouvindo... E aí alguns educandos daqui participaram de um evento de Licenciatura em Ciências na USP Leste<sup>504</sup> e quando eles voltaram os relatos eram assim: “Puxa, professor! O *bam bam bam* estava lá falando e eu dizia: ‘Meu Deus! Isso eu já vi! Cara, isso a gente já teve! Eu sei do que ele está falando!’... Foi bem bacana!”... E aí os nossos educandos começaram a se empoderar lá na USP Leste... Eles perceberam que eles tinham aprendido aquelas coisas de outra forma – não com aula, mas com os projetos. E aí, quando eles se empoderaram, eles começaram a falar lá na USP Leste e aí todo mundo queria ouvi-los, queriam saber mais daqui... Daí eles se empoderaram mais ainda, porque todo mundo ficou interessado no que acontece aqui. Isso é muito bacana! Os relatos, quando eles voltaram, foram muito bacanas. Então, acho que esse curso tem muitos diferenciais, até por conta da forma como se trabalha no curso.

Uma coisa que foi muito interessante, pensando ainda no curso de Ciências, foi a elaboração do seu PPC<sup>505</sup>... O processo de elaboração do PPC de Ciências aconteceu nas reuniões de Câmara – e foram convocadas algumas reuniões extraordinárias, porque precisávamos cumprir alguns prazos... Esse processo de elaboração do PPC foi muito conturbado, porque aconteceram muitas discussões por conta das diferentes concepções de Ciências... Por exemplo, o professor Reis, como é um dos coordenadores do LabMóvel, gostaria muito que os processos do LabMóvel contassem como horas complementares e de estágio... Mas, puxa! Se as atividades do LabMóvel contassem como horas dessas atividades, os bolsistas do laboratório poderiam cumprir a carga completa tanto de atividades complementares como de estágio no LabMóvel... E aí? Quando eles iriam à escola? Que estágio é esse em que os alunos de um curso de licenciatura não vão à escola?! Então, aconteceram muitos embates nesses processos... Mas foi um processo bastante rico... Foi bacana essa construção, foi bacana ajudar a construir. Eu acho que ainda

---

<sup>504</sup> Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

<sup>505</sup> Projeto Pedagógico do Curso.

tem algumas coisas que estão no papel e que ainda precisam ser efetivadas, e tem algumas coisas que precisam ser modificadas. Agora, recentemente, teve uma reformulação do PPC, mas, como eu não estava mais junto ao curso, eu não participei... Então, não sei como ficou...

Se eu pudesse mexer naquele PPC que eu conheço, que eu ajudei a construir, eu mudaria algumas coisas... Mudaria o estágio, com certeza! Repensaria também a carga horária de atividades complementares... Acho que os alunos precisam passar por uma série de coisas na Universidade, e acho que o curso tem que ofertar essa série de coisas... Por exemplo, eu acho que os nossos alunos – exceto o pessoal do LabMóvel, que tem recursos para isso – vão pouco a congressos... Eu acho que os nossos educandos escrevem muito pouco... Não sei se é uma tradição do litoral, que é mais de tradição oral mesmo... Mas eu acho que os nossos educandos deviam produzir mais coisas escritas... Então, acho que algumas coisas precisariam ser modificadas no PPC. O estágio é fundamental! O estágio, fragmentado como está, os próprios alunos já disseram que não tem sentido... E a gente sabe que, às vezes, o que se coloca nos relatórios de estágio não é o que está acontecendo, efetivamente, na escola... Todo mundo já sabe disso! Alguns não querem saber, né?! E aí fecham os olhos... Enfim...

Eu acho que não tem como um estagiário estar em um ambiente escolar e, simplesmente, ficar alheio a aquilo tudo... Alguém me falou que estão pensando em tirar o processo de regência do estágio... Não sei como está isso... Mas me parece que a proposta de retirada da regência surgiu porque os professores não estão dando conta de ir acompanhar os estágios na escola... Veja o motivo! Se o professor não consegue ir à escola para acompanhar o seu orientando, então se propõe retirar a regência... Enfim... Eu acho que o educando deveria ir à escola e mergulhar na escola! Deveria circular, deveria se envolver com a escola, participar de todos os processos... Quando eu falo isso, alguns dizem: “Mas no semestre seguinte ele vai fazer a mesma coisa?”... E eu respondo: “Sim. Vai fazer a mesma coisa, só que diferente! Com a vivência que ele já teve na escola e com tudo o que ele já teve também aqui na Universidade, será diferente. Ou seja, não vai ser exatamente a mesma coisa! Vai ser a mesma coisa, mas será diferente.”... Eu acho que o estágio deveria ser esse mergulho na escola, essa vivência do espaço escolar. Então, eu gostaria de mexer nisso... Eu gostaria que o estágio acontecesse de outro modo...

Hoje há, inclusive, uma confusão danada – do meu ponto de vista – em relação à avaliação do estágio... Como a maioria dos alunos trabalha, nem todos os alunos conseguem fazer o estágio durante o dia... Então, abre-se uma semana por mês, à noite, para que os alunos possam fazer o estágio na escola. Uma semana por mês os alunos não participam dos FTP e vão para a escola fazer estágio... Mesmo assim não dá para cumprir toda a carga horária de estágio na escola, então se abre um espaço para o estágio também nos FTP. Como isso acontece? O aluno vai para a escola, vivencia a escola e volta para a Universidade; quando ele volta, ele traz essa experiência que é discutida aqui. Ou deveria ser discutida... Então, o educando tem dois professores de estágio: tem um mediador de estágio, que deveria acompanhá-lo na escola, ver o que está acontecendo, orientar e mediar os processos lá; e tem um professor que trabalha o estágio em sala de aula, com a turma. E aí o processo de avaliação é bastante complicado, porque quem lança o conceito é o professor da turma, não é o professor que está orientando o estágio... O professor que está mediando o estágio na escola, vai *apenas* mediar o processo do estágio e ajudar o educando no processo de construção da monografia de final de estágio. Mas não é ele quem avalia o estágio... O estágio é avaliado, a cada semestre, por um professor – ou por um grupo de professores – que trabalha o estágio com a turma em sala de aula. Então, é bastante confuso. Mais um motivo para o estágio ser rediscutido...

E, segundo os relatos que ouço, os educandos encontram dificuldades no estágio... Alguns não sabem o que fazer na escola, não sabem como se colocar. E, dependendo da escola e do professor, há dificuldade de acolhimento do estagiário na escola... Depende muito da escola! Tem uma escola aqui em Matinhos, por exemplo, em que ainda há a prática dos alunos se levantarem quando algum estranho entra na sala de aula – em especial, se a pessoa for alguém da direção... Nessa escola os nossos estagiários têm mais dificuldade... Aliás, até para conseguir estágio lá é muito mais difícil, porque eles sabem que a Universidade tem uma proposta diferente e para eles não é interessante ter esse tipo de estagiário... Por outro lado, alguns dos nossos egressos já estão atuando nas escolas e isso facilita as coisas... Há, por exemplo, uma educanda – da turma de dois mil e treze – estagiando com uma egressa da turma de dois mil e nove... Então, o processo de estágio nessa escola já é outro, porque a professora é egressa daqui e trabalha de forma diferenciada com os seus alunos...



Pensando agora no PPP, de modo geral... Ano que vem a UFPR Litoral vai completar dez anos... Acho que seria o momento de discutir, de avaliar a proposta pedagógica. Mas avaliar de forma séria! Avaliar não pensando nas relações de poder... Avaliar pedagogicamente! Ver quais são os processos que, efetivamente, contribuem e que estão fortes... Ver quais processos precisam ser revistos... Mas essas discussões deveriam acontecer pelas questões pedagógicas mesmo e não por questões burocráticas ou estruturais... Acho que seria bom rever os processos de ensino... Nesse tempo que estou aqui, isso ainda não foi feito... Nesse sentido, não houve nenhuma mudança... Mas nas práticas, sim... Acho que as práticas nunca foram totalmente como o projeto pede.

Então, se eu pudesse mexer no PPP, eu acho que eu pensaria em reestruturar algumas coisas que se perderam... Por exemplo: hoje a relação com a Educação Básica meio que se perdeu... Ela continua na proposta, mas está *en passant*. Eu acho que essa relação com a escola tinha que ser o nosso foco... O vínculo da Universidade com a Educação Básica devia ser muito mais forte! Existem alguns movimentos como o que o Maurício<sup>506</sup>, a Suzana e o Valentim fazem – movimento, inclusive, bastante contestado aqui dentro. Mas eles estão fazendo um movimento de contra mola, né?!... Antes, nós tínhamos a figura dos articuladores: cada município do litoral tinha dois professores responsáveis para articular ações da Universidade junto ao município, mais especificamente junto à Educação Básica. Isso se perdeu. Já não existe mais... Para mim esse é um dos grandes motivos de, neste ano, termos menos inscritos no vestibular para alguns cursos do que o número de vagas ofertado... Na Licenciatura em Ciências, por exemplo, o número de inscritos no vestibular é menor que o número de vagas no curso... Tudo bem que ainda vamos ter o Sisu<sup>507</sup> – é o primeiro ano em que teremos as vagas do Sisu... Mas se a gente imaginar que nem todos os inscritos virão fazer o vestibular, e dos que vierem nem todos serão aprovados, e dos que serão aprovados nem todos farão a matrícula... Então, provavelmente, os cursos vão começar deficitários no que diz respeito ao número de alunos. Isso é um problema! Não deveria ser um problema! Mas é! Esse é, inclusive, um dos critérios para se fechar cursos... O curso

---

<sup>506</sup> Maurício Cesar Vitória Fagundes. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>507</sup> Sistema de Seleção Unificada. Nesse sistema, gerenciado pelo Ministério da Educação, algumas instituições públicas de ensino superior oferecem vagas aos candidatos que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio.

de Orientação Comunitária, que teve nota cinco no MEC<sup>508</sup>, está para ser fechado e um dos motivos é o número de alunos que entra no curso... Nós ainda estamos resistindo, mas o curso está para ser fechado. Eu consigo entender isso nas instituições privadas – não aceito, mas entendo –, porque eles visam o lucro, então se não está dando lucro eles fecham o curso... Mas em instituição pública? Então, eu vejo que nós ainda estamos trabalhando como uma organização social e não como uma instituição social... Qual é a diferença? A organização social trabalha visando o mercado e a instituição social visa o papel social... Penso que a Universidade não está cumprindo o seu papel social. A minha compreensão é que poderia ter cinco alunos em uma turma. Alguém pode dizer: “Mas, puxa! A gente vai ter um grupo de professores, ganhando o que ganha, para dar aula para cinco alunos?”... E eu diria: “Sim! A gente tem outros cursos – como Medicina e Administração – que têm muito mais alunos, então se a gente pensar na questão financeira, esses cursos compensariam esses cinco alunos que estarão aqui.”... E daí a Universidade estaria cumprindo a sua função social para esses cinco alunos e, talvez, mais tarde para outros... Enfim...

Eu penso que está acontecendo um processo lento, mas claro, de departamentalização aqui... Daqui a pouco tudo vai acontecer dentro do curso... Inclusive, já houve uma sugestão de que as três licenciaturas tivessem um núcleo comum, porque daí seria possível agregar mais alunos, inclusive no vestibular. E esse núcleo comum, de modo geral, é o pedagógico... Então, aí se caracteriza de vez a departamentalização, porque os professores ligados à área de Educação vão ofertar módulos, que serão cursados por alunos de qualquer licenciatura. Felizmente, ainda existe resistência quanto a isso! Mas, para mim, este processo está muito claro... Muito claro...

Pensando um pouco agora aqui no litoral... Desde que eu cheguei aqui em Matinhos, tenho observado algumas mudanças na cidade... Houve mudanças, por exemplo, na questão imobiliária da cidade: uma casa ou um terreno que você compraria há sete anos por um determinado valor, hoje está custando sete ou oito vezes aquele valor... Também dá para perceber que tem muita gente vindo morar aqui... Isso afeta a geração de trabalho e renda, então abriram muitos negócios na região – alguns em virtude da Universidade... Dá para perceber uma movimentação

---

<sup>508</sup> Ministério da Educação.

maior, a cidade tem uma dinâmica diferente – mesmo fora de temporada. Nesses cinco anos dá para notar isso... A cidade cresceu! Não sei se isso é bom, mas ela cresceu... Não sei se era esse o propósito da Universidade, se o desenvolvimento era desse tipo. Eu acho que era o desenvolvimento socioeconômico com sustentabilidade. Não sei se isso melhorou... Acho que falta uma pesquisa para verificar o impacto dessa Universidade no litoral ou em Matinhos – no litoral é difícil porque é muito amplo, mas em Matinhos acho que daria uma boa pesquisa.

E estamos aqui há pouco tempo, né?! Então tem coisas que ainda não são visíveis. Mas algumas pessoas não entendem isso. Por exemplo: o argumento para unificar o vestibular com Curitiba foi que a Universidade não cumpriu o seu papel, não impactou positivamente. Esse foi o argumento da Pró-Reitora de Graduação! Como a Universidade não está cumprindo o seu papel, não há necessidade de fazer vestibular diferenciado no litoral... Então, agora o vestibular é unificado. Mas poxa! Com dez anos, como se avalia isso? A Universidade está aqui há pouco tempo... Se a gente pensar em um professor, por exemplo, formado em Ciências, quanto tempo leva para que apareça o resultado do seu trabalho? Isso leva tempo! Ele sai, vai atuar na escola, e a atuação dele tem um tempo também para desencadear mudanças na sociedade... Mas esse tipo de coisa é desconsiderado, porque a questão não é essa... A questão é política! Mas, ao mesmo tempo, como falei antes, talvez a questão do Ideb seja um indicativo do resultado da presença da Universidade no litoral nesses quase dez anos...

Para finalizar... Eu quero dizer que estou muito feliz! Aqui eu me reencontrei como professor! Eu estava muito triste, por conta de uma escola e de uma universidade que, do meu ponto de vista, estão falidas... E estão falidas tanto em relação a conteúdo quanto em relação aos métodos – para mim esse modelo já deu o que tinha que dar! Então, eu estou muito feliz aqui, ainda que a gente esteja em um movimento, no meu entender, de retrocesso... Hoje o grupo hegemônico daqui quer que isso aqui se transforme na mesma coisa que é a UFPR de Curitiba, com os mesmos processos... Mas, mesmo assim, eu ainda consigo vislumbrar possibilidades de fazer coisas diferentes aqui. Esses dias, quando eu estava falando sobre o meu trabalho, alguém me disse: “Cara! Faz um ano e meio que eu não via brilho nos seus olhos quando você estava falando do trabalho.”... Quando eu cheguei aqui foi um impacto muito grande! O trabalho com as comunidades... Eu acho que se ficar só aqui dentro, você fica igual, né?! Então o trabalho não é aqui

dentro! O trabalho é também aqui dentro, mas o trabalho tem que acontecer também lá fora, nas comunidades... E, em determinado momento, por conta desse movimento de retrocesso, eu desanimei... Desanimei mesmo... Depois que esse amigo falou isso, eu fui ver a minha biblioteca de fotos... Eu tenho as fotos organizadas por ano, fotos de tudo que eu faço. E aí ficou muito claro: a quantidade de fotos nesse um ano e meio, realmente, é muito pequena... Eu quase não tenho fotos desse período. Ou seja, eu quase não participei de coisas, eu quase não me envolvi... Mas, agora, com a entrada do curso de Licenciatura em Educação do Campo, eu me empolguei de novo! Nós vamos trabalhar com as comunidades... Vamos voltar a trabalhar onde eu acho que a Universidade tem que estar – que é nas comunidades e nas escolas... Aí eu retorno! Retorno com um ar novo! E eu volto disposto a brigar muito aqui dentro para não perder isso de novo! Eu não quero deixar que a Universidade faça comigo o que a escola estava fazendo... O cuidado de si, que eu estudei no mestrado, virou modo de vida para mim. Então, eu procuro, efetivamente, praticar o cuidado de si... E uma dessas práticas é a parresia, é o franco falar. E, nas reuniões de Conselho, eu sou muito franco e falo mesmo o que eu tenho que falar... Em uma dessas reuniões eu me posicionei frente a um colega, o Vassoler<sup>509</sup>, que é professor do curso de Ciências, e ele disse: “Zan, você está muito nervoso!”... Eu respondi: “Cara! Você não me viu nervoso ainda. Pode ir se preparando: eu voltei!... Depois de um ano e meio eu voltei e agora eu voltei para ficar... E eu vou lutar muito aqui dentro para manter isso aqui.”... Eu estou mudando a minha vida... Agora a minha vida é toda aqui. Agora é um projeto de vida mesmo... Então, eu estou muito feliz com o que eu estou fazendo, mesmo nesse movimento de luta, de briga... Mas esse é um movimento que me deixa muito feliz. Eu precisava disso aqui! Eu estou muito feliz aqui.

---

<sup>509</sup> Rodrigo Vassoler Serrato. Doutor em Ciências (Bioquímica) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## GRATIDÃO

O amigo marca, ocupa, é atuante. Ele forma e transforma no exercício da amizade.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior  
(2007, p. 211)

Depois de quatro dias de trabalho intenso, estava se aproximando o momento da realização da última entrevista desta pesquisa. A entrevista seria com o professor Marcos – o Zan –, e estava agendada para as nove horas. Já não sei precisar quando conheci o Zan... Nossos primeiros contatos se deram através do Grupo EDUMAT<sup>510</sup> do *site Yahoo!*<sup>511</sup>. Esse grupo foi criado pelo professor Carlos Vianna a fim de registrar discussões entre alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná; e, passado certo tempo, o professor Carlos permitiu também a participação de outras pessoas que se interessavam pelas discussões na área da Educação Matemática – quando isso aconteceu, eu fui convidada a fazer parte do EDUMAT.

Conheci o Marcos, pessoalmente, em dois mil e dez na UFPR. Em dois mil e onze ele participou das minhas bancas de qualificação e de defesa do mestrado – também na UFPR. E, desde que decidi estudar a proposta pedagógica da UFPR Litoral, troquei vários *e-mails* com ele, que esclareceu diversas dúvidas sobre o Setor Litoral e sempre se mostrou disposto a conversar comigo sobre seu trabalho. Em dois mil e treze, quando estive na UFPR Litoral, acompanhei conversas de mediação de Projetos de Aprendizagem entre Marcos e alguns dos seus mediandos. Por tudo isso, eu gostaria que a entrevista com ele tivesse sido a primeira, mas as circunstâncias fizeram com que ela fosse a última...

Começamos nossa conversa e Zan contou que gostaria de ter cursado Engenharia Elétrica no Cefet-PR, mas não conseguiu passar no vestibular para esse curso. Depois de algumas tentativas, ele decidiu prestar vestibulares para outros cursos em outras instituições. Dentre eles, o vestibular da PUC-PR<sup>512</sup>, para Licenciatura em Matemática. Ele passou em todos os vestibulares que fez naquele

---

<sup>510</sup> Esse grupo foi desativado, mas ainda é possível ler as mensagens antigas no *site*. Atualmente, o grupo funciona no *Facebook* (rede social em que é possível compartilhar mensagens, fotos e vídeos com outras pessoas que tenham conta no *Facebook*).

<sup>511</sup> Portal de *Internet*.

<sup>512</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

ano, e optou pela Licenciatura em Matemática, pois no currículo desse curso havia algumas indicações de leituras que ele julgava interessantes naquele momento. Enquanto eu o ouvia, lembrava de outros colaboradores que também não desejavam cursar licenciaturas – ou que não queriam ser professores – e que hoje são professores na UFPR Litoral.

Durante a licenciatura, Marcos começou a gostar da docência. Concluído o curso, trabalhou com as disciplinas de Matemática, Desenho Geométrico e Física no Ensino Médio – o curso o habilitou para isso –, e com algumas disciplinas no Ensino Superior. Ao mesmo tempo, Zan continuava estudando: ele fez mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, na linha de Educação Matemática. Em determinado momento da carreira, Marcos se viu desiludido com a educação e, por isso, pensou em desistir da profissão e abrir um bar – ou algo assim – em que ele pudesse trabalhar com educação não formal. Nesse período surgiu a oportunidade de prestar concursos na UFPR Litoral. Concursos, assim, no plural, porque foram dois. Em um deles a banca não gostou da aula diferenciada que o Zan preparou para a prova didática; e ele não passou. No outro, Zan preparou uma aula tradicional para a prova didática e foi aprovado – o que causa certo estranhamento...

Uma história curiosa: Zan foi aprovado no concurso para uma vaga na área de Educação Matemática, mas era uma vaga para professor *transversal* – como chamavam no Setor Litoral –, ou seja, ele não atuaria em um curso específico: ele atuaria em qualquer curso em que houvesse demanda pelo trabalho de um educador matemático. Então, Zan imaginou que ficaria em seu gabinete e que os *curros* iriam procurá-lo quando houvesse necessidade de uma intervenção sobre Matemática em alguma turma. Ledo engano! Quando chegou à UFPR Litoral, Marcos se deu conta que não seria isso. Ele atuaria em cursos que estivessem precisando de professores.

Desse modo, suas primeiras atuações na UFPR Litoral aconteceram nos cursos de Licenciatura em Ciências e Técnico em Orientação Comunitária – curso de Ensino Médio Integrado. O primeiro diferencial que Marcos percebeu na UFPR Litoral foi o seguinte: os docentes trabalhavam juntos em sala de aula – em *docência compartilhada*. Ele gostou disso, mas estranhou uma coisa: os professores não davam aula. Aliás, alguns professores davam aula; inclusive havia quem utilizasse

suas velhas *transparências*<sup>513</sup> – o que também causava estranhamento ao Zan. Pensei nos desafios de se trabalhar em docência compartilhada com pessoas que os docentes ainda não conheciam, com quem eles ainda não tinham afinidade. Esse assunto já tinha sido mencionado por outros colaboradores, mas foi só nessa entrevista que percebi mais claramente esse *detalhe*, e, então, me questioneei: “Como se dá o trabalho em docência compartilhada com um professor que ainda não se conhece?”...

Ainda sobre o início da sua atuação na UFPR Litoral, Zan comentou sobre o trabalho por projetos – sugerido pelo Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral. Ele percebeu que cada curso entendia o trabalho por projetos de um modo distinto, e, assim, os docentes iam desenvolvendo trabalhos distintos nos cursos da UFPR Litoral. Marcos também falou sobre outro estranhamento que teve no início do seu trabalho: compreender que alguns *silêncios* são necessários em sala de aula, pois esses silêncios são importantes para que os estudantes formulem suas ideias e compreendam o que estão vivenciando. De acordo com Marcos, esse estranhamento é decorrente das suas vivências anteriores como docente: ele estava acostumado a dar aulas. Zan foi o primeiro docente a falar sobre isso comigo... Fiquei pensando: “Os outros professores da UFPR Litoral também tiveram esse tipo de estranhamento no início do trabalho no Setor Litoral? Outros docentes sentiam a necessidade de dar aula na UFPR Litoral?”... É provável que sim.

O professor Marcos afirmou também que os docentes da UFPR Litoral têm diferentes concepções de educação e que isso era – e talvez ainda seja – perceptível nas reuniões de Câmara. Sobre essas reuniões, Zan comentou que, antes, havia mais discussões pedagógicas na Câmara de Licenciatura em Ciências e que, com o tempo, essas discussões foram se esvaziando. Atualmente ele não sabe como estão sendo essas reuniões, pois deixou de atuar na Licenciatura em Ciências. No entanto, segundo os relatos de outros colaboradores, as reuniões da Câmara de Ciências têm sido mais burocráticas.

Outro assunto recorrente nas entrevistas também foi comentado pelo Zan: a mudança nas reuniões de Conselho. De acordo com Marcos, antes, todos – estudantes, técnicos e docentes – tinham direito à voz e a voto no Conselho. Com a

---

<sup>513</sup> Lâminas de plástico transparente que eram utilizadas para projetar textos ou imagens sobre uma tela específica ou sobre uma parede. Em sala de aula, geralmente, elas tinham a finalidade de complementar a explicação do professor. Para projetar essas lâminas era necessário utilizar um aparelho chamado *retroprojektor*.

aprovação do Regimento Setorial, entretanto, isso mudou, e hoje o Conselho funciona do mesmo modo que os conselhos dos outros setores da UFPR – respeitando um Regimento aprovado ainda na época do Regime Militar. Por isso, Zan considera que essa mudança representa um retrocesso no projeto educacional.

Marcos falou ainda sobre outras coisas que vêm acontecendo no Setor Litoral e que o desagradam. Uma delas é a falta de diálogo entre os cursos. Segundo ele, nunca houve um diálogo efetivo entre os cursos de licenciatura da UFPR Litoral. A outra coisa diz respeito às atividades de Interações Culturais e Humanísticas que trabalham com temas específicos de determinados cursos. Esses dois assuntos têm incomodado também outros colaboradores desta pesquisa... Para Marcos, isso mostra um processo – lento – de departamentalização do Setor Litoral.

Zan também comentou sobre o estágio da Licenciatura em Ciências. Do mesmo modo como outros colaboradores da pesquisa, o professor Marcos considera que o estágio precisa ser rediscutido na Câmara de Ciências. Marcos acredita que os licenciandos deveriam se envolver mais com a escola durante o estágio, e que eles deveriam vivenciar mais os espaços escolares. Ouvindo isso, lembrei do trabalho que os professores Maurício, Suzana e Valentim têm realizado no Colégio Estadual Sertãozinho – em que eles desenvolvem um módulo de Fundamentos Teórico-Práticos com os estudantes da Licenciatura em Ciências na escola. Pouco depois, Zan citou esse trabalho, que vem recebendo críticas e sofrendo algumas resistências na UFPR Litoral, mas que, apesar disso, tem resistido a esses movimentos contrários e continua acontecendo.

Ainda sobre as relações da Universidade com as escolas, Zan comentou que antes havia professores responsáveis por articular ações da Universidade com as escolas de cada município do litoral paranaense. Com o tempo, isso foi se perdendo, e hoje não existe mais esse papel do *professor articulador*, o que fez com que o número de ações diminuísse. Esse assunto não foi comentado por nenhum dos outros colaboradores desta pesquisa. Fiquei me perguntando: “Por que essas ações se perderam? Houve alguma mobilização dos professores – da Universidade ou das escolas – para que esses movimentos não acabassem?”... Poderia questionar também o motivo de nenhum outro colaborador ter falado sobre isso, mas talvez a resposta seja simples: “Você não perguntou sobre isso!”...

Durante a entrevista, o professor Marcos comentou que acredita ser necessário discutir e avaliar o Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral. Ele disse



que muitas ações já foram desenvolvidas, e que seria importante avaliar esses processos para fortalecer a proposta pedagógica do Setor Litoral. Lembrei que esse ponto também foi comentado explicitamente pela professora Ana Maria. Aí surgiram algumas questões: “Há algum planejamento para que seja realizada uma avaliação do Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral? Como seriam organizados esses momentos de discussão?”...

Pensando sobre isso, lembrei de outro assunto levantado por Marcos: acompanhamento dos egressos dos cursos da UFPR Litoral. O professor disse que ainda não há mecanismos de acompanhamento dos egressos do Setor Litoral, mas acredita que é importante saber onde e como essas pessoas estão trabalhando. Marcos falou sobre a possibilidade de se organizar eventos com a participação dos ex-alunos: poderiam ocorrer seminários para que os egressos falassem sobre suas práticas aos estudantes – e docentes – da UFPR Litoral. Penso que esse tipo de evento poderia contribuir com a formação de todos os envolvidos...

Depois de aproximadamente duas horas de conversa, encerramos a entrevista. Zan comentou que está muito feliz por trabalhar na UFPR Litoral, e está disposto a *brigar* pela continuidade desse projeto diferenciado. Depois que nos despedimos, fiquei lembrando alguns pontos da nossa conversa. Em alguns momentos essa entrevista pareceu mesmo uma *conversa entre amigos*... A única diferença foi a presença de dois gravadores de áudio.

Saí da UFPR Litoral satisfeita por ter conseguido cumprir o meu cronograma de entrevistas, e por ter a oportunidade de conversar com doze professores que muito me ensinaram nesses dias. Mas também saí sentindo certo desconforto por ver algumas mudanças se efetivando e minando – lentamente – aquele projeto educacional. Saí também esperançosa por perceber que há pessoas que ainda estão dispostas a lutar pela UFPR Litoral. Terminada essa etapa, a palavra que fica aos colaboradores da pesquisa – e à UFPR Litoral – é: GRATIDÃO.

## TRABALHANDO COM ENTREVISTAS

Cada vez que ouço a gravação de uma entrevista que fiz e leio a transcrição eu percebo algo que gostaria de mudar no texto.

...

A textualização transforma a entrevista de “língua falada” em um texto de “língua escrita”. Um texto que terá a estrutura, o formato e o grau de elaboração conceitual e técnico que lhe possa ser dado pelo autor.

Carlos Roberto Vianna (2014, p. 75 e p. 76)

Se a narrativa constrói cenários, a análise direciona. Toda crítica – das gratuitas às necessárias – nasce da violência do olhar.

...

Do mesmo modo que a memória filtra, reordena, fantasia, o olhar do intérprete cria vieses, impõe estacas e determina direcionamentos.

Antonio Vicente Marafioti Garnica  
(2012, p. 332 e p.347)

A sensação de dever cumprido pela realização das doze entrevistas logo deu lugar à preocupação com o trabalho de transcrição e textualização das entrevistas. Ainda em Matinhos eu ouvia uma frase recorrente: “Você terá muito trabalho!”... Em Rio Claro também ouvi essa frase várias vezes. Eu estava ciente de que teria muito trabalho, pois registrei, aproximadamente, dezenove horas de gravação de áudio e teria que transcrever e textualizar todo esse material. Em minhas lembranças, as vozes dos colaboradores se misturavam e – em alguns casos – eu já não sabia quem havia afirmado o quê.

A minha intenção inicial era começar a transcrever as entrevistas logo que chegasse a Rio Claro, mas outras atividades acadêmicas<sup>514</sup> não permitiram que isso acontecesse. Como era preciso organizar algumas ideias em relação à pesquisa, agendei para o início do mês de dezembro a apresentação do meu primeiro Seminário Obrigatório do curso de doutorado em Educação Matemática. Meu

---

<sup>514</sup> Participação em eventos de pesquisa; realização do estágio de docência; participação em seminários de Educação Matemática na Unesp.

desafio nesse seminário seria falar sobre a UFPR Litoral sem mencionar as informações obtidas nas entrevistas que eu havia realizado<sup>515</sup>. Então, preparei o seminário a partir do que está registrado no Projeto Político Pedagógico e no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral. Quando comentei sobre os três espaços curriculares preconizados pelo PPP<sup>516</sup>, falei sobre o que vivenciei em minha visita à UFPR Litoral em dois mil e treze.

Aliás, é importante dizer que essa visita foi bastante importante para a minha pesquisa. As conversas informais com estudantes, professores e técnicos do Setor Litoral esclareceram algumas dúvidas que eu tinha sobre a proposta pedagógica do Setor. As conversas informais com moradores do litoral paranaense contribuíram para a minha primeira aproximação com a realidade local. E as minhas breves participações em atividades dos três espaços curriculares colaboraram para que eu começasse a compreender alguns movimentos que acontecem na UFPR Litoral.

A partir do que vivenciei naqueles dias – e também das leituras dos documentos e textos acadêmicos sobre o Setor Litoral –, a pesquisa foi se delineando. E, então, eu elaborei os roteiros de entrevistas. Penso que aquela visita à UFPR Litoral também foi importante porque permitiu que eu estabelecesse contato com alguns professores que vieram a ser os colaboradores desta pesquisa. Como já havia certo diálogo estabelecido entre nós, acredito que os momentos de entrevistas se tornaram mais *leves* – ou menos tensos<sup>517</sup>. E me parece que a presença do gravador não *incomodou* os professores que foram entrevistados.

---

<sup>515</sup> Eu via aquele seminário como uma possibilidade de organizar a minha fala sobre a UFPR Litoral a partir de tudo que li, ouvi e observei durante a minha pesquisa – até aquele momento. No entanto, eu não queria mencionar as entrevistas em meu seminário porque ainda não tinha autorização escrita dos colaboradores para utilizar aquele material – que ainda não havia sido sequer transcrito. Além disso, para preparar o seminário foi necessário reler documentos da UFPR Litoral, e isso aconteceu pouco tempo depois de ter realizado as entrevistas. Esse exercício me ajudou a identificar algumas falas muito próximas do que está escrito nos documentos do Setor Litoral e também a perceber como alguns professores se apropriam desses textos.

<sup>516</sup> Fundamentos Teórico-Práticos; Interações Culturais e Humanísticas; e Projetos de Aprendizagem.

<sup>517</sup> Durante as conversas informais, os professores falavam sobre a proposta pedagógica do Setor Litoral e sobre as atividades que desenvolviam nos três espaços curriculares; e perguntavam sobre mim e sobre as intenções da minha pesquisa. Ou seja: conheci o trabalho deles e deixei que conhecessem o meu trabalho. Esses diálogos foram importantes para as próximas etapas da pesquisa, pois sabíamos com *quem* estávamos conversando. Depois, eu soube que Portelli sugere algo semelhante aos que trabalham com História Oral: “[...] mostre-se aberto, fale sobre você, responda a perguntas (se as fizerem...). No que me diz respeito, não revelaria quase nada de importante sobre minha vida a alguém que, ao conversar comigo, assumisse uma atitude neutra, impessoal e distante. Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha? As perguntas feitas por nossas ‘fontes’ [...] são tão necessárias à entrevista quanto aquelas que nós mesmos formulamos.” (PORTELLI, 1997, p. 22). Cabe ressaltar que não conheci todos os colaboradores da pesquisa nessa visita.

Para dar continuidade à pesquisa, era preciso transcrever as entrevistas. Então, na segunda quinzena do mês de dezembro de dois mil e quatorze, dei início ao processo de transcrição da primeira entrevista que eu havia realizado em outubro. Optei por transcrever e textualizar as entrevistas seguindo a ordem cronológica de realização das entrevistas. O processo de transcrição é quase exclusivamente técnico. Realizei esse processo com o auxílio do *software* gratuito *Express Scribe Transcription*, que permite ajustar a velocidade do áudio – facilitando o trabalho da transcrição. Depois de transcrever a entrevista feita com a professora Suzana, ouvi novamente o áudio dela, revisei a transcrição e fiz as alterações que julguei necessárias – em alguns casos a ordem das palavras não estava correta; em outros casos eu não havia registrado algumas palavras; e ainda havia palavras *sobrando* no meu texto, ou seja, palavras que não foram ditas e que, por algum motivo, eu registrei na primeira versão da transcrição. Feito isso, ouvi novamente o áudio e revisei o texto. Mais uma vez encontrei pequenos problemas na transcrição e fiz os ajustes necessários. Percebi que esse trabalho poderia se tornar interminável – como lembrou o professor Carlos em seu texto *Sem título*<sup>518</sup>. Então, como o número de ajustes foi bem menor na segunda revisão da transcrição, decidi encerrar a revisão desse texto.

Ainda em dezembro iniciei o processo de textualização da entrevista feita com a professora Suzana. Na primeira fase da edição do texto apenas retirei algumas das minhas falas e as marcações de interrupções das entrevistas – por exemplo: anotações sobre pessoas que cumprimentaram a professora que estava sendo entrevistada. Na segunda fase da edição do texto, que aconteceu em janeiro de dois mil e quinze, retirei todas as minhas intervenções e comecei a organizar a narrativa da professora Suzana. A minha intenção era escrever uma narrativa a partir da entrevista, mas o texto ainda apresentava muitos fragmentos da fala da professora. Na terceira fase da edição do texto tentei reunir esses fragmentos: alterei a ordem das falas, reorganizei frases. Mas não gostei do resultado do trabalho. Era preciso pensar em alternativas...

Naqueles dias de trabalho, senti que textualizar é mais difícil do que transcrever! Textualizar foi doloroso. Senti que entrevistar é, também, mexer na vida do outro – por vezes, disparando memórias que os colaboradores gostariam de não

---

<sup>518</sup> Texto publicado no livro *Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil* em dois mil e quatorze.

lembrar. E senti que textualizar é mexer na fala do outro! Tive medo de alterar a fala dos colaboradores, e de mudar o sentido do que eles falaram em suas entrevistas. Senti medo de que os colaboradores não se reconhecessem nas textualizações que eu precisava elaborar. Eu ainda não sabia que essas sensações me acompanhariam por seis meses...

Eu estava convencida de que não seria possível, naquele momento, elaborar aquela textualização do modo como eu havia planejado. E não havia mais tempo para insistir na minha ideia inicial. Então, decidi organizar a textualização por tópicos. E foi isso que fiz. Gostei do resultado no aspecto do conteúdo. Não gostei do resultado no aspecto da estética do texto, mas o resultado final me pareceu suficiente e a textualização ficou organizada daquele modo. Depois disso, inseri as notas de rodapé que julguei necessárias. A última fase da primeira versão da textualização foi uma revisão do texto – revisei e depois li a textualização em voz alta tentando perceber problemas na sequência do texto. Percebi que esse trabalho também poderia se tornar interminável, pois sempre havia uma ou outra palavra a ser substituída, uma vírgula a ser colocada ou retirada. Em dado momento, eu me convenci que era hora de parar de revisar aquele texto.

Comecei, então, o trabalho da transcrição da entrevista feita com o professor Valdo, e o procedimento foi semelhante ao utilizado para transcrever a primeira entrevista. Depois de revisar a transcrição, dei início ao processo da textualização, que também foi semelhante ao utilizado com a primeira entrevista. No entanto, nesse caso, eu consegui interligar os fragmentos de texto e organizá-los de um modo que me agradasse – sem utilizar o recurso dos tópicos.

Nessa fase surgiu uma dúvida: “Preciso *padronizar* as textualizações das entrevistas da minha pesquisa?”... Eu não me recordava de pesquisas que apresentassem diferentes tipos de textualizações – tenho a impressão que os autores buscam um modo de textualizar e apresentam todas as suas textualizações seguindo o mesmo *modelo*. Depois de conversar com alguns membros do Ghoem sobre a minha dificuldade e sobre essa dúvida, cheguei à conclusão que não é necessário padronizar as textualizações. No entanto, pensei que seria interessante registrar essa dificuldade na tese.

Depois de revisar a textualização da entrevista feita com o professor Valdo, dei continuidade ao trabalho com as outras dez entrevistas. Algumas textualizações ficaram organizadas em tópicos, outras não, e é preciso registrar que isso está

relacionado unicamente com a minha dificuldade de trabalhar com os textos. No final do mês de abril concluí o trabalho de transcrição e de elaboração das primeiras versões das textualizações das entrevistas desta pesquisa. Sempre que finalizava a primeira versão de uma textualização, eu a enviava, por *e-mail*, para o professor Vicente, meu orientador, para que ele pudesse ler e revisar os textos. Depois que ele devolvia as textualizações, eu revisava novamente cada uma delas, obtendo, assim, a segunda versão das textualizações.

No mês de junho enviei as textualizações, por *e-mail*, para que os colaboradores da pesquisa pudessem ler e validar os textos produzidos. Enviei também um modelo de carta de cessão<sup>519</sup> para que os colaboradores assinassem – caso concordassem com a publicação das suas entrevistas em minha tese. Esse processo de validação das entrevistas demorou pouco mais de um mês. Foram dias de angústia e ansiedade... Eu me questionava: “Os colaboradores vão se reconhecer nas textualizações elaboradas por mim? Os colaboradores concordarão com a publicação das textualizações?”... Aos poucos, as respostas foram chegando. Alguns colaboradores solicitaram pequenos ajustes nas textualizações de suas entrevistas; outros colaboradores autorizaram a publicação sem nenhuma alteração. E, felizmente, todos os colaboradores concordaram em assinar as cartas de cessão. Depois do retorno dos professores sobre as textualizações de suas entrevistas, revisei novamente os textos e obtive, desse modo, a terceira versão das textualizações das doze entrevistas – esses foram os textos apresentados em meu material de qualificação do doutorado.

Enquanto eu aguardava as respostas quanto à validação das textualizações, iniciei outra fase da pesquisa: o primeiro registro das análises das entrevistas. Entendo que o processo de análise se inicia antes mesmo da elaboração dos roteiros de entrevistas, e que esse processo de análise continua durante toda a pesquisa, de modo especial na elaboração das textualizações. No entanto, no caso desta pesquisa, a escrita sobre as análises das entrevistas só aconteceu depois da finalização do processo de elaboração das primeiras versões das textualizações. Entendo que o registro das análises é sempre muito delicado, pois é necessário analisar as falas dos colaboradores evitando julgamentos de valor. No caso desta pesquisa esse processo de análise torna-se ainda mais complexo, pois estamos

---

<sup>519</sup> O modelo utilizado está disponível nos Apêndices desta tese.

registrando movimentos que estão acontecendo – ou que aconteceram recentemente – no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. Isso exige ainda mais cuidado, e desde a realização das entrevistas eu me perguntava como registraria as análises da pesquisa. Depois de algum tempo, vislumbrei uma possibilidade que me agradou.

Como fiz as entrevistas em cinco dias e há muitas informações nas entrevistas, pensei em apresentar uma narrativa após as textualizações referentes às entrevistas realizadas a cada dia. Desse modo, as narrativas que apresento na tese têm o objetivo de mostrar o que me marcou em cada entrevista, bem como os questionamentos que surgiram a partir das falas dos colaboradores desta pesquisa. No próximo parágrafo explico como realizei os registros dos meus primeiros movimentos de análise das entrevistas.

O primeiro passo foi ler novamente a textualização da entrevista com a professora Suzana. Enquanto eu lia, fazia anotações sobre as partes da entrevista que mais me marcaram. Fiz o mesmo processo com as textualizações das entrevistas dos professores Valdo e Emerson. Na sequência, comecei a escrever o texto tentando lembrar detalhes sobre o dia em que realizei essas entrevistas. Em alguns momentos, enquanto escrevia, sentia necessidade de ver os arquivos das transcrições e/ou das textualizações para confirmar alguns pontos. Para finalizar a versão que seria apresentada na qualificação, fiz uma revisão: retirei algumas partes e acrescentei outras.

Para os demais textos que registram os primeiros movimentos de análise das entrevistas, o procedimento foi semelhante ao descrito no parágrafo anterior: li cada entrevista, fiz anotações e escrevi os textos – sempre que necessário voltando aos arquivos de transcrição e/ou textualização das entrevistas. Mas há uma diferença entre o primeiro texto e os demais: fiz um esforço para relacionar alguns assuntos com as entrevistas realizadas em dias anteriores. Fiz isso porque no movimento da realização das entrevistas, realmente, iam surgindo alguns questionamentos e, nas entrevistas seguintes, iam surgindo algumas respostas para as minhas dúvidas. Tentei registrar esses casos nos textos.

Para escolher os títulos desses textos pensei em pontos em comum às entrevistas realizadas a cada dia; mas eu também queria que os títulos tivessem alguma relação com aqueles dias ou comigo. É pertinente registrar que os títulos não são categorias de análise; escolhi palavras que marcaram as narrativas dos

colaboradores e/ou que me marcaram naqueles momentos. A escolha das epígrafes também se mostrou delicada: eu queria inserir epígrafes que traduzissem algo que eu queria dizer nos textos; ou epígrafes que apresentassem um texto em que eu me reconhecesse; ou ainda epígrafes que falassem sobre algo dito pelos colaboradores em suas entrevistas. Havia ainda outra exigência que impus a mim mesma nessa seleção de epígrafes: elas deveriam ser retiradas de textos que li durante o período do meu doutorado.

Antes de encerrar este texto, quero registrar uma tristeza minha: em quase todas as gravações das entrevistas é possível ouvir os pássaros cantando na UFPR Litoral. Esse registro me faz lembrar a paz que sinto quando estou no espaço da UFPR Litoral, e isso – aqueles sons, aquela paz – deixou o processo de transcrição menos penoso e mais lírico, mas trouxe também uma angústia: “O que fazer, nas textualizações, quanto ao canto dos pássaros?”... Não consegui uma resposta para isso. Então, registro, aqui, a limitação do papel, a limitação do texto escrito, e a minha limitação como autora destes textos: não consegui registrar o canto dos pássaros; não consegui registrar as lágrimas de um colaborador desta pesquisa; e não consegui registrar o que senti enquanto realizava essas entrevistas.



## UMA PAUSA NA ESCRITA

Cada vez que eu reler estas páginas, serei outra. E cada uma dessas outras será diferente da que escreveu. E mesmo a que escreveu não foi sempre a mesma, mas várias.

Erico Verissimo (2013b, p. 310)

Este é o último texto do relatório de pesquisa que foi escrito antes do meu exame de qualificação do doutorado<sup>520</sup>. Sei que ainda há muito a dizer sobre esta pesquisa e sobre a UFPR Litoral. No entanto, isso acontecerá após o exame de qualificação do doutorado. Neste momento, apenas apontarei algumas questões.

Se alguém me perguntasse hoje: “Silvana, o que é a UFPR Litoral?”; eu diria que a UFPR Litoral é um Setor da Universidade Federal do Paraná que tenta implementar e, ao mesmo tempo, manter uma proposta pedagógica diferenciada de Ensino Superior.

E se alguém me perguntasse hoje: “Silvana, o que você entende por *Fundamentos Teórico-Práticos*, por *Interações Culturais e Humanísticas* e por *Projetos de Aprendizagem?*”; eu responderia que eles são os espaços curriculares preconizados pelo Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. Diria também que os FTP se constituem como um espaço de discussão dos fundamentos teórico-práticos dos cursos do Setor Litoral; que as ICH se constituem como um espaço de interações entre discentes e docentes da UFPR Litoral em que se discutem temas de interesse de grupos de alunos do Setor Litoral; e que os PA se constituem como um espaço em que os estudantes da UFPR Litoral podem desenvolver projetos sobre temas que lhes interessam. E acrescentaria: todos esses espaços preconizam intervenções na comunidade local – intervenções que nem sempre se mostram possíveis durante o desenvolvimento das atividades que ocorrem nesses espaços. Também caberia dizer que eu entendo esses espaços curriculares desse modo, mas que estou ciente que acontecem outras coisas neles – e que não me cabe julgar se isso está correto ou não, se isso é adequado ou não.

Nas textualizações das entrevistas apresentadas neste relatório de pesquisa é possível identificar algumas atividades desenvolvidas por docentes e discentes na

---

<sup>520</sup> Este texto passou por pequenas alterações após esse exame.

UFPR Litoral. Há comentários sobre possíveis acertos e sobre possíveis erros, há comentários sobre a necessidade de se discutir e de se avaliar a proposta pedagógica do Setor Litoral, e todos esses comentários partiram de pessoas que constituem a UFPR Litoral. É possível perceber que todos os colaboradores desta pesquisa têm discursos articulados sobre a proposta pedagógica em questão e sobre o que vem acontecendo no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Cabe registrar ainda que meus colaboradores foram muito cuidadosos com esta pesquisa e comigo, no sentido de que se preocuparam em saber se eu havia entendido suas falas. Muitos deles se colocaram à disposição para conversarmos em outros momentos, caso fosse necessário. Além disso, a direção do Setor Litoral, desde os primeiros contatos, sempre se mostrou disposta a colaborar comigo.

Penso que esse cuidado também é visível nas textualizações que apresento nesta tese. Sei que a leitura dessas textualizações pode ter se tornado cansativa para algumas pessoas. Talvez algumas pessoas pensem que as textualizações deveriam aparecer como apêndices na tese, mas eu não concordo com isso. Acredito que as textualizações devem aparecer no corpo do texto da minha tese, porque elas são a parte principal desta pesquisa de doutorado. Acredito que as textualizações trazem muitas informações relevantes, e apresentar apenas recortes delas no corpo da tese empobreceria o texto, fragilizaria a composição desse cenário que pretendo registrar. Além disso, essas textualizações foram essenciais para movimentar um processo de compreensões que me leva a criar uma versão do que é o Setor Litoral, como ele funciona, o que nele é proposto, o que o torna diferente, quais as situações – muitas delas cotidianas – que levam à alteração de uma proposta pedagógica, entre tantas outras coisas...

Sei que ainda terei muito trabalho antes de concluir este relatório de pesquisa do doutorado. No entanto, antes de continuar a escrever esta tese, eu preciso de sugestões dos membros da banca do exame de qualificação. Que caminhos seguir? Como apresentar meus textos na tese? Como criar momentos para outras análises, além daquelas que já iniciei nos textos que intercalei às textualizações? Que temas abordar nessas análises?...

A partir das sugestões dos professores da banca e das minhas conversas com o professor Vicente, darei continuidade a este relatório de pesquisa. Neste momento, tenho apenas mais uma coisa a dizer: estou aprendendo muito com esta pesquisa sobre a proposta pedagógica da UFPR Litoral.

## PARTE 2

## RETOMANDO A ESCRITA

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.

Clarice Lispector (1998, p. 19)

Uma pausa pode ser perigosa. Se for uma pausa na escrita de uma tese, ela pode ser – ou se tornar – ainda mais perigosa. Dependendo da duração da pausa, a retomada da escrita da tese pode se tornar dolorosa. Foi isso que aconteceu neste caso. Depois que entreguei o material para o exame de qualificação, parei de escrever a tese. Eu precisava ouvir o que os professores diriam sobre o que eu havia escrito; e precisava decidir sobre o que ainda devia escrever.

Três meses de angústia e ansiedade. E, então, chegou o dia do exame de qualificação. Ficou definido que a tese terá duas partes: a primeira parte está pronta – é o material que apresentei para o exame de qualificação; a segunda parte está por começar – serão textos escritos depois do exame de qualificação. Sobre o que escrever? Os professores da banca sugeriram alguns temas, dos quais eu destaco: caracterização do litoral paranaense; uma história da criação do Setor Litoral da UFPR; apresentação do curso de Licenciatura em Ciências; modos como os professores se apropriam da proposta pedagógica do Setor Litoral; formação continuada dos docentes da UFPR Litoral; currículo; estranhamentos...

Mais três meses de angústia e ansiedade. Não sendo possível atender a todas as sugestões da banca, era preciso escolher os temas dos próximos textos. Eu não gostaria de escrever sobre alguns temas que considero *espinhosos*, mas esse não podia ser o critério de escolha. E ainda havia outra dúvida recorrente: “Como escrever os próximos textos?”... Eu gostaria que a forma dos próximos textos não destoasse da forma dos textos já escritos.

Nesse tempo tentei me afastar dos meus textos. A tentativa foi frustrada: apesar de não ter relido nenhum deles, as lembranças das entrevistas estavam presentes na maior parte do tempo. Quanto mais eu tentava me afastar, mais a pesquisa se fazia presente. Muitas vezes, enquanto eu tentava dormir, eu escrevia – mentalmente – o início de alguns textos. Mas, sentada em frente ao computador para dar continuidade à tese, eu não conseguia escrever uma só palavra. E assim passavam os dias.

Enquanto esse *bloqueio* não passava, procurei textos sobre o litoral paranaense e reli textos sobre a UFPR Litoral. Depois revisei novamente as textualizações para atualizar algumas notas de rodapé e para minimizar os erros de digitação; e, assim, obtive a quarta versão das textualizações – esses são os textos apresentados nesta versão da tese. Revisei também os outros textos.

Essas releituras me ajudaram a organizar o meu segundo Seminário Obrigatório do curso de doutorado em Educação Matemática<sup>521</sup>. O tema do seminário é livre, então escolhi falar sobre os espaços curriculares da UFPR Litoral. Preparei o seminário a partir das narrativas dos colaboradores desta pesquisa: apresentei recortes das falas de alguns colaboradores sobre os espaços curriculares, e citei exemplos de atividades desenvolvidas em cada espaço curricular da UFPR Litoral. Esse exercício contribuiu também para a organização de um dos textos que pretendo escrever e apresentar nesta tese.

Na semana em que o meu seminário aconteceu, no mês de abril, conversei com o professor Vicente e definimos alguns caminhos para os próximos textos da tese. Eu precisava retomar o exercício de escrita. Porém, antes de iniciar a segunda parte da tese, decidi revisar novamente os textos da primeira parte da tese. Ou seja, algo ainda me impedia de continuar...

Depois de muitos conflitos internos, chegou um momento em que não era mais possível conviver com a pausa. Eu não podia mais adiar a retomada da escrita da minha tese. Escrever dói, mas a pausa teve que terminar.

---

<sup>521</sup> Os alunos do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro devem apresentar dois seminários no decorrer do curso.

## O LITORAL PARANAENSE QUE EU VI

Estou aqui nesta geografia que, felizmente, ainda não existe nos grandes mapas; é só um balneário entrar no mapa, e adeus sossego. [...] Neste “não lugar” eu me refugio, quando preciso despressurizar um pouco. [...] Aqui tenho algo próximo do silêncio, a mercadoria mais rara do mundo moderno; se você quer silêncio, vai pagar muito por ele. Mas nessa toca ainda consigo uma réstia grátis de silêncio; à noite, ouço o mar, que é uma espécie alternativa de silêncio; e, durante o dia, os carros que passam adiante são um ruído que se ouve sem ouvir. Os perigosos bárbaros do som de porta-malas aberto têm sido raros nas redondezas com seus decibéis assassinos, o que indica que a civilização, pouco a pouco, avança. É verdade que nos fins de semana explodem com entusiasmo as waps e os cortadores de grama; e, ao entardecer, um piromaníaco sempre decide botar fogo em algum lixo que vai empestar de fumaça o ar em torno por várias horas – podemos fugir de tudo, menos do ar. Às vezes alguém estoura uma bomba só pelo prazer do susto. Mas o saldo ainda é razoável: leio um livro, olho o céu, enfrento o fogão, curto o netinho, penso na vida.

Cristovão Tezza (2014)

Logo que comecei a escrever o meu projeto de pesquisa do doutorado, surgiu a preocupação sobre a necessidade de apresentar uma descrição – ou uma caracterização – do litoral paranaense em minha tese. Isso me incomodava – e, devo dizer, ainda incomoda. Como descrever algo que não conheço? Como falar sobre uma região que sempre estive tão distante de mim?... Essas perguntas me causavam desconforto. Eu pensava que as pessoas poderiam argumentar que eu visitei a UFPR Litoral, estudei sua proposta pedagógica e que, portanto, eu deveria ter algo a dizer sobre o litoral paranaense. Sim, isso é verdade. Durante a pesquisa do doutorado eu passei alguns dias em Matinhos, mas me parece que esse contato não me dá elementos suficientes para escrever sobre o litoral do Paraná. A região do litoral paranaense é composta por sete municípios, e eu conheci apenas dois deles. O que eu poderia dizer sobre os outros cinco municípios? Ou ainda: o que

dizer sobre os dois municípios que visitei, se fiquei a maior parte do tempo envolvida com as atividades da UFPR Litoral e com as entrevistas?

A minha primeira estratégia foi *fugir* da escrita desse texto. Pensei: “*Talvez as pessoas não sintam falta dessa apresentação.*”... Então, decidi esperar o exame de qualificação. Mas pelo menos duas professoras da banca sentiram falta de uma apresentação do litoral paranaense. Sendo assim, eu percebi que não poderia *fugir* desse *problema*; eu teria que falar sobre o assunto na tese. A minha segunda estratégia foi procurar textos sobre o litoral do Paraná; talvez algum deles me inspirasse a escrever...

Enquanto pensava sobre isso, as minhas *certezas* quanto ao texto eram: eu não queria escrever uma descrição técnica<sup>522</sup> do litoral paranaense; e eu não queria inserir mapas no meu texto – mapas, geralmente, não me dizem muitas coisas; e eu não gosto de mapas. Mas, passado certo tempo, comecei a me questionar sobre os mapas... Talvez eu devesse abrir mão da minha implicância em relação a eles. Talvez eu devesse pensar nos possíveis leitores da tese; talvez alguns gostem de mapas e sintam falta deles. Pensei, então, na possibilidade de inserir um mapa do Paraná, destacando os municípios do litoral. Comecei a procurar mapas do Estado do Paraná. Há tantas opções de mapas na *Internet!* Mas nenhuma delas me agradou. Então, não haverá mapas em meu texto<sup>523</sup>. Os leitores que me perdoem!

---

<sup>522</sup> Ou seja, eu não queria – e nem teria condições de – escrever algo semelhante a: “O litoral do Paraná com seus terrenos recortados, abrange uma faixa na costa leste do território estadual de aproximadamente 98 Km, mas se considerarmos as baías e reentrâncias da costa, esta faixa supera os 150 Km. O ambiente é marcado por paisagens naturais específicas, que resultam da interação entre as condições climáticas, a dinâmica do mar e a forma do seu relevo. Por isso, a presença de serras, o movimento das marés e das ondas, a força dos ventos e a circulação das águas das chuvas, entre outros fenômenos naturais, funcionam como elementos que orientam as diferentes formas de ocupação, uso do solo, movimento de migração populacional entre ilhas, entre ilhas e o continente, atividades econômicas e as relações entre a diversidade sociocultural existente e o ambiente natural. Economicamente, destaca-se a presença do Porto de Paranaguá, as atividades turísticas no litoral continental e nas ilhas, a pesca tradicional, artesanal e industrial, a produção de artesanatos, entre outras atividades. No que diz respeito à diversidade populacional, ela é marcada pela presença de caiçaras, pescadores artesanais, populações de manguezais, quilombolas, entre outros, compondo em diferentes lugares os modos de vida tradicionais, com estratégias de sobrevivência diferenciadas por causa dos limites ambientais que enfrentam.” (PARANÁ, 2009, p. 5). Aos interessados por outras descrições sobre o litoral paranaense, recomendo a leitura de Bigarella (2001) e Estades (2003) – as referências completas estão em “Bibliografia consultada”.

<sup>523</sup> Porém eu decidi inserir, em nota de rodapé, *links* para mapas do Estado do Paraná. Pensei que assim eu atenderia, de certo modo, aos pedidos que as professoras fizeram. Seguem os dois *links* escolhidos: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/regioes\\_geograficas\\_base\\_2010.jpg](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/regioes_geograficas_base_2010.jpg); e [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/divisao\\_politica\\_2010.jpg](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/divisao_politica_2010.jpg). Depois que escolhi esses mapas, encontrei um *mapa interativo* do Estado do Paraná e gostei dele. Esse mapa interativo eu colocaria na minha tese! Mas, nesse caso, o papel acaba com a interatividade... Então, a tese continuará sem mapa. Segue o *link* que leva ao mapa interativo do Estado do Paraná: <http://www.geo.pr.gov.br/ms4/atlasseed/geo.html>.

\*\*\*\*\*

Eu morava no interior do Paraná, em Quedas do Iguaçu. Não sei dizer quando foi a primeira vez que saí daquele município. As condições financeiras da família não permitiam viagens. Nas férias escolares a única mudança na rotina era não ir à escola. Essa não era apenas a minha realidade, era também a dos meus primos, dos meus vizinhos e dos meus colegas. Quando voltávamos à escola, as professoras sempre pediam a *tradicional* redação sobre as férias; e nós não tínhamos muito a contar.

*Praia* parecia ser algo muito, muito, muito distante. E, de fato, era. Entre Quedas do Iguaçu e Matinhos há, aproximadamente, quinhentos e cinquenta quilômetros. E a questão financeira aumentava essa distância... Talvez por isso a *praia* nunca tenha despertado a minha curiosidade. Acho que eu estava no Ensino Médio quando comecei a ouvir as pessoas falando que iriam à praia nas férias. Lembro que diziam que preferiam as praias catarinenses, e que o litoral paranaense era feio. Às vezes, no verão, eu via reportagens sobre o litoral. Falavam de Caiobá como se fosse uma cidade; e eu pensava que era... Tempos depois eu aprendi que Caiobá é apenas um balneário do município de Matinhos. Não lembro quando e onde aprendi isso, mas sei que não foi na escola. Eu não lembro de ter estudado algo sobre o litoral do Paraná na escola. Aliás, não lembro de ter estudado algo sobre a geografia ou a história do Paraná na infância e na adolescência. Se esses conteúdos foram trabalhados em sala de aula, eles não chamaram minha atenção.

Eu conheci o mar em dois mil e dez, quando fui a Matinhos pela primeira vez. Havia poucas pessoas na praia. Eu gostei do barulho do mar. E gostei de caminhar na areia enquanto admirava o mar. Mas acho que eu não teria paciência de ficar muito tempo em uma praia durante a temporada; a imagem de muitas pessoas nesse local não me agrada. Enfim... O que eu gostei mesmo foi do *quase* silêncio que encontrei em Matinhos... Lembro que considerei as ruas limpas, e a cidade bem cuidada. No entanto, devo dizer que não sou boa observadora. Não guardei muitas imagens da cidade... Ah! Mais uma coisa: o litoral paranaense não me parece feio! Eu ainda não conhecia outras praias, é verdade... Mas vi beleza na praia paranaense que conheci.

Voltei a Matinhos em dois mil e treze. Voltei para visitar a UFPR Litoral, para conversar com as pessoas que a constituíam naquele momento. Fiquei hospedada



em uma pousada próxima à Universidade – isso facilitaria o meu deslocamento. Como não era período de temporada, por alguns dias eu fui a única hóspede. No percurso entre a pousada e a Universidade, encontrava poucas pessoas. Isso mudava apenas nos horários em que o RU<sup>524</sup> estava em funcionamento. Nesses horários havia vários estudantes, funcionários e professores da UFPR Litoral pelas ruas – a pousada fica em frente ao RU. Eu almoçava e jantava no RU, e nesses momentos aproveitava para conversar com estudantes e professores. Um detalhe: não conheci RU melhor que o RU da UFPR Litoral.

No caminho entre a pousada e a Universidade há um mercado. Fui lá algumas vezes. Havia poucas opções de produtos e os preços eram altos – se comparados com os preços que eu estava acostumada a ver em Rio Claro, em Curitiba e em cidades do interior do Paraná<sup>525</sup>. Nas conversas informais com estudantes e professores da UFPR Litoral – principalmente durante as refeições no RU – eu encontrei explicações para os preços dos produtos. Os comerciantes aumentam os preços dos produtos na temporada, para que seus lucros sejam maiores. Mas não estávamos no período da temporada! Como explicar aqueles preços? Simples: os preços aumentam no verão, e permanecem altos o ano todo. A cada temporada, novos aumentos de preços... E os moradores do litoral são obrigados a pagar esses preços altos o ano todo.

Outro problema que senti foi o atraso nos horários dos ônibus que fazem a linha Matinhos-Curitiba<sup>526</sup>. Precisei usar o serviço duas vezes, e nas duas vezes houve atraso. Enquanto esperava pelo ônibus na rodoviária de Matinhos, conversei com alguns moradores do município; eles relataram que os atrasos são frequentes. Mas o atraso não é o único problema desse serviço. Segundo os moradores, os veículos são antigos e frequentemente quebram no caminho, aumentando o tempo de viagem entre os dois municípios. Mais uma vez, ouvi a palavra *temporada*: “Fora da temporada há menos ônibus entre o litoral e Curitiba.”... Mas quem dera esse fosse o único problema dos moradores do litoral paranaense! Fiquei sabendo que *fora da temporada* há menos médicos para atender os moradores da região.

---

<sup>524</sup> Restaurante Universitário.

<sup>525</sup> Os preços de alguns produtos chegavam a ultrapassar o dobro dos valores que eu estava acostumada a pagar em outras cidades.

<sup>526</sup> A distância entre Curitiba e Matinhos é de, aproximadamente, cento e quinze quilômetros. A duração da viagem de ônibus é de, aproximadamente, duas horas e trinta minutos.

Nesses dias em que estive em Matinhos, acompanhei algumas atividades de *Interações Culturais e Humanísticas* desenvolvidas pelos estudantes e professores da UFPR Litoral. Enquanto eu participava de um encontro de uma oficina sobre entalhe, conheci algumas pessoas que participavam de outra atividade sobre artesanato; e fui convidada a acompanhar um encontro dessa atividade no município de Morretes<sup>527</sup>. Os estudantes da UFPR Litoral e a professora responsável pela oficina sobre artesanato se deslocavam semanalmente até Morretes para desenvolver o trabalho, mas naquele dia a turma estava em Matinhos para um encontro especial. Aquela turma era formada por estudantes da Universidade e por moradores do município de Morretes. A ideia desse encontro em Matinhos era trazer as pessoas da comunidade para conhecer a estrutura física da UFPR Litoral. Mas havia também outro motivo: algumas dessas pessoas ainda não conheciam o mar. Então, a professora organizou esse encontro em Matinhos para que alguns moradores de Morretes pudessem conhecer a UFPR Litoral e também o mar. Nesse dia eu aprendi que as distâncias medidas em quilômetros podem não nos dizer muita coisa... Pessoas que nasceram e viveram décadas no litoral paranaense ainda não conheciam o mar... Provavelmente, a distância entre elas e o mar não era medida apenas por quilômetros.

Na semana seguinte fui a Morretes acompanhar o encontro da atividade sobre artesanato. A UFPR Litoral disponibilizava um ônibus para que os estudantes e a professora se deslocassem até Morretes. Saímos de Matinhos por volta das treze horas. Quando chegamos ao Casarão Malucelli<sup>528</sup>, na comunidade Sítio Grande, as pessoas da comunidade já nos esperavam – e enquanto esperavam, faziam seus trabalhos de artesanato. Foi uma tarde agradável, daquelas em que o tempo parece passar mais rápido. As pessoas compartilhavam técnicas de artesanato e vivências... Houve uma breve pausa para um lanche preparado pelas senhoras que participavam da atividade, e logo depois as pessoas estavam se dedicando novamente aos seus trabalhos – algumas pessoas faziam crochê, outras trabalhavam com mosaicos. Enquanto eles trabalhavam, fiz outro intervalo: aproveitei para conhecer o Rio Nhundiaquara, que corta a fazenda em que

---

<sup>527</sup> A distância entre Morretes e Matinhos é de, aproximadamente, sessenta quilômetros. E a distância entre Morretes e Curitiba é de, aproximadamente, setenta quilômetros.

<sup>528</sup> Esse casarão foi cedido, pela família Malucelli, para o desenvolvimento dessa atividade de ICH, pois seus proprietários almejavam que esse espaço fosse utilizado pela comunidade do município de Morretes em projetos sociais.

estávamos. Um lindo rio!... Por volta das dezoito horas voltamos a Matinhos. Antes, passamos rapidamente pelo centro da cidade de Morretes. Uma cidade bonita, e aparentemente bem cuidada. Infelizmente, tudo foi muito rápido...

Em dois mil e quatorze voltei a Matinhos para realizar entrevistas com alguns professores da UFPR Litoral. Mais uma vez fiquei hospedada na pousada próxima à Universidade – no balneário de Caiobá. Durante os dias em que fiquei na cidade, fui ao mesmo mercado e, novamente, vi preços mais altos do que aqueles que eu estava acostumada a ver em outras cidades. A novidade, em relação ao mercado, é que havia mais opções de produtos em suas prateleiras. Nessa visita, mais uma vez, fiquei a maior parte do tempo nos entornos da UFPR Litoral. Tive a impressão que esse espaço não mudou muito em um ano.

No caminho entre a pousada e a rodoviária, conversei com o taxista sobre a cidade e a Universidade. Ele disse que mora em Matinhos há alguns anos, e viu muitas mudanças acontecerem na cidade depois que a UFPR Litoral se instalou em Matinhos. Segundo aquele senhor, as pessoas começaram a *abrir seus horizontes em relação a outras culturas...* Ele disse que a Universidade, através de suas ações, está contribuindo muito – e em vários aspectos – com a comunidade local. Infelizmente, esqueci de anotar o nome daquele senhor. Mas também não anotei os nomes de estudantes da UFPR Litoral que me contaram tantas coisas; e não anotei os nomes das pessoas com quem conversei nos ônibus, na rodoviária, na pousada... Deixei de anotar os nomes, mas registro a simpatia dessas pessoas que falaram comigo durante aqueles momentos. Essas pessoas me permitem dizer que os moradores do litoral paranaense são receptivos, simpáticos, acolhedores...

Infelizmente, não visitei cinco cidades do litoral paranaense: Antonina<sup>529</sup>, Guaraqueçaba<sup>530</sup>, Guaratuba<sup>531</sup>, Paranaguá<sup>532</sup> e Pontal do Paraná<sup>533</sup>. Então, nada posso dizer sobre essas cidades... Por enquanto, essas cidades ainda estão

<sup>529</sup> A distância entre Antonina e Matinhos é de, aproximadamente, noventa e cinco quilômetros. E a distância entre Antonina e Curitiba é de, aproximadamente, noventa e cinco quilômetros.

<sup>530</sup> A distância entre Guaraqueçaba e Matinhos é de, aproximadamente, cento e sessenta quilômetros. E a distância entre Guaraqueçaba e Curitiba é de, aproximadamente, cento e sessenta quilômetros.

<sup>531</sup> A distância entre Guaratuba e Matinhos é de, aproximadamente, dez quilômetros (mas há uma travessia de balsa que aumenta o tempo de viagem). E a distância entre Guaratuba e Curitiba é de, aproximadamente, cento e trinta quilômetros.

<sup>532</sup> A distância entre Paranaguá e Matinhos é de, aproximadamente, quarenta e cinco quilômetros. E a distância entre Paranaguá e Curitiba é de, aproximadamente, noventa quilômetros.

<sup>533</sup> A distância entre Pontal do Paraná e Matinhos é de, aproximadamente, dezessete quilômetros. E a distância entre Pontal do Paraná e Curitiba é de, aproximadamente, cem quilômetros. Não conheci a cidade de Pontal do Paraná, mas passei por ela no caminho entre Matinhos e Curitiba.

distantes de mim. Espero que essas distâncias se tornem menores com o passar do tempo...

\*\*\*\*\*

As entrevistas que realizei, em dois mil e quatorze, contêm alguns elementos que me permitem falar sobre o litoral paranaense. Em meus roteiros de entrevista havia apenas uma questão específica sobre o litoral paranaense – eu queria saber se a UFPR Litoral havia disparado mudanças na região. Mas a maioria dos colaboradores falou apenas sobre o município de Matinhos, pois grande parte de suas ações se concentram nessa cidade.

Alguns colaboradores contaram que Matinhos *creceu* depois que a UFPR Litoral se instalou no município. A população aumentou; e esse aumento populacional se deve à chegada de estudantes, docentes e técnicos da UFPR Litoral. Com isso, a cidade ganhou outro movimento – principalmente nos entornos da Universidade, no balneário de Caiobá. Esse movimento é tanto de pedestres como de veículos leves. E há mais movimento em todas as estações do ano.

Como consequência da vinda da UFPR Litoral e do novo movimento da cidade, houve uma *explosão imobiliária*: os preços de imóveis duplicaram, triplicaram e não param de aumentar... Houve também um aumento no número de estabelecimentos comerciais; e uma mudança no horário de funcionamento do comércio – atualmente muitos estabelecimentos encerram seus expedientes à meia noite; antes eles fechavam às dezoito horas.

Mas alguns colaboradores falaram que, apesar dessas mudanças, os serviços não melhoraram. Há reclamações, por exemplo, sobre os mercados: há pouca variedade de produtos; e os mercados parecem sujos e pouco organizados. Uma ressalva: essas coisas melhoram na época da temporada, quando há mais turistas na cidade. Ou seja, repetem-se as histórias que ouvi de alguns moradores do litoral paranaense: *fora de temporada quase tudo piora no litoral...*

Alguns colaboradores comentaram que as pessoas estão ficando mais exigentes com os serviços públicos, e mais críticas de modo geral. Provavelmente, a presença da Universidade tem contribuído para isso. Mas alguns políticos da região não estão gostando dessa mudança: o atual prefeito de Matinhos, por exemplo, tem reclamado que não está conseguindo mão-de-obra para trabalhar em sua rede de

mercados, pois as pessoas estão preferindo as bolsas de permanência oferecidas pela UFPR Litoral.

Mas, provavelmente, não são apenas os políticos de Matinhos que estão descontentes com a postura crítica dos seus eleitores... Alguns professores de Paranaguá participaram de um curso de especialização na UFPR Litoral e, depois disso, formaram um grupo de *valorização do magistério*. Esse grupo tem acompanhado de perto as contas públicas do município, e isso já causou alguns *desconfortos* para prefeito e vereadores.

Falando em professores... Com a implantação da UFPR Litoral aumentaram as possibilidades de formação de professores no litoral paranaense, tanto no que diz respeito à formação inicial, quanto à formação continuada. E o mais importante: são vagas para cursos gratuitos – inclusive de especialização – e têm contribuído para amenizar o problema de carência de professores no litoral paranaense.

Outro assunto ligado, de certo modo, à educação são as questões ambientais de preservação das dunas e das áreas de restinga no litoral paranaense. Atualmente muitos estudantes da UFPR Litoral têm atuado como *fiscais* na região; e fazem denúncias quando percebem ações que têm como intenção destruir esses espaços. Isso tem deixado alguns comerciantes descontentes.

Alguns colaboradores também destacaram que os índices de Ideb e IDH dos municípios do litoral melhoraram nos últimos anos – embora esses índices ainda sejam baixos e, em alguns casos, ainda estejam abaixo da média dos índices estaduais. Acredita-se que a presença da UFPR Litoral tenha contribuído, de algum modo, para essa melhora.

Outros aspectos destacados em algumas entrevistas foram a falta de saneamento em Antonina; e a falta de uma ação que dê apoio a políticas públicas em Paranaguá – os estudantes da UFPR Litoral observaram, em uma visita à Paranaguá, que há um ônibus de turismo na cidade, mas que ele é pouco utilizado. Provavelmente, esses problemas atingem também outros municípios da região.

Com esses relatos percebe-se que a UFPR Litoral tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento do litoral paranaense. De acordo com os colaboradores da pesquisa, algumas dessas mudanças já são visíveis, e outras começam a despontar para as comunidades litorâneas paranaenses.

## UFPR LITORAL: PALAVRAS E SILÊNCIOS

A criação da Universidade do Paraná, como afirmou Victor do Amaral em seu discurso à Assembléia Geral de 19 de dezembro de 1913, foi uma obra de audácia. E tinha ele razão: não era nada fácil – sem recursos financeiros mínimos, numa cidade ainda provinciana e com recursos intelectuais ainda restritos – pôr em pé uma Universidade. No entanto, os fundadores ousaram. Assim, ao completarmos 90 anos, cumpre apreciar o quanto aquele gesto ousado, fruto de um impulso utópico, significou para o desenvolvimento do Paraná. A UFPR é, sem dúvida, a maior criação da cultura paranaense.

Por outro lado, seus 90 anos constituem uma exemplar história de perseverança e resistência a indicar que o pessimismo e a desesperança não devem jamais prevalecer. Os sonhos, as lutas e os esforços das gerações que nos precederam devem nos desafiar a continuamente reinventar, com audácia, a utopia de 1912.

Carlos Alberto Faraco (2002, p. 25-26)

Era uma vez um grupo de pessoas que sonhava com uma universidade diferente... Assim poderia começar uma história sobre a UFPR Litoral. Mas antes de contar uma história sobre ela, eu quero falar sobre *silêncio*. Quero registrar aqui o meu estranhamento quanto ao silêncio de alguns professores da Universidade Federal do Paraná em relação a uma proposta diferenciada de Ensino Superior desenvolvida em um dos setores da UFPR.

Em dois mil e sete eu ingressei no curso de Especialização para Professores de Matemática na UFPR. Em dois mil e dez eu iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, também na UFPR. E não lembro de ter ouvido qualquer menção sobre o Setor Litoral nas aulas desses cursos. Provavelmente, a primeira vez em que ouvi relatos sobre a UFPR Litoral foi em uma disciplina que cursei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR<sup>534</sup>. Mas não se enganem, caros leitores! Nesse programa de pós-graduação,

---

<sup>534</sup> Trata-se da disciplina *Políticas Educacionais no Brasil*, oferecida pela professora Tais Moura Tavares no segundo semestre de dois mil e dez.

na maior parte do tempo, também se fazia silêncio quanto à UFPR Litoral<sup>535</sup> – não sei se esse silêncio ainda permanece<sup>536</sup>. Também não sei citar as causas desse silêncio – provavelmente elas são diversas. Mas, com o tempo, fui percebendo que esse silêncio me incomoda! Esse silêncio é o silêncio de professores que trabalham em cursos de formação de professores; professores que estudam temas relacionados à Educação; professores que sabem da existência de uma proposta diferenciada de Ensino Superior – na instituição em que trabalham... Por que esses professores da UFPR não falam sobre o Setor Litoral? Por que esses professores da UFPR não falam sobre a proposta pedagógica diferenciada que vem sendo desenvolvida na UFPR Litoral?... Em alguns casos, no entanto, penso que é melhor que se faça silêncio; é melhor que os docentes não falem sobre o que não conhecem...

No meu percurso, não encontrei pessoas que se declaram contrárias à proposta da UFPR Litoral. Eu não tive a oportunidade de conversar com essas pessoas para tentar compreender seus descontentamentos e/ou estranhamentos, mas encontrei evidências de que essa proposta *incomoda*, inclusive, alguns docentes da Instituição<sup>537</sup>. Talvez a raiz desse incômodo seja mais política do que pedagógica. Na tentativa de compreender alguns silêncios e algumas tensões, li documentos sobre a implantação da UFPR Litoral, li teses e dissertações sobre o Setor Litoral, e ouvi atentamente as narrativas dos colaboradores desta pesquisa.

Entre palavras e silêncios constituem-se histórias... Alguns elementos aparecem em uma versão; e desaparecem em outra – inclusive nas versões contadas pela mesma pessoa. E, às vezes, detalhes interessantes ficam escondidos nas entrelinhas.

---

<sup>535</sup> O professor Maurício Cesar Vitoria Fagundes, em entrevista para esta pesquisa, também demonstrou certo incômodo sobre esse assunto: “Tem algumas pessoas que vêm de São Paulo para conhecer o nosso Setor, para saber como funciona a proposta... Tem o pessoal do Rio Grande do Sul que veio conhecer... Já vieram algumas pessoas do Mato Grosso... E aí eu pergunto: quantos alunos do PPGE da UFPR vieram aqui até agora? Quantos professores do PPGE vieram aqui conhecer a nossa proposta? A professora Tais veio – faça-se justiça!... A Tais foi a primeira professora do PPGE que veio conhecer o Setor... Ela conhece a nossa proposta... Mas muitos professores da UFPR ainda não conhecem a nossa proposta.”

<sup>536</sup> Cabe dizer que acredito que isso mudou no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da UFPR, pois o professor Marcos Aurelio Zanlorenzi – professor da UFPR Litoral – passou a fazer parte do seu quadro docente.

<sup>537</sup> O professor Emerson Jucoski, em sua tese, fala sobre a oposição de alguns professores em relação à proposta da UFPR Litoral: “a maioria dos docentes do setor de Educação da UFPR, que deveriam apoiar uma proposta tão inovadora, foram, e ainda são, fortemente contrários a proposta da UFPR Litoral” (JOUCOSKI, 2015, p. 58). Talvez essa oposição seja uma das causas do silêncio de alguns professores.

\*\*\*\*\*

Era uma vez um grupo de pessoas que sonhava com uma universidade diferente... Contar a história desse modo não me parece uma boa ideia. Talvez essa forma deixe transparecer uma visão romântica; talvez essa forma evidencie uma dicotomia *bom e mau*... Eu não gostaria de escrever um texto com essas características. Além disso, falar sobre tal grupo de pessoas poderia passar a ideia de que sei quem elas são. Mas não sei quem elas são<sup>538</sup>. Apesar de ter ouvido e lido sobre a história do Setor Litoral da UFPR, considero que ainda sei pouco sobre ela.

Geralmente, quando contamos a história de uma pessoa ou de uma instituição, buscamos respeitar certa linearidade temporal. Muitas vezes nossa narrativa começa com o nascimento da pessoa ou com a fundação da instituição. No entanto, no caso da UFPR Litoral eu acredito que é preciso ter certos cuidados, pois a UFPR Litoral é um setor da UFPR, ou seja, é *uma* de suas *partes*. Esse setor tem uma proposta pedagógica diferenciada, e isso não acontece por acaso. O Setor Litoral foi *planejado* para ser *diferente*. Então, para compreender algumas coisas, considero importante olhar para acontecimentos que antecedem o período da implantação e do funcionamento da UFPR Litoral.

Quando entrevistei o professor Valdo<sup>539</sup>, ele comentou que, em dois mil e um, foi convidado para compor uma das chapas que concorreria às eleições para a Reitoria da UFPR. Ele aceitou o convite e passou a integrar a chapa que tinha o professor Carlos Moreira Júnior<sup>540</sup> como candidato a reitor. Valdo contou que foi firmado um acordo: se ganhassem a eleição, ele assumiria a Pró-Reitoria de Graduação e elaboraria um projeto educacional que seria implantado com o apoio do reitor. A chapa em questão ganhou, e o professor Valdo começou a trabalhar na elaboração do projeto que viria a ser a UFPR Litoral. Em princípio, esse projeto estava sendo desenhado para ser implantado no Vale do Ribeira paranaense; mas, por questões políticas, o projeto foi implantado no município de Matinhos, no litoral paranaense. Essa é uma das formas de dizer como foi *concebida* e *nasceu* a UFPR

---

<sup>538</sup> E quero registrar que isso não me incomoda, pois como diz Wachowicz (2006, p. 23): “Toda obra coletiva é mais importante do que os indivíduos que a concretizaram.”

<sup>539</sup> A textualização da entrevista do professor Valdo José Cavallet está disponível nesta tese.

<sup>540</sup> Carlos Augusto Moreira Júnior. Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi reitor da UFPR no período de 29/04/2002 a 03/04/2008 (SIQUEIRA, 2012, p. 269).



Litoral – criada, em dois mil e quatro, como *Câmpus* do Litoral; e institucionalizada, em dois mil e sete, como Setor Litoral da UFPR.

Não sei dizer desde quando – ou ainda se – o professor Valdo pensava em elaborar um projeto educacional para o Ensino Superior. Mas me parece pertinente notar que foram as circunstâncias políticas que permitiram que ele elaborasse e implantasse tal projeto com o apoio de um reitor da Universidade Federal do Paraná. Se o professor Valdo não tivesse aceitado aquele convite, naqueles termos, é possível que o Setor Litoral da UFPR não funcionasse como vem funcionando. Talvez a UFPR Litoral sequer existisse...

Penso que também é relevante observar o período em que essas eleições aconteceram: aproximadamente dez anos antes do centenário da UFPR<sup>541</sup>. É

---

<sup>541</sup> Há quem considere a Universidade Federal do Paraná a universidade mais antiga do Brasil, mas não há consenso sobre o assunto. Para entender essa questão é preciso recorrer à história da UFPR e à história do Ensino Superior brasileiro. Farei aqui um breve resumo acerca dessa questão. Em abril de mil novecentos e onze, o Decreto nº. 8659, conhecido como Lei Rivadávia, liberou e desoficializou o Ensino Superior no Brasil (ou seja: esse decreto permitiu que fossem criadas faculdades no Brasil sem a necessidade da autorização do governo brasileiro). Em dezenove de dezembro de mil novecentos e doze foi criada, em Curitiba, a Universidade do Paraná – uma universidade privada. Em março de mil novecentos e quinze, o Decreto nº. 11530, conhecido como Lei Maximiliano, determinou o retorno do processo de equiparação das instituições, a fim de que os diplomas e títulos das instituições *livres* pudessem concorrer com os diplomas e títulos das instituições oficiais. Esse decreto determinava que a cidade sede dos cursos superiores deveria ter, no mínimo, cem mil habitantes; e que a instituição poderia requerer equiparação somente após cinco anos de funcionamento. Essa lei trouxe dificuldades à Universidade do Paraná, pois Curitiba tinha, à época, aproximadamente, sessenta e seis mil habitantes; e seus cursos estavam funcionando há apenas dois anos. Deputados federais interferiram na questão e conseguiram abolir a restrição quanto ao número de habitantes da cidade sede, o que garantiu que os cursos da Instituição continuassem funcionando. Mas as dificuldades financeiras começaram a surgir na Universidade do Paraná: as mensalidades já não cobriam as despesas. Os alunos, duvidando que seus diplomas seriam reconhecidos, começaram a abandonar a Universidade. Ao mesmo tempo, alguns professores pediam demissão porque não tinham esperanças de melhores condições na Universidade. No entanto, a crise não atingiu apenas os paranaenses: a Universidade de Manaus e a Universidade de São Paulo fecharam suas portas. Com isso, muitos estudantes começaram a pedir transferências para a Universidade do Paraná. Apesar disso, em mil novecentos e dezoito a situação tornou-se insustentável, e a Universidade viu-se obrigada a dividir-se em três faculdades: Faculdade de Direito, Faculdade de Engenharia e Faculdade de Medicina. Essa divisão foi uma estratégia para garantir que os cursos superiores continuassem funcionando e que, posteriormente, pudessem solicitar suas equiparações isoladamente. Apesar da divisão, as faculdades funcionaram sob uma direção administrativa única. Em mil novecentos e vinte, as faculdades de Direito e de Engenharia foram equiparadas; e a Faculdade de Medicina conseguiu a equiparação em mil novecentos e vinte e dois. Mas a luta pela Universidade não terminou nessa fase. As questões políticas continuavam impedindo a restauração da Universidade. Somente depois da crise do Estado Novo a situação começou a melhorar para os paranaenses. Finalmente, em junho de mil novecentos e quarenta e seis, a Universidade do Paraná foi restaurada – pelo Decreto Federal nº. 9323. Com a restauração, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – criada em mil novecentos e trinta e oito – foi incorporada à Universidade do Paraná. A fim de marcar simbolicamente a continuidade da mesma Universidade, Victor Ferreira do Amaral (médico, político e professor brasileiro) ocupou, também simbolicamente, o cargo de reitor. A partir daí, intensificou-se a luta pela federalização – os estudantes desejavam ensino gratuito, e os professores almejavam melhores salários. Em dezembro de mil novecentos e cinquenta, a Lei nº. 1254 federalizou a Universidade, que passou a ser chamada de *Universidade Federal do Paraná*. No

possível que, quando o acordo foi proposto, o então candidato a reitor, Carlos Moreira Júnior, estivesse pensando nos possíveis impactos que um projeto educacional diferenciado poderia causar à Universidade. Era provável que o professor Valdo elaborasse um projeto ousado<sup>542</sup>. Então, essa parceria entre eles poderia ser uma boa oportunidade para que o nome do reitor fosse lembrado de modo especial na história da UFPR<sup>543</sup>.

Considerando esse contexto, chamou-me a atenção a ausência de indicativos sobre tal projeto no *Plano de Desenvolvimento Institucional 2002-2006* da UFPR. Se há algum registro sobre as intenções de se elaborar e implantar um projeto educacional diferenciado de Ensino Superior, eu não consegui identificá-lo em minha leitura<sup>544</sup>. Penso que a omissão de tais intenções pode ter se dado porque ainda não se sabia onde e/ou quando o projeto seria implantado. Afinal, isso não dependeria apenas da boa vontade do reitor e de sua equipe. A implantação de um projeto vinculado a uma instituição pública depende de muitas outras variáveis.

Aparentemente, as circunstâncias políticas externas à Universidade facilitaram a concretização do projeto. Em dois mil e dois, Lula<sup>545</sup> foi eleito presidente do Brasil, e Requião<sup>546</sup> foi eleito governador do Paraná; ambos com interesse em ampliar o acesso ao ensino superior<sup>547</sup>. Além disso, a boa relação do professor Valdo

entanto, devido à separação das faculdades, algumas pessoas não entendem que houve a continuidade da mesma instituição. Daí vem o questionamento sobre a UFPR ser a universidade mais antiga do Brasil. Mais detalhes sobre a história da UFPR estão disponíveis em: Wachowicz (2006); Burmester (2002); Baranow e Siqueira (2007); Leite e Oliveira (2012); e Siqueira (2012, 2013).

<sup>542</sup> O professor Valdo José Cavallet, em sua entrevista para esta pesquisa, comentou: “eu assumi a Pró-Reitoria de Graduação, já com o acordo de desenhar um projeto educacional via perspectiva de montar alguma coisa que fosse diferente da universidade que eu não acreditava.”

<sup>543</sup> De acordo com Joucoski (2015, p. 61), “O diretor-fundador [Valdo José Cavallet] relatou que o reitor [Carlos Moreira Júnior], com longa tradição familiar na universidade – o seu bisavô foi um dos fundadores da universidade – desejava deixar a sua marca no centenário da universidade em dezembro de 2012 e acreditou na proposta diferenciada e inovadora da UFPR Litoral”.

<sup>544</sup> No entanto, no item *Planejamento e Gestão* do Plano de Desenvolvimento Institucional há o registro de que havia a intenção de se repensar a estrutura da UFPR: “Quanto a reconfiguração estrutural da UFPR, deverá ser designado um grupo de estudos para analisar o assunto. Sabe-se, no entanto, que a nova estrutura deve permitir a gestão democrática, participativa, transparente, incentivadora da iniciativa e criatividade, associando o ensino, a pesquisa e a extensão e abrindo as portas à comunidade.” (UFPR, [2002?], p. 47). Esse trecho me faz lembrar a gestão do Setor Litoral da UFPR.

<sup>545</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil no período de 01/01/2003 a 31/12/2010.

<sup>546</sup> Roberto Requião de Mello e Silva foi governador do Estado do Paraná nos seguintes períodos: 15/03/1991 a 02/04/1994 e 01/01/2003 a 01/04/2010.

<sup>547</sup> As eleições de Lula e Requião facilitaram a implantação da UFPR Litoral, pois eles “ambicionavam marcar suas gestões pela ampliação do acesso à educação superior, principalmente em áreas mais distantes dos grandes centros e/ou desfavorecidas economicamente” (FAGUNDES, 2009, p. 133).

com as esferas governamentais, provavelmente, facilitou a resolução de alguns problemas nos primeiros anos de funcionamento da UFPR Litoral<sup>548</sup>.

Enquanto eu lia sobre a criação da Universidade Federal do Paraná e do seu Setor Litoral, fui percebendo algumas semelhanças entre suas histórias. Em alguns momentos, tive a impressão de que a história, de certo modo, se repetia. Talvez essas semelhanças se expliquem pelo modo como os fundadores trabalharam para concretizar seus projetos; ou ainda pelos seus objetivos. No entanto, em outros momentos parecia que eu estava estudando instituições completamente distintas. Penso que essas convergências e divergências são importantes no processo de constituição de histórias do Setor Litoral da UFPR. Por isso, senti a necessidade de explorar alguns pontos da história da UFPR neste texto.

No início da década de mil novecentos e dez, algumas pessoas se organizaram em Curitiba e começaram a trabalhar para criar uma universidade. Havia dois grupos: um estava ligado às elites paranaenses; o outro era movido por ideais positivistas<sup>549</sup>. O primeiro grupo, liderado por Victor Ferreira do Amaral<sup>550</sup>, estava descontente com a falta de iniciativa dos paranaenses em questões políticas que envolviam o Estado<sup>551</sup> – isso se acentuou quando aconteceu a perda de parte do

---

<sup>548</sup> De acordo com Joucoski (2015, p. 63-64), “O diretor-fundador [Valdo José Cavallet], com sua rede de relações políticas e suas experiências, conseguia algumas informações sobre as futuras ações governamentais, o que tinha possibilitado à instituição frequentemente se mostrar antenada nas propostas de inclusão social e desenvolvimento regional propostas pelo poder executivo [...] e como efeito a instituição e certos grupos de docentes da situação obtinham aprovação de vários editais para os seus projetos”.

<sup>549</sup> Mais detalhes sobre esses grupos estão disponíveis em Wachowicz (2006).

<sup>550</sup> Victor Ferreira do Amaral e Silva (1862-1953). Médico, político e professor brasileiro.

<sup>551</sup> A emancipação do Paraná ocorreu em mil oitocentos e cinquenta e três, mas, de acordo com Wachowicz (2006, p. 30, itálico do original), “não houve *luta* propriamente dita pela autonomia da Quinta Comarca [da Província de São Paulo]. As isoladas e omissas elites regionais não se organizaram para tanto. A emancipação não funcionou historicamente como um desafio a ser superado pela sociedade da Quinta Comarca. A campanha pela emancipação não conseguiu polarizar e aglutinar as populações em torno de um objetivo comum superior. A emancipação não conseguiu desenvolver na população da Quinta Comarca um sentimento de unidade e identidade com a terra. Tal não aconteceu porque ela não foi conquistada no calor de uma *luta* por um objetivo superior. A emancipação foi praticamente outorgada pelo governo imperial para o cumprimento de um acordo entre grupos políticos. O Paraná obteve sua emancipação de *mão beijada*.”... Esse acordo aconteceu porque, em mil oitocentos e quarenta e dois, foi deflagrada uma revolução, liderada por liberais, em São Paulo e Minas Gerais. Na Quinta Comarca predominava a política liberal e era iminente sua adesão à revolução – se isso acontecesse, os liberais do Rio Grande do Sul (conhecidos como *farrapos*) iriam se unir a esse movimento. Nesse contexto, o Barão de Monte Alegre, então governador da Província de São Paulo, prometeu ao liberal Coronel João da Silva Machado o título de Barão de Antonina e a criação da Província de Curitiba. Com isso, a adesão dos curitibanos à revolução não aconteceu, e a Quinta Comarca foi emancipada – também para diminuir a força política de São Paulo. Desse modo, “No processo de emancipação da Quinta Comarca, não houve participação da população nem sua maior mobilização. Tudo se resolveu nos altos escalões imperiais. A não participação das próprias elites regionais no processo de sua emancipação levou as autoridades imperiais a *batizarem* a nova Província. [...] Sendo o Paraná o maior rio a banhar o

território do Contestado<sup>552</sup> para Santa Catarina. O segundo grupo – liderado por Nilo Cairo<sup>553</sup> – não estava prioritariamente preocupado com política, mas acreditava que a universidade poderia regenerar a sociedade. Resumindo: essas pessoas acreditavam que faltavam intelectuais no Paraná<sup>554</sup>. Esses dois grupos se uniram e, em mil novecentos e doze, criaram a Universidade do Paraná. Essa universidade privada, depois de muitas lutas políticas, conseguiu ser federalizada em mil novecentos e cinquenta; e passou a se chamar *Universidade Federal do Paraná*<sup>555</sup>.

Aproximadamente noventa anos depois, algumas pessoas começaram a trabalhar para criar a Universidade do Litoral<sup>556</sup>. Havia, pelo menos, dois grupos interessados nessa universidade: os professores de Ensino Superior que desejavam elaborar e implantar um projeto educacional diferenciado; e um grupo ligado às lideranças políticas do Governo Federal, interessado na expansão e democratização das universidades públicas<sup>557</sup>. É importante lembrar que esse projeto educacional

território Provincial, dele foi extraído o nome da mesma: Paraná. A população da caçula das províncias imperiais soube de sua denominação quando o decreto de sua aprovação foi aprovado e publicado pela imprensa.” (WACHOWICZ, 2006, p. 32, itálicos do original). A emancipação é apenas um dos exemplos da falta de envolvimento dos paranaenses em questões políticas que lhes diziam respeito. Wachowicz (2006, 2010) indica outras situações em que os paranaenses foram omissos: os moradores de Paranaguá não aproveitaram a Provisão Régia do ano de mil setecentos e vinte e dois que os autorizava a praticar livremente o comércio de erva mate com suas embarcações; poucos paranaenses foram presidentes da Província do Paraná; os políticos paranaenses não participaram da Proclamação da República; muitos paranaenses foram omissos na questão do Contestado (ver nota de rodapé nº 552).

<sup>552</sup> De acordo com Wachowicz (2006), desde o Século XVIII havia controvérsias sobre as fronteiras das capitanias de São Paulo e de Santa Catarina. Em 1853, o Paraná se emancipou e herdou, também, a briga com Santa Catarina pelo território existente entre os rios Negros, Iguaçu e Uruguai – território que ficou conhecido como *Contestado*. No início do Século XX, Santa Catarina entrou com uma ação, no Supremo Tribunal Federal, reivindicando o território do Contestado e, em 1904, ganhou a ação. O Paraná recorreu, mas, em 1909, o Supremo Tribunal Federal reafirmou a vitória de Santa Catarina. Assim, o Paraná perdeu 48000 Km<sup>2</sup> do seu território. No entanto, alguns latifundiários, comerciantes e políticos paranaenses – descontentes com a decisão judicial – se uniram e organizaram a *Junta Provisória do Estado das Missões* a fim de criar o *Estado das Missões* no território do Contestado. Essa Junta Provisória, que contava com o apoio do governo paranaense, acabou convencendo o Governo de Santa Catarina a fazer um acordo com o Governo do Paraná. Tal acordo aconteceu em 1916 e estabeleceu que Santa Catarina ficaria com 28000 Km<sup>2</sup> e o Paraná com 20000 Km<sup>2</sup> do território em disputa. Mais informações sobre o Contestado podem ser encontradas em Wachowicz (2006, 2010).

<sup>553</sup> Nilo Cairo da Silva (1874-1928). Médico, engenheiro militar e professor brasileiro.

<sup>554</sup> Segundo Wachowicz (2006, p. 36), “Algumas lideranças perceberam onde residia a deficiência principal dessa sociedade ervateira [a sociedade paranaense]: a falta de intelectualidade. Daí o empenho de alguns de seus membros em organizar, na Capital, uma Universidade”. E, de acordo com Baranow e Siqueira (2007, p. 30), “[Victor Ferreira do Amaral] Percebeu que a deficiência principal dessa sociedade era a falta de intelectualidade, de massa crítica, e que somente a fundação da Universidade do Paraná poderia vir a suprir essa deficiência.”

<sup>555</sup> Detalhes sobre esse assunto estão disponíveis em Wachowicz (2006); Burmester (2002); Baranow e Siqueira (2007); Leite e Oliveira (2012); e Siqueira (2012, 2013).

<sup>556</sup> Assim as pessoas denominavam o projeto educacional que viria a ser a UFPR Litoral.

<sup>557</sup> “O processo de democratização [das universidades] compreende reverter o quadro no qual ir à universidade é opção reservada às elites.” (BRASIL, [2015?], p. 19).

interessava também ao Governo do Estado do Paraná e às prefeituras da região do litoral paranaense. As parcerias firmadas entre três instituições de Ensino Superior – UFPR, Cefet-PR e Fafipar<sup>558</sup> –, e as três esferas governamentais possibilitaram a criação da UFPR Litoral no ano de dois mil e quatro. No entanto, as parcerias com as instituições de ensino logo foram rompidas<sup>559</sup>; e a UFPR implantou o projeto educacional que ficou conhecido como UFPR Litoral.

Penso que é importante notar que a região do litoral paranaense não foi escolhida por acaso para ser o local da implantação desse projeto educacional – ainda que inicialmente ele tenha sido pensado para o Vale do Ribeira paranaense. O projeto de expansão das universidades federais preocupava-se também com a interiorização do Ensino Superior, ou seja, havia a intenção de criar *Câmpus* das universidades federais em regiões afastadas dos grandes centros<sup>560</sup>. Acreditava-se que a interiorização das universidades contribuiria para o desenvolvimento local de diversas regiões do país<sup>561</sup>. E, nesse período, o litoral paranaense era considerado, por muitos, como uma região desacreditada do Estado do Paraná<sup>562</sup>. Com a instalação de um Campus da UFPR em Matinhos, esperava-se que a região se desenvolvesse rapidamente e de modo sustentável. Tenho a impressão de que essas circunstâncias agradavam ao então reitor da UFPR, pois havia a possibilidade de a UFPR Litoral ser considerada um marco na história paranaense<sup>563</sup> – e, desse

---

<sup>558</sup> Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – atual Campus de Paranaguá da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

<sup>559</sup> Em entrevista, o professor Valdo José Cavallet comentou que o Cefet-PR desistiu da parceria porque estava em processo para se transformar em UTFPR; e a Fafipar abriu apenas um curso de Pedagogia, ainda em funcionamento – a textualização desta entrevista está disponível nesta tese. No entanto, Joucoski (2015, p. 55) afirma que “A FAFIPAR aparentemente não se sentiu a vontade com as fortes designações dadas à UFPR e, também, pela falta de espaço físico para desenvolver suas atividades, desistiu da parceria.”

<sup>560</sup> Esse interesse era justificado do seguinte modo: “a interiorização da oferta da educação superior é essencial para combater o desequilíbrio regional e atingir estudantes sem condições de se deslocar para outras regiões.” (BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [2015?], p. 20).

<sup>561</sup> “O desenvolvimento de uma região está diretamente ligado aos investimentos locais. O incentivo à educação, principalmente superior, leva ao local de implantação um crescimento acelerado. Esse processo rápido ocorre pela necessidade de o meio se adequar à nova realidade local, resultando no desenvolvimento por conta do aumento da demanda de docentes, técnicos e discentes no local.” (BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [2015?], p. 20).

<sup>562</sup> No Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, por exemplo, lemos que a região do litoral paranaense é “uma região geográfica desacreditada historicamente e com uma grande debilidade econômica” (UFPR LITORAL, 2008a, p. 1).

<sup>563</sup> Segundo o Relatório de Atividades 2005 da UFPR, “Este ano, que agora finda, mostrou-se profícuo para nossa comunidade e vários avanços foram conseguidos. [...] A criação do novo campus da UFPR no litoral do Paraná foi, talvez, a principal conquista. A expansão da Universidade para uma região do estado que ficava praticamente deserta entre os meses de março e dezembro e que era profundamente carente de ensino superior público e de qualidade representou um marco na história da UFPR e na história desse Estado. Ainda estamos no começo dessa empreitada, mas já podemos

modo, ele seria lembrado como o reitor que apoiou essa importante iniciativa da Universidade Federal do Paraná.

Mas apenas o apoio do reitor e o entusiasmo de alguns professores não bastariam para que a UFPR Litoral começasse a funcionar... O apoio financeiro das três instâncias governamentais foi fundamental para que esse projeto fosse implantado. O Governo Federal comprometeu-se a autorizar as vagas do quadro de funcionários do novo Campus da UFPR e a liberar recursos para o Campus; o Governo do Estado do Paraná ficou responsável pela reforma do prédio<sup>564</sup>, pela ampliação da área física, e pela liberação de recursos para laboratórios e biblioteca; e a Prefeitura Municipal de Matinhos contribuiu com as despesas de segurança e de limpeza dos espaços da Universidade<sup>565</sup>.

Penso que é interessante lembrar que, noventa anos antes disso, a Universidade do Paraná contou com o apoio financeiro do Governo do Estado do Paraná, da Prefeitura Municipal de Curitiba e da Câmara Municipal de Curitiba para viabilizar a construção de seu primeiro prédio – na Praça Santos Andrade<sup>566</sup>. Isso ocorreu porque alguns políticos reconheciam a importância da Universidade do Paraná para a sociedade paranaense<sup>567</sup>. O auxílio financeiro do governo estadual perdurou até mesmo quando a Universidade do Paraná foi tripartida nas Faculdades de Direito, Engenharia e Medicina, em mil novecentos e dezoito, por força da legislação da época<sup>568</sup>. No entanto, na década de mil novecentos e trinta, esse cenário começou a mudar e as faculdades perderam o apoio do governo estadual,

---

vislumbrar a importância que ela está adquirindo e a expectativa que está gerando na população daquela região do estado. Certamente, a UFPR-Litoral é uma das maiores conquistas da instituição nos últimos tempos.” (MOREIRA JR., 2005, p. iii). Ou seja, o reitor usou inclusive esse espaço – um relatório administrativo – para enaltecer o projeto educacional que apoiava.

<sup>564</sup> O local escolhido para a implantação da UFPR Litoral “pertencia ao antigo Banco Estatal Estadual (Banestado) e tratava-se de uma colônia de férias com área construída de 3.700 m<sup>2</sup> que foi inteiramente reformada” (UFPR LITORAL, 2008, p. 87).

<sup>565</sup> Mais detalhes sobre essas parcerias estão disponíveis em UFPR (2008b).

<sup>566</sup> Segundo Wachowicz (2006), em mil novecentos e treze o Governo do Estado doou 80:000\$000 rs à Universidade para patrimônio, e a Câmara Municipal de Curitiba doou o terreno para a construção do prédio da Universidade; e, em mil novecentos e quatorze, o Governo do Estado aprovou a concessão de crédito anual de 36:000\$000 rs às faculdades – exigindo, em contrapartida, dez matrículas gratuitas para estudantes pobres ou de reconhecida vocação para os estudos.

<sup>567</sup> De acordo com Wachowicz (2006, p. 102), “O relacionamento entre a Universidade do Paraná e o governo do Estado do Paraná foi, desde o início, muito íntimo. [...] As elites políticas do Estado compreenderam o valor e o alcance da iniciativa para a formação da intelectualidade local. Por isso, os presidentes, deputados, senadores e prefeitos de Curitiba empenharam-se para a concretização da iniciativa.”

<sup>568</sup> Ver nota de rodapé nº 541.

pois o interventor Manoel Ribas não simpatizava com essas instituições<sup>569</sup>. Na década seguinte, as circunstâncias políticas mudaram e as faculdades paranaenses foram favorecidas, pois os sucessores de Manoel Ribas julgavam importantes essas faculdades<sup>570</sup>. Nesse novo cenário político, a Universidade do Paraná foi restaurada e voltou a receber auxílio financeiro do Governo do Paraná. Além disso, a Prefeitura Municipal de Curitiba doou mais um terreno à Universidade<sup>571</sup>.

Quase um século depois, parte da história se repete: algumas lideranças políticas mudaram – nos âmbitos municipal e estadual – e algumas das parcerias com a UFPR foram rompidas. O professor Valdo, em sua entrevista, contou que a UFPR Litoral perdeu o apoio da Prefeitura Municipal de Matinhos e grande parte do apoio do governo estadual – que apenas continua cedendo o espaço físico para a Universidade. A partir daí, as despesas da UFPR Litoral passaram a ser custeadas pelo Governo Federal. Trata-se, portanto, de um quadro já conhecido, e que não é exclusividade paranaense: as alterações de configurações na área da Educação em virtude das mudanças políticas.

O que também não parece ter mudado – e essa é uma manutenção que, ao contrário daquela, parece bastante positiva – é o entusiasmo com que alguns professores do Setor Litoral vêm trabalhando. Apesar das dificuldades inerentes ao trabalho docente, muitos professores demonstram que estão felizes com as atividades desenvolvidas na UFPR Litoral<sup>572</sup>. Mas cabe dizer que demorou certo tempo para que os primeiros professores do quadro do *Câmpus* Litoral chegassem a

---

<sup>569</sup> “Na década de 1930, as Faculdades perderam o apoio que sempre tinham recebido do governo do Estado. A simplicidade do interventor Manoel Ribas via nessas escolas não a matriz formadora de técnicos e profissionais, e sim de funcionários públicos. [...] Manoel Ribas nunca se empenhou para melhorar as dotações orçamentárias federais às Faculdades. Não era do seu feitio pedir dinheiro, tanto mais para instituições com as quais não simpatizava.” (WACHOWICZ, 2006, p. 110).

<sup>570</sup> De acordo com Wachowicz (2006, p. 117-118, itálico do original), “Com a queda do regime do Estado Novo, modificaram-se substancialmente as relações entre o Paraná e o Governo Federal. As relações entre as autoridades educacionais regionais e federais deixaram de ser meramente protocolares. A nível regional, quase que se invertiam os papéis entre o Estado e a Universidade. Nas décadas anteriores, era a Universidade que apelava e recrutava elementos dos quadros administrativos do Estado. As escolas superiores haviam crescido e formado novas gerações. Os dois interventores na fase da redemocratização eram membros do seu corpo docente. O desembargador Clotário Portugal era membro do corpo docente da Faculdade de Direito, e Brasil Pinheiro Machado da Faculdade de Filosofia. Os membros dos grandes escalões foram recrutados em grande parte nos quadros das Faculdades Superiores. [...] O *peso específico* da Universidade do Paraná nem era preciso ser analisado, ele era visível *a olho nu!* A redemocratização praticamente escancarou as portas da sociedade aos elementos por ela preparados e/ou que nela viviam e atuavam.”.

<sup>571</sup> Segundo Wachowicz (2006), em mil novecentos e quarenta e seis, o Governo do Estado concedeu Cr\$ 5.000.000,00 para o fundo universitário e uma subvenção anual de Cr\$ 3.000.000,00; e a Prefeitura Municipal de Curitiba doou um terreno de 500.000 m<sup>2</sup> para a ampliação da estrutura física da Universidade.

<sup>572</sup> Isso pode ser constatado nas textualizações das entrevistas apresentadas nesta tese.

Matinhos. Isso aconteceu devido à burocracia envolvida no processo do primeiro concurso para a contratação de professores para a UFPR Litoral. Por conta disso, o primeiro semestre letivo do *Câmpus* Litoral iniciou sem esses professores. Para que as atividades pudessem começar, alguns professores lotados em Curitiba se deslocavam a Matinhos para trabalhar com os estudantes da UFPR Litoral<sup>573</sup>.

No entanto, conta-se que o primeiro quadro de professores da Universidade do Paraná também foi um tanto improvisado. Mas há uma diferença notável entre essas duas histórias: os professores da Universidade do Paraná encontraram um ambiente de trabalho inspirado pelo regime da Escola Militar<sup>574</sup>; já os professores da UFPR Litoral se depararam com um ambiente que preza pela autonomia e pela emancipação dos estudantes<sup>575</sup>.

Eu entendo que a proposta pedagógica do Setor Litoral se diferencia substancialmente da proposta dos outros setores da Universidade Federal do Paraná. Na UFPR Litoral há três espaços curriculares: Projetos de Aprendizagem – PA; Interações Culturais e Humanísticas – ICH; e Fundamentos Teórico-Práticos – FTP<sup>576</sup>. Nos PA os estudantes desenvolvem projetos de acordo com os seus interesses pessoais; nos FTP são atendidas as diretrizes curriculares dos cursos e as demandas dos PA; e nas ICH busca-se a articulação de saberes científicos e populares, a partir do estudo de temas sugeridos por estudantes e professores da

---

<sup>573</sup> Mais detalhes sobre isso estão disponíveis em UFPR Litoral (2008b); e também na textualização da entrevista do professor Valdo José Cavallet – apresentada nesta tese.

<sup>574</sup> Segundo Wachowicz (2006, p. 57), “Esses professores improvisados entraram em um ambiente muito perto do militar, inspirado pelo regime da Escola Militar. [...] Num ambiente semimilitar, os professores, para camuflar sua insegurança, passaram a ser excessivamente exigentes com o claro propósito, inclusive, de agradar aos dirigentes da Instituição.”

<sup>575</sup> “A proposição do Projeto Político-Pedagógico do Setor Litoral da UFPR quer superar os pressupostos da modernidade e lançar-se na construção de um projeto inovador e emancipatório. Para tal, toma como princípio a reflexão acerca da realidade concreta do lugar, como fonte primeira, para, em diálogo com o conhecimento sistematizado, tecer a organização curricular e o desenvolvimento de projetos que devem partir dos alunos e envolver os professores e a comunidade” (UFPR LITORAL, 2008a, p. 6).

<sup>576</sup> No Projeto Político-Pedagógico do Setor Litoral da UFPR encontramos uma explicação para isso: “A concepção do processo educativo fundado na realidade social provoca a organização de um currículo flexível, de forma articulada e com múltiplas relações. Rompe com a concepção disciplinar e fragmentada para trabalhar com espaços de formação que têm como principal articulador os projetos de aprendizagens, originados na realidade concreta do meio em que estão inseridos. Esses projetos possibilitam o diálogo com os fundamentos teórico-práticos, que empiricamente já os constituem. Esse diálogo se expande ao abarcar as interações culturais e humanísticas que se apresentam como espaços para a troca com pessoas da comunidade externa, de outros cursos, de outras realidades e também como possibilidade de síntese e reflexão de sua formação e de seu papel social. Dialeticamente, aqui também se fazem presentes e dialogam entre si, os projetos e os fundamentos teórico-práticos. Portanto, o currículo contempla em seus espaços a educação como totalidade, objetivando superar a proposta fragmentária, da pesquisa, do ensino e da extensão.” (UFPR LITORAL, 2008a, p. 11).



UFPR Litoral – e os estudantes têm a liberdade de escolher a atividade de ICH de que participarão a cada semestre letivo.

Essa organização curricular dos cursos do Setor Litoral exige que os horários semanais de todos os cursos da UFPR Litoral sejam organizados do mesmo modo: segunda-feira – FTP; terça-feira – FTP; quarta-feira – ICH; quinta-feira – FTP; sexta-feira – PA. Esse detalhe é bastante importante, pois ele permite que alunos de diferentes cursos participem das mesmas atividades de ICH e, em alguns casos, desenvolvam seus PA conjuntamente – em duplas ou em trios.

Outra característica peculiar da UFPR Litoral é a avaliação dos alunos de graduação: ela acontece por conceitos. Há quatro conceitos: APL – Aprendizagem Plena; AS – Aprendizagem Suficiente; APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente; e AI – Aprendizagem Insuficiente<sup>577</sup>. Nos casos de APL e AS consideram-se cumpridas as exigências dos espaços curriculares; no caso de APS os estudantes têm direito de realizar atividades de recuperação; e no caso de AI o aluno, necessariamente, repetirá as atividades em que obteve esse conceito.

Para que os docentes trabalhassem de acordo com a proposta pedagógica da UFPR Litoral, nos primeiros anos de funcionamento do *Câmpus* do Litoral, foram organizados momentos específicos de formação continuada para os professores. Esses momentos aconteciam principalmente nos períodos de planejamento, e contavam com a participação de convidados externos à UFPR Litoral<sup>578</sup>. Nas entrevistas que realizei para esta pesquisa, alguns professores ressaltaram a importância desses momentos tanto para a formação pessoal como para a compreensão da proposta pedagógica da UFPR Litoral. No entanto, com o passar do tempo, esses momentos se tornaram cada vez mais raros. Além desses momentos específicos de formação para os professores, muitos docentes consideravam o Conselho Setorial como um importante espaço de formação continuada – em que todos podiam participar semanalmente.

Aliás, vale ressaltar que o Conselho da UFPR Litoral também era diferenciado se comparado aos demais conselhos setoriais da UFPR. No Setor

---

<sup>577</sup> Mais informações sobre esse assunto estão disponíveis em UFPR Litoral (2008a) e nas textualizações das entrevistas apresentadas nesta tese.

<sup>578</sup> “Nas semanas de planejamento e avaliação [...] convidados externos têm contribuído com as reflexões e revisões estratégicas do projeto. Em 2006, a Semana de Planejamento teve a presença de Celso Vasconcelos. Em 2007, a Semana contou com a presença de Maria Isabel da Cunha. Em 2008, novamente, a Semana de Planejamento teve a presença de Celso Vasconcelos” (UFPR LITORAL, 2008b, p. 55).

Litoral, o Conselho era paritário: todos podiam participar das reuniões, podiam falar e votar – sem hierarquia. E os votos de docentes, técnicos e estudantes tinham o mesmo peso nas decisões. Mas, para a tristeza de muitos professores da UFPR Litoral, isso foi recentemente alterado, posto que a proposta inicial de Regimento Setorial não foi aprovada pelas outras instâncias da UFPR. Assim, atualmente, o Setor Litoral conta com um Regimento Setorial semelhante aos demais regimentos setoriais da UFPR. Como consequência, o Conselho Setorial da UFPR Litoral tem funcionado do mesmo modo como funcionam os demais conselhos setoriais da Universidade Federal do Paraná.

Alguns professores da UFPR Litoral reclamam que isso atende a um Estatuto aprovado ainda na época da ditadura militar<sup>579</sup>. Mais uma vez, vejo relações entre as histórias da UFPR e da UFPR Litoral... Do mesmo modo que muitos professores ficaram descontentes com o atual Regimento Setorial da UFPR Litoral, muitos professores da UFPR ficaram descontentes com os desdobramentos da reforma universitária que aconteceu durante o regime militar<sup>580</sup>. Penso que não é exagero afirmar que os resquícios dessa reforma universitária ainda ecoam nos corredores da UFPR e da UFPR Litoral.

Anteriormente comentei, brevemente, que as mudanças políticas no Governo do Estado do Paraná e na Prefeitura Municipal de Matinhos ocasionaram o rompimento de algumas parcerias entre eles e a UFPR. Acredito que é importante notar que as mudanças na Reitoria da UFPR também podem ter influenciado algumas ações em relação ao Setor Litoral. Enquanto eu lia alguns documentos da

---

<sup>579</sup> Informações baseadas nas entrevistas realizadas durante o desenvolvimento desta tese.

<sup>580</sup> Sobre a reforma universitária, Faraco (2002, p. 23-24) diz: “[...] a reforma universitária do regime militar não respeitou diferenças e especificidades. Importava viabilizar um modelo único em toda parte. [...] Num primeiro momento (1969/70), estruturou-se um organograma com Institutos básicos e Faculdades profissionalizantes, no qual se preservavam órgãos colegiados fundamentalmente acadêmicos (ao estilo das velhas congregações das antigas Faculdades). Mal se iniciou, porém, a implantação das alterações, houve uma espécie de intervenção branca do Ministério da Educação ao não aprovar o novo Regimento da Instituição, obrigando a Universidade a apresentar um segundo projeto de reforma (1973) que reduziu a estrutura a oito Setores e definiu uma estrutura administrativa rígida, excessivamente centralizada e de caráter fundamentalmente burocrático e não acadêmico. A organização do ensino, por sua vez, em nome do princípio da flexibilidade curricular que, em tese, pautava o projeto de reformas, sofreu uma profunda fragmentação e, em seguida, um enrijecimento trazido pelas amarras de uma teia irracional de pré-requisitos. A divisão entre disciplinas básicas e profissionalizantes instituiu um complicado fosso acadêmico do qual até hoje não conseguimos nos livrar. Por fim, a primazia dada à estrutura departamental colocou num vácuo a estrutura gestora dos cursos que ainda hoje se ressentem de conflitos e desencontros entre Departamentos e Coordenações de Curso. Os efeitos da reforma universitária de 1968 continuam conosco, muito embora, às vezes, tenhamos perdido a perspectiva histórica de suas causas”. Mais informações sobre a reforma universitária na UFPR estão disponíveis em Baranow e Siqueira (2007).

UFPR, percebi mudanças em relação ao tratamento dispensado ao Setor Litoral. Enquanto Carlos Moreira Júnior era reitor, as ações desenvolvidas na UFPR Litoral eram, de certo modo, enaltecidas nos documentos da UFPR<sup>581</sup>. Entretanto, nos documentos produzidos pela UFPR na gestão de Zaki Akel<sup>582</sup> não identifiquei essa preocupação em divulgar o trabalho do Setor Litoral<sup>583</sup>. E foi na gestão de Zaki Akel que o Regimento Setorial da UFPR Litoral foi aprovado, e seu Conselho Setorial alterado significativamente.

Ao ouvir e ler sobre essas histórias, percebi que as tensões sempre estiveram presentes... Em alguns momentos da pesquisa, eu me questioneei: “Como pode um setor ser tão diferente de sua matriz?”... Talvez eu tenha encontrado uma resposta<sup>584</sup>. Entendi que a UFPR Litoral foi criada em um momento em que as circunstâncias políticas eram favoráveis; e isso possibilitou que ela fosse

---

<sup>581</sup> No Relatório de Atividades 2005 da UFPR, entre as principais ações da Pró-Reitoria de Graduação destacam-se: “Implantação da UFPR Litoral tendo como princípio norteador o reconhecimento da necessidade de ações naquela região que viabilizem o desenvolvimento sustentável. [...] Implantação na UFPR Litoral de uma metodologia diferenciada baseada em um projeto pedagógico que tem por objetivo a união da pesquisa, da extensão e do ensino desde o início do curso, contribuindo para uma aprendizagem associada à realidade da região onde estará localizado o *Campus* Litoral, situando o aluno nas questões sociais vividas pela população daquela região.” (UFPR, 2005, p. xvii). Além disso, no PDI 2007-2011, ressalta-se que “A UFPR Litoral é uma das mais importantes conquistas do povo paranaense nos últimos anos. Com a missão de integrar regiões, de vencer desafios e de implantar um Projeto Pedagógico diferenciado que dá, efetivamente, condições para que a comunidade universitária interaja com a população, a UFPR busca soluções para os problemas sociais, econômicos e culturais, além de oferecer um espaço público de formação para a região.” (UFPR, 2007, p. 48).

<sup>582</sup> Zaki Akel Sobrinho. Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Reitor da UFPR desde 19/12/2008 (foi reeleito reitor em dois mil e doze).

<sup>583</sup> No PDI 2012-2016 da UFPR, por exemplo, o Setor Litoral é mencionado – de modo especial – apenas nas *Propostas de Saúde ao Setor*, em que se destaca que: “O atendimento em questões primárias de saúde para a comunidade universitária é uma conquista histórica dentro da UFPR. [...] Contudo, unidades como Palotina ou o Setor Litoral ou estão completamente desassistidas ou são assistidas de forma mínima, havendo carência de profissionais. Apesar de não haver estímulo por parte do governo federal em ampliar a área assistencial [...] entende-se que é importante a ampliação desses atendimentos, em especial nos locais da UFPR em que a situação é mais precária.” (UFPR, 2012, p. 41).

<sup>584</sup> A resposta que encontrei foi a seguinte: “Sendo uma política em meio a outras políticas, o Setor Litoral quer aliar-se à cultura, aos valores, aos problemas da sociedade local fazendo da formação uma experiência que multiplica possibilidades na construção de novos conhecimentos. Estendendo-se como parte de uma estrutura que já possui uma prática educativa institucionalizada e funções sociais predefinidas, advindas do modelo ideológico em gestão, esse projeto possui a peculiaridade de emancipar-se do modelo que o gera, quando ensaia para a formação, que se realiza em seu quadro, um novo sentido. Buscando ser Setor ligado a Universidade Federal do Paraná comunga com esta Instituição certa homogeneização no que diz respeito a índole pedagógica e aos ideais de formação. Aceita dela algumas diretrizes que, construídas pela tradição, possibilitam o desenvolvimento de determinada modalidade de educação no nível do terceiro grau e médio. Entretanto, deseja autonomia para reger-se enquanto modelo administrativo, de modo a cooperar com a emancipação de uma forma flexível e múltipla que quer praticar no currículo.” (UFPR LITORAL, 2008b, p. 25).

diferenciada. Compreendi que ela permanece em funcionamento porque tem aceitado algumas *diretrizes* da UFPR. Em outros momentos da pesquisa, a questão que me incomodava era outra: “Por que a UFPR concordou com a criação da UFPR Litoral e atualmente se indis põe tanto com sua proposta?”... Talvez a resposta esteja em uma palavra: “política”. Talvez a resposta esteja em uma expressão: “relações de poder”. Talvez outras respostas se mostrem depois da conclusão deste relatório de pesquisa. Talvez as respostas ainda fiquem nas entrelinhas.

## APROPRIAÇÕES DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O currículo é lugar, espaço, território.  
O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade.  
O currículo é texto, discurso, documento.  
O currículo é documento de identidade.

Tomaz Tadeu da Silva (2010, p. 150)

O Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná tem uma proposta pedagógica diferenciada em relação à proposta pedagógica dos outros setores da UFPR, e também em relação a muitas instituições de Ensino Superior. Uma das primeiras coisas que chamou minha atenção na proposta foi a organização em três espaços curriculares: Projetos de Aprendizagem – PA; Interações Culturais e Humanísticas – ICH; e Fundamentos Teórico-Práticos – FTP.

Nessa proposta não há *disciplinas*; e os espaços dos PA e das ICH não são restritos aos cursos em que os estudantes estão matriculados. Por isso, é importante observar que o horário semanal de todos os cursos do Setor Litoral é organizado do seguinte modo: segunda-feira – FTP; terça-feira – FTP; quarta-feira – ICH; quinta-feira – FTP; sexta-feira – PA. Essa organização é importante, pois garante que os estudantes de diferentes cursos participem das mesmas atividades de ICH e também que desenvolvam Projetos de Aprendizagem conjuntamente, independentemente dos cursos em que estão matriculados.

A fim de compreender o que são esses espaços curriculares e o que vem acontecendo neles, em dois mil e quatorze, entrevistei alguns professores que trabalham no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. A partir dessas narrativas, percebi que cada docente se apropria da proposta pedagógica de modo distinto; e que cada docente destaca certas características desses espaços curriculares. Desse modo, acredito que o conjunto dessas narrativas apresenta um panorama sobre os três espaços curriculares, permitindo a elaboração de algumas compreensões sobre eles e também sobre a proposta pedagógica da UFPR Litoral.

Para falar sobre esses espaços curriculares, trago, neste texto, alguns recortes das entrevistas que realizei durante o doutorado<sup>585</sup>.

### *Fundamentos Teórico-Práticos (FTP)*

Para esse espaço curricular são reservados três dias da semana na UFPR Litoral: segunda-feira, terça-feira e quinta-feira. No entanto, nos cursos de licenciatura, em alguns semestres, um desses dias é reservado para a discussão – e, em alguns casos, realização – dos estágios supervisionados. Ou seja, mesmo considerando o tempo destinado aos estágios, esse é o espaço curricular que concentra mais horas da carga horária total dos cursos do Setor Litoral da UFPR. E isso não acontece por acaso.

Quando perguntei à professora Lenir Maristela Silva sobre os FTP, ela me disse que **“Os Fundamentos Teórico-Práticos constituem o espaço da formação profissional, seja do bacharelado, da licenciatura ou dos cursos de tecnologia. Os FTP buscam trabalhar as diretrizes dos cursos, na perspectiva da formação profissional.”** Então, esse é o espaço curricular que se preocupa com os conhecimentos específicos de cada curso. Para ilustrar isso, o professor Marcos Aurélio Zanlorenzi ressaltou que os módulos de FTP da Licenciatura em Ciências<sup>586</sup>, em seu entendimento, **“se preocupam com a formação do professor de Ciências, e com os conteúdos que o professor de Ciências deveria trabalhar ou entender ou compreender para atuar na sua profissão”**. E isso acontece de modo semelhante em todos os cursos da UFPR Litoral.

<sup>585</sup> A fim de evitar repetições, citarei o nome completo dos professores apenas na primeira vez em que eles aparecerem no texto; depois mencionarei apenas os primeiros nomes dos colaboradores. Para padronizar as citações das entrevistas, as apresentarei no corpo do texto, entre aspas, em itálico e em negrito – independentemente do número de linhas da citação.

<sup>586</sup> As temáticas previstas para os quatro anos do curso de Licenciatura em Ciências em seu primeiro Projeto Pedagógico de Curso eram: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação (esses temas são trabalhados no primeiro semestre para que os alunos se aproximem da proposta pedagógica do Setor); Ciências da Natureza e Educação (mais o módulo de Libras); Cenário escolar regional, ensino de Ciências e Prática de Ensino; Fundamentos básicos contextualizados da Física, Química e Biologia, cotidiano escolar e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino; Vivência de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências, saúde e qualidade de vida e Prática de Ensino; Vivências de docência e a relação Ciências, diversidade e inclusão (UFPR LITORAL, 2011). Na reformulação do Projeto Pedagógico de Curso houve alteração dessas temáticas que passaram a ser: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino; Docência, diversidade e inclusão (também é trabalhado o módulo de Libras nesse semestre); Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino; Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e prática de ensino (UFPR LITORAL, 2014).

O professor Renato Bochicchio, em sua entrevista, explicou que **“Esse é o espaço que mais se aproxima de uma disciplina... Mas ele é absolutamente aberto a n contextualizações e conexões...”**. Isso é possível porque são os cursos e os docentes que decidem como será desenvolvido o trabalho nesse espaço curricular. O professor Emerson Joucoski, por exemplo, afirmou: **“Eu já trabalhei em cursos em que o espaço dos FTP era disciplina – o nome era módulo, era para se articular com outras coisas, mas era disciplina... Então, há cursos e cursos aqui [no Setor Litoral]! E cada um deles interpreta o Projeto Político Pedagógico de maneira diferente. Eu trabalhei em cursos em que o espaço dos FTP era construção do conhecimento e que se trabalhava por projetos... Mas trabalhei também em FTP em que eu era o professor que despejava o conteúdo sobre os estudantes – e era bem disciplinar, tradicional...”**. A partir desse relato, me parece evidente que o mesmo docente pode atuar de modos distintos no espaço dos FTP, dependendo do módulo e do curso em que está atuando. Além disso, podemos identificar diferenças no trabalho desenvolvido pelos docentes mesmo quando analisamos um curso específico do Setor Litoral.

No curso de Licenciatura em Ciências, por exemplo, trabalha-se, preferencialmente, por projetos, mas os docentes atuam de modos distintos nos FTP. O professor Luiz Fernando de Carli Lautert contou um pouco do seu trabalho nesse espaço curricular: **“O espaço dos FTP é o espaço de trabalho dos conhecimentos relacionados às Ciências... É o espaço dos, entre aspas, conteúdos. E, diferentemente dos cursos tradicionais, no curso de Ciências nós trabalhamos por projetos. Então esse espaço proporciona o protagonismo dos estudantes, já que nós não apresentamos uma proposta pronta de trabalho. Nós construímos a proposta de conteúdos e de temas com os estudantes, a partir das ementas. E, em função da ementa, a gente instala uma discussão... A partir dessa discussão, nós utilizamos, principalmente, a ferramenta do mapa conceitual para sistematizar os temas trazidos pelos alunos e professores. E assim os temas são definidos... Então, nas primeiras duas ou três semanas de aula, nós construímos mais ou menos uma espinha dorsal dos temas que serão trabalhados no semestre e discutimos, também, a questão da avaliação... À medida que as pesquisas vão sendo desenvolvidas e que vão acontecendo as apresentações, as atividades vão se concretizando... E, em função dos temas, nós podemos decidir coisas do tipo: ‘Semana que**

*vem vamos ver um vídeo.’; ‘Vamos fazer uma saída de campo.’; ‘Vamos ler um texto.’... Isso vai acontecendo no decorrer do semestre...”. Outros docentes da UFPR Litoral realizam um trabalho semelhante a esse – em diferentes cursos.*

Outro exemplo sobre o trabalho desenvolvido nesse espaço curricular foi dado pelo professor Maurício Cesar Vitória Fagundes: *“a proposta é que os FTP sejam muito mais do que apenas a formação técnica... Espera-se que seja uma formação técnica enraizada no lugar e nas necessidades do lugar. Aí vem aquela preocupação com o reconhecimento crítico da realidade... E de onde vem a matéria-prima para os FTP ou deveria vir? Do reconhecimento crítico da realidade!... Por exemplo: na Licenciatura em Ciências o meu trabalho com os FTP está acontecendo no Colégio Estadual Sertãozinho, em docência compartilhada com o Valentim e a Suzana, e as temáticas que nós abordamos e trabalhamos com os estudantes vêm das vivências dos estudantes na escola... Isso acontece de forma espontânea? Não! Nós temos uma ementa e fazemos os múltiplos diálogos possíveis dentro dessa ementa. Então, nós não trabalhamos a ementa pela ementa, mas trabalhamos a ementa a partir da realidade... E fazemos isso ligando a ementa com a formação dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Sertãozinho...”*.

Sobre isso, o professor Valentim da Silva afirmou: *“Eu falo para o pessoal: ‘Tem coisas que acontecem na escola, que só acontecem na escola.’... Tem coisas que só acontecem na escola mesmo, e não tem outro espaço que pode reproduzir o que acontece lá na escola. Então, você tem que estar lá na escola! E, por isso, mesmo nos dias de planejamento – que a gente poderia fazer em outro lugar – a gente vai para a escola e faz o planejamento lá. Por quê? Porque as atividades acontecem na escola! Lá a gente já viu simulação de bombeiro, a gente já viu aluno bipolar quebrando tudo, a gente já viu briga de aluno... Isso acontece nas escolas... Como o professor lida com essas situações? Tem que estar na escola para saber! E a gente vai mediando os diálogos... Eu vejo que os FTP, realmente, teriam que estar relacionados com as práticas do cotidiano dos alunos e carregados de sentido. Eu acho que isso é uma procura constante, uma reconstrução, uma reflexão – sempre ressignificando a prática. Claro que tem muitos desafios aí... É difícil dar conta disso. Mas é assim que eu vejo os FTP: uma reconstrução constante das práticas do cotidiano voltada para a área de formação...”*.



A professora Suzana Cini Freitas Nicolodi lembrou um aspecto importante sobre esse trabalho: a parceria com a escola. Sem essa parceria não seria possível desenvolver esse trabalho no Colégio Estadual Sertãozinho. No período em que a entrevista foi realizada, os três professores – Maurício, Suzana e Valentim – trabalhavam dois dias com os licenciandos em Ciências; e, de acordo com a professora Suzana, o trabalho acontecia assim: ***“Na terça-feira os estudantes de Ciências ficam conosco, com os três professores, e na quinta-feira eles trabalham com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Sertãozinho. Para que isso fosse possível, olha o que a escola fez: o nono ano tem três aulas de Ciências na semana; ficaria difícil trabalhar com três períodos furados, então, eles trouxeram todos os períodos de Ciências para quinta-feira, para poder ter continuidade no trabalho e um impacto maior. Assim, nas quintas-feiras os estudantes de Ciências trabalham com os estudantes do Sertãozinho do seguinte modo: os alunos da Licenciatura em Ciências estão divididos em quatro grupos e os alunos do nono ano do Sertãozinho estão divididos em quatro grupos. Então, cada grupo de Ciências fica em uma sala de aula com um grupo do Sertãozinho e os professores – nós – ficam passeando por todas as salas de aula, vendo o que está acontecendo. A gente não interfere nas atividades na quinta-feira... Aí na próxima terça-feira ocorre a socialização do que aconteceu em cada grupo. Eles falam de que forma estão trabalhando, que pontos eles acham que precisa reforço – e aí é a hora de entrar os FTP no sentido de conteúdo, com o auxílio de autores, às vezes filmes... Mas a discussão, a partir da socialização, é o que eles mais esperam... Tem coisas do tipo: ‘Não estou dando conta da indisciplina.’... ‘Ah, nós resolvemos isso desta forma.’... Tem essa troca entre os quatro grupos... E nós procuramos que eles façam a reflexão porque o nosso módulo é sobre vivências de docência, práticas pedagógicas, e a gente não entende que essas práticas pedagógicas e vivências de docência da escola podem se dar fora da escola, porque tem coisas que acontecem na escola e que é só na escola que a gente vive... Foi essa a ideia inicial dessa experiência que, hoje, está na segunda versão, com a segunda turma na escola.”*** É importante notar que esse não é um trabalho relacionado ao estágio supervisionado; é um trabalho do espaço dos FTP que visa à imersão dos licenciandos no ambiente escolar durante dois semestres consecutivos. Cabe ressaltar que esse modelo de trabalho – que

acontece fora do espaço físico da Universidade – vem sendo desenvolvido, nos FTP, apenas pelos professores Maurício, Suzana e Valentim.

Ainda sobre os modos de se trabalhar nos FTP, considero que o professor Valdo José Cavallet destacou alguns aspectos importantes em sua entrevista: **“o módulo [de FTP] não é do especialista, não tem um professor contratado para cada módulo. Aqui [na UFPR Litoral] o professor é um mediador, ele não é orientador. O orientador orienta, partindo do princípio que ele sabe, ele dá um conteúdo para o aluno chegar onde ele quer. O professor mediador é diferente: eu não educo você e você não me educa, nós nos educamos uns com os outros mediatizados por temas que nos envolvem. Então, cabe a mim, nos FTP, abordar conhecimentos para dar conta daquele módulo e trazer pessoas para falar do assunto, ele não é por transmissão. Mas acontece de você ver um monte de professores dando aula do conteúdo específico: se o assunto é ‘não sei o que do gafanhoto’, o professor dá aula de ‘não sei o que do gafanhoto’... São as carências de um projeto como esse... Acontece...”**. Ou seja, se o docente sentir necessidade de trabalhar com aulas expositivas, ou mesmo se ele se sentir mais à vontade para trabalhar com essa metodologia, ele pode atuar desse modo – sem nenhuma intervenção do curso ou da equipe gestora da UFPR Litoral.

O professor Rodrigo Arantes Reis, em sua entrevista, ressaltou que, atualmente, **“em vários cursos aqui do Setor [Litoral], a gente vê os FTP organizados em uma estrutura modular, que é quase uma disciplina, onde o professor tem a sua autonomia e trabalha sozinho na maioria das vezes. Essa é a realidade hoje. Antes a gente fazia mais entradas simultâneas de docentes nas turmas. Hoje isso... Nossa! Acho que só Ciências e o TOC [Tecnólogo em Orientação Comunitária] fazem isso...”**. Essa é uma mudança que chama a atenção: enquanto antes muitos professores da UFPR Litoral trabalhavam em duplas ou em trios nos FTP, agora parece que a tendência, em alguns cursos, é o trabalho individual dos docentes nesse espaço curricular. Uma justificativa, do próprio professor Rodrigo, é a carga de trabalho dos professores – que seria um elemento complicador para a docência compartilhada.

Depois de ouvir esses – e outros – relatos sobre os FTP, considero que os Fundamentos Teórico-Práticos se constituem como um espaço de discussão dos fundamentos teórico-práticos dos cursos do Setor Litoral da UFPR. É nesse espaço que as questões específicas de cada profissão são tratadas, com o diferencial de

que o trabalho é realizado a partir da realidade local dos estudantes. Teoria e prática parecem caminhar lado a lado em alguns cursos da UFPR Litoral.

### *Interações Culturais e Humanísticas (ICH)*

Os encontros desse espaço curricular acontecem às quartas-feiras. Dependendo da demanda das turmas de ICH, podem ocorrer encontros adicionais aos sábados em algumas semanas do semestre.

Quando entrevistei a professora Suzana, ela afirmou que **“O espaço das ICH é para ser um espaço de interações culturais e humanísticas mesmo... Que quem venha, venha pelo tema, porque o tema lhe interessa independente de que curso a pessoa está fazendo.”**... O professor Marcos, em sua entrevista, falou nessa mesma direção: **“Nas ICH as salas são abertas: as pessoas se agrupam por tema, pelo interesse... Então, nós temos – ou deveríamos ter – salas com educandos de vários cursos e de vários momentos dentro da Universidade, desde calouros até formandos... E eles estão agrupados pelos temas de seus interesses...”**. Sendo assim, esse espaço curricular proporciona encontros entre pessoas de diferentes cursos, e em fases distintas de seus cursos.

A professora Lenir lembrou que **“As Interações Culturais e Humanísticas são um espaço do desejo de determinado grupo de estudantes. Há um rol de atividades propostas e os estudantes escolhem em quais eles irão participar”**. Ela ressaltou também que, nas ICH, **“É preciso considerar a integração entre os cursos, as relações interpessoais, a questão da solidariedade e de ser colaborativo, e também de abrir espaço para a comunidade participar... Nesse espaço se realizam projetos coletivos e não apenas projetos individuais...”**. Então, nesse espaço, aparentemente, as questões mais importantes são a interação e o compartilhamento de vários tipos de saberes. Em alguns casos, isso pode ser um desafio aos docentes do Setor Litoral. Sobre isso, o professor Renato comentou: **“Nesse espaço [curricular] é preciso reconhecer outro tipo de saber, que é o saber popular... Se o docente acredita que o saber científico é o único saber possível de ser aplicado na universidade, então há possibilidades de fortes estranhamentos! E, nesse caso, o docente, provavelmente, não conseguirá ter uma atuação tranquila, porque ele vai ter estranhamentos com os estudantes... E isso pode acontecer porque o que gera o movimento das Interações Culturais e Humanísticas é o reconhecimento de que pode existir – na turma,**

***na comunidade ou em outro espaço qualquer da sociedade –, pessoas que podem saber mais daquele tema do que você...”***.

Por isso, esse espaço curricular tem gerado atividades diferenciadas na UFPR Litoral. A professora Suzana, por exemplo, contou o seguinte: ***“Eu já mediei uma atividade de ICH de entalhe... [...] E tem um detalhe: eu não entalho! Vale dizer que eu não entalho!!! Eu não entalho... Mas as ICH podem ser propostas pelos professores e podem ser propostas pelos estudantes... E essa atividade de ICH de entalhe foi proposta por estudantes e eu a mediei durante um ano e meio...”***. Algumas pessoas poderiam perguntar: “Como pode uma professora mediar uma atividade de entalhe se ela não entalha?”... A resposta é simples: a professora não entalha, mas havia um estudante da Licenciatura em Artes, Jessé Castro Ramos, que entalha e conduzia as atividades práticas dos encontros da atividade de ICH de entalhe, e a professora Suzana acompanhava as atividades. Esse não é o único exemplo de ICH em que os estudantes conduzem parte das atividades... O professor Renato ressaltou que, na atividade *Comunicação Sem Vergonha*, contava com o apoio do estudante Maurício José Dvorak – que é radialista e propôs uma atividade de ICH sobre comunicação, porque percebeu que vários colegas tinham dificuldades em se expressar publicamente. Outro exemplo foi dado pelo professor Luiz, que mediou uma atividade sobre maricultura com o auxílio de um estudante.

Há também os casos em que pessoas da comunidade externa à UFPR Litoral são convidadas para auxiliar nas atividades de ICH, compartilhando seus saberes. A professora Lenir falou sobre um desses casos: ***“No semestre passado tinha vários alunos querendo fazer curso de mosaico. Eu tenho uma amiga que conhece a técnica do mosaico, então eu a convidei e ela veio passar a técnica para nós. Neste semestre, eu e algumas alunas estamos repassando a técnica para outro grupo de estudantes...”***. Antes disso, ela mediava a atividade de ICH chamada *Feito à Mão*, em que algumas senhoras do município de Morretes compartilhavam técnicas de artesanato com estudantes da UFPR Litoral.

O professor Luiz ressaltou outro aspecto das ICH, dizendo que esse ***“É o espaço [curricular] reservado para discutir temas que não necessariamente fazem parte do currículo oficial do curso. Mas são temas que, de uma forma ou de outra, interagem com o profissional, interagem com o ser humano, interagem com a sua vida de maneira geral... [...] E o fato de interagir com professores e estudantes de outros cursos pode abrir novas portas e novas***

*reflexões... Enquanto na escola tradicional os estudantes praticamente não conversam e os cursos não conversam, aqui [na UFPR Litoral], no espaço das ICH, há a possibilidade de estudantes de cursos diferentes conversarem, interagirem e trabalharem juntos... E há, também, a possibilidade de trabalharem com a comunidade...".* Desse modo, as ICH proporcionam discussões – e ações – que podem abranger olhares de diversos profissionais para uma mesma questão, que envolve a realidade local dos estudantes da UFPR Litoral.

Como disse o professor Emerson, ***“O espaço das ICH é o espaço de um saber da comunidade local e de ações com as comunidades... É um espaço mais aberto da Universidade para interagir com o meio, com o que está além do muro...”***. Em alguns casos, os encontros das ICH acontecem literalmente além dos muros da Universidade. Como exemplos disso, cito o *Feito à Mão* que acontecia em Morretes, mediado por Lenir; e o *Cineclubes Papo Aberto* que vem acontecendo em Pontal do Paraná, sob a responsabilidade do professor Valentim.

Há ainda atividades de ICH que têm encontros tanto nas dependências do Setor Litoral da UFPR como em outros municípios. Esse é o caso do AntonICH – ICH de Antonina; do BagrICH – ICH de Paranaguá; e do ICH de Guaratuba. O professor Valdo falou sobre o AntonICH: ***“[Eram] Pessoas de Antonina estudando Antonina, independente da profissão. E aí você traz a cultura de uma forma geral, a saúde, o transporte, a educação, a política pública, os ciclos de desenvolvimento. E cada um vai contribuindo com o que sabe... E nós vamos trazendo pessoas, que os alunos conhecem como referência nos assuntos, para conversar com a gente.”*** No BagrICH, também mediado por Valdo, aconteciam atividades semelhantes, mas envolviam estudantes que moravam em Paranaguá. Já o ICH de Guaratuba era mediado pelo professor Rodrigo Arantes Reis, que relatou o seguinte: ***“[Eram] Vinte alunos que moram em Guaratuba: alguns deles se conheciam de vista, mas nunca tinham sentado juntos para discutir os problemas e as realidades da cidade – que é o espaço onde eles moram. Então isso, para mim, é um espaço de trocas e de vivências que auxiliam a conhecer um pouco mais do outro, a conhecer outros espaços, a conhecer outras culturas...”*** A partir dessas atividades de ICH há a possibilidade de elaboração de propostas de intervenção nesses municípios. No entanto, a intervenção pode ou não acontecer, pois, em alguns casos, as intervenções

dependem da colaboração das prefeituras municipais – ou de outros fatores que não são da alçada dos estudantes e docentes da UFPR Litoral.

O professor Douglas Ortiz Hamermuller, coordenador pedagógico do Setor Litoral, chamou a atenção para outros aspectos das ICH, dizendo que **“o espaço das Interações Culturais e Humanísticas é necessário para mostrar que o litoral e os seus moradores não têm uma cultura inferior. É preciso mostrar aos estudantes que não existe uma cultura superior e uma cultura inferior. Existem culturas diferentes!”**. Assim, o espaço das ICH contribui também para trabalhar essas questões. Douglas, em sua entrevista, ressaltou ainda que **“Uma universidade situada em grandes centros, ou que tenha uma estrutura grande, tem movimentos culturais onde o estudante pode vivenciar outras culturas. Por exemplo, os estudantes têm a oportunidade de conhecer a Orquestra Sinfônica da Universidade, os estudantes veem os movimentos de cinema, os grupos de artes, os grupos de dança. Algumas universidades podem propiciar isso aos alunos. Mas como as unidades universitárias menores podem propiciar isso aos seus estudantes? É necessário propiciar essa convivência com outros espaços de formação. Acho que isso é inerente ao nível de formação superior. Deveria ser inerente em todo o processo educacional, mas mais ainda no nível da educação superior. E as ICH nos ajudam a propiciar essas vivências aos nossos estudantes, técnicos e docentes.”**. A partir dessa perspectiva, as atividades de ICH podem ganhar outros contornos. Talvez algumas pessoas ainda não compreendam essa potencialidade das ICH.

Alguns professores da UFPR Litoral, em suas entrevistas, falaram sobre algumas atividades que têm acontecido no espaço das ICH e que destoam da proposta desse espaço curricular. A professora Suzana, por exemplo, disse que **“não é recorrência, mas tem muitas ICH sendo transformadas em FTP – não oficialmente, mas a gente sabe que tem acontecido... Não é para isso acontecer, mas acontece! Eu acho que isso está acontecendo por falta de compreensão de tudo que esse espaço pode potencializar...”**. Nesse mesmo sentido, o professor Luiz destacou que **“acontecem muitas coisas legais nas ICH... Mas, às vezes, esse espaço também é utilizado para trabalhar disciplinas dos cursos... Alguns professores utilizam as ICH para trabalhar aquilo que é a especialidade dele... Às vezes, o professor não consegue trabalhar determinado assunto no curso e leva esse assunto para esse espaço. Ou seja,**

*as ICH acabam sendo uma extensão do curso. Isso vem acontecendo nos últimos anos...”. E o professor Renato ressaltou: “Nós sabemos que tem várias atividades de ICH, promovidas por vários professores, que é só conteúdo... É quadro negro e giz – sem grandes movimentos e interação... E isso acontece justamente porque alguns professores entendem o saber científico como o saber primordial e válido... Então, compreendo que abrir a oportunidade para o conhecimento popular dialogar com o saber científico é o grande desafio desse espaço pedagógico! É preciso reconhecer a existência dos dois saberes e é preciso que ambos sejam trabalhados. Sem esse diálogo entre os saberes não há Interações Culturais e Humanísticas!”.*

Mas não são apenas essas questões que têm inquietado os docentes da UFPR Litoral. Alguns professores se mostraram incomodados com temáticas que vêm sendo abordadas no espaço das ICH. A professora Ana Maria Franco, em sua entrevista, afirmou que *“atualmente, o espaço de ICH é um espaço esvaziado... Eu acredito que algumas oficinas sejam oficinas sérias, mas eu não acredito em algumas oficinas. Por exemplo: eu não acredito que uma oficina de dança de salão é uma atividade de ICH... Por mais que você tenha a interação e a cultura... Humanístico?... Eu não vejo assim! Eu acho que as ICH têm que ser algo mais...”*. O professor Luiz também mostrou seu incômodo, dizendo que *“há algumas atividades de ICH que são muito soltas e que não tem caráter de reflexão... Por exemplo: ICH de vôlei... Basta vir aqui e jogar vôlei! O pessoal vem e fica jogando vôlei o tempo inteiro... Não se reflete, não se interage... Então, na prática, algumas atividades acabam fugindo um pouco do que o PPP preconiza... E, por isso, já houve pressão para que se acabe com o espaço das ICH... É uma briga interna! Mas, por enquanto, esse espaço continua...”*.

Sobre esse assunto, há também considerações do professor Rodrigo, que relatou: *“Eu acho que tem algumas coisas que são Interações Culturais e Humanísticas e tem outras coisas que não cabem nesse espaço... Eu mesmo medieei uma atividade de ICH de pôquer... O que alguns alunos queriam? Eles queriam jogar pôquer. Eu falei: ‘Não. Nós vamos estudar o pôquer. Onde tem a estatística do pôquer?’... E os alunos falaram: ‘Não, professor! A gente quer jogar.’... Eu respondi: ‘Tudo bem. A gente joga meio período, toda vez. Mas, antes, a gente vai fazer um estudo sociológico e técnico do que é o pôquer. Já que vocês escolheram a temática do pôquer e me escolheram para mediar*

**esse negócio, então vai ter que ser assim. Se não...’... Mas não é todo mundo que faz isso! Tem professor que diz: ‘Vocês querem jogar pôquer? Então joga! Faz a lista de frequência aí e beleza.’... Isso acontece! A gente sabe que acontece... Isso não é regra. Mas acontece... E isso faz com que a imagem do espaço seja desqualificada. Não precisaria ter essa desqualificação! A gente não precisaria ouvir, por exemplo: ‘Nas ICH pode tudo! Os caras vão lá até para surfar.’... Eu pergunto: ‘Você está querendo dizer que não pode ter ganho pedagógico e que o aluno não pode ter ganho de interação no surf?’... Pode ter, desde que o cara que medeia esse processo saiba fazer essa mediação... A responsabilidade do processo é do docente!’**. Talvez em um espaço curricular que apresenta tanta diversidade – de temas<sup>587</sup> e de metodologias – já fosse de se esperar que essas polêmicas se fizessem presentes. A equipe gestora da UFPR Litoral tem ciência de que essas coisas vêm acontecendo no espaço das ICH, mas não há intervenção dessa equipe no trabalho desenvolvido pelos docentes.

Como disse a professora Lenir, em sua entrevista, **“Acontece tanta coisa nesse espaço que eu erraria se eu falasse que vou contar tudo o que acontece nas ICH... É um espaço muito rico!”**. Por isso, eu também não tenho a pretensão de falar sobre tudo o que acontece nesse espaço curricular. Após ouvir, ler e reler as narrativas sobre as ICH, eu considero que as Interações Culturais e Humanísticas se constituem como um espaço de interações entre discentes e docentes da UFPR Litoral, em que se discutem temas de interesse de grupos de estudantes do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

#### *Projetos de Aprendizagem (PA)*

Esse espaço curricular ocupa vinte por cento da carga horária dos cursos da UFPR Litoral, e os encontros relativos aos PA acontecem, geralmente, às sextas-feiras. Os estudantes do Setor Litoral da UFPR, com o apoio de seus professores mediadores, desenvolvem projetos sobre os mais diversos temas<sup>588</sup>.

<sup>587</sup> As listas das atividades de ICH oferecidas pelo Setor Litoral da UFPR em dois mil e dezesseis estão disponíveis em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/12/Turmas-ICH-2016-1.pdf> (primeiro semestre); e <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/06/Turmas-ICH-2016-2-ATUALIZADA.pdf> (segundo semestre). Acredito que essas listas são suficientes para ilustrar a diversidade de temas abordados nesse espaço curricular da UFPR Litoral.

<sup>588</sup> Os interessados em conhecer os temas dos Projetos de Aprendizagem que estavam em desenvolvimento, em dois mil e dezesseis, na UFPR Litoral, podem acessar a listagem dos PA em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/05/PAs-listagem.pdf>.



Quando questionei o professor Renato sobre os PA, ele respondeu o seguinte: **“Esse é o espaço onde o estudante pode desenvolver projetos, ao longo do tempo acadêmico, mobilizando expectativas pessoais... No início, na tentativa de nos sensibilizar, o Valdo dizia o seguinte: ‘Se o estudante quiser mudar Marte de lugar e colocar ele no lugar de Júpiter, ele pode! E não é o professor que vai dizer que ele não pode... Quem vai mostrar que ele não pode fazer isso é o conhecimento que ele vai acessar e que o professor vai ajudar ele a encontrar... Não será o professor, baseado na sua linha de pesquisa, que vai dizer o que pode e o que não pode.’... Acho que por aí dá para entender a concepção originária desse espaço...”**

A professora Lenir também falou nessa direção: **“Eu entendo os Projetos de Aprendizagem como um espaço para o aluno desenvolver a autonomia na perspectiva de aprender a pesquisar de modo prazeroso, ou seja, um espaço em que o aluno pode escolher uma das suas paixões e, simplesmente, se debruçar em cima dela... [...] de modo geral, acho que é um espaço muito rico, em que você não está vinculado ao curso. Você escolhe o que fazer! Por exemplo: você quer ir para a Lua... Você pode escolher ir para a Lua... E o teu mediador – dependendo de quem ele for, né?! Estou falando da minha perspectiva! – não vai dizer que você não consegue ir para a Lua. Ele vai dizer algo assim: ‘Então, tá! O que você quer estudar primeiro para tentar ir para a Lua?’... E aí o mediador pode sugerir leituras, pode sugerir filmes, pode sugerir entrevistar alguém... Mas o mediador não deve dizer: ‘Isso é impossível.’... O que é impossível? Eu acho que quando se tem uma paixão é muito mais fácil se mobilizar para a aprendizagem... Os PA têm esse foco.”** A partir dessas falas, compreendo que os PA, *a priori*, não precisam estar relacionados com os cursos em que os estudantes estão matriculados no Setor Litoral da UFPR.

O professor Maurício, em sua entrevista, disse que **“O espaço dos Projetos de Aprendizagem é o espaço para o sujeito resgatar aquele desejo ou aquela curiosidade de descobrir coisas, de se interrogar... Então, o PA serve, inicialmente, como uma espécie de despertador para o aluno dizer: ‘Puxa! Eu podia pensar isso!’”**. Maurício relatou também como, geralmente, é realizado o trabalho no espaço dos PA: **“A partir das histórias de vida dos estudantes, nós perguntamos a eles: ‘Qual é o teu desejo? Qual é o teu sonho? O que tu quer fazer? O que tu quer descobrir? O que tu quer estudar?’... Geralmente eles**

*respondem: ‘O curso que eu estou fazendo...’... E nós, professores, falamos: ‘Tudo bem. Mas... E para além do curso? Tu pode estudar qualquer coisa. O que tu quer estudar?’ [...] Porém, às vezes, alguns estudantes ainda falam assim: ‘Mas eu sou do Serviço Social.’ ou ‘Mas eu sou do Turismo.’... E nós insistimos: ‘Não tem problema!’... Porque nos PA não importa em qual curso o estudante está inserido... O que importa é o sentido desse espaço, que é despertar a curiosidade... Talvez despertar não seja a melhor palavra, talvez seja melhor dizer que o sentido desse espaço é o de resgatar a possibilidade do estudante se dar o direito de fazer interrogações sem ter respostas prontas ou politicamente corretas...”. Ou seja, os estudantes do Setor Litoral elaboram e desenvolvem seus PA a partir dos seus interesses e de suas curiosidades pessoais. Porém o professor Marcos lembrou que há uma ressalva: “[Nos PA] Há uma única exigência: que o projeto tenha possibilidade de intervenção na realidade.”. Mas é preciso lembrar que essa intervenção pode não acontecer, pois, muitas vezes, ela depende de fatores que estão além da vontade de docentes e discentes do Setor Litoral da UFPR.*

Sobre o papel dos docentes nesse espaço curricular, o professor Maurício falou o seguinte: *“Os Projetos de Aprendizagem têm um professor mediador – e esse mediador não precisa dominar o conteúdo que o aluno quer estudar. A proposta do mediador é didático-pedagógica no sentido de que o professor é o sujeito que vai problematizar o que o estudante disser... Então, se o estudante diz duas coisas, o mediador problematiza duas, três, quatro coisas a partir da fala do estudante... Ou seja, o mediador possibilita que o estudante pense em alternativas para dar continuidade ao seu projeto”*. Nesse sentido, o professor Luiz explicou como ele, geralmente, trabalha no espaço dos PA: *“Eu pergunto: ‘Qual é o tema do trabalho?’... O estudante responde: ‘O tema é esse, professor.’... E eu questiono: ‘Como você acha que pode fazer?’... Eu tento instigar ele a construir as possibilidades de metodologias de trabalho... Nos primeiros dois ou três meses, eu simplesmente vou fazendo perguntas: ‘O que você quer fazer? Como você quer fazer? Pensa... E, depois, me diz.’... E daí eles me trazem a primeira possibilidade de trabalho e mesmo que eu perceba que eles não vão conseguir, que eles não vão dar conta, eu não falo nada no primeiro momento... Eu penso: ‘Vamos ver como ele vai conseguir se sair bem nesse projeto.’...”*. E assim os estudantes vão pensando em possibilidades de

trabalho juntamente com os mediadores dos PA, nos encontros de mediação dos Projetos de Aprendizagem. E, segundo o professor Maurício, **“a frequência dos encontros de acompanhamento dos PA varia de aluno para aluno: com alguns alunos as conversas são semanais, com outros as conversas são quinzenais – depende do movimento do projeto...”**. Ou seja, não há regras pré-estabelecidas nesse espaço curricular quanto à mediação.

O professor Renato, em sua entrevista, comentou que **“nos Projetos de Aprendizagem o mais importante é o processo de aprendizagem... Talvez o produto final não seja o mais importante. Mais importantes que o produto final são os movimentos criados pelo estudante e pelo professor nas várias ações que se deram ao longo do tempo...”**. Para exemplificar isso, Renato falou sobre um dos PA que acompanhou: um projeto sobre meliponicultura – criação de abelhas sem ferrão – desenvolvido pelo estudante Maicon Canton. Esse estudante propôs que Renato acompanhasse seu projeto, e, a partir disso, eles ofereceram uma atividade de ICH sobre o tema; essa atividade gerou tamanha demanda, que acabou se transformando em um Projeto de Extensão do Setor Litoral da UFPR.

O professor Luiz também afirmou que **“nos Projetos de Aprendizagem o processo é mais importante que o produto”**. Mas compreendo que Luiz falava em outro sentido. Luiz contou que uma estudante desejava realizar uma intervenção nos pontos de ônibus – ou abrigos de ônibus – do seu bairro, porque considerava que esses locais eram muito ruins. Depois de ler sobre o assunto, de conversar com funcionários da Prefeitura e com vereadores do seu município, essa estudante compreendeu que não poderia realizar tal intervenção, pois há uma empresa responsável pela manutenção dos pontos de ônibus de seu município. Segundo o professor Luiz, **“mesmo sem conseguir fazer o que ela queria, a vivência dela nesse processo foi algo espetacular!... Tanto em relação ao aprendizado teórico da questão, quanto em relação ao contato com a realidade... O contato com a metodologia científica e com a construção de trabalhos acadêmicos também foi importante...”**. Outro exemplo citado pelo professor Luiz é de um estudante que queria preservar um espaço de restinga, para desenvolver um trabalho, envolvendo questões socioambientais, com estudantes de uma escola pública de Matinhos. No entanto, durante o processo de desenvolvimento do projeto, houve uma tempestade e esse espaço de restinga foi destruído – em um processo natural. Esse estudante não conseguiu desenvolver o projeto que gostaria, mas

aprendeu diversas coisas enquanto o desenvolveu. O professor Luiz ressaltou que **“No final ele fez um relatório mostrando toda essa vivência e as dificuldades dele.”** Ou seja, o processo de desenvolvimento desses projetos foi mais importante do que os registros escritos sobre eles e/ou suas conclusões formais.

A professora Ana Maria, em sua entrevista, mostrou preocupação em relação ao espaço dos PA; segundo ela, **“é prematuro ter PA no primeiro ano de curso... Acho que noventa e nove por cento da Universidade vai dizer que não, mas eu acho prematuro... Eu acho que os nossos alunos não conseguem visualizar o que é um projeto... [...] Enfim, eu acho que os PA precisam ser reformulados. Eu acho que eles precisam sofrer algumas modificações, justamente por conta do aluno ficar meio perdido no início... [...] Os PA partem do desejo dos estudantes? Sim... Mas muitos alunos acabam fazendo qualquer coisa porque não conseguiram visualizar o que queriam ou poderiam fazer...”**

O professor Luiz parece lidar com essa questão de outro modo, pois afirmou: **“A grande maioria dos estudantes não tem muita noção do que pode fazer ou de como pode fazer os PA... Eles começam a fazer os projetos e as dificuldades começam a aparecer... Alguns estudantes conseguem perceber essas dificuldades e começam a procurar outros caminhos... Outros estudantes não conseguem fazer isso sem a ajuda dos professores... Eu acho que a maioria sente dificuldades e não consegue superá-las sozinho... E aí vem o papel do mediador, né?! Que é o papel de tentar mostrar caminhos para os estudantes... Nesses casos, eu falo: ‘Quem sabe se você fizer assim ou assim.’... Eu tento mostrar os métodos. Eu acho que esse é o espaço para a construção de conhecimento e metodologia...”** Ou seja, os docentes – que atuam no mesmo curso – podem olhar para a mesma questão de modos distintos. E não há certo ou errado. Há diferentes modos de se olhar para a questão.

Outra perspectiva, sobre os PA, foi apresentada pela professora Lenir: **“O triste é que a maioria das pessoas chega ao Ensino Superior sem paixão alguma – ainda mais esses alunos que nós recebemos aqui [na UFPR Litoral]... E essa falta de paixão faz com que os alunos busquem um tema dentro do curso deles, algo que tenha relação com o curso, porque eles não conseguem pensar em outras coisas... Os sonhos já foram esmagados... As paixões já se foram... E tem outra coisa: a paixão, para quem não tem o que comer, pode ser comer um chocolate; a paixão de quem nunca foi ao cinema – como vários**

*alunos que eu tive – pode ser ir ao cinema... O sonho, a paixão e o desejo acabam sendo fazer essas coisas... Isso dificulta, né?! Então, eu acho que esse não é um espaço simples... E acho também que, em alguns momentos, ele não atinge aquilo que se propõe. Mas esse é um espaço livre para o sujeito, mesmo que ele fique sem descobrir a paixão dele do início ao fim do curso. Nesse caso, ele pega alguma coisa do curso e vai estudando e pesquisando...”.* Entre tantas complexidades, os professores da UFPR Litoral vão aprendendo a trabalhar nesse espaço curricular.

E isso não acontece sem dificuldades... O professor Valentim, em sua entrevista, afirmou: *“o espaço em que, eu confesso, ainda tenho mais dificuldade é o espaço dos Projetos de Aprendizagem... Por quê? Porque é onde eu mais tenho que trabalhar a minha aceitação. O meu tempo e o tempo do outro... Às vezes, nos PA a gente acha que o projeto é nosso e demora um pouco para entender que o projeto é do outro... É o aluno que está construindo o saber, é o aluno que está construindo o conhecimento. Às vezes, eu digo: ‘Você não veio na mediação! Você nem me avisou!’... Ou ainda: ‘Você disse que ia fazer!’... E o aluno tem a justificativa de por que não fez ou por que não veio... Às vezes, eu cobro um aluno de alguma coisa e o aluno diz: ‘Professor, eu troquei o projeto. Agora estou fazendo outra coisa.’... E eu já disse coisas assim: ‘Pô... Mas estava indo tão bem... Estava legal.’... Ou seja, eu estava gostando do projeto, mas o projeto era dele... Então, o PA é muito bacana, porque o aluno realmente exerce a autonomia dele – no tempo dele e com aquilo com que ele tem afinidade. O aluno vai construindo... Isso rompe completamente com o mais tradicional do mais tradicional da academia, porque enquanto no processo tradicional se exige que o aluno construa determinados conhecimentos em um determinado tempo, nos PA os alunos constroem os conhecimentos deles no tempo deles. E o professor precisa entender que é o tempo do aluno e não o tempo do professor... Às vezes o professor fala: ‘Pô! Mas você ainda não leu aquele livro? Já faz meses que você está com o livro... Não leu ainda?’... Não... Não leu! É o tempo dele... Talvez o tempo dele exija dois meses, talvez exija três meses, talvez exija até abandonar o livro... Eu fico pensando: ‘Quantos livros eu já abandonei? Quantos livros eu não li? Quantas coisas eu devia ter lido e não li? Quantas vezes, no mestrado e no doutorado, eu não li artigos que tinha que ter lido?’*

**Quantas vezes eu deixei leituras pela metade? Quantos conhecimentos não foram construídos porque não faziam sentido?’... E quantas vezes eu pensei: ‘Eu podia ter gastado esse tempo construindo outros saberes.’?... Por isso, eu acho o espaço dos PA fantástico! Ele permite que o aluno exerça a autonomia no tempo dele...”. Respeitar o tempo do outro nem sempre é fácil. E, a partir do relato do professor Valentim, penso que essa é uma questão fundamental no trabalho desenvolvido pelos professores da UFPR Litoral nos PA.**

Cabe ressaltar também que os PA podem ser desenvolvidos em duplas ou em trios, que podem ser compostos por estudantes de cursos distintos, Mas, segundo o professor Valdo, **“na prática, você vê dois estudantes do mesmo curso fazendo PA junto... Daí você pergunta: ‘Por que você fez o PA com um aluno do teu curso? Por que não procurou fazer, por exemplo, com um aluno de Gestão Ambiental ou de Turismo? Se tivessem trabalhado juntos, poderiam ter chegado a dois conhecimentos.’... E o aluno responde: ‘Ah... Porque o professor prefere que sejam os dois alunos do mesmo curso’... E por que o professor prefere isso? Porque ele é disciplinado! E daí qualquer coisa que fuja do caminho que ele segue, ele procura evitar. Ele tende a puxar o aluno para a especialização o tempo inteiro...”**. Ou seja, enquanto o espaço permite interação entre os cursos, alguns professores preferem que essa interação não aconteça e que os projetos sejam desenvolvidos no âmbito dos cursos.

O professor Renato destacou também que **“há desistência de Projetos de Aprendizagem... Vários estudantes desistem de um projeto para entrar em outro! E não há problema nisso, desde que aconteçam movimentos de consolidação de outro projeto. E também há casos em que os estudantes desistem de um mediador e procuram outro... Isso gera um monte de problema para nós, do ponto de vista administrativo e acadêmico... [...] Mas não há problema nisso do ponto de vista pedagógico...”**. Enquanto essas coisas acontecem, a equipe gestora pensa em modos de facilitar essas questões burocráticas. E os caminhos para resolver esses problemas vão sendo trilhados ao mesmo tempo em que as demandas são criadas pelas circunstâncias que envolvem o desenvolvimento dos PA.

As entrevistas com os professores trouxeram vários exemplos sobre Projetos de Aprendizagem que foram – ou estavam sendo – realizados na UFPR Litoral nos últimos semestres. Além dos projetos já citados neste texto, houve

exemplos de PA que tematizavam artesanato, construção de casa, construção de um centro de hemodiálise, formação docente, população em situação de rua, trabalho em pousadas, e tantos outros temas. Alguns desses PA foram interrompidos, outros concluídos – atingindo ou não os seus objetivos iniciais. Todos os exemplos me ajudaram a compreender esse espaço curricular.

A partir desses – e de outros – relatos sobre os PA, considero que os Projetos de Aprendizagem constituem um espaço em que os estudantes da UFPR Litoral podem desenvolver projetos sobre temas de seus interesses, independentemente do curso em que estão matriculados, contando com a colaboração de seus professores mediadores durante todo o processo de desenvolvimento de seus projetos.

#### *Outras considerações sobre a proposta pedagógica da UFPR Litoral*

Depois de apresentar cada espaço curricular separadamente, penso que é necessário pensar sobre como esses espaços curriculares se unem para dar forma à proposta pedagógica da UFPR Litoral.

O professor Maurício explicou como isso acontece: ***“Aqui na UFPR Litoral nós trabalhamos com três espaços curriculares: Projetos de Aprendizagem; Interações Culturais e Humanísticas; e Fundamentos Teórico-Práticos... Esses espaços curriculares são separados, não lineares e dialéticos, que se complementam e que têm movimentos próprios – próprios de seu espaço e próprio do aluno. Então, cada aluno pode ter uma conceituação do que é cada um dos espaços curriculares. Se você conversar com vinte alunos, talvez os vinte alunos vão dizer coisas diferentes sobre esses espaços. E a proposta é esta! Espera-se que isso aconteça, pois se espera que o aluno se aproprie dos espaços e dialogue consigo mesmo e com os espaços a partir da sua construção histórica no curso, das suas propostas e dos seus desejos.”*** Assim, compreendo que há várias propostas pedagógicas da UFPR Litoral. Não afirmo isso pensando apenas nos vários cursos, mas na singularidade de cada estudante e de cada professor do Setor Litoral da UFPR; e em como cada um deles se apropria e cria uma proposta para a instituição.

Acredito que a organização curricular da proposta pedagógica do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná faz com que os limites entre alguns cursos de graduação se tornem tênues. Isso causa estranhamentos a alguns e abre

novas possibilidades para outros. O professor Valdo comentou esse assunto, dizendo: ***“No nosso caso, a fronteira entre os cursos é muito tênue. Na maior parte do tempo nós não temos os estudantes dentro do seu curso. Nós temos as carreiras porque para legalizar nós tivemos que pôr as carreiras, foi só exigência de legislação... Se dependesse de nós, os estudantes circulariam muito mais. Mas, mesmo com as carreiras, durante trinta ou quarenta por cento do tempo não tem divisão entre os cursos, porque os Projetos de Aprendizagem e as Interações Culturais e Humanísticas permitem que os alunos não fiquem separados por cursos. Nas ICH você não precisa seguir nada do teu curso! E os PA você faz com quem você quiser – pode ser feito em dupla e não precisam ser os dois do mesmo curso.”***

Diante disso, há quem duvide da formação profissional que vem sendo oferecida no Setor Litoral da UFPR, mas também há quem acredite nessa proposta educacional. O professor Renato, por exemplo, afirmou: ***“Eu julgo que os nossos estudantes saem daqui preparados para enfrentar os problemas e os desafios da profissão que eles escolheram, porque aqui eles têm a oportunidade de vivenciar vários processos nas Interações Culturais e Humanísticas, nos Projetos de Aprendizagem e nos Fundamentos Teórico-Práticos...”***. Após conhecer a proposta pedagógica do Setor Litoral, de observar alguns de seus movimentos e de ouvir narrativas sobre o que vem acontecendo ali, eu acredito nas palavras do professor Renato. Penso que esses três espaços curriculares proporcionam diversas vivências aos estudantes e essas vivências os preparam para atuar em seus campos profissionais.

Julgo pertinente registrar, neste texto, que, durante a realização desta pesquisa de doutorado, eu comecei a compreender que as apropriações de uma proposta pedagógica são mais importantes – ou mais ricas – do que o registro formal dessa proposta. Digo isso porque **A** proposta pedagógica é algo estático, enquanto suas apropriações, que criam **AS** propostas pedagógicas, podem ser dinâmicas. Compreendo que são as apropriações, as produções de significado, que desencadeiam movimentos.



## PEQUENAS (GRANDES) MUDANÇAS EM UM PROJETO EDUCACIONAL

As narrativas, registros da ação, permitem compreender algumas das crenças segundo as quais as pessoas agem. Permitem compreender que não há manutenção eterna nem alteração frequente: mostram que mantemos hábitos no esforço de rompê-los, que afirmamos querer romper hábitos para que possamos mantê-los. Ao fim e ao cabo, mostram que vivemos num mundo no qual esses discursos têm lugar e, de um modo ou outro, fazem sentido.

Antonio Vicente Marafioti Garnica  
(2012, p. 339)

A UFPR Litoral, além de ser o Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, é um projeto educacional de Ensino Superior. Sua proposta pedagógica se diferencia das propostas pedagógicas de outras tantas instituições brasileiras de Ensino Superior, e também se diferencia da proposta dos demais setores da UFPR. A gestão da UFPR Litoral, em princípio, também era visivelmente diferenciada em relação aos demais setores da Universidade Federal do Paraná. No entanto, aos poucos, esse projeto educacional vem perdendo algumas das suas características iniciais. Mas isso não tem acontecido sem movimentos de resistência de parte da equipe que constitui a UFPR Litoral.

Alguns professores do Setor Litoral da UFPR, em suas entrevistas, relataram seus descontentamentos com as mudanças que vêm ocorrendo. Outros professores defenderam algumas alterações nesse projeto educacional, ao mesmo tempo que atacaram outras mudanças que ocorreram nos últimos anos. As entrevistas realizadas com esses professores, durante o doutorado, permitiram registrar alguns dos descontentamentos desses docentes. Essas narrativas também dispararam alguns questionamentos em relação às alterações que se concretizaram e às mudanças que estão em vias de se efetivar no Setor Litoral da UFPR.

Talvez o meu olhar, um tanto distante do cotidiano da UFPR Litoral, me leve a apontar argumentos que foram debatidos, em algum momento, nas instâncias cabíveis do Setor Litoral – e dos quais eu não tomei conhecimento dada a impossibilidade de acompanhar todos os movimentos que vêm acontecendo na instituição. No entanto, esses questionamentos não devem ser lidos como críticas

deliberadas ao Setor Litoral da UFPR e aos que o constituem. Tais questionamentos devem ser entendidos como parte de um processo de compreensão dos movimentos de mudança que vêm acontecendo na UFPR Litoral.

Em muitos momentos desta pesquisa eu me perguntei: “Por que a UFPR Litoral vem perdendo suas características iniciais? O que faz com que, aos poucos, esse projeto educacional vá se transformando em algo semelhante ao que temos em outras instituições brasileiras de Ensino Superior?”... Não sei se há respostas para essas perguntas, mas acredito que encontrei indícios que podem levar a possibilidades de respostas. Esses indícios foram registrados nas entrevistas com os colaboradores desta pesquisa; e me ajudarão a compor este texto<sup>589</sup>.

\*\*\*\*\*

O projeto educacional da UFPR Litoral começou a ser desenhado em dois mil e um, durante o período de eleições para a Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Isso se deu porque o então candidato a reitor, Carlos Moreira Júnior, convidou o professor Valdo José Cavallet para compor e organizar sua chapa; prometendo que, se ganhasse as eleições, o professor Valdo assumiria a Pró-Reitoria de Graduação e poderia elaborar um projeto educacional que seria implantado com o apoio da Reitoria da Universidade Federal do Paraná.

Carlos Moreira Júnior venceu as eleições, e a implantação desse projeto educacional teve início em dois mil e quatro, com a criação do *Câmpus* Litoral da UFPR. No princípio, esse projeto contava com parcerias entre o Governo Federal, o Governo do Estado do Paraná e a Prefeitura Municipal de Matinhos; e também entre três instituições de Ensino Superior: a UFPR, o Cefet-Pr e a Fafipar. No entanto, essas parcerias não funcionaram como planejado. As parcerias interinstitucionais não se efetivaram, pois, segundo o professor Valdo, **“O Cefet desistiu de participar bem no comecinho, porque eles queriam a mudança para universidade, eles estavam buscando mudar de Cefet para UTFPR e aí decidiram sair do projeto.**

---

<sup>589</sup> Para isso, utilizarei recortes das entrevistas. A fim de evitar repetições, citarei o nome completo dos professores apenas na primeira vez em que eles aparecerem; depois mencionarei apenas os primeiros nomes dos colaboradores. Para padronizar as citações das entrevistas, as apresentarei no corpo do texto, entre aspas, em itálico e em negrito – independente do número de linhas da citação.

**[...] E a Fafipar abriu [somente] um curso de Pedagogia aqui, que permanece até hoje, apesar das dificuldades [financeiras]”<sup>590</sup>.**

Já as parcerias intergovernamentais funcionaram como esperado apenas no início do projeto. O professor Valdo contou que, em princípio, **“o Governo Federal ficou responsável pela contratação dos quadros [de docentes e de funcionários do novo Câmpus da UFPR] [...]... O Governo do Estado do Paraná ficou responsável pela infraestrutura [desse Câmpus]... E, à medida que tivessem unidades nos municípios da região, as prefeituras ficavam responsáveis pelas contas de telefone, de água, de luz e pela segurança. Isso é o protocolo assinado... No entanto, essas relações começaram a ficar muito difíceis quando começaram a acontecer mudanças políticas... Desde que o Beto Richa<sup>591</sup> passou a ser governador do Paraná, o Governo do Estado nunca mais olhou para esse projeto. E a Prefeitura Municipal de Matinhos, com a mudança de prefeito, em dois mil e oito, também deixou de cumprir a sua parte. O atual prefeito de Matinhos tirou toda a parte da prefeitura – que era a luz, a água, o telefone, a limpeza e a segurança... Da noite para o dia, ele tirou tudo. E aí a UFPR foi assumindo tudo o que os outros foram deixando.”<sup>592</sup>.** Mas quem dera essas tivessem sido as únicas mudanças políticas que ocasionaram transtornos à UFPR Litoral.

Acredito que, até o momento, a mudança na Reitoria da própria UFPR, em dezembro de dois mil e oito, tenha sido a mudança política que mais impactou no

<sup>590</sup> De acordo com o Termo de Cooperação União, Estado do Paraná e Município de Matinhos, disponível em UFPR Litoral (2008b), competia à UFPR a implantação, manutenção e certificação dos cursos de graduação em Bacharelado em Turismo, Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e Bacharelado em Gestão Ambiental, e dos cursos técnicos em Transações Imobiliárias, Técnico em Aqüicultura e Técnico em Enfermagem; competia ao Cefet-PR a implantação, manutenção e certificação do curso Técnico em Construção Civil; e competia à Fafipar a implantação, manutenção e certificação do curso de graduação em Pedagogia Licenciatura Plena. As instituições responsáveis deveriam disponibilizar docentes e técnicos para tais cursos – que deveriam funcionar de acordo com as propostas pedagógicas de cada instituição. No entanto, cabe dizer que, desses cursos previstos, o único ofertado, à época, foi o curso de Pedagogia.

<sup>591</sup> Carlos Alberto Richa é governador do Estado do Paraná desde 01/01/2011 (foi reeleito governador em dois mil e quatorze).

<sup>592</sup> De acordo com UFPR Litoral (2008b, p. 5), o Governo Federal autorizaria as vagas necessárias para professores e para técnicos administrativos, e liberaria recursos para o novo *Câmpus*; o Governo do Estado do Paraná reformaria o prédio em que o *Câmpus* seria instalado, e liberaria recursos para laboratórios e bibliotecas; e a Prefeitura Municipal de Matinhos contribuiria com a segurança e a limpeza dos espaços da Universidade – no entanto, de acordo com o Termo de Cooperação União, Estado do Paraná e Município de Matinhos, disponível em UFPR Litoral (2008b), a Prefeitura Municipal de Matinhos também era responsável pelas despesas de água, luz, telefone e IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) do imóvel utilizado pela Universidade; e devia disponibilizar, no mínimo, dois servidores (administrativo e técnico) para prestarem serviços na Universidade (o tipo de serviço não está especificado no documento).

funcionamento da UFPR Litoral. O professor Valdo contou que o novo reitor, Zaki Akel Sobrinho, **“começou a interferir direto [na UFPR Litoral], porque ele não concorda com o tipo de trabalho que nós fazemos.”** Ouvindo mais um pouco o professor Valdo fica fácil compreender isso: **“Quando eu era pró-reitor da graduação [na gestão anterior da Reitoria], o projeto do [Setor] Litoral era muito comentado, porque ele era um projeto DA Reitoria.”** A mudança de reitor fez com que isso mudasse drasticamente, pois o Setor Litoral da UFPR passou a ser tratado de outro modo. Ainda de acordo com Valdo, **“Hoje em dia, esse projeto [educacional] tem que ser conduzido como um projeto que precisa ficar negociando tudo com a Reitoria – seja convencendo eles de alguma coisa ou se submetendo a pressões descabidas.”** Essas pressões são as mais variadas, e algumas têm afetado diretamente o funcionamento da UFPR Litoral.

Depois de certo tempo resistindo à pressão para que se elaborasse um Regimento Setorial, em dois mil e doze a comunidade da UFPR Litoral começou a se organizar quanto a isso. O professor Renato Boichichio, comentando esse assunto, afirmou que **“A reivindicação [da Reitoria] era que se fizesse um regimento padrão, mas nós não nos identificamos com esse padrão e instauramos uma assembleia regimental e conseguimos chegar a um consenso – depois de um mês de trabalho...”** Nessa proposta alternativa de Regimento Setorial estava registrada a vontade – de parte – da comunidade da UFPR Litoral quanto à gestão do Setor. Em sua entrevista, o professor Renato ressaltou: **“Nós queríamos um Conselho Setorial paritário, representado por todas as categorias de modo paritário: trinta e três por cento – estudantes; trinta e três por cento – técnicos; e trinta e três por cento – docentes. Isso na gestão! Isso nos processos decisórios... Não era na eleição de diretor, era na gestão, nos processos decisórios do Setor [Litoral]... [Mas] Essa proposta foi vetada no Conselho Universitário da UFPR por setenta e trinta na votação – conforme a mesma proporção observada no Regimento Geral da UFPR: setenta por cento – docentes; trinta por cento – técnicos e estudantes... E não houve qualquer oportunidade de se alimentar uma possibilidade nova, não teve oportunidade da Universidade se repensar... E isso aconteceu no momento em que a UFPR discutia o seu Estatuto... E, mesmo assim, a nossa proposta não foi considerada nem como projeto piloto... Ela poderia ser ao menos observada, mas foi rechaçada...”** A partir desse episódio, como disse o

professor Luiz Fernando de Carli Lautert, o Regimento Setorial da UFPR Litoral **“acabou seguindo a receita do Regimento da UFPR”**, que, como lembrou o professor Marcos Aurelio Zanlorenzi, é um Regimento **“criado na ditadura militar, ou seja, um Regimento bastante antigo e bastante rígido.”** Mas, infelizmente, parece que não havia outro caminho já que não houve espaço para uma discussão sobre o assunto no Conselho Universitário da UFPR.

Como consequência direta do Regimento Setorial, o Conselho do Setor Litoral mudou. O professor Luiz contou que **“o Conselho aqui do Setor [Litoral] era totalmente diferente dos conselhos da maioria das universidades... O nosso Conselho se reunia semanalmente e nós tínhamos quatro horas de reunião... Quatro horas de reunião toda semana! Essas reuniões envolviam todos os cursos... E todos os professores e todos os alunos podiam participar... A comunidade também podia participar. Todos podiam falar! E todos podiam ajudar a decidir as questões em pauta... Nos primeiros anos o Conselho [Setorial] foi assim...”**. A professora Lenir Maristela Silva, em sua entrevista, disse que **“Nessas reuniões [de Conselho] eram discutidas todas as questões que envolviam o Setor [Litoral]... As pessoas que participavam das reuniões decidiam os rumos do projeto. Então, bastava participar!”**... Essas reuniões foram conduzidas desse modo desde a criação do *Câmpus* Litoral da UFPR até a aprovação do Regimento Setorial, em dois mil e treze.

A partir daí, segundo o professor Luiz, **“o Conselho passou a ser definido por representantes... O Conselho acabou se transformando em uma coisa burocrática... Agora as decisões não passam pelas discussões coletivas, agora são os pareceres dos conselheiros que decidem – como acontece nas outras universidades.”**. Falando sobre isso, o professor Maurício Cesar Vitória Fagundes ressaltou que, pelo que ele sabe, **“[nas reuniões] raramente se discute o mérito do parecer emitido por qualquer conselheiro... O sujeito, quando discute, só discute alguma perfumaria no entorno ou questiona quando alguém faz uma proposta. Ou seja, a reunião fica polarizada na intencionalidade política de quem faz uma proposta e de quem faz parte do Conselho e não quer que aquela proposta avance.”**. Desse modo, as questões burocráticas ganharam espaço nas reuniões do Conselho Setorial, e parece que a tendência é que elas se tornem a prioridade nessas reuniões.

Outro prejuízo pedagógico, comentado por alguns professores, diz respeito à interação entre os cursos do Setor Litoral. O professor Marcos afirmou que **“antes [nas reuniões do Conselho] havia relatos do que estava acontecendo nos cursos. Hoje isso não acontece mais...”**. Sobre esse assunto, o professor Luiz comentou: **“Enquanto lá atrás havia muita interação entre os cursos, porque todo mundo participava das reuniões de Conselho [Setorial], agora quase não se tem essa interação... Os cursos quase não conversam... Cada curso tem a sua Câmara, tem o seu representante e esse representante vai ao Conselho e faz as discussões burocráticas... Então, não há uma interação entre os cursos... Quando as reuniões do Conselho eram semanais, havia espaço para relatos sobre o que acontecia em cada curso... E, assim, todo mundo ficava sabendo das atividades dos outros cursos. Hoje não existe isso! Hoje você não sabe o que está acontecendo em outros cursos... Só sabe o que está acontecendo nos cursos em que você atua... Essa mudança compartimentou... Eu não sei se isso é um processo orgânico da Universidade, se é uma coisa natural... Mas penso que perdemos com isso...”**. Desse modo, às vezes, os estudantes e docentes da UFPR Litoral perdem a oportunidade de participar de algumas atividades organizadas por cursos distintos dos seus, porque não sabem que tais atividades estão acontecendo no Setor Litoral.

O professor Rodrigo Arantes Reis, em sua entrevista, falou sobre outro aspecto relativo às reuniões do Conselho: **“antes, no Conselho, os assuntos eram pautados enquanto temas para serem debatidos. Muitas vezes aconteciam conversas sobre determinados assuntos... Por exemplo: ‘Vamos discutir as ICH.’... Então, discutia as ICH e vinha a opinião de uma pessoa, vinha a opinião de outra pessoa e todo mundo podia falar... Chegava a alguma conclusão? Não!!! Mas não tem que chegar a conclusões, porque esse é o processo, a gente está construindo... Hoje isso não acontece mais. Hoje o negócio é processual: encaminha um processo, o processo tem um relator, o relator faz a leitura – como é no restante da Universidade. Então, o Conselho [Setorial] passou a ser uma estrutura burocratizada.”**. Com isso, as discussões pedagógicas, que antes entravam em pauta com certa frequência, perderam espaço nessas reuniões.

Assim, como relatou o professor Maurício, o **“Conselho [Setorial] foi de um extremo a outro: onde participava todo mundo, hoje só participam os**

*coordenadores de curso, dois representantes dos estudantes e dois representantes dos técnicos... E tudo que se decide lá é deliberativo... Então, você não discute mais... Não tem mais discussão!”*. Além disso, o professor Luiz destacou que *“a periodicidade das reuniões também mudou: antes nós nos reuníamos semanalmente, depois as reuniões passaram a ser quinzenais, depois mensais e agora o Conselho [Setorial] é convocado... Ou seja, ele não tem mais um espaço fixo...”*. As narrativas dos colaboradores mostraram que o Regimento Setorial alterou toda a organização do Conselho do Setor Litoral.

Mas é importante notar que, antes dessas mudanças, havia docentes descontentes quanto à organização do Conselho do Setor Litoral. O professor Marcos falou sobre esse assunto: *“A reunião [do Conselho Setorial] era aberta: educandos, professores, servidores, quem quisesse participar participava... E quem participava tinha direito a voz e a voto. Sem cota, sem nada... Isso gerou, para muita gente, um incômodo muito grande, porque nós temos embates pelo poder aqui dentro – como há em qualquer outro lugar... Embates políticos, embates pelo poder... E nesse tipo de democracia é difícil ter uma hegemonia... Quem consegue ter hegemonia é porque consegue transitar pelos espaços de educandos, de técnicos e de professores. E como o espaço era aberto e os alunos votavam, então se você conseguisse reunir duzentos alunos em uma reunião de Conselho, esses duzentos alunos votavam e você poderia ter duzentos votos a seu favor – contra os votos de cinquenta professores, por exemplo... Isso incomodava muito, muito, muito...”*. O coordenador pedagógico, Douglas Ortiz Hamermuller, em sua entrevista, também tocou nesse assunto, e disse que, com o tempo, a organização do Conselho *“ficou fragilizada em função da forma”*; Douglas deu um exemplo: *“se todos os estudantes, técnicos e professores fossem em uma reunião do Conselho, como seria o controle da votação?”*. Douglas relatou que *“Esse era um problema. Como fazer a contagem dos votos? E aí vinha a crítica. E isso foi ficando cada vez mais complicado.”*

Acredito que se o problema fosse realmente apenas a contagem dos votos, a gestão do Setor Litoral poderia ter encontrado meios simples para computá-los e teria resolvido a questão. Acredito que nas entrelinhas dessa história há motivos políticos que desencadearam tantos conflitos na UFPR Litoral. Foi essa tensão constante no Setor Litoral que desencadeou movimentos políticos na Universidade

Federal do Paraná; e, como consequência disso, o Regimento Setorial foi aprovado e acarretou as mudanças desaprovadas por muitos professores da UFPR Litoral.

Outro espaço que vem se transformando no Setor Litoral é a Câmara Pedagógica de Curso, o órgão deliberativo e consultivo dos cursos de graduação. O professor Renato contou que **“No início [desse projeto educacional], cada professor participava da Câmara mais próxima da sua área de conhecimento e da Câmara mais distante da sua área. Isso garantia a interdisciplinaridade...”**. Ou seja, cada professor participava de duas câmaras. Segundo o professor Emerson, **“As câmaras eram um espaço para a pessoa tentar entender a profissão e o pensar do outro, mas era também um espaço em que se tentava construir uma identidade do curso”**. No entanto, essa participação em duas câmaras nem sempre acontecia de modo tranquilo. De acordo com o professor Emerson, alguns professores afirmavam: **“Eu não vou naquela Câmara porque eu não entendo nada daquilo.”**. Depois de um tempo, os professores foram percebendo que era difícil atuar em duas câmaras. Segundo o professor Luiz, **“O problema não é dar aula em dois cursos, o problema é trabalhar em duas câmaras com a mesma efetividade e a mesma qualidade... A demanda é grande!”**. Por isso, atualmente, os professores podem escolher entre participar de uma Câmara ou de duas câmaras no Setor Litoral.

No entanto, essa não é a única mudança no âmbito das câmaras. Em sua entrevista, a professora Suzana Cini Freitas Nicolodi ressaltou: **“As reuniões das Câmaras têm sido bem mais administrativas e bem menos pedagógicas do que eu gostaria.”** Ela não foi a única pessoa que demonstrou descontentamento sobre esse assunto. O professor Valentim da Silva, por exemplo, contou o seguinte: **“Quando eu comecei a trabalhar aqui, as reuniões de Câmara eram mais pedagógicas... A gente discutia bastante a estrutura pedagógica, os encaminhamentos pedagógicos, as metodologias, os FTP, as ICH, os PA... A gente discutia o que estava acontecendo com os alunos, falava das dificuldades que os alunos estavam enfrentando, tinha troca de experiência, tinha relato das turmas – então, a gente sempre sabia o que estava acontecendo em todas as turmas do curso... A gente discutia textos... Depois do Regimento Setorial, essas reuniões ficaram bem mais burocráticas; os encaminhamentos são burocráticos no sentido de: assina aqui, assina ali, alguém vai sair, alguém vai entrar, temos que terminar tal coisa até tal dia,**



**temos que rever a ementa do curso... Então, as reuniões ficaram burocráticas mesmo, e muito chatas. Totalmente sem sentido!**". Mais uma vez, percebe-se que as questões pedagógicas vão perdendo espaço para as questões burocráticas na UFPR Litoral.

O professor Marcos também falou nesse sentido: **"No início do meu trabalho aqui as reuniões de Câmara eram mais voltadas para as questões pedagógicas. Então, se discutia muito mais o curso, falando de Ciências, por exemplo... E, em cada reunião, os professores, que mediavam as turmas, faziam relatos de como as turmas estavam e de como as coisas estavam acontecendo. Isso gerava discussão e havia sugestões dos outros colegas de Câmara que trabalhavam com as outras turmas. Havia uma interação muito grande em relação à questão pedagógica. Mas, em determinado momento – que eu não vou saber dizer quando foi –, as questões burocráticas começaram a tomar conta da reunião de Câmara... E aí a discussão pedagógica começou a se esvaziar. E eram discussões pedagógicas, inclusive, por concepções – concepções, por exemplo, de o que é Ciência... [...] Mas, com o passar do tempo, a burocracia foi tomando conta das reuniões... As questões de ordem prática e burocrática acabaram tomando conta das reuniões de Câmara... Até o semestre passado, quando eu ainda estava atuando no curso de Ciências, pouco se discutia sobre as questões pedagógicas nas reuniões. Aliás, eu fiz vários pedidos para que acontecessem reuniões específicas sobre avaliação – que é uma coisa que as pessoas têm dificuldade de discutir... É uma questão bastante polêmica... E pedi também que a gente discutisse sobre o estágio do curso... Várias vezes pedi que tivéssemos um momento para se discutir o estágio... Mas essas duas discussões nunca aconteceram efetivamente...".** Não sei o motivo desses pedidos – aparentemente – não terem sido considerados pela Câmara, mas é de se estranhar que isso tenha acontecido, pois alguns colaboradores destacaram que há necessidade de se discutir as questões referentes ao estágio do curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral. Talvez tais discussões não tenham ocorrido, à época, exatamente por se tratarem de temas considerados *espinhosos* por alguns docentes.

Eu compreendo os descontentamentos dos professores em relação às reuniões de Câmara, pois entendo que esse era um espaço importante para as discussões pedagógicas. Mas também é preciso compreender outro aspecto das

câmaras, pois como disse o professor Luiz, as câmaras **“têm suas etapas de desenvolvimento.”** Na primeira fase das câmaras, segundo o professor Luiz, **“os professores estão se conhecendo, estão construindo o curso... [Essa] É uma fase de muito envolvimento! É uma fase de muitas atividades, em que as pessoas ajudam a construir o curso...”**. É nesse período que os projetos pedagógicos dos cursos são elaborados; e é importante notar que esses documentos são elaborados enquanto os cursos estão em funcionamento, ou seja, esses documentos não são escritos previamente – como o professor Maurício ressaltou: **“[esse] movimento sempre foi mais trabalhoso aqui [no Setor Litoral], porque nós elaboramos esses documentos [o Projeto Político Pedagógico e os projetos pedagógicos dos cursos] no tensionamento com o grupo – tanto com quem a gente tinha afinidade quanto com quem a gente não tinha afinidade...”**. O professor Luiz observou que esse período da construção do curso é marcado pela união e interatividade dos docentes, mas, segundo ele, **“o tempo vai passando e começam a aparecer os primeiros conflitos [nas câmaras]... [...] Os conflitos aparecem e chega um momento em que os conflitos vão ficando muito fortes e a Câmara tem que se renovar...”**. Luiz disse que já passou por essas fases em várias câmaras. Talvez esse seja um processo orgânico desse espaço acadêmico.

Em suas entrevistas, alguns professores comentaram especificamente sobre as reuniões da Câmara de Licenciatura em Ciências. O professor Rodrigo, por exemplo, ressaltou que, nessas reuniões, **“acontecem também discussões de questões pedagógicas e do ideal do curso [de Licenciatura em Ciências] – mesmo que isso, às vezes, seja menos presente. Nós não discutimos só as questões burocráticas... Volta e meia a gente discute os processos, as metodologias e as ações. Mas, cada vez mais, essas reuniões têm se burocratizado...”**. Já a professora Ana Maria Franco destacou: **“Nós temos muitas coisas burocráticas a decidir, e como são duas horas de reunião, a gente acaba sempre protelando um pouco as discussões pedagógicas – mesmo sabendo que elas são fundamentais.”** O professor Maurício, por sua vez, constatou que **“Inicialmente, as reuniões das câmaras eram, aproximadamente, em torno de oitenta por cento administrativas e vinte por cento pedagógicas. Às vezes, cem por cento administrativas... Apresentavam os casos, davam os encaminhamentos sobre o que fazer com o aluno que pediu não sei o quê... E**

*era isso. Depois as reuniões foram transitando um pouquinho mais para entender o que era preciso discutir dos aspectos pedagógicos, porque estávamos na fase de consolidação do PPC. Então, precisava discutir alguns pontos e as reuniões ajudavam nisso. Terminada essa fase, eu percebo que foi criada a ideia de que as discussões pedagógicas já não se faziam tão urgentes ou necessárias... E as reuniões ficaram mais com caráter administrativo...”*

Esse é outro modo de compreender as mudanças nesse espaço da UFPR Litoral: as câmaras parecem mudar de acordo com as demandas burocráticas do curso. O estranho é que, algumas vezes, parece que elas não respeitam as demandas dos grupos de docentes que as constituem.

Até aqui, apenas os aspectos referentes à gestão foram considerados, mas há mudanças – e, em alguns casos, movimentos de resistência – acontecendo também nos três espaços curriculares da UFPR Litoral. Acredito que esses movimentos são sentidos em diferentes intensidades em cada curso do Setor Litoral. Talvez alguns cursos sequer percebam esses movimentos, mas alguns professores vêm observando mudanças nesses espaços, e algumas dessas observações foram registradas nas entrevistas que realizei. Há também professores que gostariam que algumas coisas mudassem nesses espaços curriculares, e essas *sugestões* também foram registradas nas entrevistas.

O professor Renato afirmou, em sua entrevista, que o espaço dos Fundamentos Teórico-Práticos **“é o espaço que mais se aproxima de uma disciplina”**. Mas os FTP não são disciplinas. Em meu entendimento, a proposta pedagógica da UFPR Litoral defende o ensino por projetos e o trabalho interdisciplinar. No entanto, segundo o professor Valdo, ainda **“acontece de você ver um monte de professores dando aula do conteúdo específico [na UFPR Litoral]”**. Penso que não há problemas em se trabalhar um ou outro encontro dos FTP desse modo, mas acredito que não há sentido em se trabalhar assim em todos os encontros. O professor Maurício contou que, **“às vezes, o aluno chega aqui [no Setor Litoral] e se depara com uma formação tradicional de alguns cursos [...]... Não sei se é por limites dos professores ou se é por rejeição à proposta, talvez as duas coisas... Mas o sujeito ainda dá a sua aula quadradinha, leva o seu Power Point, fala o tempo inteiro e o aluno escuta o tempo inteiro... Ou leva um artigo, dois artigos, três artigos – aquela ideia de quantidade, né?... Nessa concepção, para ser bom o sujeito tem que ter certa quantidade de**

**artigos lidos... Não importa o que o aluno vai fazer com aquilo depois, se vai relacionar com alguma coisa ou se não vai, o que importa é a quantidade... Então, a gente ainda tem isso aqui [na UFPR Litoral]...”.** Eu acredito que esse é um movimento de resistência à proposta do Setor Litoral, ou seja, alguns docentes que não acreditam nas potencialidades da proposta pedagógica tentam subvertê-la desse modo.

Quando entrevistei os colaboradores desta pesquisa, o curso de Licenciatura em Ciências estava passando por um processo de reformulação. Uma das mudanças nesse curso diz respeito aos FTP. A professora Ana Maria contou que **“Uma das mudanças propostas [na Licenciatura em Ciências] é quanto à escolha do módulo a ser estudado no semestre... Até agora, funcionava assim: nas primeiras semanas de aula, a gente decidia – professores e alunos – qual módulo a gente ia trabalhar no semestre... [...] Nas últimas reuniões pedagógicas que nós tivemos, as discussões giraram em torno dessa questão... E nós tivemos que fixar esses grandes temas a pedido da Universidade... Esse pedido aconteceu porque agora nós temos que disponibilizar o tema do módulo no sistema para o aluno se matricular... Então, a questão burocrática acabou mudando um pouco a nossa prática... Mas como os temas são amplos, nós ainda temos a liberdade de ver qual foco nós vamos dar para o tema... [...] Mas a gente não se sente mal por isso... Essa mudança não vai inviabilizar o nosso trabalho...”.** O professor Rodrigo, então coordenador do curso, explicou: **“[Nós] Estamos deixando o curso estruturado: tal período tem isso, tal período tem isso... Os alunos terão um caminho para seguir... Não vai ter essa flexibilidade que temos hoje. Sei que parece um retrocesso, mas estamos fazendo isso por conta da questão administrativa... Por exemplo: se um aluno perde um semestre, pode demorar para que ele possa fazer de novo aquele módulo, porque pode ser que as outras turmas não ofereçam esse módulo porque estão seguindo outro caminho... Então, às vezes, o cara fica dois ou três anos esperando a oferta do módulo. Essa é uma questão... São realidades que a gente vivenciou e aí... Mas a gente está tentando manter uma flexibilidade dentro da grande área, então a turma continuará podendo escolher o tema do projeto que vai trabalhar. Essa mudança é só para manter uma oferta recorrente dos módulos.”.**

Confesso que quando ouvi a professora Ana Maria falando sobre esse assunto, fiquei bastante incomodada. Eu considerava interessante a proposta de que as turmas pudessem escolher a ordem dos módulos que iriam estudar durante o curso – havia oito módulos a serem estudados, e todas as turmas deveriam trabalhar esses módulos, mas cada turma escolhia o seu caminho. No dia seguinte, ouvi o professor Rodrigo comentando a mesma questão e me senti mais confortável quando ouvi o argumento usado por ele: a oferta recorrente do módulo. No entanto, depois de certo distanciamento, o incômodo – ou o estranhamento – voltou. Concordo que a oferta recorrente de todos os módulos é importante, mas penso que a Universidade poderia pensar em outros meios para viabilizar tal oferta. Não sei como foram as discussões sobre o assunto, não sei quais propostas surgiram, mas penso que essa mudança, que parece pequena – *apenas fixamos os módulos* –, altera drasticamente a proposta pedagógica: ela impede as turmas de trilharem seus próprios caminhos no curso.

Outra alteração nos FTP diz respeito aos grandes temas dos módulos. Sobre isso, a professora Lenir disse que ***“na primeira versão do PPC a gente não quis engessar as ementas; mas daí quando os alunos se inscrevem para pegar aulas pelo PSS, eles não conseguem [aulas] porque as cento e vinte horas de cada área não aparecem no histórico... Então, na segunda versão [do PPC], vai aparecer a carga horária de Física, de Química e de Biologia nas ementas... Nós temos que pensar que o PSS é uma possibilidade de emprego para os nossos alunos... Então, fizemos essa correção para que os nossos alunos não tenham prejuízos...”***. Esse argumento me parece forte, bem estruturado. No entanto, vejo que essa alteração também *feriu* a proposta pedagógica da UFPR Litoral no que diz respeito ao trabalho interdisciplinar – defendido por seus idealizadores. Ao declarar os nomes das disciplinas nos módulos, talvez se abra espaço para o trabalho disciplinar. Mais uma vez, ressalto que não acompanhei os movimentos que levaram a essa decisão. Certamente é mais fácil apontar esses detalhes ao estar distante do cotidiano da instituição. Não se trata também de insensibilidade aos problemas enfrentados pelos acadêmicos – e egressos – do curso de Licenciatura em Ciências. Mas acredito que é preciso considerar que, em princípio, esse curso foi pensado para atender apenas a demanda de professores de Ciências do Ensino Fundamental. Então, os egressos do curso – teoricamente – trabalhariam apenas no Ensino Fundamental e não precisariam do detalhamento

das áreas específicas. Talvez a demanda da região tenha mudado, mas, se esse é o caso, talvez fosse mais adequado pensar em cursos de licenciatura que atenderiam essas áreas específicas e que atenderiam também as atuais demandas dos municípios litorâneos paranaenses.

Outro espaço curricular afetado pela reformulação do PPC de Ciências é o espaço dos Projetos de Aprendizagem. O professor Douglas, em sua entrevista, ressaltou que **“esse espaço [curricular] foi pensado para valorizar a trajetória de aprendizagem do estudante”**. Então, entendo que os processos de desenvolvimento dos PA são mais importantes do que os seus produtos. Isso foi ressaltado também pelos professores Renato e Luiz, mesmo que em sentidos distintos. No entanto, nem todos os professores do Setor Litoral da UFPR pensam assim, por isso esse espaço tem sido alvo de críticas. O professor Rodrigo comentou que **“o acompanhamento dos Projetos de Aprendizagem está nas mãos dos orientadores... Isso, para os cursos, é problemático. [...] Os orientadores dão os conceitos de oito semestres para os alunos... Mas, às vezes, eu falo com alguns orientadores e a resposta é algo do tipo: ‘Esse cara nem vem falar comigo. Nem sei quem é.’... Isso é complicado! Eu acho que se a gente tivesse processos de gerenciamento disso, de uma maneira mais estruturada, ia diminuir um pouco as críticas que se tem ao PPP.”** A partir dessa fala, percebo que há problemas nos processos de acompanhamento dos PA. Talvez o modo mais rápido de se conseguir aperfeiçoar o processo seja a burocratização do espaço, mas não sei até que ponto isso converge com o PPP da UFPR Litoral.

Na tentativa de minimizar os problemas, a professora Lenir contou que, a partir da reformulação do PPC, **“A Câmara [de Licenciatura em Ciências] vai cobrar um memorial dos PA...”**. Desse modo, os professores do curso terão mais informações sobre os projetos desenvolvidos pelos estudantes. Lenir afirmou que **“isso enriquece o processo e é também uma maneira de cobrar [...] Tem muitos professores e pessoas da comunidade reclamando que o espaço dos PA é ocioso e que não se tem produção. Então, para fortalecer o espaço nós precisamos de dados e informações de que não é bem assim... Por isso, pensamos em pedir memoriais dos PA...”**. Acredito que essa fala vai ao encontro do seguinte comentário do professor Renato: **“nós estamos normatizando os Projetos de Aprendizagem, estamos normatizando as Interações Culturais e Humanísticas, estamos normatizando os Fundamentos Teórico-Práticos...”**

***Estamos normatizando os nossos espaços [curriculares] de aprendizagem, mas estamos fazendo isso com a perspectiva de preservá-los...”.***

Talvez tenha sido nessa perspectiva que Douglas pensou em mudanças no espaço das Interações Culturais e Humanísticas. Em sua entrevista, Douglas contou: ***“Como eu trabalho com a gestão, eu vejo que algumas coisas, que são muito boas para o projeto pedagógico, não têm possibilidades de serem executadas hoje. E eu estou falando de coisas que foram executadas em outros momentos e que eu acabei retirando para não fragilizar o espaço. Vou dar um exemplo. A ideia de integrar a comunidade acadêmica e de se ter um tempo para que se discutam as temáticas das ICH, para que se amadureçam as propostas e só depois os grupos sejam divididos para começar o semestre das ICH é muito interessante. Isso era praticado aqui. E isso é muito avançado pedagogicamente! Mas as instituições públicas federais brasileiras ainda não têm condições de organizar e gerenciar esse processo a um custo exequível. Nós ainda não temos um sistema acadêmico que faça esse controle de forma real. Nós ainda não temos um controle de frequência por digital. Nós ainda precisamos ficar catando as informações com os docentes para não desintegrar os espaços de matrícula. Então, essa questão de logística ainda dificulta muito o espaço pedagógico. [...] Então, o que eu propus? O que eu fiz? Na coordenação pedagógica, nós acabamos com as três semanas de mobilidade das ICH no início do semestre – que era o tempo que os estudantes tinham para discutir as propostas de ICH com os professores mediadores e para decidir de quais atividades iriam participar. E nós introduzimos um formulário, que é menos rico, para que a comunidade acadêmica possa fazer a sua proposição temática de Interações Culturais e Humanísticas. E aí está livre toda e qualquer associação de grupos para discutir as ideias e preencher esse formulário em espaços informais. Após o período estipulado, a coordenação acadêmica vai reunir todos os formulários, vai organizar todas as propostas temáticas e vai colocar a matrícula de ICH à disposição dos estudantes. Então, tudo isso vai acontecer antes do início do semestre. E os estudantes terão uma matrícula em ICH do mesmo modo que eles têm matrícula em PA e em FTP. [...] qual é a perda que se tem nesse processo? Eu acho que é o fato de não propiciar o encontro das pessoas em um espaço formal e reservado para que eles possam discutir a diversidade em torno dos temas. Essa é a perda!***

***Qual é o ganho? A ampliação do tempo e das possibilidades das pessoas se reunirem informalmente para discutir as temáticas das ICH e a possibilidade de, ao se matricular, se ter um conjunto maior de informações sobre as atividades de Interações Culturais e Humanísticas. Assim, o estudante não vai desavisado para uma atividade, ele vai sabendo o que está previamente proposto ali. E nós vamos ter também, como se tinha antes, a possibilidade de se preencher o plano de aula das ICH em conjunto entre o professor mediador e os estudantes. Então, a construção da atividade não mudou. O que mudou foi o modo de geração da atividade.”.***

Eu recebi essas informações com apreensão. Mesmo depois de certo tempo, e de certo distanciamento, eu não consigo aceitar essa mudança com tranquilidade. Isso acontece porque não consigo compreender que a construção da atividade não mudou. Entendo que a construção da atividade efetivamente mudou. Se os estudantes não têm mais a garantia do espaço de discussão no início do semestre, a construção da atividade mudou. Não há garantias de que os estudantes poderão se encontrar em outros espaços – presencial ou virtualmente – para discutir as propostas de atividades de ICH. Imagino que essas discussões, se existirem, ficarão alocadas nos espaços específicos dos cursos. E mais: elas ficarão restritas às fases – ou aos anos – de cada curso. Compreendo que, assim, as ICH passam a ser pensadas dentro dos cursos. Espero estar enganada quanto a isso, pois, caso contrário, o destino das ICH será, exatamente, o destino do qual tentam se afastar alguns professores da UFPR Litoral.

A professora Suzana, por exemplo, comentou que ***“não é recorrência, mas tem muitas ICH sendo transformadas em FTP – não oficialmente, mas a gente sabe que tem acontecido... Não é para isso acontecer, mas acontece!”***... O professor Luiz também falou sobre isso: ***“Alguns professores utilizam as ICH para trabalhar aquilo que é a especialidade dele... Às vezes, o professor não consegue trabalhar determinado assunto no curso e leva esse assunto para esse espaço. Ou seja, as ICH acabam sendo uma extensão do curso. Isso vem acontecendo nos últimos anos...”***. O professor Valdo ressaltou outro aspecto: ***“os professores que têm dificuldade de entender o projeto [da UFPR Litoral], dão um jeito de isolar as atividades e, às vezes, não deixam nem alunos de outros cursos participarem das ICH que eles medeiam – eles reduzem as atividades***



**para dentro da profissão.”** Cabe ressaltar que isso vinha acontecendo antes mesmo das mudanças da proposição das ICH.

Sobre esse aparente movimento de resistência ao espaço das ICH, o professor Renato comentou: **“Nós sabemos que tem várias atividades de ICH, promovidas por vários professores, que é só conteúdo... É quadro negro e giz – sem grandes movimentos e interação... E isso acontece justamente porque alguns professores entendem o saber científico como o saber primordial e válido...”**. Ou seja, o não reconhecimento do saber popular como um saber, fortalece esse movimento de resistência às ICH. No entanto, mesmo professores que reconhecem os saberes populares como válidos, mostram-se preocupados com algumas atividades que vêm acontecendo nesse espaço curricular. O professor Luiz, por exemplo, afirmou que **“há algumas atividades de ICH que são muito soltas e que não tem caráter de reflexão... Por exemplo: ICH de vôlei... Basta vir aqui e jogar vôlei! O pessoal vem e fica jogando vôlei o tempo inteiro... Não se reflete, não se interage... Então, na prática, algumas atividades acabam fugindo um pouco do que o PPP preconiza... E, por isso, já houve pressão para que se acabe com o espaço das ICH...”**. A professora Ana Maria, falando sobre as ICH, declarou que **“atualmente, o espaço de ICH é um espaço esvaziado... Eu acredito que algumas oficinas sejam oficinas sérias, mas eu não acredito em algumas oficinas. Por exemplo: eu não acredito que uma oficina de dança de salão é uma atividade de ICH... Por mais que você tenha a interação e a cultura... Humanístico?... Eu não vejo assim! Eu acho que as ICH têm que ser algo mais...”**. Nesse mesmo sentido, o professor Rodrigo ressaltou: **“Eu acho que tem algumas coisas que são Interações Culturais e Humanísticas e tem outras coisas que não cabem nesse espaço... Eu mesmo mediei uma atividade de ICH de pôquer... O que alguns alunos queriam? Eles queriam jogar pôquer. Eu falei: ‘Não. Nós vamos estudar o pôquer. Onde tem a estatística do pôquer?’... E os alunos falaram: ‘Não, professor! A gente quer jogar.’... Eu respondi: ‘Tudo bem. A gente joga meio período, toda vez. Mas, antes, a gente vai fazer um estudo sociológico e técnico do que é o pôquer. Já que vocês escolheram a temática do pôquer e me escolheram para mediar esse negócio, então vai ter que ser assim. Se não...’... Mas não é todo mundo que faz isso! Tem professor que diz: ‘Vocês querem jogar pôquer? Então joga! Faz a lista de frequência aí e beleza.’... Isso acontece! A gente sabe que acontece... Isso não é regra. Mas**

***acontece... E isso faz com que a imagem do espaço seja desqualificada. Não precisaria ter essa desqualificação! A gente não precisaria ouvir, por exemplo: ‘Nas ICH pode tudo! Os caras vão lá até para surf.’... Eu pergunto: ‘Você está querendo dizer que não pode ter ganho pedagógico e que o aluno não pode ter ganho de interação no surf?’... Pode ter, desde que o cara que medeia esse processo saiba fazer essa mediação... A responsabilidade do processo é do docente!’***. Considero que esse discurso de desqualificação do espaço faz parte do movimento de resistência à proposta pedagógica da UFPR Litoral. Se esse discurso se fortalece, a proposta pode se fragilizar – e isso interessa aos que são contrários à UFPR Litoral.

Em outros momentos a comunidade da UFPR Litoral viu isso acontecendo em relação à outra experiência educacional: o *Intercurso*. O professor Valentim contou que ***“Em certo semestre, entraram onze turmas [na UFPR Litoral], no [período] noturno, e não tinha espaço aqui na Universidade para essas turmas, então a gente foi trabalhar com esses alunos no Complexo Educacional<sup>593</sup>. Mas, seis meses antes dessas turmas chegarem, nós tivemos muitas reuniões para construir a proposta de trabalho... [...] Tinha muita fundamentação teórica, tinha muita gente batuta nessas reuniões – lendo, fundamentando, criando, propondo... Foi construída, literalmente, uma proposta coletivamente com um grupo de professores... Acho que eram uns quinze ou vinte professores trabalhando juntos, para além das reuniões de Câmara e de Conselho. E nós chegamos a uma configuração para desestruturar todos os cursos, no primeiro semestre deles, e reestruturar turmas com três alunos de cada curso em cada sala.”*** O professor Maurício, em sua entrevista, comentou que ***“A ideia era discutir a proposta de formação e as possibilidades que essa proposta de formação nos dá – e isso de forma ampliada, pelos diálogos das múltiplas áreas de conhecimento. E fomos exercitando isso a partir de idas e vindas da realidade, porque nós entendemos o reconhecimento da realidade como um dos princípios da formação reflexiva do sujeito, que contribui para ele exercer protagonismo... E o outro princípio que nós consideramos é a educação como totalidade: nada se explica a partir de uma única área de conhecimento. [...] Então, o Intercurso contribuía para que os alunos fossem conhecendo***

<sup>593</sup> Complexo Educacional Francisco dos Santos Junior, localizado no bairro Tabuleiro no município de Matinhos.

*... pessoas de outros cursos para estabelecer parcerias para desenvolver os seus projetos... E ele servia também como um espaço em que o sujeito teria possibilidade de circular por vários cursos e de entender o tipo de formação profissional que se pretende no Setor [Litoral].”*. Mas, infelizmente, essa experiência durou pouco tempo, pois, segundo o professor Valentim, *“Alguns professores pegaram as turmas mistas e não iam dar aula, daí faltava professor... Essas coisas acontecem na Universidade e atrapalham o projeto... O professor, que era contra o movimento – e que não conseguiu lutar contra ele, que não conseguiu resistir e impedir o movimento –, pegava aula e não ia dar aula... Aí as turmas ficavam sem professor... Isso aconteceu várias vezes... E a gente sabe que os professores que faziam isso eram, justamente, as pessoas que tinham se posicionado contra esse movimento.”*. Nesse mesmo sentido, o professor Maurício contou que *“o pessoal mais quadradinho aproveitava para dizer: ‘Isso é um horror... Isso é uma bagunça... Os caras não aprendem nada... Não tem conteúdo... O que estão aprendendo aqui? Imagina... O cara não vai aprender nada.’... E essas pessoas começaram a trabalhar para parar o Intercurso... Enquanto isso, a gente trabalhava para avançar... Nós tínhamos reuniões semanais de planejamento – para tentar fortalecer e legitimar a proposta... E essas reuniões eram abertas... Às vezes, tinha uns vinte ou trinta professores nas reuniões – tanto os que queriam efetivar a proposta, quanto os que queriam derrubar a proposta... [...] E era sempre esse tensionamento entre avançar e resistir – para não desistir da proposta. [...] E foi assim o ano inteiro. No final do ano, fizemos um fechamento... Foi muito bom! Mas terminou naquele ano...”*.

Assim, no jogo político, as atividades vão se transformando ou desaparecendo na UFPR Litoral. Como disse o professor Rodrigo, *“Em termos teóricos não houve mudanças no PPP do Setor [Litoral]. Mas, em termos práticos, algumas questões vão mudando com o tempo... Eu acho que, cada vez mais, a operacionalização do nosso Projeto Político Pedagógico está se aproximando de uma estrutura tradicional... Os módulos estão virando disciplinas em alguns cursos... Os Projetos de Aprendizagem estão virando TCC<sup>594</sup> em alguns cursos... A gente tem visto isso acontecer... A mudança no*

---

<sup>594</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

**Conselho, consequência do Regimento, contribuiu para essas mudanças... O Conselho era a base do PPP, porque era a democracia participativa... Então, essas pequenas mudanças, que são perdidas nas batalhas políticas, vão mudando o projeto.”**

Essas *pequenas* mudanças têm acontecido em diferentes espaços que compõem o Setor Litoral da UFPR e, aos poucos, vão transformando o cenário e o projeto educacional. Segundo o professor Valdo, a UFPR Litoral tinha **“a maior equipe de biblioteca da [Universidade] Federal [do Paraná], porque tinha uma base de biblioteca volante ou fixa em cada município do litoral do Paraná. O que eles fizeram? Centralizaram a biblioteca aqui em Matinhos, porque daí não precisa daquele monte de bibliotecários.”** Em tempos de *Internet* talvez alguns digam que isso não faz diferença, mas acredito que essa centralização da biblioteca pode ter feito diferença para alguns estudantes da UFPR Litoral. Não há como garantir que todos os estudantes tenham acesso à *Internet*, e a centralização da biblioteca faz com que algumas pessoas precisem se deslocar de seus municípios para consultar o acervo da biblioteca – ou mesmo para acessar a *Internet*. É preciso considerar a realidade local, afinal essa era uma das intenções da UFPR Litoral.

Mas a UFPR, paradoxalmente, não parece mais considerar tão relevante essa realidade local, pois houve mudança também no sistema de transporte da UFPR Litoral. O professor Renato contou que **“Com o tempo, nós perdemos muito da autonomia que a gente tinha [na UFPR Litoral]... Inclusive a autonomia sobre o transporte – que é o coração deste projeto educacional... A mobilidade do nosso projeto no cotidiano é extremamente vinculada à vida comunitária. Os processos aqui não são – ou não deveriam ser – pautados pelo tempo universitário... Os processos que acontecem aqui devem, necessariamente, ser pautados pelo tempo comunidade. E, para isso, é necessário propiciar mobilidade para que esses movimentos aconteçam com qualidade... Mas nem sempre isso acontece... Até ano passado, a Central de Transportes era nossa e ficava a quatro quadras daqui... E os veículos que nós utilizávamos vieram dos recursos de implantação do MEC<sup>595</sup> ... Hoje, todos esses veículos estão na Pró-Reitoria de Administração e são controlados por uma pessoa que trabalha em Curitiba... Essa pessoa autoriza e cancela as saídas do Setor Litoral... Eu**

---

<sup>595</sup> Ministério da Educação.

*imagino que é uma pessoa que olha para a solicitação e fala assim: ‘Esse vai. Esse não vai. Esse pode. Esse não pode.’... Enfim, isso está nos debilitando fortemente! Não estamos conseguindo andar com o projeto do modo que precisamos. Às vezes, os cancelamentos acontecem no dia das atividades marcadas... Isso é grave! Isso é gravíssimo! As nossas atividades envolvem a comunidade... Há o compromisso com a comunidade... E aí vem o cancelamento do carro... Isso é gravíssimo!’*. Nesse mesmo sentido, o professor Valdo ressaltou que *“como a [Universidade] Federal [do Paraná] trabalha com outras condições [em Curitiba], se eles agendam uma visita técnica e acontece algum problema, eles cancelam a visita e, se der, um dia eles fazem essa visita. [Mas] Aqui [na UFPR Litoral] não é assim! Se nós marcamos uma atividade, nós temos que fazer essa atividade. Mas, agora, para solicitar um veículo você precisa de, no mínimo, três dias de antecedência e dependendo da atividade o prazo aumenta para dez dias de antecedência. [...] Isso engessou tudo!”*. Assim, algumas relações com a comunidade local podem ficar fragilizadas, e algumas parcerias podem se perder. Talvez isso não esteja sendo compreendido pelos gestores da UFPR.

O professor Valdo comentou ainda que *“Um projeto pedagógico como este do Setor Litoral, com esse grau de ousadia, tem que ser um projeto piloto inicialmente – nós nos consideramos um projeto piloto – mas, mais do que isso, ele tem que se abrigar em um espaço que não o submeta ao modelo tradicional. Qual o sentido de criar o novo? Você começa uma coisa nova em uma universidade para tentar um caminho diferente e esse projeto novo vai ousar para depois a gente ver o que pode ser aplicado. Foi isso que nós escrevemos na nossa gestão. Era para ser um projeto que ia influenciar a UFPR em dois mil e doze – que foi o ano do centenário... O que avançasse bastante a gente veria se ia incorporar... Mas o projeto não foi entendido dessa forma e eles passaram a tentar enquadrar este projeto no tradicional. E eles vão fazendo isso progressivamente... Por exemplo: ‘Nós aceitamos o projeto pedagógico de vocês. Ele é interessante, é curioso, o pessoal elogia. Mas não há como incluir vocês no sistema de informática. Não tem como emitir um histórico escolar dos alunos do Setor Litoral, porque a UFPR trabalha com notas de zero a dez e vocês trabalham com conceito’... Os conceitos! Então, veja, o programa de informática da UFPR, que tem zilhões de gente*

**trabalhando com informática, condiciona o trabalho pedagógico... O que nós fizemos? Desenvolvemos um sistema de informática aqui, que tenta fazer as pontes para acoplar os dados no sistema de informática da UFPR.”.** Esse relato me mostra dois movimentos de resistência: o primeiro vem da UFPR, que tenta modificar o sistema de avaliação da proposta pedagógica da UFPR Litoral; o segundo vem da UFPR Litoral, que busca alternativas para não mudar seu sistema de avaliação. Entre essas tensões, estudantes e docentes desenvolvem suas atividades na UFPR Litoral, e a avaliação resiste e continua a ser por conceitos.

Mas nem sempre se consegue resistir às pressões externas e ao tempo. O vestibular da UFPR Litoral, por exemplo, mudou. O professor Renato contou que antes **“havia um vestibular próprio [na UFPR Litoral] com altíssimo contexto regional e o limite de corte era baixo para que a população do litoral pudesse ingressar na Universidade...”**. Porém, em dois mil e quatorze, isso foi alterado e o vestibular da UFPR foi unificado; ou seja, todos os estudantes da UFPR são selecionados a partir das mesmas provas de vestibular. Segundo o professor Marcos, **“o argumento para unificar o vestibular [da UFPR Litoral] com Curitiba foi que a Universidade não cumpriu o seu papel, não impactou positivamente. Esse foi o argumento da Pró-Reitora de Graduação! Como a Universidade não está cumprindo o seu papel, não há necessidade de fazer vestibular diferenciado no [Setor] Litoral... Então, agora o vestibular é unificado. Mas poxa! Com dez anos, como se avalia isso? A Universidade está aqui há pouco tempo... Se a gente pensar em um professor, por exemplo, formado em Ciências, quanto tempo leva para que apareça o resultado do seu trabalho? Isso leva tempo! Ele sai, vai atuar na escola, e a atuação dele tem um tempo também para desencadear mudanças na sociedade... Mas esse tipo de coisa é desconsiderado, porque a questão não é essa... A questão é política!”**... Mais uma vez a questão é política. Na avaliação da professora Suzana, **“é uma lástima saber que agora o vestibular daqui vai acontecer na mesma data do vestibular de Curitiba e vai acontecer com a mesma prova de Curitiba... Se a gente veio para cá, se esse Setor veio para cá para possibilitar que sujeitos historicamente excluídos tivessem acesso a uma universidade pública e democrática... Esse vestibular vai ser uma peneira que eu não sei se vai ser possível para esses sujeitos transpor... Por conta disso, talvez não fechem as vagas que precisam para os cursos continuarem... Quem é que perde com**

**isso? A comunidade!...**”. Não encontrei pesquisas sobre esse assunto, então não sei dizer se é possível detectar alterações nos resultados dos vestibulares em virtude dessa mudança no processo seletivo da UFPR Litoral. Em princípio, lendo as provas dos vestibulares específicos do Setor Litoral e as provas da UFPR<sup>596</sup>, não consegui identificar elementos que mostrassem diferenças substanciais entre elas. Eu não consegui identificar, por exemplo, muitas questões que tratem especificamente do contexto regional e que poderiam privilegiar os moradores do litoral paranaense, mas reitero que a leitura que fiz dessas provas de vestibulares foi bastante superficial e, portanto, insuficiente para estabelecer conclusões. De todo modo, essas alterações mostram que as iniciativas diferenciadas têm sido vistas como privilégios, e que, como tais, devem ser ceifadas e tornadas *imparciais*.

Outras mudanças registradas nas entrevistas dizem respeito a assuntos ligados diretamente ao Ministério da Educação. O professor Renato comentou que começou a trabalhar na UFPR Litoral **“em um momento de uma conjuntura absolutamente favorável! Nós tínhamos recursos de implantação do MEC – e era um recurso grande que nos permitia fazer muitas coisas no momento de consolidação dos cursos... E a gente tinha esses recursos porque a UFPR Litoral era um projeto educacional dentro da UFPR, mas esse projeto era um dos projetos do Governo Lula, que tinha o objetivo de desenvolver a região a partir da educação...”** – era o projeto de expansão das universidades federais. Mas, ainda segundo Renato, **“a partir de dois mil e nove os nossos recursos orçamentários passaram a ser somente os recursos da UFPR... E o discurso que passamos a ouvir foi o seguinte: ‘Vocês são um Setor da Universidade Federal do Paraná, então vocês devem cumprir as mesmas regras que todo e qualquer Setor desta Universidade.’... Esse é o discurso vigente...”**. Penso que isso explica algumas coisas. Enquanto a UFPR Litoral tinha seus recursos próprios, ela conseguia manter suas atividades diferenciadas, sem depender da UFPR para isso. No entanto, a partir do momento em que ela perdeu seus recursos extras, ela começou a depender financeiramente da UFPR, que tem outros interesses. A partir disso, como afirmou a professora Lenir, **“Este projeto [educacional] sofre, porque – apesar de ser um projeto diferenciado – as nossas regras têm sido as mesmas regras dos outros setores da Universidade...”**.

---

<sup>596</sup> As provas de vestibular estão disponíveis em [www.nc.ufpr.br](http://www.nc.ufpr.br).

O professor Renato lembrou ainda que **“Até dois mil e oito havia muitos cursos técnicos na UFPR Litoral... [...] Esses cursos foram perdendo a força e foram sendo substituídos por cursos tecnológicos – até porque essa era a diretriz nova do MEC. Enfim, outros cursos foram sendo ofertados até que chegamos a um patamar de quinze cursos de graduação. Pela conjuntura favorável, à época, havia uma grande expectativa de que tivesse uma continuidade do movimento do Governo Federal em relação às expansões das universidades no País... Mas isso cessou... Como consequência, a equipe ficou sobrecarregada e os cursos começaram a ficar um pouco prejudicados... Começamos a ter alguns processos de esvaziamento – que não foram motivados pelo projeto educacional, mas por projetos pessoais – e a equipe remanescente foi ficando cada vez mais sobrecarregada...”**. Aqui há mais uma evidência de que as mudanças na política externa à UFPR Litoral afetam seu projeto educacional, mesmo que indiretamente.

Falando em equipe docente sobrecarregada, lembrei dos movimentos de formação continuada dos docentes da UFPR Litoral. Quando realizei a primeira entrevista desta pesquisa, a professora Suzana confessou: **“Eu senti falta de uma tutoria, de alguém que me acompanhasse, de alguém que me explicasse as siglas, que me dissesse o que era cada espaço... [...] Eu senti falta de uma assessoria, até porque o ensino por projetos, o trabalhar por projetos, tem uma lógica em cada curso. Não são todos que trabalham por projetos... [...] Então, o início do trabalho aqui, para mim, foi um desafio! Se tivesse alguém me auxiliando, o desafio teria sido mais brando. A gente dá conta!... Mas, às vezes, isso te exaure sem necessidade... Se tu está compreendendo e não precisa adivinhar, é mais fácil! Se tem alguém que explica e tu não precisa ficar perguntando tudo, é mais fácil. Porque tu fica meio sem jeito de ficar fazendo algumas perguntas que podem parecer tão óbvias para os outros – e para ti não é... É bem complexo, não é nem complicado... É bem complexo!”**. Quando Suzana contou isso eu ainda não sabia dessa importante mudança no Setor Litoral e imaginava que os docentes ainda participavam de muitos movimentos de formação continuada, principalmente os novos professores do Setor Litoral.

Mas, com outras entrevistas, compreendi o que aconteceu. O professor Renato contou que **“Para que fosse possível entender a proposta do projeto educacional da UFPR Litoral, os quarenta primeiros professores que vieram**



*para cá passaram por várias etapas de formação continuada, com referências nacionais – como o Masetto<sup>597</sup>, a Mabel<sup>598</sup> e o Celso Vasconcellos<sup>599</sup> ... [...] No entanto, isso aconteceu apenas com os primeiros quarenta professores, pois perdurou apenas até dois mil e sete ou dois mil e oito... Hoje nós temos cento e dez professores na UFPR Litoral. Esses outros setenta professores não tiveram esse tipo de formação continuada... O Valdo tentou conduzir o processo do seguinte modo: os primeiros quarenta professores seriam os tutores dos outros professores que ingressariam na UFPR Litoral... Mas tem um detalhe: cada um desses primeiros quarenta professores, que seriam os tutores dos novos professores, já estava envolvido com mil coisas... Por isso, mesmo sem perceber, esses tutores foram deixando de acompanhar os novos professores... Os tutores não deram conta de fazer tudo o que precisavam fazer – mas é preciso considerar que, à época, eles já estava envolvidos em muitas atividades... Então, essa ideia não deu a resposta que era esperada... E isso gerou um descompasso enorme entre a primeira e a segunda turma de professores que ingressaram na UFPR Litoral... E o descompasso foi ainda maior com a terceira turma de professores, que ingressou em dois mil e dez... A terceira turma de professores não teve nenhum acompanhamento! E isso aconteceu porque os quarenta primeiros professores tinham quinze cursos para conduzir, o ambiente universitário já estava muito avançado e os professores estavam com as suas quarenta horas totalmente ocupadas. Então, talvez esse seja um grande problema nessa transição...”.* Acredito que esse relato ajuda a compreender alguns movimentos que aconteceram na UFPR Litoral, tanto em relação à formação continuada como em relação ao aumento da demanda de trabalho por conta dos novos cursos implantados no Setor Litoral. Acredito que essa demanda não foi considerada no início do projeto educacional e que a equipe gestora precisou repensar e readequar os processos de formação continuada dos docentes. Por algum motivo, entretanto, isso não aconteceu ou não foi possível em determinado período – não consegui informações específicas sobre esse assunto.

<sup>597</sup> Marcos Tarciso Masetto. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da PUC-SP.

<sup>598</sup> Maria Isabel da Cunha. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>599</sup> Celso dos Santos Vasconcellos. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor responsável pelo Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

Em sua entrevista, o professor Douglas comentou: ***“Quem chegou [na UFPR Litoral] entre dois mil e seis e dois mil e oito teve certo privilégio em termos de formação, porque havia muitos movimentos de formação continuada. E também havia mais possibilidades de interagir com os outros porque era um número menor de servidores. Era mais fácil. Esse movimento de formação continuada diminuiu bastante entre dois mil e dez e dois mil e doze. A partir de dois mil e doze nós estamos resgatando esse movimento. E estamos fazendo isso também pelos movimentos institucionais, porque a Pró-Reitoria de Graduação melhorou bastante o apoio ao ingresso dos docentes, eles estão propiciando alguns momentos de formação mais gerais da Universidade. E aqui no Setor [Litoral], quando os servidores chegam, eles passam por momentos de entrevista com a coordenação de curso e com a gestão. Eu recebo cada professor que chega. O professor Valdo também recebe cada professor que chega. O professor Renato e os coordenadores de curso também recebem. E, além disso, nós temos tentado propiciar alguns movimentos de formação pelos cursos, porque os momentos de formação mais gerais estão dificultados pelo número grande de professores. No começo deste ano nós trouxemos o professor Masetto para uma formação mais geral. E nós estamos fazendo um misto entre uma formação mais geral e formações específicas pelos cursos – considerando que o processo das Câmaras também deve dar conta disso, porque nós temos um grande número de professores com uma grande bagagem nesse projeto pedagógico e entendemos que eles também devem ter uma corresponsabilidade no processo de inserção dos novos professores no projeto.”*** De algum modo, aparentemente, a ideia inicial de formação continuada foi retomada: os professores que atuam na UFPR Litoral há mais tempo têm sido considerados como potenciais formadores dos professores que estão no projeto há menos tempo – ou que estão ingressando no Setor Litoral. Nesse sentido, a professora Suzana comentou: ***“nós estamos com a chegada de onze professores da Licenciatura em Educação do Campo e a acolhida que a gente fez com eles é a acolhida que a gente sentiu falta... Nós estamos em um grupo de implantação, nós temos reuniões regulares com eles, para que eles possam se sentir acolhidos.”*** Talvez esse movimento possa ser considerado como uma iniciativa de formação continuada das câmaras do Setor Litoral da UFPR.

Outra consequência do aumento da demanda de trabalho docente na UFPR Litoral parece ser a interrupção de um trabalho mais direto com as escolas dos municípios do litoral paranaense. Esse trabalho era realizado com o auxílio dos professores articuladores – responsáveis por planejar ações em conjunto com as secretarias de educação. O professor Marcos comentou que **“hoje a relação [da UFPR Litoral] com a Educação Básica meio que se perdeu... Ela continua na proposta, mas está em passant. Eu acho que essa relação com a escola tinha que ser o nosso foco... O vínculo da Universidade com a Educação Básica devia ser muito mais forte! Existem alguns movimentos como o que o Maurício, a Suzana e o Valentim fazem<sup>600</sup> – movimento, inclusive, bastante contestado aqui dentro. [...] Antes, nós tínhamos a figura dos articuladores: cada município do litoral tinha dois professores responsáveis para articular ações da Universidade junto ao município, mais especificamente junto à Educação Básica. Isso se perdeu. Já não existe mais...”**. Acredito que essa foi uma grande perda do projeto educacional. Essas ações dos docentes da Universidade nos municípios do litoral poderiam fortalecer parcerias com as escolas; estreitar as relações com os professores da Educação Básica; e abrir outras possibilidades de formação para os licenciandos do Setor Litoral da UFPR.

\*\*\*\*\*

Antes de concluir este texto, lembro de três falas que me marcaram quanto às mudanças no projeto educacional da UFPR Litoral. O professor Renato disse: **“eu acredito que esse projeto não tem vida dentro da Universidade Federal do Paraná. Eu acho que, com o tempo, os nossos espaços pedagógicos serão gradualmente substituídos por outras coisas... Penso isso porque os processos vão encontrando cada vez mais resistência... A única solução para este projeto seria outra forma de viabilizá-lo de modo mais independente. Essa dependência de uma universidade centenária e conservadora como é a Universidade Federal do Paraná não funciona! Então, essa seria uma grande mudança: mudar o seu local de acolhimento. Talvez outra universidade...”**

---

<sup>600</sup> Trabalho realizado no espaço dos FTP com os alunos da Licenciatura em Ciências no Colégio Estadual Sertãozinho, no município de Matinhos. Essa experiência educacional está registrada nas textualizações das entrevistas dos professores Maurício, Suzana e Valentim.

***Talvez uma universidade emancipada...". A professora Lenir lembrou: "Eu já ouvi que algumas pessoas são contra a direção – e a pessoa do Valdo, principalmente – porque, em determinado momento, o Valdo não deu ouvidos a essas pessoas... Elas acham que o Valdo tinha que ter falado com elas antes de tomar certas decisões e ele não falou... Mas, na gestão, não dá para ouvir todo mundo sempre... E aí, por essas coisas, cria-se inimizade, acontecem brigas e daí se perdem oportunidades de crescimento pessoal e profissional... Alguns professores envolvem os alunos nessa situação... Outros puxam o tapete dos colegas em determinados momentos, por exemplo, segurando uma informação e aí você perde algumas oportunidades porque você não ficou sabendo de determinadas coisas... Acontecem muitas coisas assim aqui... [...] Então, as vaidades de alguns colegas e as relações de poder têm atrapalhado muito o nosso trabalho...". Já o professor Marcos ressaltou que os movimentos de resistência ao novo acontecem **"Porque todos nós fomos formados pela mesma escola... E quando o processo é uma tentativa de inovação, quando é um processo em que se está tentando, efetivamente, fazer algo novo, ele demanda que as pessoas estejam abertas para fazer coisas novas, que as pessoas estejam abertas para o risco, que as pessoas estejam abertas para esse tipo de coisa... Isso é difícil... A formação que as pessoas tiveram, muitas vezes, está incorporada de tal forma que as pessoas não conseguem fazer coisas diferentes... Então, alguns colegas não conseguem vislumbrar a possibilidade de fazer diferente... Isso, para mim, é assustador! Não só aqui, mas na sociedade de modo geral... Muitas pessoas não conseguem vislumbrar possibilidades de fazer as coisas de forma diferente. Isso me preocupa, porque daí se mantém o status quo... E as coisas continuam acontecendo do mesmo modo..."**. Aparentemente isso tem sido assim em várias instituições de ensino.***

O projeto educacional da UFPR Litoral está em processo de transformação. Seja por movimentos próprios do projeto educacional; seja por movimentos de resistência de alguns docentes da UFPR Litoral; seja por movimentos políticos da Universidade Federal do Paraná; seja por movimentos políticos que afetam o cenário nacional. Todos esses movimentos implicam mudanças no projeto educacional da UFPR Litoral, e não se sabe até quando esse projeto educacional resistirá a ponto de ser considerado *diferenciado*.

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Frases do livro de ciências fazem piruetas em sua mente: *O corpo humano se divide em três partes: cabeça, tronco e membros.*

Erico Verissimo (2013a, p. 26)

Quando elaborei a primeira versão do meu projeto de pesquisa de doutorado eu pensava em estudar a UFPR Litoral. Mas, como pretendia ingressar em um Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – e estava participando do Ghoem –, eu imaginava ser necessário desenhar uma pesquisa que envolvesse, de algum modo, o ensino de Matemática. Com o tempo, porém, concluí que a Matemática poderia ser coadjuvante em minha pesquisa, desde que a protagonista fosse a formação de professores. Assim, eu poderia pesquisar a formação de professores que acontecia na UFPR Litoral e poderia pensar em possibilidades para a formação de professores de Matemática ou para a formação de professores que ensinam Matemática. Estava, aparentemente, resolvido o meu problema.

Com o desenvolvimento da pesquisa, porém, eu me dei conta que estudar a formação de professores que estava acontecendo em três cursos de licenciatura na UFPR Litoral<sup>601</sup> seria muita coisa. Então, entendi que precisava escolher um curso de licenciatura como foco de pesquisa. Escolhi a Licenciatura em Ciências. Era simples justificar a escolha: eu considerava que essa era a licenciatura que mais se aproximava das minhas vivências como professora; e, trabalhando com esse curso, poderia olhar para a formação de professores que ensinam Matemática. Mais uma vez, pensei que o problema estava resolvido. Mesmo mudando o desenho da pesquisa, a Matemática permanecia ali, como coadjuvante, como direção para a qual a Licenciatura em Ciências poderia apontar.

No entanto, com a realização das entrevistas, compreendi que o limite entre os cursos da UFPR Litoral é tênue. Comecei a perceber que não fazia sentido olhar para apenas um curso – e eu não conseguiria olhar detalhadamente para todos os cursos. Naquele período, eu estava começando a compreender que o caminho, para continuar minha pesquisa, era olhar para a proposta pedagógica da UFPR Litoral a

---

<sup>601</sup> À época, na UFPR Litoral, estavam em funcionamento os cursos de licenciatura em Artes; Ciências; e Linguagem e Comunicação. Depois foram criados os cursos de licenciatura em Educação do Campo e Educação Física. Em dois mil e dezessete entrará em funcionamento a Licenciatura em Geografia.

partir das entrevistas realizadas. Penso que, nesse processo, compreendi não ser necessário me apoiar em um curso da UFPR Litoral para falar sobre sua proposta pedagógica. Mas não consegui assumir explicitamente, no material submetido ao exame de qualificação, que eu não estava interessada em olhar apenas para a formação de professores que acontece na UFPR Litoral. Eu não consegui assumir, naquele momento, que o meu interesse de pesquisa era a proposta pedagógica diferenciada de Ensino Superior da UFPR Litoral – independentemente dos seus cursos. Eu tinha quase certeza que o melhor a fazer era abandonar o estudo do curso da Licenciatura em Ciências, e focar a proposta pedagógica do Setor Litoral. Aí veio o exame de qualificação... A ideia de seguir estudando a proposta pedagógica da UFPR Litoral, de modo geral, foi aprovada; mas houve a sugestão de que eu escrevesse um texto sobre formação de professores de Ciências – olhando, de modo especial, para a Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral.

A partir daí, comecei a pensar em *como* escrever um texto sobre esse assunto. Eu não gostaria que fosse um texto repleto de recortes de documentos curriculares ou da literatura sobre o Ensino de Ciências – literatura que, aliás, pouco conheço. Também não gostaria que fosse um texto que apenas reproduzisse as duas versões do Projeto Pedagógico do Curso de Ciências da UFPR Litoral<sup>602</sup>. Mais uma vez, eu sabia o que não queria para um texto que viria a compor a tese; no entanto, faltava saber o que eu queria para este texto e o que, nele, eu poderia problematizar. Encontrei um caminho... Talvez não tenha sido o melhor caminho, mas foi a opção que mais me agradou nos momentos que antecederam a elaboração deste texto. Para começar, reli as textualizações das entrevistas e nelas localizei trechos em que os colaboradores falam sobre formação e atuação de professores de Ciências. A partir disso, fiz alguns exercícios.

Em certo momento de sua entrevista, o professor Emerson Joucoski relatou que, em dois mil e oito, os docentes que estavam constituindo o curso de Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral tiveram dificuldades, pois não sabiam o que era um professor de Ciências, nem o que esse professor ensinava. Emerson questionou: **“O que é um professor de Ciências? Ele ensina o quê? Física? Química? Matemática? Biologia? Geografia?... Ele ensina tudo isso?”**. Lembro que, quando o professor Emerson falou sobre isso, percebi que eu nunca havia me

---

<sup>602</sup> A primeira versão do PPC de Ciências foi aprovada em dois mil e onze; e sua reformulação foi aprovada em dois mil e quatorze. Mais detalhes sobre isso estão disponíveis ao longo deste texto.

preocupado com essas questões. Para tentar responder a essas perguntas, fiz o meu primeiro exercício: tentei lembrar das aulas de Ciências que tive no, então, Ensino de 1º Grau. Talvez isso me ajudasse a elaborar respostas. Confesso que lembro poucas coisas das aulas de Ciências, mas lembro de certo incômodo em relação a essa disciplina, pois em quase todas as séries os mesmos assuntos eram tratados e alguns deles eram abordados também na disciplina de Geografia. Lembro dos seguintes conteúdos de Ciências: sistema solar – em todo início de ano letivo, e eu achava inútil decorar a ordem dos planetas; fotossíntese – sempre com o mesmo modelo de desenho no quadro; cadeia alimentar – geralmente, os mesmos animais figuravam nos exemplos; três estados físicos da água – eu tinha dificuldade de lembrar os nomes das mudanças de estados físicos; e divisão do corpo humano – curiosamente, não lembro de estudar detalhadamente o corpo humano em *Ciências*; lembro de estudar somente sua divisão em *cabeça*, *tronco* e *membros*.

A partir desse exercício, acredito que seria plausível dizer que professores de Ciências ensinam um pouco de tudo. Em suas aulas, eles abordam assuntos relacionados às áreas da Biologia, da Física, da Química, da Geografia... Mas fiquei em dúvida se professores de Ciências falam sobre Matemática em suas aulas. Eu não me recordo de minhas professoras de Ciências falando algo sobre Matemática. Talvez, naquela época, aquelas professoras não estivessem preocupadas em ressaltar aspectos da Física e da Química na disciplina de Ciências – e, por isso, a Matemática não aparecia em suas aulas. Talvez aquelas professoras estivessem mais preocupadas em destacar coisas relacionadas à Biologia e à Geografia. Pensei, também, que os professores de Ciências podem escolher dar mais destaque a uma ou outra dessas áreas no decorrer do ano letivo – e isso pode acontecer consciente ou inconscientemente, e talvez dependa da formação de cada um. Nesse momento, lembrei que algo semelhante acontece com os professores de Matemática: uns dão mais destaque aos conteúdos de Álgebra, outros enfatizam mais os conteúdos de Geometria em suas aulas ao longo do período letivo. Mas, apesar disso, eles não deixam de trabalhar uma ou outra área da Matemática.

Considerarei esse meu exercício importante, mas insuficiente. Pensei que, com o passar do tempo, a disciplina de Ciências poderia ter se *atualizado*. Afinal, depois que cursei Ciências no Ensino de 1º Grau, muitas coisas aconteceram na Educação: a aprovação da *nova* Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/96 –, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em mil novecentos e noventa e

oito; a elaboração das Diretrizes Curriculares da Educação Básica no Estado do Paraná na década de dois mil, o crescimento dos cursos de pós-graduação em Ensino de Ciências... Além disso, lembrei que o professor Emerson contou que esses documentos auxiliaram os professores da UFPR Litoral a compreender quais conteúdos devem ser abordados em um curso de Licenciatura em Ciências. Então, fiz o meu segundo exercício: li os PCN<sup>603</sup> de Ciências Naturais e as Diretrizes Curriculares de Ciências do Paraná.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais os conteúdos da disciplina de Ciências estão organizados em quatro eixos temáticos: *Terra e Universo*; *Vida e Ambiente*; *Ser Humano e Saúde*; e *Tecnologia e Sociedade*. A partir desses eixos temáticos, são apresentados os conteúdos indicados para o terceiro ciclo<sup>604</sup> e para o

---

<sup>603</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais.

<sup>604</sup> Para o terceiro ciclo do Ensino Fundamental (quinta e sexta séries – atuais sexto e sétimo anos) são indicados os seguintes conteúdos centrais para o desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes em cada eixo temático: **Terra e Universo** – observação direta, busca e organização de informações sobre a duração do dia em diferentes épocas do ano e sobre os horários de nascimento e ocaso do Sol, da Lua e das estrelas ao longo do tempo, reconhecendo a natureza cíclica desses eventos e associando-os a ciclos dos seres vivos e ao calendário; busca e organização de informações sobre cometas, planetas e satélites do sistema Solar e outros corpos celestes para elaborar uma concepção de Universo; caracterização da constituição da Terra e das condições existentes para a presença de vida; valorização dos conhecimentos de povos antigos para explicar os fenômenos celestes; **Vida e Ambiente** – coleta, organização, interpretação e divulgação de informações sobre transformações nos ambientes provocadas pela ação humana e medidas de proteção e recuperação, particularmente da região em que vivem e em outras regiões brasileiras, valorizando medidas de proteção ao meio ambiente; investigação da diversidade dos seres vivos compreendendo cadeias alimentares e características adaptativas dos seres vivos, valorizando-os e respeitando-os; comparação de diferentes ambientes em ecossistemas brasileiros quanto à vegetação e fauna, suas inter-relações e interações com o solo, o clima, a disponibilidade de luz e de água e com as sociedades humanas; investigação de diferentes explicações sobre a vida na Terra, sobre a formação dos fósseis e comparação entre espécies extintas e atuais; **Ser Humano e Saúde** – distinção de alimentos que são fontes ricas de nutrientes plásticos, energéticos e reguladores, caracterizando o papel de cada grupo no organismo humano, avaliando sua própria dieta, reconhecendo as consequências de carências nutricionais e valorizando os direitos do consumidor; compreensão de processos envolvidos na nutrição do organismo estabelecendo relações entre os fenômenos da digestão dos alimentos, a absorção de nutrientes e sua distribuição pela circulação sanguínea para todos os tecidos do organismo; caracterização do ciclo menstrual e da ejaculação, associando-os à gravidez, estabelecendo relações entre o uso de preservativos, a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, valorizando o sexo seguro; **Tecnologia e Sociedade** – investigação de tecnologias usuais e tradicionais de mesma finalidade, comparando-as quanto à qualidade das soluções obtidas e outras vantagens ou problemas ligados ao ambiente e ao conforto, valorizando os direitos do consumidor e a qualidade de vida; comparação e classificação de diferentes equipamentos de uso cotidiano segundo sua finalidade, energias envolvidas e princípios de funcionamento, estabelecendo a sequência de transformações de energia, valorizando o consumo criterioso de energia, os direitos do consumidor e a qualidade de vida; comparação e classificação de diferentes materiais segundo sua finalidade, a origem de sua matéria-prima e os processos de produção, investigando a sequência de separação e preparação de misturas ou síntese de substâncias, na indústria ou artesanato de bem de consumo, valorizando o consumo criterioso de materiais; investigação dos modos de conservação de alimentos – cozimento, adição de substâncias, refrigeração e desidratação – quanto ao modo de atuação específico, à importância social histórica e local, descrevendo processos industriais e artesanais para este fim (BRASIL, 1998).



quarto ciclo<sup>605</sup> do Ensino Fundamental, mas não há indicação explícita de quais conteúdos devem ser trabalhados em cada série – ano – do Ensino Fundamental. Lendo os PCN, tive a impressão de ter aumentado a preocupação de se discutir questões sobre meio ambiente, qualidade de vida e saúde – nesse caso, tanto em

<sup>605</sup> Para o quarto ciclo do Ensino Fundamental (sétima e oitava séries – atuais oitavo e nono anos) são indicados os seguintes conteúdos centrais para o desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes em cada eixo temático: **Terra e Universo** – identificação, mediante observação direta, de algumas constelações, estrelas e planetas recorrentes no céu do hemisfério Sul durante o ano, compreendendo que os corpos celestes vistos no céu estão a diferentes distâncias da Terra; identificação da atração gravitacional da Terra como a força que mantém pessoas e objetos presos ao solo ou que os faz cair, que causa marés e que é responsável pela manutenção de um astro em órbita de outro; estabelecimento de relação entre os diferentes períodos iluminados de um dia e as estações do ano, mediante observação direta local e interpretação de informações deste fato nas diferentes regiões terrestres, para compreensão do modelo heliocêntrico; comparação entre as teorias geocêntrica e heliocêntrica, considerando os movimentos do Sol e demais estrelas observados diariamente em relação ao horizonte e o pensamento da civilização ocidental nos séculos XVI e XVII; reconhecimento da organização estrutural da Terra, estabelecendo relações espaciais e temporais em sua dinâmica e composição; valorização do conhecimento historicamente acumulado, considerando o papel de novas tecnologias e o embate de ideias nos principais eventos da história da Astronomia até os dias de hoje; **Vida e Ambiente** – compreensão de relações entre a história geológica do planeta e a evolução dos seres vivos, considerando mudanças na composição e na fisionomia da biosfera, atmosfera e litosfera para avaliar e respeitar o tempo de reposição dos materiais e substâncias na natureza; comparação das estruturas do corpo, dos modos como realizam funções vitais e dos comportamentos de seres vivos que habitam ecossistemas diferentes, hoje e em outros períodos do passado geológico, para a compreensão de processos adaptativos; reconhecimento de formas eficientes de dispersão e estratégias reprodutivas dos seres vivos em diferentes ambientes, e comparação entre reprodução sexual e assexual no que diz respeito à variabilidade dos descendentes; estabelecimento de relações entre os fenômenos da fotossíntese, da respiração celular e da combustão para explicar os ciclos do carbono e do oxigênio de forma integrada ao fluxo unidirecional de energia no planeta; investigação dos fenômenos de transformação de estados físicos da água ocorridas em situações de experimentação e na natureza, em que há alteração de temperatura e pressão, compreendendo o ciclo da água em diferentes ambientes, identificando o modo pelo qual os mananciais são reabastecidos, valorizando sua preservação; investigação de alterações de determinados ambientes como resultado da emissão de substâncias, partículas e outros materiais produzidos por agentes poluidores, compreendendo os processos de dispersão de poluentes no planeta e aspectos ligados à cultura e à economia para valorizar medidas de saneamento e de controle de poluição; **Ser Humano e Saúde** – compreensão do organismo humano como um todo, interpretando diferentes relações e correlações entre sistemas, órgãos, tecidos em geral, reconhecendo fatores internos e externos ao corpo que concorrem na manutenção do equilíbrio, as manifestações e os modos de prevenção de doenças comuns em sua comunidade e o papel da sociedade humana na preservação da saúde coletiva e individual; reconhecimento de processos comuns a todas as células do organismo humano e de outros seres vivos: crescimento, respiração, síntese de substâncias e eliminação de excretas; compreensão dos sistemas nervoso e hormonal como sistemas de relação entre os elementos internos do corpo e do corpo todo com o ambiente, em situações do cotidiano ou de risco à integridade pessoal e social, valorizando condições saudáveis de vida; compreensão dos processos de fecundação, gravidez e parto, conhecendo vários métodos anticoncepcionais e estabelecendo relações entre o uso de preservativos, a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, valorizando o sexo seguro e a gravidez planejada; **Tecnologia e Sociedade** – compreensão de processos de recuperação e degradação de ambientes por ocupação urbana desordenada, industrialização, desmatamento, inundação para construção de barragem ou mineração, cotejando custos ambientais e benefícios sociais, valorizando a qualidade de vida; investigação de processos de extração e produção de energia e substâncias obtidas por diferentes tecnologias tradicionais ou alternativas, sua transformação na indústria de produção de bens, valorizando a preservação dos recursos naturais; compreensão das relações de mão dupla entre as necessidades sociais e a evolução das tecnologias, associada à compreensão dos processos de transformação de energia e de materiais, valorizando condições de saúde e qualidade de vida (BRASIL, 1998).

relação à alimentação, como em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Algo chamou a minha atenção: a indicação de se trabalhar os direitos dos consumidores na disciplina de Ciências. Outros tempos, outras demandas... No entanto, a quantidade de aulas de Ciências, no Paraná, não mudou – são, salvo engano, três aulas semanais em cada turma.

Continuando o exercício, passei à leitura das Diretrizes Curriculares de Ciências do Estado do Paraná. Nesse documento os conteúdos são organizados em cinco Conteúdos Estruturantes<sup>606</sup>: *Astronomia*; *Matéria*; *Sistemas Biológicos*; *Energia*; e *Biodiversidade*. A partir desses Conteúdos Estruturantes são apresentados os conteúdos básicos<sup>607</sup> que devem ser trabalhados na disciplina de Ciências ao longo do Ensino Fundamental, e há a indicação de quais conteúdos básicos devem ser trabalhados em cada ano do Ensino Fundamental<sup>608</sup>. Lendo as Diretrizes Curriculares identifiquei a preocupação em se abordar as teorias de origem e evolução do universo e também da evolução dos seres vivos – assuntos

---

<sup>606</sup> Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná “entende-se o conceito de Conteúdos Estruturantes como conhecimentos de grande amplitude que identificam e organizam os campos de estudo de uma disciplina escolar, considerados fundamentais para a compreensão de seu objeto de estudo e ensino. Os conteúdos estruturantes são constructos históricos e estão atrelados a uma concepção política de educação, por isso não são escolhas neutras.” (PARANÁ, 2008, p. 63).

<sup>607</sup> Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná “Entende-se por conteúdos básicos os conhecimentos fundamentais para cada série da etapa final do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, considerados imprescindíveis para a formação conceitual dos estudantes nas diversas disciplinas da Educação Básica” (PARANÁ, 2008, p. 83). Nessas diretrizes, são indicados os seguintes conteúdos básicos para a disciplina de Ciências em cada Conteúdo Estruturante: ***Astronomia*** – universo, sistema solar, movimentos celestes e terrestres, astros, origem e evolução do universo, gravitação universal; ***Matéria*** – constituição da matéria, propriedades da matéria; ***Sistemas Biológicos*** – níveis de organização, célula, morfologia e fisiologia dos seres vivos, mecanismos de herança genética; ***Energia*** – formas de energia, conservação de energia, conversão de energia, transmissão de energia; ***Biodiversidade*** – organização dos seres vivos, sistemática, ecossistemas, interações ecológicas, origem da vida, evolução dos seres vivos (PARANÁ, 2008).

<sup>608</sup> São indicados os seguintes conteúdos básicos: ***5ª série / 6º ano*** – universo, sistema solar, movimentos terrestres, movimentos celestes, astros, constituição da matéria, níveis de organização, formas de energia, conversão de energia, transmissão de energia, organização dos seres vivos, ecossistemas, e evolução dos seres vivos; ***6ª série / 7º ano*** – astros, movimentos terrestres, movimentos celestes, constituição da matéria, célula, morfologia e fisiologia dos seres vivos, formas de energia, transmissão de energia, origem da vida, organização dos seres vivos, e sistemática; ***7ª série / 8º ano*** – origem e evolução do universo, constituição da matéria, célula, morfologia e fisiologia dos seres vivos, formas de energia, e evolução dos seres vivos; ***8ª série / 9º ano*** – astros, gravitação universal, propriedades da matéria, morfologia e fisiologia dos seres vivos, mecanismos de herança genética, formas de energia, conservação de energia, e interações ecológicas (PARANÁ, 2008). É importante registrar que nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná ressalta-se que “os conteúdos básicos estão apresentados por série e devem ser tomados como ponto de partida para a organização da proposta pedagógica curricular das escolas. Por serem conhecimentos fundamentais para a série, não podem ser suprimidos nem reduzidos, porém o professor poderá acrescentar outros conteúdos básicos na proposta pedagógica, de modo a enriquecer o trabalho de sua disciplina naquilo que a constitui como conhecimento especializado e sistematizado.” (PARANÁ, 2008, p. 83) – ou seja, as ***diretrizes curriculares*** não são apenas diretrizes; as ***diretrizes curriculares*** são, de certo modo, impostas às escolas paranaenses.

que eu não me recordo de terem sido abordados quando fui aluna do Ensino de 1º Grau. Algo que chamou a minha atenção é que, aparentemente, alguns conteúdos de Ciências ainda são retomados ano após ano no Ensino Fundamental; mas agora vejo que isso se aproxima, de certo modo, do trabalho dos professores de Matemática, que precisam revisitar, frequentemente, alguns conteúdos *básicos* em suas aulas.

A partir das leituras desses documentos curriculares, penso que seria aceitável dizer que alguns professores de Ciências ensinam apenas o que as propostas curriculares vigentes, as escolas ou os materiais didáticos lhes permitem ensinar – mesmo sabendo que as atividades desenvolvidas em sala de aula podem ser completamente diferentes das atividades declaradas pelos professores em seus registros de classe. Os dois documentos curriculares consultados indicam conteúdos relacionados às áreas da Astronomia, da Biologia, da Física, da Química e da Geografia. Mas, me parece que, enquanto os PCN abrem possibilidades de se trabalhar com temas de outras áreas – como direito dos consumidores – ou mesmo com saberes populares, as Diretrizes Curriculares de Ciências do Estado do Paraná priorizam os conhecimentos específicos e sistematizados da disciplina em questão. Lendo esses dois documentos curriculares, é quase impossível não lembrar as palavras da professora Lenir Maristela Silva: ***“O Estado do Paraná não aceita os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências... E as Diretrizes Curriculares [de Ciências do Estado do Paraná] são altamente engessadas e conteudistas.”*** Depois de pensar sobre isso, iniciei meu terceiro exercício: li novamente as duas versões do Projeto Pedagógico do Curso de Ciências do Setor Litoral da UFPR.

As duas versões do PPC de Licenciatura em Ciências indicam temáticas a serem trabalhadas ao longo do curso<sup>609</sup>. As temáticas são amplas, mas na segunda

---

<sup>609</sup> Na primeira versão do Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências eram previstas as seguintes temáticas: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Cenário escolar regional, ensino de Ciências e Prática de Ensino; Fundamentos básicos contextualizados da Física, Química e Biologia, cotidiano escolar e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino; Vivência de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino; Vivências de docência, relação Ciências, saúde e qualidade de vida e Prática de Ensino; Vivências de docência e a relação Ciências, diversidade e inclusão (UFPR LITORAL, 2011). Na segunda versão do Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências estão previstas as seguintes temáticas: Integração e Reconhecimento, Concepções de Ciências e Educação; Ciências da Natureza e Educação; Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino; Docência, diversidade e inclusão; Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino; Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e prática de ensino; Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e prática de ensino (UFPR LITORAL, 2014).

versão do PPC identifiquei a preocupação de se ressaltar as seguintes áreas específicas do conhecimento: Biologia, Física e Química. Nas ementas disponíveis nas duas versões do PPC há a indicação de que se trabalhem questões da Filosofia das Ciências e tópicos de Astronomia. Eu acredito que o currículo da Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral se aproxima mais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do que das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná; pois as temáticas permitem que os temas transversais sejam trabalhados nos projetos desenvolvidos pelas turmas no decorrer do curso de licenciatura.

A partir da leitura das duas versões do PPC de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral, acredito que é plausível dizer que se espera que os professores de Ciências ensinem, predominantemente – e interdisciplinarmente –, Biologia, Física e Química. Penso que também é possível dizer que, em alguns momentos, os professores de Ciências precisam recorrer a alguns referenciais da Astronomia e, talvez, da Geografia, para se prepararem para suas aulas. Pensando sobre essas questões, lembrei da fala do professor Marcos Aurélio Zanlorenzi: ***“[os módulos da Licenciatura em Ciências] se preocupam com a formação do professor de Ciências, e com os conteúdos que o professor de Ciências deveria trabalhar ou entender ou compreender para atuar na sua profissão”***.

Por isso, antes de passar ao próximo exercício, penso que é importante considerar o contexto em que as versões do PPC de Ciências foram elaboradas. O professor Luiz Fernando de Carli Lautert contou, em sua entrevista, que ***“A elaboração [da primeira versão] do PPC, na verdade, foi um processo com discussão e ação, porque no início do curso a equipe [de professores] não estava formada e não havia um currículo inicial... Nós fomos construindo o curso sem ter uma base curricular... Era assim: o professor de Química trabalhava Química, o professor de Física lecionava Física... E os professores iam trabalhando os conteúdos. A partir do segundo ou terceiro ano nós sentamos para fazer uma proposta, para teorizar uma proposta que pudesse conciliar o PPP do Setor [Litoral], a metodologia por projetos e as demandas burocráticas que nos pressionavam para a aprovação oficial do curso.”***. Ou seja, o PPC do curso de Licenciatura em Ciências foi elaborado a partir das discussões sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido nesse curso no Setor Litoral da UFPR, e também, como já dito anteriormente, a partir da discussão de documentos que poderiam contribuir para a constituição do curso, como a Lei de

Diretrizes e Bases, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, e as diretrizes para a formação de professores<sup>610</sup>.

Sobre o início do curso de Ciências na UFPR Litoral, o professor Emerson comentou: **“em dois mil e oito, nós estávamos pensando de modo disciplinar. O curso era disciplinar! No início, teve Cálculo Diferencial e Integral, matemática básica, biologia básica... No primeiro semestre do curso teve disciplinas... Por mais que a proposta fosse pedagogicamente diferente, na prática o curso era disciplinar. Isso é interessante: na prática os ideais são executados do modo que a pessoa tem mais segurança. Nesse caso, a segurança é o ensino disciplinar porque os professores passaram a vida inteira aprendendo assim, foram educados assim, respondem à demanda assim... Então, na prática nós acabamos caindo nesse modo de fazer...”**. Depois de certo tempo, no entanto, os professores da UFPR Litoral parecem ter sentido a necessidade de mudar a metodologia de trabalho no curso de Ciências: as disciplinas foram sendo abandonadas e teve início o trabalho por projetos. A professora Ana Maria Franco contou que **“A transição para o trabalho por projetos [na Licenciatura em Ciências] começou com a turma que ingressou em dois mil e dez... E aí nós começamos a implantar também nas turmas anteriores... E houve bastante dificuldade dos estudantes, porque muitos entram no curso de Licenciatura em Ciências pensando que vão cursar Biologia... [...] E aí eles entram aqui e, já de cara, têm algumas formações ligadas à Filosofia das Ciências... Mas eles entram achando que vão ficar trabalhando em laboratório com lupa e microscópio... Então, surgem algumas dificuldades... E eles só vão entender a importância dessas atividades e dessas leituras com o passar do tempo...”**.

Mas não foram apenas os estudantes que sentiram dificuldades para compreender a proposta do curso de Ciências. O professor Maurício Cesar Vitória Fagundes, em sua entrevista, relatou o seguinte: **“Nós tínhamos uma proposta inicial de PPC de Licenciatura em Ciências mais quadradinha... Aí nós fizemos alguns polimentos e a deixamos mais redonda no sentido da proposta do PPP do Setor [Litoral]... E, para isso, nós consideramos as nossas experiências... Nós trouxemos o presente para alimentar essa ideia de intencionalidade de**

---

<sup>610</sup> Afirimo isso a partir das narrativas dos professores Emerson Joucoski e Valentim da Silva.

*futuro... E esse movimento é importante porque a construção do PPC aconteceu durante o processo de execução do curso e trouxe elementos de maturidade e de reflexão para entender o que estava funcionando... E isso ajudou a projetar outras coisas para além daquilo que estava sendo feito. Então, não partimos de um marco zero, imaginário, idealizado... Partimos de um patamar de caminhada com a clareza de que ele está longe da idealização... Tivemos muitas discussões bem calorosas na Câmara [de Ciências], pensando na melhor forma de encaminhar o PPC – no sentido de dar coerência para os princípios de transformação e de emancipação, fazendo as proposições de estágio e de atividades complementares. E sempre pensando na realidade concreta do lugar... Eu acho que foi um movimento muito bom de discussão... Um movimento coletivo...”. Falando sobre esse assunto, o professor Valentim da Silva enfatizou que “O PPC [da Licenciatura em Ciências] ficou carregado de sentido para quem participou da sua elaboração, ele foi construído com os professores... A gente discutia o que estava acontecendo nas turmas e essas discussões também faziam pensar no texto...”.*

O professor Rodrigo comentou sobre alguns embates durante a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências: *“Na elaboração do primeiro PPC eu acho que ficou muito evidente que éramos um grupo heterogêneo. Hoje o grupo está mais homogêneo nas ideias... O grupo não mudou em termos de pessoas, mas acho que mudou um pouco em termos de ideias... Hoje o curso está mais pedagógico do que científico, digamos assim... Teve algumas brigas... Um falava: ‘A gente não pode esquecer que esse é um curso de Ciências.’... Daí outro falava: ‘Não. A gente não pode esquecer que esse é um curso de licenciatura.’... E alguém falou: ‘Não! É Licenciatura EM Ciências. A gente tem que integrar as duas coisas.’... Então, fazer esse grupo coexistir na hora de estruturar o texto foi difícil. Quem ganhou naquele momento? A pedagogia ganhou, a Educação ganhou...”.* No entanto, segundo o professor Rodrigo, *“Alguns alunos dizem: ‘Pô! Esse curso é quase uma pedagogia. Quase não tem Ciências.’... Na verdade tem... Mas eles precisam perceber onde está o conteúdo de Ciências e isso demora um pouco... Por isso, o primeiro ano do curso é um período de cuidado, para explicar e para mostrar como os conteúdos serão abordados.”.* Mas me parece que não eram apenas os alunos a ficarem incomodados com essa questão, pois o professor

Rodrigo ressaltou que **“na reestruturação do PPC, esses professores [que defendiam a ênfase nos aspectos pedagógicos] voltaram um pouquinho para dar mais base de Ciências para o curso, porque estava faltando...”**. Acredito que isso explica a alteração de algumas temáticas propostas na segunda versão do PPC de Ciências, em que as Ciências Biológicas, Físicas e Químicas foram enfatizadas, sendo citadas nominalmente no documento.

Depois de revisitar as narrativas dos colaboradores desta pesquisa, passei ao meu quarto exercício: tentei lembrar das aulas em que atuei como professora de Ciências na Educação de Jovens e Adultos por, aproximadamente, dois meses, em dois mil e cinco. Lembro que naquelas poucas aulas do módulo de Ciências foram abordados conteúdos sobre meio ambiente, alimentação e funcionamento do corpo humano. Nas aulas, líamos e discutíamos textos sobre esses assuntos. Esse foi o modo que encontrei para trabalhar com a disciplina de Ciências naquela ocasião: discutir os temas com os alunos. Em algumas aulas, os estudantes falavam muito mais que eu, pois alguns assuntos estavam diretamente ligados ao trabalho que eles desenvolviam – isso acontecia principalmente com aqueles estudantes que trabalhavam com agricultura. Quando assumi aquelas aulas de Ciências, eu estava bastante insegura, mas lembro que a coordenadora, que acompanhava o meu trabalho, afirmou que se eu tinha dado conta das aulas de Matemática, eu não teria problemas com as aulas de Ciências – segundo ela, o conteúdo de Ciências era *mais fácil*. Ao final do módulo, um estudante disse: **“Professora, eu gostava das suas aulas de Matemática, mas as aulas de Ciências foram muito melhores!”**. Acredito que as aulas de Ciências foram melhores porque eu não era *a dona da aula* – como acontecia nas aulas de Matemática. Nas aulas de Ciências os estudantes se sentiam mais à vontade para falar e os temas eram discutidos, enquanto nas aulas de Matemática eles estavam mais preocupados em resolver os exercícios *corretamente* e em entender *aquelas letras* que, de repente, começaram a aparecer nos exercícios de Matemática, principalmente, nas equações de primeiro grau.

A partir desse meu exercício, eu não consegui responder o que os professores de Ciências ensinam. Penso que eu não ensinei coisa alguma aos meus alunos daquele módulo de Ciências – do mesmo modo que talvez eu não tenha conseguido ensinar no módulo de Matemática, mas talvez os estudantes tenham aprendido algo. Acredito que aqueles dois meses de aulas de Ciências foram muito mais importantes para mim do que para os meus alunos, pois foram aquelas aulas

que me ensinaram a dar mais espaço aos estudantes e a ouvir, mais do que falar, em sala de aula. Por isso, eu concordo que aquelas aulas de Ciências foram melhores do que as *minhas* aulas de Matemática.

Esse exercício me fez lembrar das falas de alguns colaboradores desta pesquisa. O professor Valentim, por exemplo, afirmou que **“No Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, todo mundo acha que pode dar aula de Ciências... Biólogos, químicos, físicos, geógrafos, matemáticos: todo mundo pega aula de Ciências!”**. No entanto, acho que é conveniente ressaltar que nem todos os professores pensam que podem dar aula de Ciências, mas, às vezes, as circunstâncias exigem que professores de outras áreas assumam aulas de Ciências<sup>611</sup>; pois, como disse a professora Suzana Cini Freitas Nicolodi, **“acompanhando as redes públicas, a gente vê que tem um déficit de professores desta área, de Ciências...”**. Acredito que essa ainda é a realidade de muitas cidades brasileiras; por isso, como disse o professor Luiz, **“o curso de Licenciatura em Ciências é importante pela própria demanda das escolas públicas. Não havia um professor específico para a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental. Víamos biólogos, físicos, químicos e matemáticos dando aulas de Ciências nas escolas, parecia que qualquer professor podia trabalhar Ciências. Eu acho importante preparar um profissional vinculado mais especificamente às questões das Ciências...”**. Concordo que é importante pensar na formação específica dos professores de Ciências do Ensino Fundamental, mas, como disse a professora Lenir, é importante considerar que se **“o objetivo do curso de [Licenciatura em] Ciências é a formação para a mediação das Ciências – no caso, Física, Química e Biologia –, então é preciso formar um sujeito que vai mediar, mas que não será especialista nessas áreas, ele não será um catedrático. Quem vai ser catedrático nessas áreas? Os pesquisadores na área de Citologia, Zoologia, Botânica... Os nossos alunos estão se formando professores [de Ciências]... Eles têm que aprender mecanismos de pesquisa das áreas específicas? Sim! E eles aprendem, mas eles não precisam ficar repetindo as mesmas técnicas várias vezes. Eles aprendem como se trabalha**

---

<sup>611</sup> Isso não é uma particularidade da disciplina de Ciências. Ainda vemos muitos professores de Matemática assumindo aulas de Física nas escolas; ainda vemos muitos professores de História – e alguns pedagogos – assumindo aulas de Filosofia e de Sociologia; ainda vemos muitos professores de Português assumindo aulas de Artes, de Espanhol e de Inglês. Infelizmente, ainda há carência de professores de algumas áreas específicas em muitas cidades brasileiras.



*em um laboratório de Química, de Botânica, de Zoologia, de Patologia, de Fitologia... Mas eles não precisam fazer a mesma coisa trezentas mil vezes para aprender... Por exemplo: é preciso aprender a manusear microscópio, mas não precisa ter aula disso em todos os semestres. Nós levamos isso em consideração e focamos mais na mediação – pelo menos, eu trabalho assim. E a ideia é que o curso foque mais em como a gente pesquisa, estuda, seleciona e conduz o ensino de Ciências... E, como [na UFPR Litoral] eles fazem estágio paralelamente ao curso, as questões de estágio vêm à tona o tempo todo nos FTP... E aí o foco sempre é o ensino de Ciências...”. Acredito que essa questão é fundamental: se é um curso de Licenciatura em Ciências, então o foco desse curso deve ser o ensino de Ciências<sup>612</sup>.*

Neste texto olhei para os conteúdos que aparecem em alguns documentos curriculares, mas cabe dizer que esse foi apenas um modo de tentar apresentar respostas plausíveis para a pergunta **“O que ensinam os professores de Ciências?”**. Acredito que há outros modos de se fazer isso. Acredito que as interações em sala de aula, por exemplo, são mais importantes do que os conteúdos prescritos nos documentos. Acredito que seria muito mais interessante conversar com professores de Ciências sobre esse assunto do que ler os documentos curriculares. No entanto, no momento em que elaborei este texto, não era viável considerar momentos de interação em sala de aula ou a possibilidade de realizar outras entrevistas.

Os quatro exercícios que realizei me ajudaram a pensar sobre formação de professores de Ciências – e, de certo modo, sobre formação de professores de Matemática. No entanto, os exercícios realizados não permitiram que eu respondesse a questão **“O que ensinam os professores de Ciências?”**. Acredito que não se pode dar uma resposta simplista a essa pergunta. Penso que há muitas respostas plausíveis para ela, mas, ao mesmo tempo, é possível que não exista uma resposta, pois sempre escapará algo quando tentarmos responder essa questão. Acredito que isso vale também para a pergunta **“O que ensinam os professores de Matemática?”**. As vivências, os documentos curriculares, e as narrativas de

<sup>612</sup> Penso que é importante ressaltar que o curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral é uma licenciatura plena, com duração de, no mínimo, quatro anos. O egresso desse curso recebe diploma de **Licenciado em Ciências**, ou seja, não há habilitação para atuação nas disciplinas de Biologia, Física e Química no Ensino Médio. No período em que realizei as entrevistas com os colaboradores desta pesquisa, estava em tramitação o pedido de autorização das habilitações para o Ensino Médio, posteriormente negado pelas instâncias superiores da UFPR.

professores e/ou de estudantes podem nos ajudar a apresentar respostas plausíveis, mas não nos dão respostas definitivas – e acredito que, nesses casos, respostas definitivas não são desejáveis.

Hoje, acredito que eu estava errada quando pensei que a Licenciatura em Ciências se aproximava, de algum modo, das minhas vivências como professora de Matemática. Com o desenvolvimento desta pesquisa, percebi que eu estava/estou tão distante da Licenciatura em Ciências como estava/estou distante da Licenciatura em Artes e da Licenciatura em Linguagem e Comunicação – e de todas as outras licenciaturas, sejam elas da UFPR Litoral ou de outras instituições. Compreendi que os professores de Ciências podem ensinar Matemática, mas, provavelmente, eles ensinam Matemática de outros modos. O mesmo vale para os professores de Biologia, de Física, de Geografia, de Química ou de quaisquer outras disciplinas – esses professores abordam os conteúdos matemáticos com outras intencionalidades, então penso que eles ensinam Matemática de outros modos. Cada professor é singular e ensina de modo singular.

Estudar a proposta pedagógica da UFPR Litoral permitiu visualizar outros modos de formação de professores – e também de outros profissionais. No Setor Litoral da UFPR não há preocupação apenas com os conteúdos específicos de cada curso; há também a preocupação em proporcionar espaços de discussão em que outros saberes são compartilhados e considerados válidos, e há espaço para que os estudantes desenvolvam pesquisas sobre assuntos de seus interesses – independentemente dos cursos em que estão matriculados. O estágio supervisionado dos licenciandos em Ciências parece ser frequentemente discutido por estudantes e professores no espaço dos Fundamentos Teórico-Práticos, nos quais os conhecimentos específicos do curso são trabalhados. Desse modo, teoria e prática parecem caminhar lado a lado, embora alguns ainda considerem que as questões pedagógicas eram/são mais enfatizadas do que os conteúdos das áreas de Biologia, Física e Química. Além disso, a realidade local é utilizada, por alguns professores, como dispositivo disparador de boa parte das atividades desenvolvidas no curso de Licenciatura em Ciências. Terminei este texto, entretanto, sem saber dizer o que os professores de Ciências ensinam em suas aulas, mas penso que os exercícios que registrei aqui contribuíram para a minha formação. A UFPR Litoral mostra que outros modos de formação de professores são possíveis.

## REVISITANDO ALGUMAS QUESTÕES

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.

Clarice Lispector (1998, p. 11)

Muitas perguntas se fizeram presentes em minha vida nesses últimos quatro anos. Foram perguntas diversas sobre temas variados; mas as perguntas que mais me desestabilizavam eram aquelas envolvidas diretamente com a escrita desta tese. Não é por acaso que o primeiro texto tem como título “*Como começar esta história?*”. Passei dias pensando em como começar a tese. Aos poucos, fui encontrando algumas respostas. Durante a elaboração da primeira parte desta tese, registrei alguns questionamentos que foram surgindo no processo de desenvolvimento da pesquisa. Acredito que algumas daquelas perguntas foram respondidas ao longo da tese, mas outras continuam sem respostas. Há algum tempo, decidi que no último texto da tese eu revisitaria algumas daquelas perguntas e trataria também de questões que, embora tivessem surgido durante os estudos, não tinham sido registradas formalmente. Nos últimos dias, questionei-me sobre como este último texto poderia ser estruturado. Talvez seu título pudesse ser “*Como terminar esta história?*”, mas logo desconsiderei essa possibilidade, pois, certamente, a história não acabará no momento em que eu colocar o último ponto final neste texto.

Quando comecei a desenvolver este trabalho, eu estava muito curiosa sobre os movimentos que acontecem no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. A UFPR Litoral parecia ser um lugar ideal, em que tudo funcionava perfeitamente bem; apesar de alguns conflitos internos que eu sabia que existiam, mas que considerava normais a qualquer instituição de ensino. Depois de estudar o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, começaram a surgir dúvidas sobre os espaços curriculares, e considerei que precisava visitar a UFPR Litoral para compreender esses espaços, que pareciam muito diferentes de tudo que eu conhecia em relação ao Ensino Superior. Durante aquela visita, em dois mil e treze, decepcionei-me com uma ou outra coisa que observei ou ouvi, mas fiquei encantada com muitas outras coisas que vi e ouvi. Voltei para Rio Claro tomada de admiração pela UFPR Litoral. Conversei com o professor Vicente, e ele disse que era preciso ter cuidado com isso. Meu orientador alertou que seria bom manter certo distanciamento, pois era preciso

olhar para a UFPR Litoral criticamente. Eu não poderia naturalizar os movimentos que acontecem no Setor Litoral da UFPR, nem deixar de questionar alguns processos. Não se tratava de olhar para a UFPR Litoral com pessimismo ou desconfiança, mas, sim, de olhar e questionar linhas e entrelinhas, tanto quanto fosse possível.

Confesso que aquela visita à UFPR Litoral também me causou alguns estranhamentos. Cito o que eu considero o maior deles: acompanhei, no espaço das Interações Culturais e Humanísticas, uma aula de Matemática que eu chamaria de *aula tradicional*. Talvez os estudantes tenham sentido a necessidade de discutir alguns temas de Matemática, daquele modo, no espaço das ICH; talvez o acordo entre professores e estudantes tenha sido este: revisar conteúdos básicos de Matemática a partir de exercícios. Mas eu fiquei muito incomodada com o que observei naquela noite. Penso que o meu estranhamento teria sido menor se eu tivesse presenciado aquela aula em outra instituição. Acredito que em outro ambiente, talvez, aquela situação sequer causasse estranhamento. Hoje, compreendo que o estranhamento ocorreu porque presenciei *uma aula* na UFPR Litoral, onde eu acreditava que não havia aulas expositivas. Aquele estranhamento – que perdurou por muito tempo – era fruto do meu *pré-conceito* sobre a UFPR Litoral. Depois eu me questioneei: “*Como posso julgar uma atividade de ICH tendo vivenciado apenas um encontro dela?*”. No entanto, acredito que é relevante dizer que levou muito tempo para que esse novo questionamento se manifestasse. Precisei de certo tempo para compreender e aceitar aquela atividade.

Depois daquela visita em que me aproximei de modo mais direto da UFPR Litoral e, de algum modo, da realidade do litoral paranaense, comecei a me preparar para as entrevistas que comporiam minha pesquisa. Eu entendia que as perguntas do roteiro deveriam permitir, principalmente, que os colaboradores contassem um pouco de suas vidas, expressassem como compreendiam a UFPR Litoral e seus espaços curriculares, e narrassem algumas das suas vivências profissionais. Eu havia planejado permanecer cinco dias em Matinhos para realizar as entrevistas. Entrei em contato com alguns professores e gestores, e consegui agendar doze entrevistas – duas delas confirmadas na semana em que estive em Matinhos. Entrevistar doze pessoas em cinco dias era um desafio. Acredito que a vantagem disso foi ter constituído doze narrativas que trazem elementos importantes sobre a história da UFPR Litoral. No entanto, acredito que algumas entrevistas podem ter

sido prejudicadas pelo meu cansaço. Se tivesse realizado as entrevistas em um período mais longo, talvez eu pudesse ter registrado mais detalhes sobre algumas atividades. Mas isso fica no espaço do se e do *talvez*.. Não há como saber como seria se tivesse sido diferente.

As entrevistas dispararam diversos questionamentos – tanto nos momentos em que elas foram realizadas, como nos momentos posteriores. A cada leitura das textualizações, surgem outras questões. Revisando os textos da primeira parte desta tese, observei que a maioria das perguntas que fiz a mim mesma, durante o trabalho com as narrativas, envolvia duas palavras: *diferenciado* e *mudança*. Hoje, entendo que isso se deu porque, o tempo todo, eu buscava responder a seguinte pergunta: *“Por que um projeto diferenciado, aos poucos, vai perdendo suas características iniciais e vai se aproximando do modelo tradicional?”* – nesse caso, o projeto diferenciado era a UFPR Litoral e o modelo tradicional era o modelo vigente nos outros setores da UFPR. Algumas respostas foram sendo formuladas e registradas a partir do trabalho com as narrativas dos nossos colaboradores e do estudo de outras fontes, como documentos da UFPR Litoral e da UFPR, além de outros textos sobre suas histórias.

Aparentemente, o cenário político do início da década de dois mil favoreceu o processo de criação da UFPR Litoral: Governo Federal, Governo do Estado do Paraná e governos municipais da região do litoral paranaense firmaram uma parceria para viabilizar a instalação de uma universidade em uma cidade litorânea paranaense – e esse projeto contou com o apoio do então reitor da Universidade Federal do Paraná. No entanto, as mudanças nos cenários políticos – tanto internas como externas à UFPR – parecem ter sido determinantes para algumas alterações no funcionamento da UFPR Litoral. Acredito que a mudança mais expressiva no Setor Litoral ocorreu a partir da aprovação – ou imposição – do seu Regimento Setorial pelas instâncias superiores da Universidade Federal do Paraná. Como consequência disso, o Conselho Setorial passou a ser representativo – como nos demais setores da UFPR – e, desse modo, a comunidade da UFPR Litoral perdeu um importante espaço de discussão e de formação. Enquanto antes todos podiam participar das discussões e ajudar a decidir os rumos do projeto educacional, atualmente as decisões são tomadas a partir de pareceres dos membros do Conselho Setorial. Assim, um espaço que era utilizado também para debater questões pedagógicas foi burocratizado.

Outra consequência da aprovação do Regimento Setorial parece ter sido a burocratização dos espaços curriculares. O argumento usado para a normatização dos espaços dos Fundamentos Teórico-Práticos, das Interações Culturais e Humanísticas, e dos Projetos de Aprendizagem tem sido o de preservar esses espaços. Alguns exemplos desse processo de normatização são: a ordenação rígida dos módulos dos FTP dos cursos; a obrigatoriedade da efetivação das matrículas em ICH antes do início do semestre, extinguindo a semana de mobilidade desse espaço; e a organização das mostras de PA por cursos. Ou seja, aos poucos, vão se delineando os espaços curriculares e corre-se o risco de acabar com a característica de interação efetiva entre os cursos da UFPR Litoral.

Enquanto trabalhava com as narrativas dos colaboradores, eu tentava imaginar os estranhamentos que algumas dessas pessoas sentiram quando chegaram à UFPR Litoral. Imaginei também os embates vivenciados por elas ao longo dos últimos anos. O primeiro grupo de professores contratados para atuar na UFPR Litoral era composto por quarenta pessoas. Esses professores chegaram a um ambiente que estava sendo especificamente planejado para desenvolver atividades diferenciadas de formação profissional – à época, havia cursos técnicos e cursos de graduação na UFPR Litoral. Muitas dessas pessoas ainda não se conheciam e foram agrupadas para desenvolver, juntas, um trabalho diferenciado no Ensino Superior. No início, os professores da UFPR Litoral envolviam-se com dois cursos: um curso mais próximo à área de sua formação e outro mais distante dessa área. Professores, que ainda não se conheciam, passavam a trabalhar em duplas ou em trios, em docência compartilhada. Tentei imaginar a complexidade desse trabalho. Acredito que, muitas vezes, esses professores tiveram que ceder e experimentar alternativas propostas por seus colegas. Penso que os conflitos e os embates estiveram rondando essas práticas desde o princípio, pois o trabalho docente costuma ser solitário e, de repente, esses professores passaram a compartilhar solidariamente esse trabalho com seus colegas. É importante lembrar que não se tratava de uma atividade de curta duração: tratava-se de uma atividade que durava, pelo menos, um semestre; e os módulos dos Fundamentos Teórico-Práticos têm três encontros semanais.

Não me parece natural que todos os professores da UFPR Litoral tenham aceitado essa proposta sem resistência. Imagino algumas dificuldades enfrentadas pelos professores, que eram acostumados a dar aulas em outras instituições, e, de

repente, se depararam com a proposta da UFPR Litoral. Entre os desafios estavam compartilhar a docência com desconhecidos, trabalhar os módulos por projetos, mediar projetos, atuar em cursos distintos daqueles de sua formação, avaliar por conceitos, e articular ações de intervenção nos municípios do litoral paranaense. Acredito que a formação continuada foi fundamental para que os professores compreendessem e apoiassem a proposta da UFPR Litoral – ou mesmo para que pudessem elaborar argumentos contrários a ela.

Os movimentos de formação continuada aconteciam tanto em momentos de planejamento, antes do início dos semestres letivos, como em reuniões do Conselho e de Câmara ao longo do semestre. Nas semanas de planejamento eram programadas atividades com educadores externos à UFPR Litoral, com professores e técnicos participando dessas atividades de formação. Nas reuniões semanais eram discutidas ações docentes e a proposta pedagógica da UFPR Litoral. Nas reuniões de Conselho havia espaço para que fossem compartilhadas as ações desenvolvidas em cada curso, e nas reuniões de Câmara havia espaço para que os professores relatassem suas atividades em cada turma. Assim, aos poucos, o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral foi sendo elaborado. É importante lembrar que a elaboração desse documento deu-se a partir dos movimentos que aconteciam no Setor Litoral da UFPR.

No entanto, com o passar do tempo e com a abertura de novos cursos, a demanda de trabalho técnico e docente aumentou. Outros professores foram contratados e apresentados à proposta diferenciada de Ensino Superior da UFPR Litoral, mas não passaram por tantos momentos de formação continuada como os vivenciados por seus outros colegas. Havia sido idealizado que os primeiros professores da UFPR Litoral acompanhariam o trabalho dos novos docentes, mas a demanda de trabalho impediu que isso acontecesse. Aos poucos, dois grupos foram se constituindo no Setor Litoral da UFPR: um grupo que sustenta acreditar na proposta da UFPR Litoral e um grupo que se manifesta – abertamente ou não – contrário a essa proposta. Com o tempo, os conflitos internos ganharam outras proporções, e os movimentos de resistência à proposta se fortaleceram. Isso pode ter contribuído substancialmente para a efetivação de algumas mudanças na UFPR Litoral nos últimos anos.

Há ainda outro fator relevante que tem afetado a UFPR Litoral: os recursos financeiros. No início do projeto, a UFPR Litoral recebia recursos referentes à

implantação do *Câmpus*, devido ao projeto de expansão das universidades federais. No entanto, a partir de dois mil e nove, esses recursos cessaram e o Setor Litoral passou a depender exclusivamente dos recursos financeiros da UFPR. Aparentemente, essa foi uma boa oportunidade para que a Universidade Federal do Paraná estabelecesse algumas condições: se o Setor Litoral depende financeiramente da Universidade Federal do Paraná, é preciso que ele siga as mesmas regras que os demais setores.

Depois disso, o Regimento Setorial foi aprovado, o sistema de transporte passou a ser controlado por uma pró-reitoria em Curitiba e o vestibular foi unificado. A autonomia em relação ao transporte é essencial para as atividades desenvolvidas pela UFPR Litoral junto às comunidades do litoral paranaense. O vestibular do Setor Litoral que, teoricamente, deveria considerar questões regionais, passou a ser realizado com as mesmas provas dos outros setores da UFPR. Assim, aparentemente, a realidade local foi sendo paulatinamente desconsiderada pela Universidade Federal do Paraná, ainda que haja alguns professores resistentes, que lutam para que essa realidade local seja o ponto de partida de suas atividades.

O projeto educacional da UFPR Litoral tem sobrevivido entre tensões e movimentos de resistência. Um dos fatores mais claros para o engessamento desse projeto educacional parece ser a sua vinculação institucional com a UFPR. Compreendo que as circunstâncias, à época de sua implantação, eram favoráveis a isso. No entanto, atualmente, esse projeto diferenciado tem sido submetido às regras de uma universidade conservadora que impossibilita algumas atividades. Aos poucos, a UFPR Litoral vem perdendo algumas das suas características iniciais em virtude de um visível processo de burocratização em seus espaços. O diferenciado resiste, mas nem sempre consegue sobreviver em meio às pressões do tradicionalismo acadêmico. O diferenciado não consegue avançar se não encontra condições mínimas para continuar existindo. Aqueles que prezam pelo respeito ao heterogêneo afrontam aqueles que prezam pelo homogêneo. Acredito que, apesar de alguns movimentos de resistência, a UFPR Litoral está passando por um processo de pasteurização.

O professor Vicente já afirmou que a formação de professores de Matemática, no Brasil, tem ocorrido sob os signos da urgência, da desigualdade de



condições e da carência<sup>613</sup> – *urgência* pela exigência legal de que os professores tenham formação em nível superior, sem que haja condições para promover adequadamente essa formação; *desigualdade de condições*, pois há a defesa da igualdade de condições de acesso e de permanência nos cursos, sem haver, em contrapartida, estratégias que promovam a igualdade de oportunidades aos estudantes; e *carência* tanto pela falta de professores com a titulação mínima exigida para atuar em nossas escolas, quanto pelas condições precárias com que alguns cursos são oferecidos de modo a alimentar esse mecanismo da urgência e da própria precariedade. Essas características se estendem para a formação de professores de modo geral, pois, em muitas cidades brasileiras, ainda faltam professores, de diversas áreas, com formação em nível superior, do que seguem algumas iniciativas de criação de cursos de licenciatura na tentativa de atender a essa demanda. Durante meu exame de qualificação, concluímos que a formação de professores no Brasil tem sido marcada também por outro signo: o da instabilidade. A cada mudança em instâncias de gerenciamento locais, estaduais ou federal, a insegurança reflete imediatamente na área da Educação e reverbera no cotidiano de escolas e universidades brasileiras. Há um visível processo de descontinuidade nas ações na área educacional, resultado da situação política.

Na UFPR Litoral isso não tem sido diferente. Seus cursos de licenciatura foram criados visando a atender a demanda de professores do litoral paranaense. No entanto, a UFPR vem propondo – impondo – mudanças ao seu Setor Litoral de modo que a realidade local e a igualdade de oportunidades – aparentemente – são desconsideradas pelos gestores da Universidade Federal do Paraná. Acredito que as mudanças no cenário político local, somadas a essas mudanças no projeto educacional da UFPR Litoral, mostram a instabilidade presente em seus processos formativos. Enquanto os gestores do Setor Litoral buscam a normatização dos seus espaços curriculares para preservá-los, estudantes e professores precisam se adaptar às novas regras.

\*\*\*\*\*

---

<sup>613</sup> “Com o mapeamento das trajetórias de formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, mesmo que ainda em desenvolvimento, é possível perceber, por exemplo, que a formação de professores tem ocorrido, historicamente, sob o signo da urgência e da desigualdade de condições e, talvez, da carência.” (GARNICA, 2010, p. 39).

Passo a tratar agora de outras questões que considero relevantes. Em meu exame de qualificação, a professora Maria Laura Magalhães Gomes questionou: “*Esta tese é de Educação Matemática?*”. Essa pergunta já havia sido feita por outras pessoas em outros ambientes acadêmicos. Outras pessoas, em outros momentos, perguntaram: “Onde está a Matemática em sua pesquisa de doutorado?”. A professora Maria Laura sugeriu que eu discutisse essa questão em minha tese. Por isso, respondo as duas questões apresentadas acima. Eu acredito que esta tese é uma tese da área da Educação Matemática. Durante o meu mestrado, tive algumas discussões sobre esse assunto com o professor Carlos Roberto Vianna, que costumava dizer que dissertações e teses da área da Educação Matemática não precisam ter a Matemática como tema. Falando especificamente sobre trabalhos que usam a História Oral como metodologia, ele costumava dizer que, se os colaboradores eram professores de Matemática, se os autores dos trabalhos eram professores de Matemática ou se os orientadores eram professores de Matemática, esses trabalhos poderiam contribuir, de algum modo, com o ensino de Matemática<sup>614</sup>.

No caso desta tese, eu entrevistei apenas um professor de Matemática – então, aparentemente, não poderia usar um dos argumentos do professor Carlos. No entanto, eu sou professora de Matemática; o professor Vicente, meu orientador, é professor de Matemática; eu estou matriculada em um Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e, portanto, cursei disciplinas dessa área; participo das reuniões do Ghoem desde dois mil e doze; participei de eventos da área da Educação Matemática e, portanto, discuti esta pesquisa, algumas vezes, com professores de Matemática. Além disso, a banca examinadora desta tese é composta por educadores matemáticos. Acredito que outros textos serão escritos como desdobramentos desta pesquisa, e, provavelmente, esses textos circularão

---

<sup>614</sup> Em seu texto *Sem título*, o professor Carlos escreveu: “Ora, se eu perguntar a professores de matemática sobre quais pinturas eles já viram e se as sabem associar o nome de um pintor, a ‘matemática’ está presente no fato de essas pessoas, que falam o que falam, terem sido escolhidas para responder por serem ‘professores de matemática’, a matemática está presente no fato de as respostas serem dadas por professores de matemática e, ainda, a matemática está presente pelo fato de quem indaga ser um professor de matemática, ou de quem orienta a pesquisa ser, também, um professor de matemática! Algumas pessoas se sentem incomodadas pelo fato de o ‘objeto’, o ‘tema’ não ser uma equação, ou o ensino de um teorema... Isso não é motivo de ansiedade para mim. Entendo que alguns salivem por isso, mas tenho alguma dificuldade para aceitar que, em vista disso, pretendam, sem análise, desqualificar trabalhos dessa natureza como sendo trabalhos que não contribuam para o ‘ensino de matemática’. A possível contribuição para o ensino da matemática deveria, no mínimo, estar condicionada a uma análise de ‘mérito’ do trabalho.” (VIANNA, 2014, p. 74).

entre educadores matemáticos. A Matemática apareceu timidamente nesta tese, em uma ou outra entrevista – acredito que isso aconteceu somente porque os colaboradores desta pesquisa sabem que sou professora de Matemática. Ressalto que eu não senti falta da Matemática em minha pesquisa. Acredito que elementos mais importantes do que a Matemática me fizeram pensar sobre formação de professores – inclusive sobre formação de professores de Matemática. No entanto, acredito que julgar se esta é uma tese de Educação Matemática não cabe somente a mim. Então, deixo que os leitores também façam esse julgamento.

\*\*\*\*\*

Como Clarice Lispector disse, *não é fácil escrever*<sup>615</sup>. Apesar das dificuldades encontradas, realizei alguns exercícios de escrita e elaborei os textos que compõem esta tese – textos cuidadosamente revisados pelo professor Vicente. Penso que esses exercícios foram fundamentais para a minha formação, pois com eles encontrei outros modos de escrever. Acredito que esses exercícios contribuíram para que eu me tornasse a Silvana que sou hoje – e que já não será a mesma no momento em que este texto for lido<sup>616</sup>. Esta pesquisa contribuiu para que eu questionasse a minha atuação como professora de Matemática, pois me fez pensar em outras possibilidades de atuação docente. Nada posso afirmar sobre o futuro da UFPR Litoral, mas posso dizer que sua comunidade me proporcionou bons momentos de formação.

Eu gostaria de ter escrito outros textos e de ter abordado outros assuntos nesta tese. Mas as circunstâncias e as minhas limitações não permitiram que isso acontecesse. Acredito que seria muito interessante, por exemplo, entrevistar egressos da UFPR Litoral – principalmente, os egressos dos cursos de licenciatura. Isso, possivelmente, permitiria um panorama sobre o que essas pessoas pensavam sobre a formação na UFPR Litoral, bem como suas impressões atuais sobre esse processo formativo. No caso dos egressos dos cursos de licenciatura, poderíamos abordar as dificuldades que eles sentiram ao longo de seus cursos de graduação,

---

<sup>615</sup> “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

<sup>616</sup> Acredito que a “Cada vez que eu reler estas páginas, serei outra. E cada uma dessas outras será diferente da que escreveu. E mesmo a que escreveu não foi sempre a mesma, mas várias.” (VERÍSSIMO, 2013b, p. 310).

além dos possíveis obstáculos que enfrentaram em seus estágios supervisionados e, depois, no início de suas atuações docentes em escolas do litoral paranaense. Imagino que uma pesquisa com as escolas parceiras da UFPR Litoral poderia trazer bons elementos para se discutir questões que envolvem os estágios supervisionados em cursos de licenciatura. Acredito que também seria importante estudar a formação continuada de professores que vem acontecendo na UFPR Litoral, em seus cursos de especialização. Entrevistar os participantes desses cursos poderia nos trazer bons elementos para a discussão sobre formação continuada de professores. Penso que um estudo sobre a formação continuada ofertada aos professores da UFPR Litoral, em seus primeiros anos de funcionamento, também seria uma pesquisa relevante. Esses são apenas alguns exemplos de estudos que podem ser realizados tendo como foco o Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná e as experiências daqueles que o constituem.

\*\*\*\*\*

Nos últimos dias, eu me vi em uma situação complexa. Percebi que estava visivelmente fugindo do exercício de elaboração deste texto. Depois de alguns dias pensando sobre o assunto, acredito que compreendi o que estava acontecendo: eu desejava terminar a tese, mas não queria terminar a tese. Quando terminasse este texto, eu colocaria também um ponto final em uma fase da minha vida, pois estaria terminando a tese – mesmo sabendo que, provavelmente, a tese se desdobrará em outras produções. O período do meu doutorado foi marcado por momentos difíceis, por distâncias e por saudade. Mas esse período também foi marcado por bons encontros e por aprendizagem. Acredito que nesse período eu me tornei uma professora mais sensível.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

BARANOW, U. G.; SIQUEIRA, M. D. (orgs) **Universidade Federal do Paraná: história e estórias**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

BIGARELLA, J. J. Contribuição ao estudo da planície litorânea do Estado do Paraná. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, Curitiba, v. jubille, p. 65-110, dez/2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Ciências Naturais**. Brasília, 1998.

BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A democratização e expansão da educação superior no país: 2003-2014**. Brasília, [2015?].

BRUNER, J. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BURMESTER, A. M. O. (org) **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (orgs). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/saberes%20trad.pdf>>. Acesso em: 20/09/2016.

ESTADES, N. P. O Litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, v. 8, p. 25-41, jul-dez/2003.

FAGUNDES, M. C. V. **Universidade e Projeto Político Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

FARACO, C. A. Breve histórico da Universidade Federal do Paraná. In: BURMESTER, A. M. O. (org) **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 17-26.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. 2. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. 3. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

GARNICA, A. V. M. Estacas em paisagens móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática. In: TEIXEIRA, I. A. C. *et al* (orgs) **Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática**. São Paulo: Livraria da Física, 2012. p. 331-348.

\_\_\_\_\_. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-42, jul-dez/2010.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. **Bolema**, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez/2011.

JOUCOSKI, E. **Desenvolvimento profissional e inovação curricular na Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEITE, R. L.; OLIVEIRA, R. C. (orgs) **Reflexões: UFPR 100 anos (1912-2012)**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOREIRA JR., C. A. À comunidade da UFPR. In: UFPR. **Relatório de atividades 2005**. Curitiba, 2005. p. iii-vi.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da Educação Básica: Ciências**. Curitiba, 2008.

\_\_\_\_\_. **Proposta pedagógica das escolas das ilhas do litoral paranaense**. Curitiba, 2009.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-33, abr/1997.

RESOLUÇÕES. Disponível em:  
<<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res99/res26199.html>>. Acesso em 01/06/2015.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIQUEIRA, M. D. **Universidade Federal do Paraná: 100 anos**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

\_\_\_\_\_. **UFPR: centenário**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

TELLES, L. F. **Invenção e memória**. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEZZA, C. Na praia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 abr. 2014. Disponível em:  
<<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/cristovao-tezza/na-praia-8j3y7r80hycnuai3wqf6bkpxq>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

UFPR. **Plano de desenvolvimento institucional**: 2002-2006. Curitiba, [2002?].

\_\_\_\_\_. **Plano de desenvolvimento institucional**: 2007-2011. Curitiba, 2007.

\_\_\_\_\_. **Plano de desenvolvimento institucional**: 2012-2016. Curitiba, 2012.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades 2005**. Curitiba, 2005.

UFPR LITORAL. **Projeto Pedagógico de Curso**: Licenciatura em Ciências. Matinhos, 2011.

\_\_\_\_\_. **Projeto Pedagógico de Curso**: Licenciatura em Ciências (Reformulação). Matinhos, 2014.

\_\_\_\_\_. **Projeto Político Pedagógico**. Matinhos, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Trajetória da implantação da UFPR Litoral**. Matinhos, 2008b.

VERISSIMO, E. **Clarissa**. 6. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

\_\_\_\_\_. **O arquipélago** (vol 3). 7. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 2013b. (O Tempo e o Vento, parte III, v. 3)

VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (org) **Cartografias contemporâneas**: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85.

\_\_\_\_\_. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 10. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Universidade do Mate**: História da UFPR. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALENCASTRO, L. H. **Concepções de estudantes sobre os projetos de aprendizagem no ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

BARBOSA, E. P. **Leituras sobre processo de implantação de uma Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática por área do conhecimento**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais**. Brasília, 1997.

BRIZOLLA, F.; SILVA, L. M.; FAGUNDES, M. C. V. Ousadia emancipatória no ensino superior: relato de uma experiência didática no Campus Litoral da Universidade Federal do Paraná. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 584-603, set-dez/2010.

CARVALHO, P. H. S. **A formação continuada de professores da Educação Básica pública e a função da universidade**: limites e possibilidades da ação da UFPR Setor Litoral. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

COUTO, L. P. **A pedagogia universitária nas propostas inovadoras de universidades brasileiras**: por uma cultura da docência e construção da identidade docente. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CUNHA, A. M. O. *et al.* **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: Educação Ambiental, Educação em Ciências, Educação em espaços não-escolares, Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CUNHA, M. I. (org) **Pedagogia universitária**: energias emancipatórias em tempos neoliberais. 1. reimp. Araraquara: Junqueira&Marin, 2008.

DENARDIN, V. F.; ABRAHÃO, C. M. S.; QUADROS, D. M. (orgs). **Litoral do Paraná**: reflexões e interações. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2011.

FRANCO, E. K. **Currículo por projetos**: inovação do ensinar e aprender na educação superior. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Movimentos de mudança**: um estudo de caso sobre inovação curricular em cursos de licenciatura da UFPR Litoral. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.



\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GARNICA, A. V. M. (org) **Cartografias contemporâneas**: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

\_\_\_\_\_. Presentificando ausências: a formação e a atuação dos professores de Matemática. In: CUNHA, A. M. O. *et al.* **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: Educação Ambiental, Educação em Ciências, Educação em espaços não-escolares, Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 555-569.

HAMERMÜLLER, D. O. **Possibilidades e limites do exercício da autonomia dos estudantes na UFPR Litoral**: os Projetos de Aprendizagem em foco. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Interações Culturais e Humanísticas 2016-1. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/12/Turmas-ICH-2016-1.pdf>>. Acesso em: 08/08/2016.

Interações Culturais e Humanísticas 2016-2. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/06/Turmas-ICH-2016-2-ATUALIZADA.pdf>>. Acesso em: 08/08/2016.

MARTÍNEZ, J. B. (coord) **Innovación en la universidad**: prácticas, políticas y retóricas. Barcelona: GRAÓ, 2012.

MASETTO, M. (org) **Inovação no Ensino Superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

OLIVEIRA, T. M. **A democracia deliberativa na prática**: estudo de caso sobre o Conselho Diretivo da UFPR Litoral. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

PACHECO, J. **Escola da Ponte**: formação e transformação da educação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

PACHECO, J.; PACHECO, M. F. (orgs) **A Escola da Ponte sob múltiplos olhares**: palavras de educadores, alunos e pais. Porto Alegre: Penso, 2013.

PARANÁ. **Currículo Básico para a escola pública do Estado do Paraná**. Curitiba, 1990.

PEREIRA, C. A. **Processo de formação de professores universitários engajados no currículo por projetos da proposta integral de educação emancipatória da UFPR Litoral**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Projetos de Aprendizagem – por curso. Disponível em:  
<<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/05/PAs-listagem.pdf>>.  
Acesso em: 08/08/2016.

SILVA, M. S. **Sobre a formação de professores das séries iniciais na região de São José do Rio Preto – SP na ocasião dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (CEFAM)**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SILVA, L. M.; BRIZOLLA, F.; SILVA, L. E. Projeto pedagógico do curso de licenciatura em Ciências da UFPR Litoral: desafios e possibilidades para uma formação emancipatória. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 237, p. 524-541, maio-ago/2013.

SINGER, H. **República de crianças**: sobre experiências escolares de resistência. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO SOLO. **Conhecendo os principais solos do litoral do Paraná**: abordagem para educadores do Ensino Fundamental e Médio. Matinhos, 2013. Disponível em:  
<[http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha\\_solos\\_litoral\\_pr.pdf](http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha_solos_litoral_pr.pdf)>. Acesso em 20/09/2016.

SULZBACH, M. T.; DENARDIM, V. F. (orgs) **A inclusão, a inserção, a interação, a investigação...**: os in(s) da extensão no Litoral do Paraná. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

TEIXEIRA, I. A. C. *et al* (orgs) **Viver e contar**: experiências e práticas de professores de matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2012. (Contextos da Ciência)

TOLSTÓI, L. **La escuela de Yásnaia Poliana**. 2. ed. Barcelona: El Barquero, 2003.

UFPR LITORAL. **Conhecendo os principais solos de Matinhos**: abordagem construída com educadores da educação básica. Matinhos, 2014. Disponível em:  
<[http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha\\_solos\\_matinhos.pdf](http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/cartilha_solos_matinhos.pdf)>.  
Acesso em: 20/09/2016.

\_\_\_\_\_. **Relatório para a comissão de acompanhamento da implantação da Universidade do Litoral**. Matinhos, [2007?].

WANZINAK, C. **Expansão do ensino superior federal e desenvolvimento regional**: o caso da Universidade Federal do Paraná no litoral paranaense. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2011.

## **APÊNDICES**

### Quadro de colaboradores desta pesquisa

<b>Colaborador(a)</b>	<b>Formação acadêmica</b>
Suzana Cini Freitas Nicolodi	Direito (Unicruz) Mestrado em Educação (Unisinos) Doutorado em Educação (Unisinos)
Valdo José Cavallet	Agronomia (UFPR) Mestrado em Ciências do Solo (UFPR) Doutorado em Educação (USP)
Emerson Joucoski	Física (UFPR) Mestrado em Física (UFPR) Doutorado em Ciências – Ensino de Ciências (USP)
Maurício Cesar Vitória Fagundes	História (UCPel) Mestrado em Educação (UFPeI) Doutorado em Educação (Unisinos)
Renato Bochicchio	Engenharia Florestal (UFPR) Mestrado em Ciências – Bioquímica (UFPR) Doutorado em Ciências – Bioquímica (UFPR)
Douglas Ortiz Hammermuller	Pedagogia (UFRGS) Mestrado em Educação (UFPR)
Ana Maria Franco	Ciências Biológicas (UFMS) Mestrado em Ecologia e Conservação da Natureza (UFPR)
Luiz Fernando de Carli Lautert	Geografia (UFPR) Mestrado em Geografia (Unesp) Doutorado em Geografia (USP)
Rodrigo Arantes Reis	Ciências Biológicas (UFPR) Mestrado em Ciências – Bioquímica (UFPR) Doutorado em Ciências – Bioquímica (UFPR)
Lenir Maristela Silva	Licenciatura Curta em Ciências (Fafiu) Mestrado em Botânica (UFPR) Doutorado em Ciências – Produção vegetal (UFPR)
Valentim da Silva	Ciências – habilitação em Química (CPEA) Mestrado em Ciências do Solo (UFPR) Doutorado em Química (UFPR)
Marcos Aurelio Zanlorenzi	Matemática (PUC-PR) Mestrado em Educação – linha de Educação Matemática (UFPR) Doutorado em Educação – linha de Educação Matemática (UFPR)

## **Roteiro de entrevista – professores da UFPR Litoral**

### **1 – Professor(a)...**

Onde e quando você nasceu?

Onde e o que você estudou?

Por que você escolheu ser professor(a)?

Você trabalhou como professor(a) na Educação Básica?

[Se sim, com quais disciplinas?]

Você trabalhou em outras instituições de Ensino Superior?

[Se sim, em quais?]

Por que você decidiu trabalhar na UFPR Litoral?

### **2 – Docente da UFPR Litoral...**

O seu ingresso como docente na UFPR Litoral aconteceu por meio de concurso público específico para este Setor da UFPR ou foi por redistribuição de vagas?

[No caso de concurso, como foi o concurso?]

Como foi o início do seu trabalho na UFPR Litoral?

Você sentiu algum tipo de dificuldade no início do seu trabalho da UFPR Litoral?

[Se sim, qual(is) dificuldade(s)? (No caso de dificuldades: Você teve algum tipo de auxílio na instituição para superar essa(s) dificuldade(s)?)]

Como você, sinteticamente, explicaria o que é a UFPR Litoral e a proposta pedagógica da UFPR Litoral?

### **3 – Espaços de trabalho...**

Como é o seu trabalho no espaço destinado aos Fundamentos Teórico-Práticos?

[Solicitar exemplos de FTP que o docente tenha trabalhado]

Como é o seu trabalho no espaço destinado às Interações Culturais e Humanísticas?

[Solicitar exemplos de ICH que o docente tenha conduzido]

Como é o seu trabalho no espaço destinado aos Projetos de Aprendizagem?

[Solicitar exemplos de PA que o docente tenha mediado]

Pensando em sua trajetória como docente na UFPR Litoral... Mudou algo no seu modo de trabalhar – seja nos FTP, nas ICH ou nos PA? Se sim, o que mudou?

#### **4 – Reuniões – Câmara e Conselho...**

Como eram e como estão sendo as reuniões da Câmara Pedagógica de Curso?

Como eram e como estão sendo as reuniões do Conselho Setorial?

[Há diálogo entre os cursos na UFPR Litoral? – questão inserida após a Entrevista 8]

#### **5 – Alunos...**

Segundo o seu ponto de vista, os alunos (em geral) têm dificuldades em vivenciar a proposta pedagógica da UFPR Litoral?

[Se sim, como vocês – professores – trabalham com essas dificuldades para que elas possam ser superadas?]

Como os alunos da UFPR Litoral são avaliados?

#### **6 – Licenciatura em Ciências...**

Segundo o seu ponto de vista, por que é necessário e/ou importante oferecer o Curso de Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral?

Segundo o seu ponto de vista, o que diferencia a Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral dos demais cursos de Licenciatura em Ciências oferecidos em outras instituições de ensino brasileiras?

Em sua opinião, os alunos do curso de Licenciatura em Ciências demonstram resistência à proposta pedagógica do curso?

#### **7 – Estágio...**

Como é desenvolvido o estágio supervisionado dos alunos da Licenciatura em Ciências?

Como o estágio dos alunos é avaliado?

Os alunos encontram dificuldades quando iniciam seus estágios nas escolas?

[Se sim, quais?]

**8 – Proposta pedagógica da UFPR Litoral...**

Depois que você iniciou o seu trabalho na UFPR Litoral houve mudanças na proposta pedagógica do Setor?

[Se sim, o que você pensa sobre essas mudanças?]

Você mudaria algo na proposta pedagógica da UFPR Litoral?

[Se sim, o quê?]

**9 – Litoral...**

Você observou mudanças na região litorânea paranaense desde que começou a trabalhar na UFPR Litoral?

[Se sim, quais? (Você acredita que essas mudanças podem ter sido motivadas por ações desenvolvidas pela UFPR Litoral?)]

**10 – Algo mais?...**

Há algo mais que você gostaria de falar sobre a UFPR Litoral?

## **Roteiro de entrevista – gestores da UFPR Litoral**

### **1 – Você...**

Onde e quando nasceu?

Onde e o que você estudou?

Você trabalhou em outras instituições de Ensino Superior?

[Se sim, em quais?]

### **2 – UFPR Litoral...**

Por que você decidiu trabalhar na UFPR Litoral?

Como foi o início do seu trabalho na UFPR Litoral?

Você encontrou e/ou encontra dificuldades no seu trabalho na UFPR Litoral?

[Se sim, quais?]

Como você, sinteticamente, explicaria o que é a UFPR Litoral e a proposta pedagógica da UFPR Litoral?

### **3 – Espaços de trabalho...**

Como é o trabalho no espaço destinado aos Fundamentos teórico-práticos?

[Você já trabalhou com FTP? (Se sim: solicitar exemplos de FTP que o gestor tenha trabalhado)]

Como é o trabalho no espaço destinado às Interações Culturais e Humanísticas?

[Você já conduziu ICH? (Se sim: solicitar exemplos de ICH que o gestor tenha conduzido)]

Como é o trabalho no espaço destinado aos Projetos de Aprendizagem?

[Você já orientou PA? (Se sim: solicitar exemplos de PA que o gestor tenha mediado)]

### **4 – Proposta pedagógica da UFPR Litoral...**

*Para o Valdo:*

Como foi elaborada a proposta pedagógica da UFPR Litoral?

Houve mudanças na proposta pedagógica? [Se sim, quais?]



*Para os demais gestores:*

Depois que você iniciou o seu trabalho na UFPR Litoral houve mudanças na proposta pedagógica do Setor?

[Se sim, o que você pensa sobre essas mudanças?]

Você mudaria algo na proposta pedagógica da UFPR Litoral?

[Se sim, o quê?]

### **5 – Licenciaturas na UFPR Litoral...**

Segundo o seu ponto de vista, por que é necessário e/ou importante oferecer cursos de licenciatura na UFPR Litoral?

Os alunos dos cursos de licenciatura demonstram resistência à proposta pedagógica do curso?

[Se sim, como os professores trabalham com isso?]

### **6 – Gestão...**

Como é a divisão de trabalho entre o diretor, o vice-diretor e o coordenador pedagógico no Setor Litoral?

Como eram e como estão sendo as reuniões das Câmaras Pedagógicas de Curso?

Como eram e como estão sendo as reuniões do Conselho Setorial?

### **7 – Litoral...**

Você observou mudanças na região litorânea paranaense desde que começou a trabalhar na UFPR Litoral?

[Se sim, quais? (Você acredita que essas mudanças podem ter sido motivadas por ações desenvolvidas pela UFPR Litoral?)]

### **8 – Algo mais?...**

Há algo mais que você gostaria de falar sobre a UFPR Litoral?

## **Roteiro de entrevista – estudantes (egressos) da UFPR Litoral**

***[Este roteiro não foi utilizado, pois decidimos não entrevistar estudantes (egressos) da UFPR Litoral.]***

### **1 – Você...**

Onde e quando nasceu?

Onde e o que você estudou?

### **2 – Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral...**

Por que você decidiu estudar na UFPR Litoral?

Por que você escolheu o curso de Licenciatura em Ciências?

Você sentiu alguma dificuldade em vivenciar a proposta pedagógica da UFPR Litoral? Se sim, qual(is) dificuldade(s)?

[Se o estudante (egresso) estudou em outra instituição de Ensino Superior: Quais as diferenças que você sente entre o trabalho docente na UFPR Litoral e na outra instituição em que você estudou?]

### **3 – Espaços de trabalho...**

Como é o trabalho no espaço destinado aos Fundamentos teórico-práticos?

[Solicitar exemplos de FTP que o discente tenha cursado]

Como é o trabalho no espaço destinado às Interações Culturais e Humanísticas?

[Solicitar exemplos de ICH que o discente tenha participado]

Como é o trabalho no espaço destinado aos Projetos de Aprendizagem?

[Solicitar exemplos de PA que o discente tenha desenvolvido]

Pensando em sua trajetória como discente na UFPR Litoral... Mudou algo no seu modo de ver os FTPs, as ICHs ou os PAs?

[Se sim, o que mudou?]

#### **4 – Estágio...**

Como é (ou como foi) desenvolvido o estágio supervisionado da Licenciatura em Ciências?

Em que escola(s) você desenvolveu seu estágio?

Você encontrou dificuldades nos seus estágios nas escolas?

[Se sim, quais?]

Como é (ou como foi) a avaliação do estágio?

#### **5 – Proposta pedagógica da UFPR Litoral...**

Depois que você iniciou o curso de Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral houve mudanças na proposta pedagógica do Setor?

[Se sim, o que você pensa sobre essas mudanças?]

Você mudaria algo na proposta pedagógica da UFPR Litoral?

[Se sim, o quê?]

#### **6 – Futuro...**

Você pretende trabalhar como professor(a) de ciências ou pretende seguir outra carreira? Por quê?

Você faria outro curso de graduação na UFPR Litoral?

[Se sim, qual? Por quê?]

#### **7 – Litoral...**

Você observou mudanças na região litorânea paranaense desde que começou a estudar na UFPR Litoral?

[Se sim, quais?]

Você acredita que essas mudanças podem ter sido motivadas por ações desenvolvidas pela UFPR Litoral?

#### **8 – Algo mais?...**

Há algo mais que você gostaria de falar sobre a UFPR Litoral?

## Carta de Cessão de Direitos

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo à \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi no dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ e também sobre a textualização desta entrevista (que conferi e validei), a fim de que ela possa usá-las integralmente ou em partes – sem restrições de prazos e de citações – desde a presente data.

\_\_\_\_\_, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Nome do(a) professor(a) colaborador(a)